TEATRO PARA CRIANÇAS NO RECIFE – 60 Anos de História no Século XX

Leidson Ferraz

TEATRO PARA CRIANÇAS NO RECIFE – *60 Anos de História no Século XX*

Leidson Ferraz

Incentivo:

FUNCULTURA

FUNDARPE
FUNDAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE PERNAMBUCO

Secretaria de Cultura

PERNAMBUCO
GOVERNO DO ESTADO

Este trabalho tem a pretensão de salvar de uma certa morte parte da história teatral para crianças no Recife, reunindo momentos lúdicos, intensos, belos, equivocados, dramáticos e corajosos de tantas vidas. A começar daqueles que deixaram rastros de uma memória mínima, colhida em matérias de jornal ou raros programas de espetáculos. Por simplesmente terem tentado fazer algo com imaginação, coragem, respeito e amor à infância, ainda que alguns nem expressem tanto em suas produções, meu desejo é que nas linhas desta pesquisa continuem a existir ou simplesmente resistir ao esquecimento.

Recife, dezembro de 2013.

Agradeço aos que fazem o Funcultura, Arquivo Público Estadual de Pernambuco e a todos os artistas que me ajudaram com informações ou material de seus acervos. Dedico esta pesquisa a minha mãe, Luzinete de Castro Ferraz, que cultivou minha infância com tamanho zelo, e, em memória, a alguns amigos do teatro que estariam bem felizes com a conclusão de tamanha empreitada, Marco Camarotti, Luiz Souza, Carlos Salles e Bobby Mergulhão.

Leidson Ferraz
Ator, jornalista e pesquisador teatral

Ficha técnica

Texto, pesquisa, organização, edição e proponente cultural
Leidson Ferraz

Assistentes de pesquisa
Denni Sales
Elivânia Araújo
Mônica Maria

Revisão
Leidson Ferraz
Rodrigo Dourado

Projeto gráfico e diagramação
Claudio Lira

Coordenação administrativa
Laurecília Ferraz

Nenhuma matéria jornalística está aqui reproduzida na íntegra, tendo todas as suas fontes, sem exceção, devidamente registradas, como respeito ao direito autoral das mesmas.

Este material é totalmente gratuito, não sendo permitida sua comercialização.

Contato: leidson.ferraz@gmail.com

1939

Observando raríssimas fotos da plateia do Teatro de Santa Isabel publicadas nos jornais das primeiras décadas do século XX, é possível ver crianças em meio aos adultos. Elas estavam ali acompanhando parentes nas sessões de óperas, balés, recitais de música, festivais de arte de instituições de ensino, vesperais para moças ou mesmo espetáculos de teatro voltados para maiores de idade. Isto porque, até 1939, nenhuma peça específica para crianças ainda havia sido apresentada na mais importante casa de espetáculos da capital pernambucana. Foi o médico, jornalista, músico e teatrólogo Valdemar de Oliveira quem mudou esta situação assim que assumiu a direção do Teatro de Santa Isabel em substituição ao também teatrólogo Samuel Campelo, falecido a 10 de janeiro daquele ano.

Os dois artistas integravam o Grupo Gente Nossa, o mais atuante conjunto teatral pernambucano daquele momento, em atividade semiprofissional desde 1931, com repertório voltado, até então, ao público adulto. A proposta da equipe era valorizar a dramaturgia brasileira – quando obras importadas estavam tão em voga no nosso país – e, principalmente, a nordestina, com montagens de operetas, burletas, alguns dramas e especialmente comédias, algumas musicadas, em intensa circulação pelos mais distintos palcos. Samuel Campelo fundou o Grupo Gente Nossa junto a Elpídio Câmara e tinha em Valdemar de Oliveira seu principal parceiro, tanto que este assumiu a direção geral da equipe após sua morte. Já o cargo de direção do Teatro de Santa Isabel foi oferecido a Valdemar de Oliveira pelo prefeito do Recife, Novaes Filho, com a aprovação do interventor federal no Estado, Agamemnon Magalhães, ambos comprometendo-se a ajudar financeiramente os projetos ali desenvolvidos.

Desde 1934, em coluna assinada no *Jornal do Commercio*, Valdemar de Oliveira reclamava que o teatro para crianças deveria existir no Brasil com um grupo dedicado a este gênero especificamente, seguindo exemplo de países como Rússia, França e Argentina. Cinco anos depois, no Recife, teatro infantil ainda era sinônimo de peças curtas interpretadas por crianças nas escolas ou nos cineteatros dos subúrbios, quando exibiam-se garotas e garotos prodígios que cantavam, dançavam ou interpretavam textos curtos, além de um ou outro artista da dança, do humor, da música, do circo ou do esporte em números variados, assim como acontecia

Valdemar de Oliveira

nos programas comemorativos de rádios ou festivais de arte dos educandários que ocupavam o Teatro de Santa Isabel. A ideia de promover nesta luxuosa casa de espetáculos teatro com dramaturgia específica para a "petizada", como se falava na época, nasceu para Valdemar de Oliveira assim que viu os dois filhos, Reinaldo e Fernando de Oliveira, brincando de "interpretar", logo após uma sessão de cinema.

> Mandei, certo domingo, meus filhos a uma matinée cinematografica, no "Moderno", do Recife. No dia seguinte, um deles empunhou uma faca para o outro e andaram em correrias desabaladas, dando tiros... de boca, pelo quintal. Um era "sheriff", outro o bandido... Nesse dia, decidi-me a empreender espetaculos para crianças no Recife.

Foi o que escreveu à imprensa (segundo documento pertencente ao acervo do Teatro de Amadores de Pernambuco, sem indicação de jornal ou data e apenas com o título "O teatro infantil, no Recife"), lembrando ainda a falta de divertimentos educativos nas poucas distrações oferecidas à infância na cidade. Na realidade, através do Grupo Gente Nossa, Valdemar pôs em prática algo que já vinha divulgando no *Jornal do Commercio*, o teatro para e com crianças, ideia da educadora Juanita Machado, que em 1936 tentou (e parece, sem sucesso) criar o Theatro Infantil no Recife, de caráter essencialmente pedagógico, seguindo os passos do Theatro da Criança, ação dos professores Vera Grabinska e Pierre Michailowsky desde 1935, no Rio de Janeiro, com apresentações de textos curtos, recitais de poesias, pianistas, cantores e coreografias em atos variados desempenhados por meninos e meninas.

Num sábado à noite, 4 de março de 1939, o Grupo Gente Nossa reiniciou suas funções no Teatro de Santa Isabel com a estreia da comédia-canção adulta *Onde Estás, Felicidade?*, de Luiz Iglesias, graças ao incentivo financeiro da municipalidade e do Estado. Valdemar de Oliveira ficou à frente da administração. No elenco, os atores Alzira de Oliveira, Aucélia de Sousa, Elpídio Câmara, Lourdes Monteiro, Barreto Júnior, Oswaldo Barreto, Luís Carneiro, Tancredo Seabra, Alfredo de Oliveira, Lenita Lopes e Luiza de Oliveira. A direção artística foi assumida por Filgueira Filho, tendo como ponto – uma função importantíssima para o teatro da época, que "soprava" as falas para os atores de uma caixa no proscênio do palco – Alberico Cavalcanti (conhecido como Coleguinha); e Caldas Araújo, o contrarregra. Exatamente na manhã seguinte Valdemar de Oliveira deu início ao projeto que finalmente abriu espaço para a diversão teatral da criançada naquele palco, com um espetáculo completo na 1ª Grande Matinal Infantil do Grupo Gente Nossa.

A peça escolhida foi *Branca de Neve e os 7 Anões*, adaptação do tradicional conto por Coelho de Almeida, sob direção de Augusto Almeida, com elenco do Gremio Scenico Espinheirense (que no ano seguinte se intitularia Grupo). A montagem já havia sido apresentada em teatrinho próprio deste conjunto, armado no quintal da casa do diretor Augusto Almeida, com reunião da "melhor sociedade do bairro do Espinheiro em tôrno da ideia do amadorismo teatral", segundo o *Jornal do Commercio*

THEATRO SANTA ISABEL
GRUPO GENTE NOSSA
(Sob os auspicios do interventor Agamemnon Magalhães e do prefeito Novaes Filho)
REENTRADA
SABBADO, 4 de Março, ás 20,45
ONDE ESTA'S, FELICIDADE ?
4 actos, de Luiz Iglesias
Espectaculo em homenagem a SAMUEL CAMPELLO
Preços á razão de 3$300, a cadeira.
DOMINGO: 1.ª Grande Matinal Infantil, ás 10 horas
"Branca de neve e os 7 anões", adaptação de Coelho de Almeida, pelo Gremio Espinheirense.
Acto variado com Iracema Diniz e Romulo Paiva, do Programma Juvenil da P.R.A.8 e elementos do GRUPO.
Distribuição gratuita de leite ás creanças.
Adultos: 2$200 — Creanças: 1$000
(inclusive imposto).
Em vesperal, ás 15 horas: repetição de "ONDE ESTA'S, FELICIDADE ?"
Localidades no Santa Isabel — Fone 6020. (1.229)

(12 de janeiro de 1941). A sessão no Teatro de Santa Isabel se deu no domingo, 5 de março de 1939, a partir das 10 horas. No elenco, Theresinha Fonseca (Branca de Neve), Antônio Carlos Almeida (Príncipe), Theresinha Ferreira (Rainha), Maria Isabel Martins (Aia), Geraldo Martins (Caçador), Zezé Oliveira (Mestre), Nazareth Oliveira (Feliz), Augusto F. Almeida (Somneca), Albertina F. Almeida (Atchim), Geraldo Carvalho (Zangado), Leísa Almeida (Dengoso), Marcos Almeida (Dunga) e Themira Oliveira (Feiticeira). Todas as crianças em cena, dos quatro aos doze anos, eram artistas iniciantes, mas profissionais importantes compuseram a ficha técnica, como Mário Nunes e Álvaro Amorim, pintores já famosos que assinaram os cenários; e Antônio Paurilio, da P.R.A.-8, a Rádio Clube de Pernambuco, que dirigiu a orquestra, tocando no fosso do teatro.

Seguindo-se à peça, foi apresentado um ato variado com os cantores adolescentes Iracema Diniz e Rômulo Paiva, do Programa Juvenil da P.R.A.-8; além de números do humorista Salomão Absalão, do grupo Boca de Forno e da dupla The Black Boys. Dois detalhes curiosos foram a instalação de um microfone no palco, para o público ouvir os pequeninos artistas, e a distribuição gratuita de leite pasteurizado aos "pimpolhos" da plateia. A verdade é que, até aquele momento, as crianças desfrutavam de poucas opções de diversão cultural no Recife. Nos cinemas, por exemplo, eram raras as sessões dedicadas ao público mirim (Valdemar chegou a afirmar, segundo documento pertencente ao acervo do Teatro de Amadores de Pernambuco, sem indicação de jornal ou data e apenas com o título "Teatro Infantil", que os programas cinematográficos destinados aos meninos, em vez de educar, faziam o contrário). Um dos poucos a promover matinês dominicais já há algum tempo, com filmes de censura livre, mas não voltados especificamente às crianças, era o Cine-Moderno, que anunciou, para aquele mesmo dia e horário da peça, *Jim das Selvas*, com Grant Withers e Betty Jane Rhodes, seguido do faroeste *Tenacidade*, com o querido cowboy John Wayne. Ou seja, concorrentes fortíssimos.

Para piorar, aquele era um feriado local prolongado, com a segunda-feira sendo dedicada a Revolução Pernambucana de 1817, portanto, pais e filhos já poderiam ter-se dirigido às praias. Mas a ideia deu certo. E provavelmente até mesmo Valdemar de Oliveira deve ter se surpreendido com a resposta de público, que lotou o Teatro de Santa Isabel até a torrinha, consagrando sua proposta de oferecer, com cobrança de ingressos populares, teatro à meninada. Tanto que, a pedidos, uma nova sessão da peça foi agendada para o domingo seguinte, 12 de março de 1939, contando com mais um ato variado com números do ator paulista Joca Silva, sapateador, parodista cômico e imitador de animais; estreia das Irmãs Oliveira (Luisa, Amparo e Theresinha) cantando; e um "sketeh" final concluído com a marcha carnavalesca *O Gordo e o Magro*, sucesso do período. Na ocasião, a Fábrica Pilar distribuiu 600 caixas de biscoito à plateia.

Só a título de curiosidade, o filme *Branca de Neve e os Sete Anões*, 1° longa metragem de animação dos estúdios Disney, lançado em 1937 nos Estados Unidos, chegou ao Recife em outubro

Branca de Neve
e os 7 Anões

de 1938, com temporada de sucesso primeiramente no Cine-Theatro do Parque e, em seguida, no Cine-Moderno. A receptividade foi tamanha no Brasil que o filme ganhou versão radiofônica pelas mãos do escritor e dramaturgo Raymundo Magalhães Jr., com os mesmos diálogos e músicas da obra cinematográfica, transformando-se num grande sucesso do radiotheatro no Rio de Janeiro, com repercussão no país inteiro. Oduwaldo Cozzi assinava a direção. Esta versão para o rádio foi veiculada pela 1ª vez no Recife no dia 20 de outubro de 1938, pela Rádio Clube de Pernambuco, a P.R.A.-8, das 19 às 20 horas, com patrocínio dos produtos Peixe em "programma dedicado ás creanças (sic) do Brasil".

Importante citar que, naquele início do ano de 1939, antes da sessão da peça *Branca de Neve e os 7 Anões* pelo Gremio Scenico Espinheirense, na tarde de 29 de janeiro, às 15 horas, o mesmo palco do Teatro de Santa Isabel recebeu uma versão de *A Gata Borralheira*, provavelmente um balé divulgado erroneamente nos jornais como "peça" e "representação theatral". A montagem integrou um festival em benefício das obras da Capella de Santa Therezinha, localizada no Derby, com desempenho de dezenas de alunas de Miss Betsy Gatis, conhecida professora de danças clássicas em atividade no Recife pelo menos desde 1934. Ainda naquele começo do ano, uma outra casa de espetáculos também vinha recebendo o público mirim, o Cine-Encruzilhada, por conta da temporada de Ratinho e Sua Companhia de Revistas, Burletas e Sainetes do Rio de Janeiro.

Lá, além de peças impróprias para menores de quatorze anos, apresentadas todas as noites, eram programadas vesperais das moças em qualquer dia da semana, às 15 horas, quando "creanças de 5 annos em deante" podiam assistir a produções como *Flor de Manacá*, "optima burleta regional", seguida de "um colossal acto variado! Tarde de allegria! Música e arte!"; ou *Rancho da Serra*, outra burleta regional, tendo na sequência "1 acto variado – Canto! Anedotas etc.", como diziam os anúncios da época. No final do mês de janeiro de 1939 é a Genésio Arruda e Sua Cia. de Disparates Cômicos quem ocupa o Cine-Encruzilhada, com sessões diárias. A "temporada de riso e arte" incluía, além dos espetáculos adultos noturnos, vesperais e *matinées* com ingressos mais baratos às crianças, com destaque no elenco para uma artista mirim a despertar a admiração de muitos.

Era a garotinha prodígio Wally, "original estrella theatral de 5 annos de idade que dansa, canta e sapateia com arte e perfeição", divulgada como "a Shirley Temple brasileira", em referência à atriz mirim dos Estados Unidos, estrela de vários filmes. As apresentações desta sua versão brasileira eram acompanhadas de Argus e Seus Bonecos e de "disparates cômicos" interpreta-

dos por Genésio Arruda, conhecido como "a gargalhada em pessoa", e seus artistas. Entre estes trabalhos voltados a todas as idades, *O Domador de Onça*, *A Anastácia* e *Os Fugitivos do Cemitério do Aracá*, quase sempre com "distribuição de bombons à gurizada".

Ainda naquele ano, vale registrar que no dia 14 de janeiro foi inaugurado o Jardim Zoo-Botânico de Dois Irmãos e que a Festa da Mocidade promovida pela Casa do Estudante de Pernambuco tinha como uma de suas atrações o Parque de Diversões Imperial, instalado na praça da Faculdade de Direito do Recife. Mas, independente destas outras opções de diversão, as matinais dominicais específicas para as crianças foram um sucesso e abriram novas perspectivas para o Grupo Gente Nossa, que enfrentou tremenda crise em 1938 com o Teatro de Santa Isabel entregue sucessivamente a companhias visitantes e elenco dispersado por um tempo, além da doença de Samuel Campelo, que o levou à morte. Pesquisadores como Joel Pontes (*O Teatro Moderno em Pernambuco*, 1966, p. 28), Alexandre Figueirôa (*O Teatro em Pernambuco*, 2003, p. 45) e Ana Carolina Miranda (*O Grupo Gente Nossa e o Movimento Teatral no Recife (1931-1939)*, 2009, p. 157) referendam que quem o atacou mais profundamente foi a proibição, pela censura estadual, de sua peça *S.O.S.*, que seria apresentada no Recife pela Companhia Renato Vianna, do Rio de Janeiro.

Desde o seu lançamento em 2 de agosto de 1931, o Grupo Gente Nossa vinha conseguindo manter programação intensa para adultos. Por semana, eram muitas as sessões de espetáculos, seja no Teatro de Santa Isabel ou nos cineteatros dos subúrbios, como o Cine-Teatro Olinda do Feitosa, no bairro de Campo Grande; Cine-Eldorado, no Largo da Paz; o já citado Cine-Encruzilhada, no bairro de mesmo nome; ou Cine-Torre, também no bairro homônimo, entre outros, com revezamento constante de montagens em estreia. Isto sem contar as excursões a outras cidades e estados.

Em 1939, por conta do incentivo público e com Valdemar de Oliveira na administração do grupo, a agenda lotada voltou a acontecer. Tanto que no sábado anterior a 2ª Grande Matinal Infantil, por exemplo, os atores Elpídio Câmara, Luís Carneiro, Oswaldo Barreto, Alfredo de Oliveira, Barreto Júnior, Luiza de Oliveira, Lourdes Monteiro, Alzira de Oliveira e Gina de Almeida estrearam a comédia adulta *O Hóspede do Quarto nº 2*, de Armando Gonzaga, solenizando a passagem do 60º dia de falecimento de Samuel Campelo com uma obra "escrita com a só preocupação de fazer rir", como lembrou o *Jornal do Commercio* (12 de março de 1939), peça escolhida talvez para diminuir a lembrança de sua enorme ausência. Após a matinal infantil do domingo, no Teatro de Santa Isabel, a peça foi reapresentada em vesperal às 15 horas e, na segunda-feira, em sessão gratuita para operários do Centro Educativo Operário de Afogados, algo que passou a acontecer frequentemente em atenção às camadas mais populares e como contrapartida ao financiamento do poder público.

Samuel Campelo

Paralelo às tantas produções para adultos e após a certeza de resposta positiva do público com a peça *Branca de Neve e os 7 Anões*, pelo convidado Gremio Scenico Espinheirense, Valdemar de Oliveira decidiu reunir crianças filhos de pessoas da melhor sociedade do Recife num elenco próprio, incluindo seus dois rebentos, Reinaldo e Fernando de Oliveira, respectivamente com nove e dez anos naquele período, para participar de peças que se caracterizaram pelo seu cunho instrutivo e educativo. Lançou, então, o Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa, departamento autônomo com a intenção de promover projeto teatral voltado especificamente à criança, fomentando, inclusive, a dramaturgia neste segmento. Quis provar que a meninada, além de artista, poderia ser um público certeiro, com programação e horário específicos numa sequência de "matinais" aos domingos na mais importante casa de espetáculos do Recife. Suas intenções de "formação", inclusive de público futuro, eram nítidas.

No seu livro de memórias *Mundo Submerso* (1985, p. 139), ele revela:

> (Teatro) Para crianças – e por crianças, porque sua meta não seria divertir, mas, instruir, sem que elas desconfiassem disso. Planejei aproveitar vocações existentes nos meios escolares, fazê-las interessar-se pelo teatro, ensiná-las a falar, a andar, a cantar, a dançar, a portar-se e comportar-se. Mais dez ou quinze anos, esperava eu, essa miuçalha viria a constituir numeroso público teatral e, o que é mais significativo, reforçaria os quadros amadoristas da cidade, como de fato sucedeu, para exemplificar, com um José Maria Marques, uma Janice Cantinho Lobo, um Reinaldo de Oliveira, que vieram a integrar-se no elenco do Teatro de Amadores de Pernambuco. (...) Hoje, há médicos, advogados, engenheiros, donas de casa, viúvas, vovôs e vovós, que não esquecem, tenho certeza, o Teatro Infantil, com que criamos a plateia de vinte anos mais.

O lançamento do Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa aconteceu na 3ª Grande Matinal Infantil, dividida em duas partes, no domingo 19 de março de 1939. Inicialmente, foram vistas três peças curtas no desempenho da meninada: *Com a Rainha é Assim...*, *O Valente e o Intelligente* e *Prisioneiro de Guerra*, de autoria de Joracy Camargo e Henrique Pongetti. Finalizou o programa, a revista *A Hora do Calouro*, de José Capibaribe, pseudônimo do próprio Valdemar de Oliveira, criado anos antes para assinar a revista *Sai, Cartola*, além de marchinhas populares como *Sá Zeferina Está de Volta* e *Ai, Que Ele é do Mato*. Na última parte da apresentação, a cantora adolescente Maria Celeste estreou interpretando sambas. Nos intervalos, houve números variados com Paulo Bezerra, outro cantor adolescente. Mas as expectativas daquele domingo já estavam, de fato, voltadas para a próxima Grande Matinal Infantil, que marcaria o

A Princesa Rosalinda

lançamento de *A Princesa Rosalinda*, 1ª opereta infantil escrita e musicada por Valdemar de Oliveira para e com crianças.

Durante toda aquela semana, a publicidade nos jornais alardeou: "Montagem em 2 atos e 7 quadros de Valdemar de Oliveira. Guarda roupa luxuoso. Lindos bailados. Números de música e de baile. Inteiramente interpretada por crianças" (saliento que havia uma atriz adulta no papel da Avozinha, Lourdes Monteiro, atriz do Grupo Gente Nossa desde a sua fundação em 1931, esposa do ator e diretor Elpídio Câmara). Com diversos cenários – os clássicos telões pintados da época – assinados por Mário Nunes e música e direção de Valdemar de Oliveira, tendo como colaboradoras as senhoras Maria Elisa Viegas de Medeiros, Labis Villaça e Dagmar Beltrão, com o próprio autor regendo os músicos no fosso do Teatro de Santa Isabel, a opereta infantil *A Princesa Rosalinda* estreou como superprodução na matinal do domingo 26 de março de 1939. O enredo começa com uma avozinha contando aos seus três netos a história da protagonista, que acaba desenvolvendo-se no palco com diversas outras personagens.

A trama faz uma louvação à fantasia e, principalmente, aos "bons costumes": num reino distante, a princesa Rosalinda vivia só e muito triste. Ao ceder uma esmola para uma mendiga, sem saber que se trata de uma fada disfarçada, esta lhe revela que existe um príncipe adormecido há anos numa rosa do jardim real. Desencantado pela fada, o Príncipe Walter apaixona-se pela princesa e pede a mão da jovem ao rei. Como há diversos outros pretendentes, o soberano decide que sua filha se casará com aquele que praticar a mais bela ação dentro do mínimo possível de tempo. O príncipe ganha a competição ao revelar que transformara em moedas o seu palácio para espalhá-las entre o povo. "Pobre ficará, mas de coração satisfeito", diz o rapaz. O romance, então, termina bem, ao som de mais uma canção em meio a "bailados": "Rosalinda! Feliz tu hás de ser! Rosalinda! Rosalinda! Rosalinda!". No enredo, note-se a importância dada às boas ações, como mais um aprendizado à criançada.

A cantora Maria Celeste apresentou-se no intervalo e houve distribuição gratuita de 720 latinhas de goiabada Peixe à plateia, oferta da firma Carlos de Britto & Cia. No elenco, Lourdes Monteiro (Avozinha), Reinaldo de Oliveira, Fernando de Oliveira, Valdemar Rodrigues Filho (1°, 2° e 3° Menino), Anita Dimenstein (Princesa Rosalinda), Maria Auxiliadora Medeiros, Edmilda Lopes, Leonorzinha Vasconcelos, Ivanda Oliveira (1ª, 2ª, 3ª e 4ª Dama), Zenilda Vilaça (Fada), Lenira Vilaça (Juanito, personagem cômico que fez muito sucesso, filho adotivo do rei e um co-

A Princesa Rosalinda

milão inveterado); Walter Dimenstein (Príncipe Walter), José de Aguiar (1° Ministro), Geraldo Vilaça, Edmir Lopes (1° e 2° Oficial), Paulo Bezerra (Tenente Paulo), Ranuzia Cordeiro Azevêdo, Norma Beltrão Xavier, Maria de Lourdes Beltrão, Marinete Morais (Borboletas), Maria Lia Farias (Dançarina) e Rodolfo Carvalho (Rei). Este último, com doze anos na época e já reconhecido como um garoto-prodígio das artes, adulto se tornaria nacionalmente conhecido como Carvalhinho, ator e humorista do teatro, do cinema e da televisão.

Permanecendo em cartaz aos domingos, por mais de um mês, algo raro para a época, devido ao sucesso de público (excetuando no dia 23 de abril, quando *Branca de Neve e os 7 Anões* foi reapresentada), a despedida da temporada aconteceu em 7 de maio de 1939, dividindo a cena com um ato variado formado pela peça curta *Com a Rainha é Assim...*, tendo a menina Lenira Vilaça no papel título, além de números com a dupla Ferreira Castro e o cômico Picolino, do elenco do Circo Nerino. Latinhas do Doce Leão foram distribuídas ao público pela empresa Amorim, Costa & Cia. O mais curioso nesta última sessão foi um anúncio que surgiu no *Diario de Pernambuco* (7 de maio de 1939): "De acordo com a determinação do juiz de Menores, somente poderão ter ingresso creanças maiores de 4 annos". Esta novidade é intrigante, já que nos jornais da época não se encontra qualquer justificativa para tal proibição, mas, pode-se deduzir que o choro dos menores de cinco anos tenha incomodado o público presente nas sessões anteriores.

O estranho é saber que um juiz tomou a iniciativa do veto à entrada dos pequeninos no teatro, algo que continuará a acontecer na programação matinal seguinte, com a estreia da nova produção do Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa, *O Pequeno Polegar*. Mas antes de tratar desta peça, vale citar as impressões de um repórter do jornal *Folha da Manhã* (24 de abril de 1939) ao assistir a reapresentação de *Branca de Neve e os 7 Anões* e relatar curiosidades sobre a plateia:

> Para a matinal infantil de hontem, no Santa Isabel, estava annunciado – *Branca de Neve e os Sete Anões*, de autoria do escriptor allemão Grimm e adaptado ao theatro pelo dr. Coêlho de Almeida. Duas vezes fôra levada a peça no mesmo theatro e o Grupo Scenico Espinheirense já o (sic) encenara duas vezes tambem. Não obstante isso as poltronas e demais localidades do theatro da praça da Republica, estavam totalmente occupadas. Os cinemas tambem já se haviam encarregado de levar um film de Walt Disney sobre o mesmo motivo. Vale reproduzir flagrantes obtidos pela reportagem desta folha no velho theatro para dar aos leitores uma idéa (sic) da victoria que já conseguiu entre nós o theatro infantil. (...) São centenas de garotos que procuram logares e se comprimem junto á bilheteria para acquisição de ingressos. Ha uma particularidade nesse ponto: antigamente cabia aos paes

o serviço da compra de ingressos mas hoje são os filhos que se encarregam de fazel-o (sic). A' entrada está um funccionario do Santa Isabel encarregado da distribuição de bombons ás creanças. Não tem mãos a medir. Um a um os meninos recebem o seu pacote de balas ou a latinha de doce e vae para o seu logar. A maior ambição da creançada é pelos assentos da primeira fila. (...) Com as primeiras badaladas das 10 horas tem inicio o espectaculo. A ansiedade de todas as matinaes. Não são raras estas expressões entre a meninada: "A tua irmã vae trabalhar hoje?", "Aquelle de calça comprida é Zezinho? – Como está differente...", "Paulo fica bem com roupa de gente grande" e outras phrases semelhantes. A maior ansiedade depois é para que termine o acto para bater as palmas. Ha creanças que se comprazem com as palmas e chegada a vez não perdem a opportunidade para prolongal-as (sic). Durante a representação algumas creanças se comportam caladas, umas com as mãos seguras ao queixo, outras com o corpo inclinado para a frente demonstrando grande interesse pela peça. Ha as que commentam, que pedem impressões dos companheiros. Em geral as meninas de 10, 12 e 14 annos já se externam sobre toilette, criticam gestos e emittem opiniões sobre a maquillage da princeza que foi exaggerada ou está com defeito na pronuncia. (...) Alguns que haviam assistido a peça se compraziam em dizer aos companheiros o que ia succeder no segundo acto. Houve um aparte na creançada que valeu por todo o espectaculo: quando a bruxa se approximou de Branca de Neve offerecendo-lhe a maçã uma creança do meio da platéa gritou: "Não queira porque está envenenada...".

A Princesa Rosalinda

Dividida em 2 atos e 8 quadros, a "fantasia musical" *O Pequeno Polegar*, adaptação de Coelho de Almeida a partir do conto de Perrault, com música de João Valença, estreou a 14 de maio de 1939, ocupando o Teatro de Santa Isabel por duas manhãs dominicais. No palco, além de quinze crianças e adolescentes, a participação do ator adulto Gerson Vieira, do Grupo Gente Nossa (em entrevista realizada no dia 20 de abril de 2011, Reinaldo de Oliveira, que também integrou aquele elenco, lembrou que Gerson Vieira era o diretor artístico da montagem, mas não há qualquer referência a isto nem no programa da peça nem nos jornais, sem, no entanto, revelar quem assumiu tal função). Lenira Vilaça, a mesma que interpretou Juanito n'*A Princesa Rosalinda*, viveu a personagem principal, Polegar, mas não era a única garota a interpretar papel masculino. Ainda no elenco, Rodolfo Carvalho (Tomaz, o Lenhador), Edmilda Lopes (Teresa, sua Mulher), José de Aguiar (Pedrinho), Reinaldo de Oliveira (Mário), Amparo Oliveira (Joãozinho), Valdemar Rodrigues Filho (Luís), Teresa de Oliveira (Gastão), Sunia Campelo (Paulo), Maria Celeste (Marta, a Mulher do Gigante), Paulo Bezerra (Rei Eduardo), Cloris Passos (Rainha), Antônia Oliveira, Edmir Lopes (Guardas Reais) e Aluísio Magalhães (1° Ministro), além de Gerson Vieira (Gigante Papão).

A Princesa Rosalinda

O libreto da peça é um tanto cruel: por conta de uma grande seca que a tudo arrasou, um casal de lenhadores decide largar os sete filhos na floresta, na esperança de serem adotados por outros lenhadores. Ouvindo a conversa dos pais, Polegar, o mais jovem de todos, traça um plano e espera que durmam para apanhar um punhado de pedrinhas do lado de fora da casa. Na manhã seguinte, como decidido, o pai abandona os sete filhos na floresta, mas o zombeteiro Polegar consegue trazê-los de volta, já que marcou o caminho com a ajuda das pedrinhas. Chegam exatamente a tempo de ouvir as lamentações da mãe, após fartar-se numa grande refeição conseguida graças a uma dívida paga ao seu marido. Os meninos, então, invadem a casa para alegria dos pais, mas enquanto narram o acontecido, o Polegar devora as sobras do jantar. No dia seguinte, ainda pela perspectiva de pobreza, o lenhador abandona novamente seus rebentos na floresta.

Desta vez, o Polegar não consegue voltar com seus irmãos porque, ao invés de pedrinhas, só conseguiu trazer um pão e os pássaros comeram todos os pedacinhos lançados ao chão. Do alto de uma árvore, ele descobre uma casa ao longe, sem saber que lá mora o Gigante Papão e sua esposa. Esta os acolhe e lhes dá alimento, mas o Gigante quer mesmo é devorá-los. No entanto, Polegar, bastante esperto, além de conseguir salvar a todos, ainda rouba suas Botas de 7 Léguas. Em terras do Rei Eduardo, o pequenino conquista não só as graças do soberano como até ganha um cargo de conselheiro real. A trama termina feliz com os meninos confraternizando-se não somente com os pais, mas com a mulher do Gigante, que os havia ajudado a fugir. O grandão ainda consegue ser perdoado. "E a felicidade chega para todos", finaliza o programa. A presença de crianças menores de quatro anos na plateia continuou a ser proibida por determinação judicial.

No dia 18 de maio de 1939, excepcionalmente numa quinta-feira, *A Princesa Rosalinda* voltou ao palco do Teatro de Santa Isabel, às 10 horas, para realizar um festival em benefício da Matriz de São José, ou seja, com renda revertida para esta instituição, totalizando sete apresentações. Já *O Pequeno Polegar* fez sua 2ª e última apresentação na matinal de 21 de maio, mesmo dia em que o núcleo adulto do Grupo Gente Nossa apresentou, na vesperal das 15 horas, a opereta *Bobby e Bobette,* de Valdemar de Oliveira, original de 1935, tendo

Alfredo de Oliveira e Luiza de Oliveira como protagonistas. A partir daí, o Teatro de Santa Isabel passou a ser ocupado pela Companhia de Comédia Palmeirim-Cecy, dos artistas empresários Palmeirim Silva e Cecy Medina, que retornou a Pernambuco a bordo do navio Neptunio do Sul para temporada de 21 espetáculos adultos, durante um mês, com seis peças de autores nacionais e quinze de estrangeiros. A estreia aconteceu em 28 de maio de 1939, domingo, com a comédia *Vou Entrar na Família*, texto alemão com tradução de Matheus da Fontoura. Esta vinda ao Recife, segundo a imprensa, foi um fracasso financeiro.

A permanência de companhias de fora por semanas era bem frequente no Teatro de Santa Isabel, o que gerava desconforto com as produções locais, isto sem contar com os diversos concertos musicais que lá aconteciam e até mesmo formaturas colegiais, entre outras atividades. A cada final de ano, por exemplo, diversos educandários promoviam festas de encerramento do ano letivo naquele palco, com um programa variado que reunia números de canto, piano, cenas teatrais e etc. Esta situação de pauta disputadíssima vai perdurar por décadas, com reclamações constantes dos artistas e da imprensa. Sem acesso aos domingos no Teatro de Santa Isabel, Valdemar de Oliveira desistiu de promover as matinais dominicais, muito provavelmente também pela constante programação adulta que o Grupo Gente Nossa mantinha, com viagens programadas e um segundo elenco a ficar no Recife, com sessões nos cineteatros dos subúrbios. Mas não morreu o seu sonho de um teatro direcionado à infância.

Para se ter ideia da intensa atividade do Grupo Gente Nossa, mesmo sem seu palco principal, logo no dia 31 de maio de 1939, uma quarta-feira, os pernambucanos retornaram à cena com *Um Rapaz de Posição*, no Cine-Torre. Na quinta-feira, 1 de junho, apresentaram *Cala a Bocca, Etelvina!*, no Cine-Eldorado. No domingo, 4 de junho, no Cine-Encruzilhada, foi a vez de *O Hóspede do Quarto nº 2*. E na terça, dia 6, *Onde Estás, Felicidade?*. Após isso, parte da equipe seguiu para temporada de comédias no Theatro José de Alencar, em Fortaleza, com dezoito integrantes. Somente no dia 23 de julho de 1939, o Grupo Gente Nossa promoveu mais uma matinal, às 10 horas, no Teatro de Santa Isabel, ainda que não conste na imprensa nenhuma citação ao seu Teatro Infantil. Naquele domingo, registrou o *Diario de Pernambuco* (19 de julho de 1939), foi apresentado "um movimentado programma organizado pelo Gymnasio Vera-Cruz (...) a cargo de alunnos daquelle educandário", com "numeros de canto, bailados, scenas comicas, duetos, etc." e participação dos artistas cômicos Picolino, Bozano e Fernandes, do elenco do Circo Nerino. Na vesperal, às 15 horas, reapresentação da comédia adulta *Frederico II*, original em três atos de Eurico Silva.

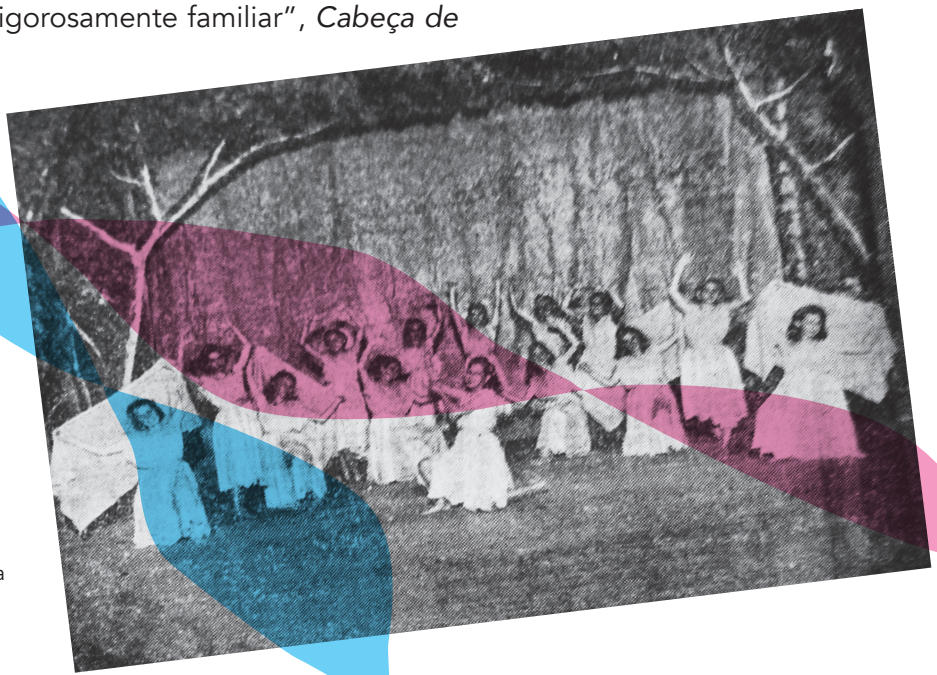
A 2 de agosto de 1939, o Grupo Gente Nossa estreou *Mocambo*, um de seus maiores sucessos naquele ano, lançado em data de seu 8º aniversário. Voltada para adultos, a obra de Valdemar de Oliveira e Filgueira Filho foi concebida em homenagem a Liga Social Contra o Mocambo, campanha do Governo de Pernambuco criada pelo interventor Agamemnnon Magalhães no combate à habitação insalubre. Divulgada como "a peça da atualidade", fez tanto sucesso que chegou a cumprir duas sessões num único dia (algo lançado no Recife naquele ano, durante temporada no Teatro de Santa Isabel da Companhia de Revistas do Theatro Recreio do Rio). Naquela que seria sua última apresentação, na terça-feira, 15 de agosto, em vesperal às 15 horas e comemorando um público de mais de 14 mil pessoas, um anúncio no *Diario de Pernambuco* (13 de agosto de 1939) deixou claro que a meninada também se fazia presente: "Haverá distribuição de massas e bis-

coitos Aimoré ás senhoras e ás crianças". Posteriormente, *Mocambo* voltou a ser apresentada em outros teatros e cidades, inclusive no ano seguinte, sob o título "a peça mais discutida dos últimos anos", chegando a 49 representações.

Em setembro de 1939 quem fez sucesso entre a criançada do Recife foi o campeão norte americano de atletismo Tarzan Moderno, que cumpriu temporada de "Grandes Matinais Infantis" às 10 horas, no Theatro Moderno, com "numerosos jogos sportivos", conforme o *Diario de Pernambuco* (23 de setembro de 1939). Na sequência às suas apresentações, sempre era exibido um filme, como, por exemplo, *Espantalho, Espantado*, comédia dos 3 Patetas. Um fato curioso é que, provavelmente por conta da boa repercussão dos espetáculos voltados para a infância no Teatro de Santa Isabel, iniciativa que atraiu famílias inteiras ao lazer teatral naquele 1° semestre do ano, algumas companhias e "troupes" visitantes passaram a inserir no seu repertório produções voltadas a um público mais abrangente, dos adultos às crianças, algo que perdurou somente por aquele ano, já que a Guerra diminuiu bastante as turnês pelo Brasil, em época que a navegação era o transporte mais utilizado.

Foi o caso da Companhia de Revistas do Theatro Recreio do Rio, que apresentou no Recife uma "peça rigorosamente familiar", *Cabeça de Porco*, objetivando o público infantil também, além de *O Gury*, "peça para as famílias pernambucanas", burleta de Freire Júnior e J. Ayberé, inspirada nos argumentos das "fitas" de Shirley Temple, com o "notável desempenho da garota prodígio Isa Rodrigues e o engraçadíssimo Oscarito", conforme anúncio no *Diario de Pernambuco* (27 de outubro de 1939). Curiosamente foi vista em duas sessões noturnas, num sábado, às 19 e 21 horas, com "matinée chic" no domingo, às 14 horas. Entre as "troupes" visitantes (aquelas que investiam em repertório mais popular e cômico), a Grande Companhia de Revistas e Sainetes Tatusinho, também do Rio de Janeiro, dirigida por Di Chocolate, trouxe à capital pernambucana o sainete em 2 atos *A Derrota do Campeão*, de Antonio Sampaio, em grandiosa *matinée* às 15 horas, numa quinta-feira, no Cine-Encruzilhada. Na sua divulgação constava: "Esta peça é de fazer rir de inicio ao fim, e deve ser assistida por toda guryzada".

Da produção local, ainda em 1939, surgiu um outro destaque cênico voltado a todas as idades: *O Sonho de Yara*, da Escola Normal Pinto Júnior. Provavelmente seguindo os passos do amigo Valdemar de Oliveira, o professor e dramaturgo Cândido Duarte, com longa carreira no Recife e diretor daquela instituição, escreveu e dirigiu esta revista cívico-escolar "de fundo moral, christão,



O Sonho de Yara

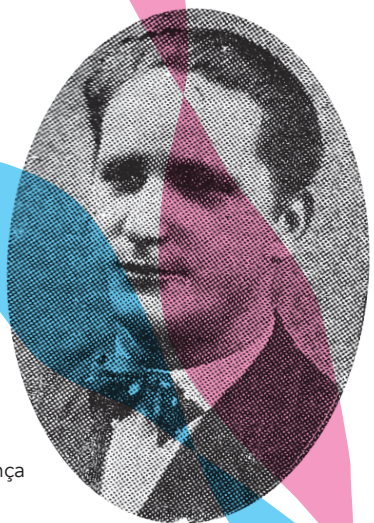
educativo", segundo o *Jornal do Commercio* (17 de setembro de 1939), cuja estreia aconteceu a 10 de novembro, no Teatro de Santa Isabel, após vários adiamentos. No elenco, 40 alunas normalistas, todas estreantes de palco. Os "bailados" eram criações de Maria Orlando Andrade Bezerra; a música, executada por uma orquestra, do professor e maestro Carlos Diniz; os cenários de Balthazar da Câmara e Mário Nunes; e o luxuoso guarda-roupa confeccionado "pelas familias das alumnas que tomam parte no desempenho da peça", segundo aquele mesmo jornal. Toda a renda foi em benefício da Sociedade Propagadora de Instrução Pública, mantenedora da Escola Normal Pinto Júnior.

Com cânticos e "bailados", o prólogo se passava num trecho da floresta amazônica, quando a índia Yara sonha com "um Brasil immenso, poderoso e feliz. Viu-o guiado pela Cruz, transformar-se em um país civilizado, culto, christão; crescer e progredir, dando ao mundo as mais bellas lições de patriotismo e fé, civismo e bravura", como registrado ainda naquele mesmo *Jornal do Commercio*. Com a chegada da personagem História, esta lhe fala:

> (...) nas lendas e dansas do Amazonas, nas canções do Danubio, na vida dos gregos e no culto que elles tinham á dansa e á belleza, nas glorias de Portugal; diz-lhe como o Brasil será desvendado ao mundo pelos portugueses e ainda como caminhará atraves dos sonhos sob a protecção dos céus e da Cruz.

A partir daí, a montagem desenvolve-se em mais dois atos. O 1°, acontecendo no Rio de Janeiro e na Bahia, em épocas diversas, e o segundo no Recife, "com scenas de grande effeito, em que a revista focaliza os mais variados aspectos de nossa vida social, sendo tambem homenageadas as industrias do Estado", reforçou outra edição do *Jornal do Commercio* (20 de agosto de 1939). Os papeis principais de Yara e História foram confiados, respectivamente, às alunas Maria José Sarinho e Nilza Pires. Em novo número, o *Jornal do Commercio* (3 de dezembro de 1939) saldou o trabalho como um "teatro sadio, (...) de grandeza patriótica, de nobreza christã". A pedidos do público, a montagem foi reapresentada, totalizando três récitas no Teatro de Santa Isabel em 1939.

De acordo com a retrospectiva teatral que fez do ano, o *Jornal do Commercio* (14 de janeiro de 1940) esclarece que foram realizados três outros espetáculos infantis naquele mesmo palco, sendo dois pelo Gymnasio Vera Cruz e um pelo Instituto Recife (com números variados em sequência); uma matinal infantil avulsa no Dia da Criança, sem referência a quem a promoveu (provavelmente também com atrações variadas); além do melodrama *Presépio*, dirigido pelos Irmãos Valença (João e Raul Valença) e organizado pela Directoria de Reeducação Social, com três exibições no Collegio Nobrega. Já o Grupo Gente Nossa, sem contar as excursões promovidas naquele ano para Fortaleza, João Pessoa, Caruaru e Goiana, realizou um total de 222 espetáculos somente no Recife e em Olinda. "Destes, 14 foram sacros, 24 foram especialmente dedicados aos operários e 13 á petizada", registrou o jornal. E foi essa a atenção dada à infância em 1939, ano que finalmente abriu as portas para o segmento teatral direcionado a este público no Recife.



Raul Valença

ANOS 1940

TEATRO SANTA ISABEL

DOMINGO — 25 de Fevereiro de 1940

ÁS 10 HORAS EM PONTO

O Teatro infantil do GRUPO GENTE NOSSA

(Sob os auspicios do Serviço Nacional de Teatro, do Interventor Agamenon Magalhães e do Prefeito Novais Filho)

apresentará, em primeira, a deslumbrante revista

TERRA ADORADA!

2 atos e 8 quadros de VALDEMAR DE OLIVEIRA, com os seguintes

INTERPRETES:

Luisinha Oliveira — Mimi
Reinaldo de Oliveira — Mario
Amparo Oliveira — Maria
Luisa Oliveira — Mamãe
Neir Rotman (Do Conservatorio P. de Musica) — (Anjo (Hungria (Escandinavia
Ligia Reis — (Serva Chineza (Venezuela (Holanda
Terezinha Oliveira — (Serva Chinesa (Colombia
Elza Rotman — Suissa (França
Anita Dimenstein — (America (Argentina
Valter Dimenstein — (Ping-Li (Balkans (Brasil
José de Aguiar — (Pong-Fo (Alemanha (Peru
Romulo Paiva — (Seculo XX (Marinheiro (Modinha (Chile (Inglaterra
Paulo Beserra — (Marinheiro (Uruguai
Iracema Diniz — (Portugal (Samba (Plin-Plin-Tchim (Finlandia
Maria Celeste Caldas Aradjo R. Priston — Russia
Maria do Carmo Cavalcanti — Morte (Belgica (Serva Chineza (Hespanha (Bolivia
Dunalva Tavares de Morais — (Frèvo (Marinheiro (Equador
Moacir Diniz — Dansarinos Hungaros
Antonio C. Almeida e Terezinha Fonseca

19 belissimos numeros de musica! - Deslumbrante montagem - Luxuoso guarda-roupa!

Cenarios de ALVARO AMORIM

Terra Adorada

Enquanto não lançava nenhum espetáculo novo para crianças, Valdemar de Oliveira dedicou parte do seu tempo para escrever mais duas obras infantis, além de aprimorar *A Princesa Rosalinda*. Em 25 de fevereiro de 1940, às 10 horas, e sob os auspícios do interventor Agamemnon Magalhães, do prefeito Novaes Filho e do Serviço Nacional de Theatro (instituição federal criada em 21 de dezembro de 1937), o Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa finalmente voltou à cena no Teatro de Santa Isabel, "bastante aguardado pelo público", como lembraram os jornais. O retorno aconteceu com a inédita revista infantil *Terra Adorada*, escrita, musicada e dirigida por Valdemar de Oliveira, também na regência da orquestra. Nos 2 atos e 8 quadros, além de "19 belíssimos números de música!" e "luxuoso guarda-roupa!", como ressaltavam os anúncios da época, vinte e um componentes participavam, na sua maioria crianças e adolescentes, com presença mínima de adultos.

O enredo mostra um grupo de meninos que, a bordo do Zepelin, faz um passeio por vários países até retornar ao Brasil, "onde não há nada melhor". Os cenários de Álvaro Amorim, com representações de ambientes na Europa, China e América do Norte e Sul, ganharam destaque à parte. No elenco, Luizinha de Oliveira (Mimi), Reinaldo de Oliveira (Mário), Amparo Oliveira (Maria), Luiza de Oliveira (Mamãe), Neir Rotman (do Conservatório Pernambucano de Música, nos papeis de Anjo, Hungria, Escandinávia), Ligia Reis (Serva Chinesa, Venezuela, Holanda), Terezinha Oliveira (Serva Chinesa, Colômbia), Elza Rotman (Suíssa, França), Anita Dimenstein (América, Argentina, Ping-Li), Valter Dimenstein (Balkans, Brasil, Pong-Fo), José de Aguiar (Alemanha, Peru, Século XX), Rômulo Paiva (Marinheiro, Modinha, Chile, Inglaterra), Paulo Bezerra (Marinheiro, Uruguai), Iracema Diniz (Portugal, Samba), Maria Celeste (Plin-

-Plin-Tchim, Finlândia), Caldas Araújo (Rússia), R. Priston (Marte), Maria do Carmo Cavalcanti (Bélgica, Serva Chinesa), Dunalva Tavares de Morais (Espanha, Bolívia, Frevo), Moacir Diniz (Marinheiro, Equador) e Antonio C. Almeida e Terezinha Fonseca (Dançarinos Húngaros).

Por sua atuação no papel de Mimi, uma boneca que acompanha os garotos pelo *tour* mundial, Luizinha de Oliveira, filha da atriz Luiza de Oliveira, integrante de longa data no Grupo Gente Nossa e também em cena nesta montagem, ganhou destaque no jornal *Folha da Manhã* (9 de março de 1940):

> Luizinha sobresahiu-se no elenco de "Terra Adorada". Prendeu a attenção do publico na encarnação da "boneca", o papel que lhe foi confiado, o mais difficil papel da revista. Sahiu-se com graça e intelligencia, conduzindo-se de maneira impressionante. Aliás todos que tomaram parte na revista representaram muito bem deixando a melhor impressão. Mas, o que aconteceu com Luizinha foi a natureza do papel, que exigia mais do que os outros a presença de uma artista. E a menina correspondeu o maximo do que se esperava. Movimentou-se em scena como uma artista experimentada, desembaraçando-se das situações difficeis com espontaneidade. Via-se na menina a revelação de uma grande artista de futuro, que trouxe do berço a verdadeira vocação pelo theatro. E é nessas revelações que está toda a importancia do theatro infantil.

A repercussão de *Terra Adorada* foi tamanha, que a peça até foi assistida, em vesperal, pelos chefes dos governos dos estados nordestinos em homenagem especial aos interventores federais, além de contar com a presença "de altas autoridades do Estado, figuras destacadas do nosso meio social", conforme o jornal *Folha da Manhã*

Terra Adorada

(2 de março de 1940). Sobre a montagem, o interventor de Pernambuco, Agamemnon Magalhães, escreveu para a Rádio Clube de Pernambuco e *Folha da Manhã* (12 de março de 1940):

> Recife, com o Theatro Infantil de Waldemar de Oliveira, tem tido horas de emoções delicadas. Horas de emoções altas. A sua peça – "Terra Adorada" é um primor de arte. Arte que fixa a inquietação da creança no seculo XX, dando realidade ao sonho do menino, em quem o Zeppelin despertou a curiosidade de conhecer o mundo. A imaginação infantil desdobra-se, então, em maravilhas de scenas através dos paizes da Europa e do Oriente, surprehendendo a attitude ingenua das creanças, que representam com travessura e intelligencia. A musica sacode o scenario com as notas dos climas das nações, que o Zeppelin, cheio

de meninos, visita. Correm o mundo e voltam as creanças loucas pelo Brasil. Loucas pela Terra Adorada, com as suas praias, os seus coqueiros, as suas acacias, os seus passaros, as suas arvores frutiferas, o céo claro, o clima egual, a musica, os typos regionaes a alegria, a fartura e a paz. Sente-se que os meninos viram no velho mundo o que as creanças não gostam de ver, nem de sentir. A exasperação, o sofrimento, sentimentos estranhos e desconhecidos num paiz cheio de espaços, num paiz grande e tranquillo como o Brasil. (...) Waldemar de Oliveira está de parabens. (...) Não sei de acontecimento mais original, nem mais edificante, nos annaes do theatro brasileiro.

No domingo 5 de maio de 1940, também às 10 horas, voltou à cena *A Princesa Rosalinda*, ainda sob os auspícios do Serviço Nacional de Theatro, do interventor Agamemnon Magalhães e do prefeito Novaes Filho. Apresentada como opereta pela imprensa e como "luxuosa revista" em seu programa, a montagem foi reformulada para melhor, com elenco onde se mesclavam antigos e novos integrantes. Permaneceram nos mesmos papeis: Anita Dimenstein (Princesa), Valter Dimenstein (Príncipe), ambos integrantes do *casting* da P.R.A.-8; Paulo Bezerra (Tenente Paulo); Maria Lia Faria (Dançarina), Reinaldo de Oliveira (que passou do papel de 1º Menino para o Rei nesta nova versão) e Valdemar Rodrigues Filho (agora não mais o 3º, mas apenas Menino). Como novatos no elenco (inclusive, com alguns dos pais das crianças sendo divulgados na imprensa), Amparo Oliveira, Elza Rotman (1ª e 2ª Menina), Maria Celeste Ceres Trindade, Iracema Diniz, Cloris Passos (1ª, 2ª, 3ª e 4ª Dama), Nair Rotman (Fada), Luizinha de Oliveira (Juanito); Janice Cantinho Lôbo (Romeu), Anneliese Cantinho Shar (Julieta), Rômulo Paiva, Clóvis Passos e Moacir Diniz (1º, 2º e 3º Oficial), além de Luiza de Oliveira (Avó), única adulta.

A Princesa Rosalinda

No dia da estreia, o *Jornal do Commercio* (5 de maio de 1940), além de destacar "Novos Interpretes – Novos Scenarios – Novas Marcações – Nova Orchestração – Nova Montagem – Novos Numeros de Musica", deu mais detalhes sobre as alterações ocorridas:

> A partitura de "A princesa Rosalinda" foi enriquecida com varios numeros de musica, como sejam o "Bailado de Romeu e Julieta", a "Marcha dos soldadinhos", o "Decimino de officiaes e damas" e a "Marcha Nupcial", tendo sido a orchestração escripta por Carlos Diniz. Novos scenarios foram feitos pelos scenoghaphos Alvaro Amorim e Mario Nunes, tendo sido repintado o grande scenario de scenoplastia que servirá para os aposentos da princesa e para o grande salão real. Estes dois scenarios apresentarão

> um rigor de montagem ainda não assignalado, em peças do genero em Pernambuco. As marcações estiveram, em grande parte, a cargo de Walter de Oliveira, sendo todo o guarda roupa, novo. A orchestra, que se acha sob a regencia do autor da partitura, se compõe de 12 figuras, devendo ter inicio o espectaculo ás 10 horas, com distribuição de biscoitos Aymoré aos petizes.

De passagem pelo Recife e após assistir ao espetáculo, Gama e Silva, delegado especial da Sociedade Brasileira de Autores Theatrais (SBAT), escreveu a Valdemar de Oliveira carta que foi publicada no *Jornal do Commercio* (16 de junho de 1940):

> Você, com toda a simplicidade de seu terno branco de nortista, sem batuta, como Stokowski, rege a orchestra em cuja composição surprehendo valores que honrariam qualquer orchestra do Rio de Janeiro ou de São Paulo. (...) Luisa de Oliveira, metida na pelle de uma avozinha, tem na voz, toda a melodia de uma authentica "grand mére": e, com toda a doçura, conta a seus escolares netinhos: *era uma vez*... Dahi em deante, é o Imperio da Gente Miuda. Meninos e meninas tomam a serio os seus papeis, tem-nos "na ponta da língua". (...) A menina que desempenha o papel de Princesa é um encanto. Melodia na voz quando declama, atitudes delicadas quando representa, meiguice em todas as situações; exactamente como convem a uma princesa de contos de fada. Que elegancia, que brejeirice de quasi authentica "souhrette" na Damazinha de Honra da Princesa que tagarella e reclama por tudo e por nada; a desenvoltura, a graça, a "sams façon" da Luisinha, essa alhoeinho que confirma que filha de peixe sabe nadar; o menino que desempenha o papel de Rei (pequeno no tamanho, grande nas atitudes); aquella bonequinha gaiata e brejeiríssima de olhos negros e cabellinhos louros, encaracolados, que com sua vozinha de passarinho, dentro de uma das rosas, canta ou pipilha qualquer cousa de celestial e que no final da peça tão maliciosamente faz commentarios e espia pelo buraco symbolico da fechadura... (...) admiravel, commovedora! (...) E, depois de cerca de cincoenta minutos no pais dos sonhos e das emoções, desce o panno sob vibrantes palmas do theatro superlotado.

Os elogios renderam diversos outros textos publicados nos jornais. No total, *Terra Adorada* e *A Princesa Rosalinda* foram apresentadas 21 vezes no ano de 1940, isto sem contar o "festival da pequena Maria Celeste, com a collaboração de outros elementos do theatro infantil do Grupo Gente Nossa, que interpretaram *O chefe político* e um acto de variedades", conforme o *Jornal do Commercio* (21 de abril de 1940). Em julho daquele ano, Valdemar de Oliveira viajou ao Rio de Janeiro, então capital federal do Brasil, para negociar, junto ao Serviço Nacional de Theatro, a ida dos espetáculos do Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa para o Theatro Carlos Gomes, com cerca de 25 crianças acompanhadas por seus respectivos responsáveis, "cujos pais às vezes davam mais trabalho do que elas", desabafou no livro *Mundo Submerso* (1985, p. 129). O desejo desta viagem incendiou-o quando soube de um espetáculo infantil realizado pela Associação Brasileira de Críticos Theatrais, no mesmo Theatro Carlos Gomes, sob coordenação de J. Palhano e Olavo de Barros. Ele pensou, então, numa possível confraternização da sua equipe com os colegas cariocas. A ideia foi bem recebida pelo diretor do SNT, Abbadie Faria Rosa.

Terra Adorada

Na imprensa, tanto do Rio quanto do Recife, Valdemar chegou a anunciar que estava programando a viagem para dezembro, por conta das férias escolares do seu elenco. Além de tecer elogios aos governantes pernambucanos por o apoiarem, em entrevista ao *Jornal do Commercio* (14 de julho de 1940), ele reforçou a importância de mais ações como esta:

> É preciso que os poderes públicos encarem, decididamente, o theatro, como um factor pedagogico de primeiro plano. E corram em auxilio desses idealistas que se abalançam a realizar, no Brasil, coisa comezinha em qualquer nação civilizada. Não é outra coisa que vêm fazendo o interventor Agamemnon Magalhães e o prefeito Novaes Filho – as mais altas autoridades do meu Estado – prestigiando, de todos os modos, o Grupo Gente Nossa e, com elle, a sua secção mais interessante – o theatro infantil.

Mas, infelizmente, o projeto de levar espetáculos ao Rio de Janeiro com o Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa ficou somente no desejo. No Recife, por conta da temporada de um mês da Companhia Renato Vianna no Teatro de Santa Isabel, Valdemar de Oliveira foi obrigado a parar as atividades do seu grupo teatral infantil que, em agosto, anunciou como provável próxima montagem *Nos País dos Gulosos*, peça de Juanita Machado e Filgueira Filho, com música de Nelson Ferreira, algo que não vingou. Também foi divulgada no *Jornal do Commercio* (6 de outubro de 1940) a possibilidade de novos ensaios para a revista cívica *Terra Adorada*, "inteiramente remodelada e que deverá ser a peça de estréia do referido conjunto no Theatro Regina, do Rio, em dezembro proximo", inclusive com a professora Yara Coustol contratada para aulas de dança e ensaios dos novos "bailados". Mas este projeto também foi abortado. No entanto, outras produções à infância apareceram.

No final de outubro de 1940, com até três sessões diárias no Teatro de Santa Isabel, em matinal, vesperal e sarau (nestas últimas, crianças acima dos doze anos podiam entrar), as marionetes da companhia italiana Os Piccoli di Podrecca, criada em 1914, fizeram sucesso no Recife. Na temporada, 30 récitas realizadas, com casa sempre cheia. Em dezembro, com o Teatro de Santa Isabel também lotado, voltou à cena a revista cívico-escolar *O Sonho de Yara*, de Cândido Duarte, como término das atividades letivas da Escola Normal Pinto Júnior, com sessões nos dias 21 e 29. Já no dia 22 de dezembro de 1940, às 20 horas, foi a vez de um festival artístico promovido pelo Collegio Pestalozzi, intitulado *Festa de Celia e Sylvia*, nome de duas crianças orfãs. Na ocasião, foi apresentada a revista *Coisas do Meu Brasil*, de autoria

Coisas do Meu Brasil

da senhora Maria Elisa Viegas, que já havia sido levada à cena cinco vezes em 1937, com alunos do Grupo Escolar Maciel Pinheiro e contando com partitura musical do maestro Nelson Ferreira, que regeu a Orquestra da Rádio Clube de Pernambuco. Propagou o jornal *Folha da Manhã* (21 de dezembro de 1940):

> Não é apenas uma revista em que predomina a belleza de nossa musica, a belleza de nossas creanças mas uma verdadeira aula. Uma aula completa de nossa grandeza em todos os setindos (sic) da creação. Uma aula de Geografia ministrada por creanças que bailam, cantam e encantam.

No elenco, 120 crianças não só do Collegio Pestalozzi, mas também da Escola de Declamação. O espetáculo teve como patrona a senhora Antonieta Magalhães e a direção artística foi assumida pelo ator Raul Phrystron. Ainda em 1940, também há registros de outras produções para crianças no mesmo Teatro de Santa Isabel. Uma pelo Grupo Escolar Maciel Pinheiro (com números variados); e *A Gata Borralheira,* pelo Instituto Recife, no dia 1 de dezembro. Segundo o ator Geraldo Carvalho em entrevista a esta pesquisa (17 de março de 2013), que viveu o anão Zangado na peça *Branca de Neve e os 7 Anões*, pelo Gremio Scenico Espinheirense, com oito anos na época; e atuou nesta versão de *A Gata Borralheira* como o Mordomo, aos nove anos, a direção do espetáculo foi confiada a Oswaldo de Oliveira, diretor convidado do Rio de Janeiro pela diretora do Instituto Recife, a senhora Eulália Fonseca. Ainda segundo ele, a montagem foi apresentada uma única vez, no horário noturno das 19 horas, e também constavam no elenco, entre outros, Aldir Maia, Gilma Maia, Maria Albertina Ferreira de Almeida, Antônio Carlos Ferreira Coelho de Almeida, Theresinha Ferreira e Theresinha Fonseca, estas últimas, respectivamente, nos papeis de Rainha e da Gata Borralheira.

Curiosamente, no mesmo teatro, apresenta-se uma outra versão de *A Gata Borralheira* no dia 19 de dezembro, pelo Colégio Anchieta. No total, segundo retrospectiva do ano publicada pelo *Jornal do Commercio* (19 de janeiro de 1941), foram contabilizados 28 espetáculos infantis no Recife em 1940, além de uma conferência sobre o tema com dois renomados professores, diretores do Theatro Educativo do Rio de Janeiro:

> Estiveram em visita ao Recife, a senhora Maria Rosa Ribeiro e o professor Eustorgio Wanderley, destacadas figuras dos circulos educacionaes da metropole. Aqui realizaram uma festa de arte, tendo a senhora Maria Rosa Ribeiro lido, no Instituto Moderno uma conferencia sobre Theatro Infantil, a que se seguiu a inauguração do busto de Samuel Campello, naquelle educandario.

Vale destacar também a organização de conjuntos teatrais infantis nas cidades de Timbaúba, Garanhuns e Palmares, no interior pernambucano, além de Olinda. Nesta última, por exemplo, no dia 10 de novembro de 1940, o Salão Pio X foi palco para a opereta infantil *No Reino dos Cahete's*, de Hélio Monte, baseada na história de Olinda antiga, contando com 33 crianças alunas do Grupo Escolar Duarte Coelho e regência

de Lafayette Lopes. A realização foi confiada ao departamento infantil do Núcleo Theatral Getúlio Vargas, equipe olindense que, além de produções para adultos, também dava atenção à criançada. Quanto ao Grupo Gente Nossa, no Recife, além de comemorar um ano bem mais proveitoso do que 1939, Valdemar de Oliveira já tinha novos planos para o seu Teatro Infantil em 1941.

No dia 23 de março de 1941, um domingo, às 15 horas, o Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa estreou mais um novo espetáculo: *Em Marcha, Brasil!*, em dois atos e 30 números musicais, com direção e regência de Valdemar de Oliveira, denominada por ele de grande revista cívico-escolar, com um objetivo claramente didático aliado ao aspecto patriótico, comum a quase todas as manifestações que envolviam a mocidade da época, como lembra o pesquisador Fernando de Oliveira, um dos atores a integrar aquele elenco ainda adolescente, no artigo *Memória do Teatro Infantil de Pernambuco e sua ligação com o Teatro de Amadores de Pernambuco* (disponível em: www.tap.org.br/htm/historia/teatroinfantil.htm. Acesso em: 11 de novembro de 2011). O espetáculo trazia uma orquestra com quatorze destacados professores, a grande maioria ligada à Rádio Clube de Pernambuco, entre eles, Nelson Ferreira ao piano, além da participação da banda de clarins e uma patrulha da Associação Pernambucana de Escoteiros. Eram 48 pessoas em cena, quase todos meninos e meninas (há matéria de jornal que traz os nomes dos pais de cada um, como para provar que eram filhos de boa família), com presença de poucos adultos.

Pela ordem de entradas em cena (e ainda seguindo a escrita do programa):
to e Silva (no papel de Luis), Maria José Coutinho (Lucia), Lenira Vilaça (Carmen), Reinaldo de Oliveira (Pedro), Ceres Trindade (Josefa), Cloris Passos (Mamãe), Valter Dimenstein (Papai),

TEATRO INFANTIL DE PERNAMBUCO

(DEPARTAMENTO DO GRUPO GENTE NOSSA)

REPRESENTAÇÃO DA REVISTA CIVICO - ESCOLAR

Em Marcha Brasil!

PREÇOS POPULARES

Brasil! Brasil! O' meu Brasil!
Terra adorada! Entre outras mil,
és, Brasil!
Brasil! Tem teus campos mais flores
os teus bosques mais vida
nossa vida em teu seio mais amores!
Brasil! Brasil! O' meu Brasil!
O' patria amada,
idolatrada,
Brasil!
Dos filhos deste solo és mãe gentil,
Brasil!
ó patria amada!
Brasil! O' meu Brasil!

Anita Dimenstein (Professora), Carminha de A. Melo (Lilita), Luis Carlos F. Castro (Jorge), Anelise Cantinho Sheer (A, 7, Borboleta), Tania Maruschka (B, O, Zero, Beija-Flor), Janice Cantinho Lobo (C, I, 9, Borboleta), Terezinha Guimarães (M, 2, Beija-Flor), Terezinha Lobo (E, 3, Agua), Lisieux Gomes Pereira (U), Iluminata Tavares (B, 4, Planta), Clara Tabatchnik (R, 5, Nuvem), Rosalinda Adler (S, 8), Palmira Pereira (L, P), Nicéa Veloso da Silva (1), Leda Vilaça (6), Carlos Roberto (Sinal de Adição), Otavio Lobo (Sinal de Subtração), José Cavalcanti (Sinal de Multiplicação), Valdemar Rodrigues Filho (Sinal de Divisão), Fernando de Oliveira (Sinal de Igualdade), Maria Lia Faria (Natureza), Nair Rotman (Sol), Elza Rotman (Nuvem), Edissa Bancovsck (Planta), Lucia Tavares (Planta), Marinetti N. Pereira (Planta), Ana Maria Lobo (Beija-Flor), Marlena Campos (Beija-Flor), Rivaldo Veloso da Silva (Pe-

dro Alvares Cabral), Moacir Ferreira (Indio), José Cavalcanti (Jesuita), Iracema Ferreira (Mãe Preta), Clovis Passos (Colono) e José Maria Soares (Escoteiro Chefe).

Ainda na ficha técnica, Walter de Oliveira como diretor de cena; Abelardo Cavalcanti como ponto; Francisco Miranda, contrarregra; José Barros e João Alves como maquinistas; e Aníbal Mota, eletricista (como se denominava antigamente o iluminador). O "bailado" do 9º quadro – eram 17 no total – foi ensaiado pelo casal de bailarinos argentinos Lídia Morel e Raul Celada. No cenário, reproduções de telas dos pintores Baltazar da Câmara, Mário Nunes, Álvaro Amorim e Carlos Amorim. A montagem, de caráter assumidamente didático, contava com os seguintes quadros em sequência: *Higiene Matinal*, *O Café*, *Lição de Leitura*, *Lição de Música*, *Lição de Ciências Físicas*, *Chuva de Bolas*, *O Recreio*, *Lição de Aritmética*, *Lição de História Natural (Bailado)*, *Descobrimento do Brasil*, *Primeira Missa no Brasil*, *Batalha dos Guararapes*, *O Grito do Ipiranga*, *A Batalha do Riachuelo*, *A Proclamação da República*, *Os 18 de Copacabana* e *Apoteose Final*. No intervalo, houve sorteio, entre as crianças da plateia e do palco, de dois livros de literatura infantil ofertados pela Companhia Editora Nacional.

O trabalho foi recebido como um novo grande êxito (segundo documento pertencente ao acervo do Teatro de Amadores de Pernambuco, sem indicação de jornal ou data e apenas com o título "Em Marcha, Brasil! – Novo grande êxito de Waldemar de Oliveira"):

> (...) Valdemar de Oliveira, vez por outra, nos oferece momento agradável, trazendo á ribalta do *Santa Isabel* uma pleiade de crianças por demais inteligentes e alegres. Daí, o resultado benéfico de surgirem (...), as vocações precóces do nosso teatro. E o número não tem sido pequeno. Entretanto, a finalidade principal deste gênero teatral, entre nós, tem sido, graças a Deus, de ordem educativa. Pensando assim, Valdemar de Oliveira fez encenar, ontem, a revista infantil de sua autoria *Em marcha, Brasil!* (...) uma grande aula de civismo e brasilidade. Começa com a higiene matinal dos seus alunos e termina com a apoteótica cena, onde surgem o branco, o índio, o jesuíta, o negro e o colono – elementos de formação da nossa nacionalidade. O quadro "Lição de História Natural" é o mais sumtuoso e original. Os bailados são feitos com apurada arte. Estes foram estudados sob orientação do casal de bailarinos argentinos Lídia Morel-Raul Celada. Outro quadro sugestivo é a "Lição de música", onde ressalta um feliz efeito de luz. Os painéis históricos, e as marcações de "O meu Brasil" e "Pernambuco" fizeram vibrar de entusiasmo a plateia, na sua maioria adulta. Cenários apresentáveis, rico guarda-roupa, marcação sem deslise e interpretação segura e agradável foram outros motivos do sucesso da peça.

Em entrevista ao Museu da Imagem e do Som, no Recife, no dia 21 de janeiro de 1975, Valdemar de Oliveira destacou o trecho mais aplaudido da sua montagem:

> É que tratava-se de uma lição de Português. Surgiam inicialmente as cinco vogais (...), e logo depois surgiam cinco consoantes. E elas começavam então, dentro da música, uma marcação interessante, e de repente, quando menos se esperava, elas todas que traziam diante do peito uma letra determinada, elas todas, colocadas em fila, lia-se "Oh, meu Brasil", justamente formadas pelas cinco vogais e pelas cinco consoantes. E o público vinha abaixo, como se costuma di-

Em Marcha, Brasil!

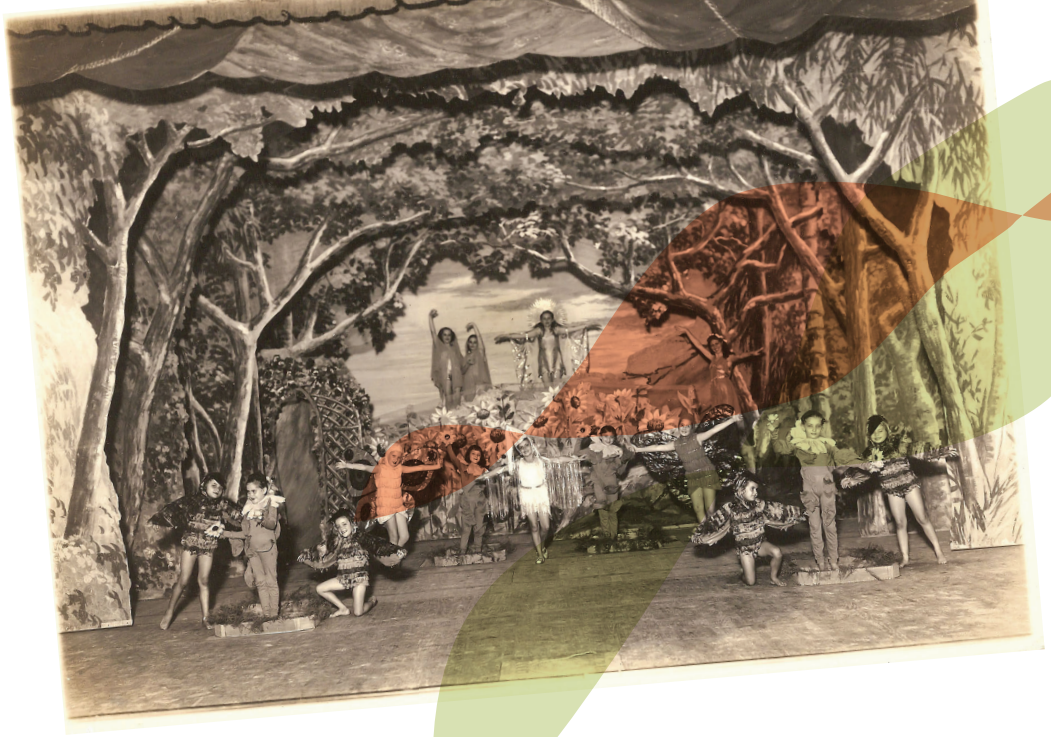
zer. O agrado era geral, mas logo a música transpunha terça acima e três dessas moças (...) habilmente mudavam a letra que traziam, e quando o público esperava ler novamente "Oh, meu Brasil", saía Pernambuco. Aí a plateia vinha abaixo num entusiasmo único. Nós levamos essa música tantas vezes que ela acabou se constituindo num espécie de hino do Teatro de Amadores de Pernambuco.

No livro *O Palco da Minha Vida* (2013, p. 27-28), Reinaldo de Oliveira lembrou sua participação:

> Na 'Em Marcha Brasil', fazia o aluno Pedro pois tudo era ensinamento para a garotada com aulas de Ciência, História, Geografia, Matemática, Música e Botânica. O término do segundo ato da peça incluía a queda de centenas de bolas de gás, coloridas, de cima, do lustre do Santa Isabel, até a plateia que ficava em alvoroço para colher algumas delas e levar para casa. Hoje é comum se decorarem festas com milhares de bolas mas, naquele tempo, era difícil se conseguir alguma. (...) Ainda me lembro da letra que cantava, a plenos pulmões infantis, juntamente com o elenco: *Lá vêm as bolas caindo, eita verde e vermelha. Oi meninada aproveita, oi meninada aproveita. E tem de todas as cores, cor do céu e do mar. Cor de todas as flores, pra você se contentar.* Era um delírio total. O Teatro Infantil preparou as gerações do futuro que se haveriam de empolgar com o ambiente teatral pernambucano (...) Eu me considero um discípulo de tudo isso, um aluno aplicado que aprendeu, bem, as lições.

Não é de se estranhar esta valorização ao aprendizado no projeto para a infância de Valdemar de Oliveira. Ele encarava o teatro como uma verdadeira escola e o incentivava principalmente como prática nos colégios e cursos particulares. Tanto que chegou a declarar, segundo mais um documento pertencente ao acervo do Teatro de Amadores de Pernambuco, sem indicação de data, mas com o título "O Que Disse Valdemar de Oliveira – A Importância do Teatro Infantil":

> A prática do teatro exercita a criança a ler e mais claramente a falar. Falar certo, respeitando as inflexões justas e obedecendo a pontuação. Vícios de linguagem são combatidos; defeitos de articulação se corrigem; controlam-se maus hábitos vocais; disciplina-se a emissão de voz, valoriza-se a palavra, exercita a atenção, sempre alerta às múltiplas oportunidades da ação cênica, revigora a memória, no curso da fixação mental dos textos, cultiva a vontade, preocupada com o melhor rendimento intelectual, aperfeiçoa



Em Marcha, Brasil!

o raciocínio, no jogo das associações de ideais. Além disso o senso da responsabilidade acorda, o espírito de colaboração se faz sentir na composição dos conjuntos. E outras virtudes morais são cultivadas: a pontualidade nos ensaios, a seriedade nas interpretações, o trabalho de equipe no levantamento da montagem, tudo devendo ser feito, sob as ordens de professores especializados. Uma escola de teatro para criança não tem como objetivo único formar atores e atrizes, como a educação física não é formar atletas e acrobatas. É, sem que a criança sinta, instruir e educar, formar caracteres, erguer personalidades, rasgar horizontes, prender o espírito infantil à sua terra, pelo amor à sua natureza, pelo entusiasmo por sua história, pelo cultivo das boas tradições. Em seu significado mais amplo, o teatro infantil é uma iniciação à beleza, um culto à verdade e um convite a imaginação – a imaginação sem limite com que a criança percorre o seu reino maravilhoso.

A estreia de *Em Marcha, Brasil!*, o último dos espetáculos do Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa, aconteceu menos de quinze dias antes do lançamento da peça adulta *O Dr. Knock ou O Triumpho da Medicina*, de Jules Romains, que Valdemar de Oliveira dirigiu como proposta para celebrar o centenário da Sociedade de Medicina de Pernambuco, com estreia em 5 de abril de 1941, no Teatro de Santa Isabel. Reunindo médicos e as esposas destes, numa atitude ousada que rompeu preconceitos principalmente referentes às mulheres que se dedicavam ao teatro, a renda líquida das duas únicas apresentações (a 2ª aconteceu em 24 de abril) foi revertida para a construção da nova sede da instituição. Diante da resposta positiva de público e crítica, este espetáculo deu a Valdemar de Oliveira a certeza de lançar um núcleo somente de amadores adultos, algo firmado na montagem seguinte, *Primerose*, de Robert de Flers e Gaston-Arman de Caillavet, com estreia em 14 de junho de 1941, já assinada pelo Teatro de Amadores, departamento autônomo e amador do Grupo Gente Nossa. Somente a partir de 1944, já independente, este núcleo assumiu-se definitivamente como o Teatro de Amadores de Pernambuco (TAP).

Com caráter sempre filantrópico e renda líquida revertida para instituições de caridade, Valdemar de Oliveira começou, assim, a longa trajetória do seu novo grupo amadorista, uma das razões para ele ter desistido de suas produções para crianças, devido a tantos compromissos com o repertório adulto, em consonância com a falta de pauta no Teatro de Santa Isabel, muito à mercê das temporadas das companhias

Confraternização do Teatro Infantil
do Grupo Gente Nossa

visitantes. O intrigante é que, paralelamente às sessões de *O Dr. Knock ou O Triumpho da Medicina*, o espetáculo *Em Marcha, Brasil!* consagrou-se naquele ano, totalizando oito apresentações de casa cheia. Saiu de cena por pura falta de pauta no Teatro de Santa Isabel, que passou a ser ocupado pela companhia do ator Delorges Caminha, abrindo temporada com *Yayá Boneca*. O jornal *Folha da Manhã* (19 de abril de 1941) pontuou:

> Apesar do grande sucesso que vem registando (sic), esta péça será ainda êste mês retirada do cartaz, pois a 1.° de maio estreiará, no Santa Isabel, uma companhia de comédias que procede do sul e que ali levará a efeito uma temporada. As quarenta crianças que tomam parte no espetáculo apresentam luxuoso guarda roupa e desincumbem-se dos seus papeis de modo que têm merecido francos elógios. "Em Marcha, Brasil!", é uma péça de fundo nitidamente educativo e que contém diversos ensinamentos, destacando-se os de História do Brasil e os de Botanica, sendo, nesta parte, apresentado o bailado das plantas, em que funcionam, simultaneamente, quatro alçapões. No espetáculo de amanhã, como de hábito, serão distribuidos brindes e sorteados livros infantis, entre a criançada presente.

Mesmo à frente de cinco produções adultas naquele ano de 1941, Valdemar de Oliveira (além de *O Dr. Knock ou O Triumpho da Medicina* e *Primerose*, ele dirigiu também *Uma Mulher Sem Importância*, de Oscar Wilde, com estreia em 26 de julho; *O Processo de Mary Dugan*, de Bayard Weller, estreada em 11 de outubro; e *Por Causa de Você*, de Silvano Serra – pseudônimo do pernambucano radicado no Ceará, Joaquim Gomes Filho –, com estreia em 25 de dezembro, na cidade de Fortaleza) ainda anunciou o desejo de montar novo trabalho pelo Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa, sem revelar qual seria a obra dos autores escolhidos, Coelho de Almeida e João Valença, "uma peça de costumes sanjoanescos", segundo o *Jornal do Commercio* (27 de abril de 1941), mas o grupo chegou ao fim. Uma das justificativas, várias vezes lembrada nos jornais, era a dificuldade em ensaiar tantas crianças e encenar as peças em outro palco que não o do Teatro de Santa Isabel, já que era necessário aproveitar os intervalos entre as temporadas teatrais das companhias sulistas para aparecer.

A última ação do Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa em 1941, foi uma festa para celebrar o êxito das oito representações de *Em Marcha, Brasil!*, ainda em maio. Primeiramente, o elenco seguiu em bonde especial para conhecer as dependências da Escola Rural Modelo, inclusive o pavilhão de escoteiros, sendo recebido

por alunos e professores. Voltando ao Teatro de Santa Isabel, no salão nobre, houve lanche e distribuição de brinquedos e brindes oferecidos pelas empresas Carlos de Brito & Cia., Fábrica Pilar, Renda Priori, Cia. Fratelli Vita e Companhia Santa Clara, além de agradecimento especial à Associação Pernambucana de Escoteiros. Ao final, Valdemar de Oliveira revelou o movimento financeiro do grupo, suas despesas – sem pagamento a qualquer diretor do Grupo Gente Nossa – e fez doação da renda líquida para o Pavilhão Provisório de Menores. "A festa de domingo, á qual compareceram mais de 50 crianças, deixou a melhor impressão, sendo grande a animação dos presentes pelas futuras realizações do Theatro Infantil", registrou o *Jornal do Commercio* (25 de maio de 1941). Entre outubro e novembro de 1942, seis novas sessões de *Em Marcha, Brasil!* foram agendadas no Teatro de Santa Isabel, totalizando quatorze récitas. E o grupo terminou sua trajetória ali.

Somente em outubro de 1944, uma de suas peças infantis, *A Princesa Rosalinda*, voltou a ser lembrada quando o *Jornal do Commercio* (8 de outubro de 1944) noticiou o desejo do departamento infantil do Teatro Escola do Amazonas, composto por "diversos amadores da sociedade local" e tendo à frente o dr. Gebes Medeiros, de levar à cena esta opereta, com o autor convidado a assistir sua estreia. Mas tudo faz crer que a montagem não aconteceu, até porque Gebes Medeiros seguiu para São Paulo em 1945 e não há nenhuma referência a esta peça no repertório do grupo, como atesta o livro *Cenário de Memórias – Movimento Teatral em Manaus (1944-1968)* (2001, p. 25-224), dos pesquisadores Selda Vale e Ediney Azancoth. Vale citar que o Núcleo Theatral Getúlio Vargas, de Olinda, chegou a encenar, em 1941, a peça infantil *Zito, o Peralta*, comemorada por atingir sua 3ª apresentação em sequência, sem maiores indicações dos seus realizadores.

Também celebrando três récitas de muitos aplausos no Teatro de Santa Isabel, foi reapresentada a revista cívico-escolar *Coisas do Meu Brasil*, estreada no ano anterior, com autoria da senhora Maria Elisa Viegas. Já a "fantasia religiosa" *Noite de Natal*, dos irmãos Valença, cumpriu duas únicas sessões naquele mesmo palco, ambas no final de janeiro e atraindo famílias inteiras. No entanto, o grande destaque do ano foi mesmo a criação do Grupo Infantil de Comédias, com o recorde de récitas para crianças em 1941, dez no total, superando, inclusive, as oito sessões do Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa. Liderado pelo teatrólogo Valdemar Mendonça (o autor mais encenado naquele ano), o Grupo Infantil de Comédias tornou-se, inclusive, sinônimo de longevidade na produção cênica do Recife para o público mirim.

Pelo menos até a 1ª metade da década de 1940, poucas ainda foram as iniciativas teatrais voltadas à infância no Recife. Quem reinou quase absoluto neste período foi o diretor, dramaturgo, ator e radiator Valdemar Mendonça, que nos anos 1937 e 1938, junto ao ator Gerson Vieira, mantinha a Troupe da Bôa Vontade com espetáculos adultos no Theatro Livramento, no Feitosa; e em janeiro de 1942 integrou o elenco da peça *Coitado do Xavier*, original de Batista Carvalho e Agenor Chaves, no núcleo profissional do Grupo Gente Nossa, sob direção de Elpídio Câmara (esta equipe de profissionais, pa-

Valdemar Mendonça

TEATRO STA. ISABEL

Reentrada, em 1941, do TEATRO INFANTIL

Representação da grande revista civico-escolar

Em Marcha, Brasil!

2 atos e 17 quadros de VALDEMAR DE OLIVEIRA

Títulos dos quadros: 1º. — Higiene matinal. 2º. — O café. 3.º — Lição de musica. 4º. — Lição de Ciencias Fisicas. 6º. — Chuva de bolas. 7º. — O recreio. 8º. — Lição de Arithmética. 9º. — Lição de Historia Natural (bailado). 10º. — Descobrimento do Brasil. 11.º — Primeira missa no Brasil. 12º — Batalha dos Guararapes. 13.º — O Grito do Ipiranga. 14.º — A batalha do Riachuelo. 15.º — A proclamação da Republica. 16.º Os 18 de Copacabana. 17.º — Apoteose final.

DISTRIBUIÇÃO (pela ordem de entradas)

Everaldo Barreto e Silva, LUIS; Maria José Coutinho, LUCIA; Lenira Vilaça, CARMEN; Reinaldo de Oliveira, PEDRO; Ceres Trindade, JOSEFA; Cloris Passos, MAMAE; Valter Diernstein, PAPAI; Anita Dimenstein, PROFESSORA; Carminha de Amorim, LILITA; LUIS CARLOS F. CASTRO, JORGE; Anelise Cantinho Lobo, AGUA; Lisieux Gomes Pereira, U; Ilumirata Tavares, B 4 - BEIJA-FLOR; Terezinha Lobo, E - 5 - NUVEM; Carlos Roberto, SINAL DE B e O ZERO - BEIJA-FLOR; Terezinha Tabatchnik, 6; Leda Silva, 1; Leda Cavalcanti, SINAL DE SUBTRAÇÃO; José Cavalcanti, SINAL DE DIVISÃO; Fernando de Oliveira, SINAL DE murães, M 2 - PLANTA; Clara Tabatchnik, R 5 - NUVEM; Rosalinda Adler, S 8; Palmira Pereira, L e P; Nicéa Veloso da Silva, 1; Maurineti Veloso da Silva, PEDRO ADIÇÃO; Otavio Rodrigues Filho, SINAL DE DIVISÃO; Raul Rotman, SOL; Rivaldo Veloso da Silva, PEDRO IGUALDADE; Maria Lis Faria, NATUREZA; PLANTA; Maurineti Veloso da Silva, PEDRO Edissa Bancovsck, BEIJA-FLOR; Moacir Ferreira, INDIO; José Cavalcanti, JESUITA; Iracema Ferreira, Maria Lobo, BEIJA-FLOR; Marlena Campos, ESCOTEIRO CHEFE; ALVARES CABRAL; Clovis Passos, COLONO; José Maria Soares, ESCOTEIRO CHEFE; MÃE PRETA;

Uma patrulha e uma banda de clarins da Associação Pernambucana de Escoteiros.

As reproduções das telas dos quadros 12.º, 15.º e 16.º são de autoria de Baltazar da Camara; as dos quadros 10.º e 11.º são de Mario Nunes; a do 13.º, de Alvaro Amorim; a do 14.º, de Carlos Amorim.

O bailado do 9.º quadro foi ensaiado pelo casal Lidia Morel — Raul Celada.

DIRETOR DE CENA - Valter de Oliveira — PONTO - Abelardo Cavalcanti — CONTRAREGRA - Francisco Miranda — MAQUINISTAS - José Barros e João Alves — ELETRICISTA - Anibal Mota.

DIREÇÃO GERAL E REGENCIA DO AUTOR

PREÇOS POPULARES

Em Marcha, Brasil!

ralela ao núcleo amador liderado por Valdemar de Oliveira no Grupo Gente Nossa, ficou restrita aos anos 1941 e 1942). Foi no dia 2 de maio de 1941 que Valdemar Mendonça, provavelmente influenciado pelas matinais dominicais do Teatro de Santa Isabel, lançou o Grupo Infantil de Comédias, conjunto que perdurou por mais de 25 anos ininterruptamente e, assim como o Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa, tinha caráter amador. No elenco, somente crianças.

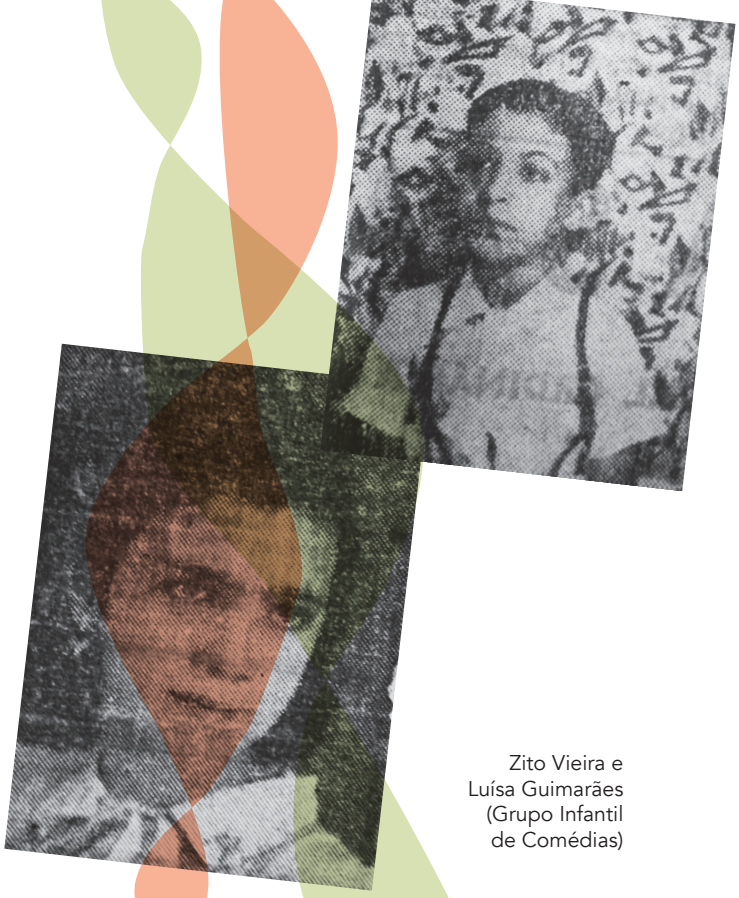
As primeiras sessões aconteceram no Cine-Teatro Olinda do Feitosa, com a peça de sua autoria *Fruto da Terra*, a preços populares, mas diversos outros palcos também foram ocupados pela equipe, como o Teatro de Santa Isabel (raramente, mas com 1ª sessão ainda em dezembro de 1941, no mesmo ano de seu surgimento), além de centros operários dos subúrbios recifenses, o Teatro do Dérbi – quando voltou à ativa em 1949 – e, mais à frente, o Centro Paroquial Frei Casimiro, junto à Matriz de Nossa Senhora do Bom Parto, na Estrada de Belém, no bairro de Campo Grande, que se tornou sua principal sede a partir de maio de 1953, graças ao apoio do cônego Gilberto Carneiro Leão. Lá, as estreias aconteciam quase que mensalmente, priorizando textos com caráter educativo e religioso. Ao final de cada apresentação, era comum abrir espaço para um ato variado, inclusive com números musicais, além da distribuição de presentes.

No Cine-Teatro Olinda do Feitosa, por exemplo, em 1942 (quando realizou um total de 16 récitas, no mesmo ano do término do Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa, com as seis derradeiras sessões de *Em Marcha, Brasil!*), o Grupo Infantil de Comédias apresentou num domingo, às 14 horas, a burleta *Quem Será o Palhaço?*, texto de Valdemar Mendonça, com música de Lourival Santa Clara. Nos intervalos, foram sorteados brindes entre as "senhorinhas" e crianças presentes. Posteriormente intitulada como "comédia carnavalesca em 2 atos", a montagem voltou em 1945 àquele mesmo palco para homenagear seu benemérito, o pintor João Pimentel. Na ocasião, o elenco finalmente começou a ser divulgado: Ana Borba, Maria Guimarães, Isabel Barbosa, Nadeje Albuquerque, Reginaldo Sousa, Humberto Neves, Maria Borba, Edvaldo Barreto, Angélica Oliveira e Jeanino Darcy. De acordo com o jornal *Folha da Manhã* (4 de fevereiro de 1945), foi promovido ainda um Concurso de Passo, "com premios de lança-perfumes, camisas esportivas e sapatos tenis", além de um passa-tempo intitulado *Valores Novos*, com prêmio em dinheiro e a possibilidade do vencedor integrar-se ao elenco do Grupo Infantil de Comédias. O espetáculo foi finalizado com "um ato variado a cargo de vários elementos do Grupo, inclusive Elisabete Bezerra (A baianinha)", segundo aquele mesmo jornal.

Em 1943 um dos destaques foi a revista em 2 atos e 4 quadros *Você Me Conhece?*, com letra

de Valdemar Mendonça e música de Lourival Santa Clara, que contou com a participação da Jazz Madeira do Rosarinho, no Cine-Teatro Olinda do Feitosa, apresentada em vesperal carnavalesca dedicada ao redator-secretário do jornal *Folha da Manhã*, Cleofas de Oliveira, parceiro na divulgação do grupo. Ainda constam no seu repertório, *O Rouxinol da Fazenda e A História do Mendigo*, do próprio Valdemar Mendonça; *A Madrasta*, de Amélia Rodrigues; *Rosinha, a Filha do Bosque*, de José Emídio de Lima; e *Amor Materno*, de Jomar Austregésilo, com destaque para textos de cunho religioso como *Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo*, de Carlos Góis, e *As Flores da Padroeira* e *Santa Terezinha do Menino Jesus*, mais duas obras escritas por Valdemar Mendonça, entre outros títulos. Assim como na alternância de espetáculos, a de elencos também era constante. Na comemoração do 13° aniversário do Grupo Infantil de Comédias, em 1954, Valdemar Mendonça deu um testemunho ao jornal *Folha da Manhã* (6 de maio de 1954) sobre suas enormes despesas, ainda que à frente de um grupo amador:

> Sómente quem convive no ambiente teatral pode avaliar quanto é dispendioso manter-se um conjunto dessa natureza. (O grupo) possui um certo número de auxiliares, relativo ao de uma companhia teatral, os quais como é natural, trabalham mediante remuneração. São êles o "ponto", maquinistas, porteiro, bilheteiro, pintor de télas que anunciam os espetáculos, cenógrafo, conjunto regional de musica para acompanhamentos de números de canto, controlista de som e serventes. Temos, ainda, despesas de passagens de ônibus para os artistas que residem longe do local onde ensaiamos, medicamentos para nossa farmácia de emergência, além de outras despesas imprevistas. A pequena ajuda oficial, que o Grupo vem recebendo desde 1948, este ano veio mais reduzida do que no ano anterior. Por êsse motivo, tenho lutado com grandes dificuldades, sacrificando até parte do meu ordenado, a fim de não assistir á destruição da obra que edifiquei há tantos anos, a qual tem sido de grande utilidade para as crianças, que têm diversão apropriada e sadia. (...) Temos em nosso repertório, exclusivo 47 peças, inclusive obras religiosas, sacras, comédias e peças dramáticas; entre elas constam algumas que ainda não montamos por falta de verba suficiente.



Zito Vieira e Luísa Guimarães (Grupo Infantil de Comédias)

Até aquele ano, 1954, o grupo já havia contabilizado a impressionante quantidade de 170 espetáculos (todos com a presença do ponto), "inclusive diversos em beneficio de instituições pias e religiosas, em varios teatros", conforme a mesma matéria do jornal *Folha da Manhã*. Naquele momento, o elenco era composto pelos artistas Janete Pessoa, Vilma Dias, Mariana Andrade, Conceição Marques, Lourdinha Andrade, Vânia Lacerda, Luiza Guimarães, Sônia Maria, Marlene Sousa, Marli Sousa, Marilene Sousa, Roserval Barbosa, Marçal Arruda, Carlos Roberto, Jeferson Sousa e Luiz Vanderlei. Na imprensa, críticos como Isaac Gondim Filho e Valdemar de Oliveira ressaltaram a ingenuida-

de artística da equipe, sempre com uma "lição de moral" presente em cada peça apresentada, mas valorizaram a iniciativa de Valdemar Mendonça, diretor exclusivo de todos os trabalhos, ao introduzir muitos meninos e meninas na arte teatral. Sob o título *De Calças Curtas*, Joel Pontes teceu o seguinte comentário no livro *O Teatro Moderno em Pernambuco* (1966, p. 56-57):

> O Grupo Infantil de Comédias teve o elenco exclusivamente composto de crianças, o que lhe dava certo caráter de "fechado" e impossibilitava a manutenção demorada do mesmo naipe de atores. Não obstante, enquanto funcionou, amparou muitas vocações que, na idade adulta, se tornaram utéis às estações de rádio e de televisão, mais do que ao teatro: Luís Queiroga e J. Rodrigues, entre outros. Fundado a 2.5.41, um mês depois do TAP, o Grupo nunca teve outro diretor de espetáculos além do seu responsável geral, Valdemar Mendonça, antigo ator e radiator. Escreveu ele, para o seu conjunto, mais de 20 peças não se interessando em editar nenhuma por considerá-las exclusivas do Grupo. (...) Registre-se, portanto, a abnegação extrema, de mais de trinta anos de trabalhos empregados por um homem pobre, sem nenhum proveito pessoal (as rendas se destinavam a instituições pias), sem procurar sequer usufruir os méritos de escritor. Não os ponho em discussão, nem creio que as finalidades do grupo sejam atingidas – "proporcionar às crianças o desenvolvimento cultural e artístico" – mas não se pode passar sem uma referência de humana compreensão pelo esforço de uma vida inteira, quando existe nela a cândida certeza de que é assim que se deve ensinar às crianças o amor do teatro. Se no futuro elas chegam a entender que não é "aquêle" o teatro, não faz mal, muito pelo contrário; essa compreensão dará ao diretor do GIC a sua exata dimensão. Alguns outros autores do repertório: Heronides Silva, Jomar Austregésilo, Sotero de Souza, pernambucanos; Carlos Góis, Figueiredo Pimentel e Frei Pedro Sinzig. Os espetáculos sempre terminavam com um ato variado: canções, recitativos...

Em maio de 1966, o Grupo Infantil de Comédias comemorou 25 anos de atividades ininterruptas. No ano seguinte, a equipe integrou o I Festival de Teatro de Pernambuco (Fetepe), organizado pela Associação Profissional de Atôres Teatrais, Circenses, Cenógrafos e Cenotécnicos de Pernambuco, de 31 de outubro a 13 de novembro de 1967, no Teatro de Santa Isabel, com a peça *A Madrasta*, de Amélia Rodrigues. O evento tinha caráter competitivo, mas o Grupo Infantil de Comédias participou como *hours concours* devido à sua importância, hoje praticamente esquecida. Provavelmente a morte de seu mentor, em data ainda não encontrada por esta pesquisa, deve ter posto fim à continuidade do grupo.

Nos primeiros anos da década de 1940, além das poucas apresentações para crianças no Teatro de Santa Isabel ou nos cineteatros dos subúrbios, que desapareciam paulatinamente, um outro importante pólo a receber programação também para a meninada era o Teatro de Variedades que funcionava no Parque 13 de Maio, no centro do Recife ("ao alcance de todas as vistas por mais afastado que se encontre o espectador", como divulgado na imprensa). Isto durante a Festa da Mocidade, evento anual promovido pela Casa do Estudante de Pernambuco desde 1937, quase sempre entre os meses de novembro a março. Na sua VI edição, por exemplo, em 1942, foi lançada a *Tarde do Gurí Pernambucano*, com "o trampolim dos calouros infantis" – a competição era uma atividade sempre presente – e distribuição de bombons às crianças. Ainda

naquele ano era possível conferir o ventríloco Cilário Ribeiro, com a apresentação dos bonecos Pirolito e Rapadura; a Charanga de Mestre Zé e barracas de prendas e jogos.

No grandioso evento, que perdurou por mais de três décadas, uma série de atrações nacionais e internacionais do teatro, do rádio, da dança, da música e dos esportes se exibiam em revezamento constante, além do espaço aglutinar parque de diversões, o "Presépio Maravilha", lutas greco-romanas, exibições de dupla caipira, bonequeiros, comediantes – em 1946, por exemplo, a *Grande Vesperal Infantil* era comandada por Arí Guimarães e o destaque era um concurso de iôiô – e a anual escolha da Rainha da Festa da Mocidade. Em 1947, a *Vesperal Infantil* do Teatro de Variedades, além de promover concurso de calouros infantis nos domingos e feriados, apresentava o *Programa Expresso Azul*, com distribuição de vários prêmios e, curiosamente, naquele momento, todos os artistas que trabalhavam nos shows noturnos também se exibiam nas tardes para a criançada, sob o comando do humorista Zé Coió, animador dos espetáculos. Entre as atrações, os acrobatas humorísticos Duran Brothers; o conjunto de acrobatas mexicanos Los Colegiales; a sambista Flora Matos; Ataulfo Alves e suas pastoras; os cantores Francisco Carlos e Maria Dandall, esta última mexicana; e o sanfonista Luiz Gonzaga, ainda em início de carreira e mais tarde aclamado como o Rei do Baião. O Parque de Diversões Shangal e barracas de prendas e jogos passa-tempo também dividiam a atenção da meninada.

Voltando a 1942 (ano em que a guerra impediu a vinda de companhias de fora ao Recife e cinemas como o Eldorado e Art-Palácio programavam matinais infantis com películas educativas), na capital pernambucana foi fundado o Teatro Escola, com a professora Maria Elisa Viegas de Medeiros à frente, uma das colaboradas de Valdemar de Oliveira na condução da 1ª versão de *A Princesa Rosalinda* e cuja filha, Maria Auxiliadora Viegas de Medeiros, integrou o elenco de *Em Marcha, Brasil!*. O lançamento do Teatro Escola aconteceu com a revista *Quando a Vida Sorri...*, que contabilizou quatro representações no Teatro de Santa Isabel. No ano seguinte, as educadoras Celeste Dutra – cujo filho, Carlos Roberto, também compôs o elenco de *Em Marcha, Brasil!* – e Maria do Carmo Regueira Costa – grande parceira de Valdemar de Oliveira na montagem dos seus infantis – foram designadas para "servir nesse importante setor de ensino primário", como declarou Valdemar de Oliveira no *Jornal do Commercio* (10 de fevereiro de 1943), com produção de espetáculos teatrais em caráter escolar. Também de 1942 é a encenação da revista *Alma de Marinheiro*, pelas alunas da Escola Normal Pinto Júnior, com duas récitas no Teatro de Santa Isabel.

Jondecilda Freitas e Sônia Maria (Grupo Infantil de Comédias)

Em 1943, enquanto apenas uma companhia adulta visitava o Recife, curiosamente de nome Teatro de Guerra, dirigida por Raul Roulien e duramente criticada por seu valor artístico, o Teatro de Amadores do Grupo Gente Nossa, como ainda era chamado o TAP, foi firmando

Jeferson Barbosa e Maria do Carmo (Grupo Infantil de Comédias)

sua qualidade no "rígido programa de difusão das grandes obras do teatro universal", conforme lembrou o *Jornal do Commercio* (30 de janeiro de 1944), com quatro encenações naquele ano: *Oriente e Ocidente*, de Somerset Maugham; *A Evasão*, de Eugène Brieux; *O Instinto*, de Henry Kistemaeckers; e *O Leque de Lady Windermere*, de Oscar Wilde, todas sob direção de Valdemar de Oliveira. No gênero teatro para crianças, continuou ressaltada a atuação do Grupo Infantil de Comédias, liderado por Valdemar Mendonça. Por diversos palcos da cidade, a equipe apresentou um total de 14 sessões com as seguintes peças: *As Flores da Padroeira*, *O Canto do Sabiá*, *Céu do Meu Brasil*, *Dindinha Lua*, *Cenas e Melodias*, *A Filha do Operário*, *Você Me conhece* e *O Rouxinol da Fazenda*, criações do seu próprio diretor; além de *Frutos da Terra*, de Heronides Silva; *O Nascimento de Jesus*, de Carlos Góis, todas com música do maestro Santa Clara, além do drama *Amor Materno*, de Jomar Austregésilo.

Ainda para a criançada, foi incluída na retrospectiva do ano de 1943 divulgada pelo *Jornal do Commercio* (30 de janeiro de 1944), a revista infantil *Um Dia no Brasil*, de autoria da professora Maria Elisa Viegas de Medeiros, organizada pelo Serviço de Rádio-Teatro Educação, da Secretaria do Interior. A montagem foi levada à cena três vezes no Teatro de Santa Isabel. Nos anos seguintes, continuou a ser o Grupo Infantil de Comédias o símbolo do teatro direcionado à infância no Recife. Em 1945, com a vinda da Companhia de Revistas João Fernandes ao Teatro de Santa Isabel, a criançada foi lembrada com vesperal oferecida pela Diretoria de Reeducação e Assistência Social. A equipe carioca trouxe ao Recife uma série de revistas para adultos, como *Fora do Eixo*, de Luiz Iglesias e Freire Júnior, mas programou uma sessão especial à meninada. Segundo a imprensa, esta temporada de "teatro ligeiro" estava "às moscas". Já na Festa da Mocidade daquele ano, o destaque foi Vidondo e Seus Bonecos, com apresentações todos os domingos e feriados, além de distribuição de bombons à criançada.

Um dado interessante aconteceu no ano de 1947. Enquanto registra-se a fundação do Teatro Infantil de Olinda; no Recife, a Secretaria de Saúde e Educação comemorou a Semana da Criança, de 10 a 17 de outubro, com um "grande movimento de propaganda e educação popular, destinado a chamar a atenção pública para os problemas de proteção e assistência à infância", conforme o *Jornal do Commercio* (27 de setembro de 1947). Como Pernambuco vinha apresentando índices alarmantes de pobreza e mortalidade infantil, o tema finalmente ganhou destaque neste momento e várias entidades resolveram participar com ações em todo o estado. Os problemas da criança passaram, então, a ser discutidos e diversos grupos escolares recifenses criaram festas em benefício das instituições voltadas à infância, com o teatro praticado por meninos e meninas sendo uma das atrações. Foi o caso do Grupo Escolar Amauri de Medeiros, do Grupo Escolar José Maria – que levou à cena a comédia *Nem Tudo Que Brilha é Ouro*; do Grupo Escolar Pedro Celso, do Teatro Paroquial do Barro, ligado à Congregação da Doutrina Cristã; do Colégio Americano Batista – que encenou o "bailado fantasia" *Ao Rom-*

per da Madrugada e o drama *Branca de Neve*, em 3 quadros; do Grupo Escolar Manuel Borba e do Preventório Bruno Veloso – com a "suíte infantil" *O Sapo Dourado*, de Heckel Tavares e Marta Dutra. As apresentações aconteceram nas próprias instituições ou, raramente, no Teatro de Santa Isabel. E o teatro praticado nas escolas ganhou destaque com isso.

Naquele ano de 1947, além da presença do Circo Nerino, armado no bairro de Água Fria como opção de diversão para toda a família – a vinda de circos ao Recife era constante já há algum tempo, principalmente nos últimos meses de cada ano, numa época em que ainda era possível ver dramas circenses em suas programações –, o Teatro de Santa Isabel também recebeu a turnê do Orfeão Infantil Mexicano, após êxito de apresentações no Rio de Janeiro e São Paulo. O conjunto coral, formado por crianças dos oito aos quatorze anos, sob a regência do maestro Alarcon, foi apresentado por três noites seguidas, com o Juizado de Menores liberando a entrada de crianças acima dos dez anos. Mas, apesar de toda a propaganda feita pelo jornalista Valdemar de Oliveira recomendando-o, o público não foi o esperado.

Na área cinematográfica, para compensar a falta de sessões voltadas a todas as idades, o empresário Antônio Barreto estreou o Baby Cinema, no Edifício Trianon, bem no centro do Recife, inicialmente com projeções mudas. Em setembro do mesmo ano, ele adquiriu aparelhagem sonora e inaugurou o Baby Cinema Sonoro, com sessões contínuas das 14 às 18 horas, aos sábados, levando-o também para festas de aniversário e outras reuniões infantis particulares. Segundo o *Jornal do Commercio* (3 de setembro de 1947), a programação contava com "filmes naturais, desenhos animados, comédias, etc.". Somente dois anos depois, em 1949, no dia 1 de novembro, o Baby Cinema passou a funcionar no Edifício Sertã, sala 101, ainda no centro do Recife, aumentando para 27 o número de salas cinematográficas em atividade naquele momento. De acordo com o *Jornal do Commercio* (8 de novembro de 1949), lá eram exibidas "pequenas comédias, desenhos animados e shorts", com projeções diárias das 13h30 às 17h30, às vezes com matinal das 9 às 12 horas, ainda sob o lema da exclusividade "somente para crianças". As sessões contínuas aconteciam de hora em hora. Mas a ideia, infelizmente, não vingou.

Segundo o pesquisador Marco Camarotti no artigo *História do Teatro Para Crianças em Pernambuco* (disponível em: http://www.cbtij.org.br/arquivo_aberto/historia/teatro_pe.htm. Acesso em: 16 de abril de 2010), no ano de 1948 foi inaugurado o Departamento de Extensão Cultural e Artística (DECA) da Secretaria de Educação e Cultura de Pernambuco, que, ao que tudo indica, é uma evolução do Teatro Escolar lançado pela professora Maria Elisa Viegas de Medeiros. Tanto que uma de suas colaboradoras, a também professora e poetisa Celeste Dutra, ocupou o cargo de chefe do Setor Pré-Dramático daquela instituição, na qual revelou-se como autora de várias obras apresentadas, as revistas infantis *Retalhos Coloridos*, *No País do Sonho* (ambas de 1948) e *Nossos Avós Contaram... (1952)*, todas dirigidas por ela no Teatro de Santa Isabel. Desde sua criação, o DECA manteve um Serviço de Teatro Escolar com peças interpretadas por crianças, adolescentes e adultos, estudantes e funcionários de colégios recrutados, inclusive enveredando pelas linguagens do teatro de fantoches e do teatro de sombras. Com dezenas de peças encenadas por artistas como Maria José Campos Lima, Beatriz Ferreira e Walter de Oliveira, o grupo manteve-se ativo até 1966. Mais à frente, novos detalhes sobre os seus espetáculos.

Aqui, vamos dar um pulo ao Rio de Janeiro para acompanhar a trajetória da obra que é um marco para o teatro infantil no Brasil: *O Casa-*

co Encantado, estreada em 1948. Em termos profissionais, esta foi a 1ª montagem teatral para crianças no país, já com atores adultos no elenco e lançamento da carioca Lúcia Benedetti como dramaturga, pela companhia Os Artistas Unidos, sob direção de Graça Mello – em sua estreia nesta função – e Henriette Morineau, atriz e diretora francesa radicada em terras cariocas. No elenco, além dos próprios diretores, estavam Ambrósio Fregolente, Dary Reis, Flora May, Marta Castro, Nilson Penna, Jacy Campos, Nieta Junqueira, Lucile Perrone e Orlando Guy. A música foi composta pelo maestro Renzo Mazzarani e os figurinos e cenários, criações do ator Nilson Penna. O curioso é que esta peça infantil teve uma *avant-première* à meia noite, somente para artistas, intelectuais e jornalistas.

Elogiada pela imprensa e pelo público, *O Casaco Encantado* conseguiu se manter em cartaz por mais de quatro meses, no Teatro Ginástico, com grande sucesso comercial na então capital federal do Brasil. Não era raro fazer quatro sessões diárias, às 14, 16, 18 e 20 horas. Com esta 1ª montagem teatral profissional para crianças, que revelou uma dramaturgia específica para o gênero sem o caráter didático tão presente naquele momento, a dramaturga Lúcia Benedetti foi aclamada como "revelação de literatura cênica" pela Associação Brasileira de Críticos Teatrais, que ainda concedeu o prêmio de cenógrafo estreante para Nilson Penna. No ano seguinte, ainda por este seu 1º texto, Lúcia Benedetti, que escreveu outros sucessos como *Simbita e o Dragão*, *Branca de Neve* e *Josefina e o Ladrão*, conquistou o Prêmio Arthur Azevedo, concedido pela Academia Brasileira de Letras na categoria teatro.

Foi em março de 1949 que *O Casaco Encantado* chegou ao Recife para curta temporada no Teatro de Santa Isabel, com matinais a partir do dia 6, aos domingos, às 10 horas, até 3 de abril (neste momento, a garota Marília Pêra integrava o elenco). A peça era a única voltada ao público infantil de todo o repertório da companhia Os Artistas Unidos, no qual constavam montagens adultas como *Frenesi*, de Charles de Peyret-Chappuis; *O Pecado Original*, de Jean Cocteau; *Elizabeth da Inglaterra*, de André Josset e *Uma Rua Chamada Pecado*, de Tennessee Williams. A excursão estava sendo patrocinada pelo Serviço Nacional de Teatro e Ministério da Educação e Saúde. A imprensa registrou que a capital pernambucana foi a 1ª cidade do "Norte" do país a ser visitada. É claro que a repercussão deste "espetáculo dedicado à petizada" foi das melhores possíveis e reforçou que o teatro para crianças poderia ser encarado como arte em sua maior amplitude, inclusive entre profissionais, algo que já estava perto de acontecer no Recife.

No entanto, antes do lançamento da profissionalização do setor, eram os amadores e estudantes que ainda dominavam o mercado teatral local. Um destaque era o Teatro do Estudante de Pernambuco (TEP), que reunia estudantes acadêmicos, especialmente da Faculdade de Direito do Recife, e teve três fases distintas. A 1ª, em 1940, com a montagem do texto adulto *1830*, de Paulo Gonçalves, no Teatro de Santa Isabel, sob direção de Raul Prysthon, com breve orientação de Valdemar de Oliveira. A 2ª, a partir de 1943 e até 1945, inicialmente com alunos de faculdades e colégios tentando arrecadar fundos para a Campanha do Ginasiano Pobre, sob coordenação de Felipe Gomes. Levavam somente peças adultas para os Centros Educativos Operários pertencentes ao Serviço Social Contra o Mocambo, do Governo do Estado, além de cidades como Moreno e Caruaru, no interior pernambucano, e João Pessoa, na Paraíba. Entre os espetáculos do período, com diretores como Raul Prysthon e Gerson Vieira contratados, *Um Escorrêgo*, *O Presente de Noiva*, *O Médico de Cabrobó* e *Era Uma Vez Um Vagabundo...*, sempre acompanhados da exibição de um filme ou números de canto e humor.

A 3ª fase, a mais fecunda, teve início em 1946, sob o comando de Hermilo Borba Filho, com montagens de textos clássicos e de autores nordestinos, objetivando um teatro que se destinava ao povo, mas com peças de alto valor artístico, em contraponto à 2ª fase do grupo. Foi neste período que optaram também por uma montagem com bonecos, para atingir pessoas de todas as idades, exatamente em 1948, mesmo ano de lançamento da peça *O Casaco Encantado*, no Rio de Janeiro. Segundo o pesquisador Luiz Maurício Carvalheira no livro *Por Um Teatro do Povo e da Terra – Hermilo Borba Filho e o Teatro do Estudante de Pernambuco* (1986, p. 182), a peça escolhida foi *Haja Pau*, texto de José de Moraes Pinho, com música de Capiba e cenários, bonecos e "mise em scène" assinados por Aloísio Magalhães, Ariano Suassuna e o titiriteiro popular Cheiroso.

Departamento de Bonecos do Teatro do Estudante de Pernambuco (TEP)

A estreia aconteceu no lançamento da Barraca, um teatro que deveria ser ambulante, inspirado em iniciativa do espanhol Federico García Lorca, numa renúncia à sala de espetáculos oficial do Recife, o tradicional Teatro de Santa Isabel. Mas, por força de sua construção pela Base Naval do Recife, que o fez pesado e de grandes proporções, este teatro manteve-se fixo no Parque 13 de Maio, com lançamento em 18 de setembro de 1948 e público estimado em três mil pessoas. O programa apresentado naquela noite constava de um espetáculo em dois atos, sendo a 1ª parte aquela peça de mamulengo baseada numa lenda nordestina. Ainda no livro *Por Um Teatro do Povo e da Terra – Hermilo Borba Filho e o Teatro do Estudante de Pernambuco* (1986, p. 182), registrou Luiz Maurício Carvalheira:

> Os bonecos representavam num pequeno palco, colocado no centro da Barraca, e eram manipulados por Maria Tereza Leal, Epitácio Gadelha, Dulce Cavalcanti e Gilberto Borba, que trabalhavam sob a direção de Aloísio Magalhães, responsável por este "Departamento de Bonecos" do TEP.

Seguiram-se números musicais e declamações, inclusive poemas de Lorca, ainda na 1ª parte do ato variado. No segundo e último momento foi representado o texto adulto *Cantam as Harpas de Sião*, de Ariano Suassuna, dirigido por Hermilo Borba Filho. Novas sessões aconteceram nos dias 9 e 10 de outubro, ainda na Barraca. Utilizando a carroceria de caminhões, o mesmo programa foi levado, posteriormente, a diversos subúrbios da capital pernambucana – como na Vila dos Comerciários, a convite do SESC, e à Destilaria do Cabo de Santo Agostinho, na Região Metropolitana do Recife – e cidades do interior. Entre outros lugares, *Haja Pau* ainda foi apresentado no Largo de Casa Forte e no Colégio Anchieta.

Antes da estreia do segundo espetáculo preparado por este Departamento de Bonecos do TEP, que reuniu três peças curtas e inéditas de autores pernambucanos em sessão na Escola Industrial da Encruzilhada para uma plateia de sócios contribuintes do grupo, Hermilo Borba filho comentou no jornal *Folha da Manhã* (16 de dezembro de 1948) sobre a dramaturgia a ser revelada:

> Pelópidas Soares, de Catende, aparece, pela primeira vez em cena, com a sua "O galo capeta", baseado numa lenda nordestina. Não será exagero dizer-se que ele possui boas qualidades, principalmente manejando uma história tão de sabor regional quanto esta que escreveu, onde a credulidade da gente do povo se alia, também, à eterna desconfiança conjugal. A outra peça – "Mãe da lua", de José de Moraes Pinho – confirma as virtudes do autor de "Haja pau", que se deveria especializar em peças para bonecos, pois ele possui a justa dose para esse gênero de espetáculos. Continuando a minha tentativa de teatralizar as assombrações do nordeste iniciada com o "Auto da mula de padre", apresentarei "A cabra cabriola", com música de Capiba, onde procurei caricaturar o bicho que come menino, aligeirando a lenda, tornando-a quase uma farsa. Cumprimos, com esse espetáculo de sábado, a promessa de aproveitar os assuntos do povo, valorizando-os e fazendo-os voltar ao meio de onde se originaram.

Na ficha técnica, constavam cenários de Aloísio Magalhães, luz de Salustiano Gomes Lima, bonecos de Cheiroso e, tomando parte na representação, "fazendo as vozes dos bonecos", Ariano Suassuna, Gilberto Freire Borba, Alaíde Portugal, Ana Canen, Genivaldo Wanderley, Epitácio Gadelha, José Guimarães Sobrinho, Gilvan Barbosa, Gastão de Holanda, Fernando Maranhão e Francisco Sepúlveda. Pouco depois, com a ida de Aloísio Magalhães ao Rio de Janeiro por um bom tempo, o Departamento de Bonecos do TEP, que estava sob sua coordenação, foi desativado. Somente no dia 22 de março de 1952, um sábado, com sessão noturna às 20h30, já no Teatro de Santa Isabel, o Teatro do Estudante de Pernambuco estreou uma outra montagem, agora assumidamente para crianças, composta por três peças em 1 ato escritas originalmente para bonecos (mas, aqui, montadas com atores, numa decisão do diretor), todas baseadas em histórias do Nordeste. Foram elas: *Mãe da Lua*, de José de Moraes Pinho; *A Cabra Cabriola*, de Hermilo Borba Filho (que retornavam ao repertório do grupo); e *A Caipora*, de Genivaldo Wanderley, diretor geral da montagem. "Ao me confiar a direção desse espetáculo para crianças, Hermilo deu inteira liberdade, inclusive na escolha das pessoas", disse o diretor em entrevista a Luiz Maurício Carvalheira em livro aqui já citado (1986, p. 217).

O trabalho contava com músicas de Capiba e cenários e figurinos de Heráclito Campello. Ainda na equipe técnica, Alceu Domingues Esteves e Aloísio Pereira como maquinistas; e Aníbal Mota como eletricista (iluminador). No elenco, com quase todos desdobrando-se em mais de um personagem, Carlos Roberto Penante, Paulo Alcântara (o conhecido e saudoso ator Sebastião Vasconcelos, que assumia pseudônimo no teatro para evitar problemas na família), Margarida Cardoso, Pugliesi Branco, Suzete Marques, Maria Campos, Maria José Campos Lima, José Pinheiro, Maria Clélia Barbosa de Oliveira, Gesilda de Andrade, Yara Lins, Ana Canen e o próprio diretor, Genivaldo Wanderley. Houve matinal no domingo posterior à estreia, no dia 23 de março de 1952. No total, a peça cumpriu sessões entre março e abril daquele ano, primeiramente aos sábados

e domingos, no Teatro de Santa Isabel, passando depois a ser representada no Teatro do Dérbi e em outros lugares. Luiz Maurício Carvalheira registrou ainda no seu livro comentário de Hermilo Borba Filho para o jornal *Folha da Manhã* (26 de maio de 1952):

> O Teatro do Estudante de Pernambuco, desta vez sob a direção de Genivaldo Wanderley que, bom ator, revelou-se como diretor com as pecinhas em um ato, anda fazendo uma coisa que sempre me entusiasmou: o rodízio por vários lugares da cidade e dos subúrbios, descentralizando o local clássico de qualquer representação teatral, que é o Santa Isabel. Esteve ontem no Teatro do Dérbi, no outro domingo estará no Cine Rivoli de Casa Amarela. Esteve, também, no Colégio Estadual apresentando apenas "A caipora", num espetáculo dedicado aos alunos daquele famoso educandário e agradou em cheio (...) O TEP revive, assim, um pouco do seu antigo programa.

Dois críticos, em especial, teceram elogios à iniciativa. Valdemar de Oliveira, que não considerou a montagem apropriada aos espectadores infantis, escreveu no *Jornal do Commercio* (26 de março de 1952):

> Um belo espetáculo, o que nos ofereceu, há dias, o Teatro do Estudante de Pernambuco, com três peças em 1 ato. Belo pela expressiva intenção dos originais, belo pela montagem e pelo desempenho, belo pelo caráter artístico que lhe imprimiu Genivaldo Wanderley, com a colaboração, que me pareceu verdadeiramente preciosa, de Heráclito Campelo. (...) O equilíbrio das representações, devido à revelação de diretor que é Genivaldo Wanderley, beneficiou grandemente da cenografia de Heráclito Campelo, que é, no gênero, a figura mais expressiva da nova geração de homens de teatro, do Recife de hoje. Esplêndidas, as suas concepções, do mesmo modo que o seu desenho e as suas côres. As três peças se equiparam como traduções artísticas de histórias de assombrações do Nordeste – e constituem inteligente valorização do folclore sertanejo, de uma riqueza sem par, só agora aproveitada, como convém, pela cena. "Mãe da Lua", de José de Morais Pinho, é a de melhor teatralidade. Tôdas, porém, tiveram desempenho elogiável, que marcou um dos espetáculos de maior rendimento artístico do Teatro do Estudante. Vale assinalar – sem falar nos elementos tomados por empréstimos a outros conjuntos amadoristas – a presença, no palco, de outros, estreantes, que se fizeram notar por uma atuação muito promissora, tais como Maria Campos, Suzete Marques, Iara Lins e Maria José Campos Lima – estas últimas, principalmente, à vontade em seus papéis. Dos veteranos não falemos, que se foram bem, mas, anotemos a atuação de Pugliesi Branco, muito bom no Padre e na Cabra Cabriola, embora um tanto excessivo em "A caipora" – defeito que foi do próprio diapasão cômico impresso ao desempenho geral. Uma boa nota, por fim, nas três crianças, que animaram

A Caipora

grandemente os quadros de que participaram. Um bom espetáculo, que não me parece, todavia, dos mais indicados para espectadores infantis.

Já o crítico J. B., ainda no *Jornal do Commercio* (1 de abril de 1952), parece responder a esta inquietação de Valdemar de Oliveira:

> Os três originais, com o desempenho que lhes foi dado pelo elenco do T.E.P., convencem e atingem plenamente as finalidades para que foram escritas, isto é, para crianças. Senti de perto a magnífica reação da petizada presente ao teatro, naquela tarde, e vi como as crianças apreciaram o desenrolar do trabalho. As três lendas nordestinas, aproveitadas pelos autores, foram muito bem tratadas, deixando, como se esperava, o ensinamento moral, muito sutil no espírito das crianças. (...) Quanto à direção e à "mise-em-scene" de Genivaldo Wanderley, não se podia esperar menos de um poço bem intencionado e que se criou, artisticamente, nos rígidos princípios do Teatro do Estudante de Pernambuco, na realização de um teatro honesto e capaz de contribuir para a renovação da cena brasileira, conforme o programa que aquela entidade se traçou e de que ele é um dos sustentáculos mais firmes.

Este foi o penúltimo trabalho levado à cena pelo TEP que, em 18 de setembro de 1952, estreou a "farsa poética em três atos", *Três Cavalheiros a Rigor*, texto de Hermilo Borba Filho, que ganhou direção do colombiano Enrique Buenaventura. Após cinco apresentações no Teatro de Santa Isabel, com crítica e público desfavoráveis, a montagem marcou o fim do Teatro do Estudante de Pernambuco. De 10 a 23 de fevereiro de 1953, Hermilo publicou na *Folha da Manhã* uma série de sete artigos – subordinados ao título *Vida e Morte do Teatro do Estudante* – onde comunicava ao público o encerramento das atividades do grupo após sete anos de existência desde 1946. Coincidência ou não, pouco após a estreia da 1ª experiência de bonecos pelo TEP, ainda em 1948 chegou ao Recife o Teatro de Marionetes, do Rio de Janeiro, sob orientação de Eros Martim Gonçalves, Maria Helena Amaral e Silvia Watson.

A curta temporada, patrocinada pela Diretoria de Documentação e Cultura, deveria acontecer no Círculo Católico, mas acabou transferida para a Escola Industrial da Encruzilhada. Além dos espetáculos para adultos, as crianças também tiveram sessões dedicadas a elas, com a encenação de *Diálogos da Mofina Mendes*, de Gil Vicente, além de números variados, com canções e danças populares (frevo e gafieira) interpretadas pela bonecaria. Reconhecido por sua paixão pela plasticidade, o pernambucano Eros Martim Gonçalves, diretor, figurinista, cenógrafo e bonequeiro cuja formação aconteceu na Inglaterra, onde estagiou na Companhia Old Vic, há muitos anos estava radicado no Rio de Janeiro. É ele quem vai assinar cenários e figurinos para a montagem de *A Casa de Bernarda Alba*, de Federico García Lorca, um dos grandes sucessos do Teatro de Amadores de Pernambuco, cuja estreia aconteceu no dia 7 de dezembro de 1948, no Teatro de Santa Isabel, aproveitando sua estada com o Teatro de Marionetes no Recife. A direção era de Valdemar de Oliveira. Em 1955, Eros Martim Gonçalves foi um dos fundadores da Escola de Teatro da Universidade da Bahia.

Ainda em 1948, exatamente no dia 3 de julho, a Rádio Jornal do Commercio foi inaugurada no Recife, sob o slogam "Pernambuco Falando Para o Mundo". Como o estado era o 3º de maior índice de mortalidade infantil, atrás apenas do Maranhão e de Alagoas, este último o campeão de tão triste realidade, a empresa decidiu promover, já em agosto, uma Festa Infantil para meninos e meninas desamparados, "no parque

AUDITÓRIO
RÁDIO JORNAL DO COMMERCIO
MATINAL

* * *

9:30 — CRESÇA E APAREÇA
10:00 — BOM DIA
10:05 — COISAS NOSSAS
10:20 — VIC MALTEMA
10:35 — REVISTA ALEGRE
11:05 — VAMOS FAZER O PASSO
12:00 — NEIDE FURQUIM

* * *

POLTRONA: Cr$ 6,00

GRANDIOSA MATINÉE, HOJE, NO RÁDIO JORNAL DO COMMERCIO
UMA RUIDOSA FESTA, PARA TODAS AS IDADES!

A PARTIR DAS 16 HORAS

16 horas – LINDA RODRIGUES

16,30 – HUMBERTO SIMÕES E SEUS BONECOS

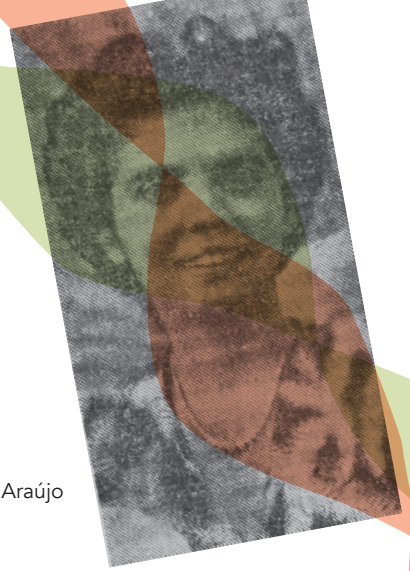
17,00 – ERNESTO BONINO

que circunda o edifício dos seus transmissores", de acordo com o *Jornal do Commercio* (14 de agosto de 1948). Como parte principal do programa, um espetáculo de mamulengo, além da distribuição de brindes, como garrafas de Coca-Cola – uma das patrocinadoras – e um "farto lunch". Pouco depois, passou a integrar a Campanha de Natal das Crianças Pobres dos Centros Educativos Operários, lançada pelo Serviço Social Contra o Mocambo, assim como a P.R.A.-8. As duas rádios assumiram toda a publicidade e milhares de doações foram conseguidas.

Em 1949, o sucesso no auditório da Rádio Jornal do Commercio eram as *Grandes Matinais Para a Garotada do Recife*, que aconteciam aos domingos, com "presentes, premios, curiosidades!", como ressaltavam os anúncios nos jornais. Os programas começavam às 9h30 e seguiam até o meio dia. Entre eles, *Coisas Nossas*, *Bom Dia Para Você*, *Cresça e Apareça*, *Revista Alegre* e *Vamos Fazer o Passo*. Posteriormente, *matinées* também aconteceram à tarde, reunindo centenas de crianças, estudantes e adultos neste auditório. Dos artistas convidados, destaque para o cantor Chucho Martinez, além de Linda Rodrigues, Ernesto Bonino e Humberto Simões e Seus Bonecos. Importante registrar que o ano de 1948 foi bem especial para determinados grupos teatrais do Recife. Neste período, por exemplo, o Grupo Infantil de Comédias, liderado por Valdemar Mendonça, passou a receber um pequeno incentivo financeiro por parte da municipalidade. Atento ao movimento cênico daquele momento e à importância ao financiamento dos grupos, Valdemar de Oliveira registrou em sua coluna A Propósito..., no *Jornal do Commercio* (13 de junho de 1948):

> O teatro amadorista em Pernambuco já se firmou de tal maneira, já se impôs tão fortemente, pelas suas realizações e pelos seus propósitos, que nos é grato observar a atenção que vem despertando, por parte dos poderes públicos – seja o Serviço Nacional de Teatro subvencionando o Teatro de Amadores e o Teatro do Estudante, seja a Câmara de Vereadores auxiliando o Teatro Infantil, de Valdemar de Mendonça, seja o Ministério do Trabalho amparando o Teatro dos Bancários. Continuemos nesse programa, de modo a interessar os governos em nossa tarefa. Dinheiro é alicerce. Pelo alicerce é que se começa. E sem êle a casa cái.

O Grupo Infantil de Comédias, inclusive, levou à cena naquele ano de 1948, no palco do Cine-Teatro Olinda do Feitosa, a peça em 2 atos e 6 quadros *O Nascimento de São João Batista*, adaptação de Valdemar Mendonça e padre Hipólito Pedrosa, com música de Lourival Santa Clara. No elenco, as crianças Isabel Barbosa, Nize Rocha, Valderez Pessoa, Marly Rocha, Zito Vieira, Manoel Ferreira, Dirceu Pessoa, Lourdinha Oliveira e Inalda Ferreira. Além de Valdemar Mendonça as-



Carmosina Araújo

sinando a direção artística e Lourival Santa Clara a direção musical, constavam na equipe Gerson Vieira como ponto, Lídio Guimarães na carpintaria, Efigênio Oliveira na maquinaria, Artur Magalhães no controle de som e o pintor João Pimentel a cargo do cenário. Nos ingressos cobrados, as crianças pagavam metade do valor dos adultos. Só como curiosidade cultural, no ano seguinte, 1949, virou "febre" entre a criançada ouvir a coleção de Discos Continental com histórias musicadas para crianças, como *Branca de Neve e os Sete Anões*, *A Formiguinha e a Neve*, *Os Quatro Heróis*, *Chapeuzinho Vermelho* e *A História da Baratinha*, todos propondo "divertimento e instrução".

Foi no ano de 1949 que surgiu o Teatrinho de Marionetes Monteiro Lobato, iniciativa do casal Carmosina e Veridiano Araújo, apresentando-se inicialmente em colégios, asilos e orfanatos, mas, depois, passando a exibir-se também no Teatro de Santa Isabel. A ideia de lançar o grupo surgiu após um curso de Teatro de Fantoches, de Máscaras, de Sombras com artistas como Olga Obry e Eros Martim Gonçalves, convidados pela Diretoria de Documentação e Cultura. Em novembro de 1950, após sessões de seu repertório no Colégio Nóbrega em favor das obras missionárias, o Teatrinho de Marionetes Monteiro Lobato ganhou uma resenha entusiástica de Isaac Gondim Filho no *Jornal do Commercio* (8 de novembro de 1950):

> Carmosina Araújo e seus auxiliares escondiam-se por trás do palco caprichosamente decorado. Movimentavam os bonecos por êles próprios confeccionados com cuidado. Disso tudo sabíamos nós, porque éramos as únicas crianças-grandes que lá estavam. Mas o resto da garotada acreditava não sei em quê, pensando talvez nos mistérios daquilo que não podiam ver, mas que deveriam existir por trás do que êles riam. Dentro dêsse espírito de mistério desenrolaram-se aos nossos olhos os diversos momentos da história de "Chapéuzinho Vermelho", com suas figuras tão nossas conhecidas (...) A meninada vibrou nos momentos mais emocionantes, e bateu palmas entusiasmadamente. Entretanto o espetáculo ainda não acabara. Houve também um "Show de Bonecos": "A Pianista Miss Gura" executou um número do seu repertório, "Alzirinha Camargo", cantou um samba, "Carmem Miranda" dansou uma das suas músicas mais conhecidas, "O Pretinho" fez o passo ao som de um frevo bem nosso. Estávamos encantados com o que vimos – as crianças e nós também. (...) Carmosina Araújo é a alma de tudo aquilo que forma o Teatro de Marionetes Monteiro Lobato, tendo como braço direito o seu marido, o Araújo, à volta dêste casal simpático e simple (sic) reuniram-se Ernani Cerdeira e Antônio Heráclito. (...) Sentimos neles todos, ao conversarmos durante o intervalo de uma sessão para outra, que há um verdadeiro espírito de equipe (...) Mas há sobretudo devotamento. Havendo pois tanto esfôrço, tanta cooperação, tanto idealismo em levar às crianças, grandes ou pequenas, um pouco de diversão sadia e inocente, não cabe de nossa parte fazer critérios de análise. Os diretores e auxiliares do T. M. M. L. sabem muito bem que os seus espetáculos não são perfeitos e por isso mesmo aceitam de boa vontade sugestões e conselhos. E' êste o melhor indício de melhoria sempre crescente.

Teatro de Marionetes Monteiro Lobato
Domingo, 13
às 10 horas
no Sta. Isabel
CHAPEUSINHO VERMELHO
E UM
FIM DE FESTA
Ingressos: Cr$ 10,00 com o Lisboa no depósito da Falsca
(3.773)

Em abril de 1952, o Teatrinho de Marionetes Monteiro Lobato finalmente ocupou o palco do Teatro de Santa Isabel, em matinal no domingo 13, às 10 horas, com a peça *Chapeuzinho Vermelho*, "com voz mecânica" e "completando o espetáculo um fim de festa, que terá como número final o *Frêvo*, dançado pelo boneco *Zepingafogo*", conforme registro no *Jornal do Commercio* (10 de abril de 1952). Mesmo com cobrança de ingressos, era comum contar com crianças de orfanatos convidados na plateia. Nos três domingos seguintes, comemorando a lotação esgotada da estreia, o *Jornal do Commercio* (20 de abril de 1952) deu mais detalhes sobre o "fim de festa" apresentado:

> (...) no qual tomarão parte os bonecos Miss Gura, pianista; a dupla caipira Gilú e Giló; Carmen Miranda e o passista Zepingafogo, que fechará o espetáculo dansando o "frêvo". Para tornar o ambiente mais carnavalesco, serpentinas e bolas de ar, coloridas, serão jogadas das gerais por sôbre a platéia.

Por mais dois domingos, o grupo ainda pôde ser visto no Teatro de Santa Isabel, inclusive com uma sessão especial agendada para os filhos dos associados do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Fiação e Tecelagem do Recife.

Ainda em 1952, o conjunto seguiu para São Paulo, onde desenvolveu atividades no Teatro Colombo, na TV Tupi e em diversas instituições infantis subordinadas à prefeitura paulistana. Em 1953, partiu para o Rio de Janeiro, atendendo sugestão do grande amigo, o teatrólogo Paschoal Carlos Magno. Segundo um de seus programas, entre os anos 1955 e 1965 o grupo não desenvolveu qualquer atividade, chegando, após este período, a apresentar-se novamente em São Paulo e no Rio de Janeiro, onde fixou residência até a década de 1970. Há registros na imprensa de que a equipe perdeu seu teatrinho carioca por causa das obras do metrô. Voltando à capital pernambucana, Carmosina Araújo fechou parcerias com o Teatroneco, outra importante trupe do gênero teatro de bonecos, que surgiu em 1969, no Recife, pela ação da madre gaúcha Armia Escobar Duarte. Assim, o Teatrinho de Marionetes Monteiro Lobato conseguiu manter-se ativo até início dos anos 1980. Sua coordenadora faleceu no dia 1 de julho de 1984 e, sem ela, esta trajetória teve fim.

Barreto Júnior

Para o ano de 1950 estava marcado o centenário do Teatro de Santa Isabel. Por isto, a mais importante casa de espetáculos do Recife teve que fechar suas portas por quase oito meses para uma necessária reforma, a partir de setembro de 1949. Devido à falta de outros palcos (já que os cineteatros existentes paulatinamente focavam suas atenções apenas na programação cinematográfica), um novo teatro foi inaugurado na capital pernambucana e outro, inativo, voltou à atividade. Foi o inquieto empresário, ator e diretor teatral Barreto Júnior quem inaugurou, no início de outubro de 1949, com a sua Companhia Nacional de Comédias Barreto Júnior, o Teatro

de Emergência Almare, na avenida Dantas Barreto, estreando com a peça *Amor*, de Oduvaldo Viana, que permaneceu em cartaz, diariamente, com descanso apenas às segundas-feiras, até o dia 30 daquele mês, sempre no horário noturno. Antes mesmo de emendar uma nova montagem adulta, *O Rei dos Maridos*, comédia de Eurico Silva, e seguindo seu faro comercial, Barreto Júnior quis dar atenção às diversões para crianças e lançou o Teatro de Brinquedo, para ocupar as manhãs dos domingos no seu teatro.

A estreia se deu com "um espetáculo de variedades" contando com a participação do "professor Lima e seus cães amestrados, com números circenses; o *Homem-Foca*, malabarista internacional; Naná Montez, Gordurinha (humorista), Lenita Lopes, Barreto Junior e outros em cortinas cômicas e números de música", segundo o *Jornal do Commercio* (19 de outubro de 1949). Como se vê, era a velha fórmula de atrações variadas em sequência, mas não deixava de ser uma opção de diversão para a meninada. No entanto, a iniciativa durou poucas semanas. No sábado 12 de novembro de 1949, foi a vez de outra casa de espetáculos, o Teatro do Dérbi, ligado à Polícia Militar de Pernambuco, voltar à ativa com a estreia da montagem adulta *Fim de Jornada*, de Robert Sheriff, pelo Teatro Universitário de Pernambuco (TUP), sob direção de Ziembinsky. Na noite seguinte, o Teatro de Amadores de Pernambuco se exibiu, apresentando, pela 7ª vez, a peça *Esquina Perigosa*, de John B. Priestley, também sob direção daquele conceituado artista polonês radicado no Brasil. Valdemar de Oliveira comemorou no *Jornal do Commercio* (13 de novembro de 1949):

Teatro do Dérbi

> Mas, o que importa, ainda por hoje, é o novo Teatro com que o coronel Viriato de Medeiros brindou o Recife. Para isso, obteve, êle, uma colaboração valiosa: a da Prefeitura do Recife, que lhe traçou alguns projetos, que lhe ofereceu grande cópia de material, que consentiu em lhe ceder algumas peças do Santa Isabel. Essa colaboração representa mais um serviço prestado pelo prefeito Morais Rêgo às coisas de teatro, no Recife. Já disse, de público, e já fiz publicar, a minha opinião de que o prefeito Morais Rêgo têm sido, em sua gestão, o maior amigo do teatro, em Pernambuco.

Na imprensa, o lembrete de sua localização e dos ônibus que passavam perto, era imprescindível, como reforçou o *Jornal do Commercio* (13 de novembro de 1949): "Numerosas são as linhas de omnibus, a citar Torre-Madalena, Prado, Casa Forte, etc., que passam nas proximidades do Teatro do Dérbi, que se situa contiguamente ao Quartel da Polícia Militar". Naquele momento, os periódicos publicavam os horários dos "bonds e omnibus" para a população, além do intenso tráfego de navios – tanto que há página inteira de jornais dedicada à navegação.

Em outubro daquele ano, a Secretaria de Educação e Cultura abriu concurso de peças teatrais para o seu Teatro Escolar, com prêmios em dinheiro aos três primeiros colocados, sob as seguintes bases: as peças, obrigatoriamente, deveriam "explorar, em termos dramáticos, as

lendas, as histórias e o cancioneiro do Nordeste. Esta é uma razão para que possuam, tanto na forma quanto no conteúdo, um tratamento puro em relação ao dramático e ao literário", dizia o edital. Celeste Dutra estava à frente deste concurso que almejava textos "para serem representados por crianças e adolescentes do Teatro Escolar, ao lado de intérpretes adultos". No final de novembro, a convite da Sociedade Esportiva e Cultural Dicenper, foi o município do Cabo de Santo Agostinho, na Região Metropolitana do Recife, quem recebeu a visita do Teatro de Amadores de Catende, dirigido por Jaime Albuquerque, com a peça adulta *A Trovoada*, de Aristóteles Soares, acompanhado pelo Teatrinho de Bonecos de Catende, com o dr. Vilmar Mayrink na direção. Este último apresentou "um espetáculo oferecido aos escolares do Cabo, no palco do Núcleo General Barbosa Lima, do SESI, com as peças: *O Boato*, de Pelópidas Soares, e *Chapeusinho* (sic) *Vermelho*, adaptação de Vilmar Mayrinck", de acordo com o *Jornal do Commercio* (23 de novembro 1949). Pouco depois, o Teatrinho de Bonecos de Catende veio ao Recife, para sessão no Clube Internacional.

Também em novembro de 1949, o Recife recebeu a visita do escritor Joracy Camargo – o célebre autor de *Deus Lhe Pague*, uma das peças mais encenadas e traduzidas da dramaturgia brasileira – que, junto ao compositor Haeckel Tavares, trouxe ao Teatro de Emergência Almare, para única sessão, segundo anúncio publicado no *Jornal do Commercio* (3 de novembro de 1949), "um espetáculo inédito que empolga, diverte e ensina", *Cidade Maravilhosa*, apresentado das 17 às 19 horas. A montagem propunha "um passeio pitoresco e engraçado pelo rio de todos os tempos ilustrado com as mais lindas canções na interpretação do cantor negro Edson Lopes", conforme o mesmo jornal. Em excursão nacional, a peça integrava a Caravana Visitando a Família, que contava com o patrocínio do Serviço Nacional de Teatro e da Campanha

Joracy Camargo
— E —
Haeckel Tavares
— NO —
TEATRO DE EMERGÊNCIA "ALMARE"
HOJE — Das 5 às 7 da tarde — HOJE
APRESENTAM
UM ESPETÁCULO INÉDITO QUE EMPOLGA, DIVERTE E ENSINA
"Cidade Maravilhosa"
Um passeio pitoresco e engraçado pelo Rio de todos os tempos ilustrado com as mais lindas canções na interpretação do cantor negro EDSON LOPES
— x —
Em colaboração com a Campanha de Educação de Adultos
Bilhetes à venda na bilheteria do teatro
(102.138)

Nacional de Alfabetização de Adultos. Era uma forma de estimular o desenvolvimento da arte dramática, segundo Joracy Camargo, que teve esta ideia enquanto preparava um livro de teatro destinado às festas de encerramento do ano letivo nas escolas. No Recife, o escritor também palestrou no salão nobre do Gabinete Português de Leitura.

Vale lembrar que Joracy Camargo figura como um dos primeiros autores brasileiros do teatro para crianças a apostar numa maior teatralidade em seus trabalhos, com "dramaturgia menos *academicista* e cheia de humor e crítica social", como atesta o pesquisador Dudu Sandroni no livro \ revelando ainda:

> Em 1937, a convite da Comissão de Teatro Nacional, do Ministério da Educação e Saúde, [Joracy Camargo] fez uma importante conferência naquela instituição, analisando históricamente o Teatro Brasileiro, onde dedicava particular atenção ao Teatro Infantil, e fazia elaborada proposta de construção do "Teatro da Criança", nos moldes do que ele conhecera na então União Soviética.

Naquele momento, como provavelmente não deve ter visto maiores progressos de sua ideia no segmento da infância, sua atenção estava voltada à educação cultural de adultos.

ANOS 1950

Um Século de Glória

Com o início do ano de 1950, apenas três casas de espetáculos funcionavam mais frequentemente no Recife: o Teatro de Emergência Almare, o Teatro do Dérbi – também utilizado como cinema –; e o Teatro de Variedades, no Parque 13 de Maio, durante a Festa da Mocidade. Somente em maio, o Teatro de Santa Isabel finalmente retornou à atividade na celebração dos seus 100 anos, com programação especial sob a responsabilidade do diretor da casa, Valdemar de Oliveira. O Teatro de Amadores de Pernambuco preparou, então, o mega espetáculo *Um Século de Glória*, com a participação de artistas de outros grupos como o Teatro dos Bancários, TEP, TUP e o Teatro Experimental do Recife. Nele, trechos da trajetória do teatro foram lembrados, inclusive a iniciativa de Valdemar de Oliveira com o Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa, que funcionou naquele palco de 1939 a 1942. O mesmo palco recebeu a temporada do importante Teatro Popular de Arte, empresa dos artistas Sandro Polloni, Itália Fausta, Maria Della Costa e Graça Mello. Ator e diretor, este último acabou realizando diversos trabalhos no Recife, inclusive no segmento para a infância com o grupo Teatro de Brinquedo.

Ainda como parte da comemoração do centenário do Teatro de Santa Isabel, o TAP estreou, em agosto, a comédia adulta *Arsênico e Alfazema*, de Joseph Kesselring, com poucas sessões, já que a pauta continuava disputadíssima como sempre. Também foram programadas temporadas de duas outras companhias convidadas, a Companhia Brasileira de Comédias, dirigida por Procópio Ferreira, e a Companhia Nacional de Comédia Jayme Costa, ambas do Rio de Janeiro. No final daquele ano, Valdemar de Oliveira escreveu artigo no *Jornal do Commercio* (14 de novembro de 1950) sobre o "teatro vil que não é a farsa, a comédia baixa ou a sátira, mas a contrafação e abastardamento de tudo isso – numa palavra: a chanchada, que vem de *chancho*, em espanhol significando: pôrco, sujo, desasseado", como resposta a Procópio Ferreira por este ter incluído no seu repertório a peça *Precisa-se de Um Pai*, de Pedro Muñoz Seca, considerada uma chanchada, estilo tão condenado pelo di-

retor do Teatro de Santa Isabel. O ator-empresário, então, denunciou Valdemar de Oliveira à Sociedade Brasileira de Autores Teatrais como prejudicial aos artistas e ele acabou entregando o seu cargo de diretor daquela casa (mas alegou incompatibilidade com um cargo federal que ocupava na Faculdade de Medicina da Universidade do Recife), função que foi assumida por seu irmão, Alfredo de Oliveira, a convite da Prefeitura do Recife. O fato gerou diversos comentários na imprensa, e Valdemar de Oliveira nunca mais retornou àquela função.

O ano de 1950 marcou ainda o reaproveitamento, por pouco tempo, do Teatro Helvética, inaugurado como cine-teatro em 1910, na rua da Imperatriz, e há anos funcionando apenas com exibições cinematográficas. A tentativa partiu do empresário Barreto Júnior, que levou duas peças adultas por lá, *O Marido Nº 5*, de Paulo Magalhães, e *O Hóspede do Quarto Nº 2*, de Armando Gonzaga, ambas sob direção de Lenita Lopes e com bom retorno de público. Em outubro, aquela casa de espetáculos e cinema deveria ter recebido a estreia de um conjunto teatral infantil assumidamente com pretensão profissional, o Teatro de Brinquedo (o mesmo nome que Barreto Júnior deu às suas matinais dominicais), com a peça *A Côrte do Rei Bolão*, de Luiz Maranhão Filho, contando no elenco, entre outros, com Jomar Austregésilo (rádio-ator da Rádio Clube de Pernambuco), Leovigildo Maranhão, Hélio Lêdo e Fernando Antônio.

Consciente que o garoto recifense se via "privado de divertimentos nesta capital", como declarou à *Folha da Manhã* (11 de agosto de 1950), a equipe afirmou o desejo maior de se dedicar, exclusivamente, ao teatro para crianças em caráter profissional, mas a ideia foi abortada. O texto do pernambucano Luiz Maranhão Filho, figura dos meios radiofônicos, da Rádio Tamandaré, e que atuou como crítico do *Diario de Pernambuco*, só estreou, de fato, em outubro de

Maria das Graças e Marçal Arruda (Grupo Infantil de Comédias)

1954, em terras paulistanas, quando o conjunto Teatro Infantil, de São Paulo, dirigido por Cezar Giorgi, lançou a peça no Teatrinho do Parque Internacional de Ibirapuera, sob os auspícios da Comissão do Quarto Centenário da Cidade de São Paulo. O acontecimento foi devidamente comemorado pela imprensa pernambucana.

No Recife, o Grupo Infantil de Comédias, por sua vez, em 1950, preparou para apresentação no Teatro do Dérbi, em homenagem ao coronel Viriato de Medeiros e ao major João Rodrigues, que permitiram a volta das atividades teatrais naquela casa de espetáculos, a peça em 2 atos *Céu de Meu Brasil*, do próprio diretor Valdemar Mendonça, com músicas do pianista Antônio Paurílio, o mesmo que dirigiu a orquestra na peça *Branca de Neve e os 7 Anões*, pelo Gremio Scenico Espinheirense, em 1939. No elenco de crianças, Valderez Pessoa, Rudy Barbosa, Maria Lúcia de Barros, Josemar Matos, Janete Pessoa, Roserval Barbosa, Zito Vieira, Lindalva de Andrade, Geraldo Torres, Marcos Antônio e a garotinha de cinco anos, Denise Barbosa. Como de praxe, houve distribuição de presentes ao público e um "interessante show" dos artistas mirins ao final. Pouco depois, também levaram

ao palco do Teatro do Dérbi, *Inveja*, peça infantil dramática em 2 atos de Jomar Austregésilo. Sobre a apresentação da peça *A Madrasta*, de Amélia Rodrigues, no palco do Teatro do Atlético, na Estrada dos Remédios, em Afogados, o crítico Isaac Gondim Filho registrou no *Jornal do Commercio* (28 de novembro de 1950):

> As crianças, meninos e meninas, desincumbiam-se mais ou menos satisfatoriamente de seus papéis. Entre os pequeninos intérpretes alguns são verdadeiros valores, donos de grande potencial artístico e bem capazes de transmitir as mais puras emoções dramáticas. (...) Entretanto, preferimos não dar destaque a nenhum nome dos pequeninos atores e atrizes. Assim, evitaremos qualquer idéia de estrelismo ou vaidade que, de um modo ou de outro poderiam ser prejudiciais àqueles caracteres artísticos ainda em formação. (...) Falhas e defeitos há e grandes, e naturalmente o seu diretor bem os conhece e também é muito capaz de poder saná-los. O que êle, naturalmente, leva em conta para não suprimí-los rapidamente será com certeza o espírito de independência e valorização das próprias tendências artísticas dos seus pequeninos dirigidos. Deixa-os um tanto à vontade para não prejudicar-lhes a naturalidade e a espontaneidade, e também para não limitar-lhes as vocações que são tão patentes... (...) o que mais é digno de louvor é que numa cidade como a nossa, desprovida quasi (sic) totalmente de diversões apropriadas às crianças, Waldemar Mendonça tem mantido o seu Grupo Infantil de Comédias durante nove anos a fio, levando um teatro honesto e educativo, motivo de divertimento e instrução, às crianças de quase todos arrabaldes, especialmente àqueles onde o público infantil é mais numeroso, mais humilde e que entretenimento sadio não pode facilmente conseguir. Deante desta argumentação, tudo o mais deve ser silêncio.

Foi ainda no final de outubro de 1950 que Barreto Júnior transferiu o Teatro de Emergência Almare para o Parque 13 de Maio e continuou apresentando repertório de comédias ligeiras para os adultos rir, como *Onde Estás, Felicidade?*, de Luiz Iglézias, e *A Cigana Me Enganou*, de Paulo Magalhães. Quanto ao Teatro de Santa Isabel, já que ficou quase oito meses parado, os anos 1950 e 1951 foram marcados, ainda mais, pela vinda de muitas companhias de fora, todas querendo aproveitar o público do Recife, 3º polo teatral do Brasil, como alardeava a imprensa já naquela época. A produção local, então, diminuiu consideravelmente por falta de espaço para apresentações, muito à mercê dos pedidos de pautas das companhias profissionais itinerantes. Mas, diferente do que acontecia nos anos anteriores – excetuando 1939 e 1949 – algumas delas incluíam peças para crianças em seu repertório. É o caso, por exemplo, da Companhia de Comédias Raul Levy e Nair Ferreira com temporada de duas semanas no Teatro de Santa Isabel, em 1951, dando destaque "ao cômico das multidões, Totó". Além dos espetáculos para o

Teatro SANTA ISABEL
Hoje, às 20,30
CONTINUAÇÃO DO GRANDE SUCESSO DA CIA. DE ESPETÁCULOS PARA RIR
"Raul Levy e Nair Ferreira"
COM O CÔMICO DAS MULTIDÕES
TOTÓ
Filho do sapateiro, sapateiro deve ser
3 atos gozadissimos de João Batista de Almeida
DOMINGO — ÀS 10 HORAS
MATINAL INFANTIL
"O Anel Mágico"
Distribuição de aneis a tôdas as crianças
Ingressos N'A FAISCA, com o LISBOA
(86.252)

público adulto rir, a equipe não esqueceu das matinais infantis por dois domingos, às 10 horas, com *O Anel Mágico*, que promovia distribuição de anéis e bombons às crianças.

Naquele mesmo ano, também veio ao Teatro de Santa Isabel a Companhia Portátil de Comédias Mário Sallaberry-Lucy Lamour com peças adultas e que, ao emendar temporada seguinte no Teatro de Emergência Almare, a preços populares, sob o lema "teatro mais barato que cinema", chegou a apresentar a montagem infantil *As Aventuras de Pinóchio*. Outra que veio ao Teatro de Santa Isabel foi a Companhia de Comédias Iracema de Alencar que, além de treze peças adultas, trouxe uma infantil, *A Gata Borralheira*, de Lyad de Almeida. Para insatisfação geral pernambucana, naquele ano, nenhuma companhia do estado foi contemplada com subvenções destinadas pelo Serviço Nacional de Teatro, ao contrário de muitas destas que circulavam pelo país. Com o teatro infantil em baixa, fez sucesso entre a gurizada recifense o programa de auditório da Rádio Jornal do Commercio, *Cresça e Apareça*, aos domingos, às 9h30, com concurso de calouros infantis e distribuição de prêmios; assim como o Grande Circo Nerino, instalado no Parque 13 de Maio, com destaque às *matinées* infantis, e também o Circo Bouglione.

No final de 1951, após esperar mais de um ano, finalmente o Teatro de Amadores de Pernambuco voltou a ocupar o Teatro de Santa Isabel, estreando a comédia adulta *Do Mundo Nada se Leva*, de George Kaufman e Moss Hart, sob direção de Willy Keller. Na sua coluna *A Propósito...*, no *Jornal do Commercio* (21 de outubro de 1951), Valdemar de Oliveira desabafou:

> Mais de um ano sem fazer algo de novo, em virtude de possuirmos apenas um teatro. O mesmo aconteceu com o Teatro Universitário e com o Teatro do Estudante, que vão aparecer dentro em pouco, aproveitando uma clareira na pauta – antes tão misteriosa... – do Teatro Santa Isabel.

Teatro SANTA ISABEL

Companhia de espetáculos para rir, "RAUL LEVY e NAIR FERREIRA", com o cômico das multidões "TOTÓ"

HOJE — As 15 horas

O SEGREDO DO MORDOMO

Vesperal popular, em obediência a lei n.º 167, Cr$ 5,00

As 20,30 horas

QUERO CASAR COM VOCÊ

3 engraçadissimos atos de Correia Leite

Poltronas — Cr$ 10,00

Sexta-feira, 13 — Festival de graciosa atriz NAIR FERREIRA, em homenagem ao Exmo. Snr. Antônio Pereira, D.D. Prefeito da Capital, com a linda peça em 3 atos

PEDACINHO DE GENTE

Domingo às 10 horas — Grandiosa matinal infantil, com a peça em 3 atos — "O ANEL MÁGICO" — Farta distribuição de anéis e bombons gentilmente oferecidos pela Fábrica RENDA PRIORI & CIA. LTDA.

Preço único — Cr$ 10,00

Segunda-Feira, 21 — Festival de "TOTÓ", com a peça de um personagem só, magistralmente desempenhada por "TOTÓ" — "CORAÇÃO DO MEU CORAÇÃO"

(86.700)

Mas no ano de 1951 surgiu uma outra casa de espetáculos no Recife, o Teatro do Comerciário (ou Teatro de Bolso dos Comerciários), inaugurado no dia 7 de setembro, no salão de espetáculos da sede do Sindicato dos Empregados no Comércio do Recife, na rua da Imperatriz, com a peça adulta *Jardim das Confidências*, do escritor Aníbal de Melo Couto, sob direção de Alderico Costa, pelo grupo homônimo Teatro do Comerciário. Pelo menos até 1954 há registros do espaço em funcionamento, mas sem nenhuma peça para a infância programada.

Em fevereiro de 1952 chegou ao Recife o Teatro do Estudante do Brasil (TEB), dirigido por Paschoal Carlos Magno no Rio de Janeiro. A elogiada equipe cumpriu temporada de absoluto sucesso no Teatro de Santa Isabel, até março, com peças adultas, como *Hécuba*, de Eurípedes, "sem a presença do ponto", como ressaltava no programa dos espetáculos; e promoveu ainda, em matinal, às 10 horas dos domingos, com entrada franca, *A Revolta dos Brinquedos*, fantasia infantil escrita em 1948 por Pernambuco de Oliveira e Pedro Veiga, lançando esta obra na capital pernambucana – um dos textos mais encenados até hoje no Brasil. A peça foi levada para outros espaços, como o Hospital Infantil, Biblioteca Po-

pular de Casa Amarela, Sanatório Otávio de Freitas, Educandário Para Filhos de Hansenianos e Parque 13 de Maio. Com o fim da temporada do TEB foi o TEP quem ocupou o Teatro de Santa Isabel, novamente aberto às crianças, com a temporada de três textos em um único espetáculo: *A Cabra Cabriola*, de Hermilo Borba Filho; *Mãe da Lua*, de José de Moraes Pinho; e *A Caipora*, de Genivaldo Wanderley, todos sob direção deste último e já observados aqui anteriormente.

Na sexta-feira santa de 1952, em matinal às 10 horas, no Palco do Cine-Teatro Olinda do Feitosa, o Grupo Infantil de Comédias apresentou a versão de Valdemar Mendonça para *O Mártir do Calvário*, com 3 atos e 8 quadros (*Jerusalém*, *Sala do Synhedrio*, *A Ceia*, *Jardim das Oliveiras*, *Synhedrio*, *Calvário* e *Santo Sepulcro*) e cenários e figurinos de época. Os personagens principais foram vividos por Zito Vieira (Jesus), Rudy Barbosa (Judas), Valderez Pessoa (Caifás e Pedro), Janete Pessoa (Anás), Suzana Barros (Nicodemos), Luiza Guimarães (José de Arimatéia), Marçal Arruda (Centurião) e Denise Barbosa (Anjo). Os demais apóstolos e soldados romanos e hebreus foram interpretados por outros artistas mirins do grupo. Ainda na ficha técnica, maquinaria de Lídio Guimarães e Josafá Pereira; controle de som de Artur Magalhães e sonoplastia e direção geral de Valdemar Mendonça. Engraçado perceber que o elenco é formado em sua grande maioria por meninas que interpretavam os personagens bíblicos masculinos. Talvez por isso, na imprensa, se omita o nome de cada uma, registrando apenas suas iniciais e sobrenomes. Também em 1952, o Grupo Infantil de Comédias apresentou no mesmo palco do Cine-Teatro Olinda do Feitosa, com cobrança de ingressos populares, a peça em 2 atos *A Madrasta*, de Amélia Rodrigues, cuja estreia aconteceu dois anos antes. No elenco, Rudy Barbosa, Valderez Pessoa, Marilene Santos, Zito Vieira, Lúcia Pedrosa, Marçal Arruda e Janete Pessoa. Como sempre, muitos presentes foram distribuídos e um ato variado encerrou o espetáculo, contando com vários artistas e destaque para Roserval Barbosa.

Já no dia 15 de agosto de 1952, no Teatro de Santa Isabel, foi o Conjunto Teatral Marista, ligado ao Colégio Marista, quem estreou *A Vida Continua Amanhã*, de Isaac Gondim Filho, texto voltado às "crianças do Recife, especialmente estudantes e escolares", conforme o *Jornal do Commercio* (19 de setembro de 1952). A peça retornou à cena mais algumas vezes a pedido do público, até 20 de setembro. No elenco totalmente masculino (somente na década de 1970 a instituição de ensino se tornaria mista), João Guerra de Holanda, Atalarico Soares Moreda, Orlando Figueiredo, Enio Fernando Rodrigues, Gustavo do Passo Castro, Gildo Sá, Guilherme Carlos Nogueira e Juarez Queiroz Campos. Na ficha técnica: cenário do Irmão Afonso Haus; maquinaria de Alceu Domingues Esteves e Aluísio Pereira; eletricidade de Aníbal Mota e contrarregragem de Manuel Maia Filho. Com longos anos de atividade (e de onde saíram artistas como Rui Cavalcanti, Isaac Gondim Filho, Péricles Mara-

CONJUNTO
TEATRAL
MARISTA
apresenta:
No DIA DO EX-ALUNO MARISTA
A Vida
Continúa
Amanhã
três atos de
ISAAC GONDIM FILHO
ELENCO:—
VITORINO:
ZE MARIA:
MANECO:
GATO:
BRAZ:
JOÃO PRETO:
CHICO:
MALAQUIAS:
CENARIO:
I. G. F.
João Guerra de Holanda
Atalarico S. Moréda
Orlando Figueiredo
Enio Fernando Rodrigues de Souza
Gustavo do Passo Castro
Gildo Araujo Sá
Guilherme Carlos Rodrigues Nogueira
Juarez Queiroz Campos
Irmão Afonso

nhão, José Laurênio de Melo, João Guerra de Holanda, Marcelo Pessoa, Epitácio Gadêlha, Salustiano Gomes Lins, José Nobre e o poeta Guerra de Holanda, entre outros), o Conjunto Teatral Marista já havia levado à cena, em setembro de 1950, no Teatro do Dérbi, *Cueicure*, com direção do Irmão Afonso Haus, posteriormente um exímio construtor de presépios.

Ainda em 1952, para marcar o encerramento das atividades escolares do 1º semestre, a Divisão de Extensão Cultural e Artística da Secretaria de Educação e Cultura do Estado apresentou no Teatro de Santa Isabel, em três sessões gratuitas, sempre às 17 horas, os quadros regionais de autoria da professora Celeste Dutra, *Nossos Avós Contaram...*, pelo Setor do Teatro Escolar formado por alunos de grupos escolares do Recife. O bailarino Raul Antônio colaborou com o trabalho, assim como as professoras Maria da Conceição, Eunice Barbosa, Maria Tereza Mendonça, Wynne Campos de Oliveira, Helena de Azevedo Melo e Maria José Campos Lima, "verdadeiras missionárias da boa educação", segundo o crítico J. B. do *Diario de Pernambuco* (17 de junho de 1952). O cenário foi assinado por Carlos Amorim. O ano de 1952 ainda deu destaque para duas outras produções escolares, *A Bela Adormecida do Bosque*, montagem com bonecos, numa realização do Colégio Regina Pacis, com sessão no Cinema Paroquial das Graças, em setembro; e a revista infantil *O Despertar da Princesa*, que voltou à cena em outubro, no Educandário Imaculada Conceição, no bairro do Barro, com alunas daquela instituição de ensino, sob direção da professora Maria do Carmo Xavier, atendendo a "insistentes pedidos". Para o público adulto, um *frisson* aconteceu em 1952, quando, no Teatro Almare, Barreto Júnior iniciou uma série de chanchadas com sua Companhia de Revistas. Os espetáculos permaneciam cerca de quinze dias em temporada, com enorme sucesso e ampla divulgação nos jornais. Alguns chegavam a cumprir três sessões aos sábados, com vesperal às 15 horas, e também às 19 e 21 horas. O lançamento deste novo perfil dos trabalhos do empresário se deu com a revista carioca *Felipeta Está de Tanga*, de Paulo Orlando. Em seguida, *Vovozinha, Cadê o Meu?*. Curto e grosso, o crítico J. B. chegou a escrever no *Jornal do Commercio* (19 de setembro de 1952): "O que se fez ou se faz no *Almare* não deve se levar em conta como teatro".

Responsável pela 1ª peça infantil apresentada no Teatro de Santa Isabel em 1939, *Branca de Neve e os 7 Anões*, o Grupo Cênico Espinheirense voltou às atividades, mas não mais dedicado à infância, em junho de 1953, com a peça *Compra-se um Marido*, de José Wanderley, em sessões no Salão Paroquial do Espinheiro. Em seguida, estreou *Era Uma Vez Um Vagabundo...*, de José Wanderley e Daniel Rocha, ambas ensaiadas por Augusto Almeida à frente da equipe. A atriz Leda Alves recebeu elogios da imprensa na época. Também em junho de 1953, a Divisão de Extensão Cultural e Artística da Secretaria de Educação preparou *O Baile na Flôr*, "fantasia" em três atos e sete quadros de autoria de Beatriz Ferreira, um grande sucesso. Até outubro, a montagem foi reapresentada três vezes, em vesperal, às 15 horas, aos domingos, atendendo ao pedido de grande número de pessoas e com renda sempre revertida às caixas escolares dos grupos da capital.

Também aos domingos, com presença de auditório, várias emissoras de rádio promoviam suas domingueiras matinais voltadas às crianças. A Rádio Tamandaré, por exemplo, às 10 horas, fez bastante sucesso com *Rádio Recreio*, "um programa infantil, sadio e instrutivo", como propagavam os anúncios de jornal. Entre as atrações do mês de agosto, foi agendado o espetáculo infantil *Bazar de Bonecas*, com bailados, música e recitativos, sob patrocínio do refrigerante Crush. A mesma Rádio Tamandaré apresentava ainda outros programas infantis vitoriosos, como o *Clube Papai Noel* e *O Cirquinho do Gi-*

Maria Auxiliadora e Maria Anunciada (Grupo Infantil de Comédias)

gante. Já a Rádio Clube de Pernambuco, além de promover Matinais Infantis no auditório da P.R.A.–8, situado na avenida Cruz Cabugá, às 9 horas dos domingos, sob direção de José Edson, reunindo mais de 600 crianças a cada edição – exibindo filmes e desenhos, além de sorteio de prêmios (velocípedes, bolas de futebol, bonecas, tecidos, caramelos e biscoitos) e com presença de artistas do Cast A-8 na parte musical –, mantinha o programa *Era Uma Vez*, com "teatrinho infantil", às 19 horas dos domingos, sob patrocínio da goma de mascar Cliclets. Entre as peças lá radiofonizadas, *Pé de Moleque*, história original de Aldemar Paiva.

Solenizando a passagem do seu 12º aniversario, o ano de 1953 foi bem intenso para o Grupo Infantil de Comédias, com espetáculos mensais, aos domingos, a preços populares, às 16 horas, agora ocupando o Centro Paroquial Frei Casimiro, em Campo Grande, junto à matriz de N. Sra. do Bom Parto. Em maio, a turma promoveu a peça em 2 atos, *As Flores da Padroeira*, original de Valdemar Mendonça, sempre na direção geral do conjunto. No elenco, Jarbas Holanda, Marçal Arruda, Paulo Lacerda, Juvêncio Nobre, Roserval Barbosa, Carlos Roberto, Napoleão Pereira, Luiza Guimarães, Suzana Barros, Vânia Lacerda, Marlene Souza, Janete Pessoa e Margarida Pires. A equipe técnica era formada por Lídio Guimarães e João Carlos na maquinaria; Artur Magalhães no controle de som; Rudy Barbosa na contrarregragem e João Vieira como o ponto. Além de presentes distribuídos ao público, o espetáculo finalizou-se com um show a cargo de artistas do grupo, dando destaque à garotinha Sonia Maria.

Em junho de 1953, reestrearam *O Rouxinol da Fazenda*, de Valdemar Mendonça. Ainda neste mês, fizeram a peça religiosa em 2 atos e 7 quadros, *Santa Terezinha do Menino Jesus*, numa adaptação de Valdemar Mendonça e com grandes despesas para a montagem. No elenco, Marçal Arruda, Juvêncio Nobre, Napoleão Pereira, Luiza Guimarães, Suzana Barros, Vânia Lacerda, Marlene Souza, Janete Pessoa e Vilma Dias. Os técnicos continuavam os mesmos. Em agosto, foi a vez de reestrearem *A Madrasta*, de Amélia Rodrigues, com distribuição de vários presentes para crianças e adultos. Em setembro, nova montagem com *Quando Chega a Felicidade*, do próprio Valdemar Mendonça. E, em outubro, *Rosinha, a Filha do Bosque*, do autor José Emídio de Lima.

Naquele ano, o crítico teatral do *Diario de Pernambuco* (21 de março de 1953), Isaac Gondim Filho, já tinha publicado palavras de entusiasmo à continuidade do grupo:

> O Grupo Infantil de Comédias é um caso à parte no nosso ambiente teatral. (...) graças ao esfôrço e à tenacidade de Waldemar Mendonça que, acima de tudo, é um idealista. (...) Os pais apreciam as realizações de Waldemar Mendonça porque antes de mais nada há para os seus filhos uma lição de moral em cada peça apresentada. Ora, podem ser apontados os defeitos de sua realização, podem mes-

mo ser discutidos vários pontos de vista. Mas inegável é que se ressalte o valor da sua obra. Numa cidade como a nossa, pobre de diversões sadias para as crianças, sobretudo as dos arrabaldes, é o Grupo Infantil de Comédias o único dos nossos conjuntos com as atenções voltadas para o grande público de guris que não tem diversão apropriada. Além do mais, a nosso ver, o grande mérito (...) é o de despertar nas crianças o gôsto pelas coisas sérias do teatro. E desperta-o não só nos pequeninos atores e atrizes como também na legião de pequeninos assistentes. Estas são considerações que agora fazemos por sabermos que o Grupo Infantil de Comédias vai prosseguindo na sua série de espetáculos mensais, ora aqui, ora ali, lutando com uma enorme quantidade de obstáculos. Assim é que amanhã, o Grupo Infantil de Comédias estará no palco do Centro Educativo Operário de Campo Grande levando uma peça de Jomar Austregésilo intitulada "Amor Materno". Vivendo os diferentes personagens estarão: Guido de Souza, Lindalva Andrade, Jarbas Pereira, Vânia Maria, Suzana Barros, Luiza Guimarães, Janete Pessoa, Marçal Arruda, Rudy Barbosa. E ainda outros, no ato variado, como Roserval Barbosa, Juvêncio Nobre e Sônia Barros. (...) Nestes anos todos de atividades outros foram os seus integrantes que, pela contingência mesmo de haverem crescido, desligaram-se do conjunto de Waldemar Mendonça. Entretanto, muitos dêles continuam a fazer parte de outros grupos, agora como adolescentes ou mesmo como adultos. Em todos porêm foi lançada a semente de uma visão mais séria e digna acêrca das coisas de arte, com especialidades em relação ao teatro. E se hoje não fazem parte ativa de algum grupo cênico, ha nêles o interêsse pelo drama e pela comédia, ao menos como espectadores. Esta a grande virtude de Waldemar Mendonça: formar os artistas e as platéias do futuro. Por isso, apontamos a todos o bom exemplo a seguir.

Em agosto de 1953, o carioca Graça Mello, que dirigiu duas peças adultas a convite do Teatro de Amadores de Pernambuco naquele ano – *Massacre*, de Emmanuel Roblês, e *A Verdade de Cada Um*, de Luigi Pirandello, ambas bastante elogiadas –, proferiu uma palestra sobre o teatro para crianças. Foi ele quem dirigiu, junto a Henriette Morineau, pela companhia Os Artistas Unidos, a 1ª versão de *O Casaco Encantado*, marco do teatro profissional brasileiro no gênero infantil. Na realidade, mais de 200 espetáculos, amadores e profissionais, figuram em sua carreira, com destaque também para a histórí-

Graça Mello

Alfredo de Oliveira

ca montagem de *Vestido de Noiva*, pelo grupo Os Comediantes, em 1943, na qual trabalhou como ator. Foi a partir de 1953 que Graça Mello veio mudar o cenário do teatro para crianças no Recife, incentivando o então diretor do Teatro de Santa Isabel, Alfredo de Oliveira, a produzir uma montagem verdadeiramente profissional. A estreia se deu no dia 16 de agosto de 1953 com a retomada das matinais dominicais naquela casa de espetáculos e o lançamento de um novo conjunto teatral voltado às crianças, o Teatro de Brinquedo. A peça escolhida foi *O Príncipe Medroso*, farsa infantil em 3 atos de Graça Mello, com direção do próprio, também atuando. Ainda no elenco, sua esposa, a atriz Lydia Vani e mais, Clênio Wanderley, Paulo Alcântara (o ator Sebastião Vasconcelos em codinome), Amaraldo Lopes Pereira, Luiz Mendonça, Clóvis Almeida, Hercy Lapa de Oliveira e Alfredo de Oliveira. Os diálogos eram assinados por Miroel Silveira. A peça teve ampla divulgação de anúncios na imprensa, com lotação esgotada em sua 1ª sessão.

Mesmo ressaltando que o Teatro de Brinquedo agradou bastante, o crítico Isaac Gondim Filho teceu o seguinte comentário no *Diario de Pernambuco* (18 de agosto de 1953) após a estreia:

> Não pretendemos discutir as qualidades positivas ou negativas do espetáculo, embora sentíssemos certa falta de leveza no todo da realização, como cremos ser ideal para tal gênero de teatro. Graça Mello criou um ótimo "rei" de caricatura; Lydia Vani foi uma "princeza" como devem ser as princezas de histórias para crianças; Alfredo de Oliveira inteiramente à vontade, foi um menino grande que viveu um príncipe fabuloso, divertindo-se e divertindo muito, sobretudo aos adultos.

No total, foram sete sessões no Teatro de Santa Isabel, uma delas especialmente numa segunda-feira, ainda às 10 horas, sendo que o casal Graça Mello e Lydia Vani só fizeram as duas primeiras porque voltaram ao Rio de Janeiro por compromissos profissionais. Com essa partida, o elenco ficou assim constituído: Alfredo de Oliveira, Yara Lins, Adelmar de Oliveira, Lys Marques, Amaraldo Lopes, Luiz Mendonça e Hercy Lapa de Oliveira.

Paralelamente à 2ª récita de *O Príncipe Medroso*, surgiu um novo conjunto teatral no Recife com foco na criança, alardeando no *Diario de Pernambuco* (30 de agosto de 1953) que "pela primeira vez em um espetaculo para crianças será reunido um elenco de tão largos méritos, um elenco de estrelas". Foi o Teatro do Nordeste, iniciativa de Isaac Gondim Filho, que assumiu a direção geral da equipe e estreou com a peça *O Casaco Encantado*, de Lúcia Benedetti, programada para o sábado, 3 de setembro de 1953, em vesperal de pré-estreia às 15 horas, no Teatro de Santa Isabel. Sem temer os autos elogios, prometeu-se no *Diario de Pernambuco* (1 de setembro de 1953) "um dos maiores es-

petaculos já realizados para a gurizada de nossa cidade". Sobre o texto, esclarecia em edição anterior do *Diario de Pernambuco* (27 de agosto de 1953): "Esta magnífica comedia infantil constituiu há alguns anos o maior sucesso nacional de Madame Morineau que a representou de norte a sul do Brasil". No elenco, Joel Pontes (José), Waldir Fiori (João), Jomery Pozzolli (Feiticeiro), Clênio Wanderley (Ministro), Gerson Vieira (Rei), Teresa Farias Guye (Feiticeira), Margarida Cardoso (Vovó), Teresa Leal (Princesa), Themira Pontes (Relógio) e os menores Alfredo Sérgio Borba (filho do teatrólogo Hermilo Borba Filho) e Sílvio Romero Melo (Pajens). Os atores foram apresentados com orgulho no *Diario de Pernambuco* (1 de setembro de 1953):

> Para tal espetaculo o Teatro do Nordeste reuniu-se um elenco de reais valores da cena pernambucana, verdadeiras estrelas do nosso palco: Jomery Pozzoli, o querido "Capitão Atlas" da meninada: Joel Pontes, o diretor de radio-teatro da Radio Jornal do Comercio; Tereza Farias Guye, a Monica Maria das novelas de sensação; Margarida Cardoso, a principal figura feminina de O Canto do Mar, agora voltando aos nossos palcos; Teresa Leal, a inesquecível "Desdemona" de Otelo e catedratica de espanhol; Waldir Fiori, do cast de radio-teatro da Radio Jornal do Comercio; Clênio Wanderley, um dos elementos de maior projeção do radio e do teatro pernambucanos; além de Gerson Vieira, Themira Pontes e outros.

Os variados cenários e figurinos foram assinados pelo pintor pernambucano Antônio Heráclito. Estelita Wanderley ficou responsável pela costura de todo o "luxuoso" guarda-roupa e os técnicos Antônio José de Almeida (o Zezinho), Alceu Domingos Esteves e Aluísio Pereira construíram os "fabulosos" cenários. Os efeitos especiais de luz e mágica ficaram ao cargo do eletricista Aníbal Mota. Com ingressos vendidos a "preços populares", houve distribuição de bombons às crianças. A peça fez sete sessões ao total, todas no Teatro de Santa Isabel, quase sempre em dias da semana, provavelmente por falta de pauta livre. Algo curioso é a presença do ator Clênio Wanderley desdobrando-se nos dois elencos infantis daquele momento, o do Teatro de Brinquedo e o do Teatro do Nordeste.

No domingo dia 11 de outubro de 1953, o Teatro de Brinquedo lançou sua 2ª montagem no Teatro de Santa Isabel, em vesperal às 15 horas, *O Soldadinho do Rei*, de Lúcio Fiuza, com cenários de Mário Nunes e Carlos Amorim, contando ainda com um número de música de Nelson Ferreira e coreografia com quatro alunas do Ballet de Ana Regina. No elenco, Yara Lins, Adelmar de Oliveira, Lys Marques, Luiz Mendonça, Amaraldo Lopes, Paulo Alcântara (o ator Sebastião Vasconcelos) e Marta Maria. Quatro meninas eram as Pagens: Nadja Machado, Eliane Machado, Maria Elisabeth Ferreira de Oliveira e Solange Lapa de Oliveira. A peça fez nova sessão no domingo, 18 de outubro. Foi o mesmo crítico Isaac Gondim Filho quem comentou no *Diario de Pernambuco* (29 de outubro de 1953):

> Sabemos que Lúcio Fiuza deu carta branca a Alfredo de Oliveira afim de modificar certos trechos, cortar outros ou mesmo acrescentar novas passagens. O fato

é que, não podemos precisar até onde foi a mão de um ou de outro. Mas o resultado é que "O Soldadinho do Rei" está num bom nível de teatro para crianças. Reconhecemos ser este um dois mais difíceis gêneros teatrais, sobretudo no que se refere à mentalidade e à psicologia infantis. (...) Se a peça em dados momentos ressente-se de menor falta de interesse, falta esta motivada, talvez, pelo alongamento excessivo na dialogação, o que nos parece contra-indicado em teatro para criança, tem a valorizar-lhe, como espetáculo, a encenação que o Teatro de Brinquedo lhe deu. E nisto cabe a palma a Alfredo de Oliveira que soube fazer dos cenários e dos costumes motivos de atração para o público. Assim, nada menos que seis cenários nos são apresentados, alguns de muito bom efeito e com truques que, naturalmente, são o encantamento de quantos os vêm. E além dos cenários, Alfredo de Oliveira apresenta, através dos personagens, um bonito e variado guarda-roupa. Os cenários são devidos a Alvaro Amorim, Carlos Amorim, Luiz de Barros e Mário Nunes. Os figurinos de Hercy Lapa de Oliveira. Dos intérpretes, Alfredo de Oliveira faz com a naturalidade e o desembaraço habituais o papel central, secundado por Lys Marques e Luiz Mendonça que progridem sensivelmente. Ainda, Yara Lins num papel que lhe dá apenas oportunidade de aparecer e mostrar a sua bonita figura, ao lado de Ademar de Oliveira, Amaraldo Lopes, Paulo Alcântara e a estreante Marta Maria. Quatro meninas: Nadja, Eliane, Maria Elisabeth e Solange Fazem os pagens do final e são a delicia de todos, pela graça natural e pela maneira como se comportam ao realizar a marcação de Walter de Oliveira sob a música de Nelson Ferreira. Em resumo,

"O Soldadinho do Rei" pelo Teatro de Brinquedos é uma realização muito digna de ser vista pelos seus inúmeros méritos e, por isso mesmo, muito categorizada no gênero a que se propõe.

Ainda em 1953, o Conjunto Teatral Marista lançou *Uma Estrela Correu no Céu*, texto de 3 atos, com um prólogo e um epílogo, escrito por Isaac Gondim Filho, que teatralizou a vida do padre Champagnat, fundador dos Irmãos Marista, com o objetivo de comemorar o Cincoentenário Marista da Província do Brasil Setentrional. A direção foi confiada a Alderico Costa, com cenários do irmão Afonso Haus, música do maestro Miguel Barkokebas e elenco composto por alunos e ex-alunos maristas. Certamente tratava-se de uma montagem direcionada a todas as idades. Foram três sessões espaçadas no Teatro de Santa Isabel e entrada franqueada. Com tanta movimentação nas opções de teatro para a meninada, inclusive com o lançamento, finalmente, de duas companhias profissionais, Isaac Gondim Filho, no *Diario de Pernambuco* (29 de setembro de 1953), lançou artigo sobre aqueles que se dedicavam, naquele momento, ao público infantil do Recife:

A lista de nomes ligados de uma maneira ou de outra, como dirigentes ou idealizadores de espetáculos infantis, atinge talvez a uma dúzia cheia de boa vontade: Alfredo de Oliveira, responsável pelo Teatro de Brinquedo: Joel Pontes, diretor artístico do espetáculo infantil do Teatro do Nordeste; Celeste Dutra, autora de peças infantis e organizadora de representações de crianças e para crianças no sector Pré-Dramático da Divisão de Extensão Cultural e Artística da Secretaria de Educação; Beatriz Ferreira, também autora e de certa maneira ligada às realizações teatrais infantis da mesma Divisão de Extensão Cultural e Artística; Carmosina Araujo que com o seu Teatro de Marionetes Monteiro Lobato tem realizado espetáculos para crianças até mesmo fora do Estado de Pernambuco; Maria José Campos Lima, idealizadora e realizadora do seu Teatro Infanto-Juvenil de Operetas; Waldemar Mendonça que vem batalhando há anos com o seu Grupo Infantil de Comédias; Ir. Afonso Haus, movimentador de todas as artes no Colégio Marista e principal responsável pelo Conjunto Cênico Marista que realiza espetáculos com crianças e para crianças, fugindo ao normal das festinhas colegiais para oferecer verdadeiros espetáculos. Estes são alguns dos mais diretamente interessados em teatro para crianças, em suas várias modalidades: a todos ou pelo menos a alguns, por vários motivos, faltam-lhes a continuidade de realizações. (...) Assim é que, até bem pouco tempo, apesar de tudo, éramos uma cidade em que teatro para crianças era uma necessidade e, sobretudo, uma lacuna. Até bem pouco tempo as crianças de nossa cidade não tinham, de uma maneira regular e accessível, um teatro para frequentar, não tinham espetáculos apropriados à sua mentalidade e ao seu gôsto. Quase simultâneamente foram apresentados dois espetáculos infantis dentro de certa regularidade. (...) Mas, o essencial nisto tudo, é interessar cada vez mais o maior número possível de pessoas adultas neste assunto. Não só do ponto de vista das realizações, mas do dos espectadores. Interessar os pais, os mestres e educadores e quantos que, direta ou indiretamente, estão às voltas com as crianças e que tem a missão de lhes orientar e dirigir por estes caminhos do mundo. Interessar todos os responsáveis por crianças, pois dêles, em grande parte, depende o desenvolvimento do gôsto artístico dos pequenos caracteres em formação e, dêstes, as platéias do futuro.

Barreto Júnior

Pelo menos até a finalização desta pesquisa em dezembro de 2013, Barreto Júnior continuou a ser o maior construtor de teatros do Recife. Em 1949 criou o Teatro de Emergência Almare, que acabou sendo transferido para a Festa da Mocidade, no Jardim 13 de Maio, em outubro de 1950. A 12 de maio de 1954, uma quarta-feira, inaugurou outro espaço, o Teatro Marrocos, na avenida Dantas Barreto, como um "teatro provisório". A estreia se deu com *O Futuro Presidente*, peça de sucesso da sua Com-

panhia Nacional de Comédias Barreto Júnior, aplaudida anteriormente no Teatro de Santa Isabel. A 28 de março de 1957, uma quinta-feira, surgiu o novo Teatro Marrocos, desta vez localizado ao lado do Teatro de Santa Isabel. O ator empresário escolheu a chanchada *Mulher Aqui Está Sobrando*, de José Vanderlei, para retomar a carreira de sua casa de espetáculos, que perdurou por dez anos, assumidamente como um teatro de caráter popular e constantemente chamado pela imprensa de "Barracão do Barreto Jr." por sua estrutura de madeira. Diversas companhias de fora ocupavam a pauta, e, durante a Semana Santa, era comum seu elenco apresentar peças de caráter religioso, como *Vida, Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo*. As montagens para a infância também ganharam espaço na programação mais adiante.

Paralelamente às atividades deste empresário teatral cabense, que desde a década de 1940 já circulava pelo Norte e Nordeste do Brasil com a sua Companhia Nacional de Comédias Barreto Júnior, os anos 1950 marcaram o sucesso de alguns conjuntos pernambucanos em outros estados do país já que, neste período, pela 1ª vez um teatro de qualidade mais elevada em Pernambuco pôde ser apreciado por espectadores do Sudeste e Sul brasileiros. Exatamente no ano de 1953, o Teatro de Amadores de Pernambuco (TAP) fez sua 1ª excursão ao Rio de Janeiro, em cartaz por um mês no Teatro Regina com quatro peças de seu repertório, *Esquina Perigosa*, *A Casa de Bernarda Alba*, *Arsênico e Alfazema* e *Sangue Velho*, sucesso absoluto de público e crítica! Em 1954, foi a vez da equipe ir a Porto Alegre e, em 1955, a São Paulo. Em 1957, o TAP voltou ao Rio de Janeiro, para temporada de um mês no Teatro Dulcina, com as peças *A Comédia do Coração*, *Bodas de Sangue* e *A Verdade de Cada Um*, repertório que não foi tão bem recebido pela crítica carioca.

Conjunto Teatral Marista
apresenta:
Senhorzinho de Engenho
3 Atos
de Isaac Gondim Filho
DIREÇÃO ARTISTICA
Alderico Costa
INTERPRETES:
Zé Fubá ..... Augusto Severo Maranhão
Bio ..... Eduardo Orlando Amorim
Mané Carvão ..... Orlando Figueirêdo
Afonso ..... Fernando Almeida
Cachacinha ..... Romualdo Chagas
Gerimum ..... Nelson Sena
Fumaça ..... Carlos Benicio Campos
Benedito ..... Gildo Sá Araujo
Xando ..... Ricardo Fiuza
Guga ..... Ayrton Fausto
Neco ..... Fernando Machado
Tião ..... Floripes Oliveira Coutinho
Dadinho ..... Florido Soares Bezerra
Cosmo ..... João Valença Caldas
Vavá ..... Pedro Luis Coelho
DIREÇÃO GERAL E CENARIO:
Irmão Afonso
CONTRA REGRA:
Irmão Abel
Maquinistas: — Alceu Domingues Esteves e Alisio Pereira Santana
Eletricista: Anibal Mota
TEATRO SANTA ISABEL
NOVEMBRO DE 1954

Quanto ao Conjunto Teatral Marista, após o sucesso em 1953 de *Uma Estrela Correu no Céu*, o grupo estreou no Recife, no ano de 1954, um novo texto de Isaac Gondim Filho, *Senhorzinho de Engenho*, com pequenos atores amadores. Também naquele ano, especificamente no mês de setembro, no Palco do Centro Paroquial Frei Casimiro, o Grupo Infantil de Comédias montou *Um Devoto de São Benedito*, peça em 2 atos de Valdemar Mendonça. No elenco, Mariana Andrade, Jefferson Barbosa, Carlos Roberto, Maria Auxiliadora, Marçal Arruda, Vilma Dias, Luiza Guimarães, Roserval Barbosa, Maria Teresa, Maria Anunciada, Vanilda Dias e Maria do Carmo. Um show finalizou a apresentação. Ainda em 1954, veio à cena um novo trabalho pelo mesmo grupo, *Meu Sertão*, peça em 2 atos de Valdemar Mendonça. Enquanto isso, nem o Teatro do Nordeste nem o Teatro de Brinquedo, os dois conjuntos profissionais lançados em 1953 com foco na infância, produziram nada de novo ou voltaram à cena, sendo o 1º extinto.

Com o Teatro de Brinquedo inativo, Alfredo de Oliveira voltou-se ao teatro adulto em 1954, dirigindo o Teatro de Estudantes na fantasia dramática *Pala-Hi*, de Fernando de Oliveira Mota, enquanto atuava em *Um Morte Sem Importância*, de Yvan Noé, sob direção de Graça Mello, pelo TAP. Num ano de pouquíssima opção para

a infância, foram os bonecos da Cia. Internacional de Marionetes Rosana Picchi a atração mais comentada da Festa da Mocidade, de dezembro de 1954 a janeiro de 1955, com matinées infantis no horário diurno e noturno, sendo que à noite as autoridades competentes autorizavam a entrada de crianças maiores de cinco anos. Já no Teatro de Santa Isabel, de 4 a 6 de janeiro de 1955, com sessões às 15 e 17 horas, finalmente surgiu novidade local com o Teatro Universitário de Pernambuco (TUP) cumprindo curta temporada com sua única produção para crianças, o auto natalino *O Boi e o Burro a Caminho de Belém*, de Maria Clara Machado. A montagem surgiu após oficina com Eros Martim Gonçalves, que veio especialmente do Rio de Janeiro e quis divulgar texto de sucesso em terras cariocas pelo grupo O Tablado, dirigido pela própria dramaturga Maria Clara Machado.

Na versão local, os atores Gilberto de Oliveira e Joel Pontes interpretavam, respectivamente, o Boi e o Burro (este último, também vivido por Cláudio Viana em revezamento). Ainda no elenco, outros atores adultos e um grupo de crianças no coro de Anjos e Pastoras. Os figurinos foram criações do artista pernambucano Reinaldo Fonseca e a música de Geraldo Menucci, com a colaboração do Coral Bach. O intrigante é que esta peça não é lembrada em nenhum material de repertório do TUP, talvez por ser a única voltada para crianças de toda sua história. Aquele ano de 1955, por sinal, foi um dos mais frutíferos para o Grupo Infantil de Comédias, que continuou a apresentar espetáculos mensalmente no palco do Centro Paroquial Frei Casimiro. Valdemar Mendonça escreveu quase todos os textos, dirigindo-os em sequência impressionante de produção. Vale registrar que ainda contavam com a figura do ponto ajudando os atores a relembrar suas falas.

A peça *A História do Mendigo* ganhou a cena em março. Em abril, foi a vez de *O Poder da Fé*. Em maio, na celebração do seu 14º aniversário, contando com 15 artistas no elenco e já contabilizando 190 apresentações feitas ao longo de sua trajetória, o grupo preparou *A Princesa Maluca*, peça em 2 atos de Valdemar Mendonça, e promoveu o concurso "Qual a Menina Mais Bonita do Auditório?", voltado para garotas dos cinco aos doze anos. Tomaram parte neste elenco, Marçal Arruda, Jefferson Barbosa, Maria Auxiliadora, Maria do Carmo, Vilma Dias, Mariana Andrade e Marly Barbosa. Ainda na ficha técnica, maquinaria de Lídio Guimarães e João Carlos; controle de som de Arthur Magalhães Filho; contrarregra, Marçal Arruda; e ponto, João Vieira. A direção geral era de Valdemar Mendonça. "Serão apresentados entretenimentos de auditorio, com diversos presentes finalizando o espetaculo com um interessante *show*, a cargo de varios artistas do Grupo, inclusive Maria Anunciada, Maria Tereza, Adeilde Rodrigues e Sonia Maria", publicou a *Folha da Manhã* (21 de maio de 1955). Em junho de 1955 foi a vez da comédia infantil *A Pequena Cigana*, 3 atos escritos pelo mesmo Valdemar Mendonça. Nela, o ator Marçal Arruda era considerado "o garoto veterano" do Grupo Infantil de Comédias. O cronista Otávio Cavalcanti, da *Folha da Manhã*, fez um registro (28 de junho de 1955):

> Quatorze anos de existência não é brincadeira não. Ensinar ou dirigir crianças, ou as duas coisas ao mesmo tempo, é mais um sacerdócio do que apenas um mero passatempo. Respeitando pois, tão longo tirocínio, é que quero oferecer alguns conselhos a Valdemar Mendonça e seus *pupilos* do Grupo Infantil de Comédias, menos com propósito de crítica do que por desejo de cooperar com êle, a fim de que o G.I.C. se mantenha sempre firme, como vem acontecendo, e cada vez melhor, visto que é único conjunto, do gênero, existente no Recife, e que tem tido perseverança e fé. (...) mesmo sabendo

das suas dificuldades materiais e da exiguidade de meios financeiros (...) Começa que o palco do Centro Paroquial Frei Casimiro é pequenino, apertadinho, mesmo assim, cedido por uma generosidade da Paróquia local. A "caixa de ponto" localizada por fora do mesmo, é um *estafermo* para a platéia, obstruindo a visão das cenas; se fosse possível fazer um recorte no lugar próprio e baixá-la mais, seria melhor; o "ponto" por sua vez, contava alto, ouvindo-se duas vezes a "fala" (...) o aparelho de alto-falante, em último volume, rangindo, atordoa, ensurdece e tira grande *atmosfera* do drama, cuja emoção desaparece dum ato para outro (...) A peça, por si – *A pequena cigana* é interessante e adequada para o desempenho dos seus intérpretes mirins e ao mesmo tempo de acôrdo com a idade dos espectadores de sua platéia: diálogos leves, frases accessíveis e de enredo atraente. Os pontos mais altos da representação estão em Marçal Arruda (*Mário* – o dono da casa); Mariana Andrade (*Aurea* – a esposa) e Maria Auxiliadora (*Walkiria* – uma cigana velha), que aliás estava uma "cigana moça" e muito simpática; a maquilage foi pouca. As duas, ás vezes bem, e ás vezes um tanto declamatórias; o criado *Severino* (Jeferson Barbosa), fez bem a sua "pontinha", mas movimentava muito os braços, em paralélo, de baixo para cima; foi bonita a cena do segundo ato, no rancho dos ciganos, onde aquêle telão mostrava um bosque; após a refeição, as ciganinhas dançando em roda e agitando os pandeiros, e como o elenco é grande, para não alongar mais esta nota, vai aqui um conselho ás demais ciganinhas – Maria das Graças (*Lêda*); Maria do Carmo (*Zena*, depois *Maria*); Aldeci Rodrigues (*Vera*); Adeilde Rodrigues (*Valeria*); Maria Anunciada (*Lívia*); Sônia Maria (*Selma*); Marly Barbosa (*Zita*); Maria Teresa (*Tânia*) e mesmo as duas *Aurea* e *Walkiria*; mais entusiasmo e menos *declamação*, que vocês poderão dar um belíssimo espetáculo.

Ainda em maio de 1955, foi fundado no Recife o Teatro Escola Renato Viana, sob o comando de Walter Barros, que mais à frente voltou-se às produções para crianças com peças levadas a vários bairros populares. Sobre a programação também popular do Teatro Marrocos, "Teatro para rir, para divertir, sem mais nenhuma preocupação", como registrava em seus programas, Barreto Júnior apresentava Italo Cúrcio e Sua Companhia de Comédias com Nair Ferreira. No elenco, a presença de Leila Diniz, Lélia Verbena, atriz pernambucana que atuou no Grupo Gente Nossa; e Raul Levy, entre outros. Além de várias comédias adultas, como *Filho de Sapateiro*, *Nos-*

sa Gente é Assim e *Mulheres Proibidas*, a equipe trouxe dois infantis em revezamento nas matinais de domingo, às 10 horas: *A Bonequinha do Rei*, fantasia infantil em 3 atos, e *A Princezinha* (sic) *e a Bruxa Maldita*, textos do próprio Italo Cúrcio. Nos intervalos, sempre havia sorteio de brindes às crianças, além da distribuição do Guaraná Saci, Fogos Adriadino e balas do Renda Priori. Até mesmo um prêmio em dinheiro foi ofertado ao menino mais bem vestido numa das récitas. Com repertório adulto vasto e sessões acontecendo de terça a domingo ininterruptamente, sendo que aos domingos geralmente aconteciam quatro sessões, às 10 horas para crianças e às 16, 19 e 21 horas para adultos, a companhia profissional costumava divulgar: "Se o publico prefere Italo Curcio, para que contrariar o publico?". A equipe permaneceu no Recife alguns meses de 1955 e veio sob os auspícios do Serviço Nacional de Teatro, do Ministério da Educação e Cultura.

Concluindo sua programação para 1955, o Grupo Infantil de Comédias seguiu com nova sessão de *A Madrasta*, texto de Amélia Rodrigues, no mês de julho; e *As Duas Marias* e *O Corvo e a Raposa*, produção dupla em agosto. Como novidade em setembro, ainda tendo João Carlos como ponto, apresentou mais duas peças em 1 ato, a repetição de *O Corvo e a Raposa*, de Coelho Neto, e *Suave Milagre*, de J. Vieira Pontes, com os artistas Marçal Arruda, Jeferson Barbosa, Maria Auxiliadora, Adeilde Rodrigues, Maria do Carmo, Maria Anunciada e Sônia Maria prestando homenagem "ao maior sanfoneiro", o garoto Reginaldo Magalhães Filho, que fez show ao final. A reapresentação de *Quando Chega a Felicidade*, de Valdemar Mendonça, com Carlos Vieira, Sônia Maria, Aldeci Rodrigues, Maria Auxiliadora, Adeilde Rodrigues, Maria Anunciada, Maria do Carmo, Jeferson Barbosa e Marli Barbosa, foi o destaque do mês de outubro. "Em seguida será feita a segunda apuração do concurso *Qual o melhor artista do Grupo Infantil de Comédias?* Finalisará o espetáculo o interessante *show* a cargo de vários artistas do Grupo e também do garôto sanfoneiro Reginaldo Magalhães Filho", divulgou a *Folha da Manhã* (18 de outubro de 1955). No dia 27 de novembro, *A Pequena Cigana* foi finalmente apresentada no Teatro de Santa Isabel, num domingo, em matinal às 10 horas, com renda em benefício da construção do "teatrinho próprio" do grupo, sonho acalentado há alguns anos por Valdemar Mendonça e nunca concretizado.

No elenco, Jeferson Barbosa (Mário e o cigano velho Cláudio), Yolanda Rocha (Áurea), Carlos Vieira (Severino, o criado), Maria das Graças (Lêda), Maria do Carmo (Maria, a criada, e Ciganinha Zena), Maria Auxiliadora (Ciganinhas Walkíria e Flora), Aldeci Rodrigues (Ciganinha Vera), Adeilde Rodrigues (Ciganinha Valéria), Sônia Maria (Ciganinha Selma), Marly Barbosa (Ciganinha Zita) e Maria Frassinete (Ciganinha Tânia). Curiosamente, no Jornal *Folha da Ma-*

nhã, especialmente as artistas infantis do grupo ganhavam destaque com foto, notas ou matérias, algo raro para os intérpretes da época. Uma das resenhas foi dedicada a Maria Auxiliadora (6 de dezembro de 1955):

> Das pequenas artistas que integram o elenco do Grupo Infantil de Comédias, sob a direção de Valdemar Mendonça, é Maria Auxiliadora uma das intérpretes principais. De comportamento exemplar a jovem atriz é por esse motivo muito estimada pelo seu diretor. Não tem especialisação (sic) para esse ou aquele papel. No primeiro ensaio de cada péça, ela procura observar atentamente as explicações de gestos e inflexões ministradas pelo seu diretor, correspondendo perfeitamente a expectativa do mesmo. Na peça "A Pequena Cigana" cuja terceira representação foi realisada no Teatro Santa Isabel, ela viveu dois personagens diferentes: a cigana velha, e a cigana "Flôra" com 15 anos de idade. Por cujo trabalho a direção do Grupo Infantil de Comédias, recebeu muitos parabens, os quais foram transmitidos a éla com grande entusiasmo pelo seu diretor. Maria Auxiliadora, é filha do casal Abilio e Maria de Lourdes Gomes, e tem 14 anos de idade. Fez sua estréia no elenco do Grupo Infantil de Comédias, no dia 25 de Julho de 1954, tomando parte na péça de Valdemar Mendonça "Astúcias do Primo Zeca", encenada no teatro do Centro Paroquial Frei Casimiro, em Campo Grande, interpretando o papel de uma dama central, aliás um tipo de personagem bastante dificil para uma estreiante (sic).

Com renda em benefício do Natal das crianças e das caixas escolares dos estabelecimentos de ensino primário do Estado, foi prometida para 1955 a fantasia musical de Walter de Oliveira, *Música, Divina Música*, dirigida pelo próprio, com sessões programadas do dia 11 a 16 de novembro, incluindo algumas récitas exclusivas para estudantes, famílias e convidados, no Teatro de Santa Isabel, numa ação da Diretoria Cultural e Artística da Secretaria de Educação e Cultura. A proposta vinha para encerrar as atividades pré-dramáticas realizadas com alunos primários e ginasianos, contando com grande orquestra sob a direção do maestro Nelson Ferreira, compositor das músicas, entre outros autores; e participação do Coro do Serviço de Música e Canto Orfeônico da DECA, tendo como solista a cantora Maria Parísio, soprano lírico conhecida do rádio. "O espetaculo em que trabalham 152 crianças [número impreciso, já que divulgaram também 120 ou 130 integrantes], será apresentado em 2 atos, distribuidos em 18 quadros, em que se procurará demonstrar, de maneira leve e agradavel, aspectos de evolução da musica e da dança, sendo levados numeros de grandes efeitos", lembrou a *Folha da Manhã* (5 de novembro de 1955). A dança estava muito presente na montagem, como atestou o mesmo jornal em outra matéria (10 de novembro de 1955):

> A parte coreográfica consta de bailados, ritmos, frêvos, fados, ciganas, cançonetas, foxs, maracatus minueto, chorinho, polka, baião, etc. estando a cargo das seguintes intérpretes, respectivamente: Cecy Maia Amorim Silva, Elza de Sousa, Helena Reis e Silva, Lenira Vilaça Lopes, Helena de Melo Antunes, Dulci Noya, Laura Bezerra, Maria de Lurdes C. Pedrosa Eunice Beltrão e Terezinha Menezes, além de muitos outros figurantes.

Mas, estranhamente, o espetáculo não fez essa temporada e acabou sendo transferido "em virtude dos últimos acontecimentos políticos, na capital do país", como consta na *Folha da Manhã* (13 de novembro de 1955), só estreando na

sexta-feira 18 de novembro de 1955, contando com os auspícios da senhora Avani Cordeiro de Farias, esposa do governador Cordeiro de Farias. Na 2ª sessão, no dia 20 de novembro, a montagem recebeu auspícios das senhoras casadas com Aderbal Jurema, o secretário de Educação e Cultura, e Djair Brindeiro, prefeito do Recife. Devido ao grande número de pedidos do público, a "fantasia" *Música, Divina Música* foi reapresentada dias 1 e 3 de dezembro, às 10 horas; dia 2 de dezembro, às 20 horas; e dia 4 de dezembro, às 15 horas, no mesmo Teatro de Santa Isabel. O cronista José Maria Marques, no jornal *Folha da Manhã*, publicou sua opinião sobre o trabalho (23 de novembro de 1955):

> De um modo geral o espetaculo agrada, pois acima de tudo é representado por crianças e nelas tudo é graça, tudo é expontaneidade (sic) e encanto. Algumas vocações saltam para o primeiro plano a olhos vistos, como o garoto da "Cançoneta", João Batista Silva e a menina do miudinho, Maria José Rocha alem das qualidades especiais que se pode notar em Ana Maria Rosa Borges e Elisabeth F. Oliveira, muito logicas, pois são rebentos dos casais Walter e Ladyclaire e Otavio e Geninha, artistas consumados do elenco do T.A.P. A sequencia do programa é bem conduzida (apenas discordo do número do "Can-can", um tanto impróprio para o genero do espetaculo). A coreografia está bem apresentada, com ótimo aproveitamento da passarela, destacando-se entre os outros, os numeros do Fox-Maracatu Cançoneta e a apoteose com o Frevo, este, sem exagêro algum, "deslumbrante". A parte musical tem no maestro Nelson Ferreira o mestre de sempre. (...) Apenas faz se necessário que as professoras da D.E.C.A. apresentem para o publico, durante o ano, outras realizações desse genero, mais modestas, porém com a mesma finalidade e como maior prova do trabalho que realizam.

Mais elogios também foram registrados pelo cronista Otávio Cavalcanti na mesma *Folha da Manhã* (29 de novembro de 1955):

> "Musica, Divina Musica", autorizado pela Secretaria de Educação do Estado e promovido pela Divisão de Extensão Cultural e Artistica, como festividade de encerramento das atividades artisticas dos escolares, foi um espetaculo que talvez houvesse ultrapassado a propria imaginação dos seus executores: Sra Maria Vanderlei Meneses, (diretora da D.E.C.A.) Valter (sic) de Oliveira (dirigente geral do espetaculo) e o maestro Nelson Ferreira na composição e regencia das suas musicas. Descerrado o pano de cena do Santa Isabel, eu via desfilar deante dos meus olhos atonitos e deslumbrados, grupos e mais grupos de crianças cheias de vivacidade, de simpatia e de graça; sorridentes, desenvoltas, harmoniosas e em numeros belamente ritimados, tão bem ensaiadas e digiridas: belas composições coreograficas; "musicas divinas", cenarios deslumbrantes; espetáculo enfim, empolgante e inedito, digno de ser visto muitas vezes e mantido pelos poderes publicos como um dos "corpos estaveis" do Teatro Santa Isabel.

No entanto, por conta de alguns números que lembravam "as licenciosidades de revistas apimentadas", o cronista Isaac Gondim Filho reprovou trechos do espetáculo, como o *Can-can*, que lembrava "os cabarés parisienses da *belle époque*", assim como a dança de gafieira com "namoradas" de marinheiros nos cais do porto, ou seja, prostitutas, além de poesias com "intenções de adultos". Segundo Gondim, no espetáculo, a parte pedagógica era "tão profundamen-

te ferida através de quadros onde impera uma condenável malícia de adulto" que o resultado era de vários "senões censuráveis". Tais comentários, publicados no *Diario de Pernambuco* (24 e 25 de novembro de 1955), não agradaram a diretora da DECA, D. Maria de Lourdes Wanderley, que mandou publicar, somente dois meses depois, artigo refutando as opiniões do cronista, "contendo graves ataques nominalmente", segundo o próprio, ainda que houvesse suprimido as partes condenadas pelo mesmo no espetáculo logo após a publicação dos textos iniciais. O caso virou polêmica e repercutiu em mais sete artigos diferentes de defesa (24, 25, 26, 27, 29, 31 de janeiro e 1 de fevereiro de 1956), sob o título *Em tôrno de um espetáculo infantil*, nos quais Isaac Gondim Filho reiterou sua opinião, listando a de outros cronistas, como W., Otávio Cavalcanti e José Maria Marques. Resgatou, então, o que viu em cena:

> (...) números verdadeiramente chocantes, por estarem fora daquilo que deveria ser uma revista infantil: o "Can-can" onde as meninas revivem, por imitação e por imposição uma malícia que lhes destoa tentando reviver as mundanas de tantos anos passados.
>
> Muito mais se poderia acrescentar. Por exemplo, as meninas que interpretavam o referido número desciam à passarela fazendo para os espectadores sinais e gestos significativos, como se combinassem encontros para depois; disputavam-se com as vizinhas, anotavam enderêços e mostravam as ligas. E ainda, o que era muitíssimo mais grave: ao final do número, agradeciam os aplausos com as nádegas voltadas para o público. Ao mesmo tempo que levantavam as sáias.
>
> Os demais números são adultos, alguns com duplas intenções e até com realidades maliciosas e, pelo fato, mesmo grotescas, em se tratando de crianças.

E o espetáculo não voltou a acontecer mais. Ainda no dia 15 de novembro de 1955, às 20h30, foi a vez do Conjunto Teatral Marista pisar novamente no palco do Teatro de Santa Isabel para a estreia da tragicomédia para crianças e adultos, *Meus Santos Diabinhos*, "peça para rir e para pensar", sob direção artística de Alderico Costa e autoria de Isaac Gondim Filho, fixando travessuras de coroinhas numa igreja matriz de subúrbio. Foi a 4ª vez que a equipe levou à cena um original do autor – antes havia feito *Uma Estrela Correu no Céu*, *A Vida Continua Amanhã* e *Senhorzinho de Engenho*. Junto aos dois últimos, *Meus Santos Diabinhos* forma a Trilogia Infantil Nordestina. O cenário foi assinado pelo Irmão Afonso Haus, recém-chegado da Europa e com novos conhecimentos a aplicar. Já havia lembrado a *Folha da Manhã* (1 de junho de 1955):

> O referido trabalho (...) constituirá mais uma contribuição nêsse gênero teatral, para o desenvolvimento do teatro infantil tão excasso (sic) quão necessário entre nós, para a formação de uma mentalidade teatral das crianças, que só conhecem o cinema, o rádio e o futebol.

No elenco, José de Morais Melo Júnior (Jaime), José Carlos Dubeux (Tadeu), Lourenildo Guerra (Augusto), Gilmar Almeida (Murilo), Jarbas Carvalho (Valdir), Nelson França (Wilson), Fernando Almeida (Rivaldo), Eduardo Orlando Aguiar (Rui), José Beltrão Júnior (Bola Sete) e Gildo Sá (Tijipió). A montagem, cuja estreia se deu paralelamente à polêmica com a peça *Vestido de Noiva*, de Nelson Rodrigues, na versão do Teatro de Amadores de Pernambuco, contou apenas com quatro únicas exibições "devido aos compromissos do Teatro Santa Isabel e ás provas que estão próximas", conforme o jornal *Folha da Manhã* (8 de novembro de 1955), sendo as três seguintes nos dias 19 de novembro, às 15 horas, e dia 20, às 10 horas com vesperal de despedida às 15 horas. No jornal *Folha da Manhã*, vieram elogios (17 de novembro de 1955):

> Constituiu êxito a volta do Conjunto Teatral Marista (...) o entrecho da peça agradou a quantos tiveram oportunidades de estar presentes, apreciando também o trabalho de Alderico Costa, responsavel pela encenação do espetáculo e sobretudo pelo rendimento artistico que conseguiu dos interpretes infanto-juvenis (...) Além da peça que marca um novo sucesso para o autor, Isaac Gondim Filho, foi também o cenário idealizado e realizado por Ir. Afonso Haus, um dos motivos de grande agrado.

O cronista Otávio Cavalcanti também pontuou mais detalhes na *Folha da Manhã* (24 de novembro de 1955):

> Gosto muito de espetáculos infantis, e tanto mais bem feitos quanto mais me divertem e agradam, embora tenha sempre um pressentimento de que irei me aborrecer com o inevitável "tônus" cantante das "falas" dêsses intérpretes mirins, coisa quase sempre – ao que parece – não muito cuidada pelos diretores de cena. Achei engraçada a nova peça de Isaac Gondim Filho – "Meus santos diabinhos" – por ter sido feita especialmente para o desempenho de crianças, entre as quais notei algumas evidentes vocações histriônicas no Conjunto Teatral Marista, denunciando pequenos valores interpretativos. No entanto, sendo o tema da peça um dêsses episódios da infância – traquinadas naturais da idade, esperava um enrêdo mais sugestivo e um desenvolvimento mais *endiabrado*, que despertassem maior curiosidade pelo seu desfecho. (...) Mas o outor (sic) tratou o tema com demasiada "benignidade", fazendo dos "Coroinhas" mais "santos" do que "diabinhos". Há, contudo, o fundo moral e educativo, da obediência dos alunos e da regeneração de "Tejipió" por influência da meninada. De certo que a direção geral do Ir. Abel Gonzales e a técnica da montagem de Alderico Costa procuraram dar o máximo rendimento o (sic) texto, "expremendo-o" (sic) até ao bagaço, com o que pôde movimentar mais as cenas (...) E por sua vez o Ir. Afonso Haus deu uma bela *atmosfera* dramática com o seu cenário sugestivo dum terreiro

Chapeuzinho Vermelho

de igreja e a perspectiva da sacristia, (...) apresentando, ao fundo, uma paisagem regional do nosso arrabalde, numa elevação de morro e casa de habitação. E quanto a interpretação, que decorreu regularmente, em conjunto, gostei imensamente da naturalidade de alguns intérpretes, que são evidente promessa, tais como: Jarbas Carvalho – o "Waldir", pelos seus gestos expontâneos (sic) e resolutos; José Carlos Dubeux – o "Tadeu", um futuro galã; Gildo Sá, esteve muito bem no papel destacado e difícil de "Tejipió", o ébrio contumaz, em que se comportou sem decair em cena alguma; José Beltrão – o "Bola Sete", pretinho engraçado e desembaraçado, e Nelson Sena – o sacristão "Wilson", que além dêstes tipos interessantes e convincentes foi um dos mais destacados e promissor; o "padre Rivaldo" (Fernando Almeida), não se foi mal, porém não convenceu muito no tipo por estar moço demais, parecendo melhor um seminarista ainda; os demais foram personagens complementares. Mas, o certo é que o conjunto dos Maristas tem muitos elementos que poderão, bem ensaiados dar um elenco de verdadeiros atores, num teatro de verdade.

Como destaque no interior de Pernambuco, ainda em 1955, mesmo trazendo o nome Teatro de Amadores Mirim, surgiu na cidade de Caruaru este conjunto cênico que não tinha como objetivo primeiro montar peças para crianças. Sua estreia se deu com o texto adulto *Sindicato dos Mendigos*, de Joracy Camargo, dirigido por Wilson Feitosa. Mais à frente, o grupo foi rebatizado de Teatro de Amadores de Caruaru (TAC) e passou a montar tanto peças para adultos quanto para crianças: *Pluft, o Fantasminha*, de Maria Clara Machado (1957); *Chapeuzinho Vermelho*, de Paulo Magalhães (1958); *O Boi e o Burro a Caminho de Belém* (1958); *O Casaco Encantado* (1959) e *O Rapto das Cebolinhas* (1961), todas sob direção de Luiz Mendonça.

No Recife, no bairro de Afogados, ao final do mês de novembro de 1955, o palco do Motocolombó Esporte Clube passou a apresentar espetáculos teatrais em benefício das obras sociais da Paróquia dos Afogados, contando com "senhorinhas da sociedade afogadense e alunas dos diversos educandários daquêle arrabalde", de acordo com a *Folha da Manhã* (26 de novembro de 1955). No Jardim 13 de Maio, o Teatro Almare ganhou mais espaço, sendo "inaugurado" naquele mesmo ano, armado no recinto da XXII Festa da Mocidade e acomodando mais de duas mil pessoas. A estreia se deu com a peça *Quem Comeu Foi Pai*

Adão, de Luiz Iglesias e Humberto Cunha, pela Companhia de Revistas Gracinda Freire, do Rio de Janeiro. Para participar daquela festa popular, o Juizado de Menores baixou portarias regulamentando a entrada e permanência de menores de idade, devidamente registradas pelo jornal *Folha da Manhã* (23 de novembro de 1955):

> Determinando que os presepiós e outras diversões juvenis êste ano funcionem no período de 25 de novembro a 10 de janeiro seguinte, entre 18 e 22 horas, 3 vezes por semana, só tomando parte nos divertimentos menores de 9 a 14 anos, quando préviamente submetidos a exame médico abolidos, outrossim, jogos e bebidas alcoolicas nos locais dêsses folguedos e nas suas imediações. Não será permitida a entrada de menores de 10 anos após às 18 horas. A frequência no Teatro é proibida aos menores de 18 anos, os quais não poderão participar dos jogos ali existentes, nem fazer uso de bebidas alcoolicas.

No domingo 18 de dezembro de 1955, voltando a ocupar o palco do Centro Paroquial Frei Casimiro, após o sucesso de *A Pequena Cigana* no Teatro de Santa Isabel, o Grupo Infantil de Comédias apresentou em vesperal, às 16 horas, a peça religiosa em 2 atos e uma apoteose, *O Nascimento de Jesus*, com os seguintes quadros: *Bailados dos Pastores*, *Aparição da Estrela*, *Bailados das Pastoras*, *A Chegada dos Reis Magos do Oriente à Jerusalém*, *Aparição do Anjo Gabriel* e *Adoração ao Menino Jesus*. No elenco, Jeferson Barbosa e Sônia Maria, entre outros. Importante registrar que ainda em 1955 foi realizado o I Festival Nortista de Teatro Amador na cidade do Natal, no Rio Grande do Norte, com a participação de várias equipes pernambucanas e nenhuma atração para a infância.

Já na data 21 de junho de 1955 foi fundada a ACTP (Associação dos Cronistas Teatrais de Pernambuco) que, a cada início de ano, entregava troféus aos Melhores do Teatro, premiação que existiu até 1968 – sempre referente ao ano anterior – e quase nunca voltou sua atenção ao teatro infantil. Segundo dados colhidos na imprensa e nos programas da Festa dos Melhores, constam apenas indicações a seis espetáculos infantis durante toda a sua existência: *Chapeuzinho Vermelho*, do Teatro do DECA, em 1959, referente aos Melhores *do Teatro Pernambucano Durante o Ano de 1958*; *O Palhacinho Pimpão*, *Pluft – O Fantasminha*, ambos do Teatro de Arena; *O Casaco Encantado, do Conjunto Teatral Marista, e Da Lapinha ao Pastoril*, do Teatro de Cultura Popular (TCP), este último, o único infantil premiado pela ACTP (cenário para Wilton de Souza) no ano de 1964, listando os *Melhores de 1963*; e *A Bela Adormecida*, do Teatro da Criança (como passou a ser chamado temporariamente o Teatro do DECA), em 1965, referência aos Melhores *de 1964*. Ainda que fragilizada desde muitos anos antes, há registros da ACTP até 1968.

Como balanço final de 1955 e prestes a celebrar quinze primaveras de lutas, o Grupo Infantil de Comédias ganhou novo destaque no jornal *Folha da Manhã*, com entrevista do seu diretor Valdemar Mendonça (29 de dezembro de 1955):

> Realizamos neste ano, 15 espetaculos, assim discriminados: 11 no Centro Paroquial Frei Casimiro; um no Teatro do Dérbi em beneficio da Capela Escola Santa Terezinha, um no teatro do Clube Litero-Recreativo Mário Sete, pela passagem do quarto aniversário daquela agremiação; um no Teatro do Instituto do Prado, e outro no Teatro Santa Isabel. (...) peças do nosso repertório exclusivo: "Papai Noel", "Santa Terezinha do Menino Jesus", "Reminiscencias", "A Historia do Mendigo", "O Poder da Fé", "A Princesa Maluca", "A Pequena Cigana", "A Madrasta", "As Duas Marias", "O Corvo e a Raposa", "Suave Milagre", "Quando Chega a Felicidade" e "O Nascimento de Jesus". Grandes tem sido as dificuldades para a manutenção deste teatro infantil, que no mês de maio do ano que se aproxima, completará 15 anos de atividades. (...) Além dessas despesas com os nossos auxiliares o Grupo reserva também uma contribuição mensal para a matriz de Nossa Senhora do Bom Parto, a titulo de compensação pelo teatro do Centro Paroquial Frei Casimiro, que ocupa afim de realizar seus espetaculos. (...) Dêsde os primeiros anos de existencia dêste Grupo, que venho lutando para conseguir a construção de um teatrinho popular, dotado de um aparelhamento necessário á encenação de qualquer peça, porém infelizmente até hoje não consegui esse objetivo. Até uma pequena subvenção de CR$ 500,00 que o Grupo Infantil de Comédias recebia para auxiliar as despesas de mais de CR$ 1.000,00 por espetaculo, não foi incluida no orçamento do ano de 1956 (...) Atualmente, o nosso elenco é constituido de 25 artistas mirins de ambos os sexos. Para iniciar as atividades do Grupo Infantil de Comédias no ano de 1956, já escolhi duas comedias interessantes de autoria de Figueiredo Pimentel, as quais se intitulam: "A Avósinha" e "Almas do Outro Mundo", e serão levadas á cena no teatro do Centro Paroquial Frei Casimiro, em Campo Grande, no dia 22 de Janeiro.

Em fevereiro de 1956, Celeste Dutra encenou nova peça do gênero infantil no Teatro de Santa Isabel, *O Príncipe Teimoso*, baseada na lenda da Caapora. O cronista Isaac Gondim Filho teceu comentário sobre sua dramaturgia no *Diario de Pernambuco* (28 de fevereiro de 1956):

> Celeste Dutra não é uma estreante no gênero. Há anos foi jornalista ao mesmo tempo que se revelava poetisa de larga inspiração. A sua veia poética continuiu (sic), fornecendo-lhe magníficas produções, enquanto por dever de ofício escreveu e realizou alguns espetáculos levados ao palco tendo como intérpretes apenas crianças. Algumas destas suas realizações tivemos ocasião de assistir no Teatro Santa Isabel, como aconteceu com "Mundo das Ilusões" e "Retalhos Coloridos". (...) Eis que agora, à sua volta do Rio, anunciou-nos Celeste Dutra a confecção de uma outra peça infantil (...) "O Príncipe Teimoso" é uma lenda. Como tal e em se tratando de quem é a autora, não poderia deixar de transpirar poesia no mais puro sentido da expressão. E mais ainda, esta poesia não chega a sufocar a trama teatral (...) A ação dramática e o sentido poético harmonizam-se dando como resultado

> uma belíssima composição teatral, (...) cremos que a peça em questão há de interessar a todos, independentemente de idades. Naturalmente, "O Príncipe Teimoso" ressente-se de certa técnica, sobretudo em tempo de ação e tempo real, além de sofrer limitações de desenvolvimento e de solução de planos. (...) De qualquer maneira uma peça que, mesmo como está inscreve-se entre as boas obras do gênero e, se melhorada, há de conseguir posição das mais elevadas.

Por sua vez, o Grupo Infantil de Comédias divulgou dois outros trabalhos em sessão única no palco do Centro Paroquial Frei Casimiro: nova versão de *Meu Sertão*, que estreou em fevereiro de 1956; e *As Flores da Padroeira*, atração do mês de maio, dois textos escritos e dirigidos pelo incansável Valdemar Mendonça. Programado para acontecer no Recife, o II Festival Nortista de Teatro Amador foi realizado em 1956 com apenas uma peça infantil escalada, *Pluft, o Fantasminha*, da dramaturga Maria Clara Machado, sob direção de Willy Keller, pelo Teatro de Amadores de Maceió, considerada "uma boa surpresa", segundo o cronista teatral Otávio Morais, do *Diario da Noite* (15 de outubro de 1956). No papel

do Pirata Perna de Pau, o ator alagoano Romildo Halliday ganhou elogios rasgados da crítica. A peça levou o prêmio de melhor direção no evento, disputando com montagens adultas.

O ano de 1956 marcou ainda o lançamento da peça *A Compadecida* (posteriormente intitulada *Auto da Compadecida*), de Ariano Suassuna, pelo Teatro Adolescente do Recife, sob direção de Clênio Wanderley, com pouquíssimo público nos três dias que foi apresentada no Teatro de Santa Isabel (com a última sessão cancelada pela ausência de plateia) e duramente criticada por Valdemar de Oliveira. Mesmo assim, a montagem foi convidada a integrar o I Festival de Amadores Nacionais, no Teatro Dulcina, no Rio de Janeiro, em 1957, num chamado de Paschoal Carlos Magno e conquistou a medalha de ouro como melhor espetáculo, consagrando o dramaturgo Ariano Suassuna nacionalmente. A crítica pernambucana teve, então, que render-se a tantos elogios. O caso virou polêmica no Recife e a ACTP recomendou a seus associados, "principalmente àqueles que escrevem ocultos por pseudônimos", mais comedimento na linguagem de suas crônicas. Ariano Suassuna vibrou no *Diario de Pernambuco* (10 de janeiro de 1957):

> Só tenho palavras para aplaudir tal atitude da associação de classe. Já era tempo que alguém se pronunciasse

contra o tom que está tomando a crônica teatral do Recife. O Teatro já tem muitos inimigos externos para estarem os cronistas se transformando em fator de divisão e de intrigas, no meio em que os choques são comuns, pela própria natureza do trabalho e pelo temperamento irrequieto que parece ser inerente aos artistas.

No dia 27 de janeiro de 1957, o Grupo Infantil de Comédias reapresentou no Centro Paroquial Frei Casimiro duas peças, *A Madrasta*, original de Amélia Rodrigues em 2 atos, e *O Corvo e a Raposa*, de autoria de Coelho Neto, em 1 ato. No elenco de artistas mirins, novos nomes, Hugo Cavalcanti, Vera Lúcia Queiroz, Gildete Araújo, Marilda Queiroz, Ely Cavalcanti, Maria Frassinete, Gilvanete Oliveira e Eugênio Presta. Em setembro de 1957, o Teatro de Brinquedo reapareceu no Teatro de Santa Isabel com *O Medroso*, peça em 3 atos escrita por Graça Mello, com diálogos de Miroel Silveira. Dirigido por Alfredo de Oliveira, o elenco estava composto pelos atores Celso Almir (Vovô), Bianor de Oliveira (Netinho), Néslon de Senna (Rei), Célio Malta (1º Ministro), Orley Mesquita (2º Ministro), Edmilson Catunda (3º Ministro), Violêta Cláudia (Princesa), Hercy Lapa de Oliveira (Fada) e o próprio Alfredo de Oliveira (Príncipe). Ainda na ficha técnica, cenários do professor Mário Nunes, figurinos de Hercy Lapa de Oliveira e eletricidade de Aníbal Mota. No programa da peça, Alfredo de Oliveira chegou a anunciar a próxima atração do Teatro de Brinquedo, *Alí-Babão e as Quarenta Babás*, algo que não aconteceu. Já em dezembro de 1957, foi a vez de Walter de Oliveira assumir a direção de um espetáculo do Teatro do DECA, com o infantil *O Rapto das Cebolinhas*, de Maria Clara Machado. A peça foi muito bem recebida pelo cronista Adeth Leite, que escreveu no *Diario de Pernambuco* (1 de dezembro de 1957):

> A peça infantil está um primor de bom gosto pelo senso artistico com que o diretor concebeu o cenario, pela segura interpretação dos garotos da Escola de Aplicação Conego Rochael de Medeiros e precisamente pela honestidade com que a comedia foi levada á cena. Teatro Infantil é isso. É algo com que a criança se sinta á vontade. Trabalho que transmita o seu valor pessoal aos seus colegas e, no fim, compreenda que foi util ao seu publico e a sí mesmo. Isto a gente sente em "O Rapto das Cebolinhas" em cada cena, em cada marca. Admiravel espontaneidade com que o menino José Carlos Figueiroa viveu a figura de Maneco. Bôa dição (sic), sem nenhum complexo, dando a inflexão necessaria e um bom jogo de mãos, Maneco atraiu para si a atenção geral (...) A sua "irmã" Lucia (Luiza Maria de Lima), não obstante não ter podido libertar-se do *cantado*

da interpretação, muito contribuiu para o rendimento artistico da recita. (...) Está provado que o diretor é quem faz o ator. A afirmativa tem a sua razão de ser quando aplicada ás "performances" anteriores do ator Josué Ambiendas, e quando agora se tem a oportunidade de vê-lo como o "Medico" de "O Rapto das Cebolinhas", dando á interpretação um tom convincente, sobrio, vivo, sagaz, pelo milagre direcional de Walter de Oliveira. (...) Paulo Ribeiro – na figura de Camaleão Alface – esteve num dos seus grandes dias, provocando o riso das crianças (...) Otimas as marcas (...) "O Rapto das Cebolinhas" é um belo espetaculo que os alunos das escolas primarias do Recife estão proporcionando a quantos tem comparecido ao Santa Isabel; e que hoje, ás 16 horas, terá sua última exibição. O trabalho é completado com Walter de Oliveira (coronel) e os meninos Augusto de Oliveira (no cão Gaspar) Simone de Albuquerque (gata Floripedes), e Marcilio José dos Santos (o burro Simeão).

Em 1958, de 19 a 29 de julho, Recife tornou-se sede do I Festival Nacional de Teatros de Estudantes, recebendo mais de setecentos artistas amadores de todo o país, numa iniciativa de Paschoal Carlos Magno. Inaugurado pelo presidente da República, Juscelino Kubitschek, o evento reuniu espetáculos nos teatros de Santa Isabel e do Dérbi, além de conferências, debates, cursos, baile, entrega de prêmios e um inédito julgamento da personagem Hamlet (vivido pelo ator Sérgio Cardoso) no Tribunal de Justiça do Recife. Na intensa programação, em meio às produções para adultos, constou apenas uma peça para crianças, *A História do Mágico de Oz*, de José Valluzi, apresentada pelo Teatro da Hebraica, do Rio de Janeiro, sob direção de Jorge Levy. Na 2ª edição do evento, no ano

de 1959, na cidade paulistana de Santos, o TUP conquistou o 1º prêmio de direção por *Guerras do Alecrim e Manjerona*, de Antônio José, o Judeu; e o Teatro do Estudante Israelita de Pernambuco (TEIP), em sua 1ª investida teatral lançada em 1958, ficou com o troféu de Melhor Espetáculo pela peça *Ratos e Homens*, de John Steinbeck, dirigida por Graça Mello. Com mais de 30 espetáculos em sua programação, também apenas uma peça infantil foi agendada, *O Rapto das Cebolinhas*, de Maria Clara Machado, pelo Grupo Experimental de Teatro Infantil, da cidade de Santos. Prova de que, há tempos atrás ou hoje, o segmento para a infância ainda é bastante desprestigiado na escalação de programação dos grandes festivais Brasil afora.

Esse final da década de 1950 é realmente o período dos primeiros festivais de teatro no Brasil, tanto que ainda em 1958 foi criado o I Festival de Teatro Infantil, no Rio de Janeiro, no Teatro João Caetano, numa promoção do Serviço Nacional de Teatro (SNT), mesmo ano em que, a partir de 24 de outubro, teve início o I Festival Brasileiro de Teatro de Bonecos, no Teatro Nacional de Comédia, no Rio de Janeiro, numa promoção também do SNT, assim como o I Congresso Brasileiro de Teatro de Bonecos, no auditório do Ministério da Educação. O pesquisador Alex de Souza publicou em sua dissertação de Mestrado em Teatro pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), *Só, Mas Bem Acompanhado: Atuação Solo e Animação de Bonecos à Vista do Público* (disponível em: http://www.ceart.udesc.br/ppgt/dissertacoes/2011/alex_de_souza.html. Acessado em: 20 de agosto de 2013):

> O primeiro festival dedicado ao teatro de animação no Brasil de que se tem informação ocorreu no ano de 1958, no Rio de Janeiro. O 1º Festival Brasileiro de Teatro de Bonecos e o 1º Congresso foram curiosamente promovidos pela Associação Brasileira de Críticos Teatrais e não pelos próprios bonequeiros. De fato, nessa época os artistas que trabalhavam com teatro de animação tinham dificuldades para trocas de experiências e os contatos entre si eram menores, dadas as grandes distâncias brasileiras. Segundo Humberto Braga (2007a), nove grupos participaram desse festival.

O ano de 1958 também marca a realização do I Congresso Brasileiro de Teatro Amador, em Natal. Já na capital pernambucana, enquanto o Teatro dos Comerciários do Recife foi inaugurado no Sindicato dos Bancários, à avenida Conde da Boa Vista, com foco apenas em produções para adultos, despontavam novas peças para a meninada. O Grupo Infantil de Comédias apresentou *As Astúcias do Primo Zeca*, com seus atores-mirins, na sede do Flamengo Atlético Clube, em São Lourenço, na Região Metropolitana do Recife. Em outubro, foi a vez de *A Filha do Bosque*, de José Emídio de Lima. Em dezembro, no Grêmio Mário Sete, de Campo Grande, retomaram a comédia em 2 atos *A Madrasta*, de Amélia Rodrigues, e *A Borboleta Negra*, em um ato, de Coelho Neto. No 2º semestre de 1958, foi a educadora Maria José Campos Lima quem ganhou destaque pela direção de novas peças para o público infantil através do Departamento de Extensão Cultural e Artística da Secretaria de Educação e Cultura. Em outubro, ela estreou, num único espetáculo, duas peças curtas, *Seis Pessoas Que Passam Enquanto as Lentilhas Cozinham*, provavelmente uma versão sua para *Quatro Pessoas Passam Enquanto as Lentinhas Cozinham*, de Stuart Walker; e *Negrinho do Pastoreio*, de Zorah Seljan. Já os alunos do curso primário do Colégio Americano Batista ocuparam o palco do Teatro de Santa Isabel em outubro de 1958, às 19h30, com *Os Coelhinhos*, de Rute Maria, e a opereta em três quadros, *Branca de Neve*, de Alexandre Weisseman. Os quadros desta última foram *O Espelho Mágico*, *A Gruta dos Anões* e *O Desencanto*.

Pretendendo atrair a plateia adulta, a 7 de novembro o Teatro de Amadores de Pernambuco estreou *Onde Canta o Sabiá*, de Gastão Tojeiro, sob direção de Hermilo Borba Filho, no Teatro de Santa Isabel, um de seus grandes sucessos, que vai ganhar remontagem mais à frente. Pouco depois deste lançamento adulto, no domingo, dia 9 de novembro de 1958, às 10 horas, no Teatro Marrocos, com nova sessão às 16 horas, estreou mais uma peça infantil na cidade, *O Violino Encantado*, texto em 3 atos de Vanildo Bezerra Cavalcanti, pelo mais novo conjunto profissional fundado no Recife, Os Atores Profissionais Unidos, sob direção

artística de Paulo Ribeiro, ator ex-integrante da Companhia de Comédias Bibi Ferreira. No elenco, Aloísio Campelo, Hélio Lêdo, Erivaldo Mota, Juarez Diniz, Miriam Moreno, Wanda Leite, Antônio José Barreto e o próprio Paulo Ribeiro. A peça voltou à cena mais duas vezes naquele ano. A equipe foi saudada pelo cronista Adeth Leite no *Diario de Pernambuco* (12 de novembro de 1958):

> Abrimos, aqui, um crédito de confiança em favor do mais novo conjunto profissional fundado no Recife "Os Atores Profissionais Unidos", que, sob a orientação do ator Paulo Ribeiro se propõe a encenar espetáculos sadios para o entretenimento da criançada recifense. A idéia é aprovavel, uma vez que as crianças da capital pernambucana estavam desprovidas de espetáculos próprios para o seu entendimento, compreensão e educação teatral. Este é o melhor propósito do *APU*: fazer do espectador *mignon* um futuro habitué de teatro. O conjunto é pobre. Iniciou o seu jornadeio sem grandes aparatos; mas, para isso, escolheu um bom original. Trata-se da comédia infantil de Vanildo Bezerra Cavalcanti, "O Violino Encantado". Como não podia deixar de ser, o original é vasado nas eternas histórias de fadas, bruxas, principes e varinhas de condão. E' uma forma antiga de teatro para crianças, sabido que a meninada de hoje prefere mais os contos de certas revistas, as histórias de quadrinhos com os seus herois e os seus vilões. (...) Embora pareça fácil, é dificilimo a arte de fazer teatro para a criança. Na sua espontaneidade ela aplaude aquilo que realmente é digno de aplauso. E' um dom intuitivo da criança. Por isto, queremos fazer um apêlo aos organizadores do conjunto: não se preocupem demasiado com o lado comercial da etapa: o essencial é plantar a semente.

No mesmo domingo 9 de novembro e divulgando-se como "a mais popular Emissora do Nordeste", a Rádio Tamandaré, através do seu Departamento de Rádio-Teatro, inaugurou o programa em capítulos *O Sítio do Pica-Pau Amarelo*, aos domingos, às 19h30, com as histórias de Monteiro Lobato radiofonizadas por Athayde de Carvalho e dirigidas por Evandro Vasconcelos. As personagens foram interpretadas por rádio-atores como Rosa Maria, Rudy Barbosa, Carmen Tovar, Sebastião Vilanova e Marina Azevedo, entre outros. Ainda em novembro de 1958, Maria José Campos Lima lançou sua versão para *Chapeuzinho Vermelho*, peça em 3 atos de Maria Clara Machado, com a própria diretora assinando os figurinos e cenário. Nesta nova produção do Teatro da Criança (como passou a ser chamado temporariamente o Teatro do DECA), centenas de crianças de orfanatos e colégios lotavam a plateia do Teatro de Santa Isabel com entrada franca, sendo duas sessões diárias num sábado, às 15 horas e 20h30, e no domingo, às 10 horas. No elenco constavam Helaice Sales, Jurandir Ferreira, Alna

Ferreira (que futuramente será uma das fundadoras do Clube de Teatro Infantil, símbolo da profissionalização do setor no Recife), Adáura Barrêto, Juracy Ribeiro, Glauciete Costa, Hélio Mororó, Ozita Araújo, Alfredo Sérgio Borba, Zodja Pereira, Ênio de Andrade, Luiz de Lima, Ana Campos Lima e a própria diretora, Maria José Campos Lima.

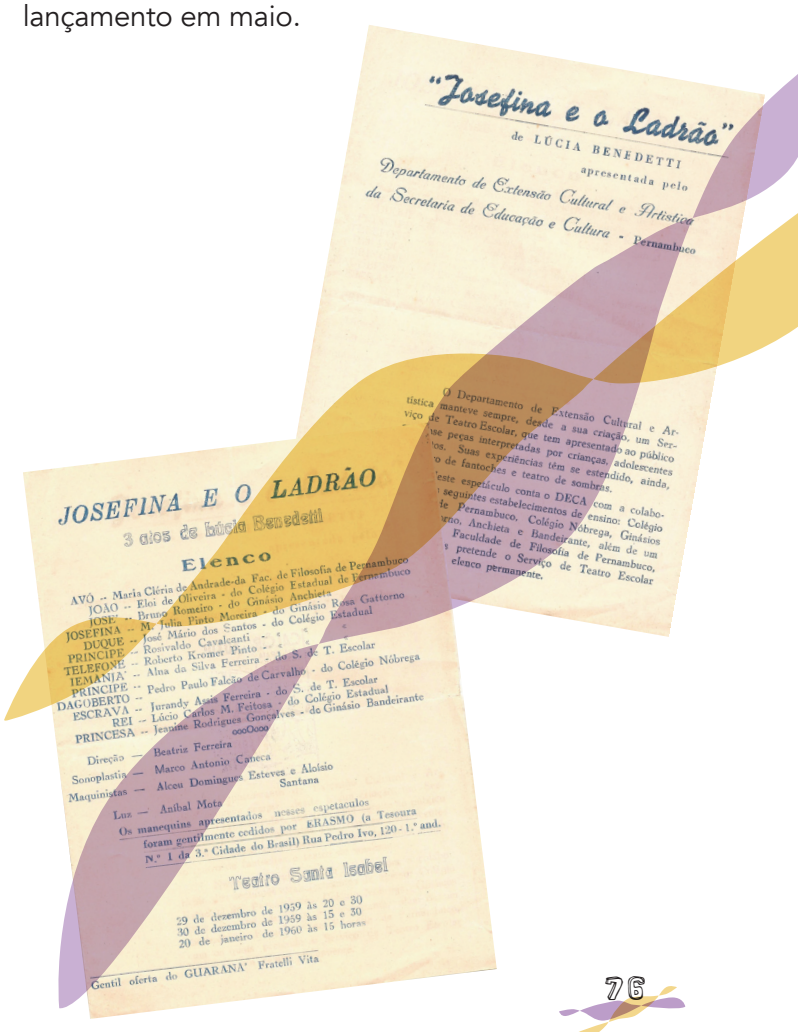
Também em novembro de 1958, a Companhia Internacional de Marionetes Rosana Picchi, da Itália, cumpriu temporada de um mês no Teatro Marrocos, até 4 de janeiro de 1959, com espetáculo de bonecos para agradar a "crianças de 3 a 95 anos", como divulgavam na imprensa. As sessões noturnas aconteciam às 20h30, e os vesperais, às 16 horas. Do Recife, a trupe seguiu para temporada em João Pessoa, na Paraíba. Enquanto isso, a Nova Festa da Mocidade apresentava a *Primeira Grande Matinée Infantil*. Entre as atrações, o Teatro de Variedades com a Cia. Gracinda Freire, dando destaque à dupla Gracinda Freire e Valdir Maia, além do comediante Armando Ferreira, e o Teatro de Bonecos. Na Matriz da Madalena era exibido o *Presépio* dos irmãos João e Raul Valença, atraindo famílias inteiras para esta opereta-pastoril lançada em fins do século XIX até 1901 e retomada em 1917.

O ano de 1959 nem bem começou e a imprensa já reclamava da quantidade de formaturas de escolas superiores e escolas primárias durante todos os meses de dezembro no Teatro de Santa Isabel, impedindo que grupos de teatro o ocupassem. Lá, acontecia de tudo: festival de arte de alunas de balé e audição de cursos de danças clássicas; espetáculos de variedades promovidos por instituições de ensino e consulados; audição de pianistas; apresentações da Orquestra Sinfônica do Recife, geralmente com convidados especiais; além das criticadas formaturas, entre outras atividades. Foi ainda em janeiro de 1959, no Theatro Deodoro, na cidade de Maceió, sob a coordenação do diretor daquela casa de espetáculos, Bráulio Leite Júnior, que foi realizado o competitivo III Festival Nortista de Teatro Amador, com a participação de atrações do Ceará, Sergipe, Rio Grande do Norte, Paraíba, Alagoas e Pernambuco. Do Recife, foram convidados, além de representantes da ACTP, o TUP com a peça *Guerras do Alecrim e da Manjerona*, de Antônio José da Silva, o Judeu, sob direção de Graça Mello; o TAP com a peça *Seis Personagens à Procura de Um Autor*, de Pirandello, com direção de Hermilo Borba Filho; e a comédia infantil *Chapeuzinho Vermelho* (única representante do gênero na programação), pelo Teatro da Criança, do DECA, sob direção de Maria José Campos Lima, os dois últimos em caráter *hors concours*. No evento, ainda houve uma palestra sobre teatro infantil proferida pelo teatrólogo Armando Maranhão.

Na capital pernambucana, a montagem infantil *O Violino Encantado*, de Vanildo Bezerra Cavalcanti, voltou ao Teatro Marrocos logo após o carnaval de 1959, cumprindo sessões aos domingos e feriados, às 10 e 16 horas, numa realização dos Atores Profissionais Unidos, sob direção artística de Paulo Ribeiro. Foi neste mesmo ano que o Grupo Infantil de Comédias integrou um festival artístico em comemoração ao 2º

aniversário de fundação do Teatro do D.C.T., ligado ao Departamento Cultural da União Brasileira dos Servidores Postais-Telegráficos, com a montagem *O Chocolate*, comédia infantil de Frei Pedro Sinzig, sob direção do próprio Valdemar Mendonça. Já no dia 13 de dezembro de 1959, o Teatro do Parque, agora reformado, voltou a receber peças de teatro com a temporada popular e vitoriosa de *Onde Canta o Sabiá*, do TAP. Inaugurado em 1915, desde 1929 aquele teatro estava funcionando apenas como cinema. O cronista Adeth Leite comemorou no *Diario de Pernambuco* (13 de dezembro de 1959): "Voltou a funcionar com a finalidade a que lhe destinou o seu construtor o comendador Bento Aguiar. Mais uma casa de espetáculos teatrais na vida do Recife".

Pouco depois, no Teatro de Santa Isabel, nos dias 29 e 30 de dezembro, respectivamente às 20h30 e 15h30, com nova sessão em janeiro de 1960, às 15 horas, o Departamento de Extensão Cultural e Artística da Secretaria de Educação e Cultura apresentou a peça infantil *Josefina e o Ladrão*, 3 atos de Lúcia Benedetti, com a qual anunciou um possível elenco permanente para o Serviço de Teatro Escolar. Com Beatriz Ferreira voltando a dirigir o grupo, atuaram Maria Cléria de Andrade, Eloi de Oliveira, Bruno Romeiro, Maria Júlia Pinto Moreira, José Mário dos Santos, Rosivaldo Cavalcanti, Roberto Kromer Pinto, Alna da Silva Ferreira (futuramente assinando como Alna Prado), Pedro Paulo Falcão de Carvalho, Jurandy Assis Ferreira, Lúcio Carlos M. Feitosa e Jeanine Rodrigues Gonçalves. Alguns destes elementos realmente perduraram por um bom tempo com o Teatro do DECA. A sonoplastia ficou a cargo de Marco Caneca, tendo a luz de Aníbal Mota e, como maquinistas, Alceu Domingues Esteves e Aloísio Santana. Bom destacar que Beatriz Ferreira também ficou à frente de montagens com o elenco adulto do DECA, como no caso de *A Moratória*, de Jorge Andrade, produzida em 1961. As sessões, como sempre, aconteceram no Teatro de Santa Isabel. Ainda naquele ano, Walter de Oliveira dirigiu um novo espetáculo adulto no conjunto, *O Badejo*, comédia de Arthur Azevedo, com estreia em setembro. Em 1963, foi a vez de *Anúncio Feito a Maria*, de Paul Claudel, com lançamento em maio.



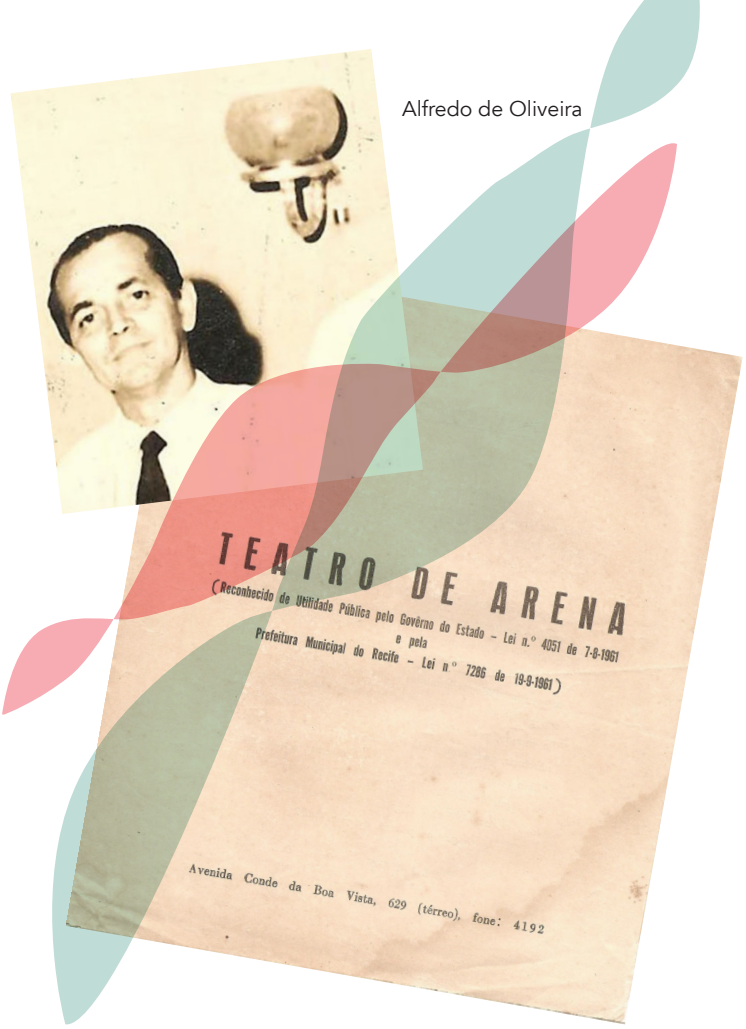
ANOS 1960

Hermilo Borba Filho

Nos últimos dias de janeiro de 1960, quem reapareceu no noticiário teatral foi o Grupo Infantil de Comédias, agora definitivamente sem sua sede no Centro Paroquial Frei Casimiro. Tanto que as novas peças foram apresentadas em lugares distintos a partir de então. *A Borboleta Negra*, de Coelho Neto, e *Almas do Outro Mundo*, de Figueiredo Pimentel, dois textos curtos num único espetáculo, puderam ser vistas na sede do Moinho Recife Esporte Clube, no bairro da Encruzilhada. Já *Quando Chega a Felicidade*, do próprio diretor Valdemar Mendonça, foi apresentada no Clube Mário Sete, no bairro de Campo Grande. No elenco, novos intérpretes, Paulo Roberto, Gilsoneide Soares, Janete Pessoa, Catarina Ângela, Gilsonete Soares, José Pessoa, Minervina Pinheiro, Maria Castilho e Severino Pinheiro. Ao final da sessão, houve o tradicional sorteio de brindes e um show de encerramento com participação da declamadora Teresa Maria.

Já o Departamento de Extensão Cultural e Artística promoveu, ainda em janeiro, no Teatro de Santa Isabel, além da abertura do VIII Salão Infantil de Arte, o espetáculo *Teatro, Música, Poesia*, com alunos dos grupos escolares numa reunião de música orfeônica, fantoches, teatro de sombras, mímica e um quadro de Ariano Suassuna, *O Castigo da Soberba*, baseado na poesia popular nordestina, pelo Coral DECA. A direção foi entregue a Clênio Wanderley. A novidade era que este conjunto teatral com foco na produção para a infância, utilizando naquele momento o nome Teatro da Criança, voltou a ser chamado Teatro DECA, mantendo também elencos permanentes de crianças, adolescentes e adultos. Foram anunciadas, então, três novas montagens: *A Moratória*, de Jorge Andrade, pelo núcleo adulto; e, num único espetáculo, a encenação dos textos *Os Irmãos das Almas*, de Martins Pena, e *Do Tamanho de Um Defunto*, de Millôr Fernandes, pelo núcleo de adolescentes.

O segmento teatral teve ainda mais um ganho em 1960 com a estreia, a 2 de fevereiro, no Teatro do Parque, do Teatro Popular do Nordeste (TPN), lançando a peça *A Pena e a Lei*, de Ariano Suassuna, sob direção de Hermilo Borba Filho e músicas de Capiba. A equipe veio ampliar o mercado teatral profissional da cidade, já atuante pela Companhia Nacional de Comédias Barreto Júnior, liderada por este empresá-



Alfredo de Oliveira

rio que comemorou 30 anos de palco naquele ano; pelo Teatro Pernambucano, com Elpídio Câmara à frente; e Os Atores Profissionais Unidos, cuja direção era de Paulo Ribeiro. Com trajetória interrompida em 1962, mas retomada em 1966, inclusive inaugurando casa própria de espetáculos na avenida Conde da Boa Vista, o TPN tornou-se um dos grupos mais importantes do teatro brasileiro pelo desenvolvimento de estética tão própria, referência na pesquisa que uniu o teatro de inspiração brechtiana com o universo das manifestações populares nordestinas. Somente em 1966 sua atenção também ficou voltada ao teatro para a infância.

O início dos anos 1960 representou atividade extrema para o teatrólogo Alfredo de Oliveira, tanto que ele foi dirigir nova versão de *O Rei Mentiroso* na cidade de Maceió, em março daquele ano, a convite do grupo Os Dionysos, e, em abril, dirigiu a peça adulta *Assassinato a Domicílio*, de Frederick Knott, 1º trabalho que assumiu no Teatro de Amadores de Pernambuco, grupo que já contava com 19 anos de existência. Mas continuou parado o seu Teatro de Brinquedo... No entanto, numa sexta-feira, a 13 de maio daquele ano, um novo teatro foi inaugurado por ele no Recife: o Teatro de Arena. Situado na avenida Conde da Boa Vista, o espaço trouxe à cena não só uma inédita casa de espetáculos, de caráter mais íntimo, mas uma empresa teatral com dezenas de profissionais contratatos. À frente, Alfredo de Oliveira em parceria com Hermilo Borba Filho, diretor do 1º espetáculo. A estreia da casa se deu com a peça *Marido Magro, Mulher Chata*, de Augusto Boal, já encenada pelo próprio autor em 1957, no Teatro de Arena de São Paulo, focalizando aspectos da juventude transviada de Copacabana.

Sendo o 3º do país neste estilo, na realidade com palco em semiarena, o Teatro de Arena surgiu no Recife quando apenas três outros teatros estavam em funcionamento, o Teatro Marrocos, com suas chanchadas – naquele momento, como exceção, Procópio Ferreira apresentava *Lição de Felicidade*, de Somerset Maughan; o Teatro de Santa Isabel, que há pouco havia recebido sessões da peça *Assassinato a Domicílio*, do TAP, dirigida por Alfredo de Oliveira; e o Teatro do Parque, com Barreto Júnior na peça *O Futuro Presidente*, ainda que jornalistas alertassem na imprensa que a caixa do teatro necessitava de reparos urgentes. Em diversas entrevistas, Alfredo de Oliveira logo avisou sobre o seu teatro: "quero anunciar que é permitido traje esportivo apesar de não ser bem recomendando para o ar condicionado". A casa de espetáculos funcionava de terça a domingo, com sessões às 20h30, sendo que, aos sábados, era possível ter duas apresentações, às 20 e 22 horas, e, aos domingos, às 16 horas (horário que, a partir de 1963, recebeu programação para a infância).

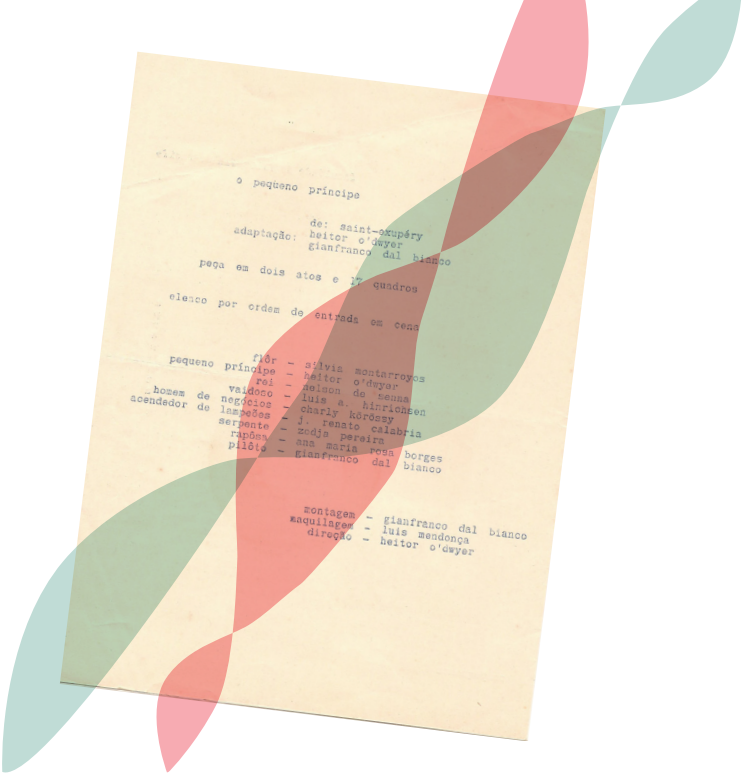
O lançamento do Teatro de Arena aconteceu dias antes do surgimento da TV no Recife, veículo que também contou com Alfredo de Oliveira como um de seus principais diretores. Inaugura-

da no Brasil em 18 de setembro de 1950, a Televisão só chegou a Pernambuco quase dez anos depois, com a inauguração da TV Rádio Clube, canal 6, com 1ª transmissão no dia 4 de junho de 1960. E um verdadeiro furacão abalou o teatro pernambucano, que passou a ceder muitos de seus atores, técnicos e diretores para aquele quadro de profissionais contratados. Ainda assim, o teatro resistiu à competição. Também em junho, com distribuição de ingressos-convites e contando no elenco com alunos da Escola de Aplicação Cônego Rochael de Medeiros, além da colaboração de integrantes do seu elenco permanente de adolescentes, o Teatro DECA preparou no Teatro de Santa Isabel *A Bruxinha Que Era Boa*, no mesmo mês em que a autora Maria Clara Machado veio ao Recife para conversar com amigos. Recepcionada pelo escritor Osman Lins, a dramaturga mineira radicada no Rio de Janeiro teve passagem meteórica pela capital pernambucana e revelou que não sabia desta montagem que, com sucesso, voltou ao cartaz algumas vezes.

Em setembro, ainda comemorando 19 anos de trajetória, o Grupo Infantil de Comédias levou à cena, novamente, *Quando Chega a Felicidade*, do próprio diretor Valdemar Mendonça, no Clube Mário Sete, no bairro de Campo Grande, com sorteio de brindes e show ao final com a declamadora Teresa Maria. No elenco, Paulo Roberto, Gilsoneide Soares, Janete Pessoa, Catarina Ângela, Gilsonete Soares, José Pessoa, Minervina Pinheiro, Maria Castilho e Severino Pinheiro. Naquele mesmo mês, o Teatro de Brinquedo, liderado por Alfredo de Oliveira, finalmente retomou suas atividades e apresentou a comédia para crianças *Joãozinho Anda Prá Trás,* de Lúcia Benedetti, com presença de orquestra regida pelo maestro Nelson Ferreira, autor das músicas. Nos intervalos, a personagem Tio Juca, vinda especialmente de Brasília, divertia a criançada com brindes, sorteios e concursos. Mas mesmo com toda a divulgação de

anúncios nos jornais (uma marca registrada das produções de Alfredo de Oliveira), a peça ficou menos de um mês em cartaz, aos sábados, às 16 horas, e domingos, às 10 horas, no Teatro de Santa Isabel. Ainda em setembro, o Teatro da Associação de Imprensa de Pernambuco (AIP) começou a ser construído, espaço que mais à frente passou a receber apresentações para a infância.

Texto de Graça Mello, *O Rei Mentiroso*, nova produção do Teatro de Brinquedo dirigida por Alfredo de Oliveira, estreou no dia 22 de outubro, às 16 horas, no Teatro de Santa Isabel, e também passou pouco tempo em cartaz.


o pequeno príncipe

de: saint-exupéry
adaptação: heitor o'dwyer
gianfranco dal bianco

peça em dois atos e 14 quadros

elenco por ordem de entrada em cena

flôr – silvia montarroyos
pequeno príncipe – heitor o'dwyer
rei – delson de sousa
vaidoso – luis a. barrionuevo
homem de negócios – charly kórdossy
acendedor de lampeões – j. renato calabria
serpente – zodja pereira
raposa – ana maria rosa borges
piloto – gianfranco dal bianco

montagem – gianfranco dal bianco
maquilagem – luis mendonça
direção – heitor o'dwyer

Quem chamava a atenção da meninada naquele momento era o programa *Cirquinho na TV*, às 18h25, aos domingos, na TV Rádio Clube, contando com palhaços, trapezistas, malabaristas e diversas outras atrações. O programa sobreviveu anos, sendo um dos mais queridos da meninada daquela época. No teatro, foi anunciada a estreia de *O Pequeno Príncipe*, de Antoine Saint-Exupéry, pelo estreante conjunto teatral Os Pequenos, sob adaptação e direção de Heitor Dwyer, com elenco formado por atores menores de 18 anos. O lançamento se deu a 15 de dezembro no auditório da Faculdade de Filosofia do Recife, na avenida Conde da Boa Vista. Na resenha publicada no *Diario de Pernambuco* (20 de dezembro de 1960) sobre a montagem, em espaço raro de se ver naquele período, seja pela pouca produção do gênero ou mesmo pela atenção mínima dos cronistas, Joel Pontes não foi nada favorável ao trabalho, mas também não esqueceu de valorizar a iniciativa dos artistas, com destaque à filha da atriz Geninha da Rosa Borges, Ana Maria Rosa Borges:

> "Os pequenos", grupo teatral que estreou sexta-feira com uma adaptação teatral de "O pequeno príncipe", de Saint-Exupéry, é composto de meninos inteligentes, alguns dos quais filhos de artistas. Para mim é certo que êles amam o teatro, com um fervor e uma doidice que só a juventude pode ter. (...) É disto que precisamos falar: da distância infinita que existe entre o sentimento da poesia e sua materialização. (...) Os jovens de sexta-feira foram admiraveis no sonho, mas o espetáculo escorreu lamuriento como um óleo. Nada se ouviu da parte gravada e pouco da outra. Dezenas de acidentes técnicos, na luz e na cortina. Um primeiro ato contido no centro do palco, paupérrimo de efeitos plásticos da parte dos atores embora belo algumas vezes pelo cenário. Atuação ardente de Ana Maria Rosa Borges, atriz na herança de sangue e na sensibilidade que deve cultivar. Aliás, nenhum ator pode ser apontado como destoante. Notam-se qualidades em todos êles: em Heitor O'Dwyer, Zodja Pereira e nos outros que apareceram para dizer meia dúzia de falas inconsequentes. O espetáculo... o espetáculo é que não foi. Tôda a sua beleza ficou na idealização do diretor. A falta de conhecimentos técnicos fê-lo conduzir o espetáculo num ritmo de elegia onde o que menos se sentia era o espírito de infância. As palavras mais falsas de Saint-Exupéry, as repetições mais exasperantes eram frisadas pelas pausas descabidas e pela quase imobilidade dos atores. Chegou a parecer doentia a amizade tão espiritual entre o príncipe e o aviador. Tudo questão de materializar o texto em espetáculo. Foi pena, uma grande pena, e o digo com desejo de ajudar.

No domingo, 18 de dezembro, foram anunciadas novas peças para a criançada. O Grupo Infantil de Comédias, em sua última sessão do ano, promoveu dois espetáculos juntos no Clube Mário Sete, no bairro de Campo Grande, às 16 horas, sob direção de Valdemar Mendon-

ça: *A Avozinha*, de Figueiredo Pimentel, e *A Princesa Maluca*, do próprio Mendonça. No mesmo horário, no Teatro de Santa Isabel, o conjunto de adolescentes do Teatro DECA reapresentou *A Bruxinha Que Era Boa*, de Maria Clara Machado, seguida de *Os Irmãos das Almas*, de Martins Pena, para filhos de jornalistas. A sessão foi agendada numa promoção da Associação da Imprensa de Pernambuco em referência ao período natalino. E como acontecia todo final de ano, além da Campanha de Natal Para as Crianças Pobres, a pirralhada foi lembrada em seu prazer de desfrutar de diversões na Festa da Mocidade, organizada anualmente pela Casa do Estudante de Pernambuco. Naquele dezembro de 1960, em sua 24ª edição, no Jardim 13 de Maio, fizeram sucesso o Teatro de Marionetes no Parque de Diversões e o Circo Mágico Pinter, dos Irmãos Melo. Ainda quase no finalzinho do ano, a imprensa chegou a anunciar a inauguração do Teatro do Arraial Velho, no Sítio Trindade, dentro das festividades comemorativas do aniversário da administração Miguel Arraes à frente da Prefeitura do Recife, mas a proposta foi adiada para 1961. O espaço também recebeu produções infantis do Movimento de Cultura Popular (MCP) através do seu núcleo de teatro, o Teatro de Cultura Popular (TCP).

Em 1961, além de ser inaugurado o Teatrinho da AIP, um teatro de bolso com 170 poltronas, a capital pernambucana foi sede, entre setembro e outubro, do I Festival de Teatro do Recife, promovido pela Prefeitura do Recife, através da sua Comissão Municipal de Teatro em colaboração do Departamento de Documentação e Cultura, com atrações para adultos, como o Teatro Nacional de Comédia (RJ), Teatro de Amadores de Caruaru, Teatro de Amadores de Pernambuco, Teatro Phoenix do Recife, Teatro Adolescente do Recife e Os Populares, entre outros, além da programação para crianças, que ocupou o Teatro Ambulante, no bairro de Casa Amarela, com a peça infantil *O Coelho Cowboy*, do Grupo Teatral "O Saci", com texto e direção de Oscar Felipe. No elenco, Oscar Felipe (Coelho), Linda Maria (Bruxa), Floriza Rossi (Boneca), Ribas Neto (Sentinela), Odilon del Grande (Cacique), Múcio Catão (Chefe Torto) e Nair Silva (Lua Nova). Foi até anunciada a presença da peça *A Revolta dos Brinquedos*, de Pernambuco de Oliveira e Pedro Veiga, sob direção de Walter de Oliveira, pelo Teatro do DECA, mas esta acabou sendo cancelada. Enquanto isso, a TV Rádio Clube apresentava todos os domingos, às 14 horas, o programa *Grande Teatro Infantil*, com patrocínio da Kibon.

Em outubro, enquanto que a Divisão de Serviço Social levou Teatro de Fantoches para o bairro popular de Dois Unidos, o Teatro Juvenil apre-

sentou a opereta *A Cantora*, de Felicita Morandi-Graziane Walter, no Instituto Maria Auxiliadora das Irmãs Salesianas, no bairro da Capunga, em benefício das Missões Católicas. Ainda em 1961, o Teatro da Festa da Mocidade promoveu sessões infantis com os cômicos Treme-Treme, Corrupita, Coronel Pica-Pau e o Mágico Mickey Baby e sua partner, Maria Helena, todos acompanhados pela orquestra do maestro Silva Araújo. Havia ainda distribuição de revistas infantis e convites para o parque de diversões que funcionava no Jardim 13 de Maio. Um dos espetáculos de destaque lá foi *A Prisão de Papai Noel*, comédia natalina de Luiz Maranhão Filho "especialmente voltada à gurizada do Recife". Na televisão, o Canal 6 continuou com o maior sucesso graças ao programa *Cirquinho Fratelli Vita*, da TV Rádio Clube, aos domingos, às 18h10, com os palhaços Relin, Treme Treme, Currupita e Pimentão e o apresentador Salomão Absalão. E a convite do setor folclórico do Movimento de Cultura Popular (MCP), o *Presépio* dos Irmãos Valença foi assistido por milhares de pessoas no Teatro do Arraial Velho, no Sítio Trindade.

Com intensa atividade em 1962, o Teatro de Cultura Popular (TCP), departamento teatral ligado ao Movimento de Cultura Popular e à Prefeitura do Recife, entre montagens para adultos, também preparou peças para crianças, inclusive com o seu Teatro de Fantoches do MCP, que levou à Liga Camponesa da Mirueira, *O Médico*, adaptação de Luiz Mendonça a partir do original de Molière, e *Joãosinho* (sic) *e Maria*, de Maria Clara Machado. Bem mais constantes foram as peças infantis produzidas pelo TCP no 1º teatro ao ar livre do Recife, o Teatro do Arraial Velho, que funcionava no Sítio Trindade, na Concha Acústica especialmente construída naquele espaço para até cinco mil pessoas, ou no Teatro do Povo, um teatro ambulante que funcionava em uma lona de circo com capacidade para 500 pessoas. É do TCP a 1ª peça anotada pela imprensa em 1962, *Chapeuzinho Vermelho*, de Paulo Magalhães, dirigida por Luiz

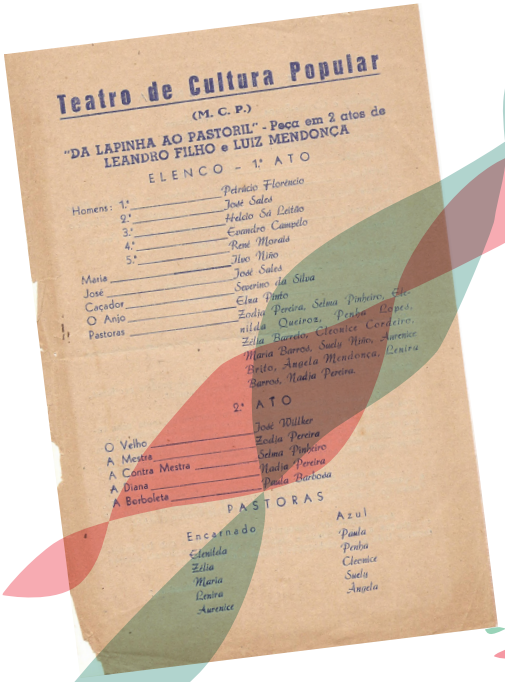
Chapeuzinho Vermelho

Chapeuzinho Vermelho

Mendonça e apresentada como estreia infantil no Teatro do Arraial Velho, logo após o espetáculo adulto inaugural daquele palco, *Eles Não Usam Black-Tie*, de Gianfrancesco Guarnieri, pelo elenco do Teatro de Amadores de Caruaru (TAC), também dirigido por Mendonça, que não obteve boa resposta do público. Segundo Alexandre Figueirôa no livro *O Teatro em Pernambuco* (2003, p. 98), a montagem infantil foi mais feliz, mesmo ainda apresentando problemas: "Dessa feita, o ritmo mais ágil e a correria levaram o público a rir, a participar e a aplaudir o espetáculo. No final, porém, percebia-se que a plateia reclamava da peça e o grupo não conseguia identificar as razões das queixas".

Em debates com o público, descobriu-se que os espectadores estavam acostumados aos atos variados e curtos dos circos que se faziam ali presentes. Com resposta bem mais positiva, a "farsa-mistério de Natal", *O Boi e o Burro a Caminho de Belém*, de Maria Clara Machado, também dirigida por Luiz Mendonça, foi lançada no período dos festejos natalinos de 1962. "Além da história ligada ao nascimento de Cristo, tinha as pastorinhas cantando jornadas, elementos bem conhecidos das camadas populares", diz Figueirôa (op. cit., p. 99). No elenco estavam o próprio Luiz Mendonça (no papel do Boi), Carlos Alberto (Burro), Lael Tavares (Pastor), Nadja Pereira, Zodja Pereira e Conceição de Maria (Pastoras), Cláudio Salvador (Rei Branco), Ivanildo Oliveira (Rei Negro), José Fortuna (Rei Amarelo), Terezinha Calazans (Rainha Branda, a atriz/cantora Teka Calazans, que depois conquistou carreira elogiada como musicista, hoje radicada na França), Penha Guimarães (Rainha Negra), Ilva Niño (Rainha Amarela), Irmãs Gomes (Anjos), Zélia Brizeno (Maria) e Joacir Castro (José). Leandro Filho era o assistente de direção, com cenário de Abelardo da Hora, figurinos de Ded Bourbonnais e participação do Coral do Recife sob direção de Elza Loureiro.

Duas outras montagens infantis do TCP existiram, ambas sob direção de Luiz Mendonça. A 1ª, *Da Lapinha ao Pastoril*, texto em dois atos de Luiz Mendonça e Leandro Filho, contou com cenário de Wilton de Souza; coreografia de Tânia Trindade e Zodja Pereira; direção musical de José Nunes e direção vocal de Elza Pinto. O desempenho no 1º ato ficou a cargo de Petrúcio Florêncio, Hélcio Sá Leitão, Evandro Campelo, René Morais, Ilva Niño (Maria), José Sales (José), Severino Francisco da Silva (Caçador), Paula Bar-



Teatro de Cultura Popular

(M. C. P.)

"DA LAPINHA AO PASTORIL" - Peça em 2 atos de LEANDRO FILHO e LUIZ MENDONÇA

ELENCO - 1.º ATO

Homens: 1.º Petrúcio Florêncio
2.º José Sales
3.º Helcio Sá Leitão
4.º Evandro Campelo
5.º René Morais
Maria Ilvo Niño
José José Sales
Caçador Severino da Silva
O Anjo Elza Pinto
Pastoras Zodja Pereira, Selma Pinheiro, Etenilda Queiroz, Penha Lopes, Zélia Barreto, Cleonice Cordeiro, Maria Barros, Suely Niño, Aurenice Brito, Ângela Mendonça, Lenira Barros, Nadja Pereira.

2.º ATO

O Velho José Willker
A Mestra Zodja Pereira
A Contra Mestra Selma Pinheiro
A Diana Nadja Pereira
A Borboleta Paula Barbosa

PASTORAS

Encarnado: Etenilda, Zélia, Maria, Lenira, Aurenice

Azul: Paula, Penha, Cleonice, Suely, Ângela

bosa (Anjo), além de Zodja Pereira, Selma Pinheiro, Elenilda Queiroz, Penha Lopes, Zélia Barreto, Cleonice Cordeiro, Maria Barros, Luiza Antunes, Aurenice Brito, Ângela Mendonça, Lenira Barros e Nadja Pereira (Pastoras). No 2º ato, participação de Aguinaldo Batista (O velho), Zodja Pereira (A Mestra), Selma Pinheiro (Contra Mestra), Nadja Pereira (Diana), Paula Barbosa (Borboleta), Elenilda Queiroz, Zélia Barreto, Maria de Barros, Lenira Barros e Aurenice Brito (Pastoras do Encarnado); e Paula Barbosa, Penha Lopes, Cleonice Cordeiro, Luiza Antunes e Ângela Mendonça (Pastoras do Azul). A peça seguinte foi *A Volta do Camaleão Alface*, de Maria Clara Machado, que marcou a estreia do ator José Wilker no teatro, ainda adolescente, no papel do Camaleão Alface. Ainda no elenco, Carlos Alberto (Simeão), Marco Porto Carrero (Gaspar), Conceição Pinheiro (Lúcia), Ivanildo Oliveira (O Cacique), Nadja Pereira (Flô), Mário Ferreira (Perí), Moema Cavalcanti (o garoto Maneco), Joacir Castro (Vovô) e Delmiro Lira (Pe. Joãozinho), os dois últimos ainda como assistentes de direção. A direção musical ficou a cargo do maestro Geraldo Menucci, com coreografias de Zodja Pereira e cenário e figurinos de Ded Bourbonnais. No mesmo livro *O Teatro em Pernambuco* (op. cit, p. 100), o pesquisador Alexandre Figueirôa ainda acrescentou sobre o grupo: "Todo o processo de criação era coletivo, da escolha do texto à confecção dos materiais de cena".

Enquanto isso, no *Diario de Pernambuco* (21 de dezembro de 1962), Adeth Leite denunciou o descaso com o Teatro de Santa Isabel pelo Departamento de Documentação e Cultura do Recife: "O velho e tradicional teatro está caindo aos pedaços e ninguém cuida". Já em referência ao Teatro do Parque, revelou: "A imundície e o desconforto imperam ali". Graças ao mesmo Departamento de Documentação e Cultura, os Irmãos Valença voltaram a exibir seu *Presépio* no Sítio Trindade em 1962, como "uma das mais famosas tradições folclóricas de Pernambuco". No Teatro da Festa da Mocidade, o destaque infantil foi *Na Base do Futucado*, "revistinha" de Aldemar Paiva, com sessões às 14 horas ou 16 horas na *Matinée da Gurizada*, com prêmios à vontade e a Turminha do Cirquinho Fratelli Vita participando, incluindo os palhaços Treme-Tre-

A Volta do Camaleão Alface

me, Pimentão, Currupita e Carlos Alberto. Com a chegada do novo ano, o cronista Joel Pontes escreveu sobre *O Boi e o Burro a Caminho de Belém* na coluna *Diário Artístico*, do *Diario de Pernambuco* (3 de janeiro de 1963):

> A idéia de humanizar animais, velha em teatro e sempre de mau gôsto, só resulta bem nas peças infantis. Ou nas que tenham qualquer coisa de apêlo à poesia, ligadas que estejam a lendas e histórias tradicionais capazes, por si sós, de criarem uma predisposição de aceitamento antes mesmo de abrir-se o pano. O nascimento de Jesus é uma dessas histórias, que os homens de tôdas as latitudes vêem mais ou menos com o mesmo encanto (...) Maria Clara Machado, em "O boi e o burro no (sic) caminho de Belém", preferiu o lado poético e, como recurso para não repetir o fato bíblico, escolheu vê-lo sob o ponto de vista dos bichos, o boi e o burro que tradicionalmente figuram na mangedoura (sic). Com isso, ganhou inteligentemente aquela predisposição de aceitamento de que falei linhas acima (...) Na verdade, a estilização domina o texto, não só pela humanização dos animais como pelas presenças das pastoras, rainhas e anjos. Sinto o espetáculo, por isso mesmo, como um preparativo para o quadro final, representação ao vivo da adoração do Menino, término da estilização, quando a autora chega a pedir que todos se coloquem na "posição clássica do presépio". Enquanto preparativo, a música, a dança, os contrastes vivos de agitação e espera constituem os elementos do jôgo, a exigir do diretor forte capacidade imaginativa, ou, pelo menos, alegria, como foi o caso. Sendo impossível falar-se a repeito da iluminação cênica (espetáculos ao ar livre, feitos cada vez em bairro diferente) e desde já notada a nenhuma relevância do cenário, pela coloração sombria e falta de delicadeza da concepção – noto a boa compreensão da peça nos figurinos e no ritmo alegre. (...) O texto requeria uns toques espaventosos que acentuassem a farsa. Justamente nessas distorções da realidade Ded Bourbonnais soube colocar sua marca de figurinista sensível, particularmente feliz nos magos e rainhas, menos pessoal da concepção das pastoras. E mais efeito teria conseguido das côres se a luz houvesse ajudado. O mais foi a alegria dos jovens atores, espontânea, suprindo com a graça natural o que poderia parecer deficiências técnicas. Como os dois atores de sustentação (Luiz Mendonça e Carlos Alberto) não puderam ou quiseram dar relêvo aos seus papéis, o mérito da interpretação foi partilhado por todos e sublinhado por música tradicional em arranjos comuns. Certo acanhamento das partes, em benefício do equilíbrio do todo.

Mais à frente, em retrospectiva do semestre, ainda no *Diario de Pernambuco* (10 de julho de 1963), Joel Pontes retomou o assunto:

> Os primeiros dias de 1963 viram o teatro na praça pública, através de um espetáculo sem grandes méritos nem grandes defeitos: *O Boi e o Burro no* (sic) *Caminho de Belém*, auto de Maria Clara Machado que o Teatro de Cultura Popular representou em diversos bairros.

No dia seguinte (11 de julho de 1963), ao se referir à temporada da mesma equipe em Brasília e Rio de Janeiro, com outro infantil, ele foi mais entusiasta: "As crianças de Brasília se encantaram com *A Volta do Camaleão Alface*". Também nos primeiros meses de 1963, o teatrólogo Alfredo de Oliveira anunciou nova produção do seu Teatro de Brinquedo, com a peça *O Cavalinho Azul*, de Maria Clara Machado, algo que não foi concretizado. Somente em 20 de abril daquele ano, tendo como sede o Teatro de Arena, espaço já com "novo decor" após reforma, finalmente a equipe retornou à cena recifense, mas o texto escolhido foi *O Palhacinho Pimpão*, de Lúcia Benedetti, sob direção de Jacques Weyne e com elementos da televisão no elenco. Como ressaltou a imprensa, a exceção ficou por conta de Paulo Ribeiro – de formação teatral; o mesmo que lançou os Atores Profissionais Unidos com a montagem de *O Violino Encantado* –, mas os outros intérpretes não foram sequer divulgados (em entrevista a esta pesquisa, em 30 de setembro de 2013, o ator Alfredo Borba, que atuou n'*O Palhacinho Pimpão*, recordou os outros companheiros de cena: Walter Mendes como o protagonista, Eurico Lopes, June Sarita, Jane Mendes e Vânia Weyne). Após cumprir temporada no Teatro de Arena, a peça seguiu para sessões em Maceió, onde Alfredo de Oliveira já dirigia outros grupos. Um dado curioso é que esta produção infantil, ainda em abril de 1963, iniciou uma campanha das mais elogiáveis quando fez apresentações gratuitas por orfanatos, colégios de caridade, asilos e patronatos do Recife. A estreia da circulação se deu no Hospital Infantil da Jaqueira e a ideia era "incutir na criança o gosto pelo teatro", conforme matéria no *Diario de Pernambuco* (26 de abril de 1963).

A Volta do Camaleão Alface

O Conjunto
Teatral Marista
apresenta
O casaco
Encantado
de
Lúcia Benedetti
no Teatro ~~Sta. Isabel~~ do PARQUE

O CASACO ENCANTADO
peça infantil em 3 atos — prólogo e epílogo

Direção — João Batista Queiroz
Assistência — Irmão Gilberto Martins
Cenário e figurinos — Lúcia Uchôa de Oliveira
Maquilagem — Ana Campos Lima
Maquinaria — Aluizio Alves
Luz e técnica — Aníbal Mota

ATORES:

José: Alexandre Selva Carneiro Monteiro
João: Luiz Albuquerque de M. Rodrigues
Mágico: Fernando Antonio Neves Lima
Rei: Ricardo da Boa Viagem Parahyba
Ministro: José Lacerda Fragoso
Princesa: Selma de Morais Pinheiro
Bruxa: Maria Lúcia Ribeiro
Vovó: Magda Cristina de Assis Lima
Relógio: Stélio Coelho Lombardi

Ainda em março de 1963, os argentinos Ilo Krugli e Pedro Touron trouxeram ao Recife um espetáculo de bonecos, para o Teatro do Parque. Em 1974, com *História de Lenços e Ventos*, Ilo Krugli marcou a trajetória do teatro para crianças no Brasil ao lançar o grupo Teatro Ventoforte, mudando os rumos da encenação neste segmento. Por outro lado, com a peça *A Volta do Camaleão Alface*, de Maria Clara Machado, o Teatro de Cultura Popular (TCP) circulou por vários espaços alternativos, indo "ao encontro do povo" como, por exemplo, no Centro Educativo Operário do Monteiro, graças a um convênio firmado entre o grupo e o Serviço Social Contra o Mocambo. No dia 28 de abril de 1963, às 15 horas, comemorando o seu 22º aniversário de fundação, o Grupo Infantil de Comédias voltou ao Teatro de Santa Isabel para apresentar *Os Filhos do Sol*, comédia de Heronildes Silva, com música de Lourival Santa Clara. A direção continuou a ser de Valdemar Mendonça.

Em 5 de junho de 1963, o Conjunto Teatral Marista retomou suas atividades estreando *O Casaco Encantado*, de Lúcia Benedetti, sob direção do universitário João Batista de Queiroz. No elenco de estudantes colegiais, Alexandre Monteiro, Luiz Rodrigues, Fernando Lima, Ricardo Paraíba, José Fragoso, Selma Pinheiro, Maria Lúcia Ribeiro, Magda Cristina Lima e Stelio Lomardi. Os cenários e figurinos foram criações de Lúcia Uchoa de Oliveira. As primeiras sessões aconteceram no Teatro do Parque, mas, depois, o grupo cumpriu temporada de sucesso no Teatro de Arena. Tanto que Alfredo de Oliveira decidiu dirigir o mesmo texto em Maceió, com o grupo Os Dionysos, cuja estreia aconteceu em agosto daquele ano. A versão recifense ganhou comentário crítico de Joel Pontes no *Diario de Pernambuco* (18 de julho de 1963):

> O Teatro de Arena esteve superlotado sabado à tarde, quando o Conjunto Teatral Marista apresentou "O casaco encantado", de Lúcia Benedetti. Cadeiras suplementares, crianças acomodadas sobre as pernas dos pais e grande entusiasmo. Está patente, mais uma vez, a necessidade de um teatro para crianças, permanente, no Recife. O público existe, e precisa do divertimento sadio e de nível artístico. O que não adianta e até afasta a criança do teatro é encenarmos coisas pedagógicas, conselhos diretos. Lúcia Benedetti, Maria Clara Machado e autores locais podem suprir os elencos especializados, enquanto a literatura dramática brasileira não se resolve a ampliar seus esforços e atingir o público de menor idade, como está tentando chegar ao povo. Como espetáculo, tivemos um esforço. O diretor ainda não é um diretor mas pode vir a sê-lo. O mesmo se diga dos atores, embora estivessem no elenco Magda Cristina e Maria Lúcia Ribeiro. Em vez de levantarem os companheiros (pois são atrizes de certa experiência) acomodaram-se ao primarismo geral. Espetáculo de estudantes, alegre, cheio de boa vontade, com um texto

> bem escolhido. As crianças tiveram uma tarde que lhes ficará na memória, como uma brincadeira diferente, cheia de sugestões de outras brincadeiras, e preparatória para, no futuro, aceitarem o teatro em tôda a sua extensão.

Pela proximidade do dia das crianças, no domingo 8 de setembro de 1963, às 16 horas, no Teatro de Arena, o Teatro de Brinquedo estreou *Pluft – O Fantasminha*, de Maria Clara Machado, um de seus grandes sucessos. Com direção de Alfredo de Oliveira, o elenco era formado por Romildo Halliday, Clandira Halliday, Alfredo Sérgio Borba, Sulamita Lira, Gilberto Marco, Eurico Lopes, Violeta Araújo, Valter de Oliveira Sobrinho, Vanda Buarque e Marcus Siqueira (talvez tenha sido seu único trabalho como ator profissional em peça para crianças). Os cenários e figurinos foram adaptados de Napoleão Muniz Freire e Kalina Murtinho. A peça permaneceu em cartaz até 6 de outubro, sempre com casa cheia. Diante de toda aquela movimentação no segmento teatral para a infância, o cronista teatral Adeth Leite sugeriu em sua coluna a realização de um festival de teatro infantil, ideia que acabou sendo aceita pela Prefeitura do Recife pouco depois. Escreveu ele no *Diario de Pernambuco* (4 de outubro de 1963):

> Em nota inserta nesta coluna, a 25 de setembro último, lembravamos que a Comissão Estadual de Teatro de São Paulo, organizada por Dinah Lisboa, estava preparando para a primeira quinzena deste mês, na capital bandeirante, o I Festival Paulista de Teatro Infantil. Para isto, havia ele recentemente visitado vários países da Europa, a fim de observar o que se faz em matéria de teatro infantil, para pô-los em prática no Festival. Já agora vemos que o Rio vai acompanhar a iniciativa bandeirante, a partir de 12 do corrente, não com o primeiro, mas com o III Festival Infantil de Teatro, dele estando encarregado o sr. Eduardo Farah. (...) No Recife, a coisa tem passado em branca nuvem, não obstante a encenação de vários originais infantis, como "O rei mentiroso", "Joãozinho anda prá trás", "O rapto das cebolinhas", "Pluft - O Fantasminha", "O casaco encantado", "O violino encantado", "A volta do Camaleão Alface", "A revolta dos brinquedos" e tantos outros. No país inteiro, há bons autores no genero, destacando-se Lucia Benedetti, Maria Clara Machado, Pernambuco de Oliveira, José Veiga, Eustorgio Wanderley, Graça Melo. E no Recife um nome pode ser apontado, com mérito comprovado; Vanildo Campos Bezerra Cavalcanti. Voltamos a insistir na tecla: o Recife não pode ficar alheio ao que se processa nos grandes centros do país em matéria de teatro infantil. Há um público certo para esses espetaculos e, hoje em dia, o problema é apresentado inclusive nos Festivais Nacionais de Teatro. Paschoal Carlos Magno é um dos maiores incentivadores da inclusão do Teatro Infantil nos festivais nacionais de teatro. Vale destacar que foi a Província que quebrou o tabu; o Teatro de Amadores de Maceió foi o pioneiro, apresentando "Pluft - O Fantasminha", sob a direção de Willy Keller. No Recife não se tem dado a importância devida ao Teatro Infantil, quer interpretado por crianças ou não. (...) Via de regra a menina recifense não dispõe de espetaculos proprios uma vez que até mesmo os cinemas na maioria dos casos, preferem exibir as peliculas improprias para menores de 18 anos (o que é o mais lucrativo). A sugestão continua de pé.

Numa promoção da Associação dos Cronistas Teatrais de Pernambuco, Secretaria Municipal de Educação e Cultura e Movimento de Cultura Popular, de 15 a 25 de dezembro de 1963, começando na sede do Teatro do Banorte e continuando no Teatro de Santa Isabel e na Faculdade de Filosofia de São José, aconteceu o I Festival de Teatro Infantil de Pernambuco, com a participação de seis conjuntos locais convidados (seriam oito atrações inicialmente). Curiosamente, a grande maioria das montagens foi apresentada no horário noturno, como a da abertura, às 20 horas, com o elenco do Teatro do Banorte na peça de Lúcia Benedetti, *Sinos de Natal*, sob direção de Luiz Mendonça, coreografia de Tânia Trindade e cenários e figurinos de Josias Lopes. Participaram ainda o Teatro do DECA com o espetáculo *Presépio da Casa Forte*, de acordo com as notas recolhidas por Maria de Lourdes Góes Xavier de Andrade, única peça que ganhou 2ª sessão; o Conjunto Teatral Marista, com *O Casaco Encantado*, de Lúcia Benedetti, sob direção de João Batista de Queiroz; o grupo "Os Corujinhas", equipe dirigida por Geninha Sá da Rosa Borges na peça *O Menino Atrasado*, de Cecília Meirelles (originalmente escrita para bonecos), com música de Capiba e trazendo no elenco 35 crianças dos cinco aos onze anos; o Grupo Infantil de Comédias, com *O Goleiro do Fortaleza*, autoria e direção de Valdemar Mendonça; e o Teatro de Cultura Popular, com a peça de Luiz Mendonça (também na direção) e Leandro Filho, *Da Lapinha ao Pastoril*.

«OS CORUJINHAS»

apresentam

O MENINO ATRASADO

de

Cecília Meirelles

e

música de Capiba

.....

Cenários — Lúcia Uchôa de Oliveira

Guarda-roupa — Me. Escobar

Pianista — Guiomar Carvalho

Luz — Otávio Luiz da Rosa Borges (14 anos)

Contra-regra — Jaime Xavier (14 anos)

Direção — Geninha Sá da Rosa Borges

O Teatro Phoenix do Recife tentou montar dois trabalhos sem sucesso (*O Consertador de Brinquedos*, de Stella Leonardos, com direção de Hermes da Hora, sem liberação autorizada pela SBAT; e *O Milagre do Sol*, de Ferreira Neto, sob a direção de Gerson Vieira, peça não realizada "por motivos de ordem técnica", segundo o *Diario de Pernambuco* de 21 de dezembro de 1963), e acabou tendo que cancelar sua participação em cima da hora, assim como o Teatro de Equipe do Recife, com *O Violino Encantado*, de Vanildo Campos Bezerra Cavalcanti, dirigido pelo autor. No *Diario de Pernambuco* (20 de novembro de 1963), ventilou-se ainda a participação do Teatro da Escola de Belas Artes com *Presepio de 1888*, dos Irmãos Valença, original que tinha três nomes: *Delegação dos Inocentes*, *O Anjo do Bem e do Mal* ou *Gabriel e Lasbel*; Teatro do DECA com a adaptação de Maria José Campos Lima do conto *A Bela Adormecida no Bosque*; Teatro de Arena do Recife com *Pluft – O Fantasminha*, de Maria Clara Machado, sob direção de Alfredo de Oliveira; e o Teatro da Criança de Pernambuco, com *Chapeuzinho Vermelho*, também de Maria Clara Machado, dirigida por Maria José Campos Lima, algo que não se concretizou. Mas a programação contou ainda com uma exposição de materiais da época natalina, organizada pelo Irmão Gilberto Martins e funcionando no *hall* do Teatro de Santa Isabel durante todo o evento, com uma variada mostra de presépios de efeitos decorativos.

Choveram críticas ao evento. Adeth Leite, como o 1º a sugerir a realização do mesmo, foi o mais enfático no *Diario de Pernambuco* (26 de outubro de 1963):

> Num ligeiro bate-papo havido entre este colunista e o "metteur-em-scène" Luiz Mendonça, ficamos inteirados de que o anunciado Festival do Recife nem poderá ser assim classificado, porque circunscrito apenas a participação de cinco conjuntos: três, pertencentes à Secretaria de Educação e Cultura e ao Movimento de Cultura Popular (Teatro Infantil do MCP, Teatro da Criança de Pernambuco e Teatro do DECA), e mais o Teatro Infantil do Banorte (que gira sob a orbita de Luiz Mendonça) e o Teatro Infantil da Escola de Belas Artes. O que importa dizer: trata-se de um festival "domestico", sem a participação dos demais conjuntos da cidade, do Estado ou da região. Depois, o anunciado certame servirá apenas para a exibição de "Autos de Natal", presépios ou peças em torno das comemorações natalinas, o que não é, em absoluto, o certame sugerido por este colunista. (...) A nossa sugestão foi no sentido de que se realizasse no Recife um certame identico ao I Festival Paulista de Teatro Infantil, organizado por Dinah Lisbôa, ou ao III Festival Infantil de Teatro da Guanabara idealizado por Eduardo Farah um Festival, em que tomassem parte os conjuntos infantis do Recife, do Estado e de toda a região nordestina pelo menos.

Ao final do evento, Adeth Leite fez uma avaliação do mesmo no *Diario de Pernambuco* (22 de dezembro de 1963).

> Quer nos parecer que o I Festival de Teatro Infantil de Pernambuco, (...) foi mal planejado, faltando-lhe principalmente uma divulgação adequada e, em muitos casos desencontradas as informações. (...) A verdade é que varios conjuntos desistiram de participar do Festival, por falta absoluta de tempo para a preparação das montagens (...) Continuamos a martelar na tecla de que o Festival "foi fechado". Logo na estruturação do regulamento, ficou positivada tal assertiva, quando, no seu artigo 2.°, diz textualmente: O Festival constará de espetaculos a serem apresentados por grupos amadoristas e profissionais de Pernambuco, "especialmente convidados para tal fim". O grifo é nosso. Acreditamos piamente que não era essa, realmente, o (sic) intenção dos promotores do Festival. (...) ficando a coisa "muito domestica ou fechada", fechadinha da silva.

Mas antes mesmo da realização do I Festival de Teatro Infantil de Pernambuco, em novembro de 1963, no horário das 17h30, no Teatro de Santa Isabel, o Conjunto do Teatro Infantil do Curso Primário do Colégio Americano Batista, sob a direção de Odete Ferreira, apresentou duas operetas infantis, em um ato cada, *Se Eu Fosse Rainha* (If I Were Queen), original de Karin Sundelef, e *Sonho Roseo* (A Rose Dream), de Gertrudes Knox Willis, em tradução da própria Odete Ferreira, com músicas de Denice Martins e Helena Barros. Toda a renda foi revertida em benefício das obras de conservação do Teatro

de Santa Isabel. Cerca de cinquenta crianças tomaram parte na representação.

Em 1964, ano turbulento para o Brasil, no dia 31 de março, quando o Teatro de Cultura Popular (TCP) preparava-se para a festa de lançamento do método de ensino do educador Paulo Freire na Zona da Mata Sul pernambucana, como parte das ações do MCP pela alfabetização da população mais carente, o Golpe Militar depôs João Goulart da presidência da República e tirou Miguel Arraes do cargo de Prefeito do Recife. Com tanques nas ruas e uma caça ainda mais desenfreada aos considerados comunistas, muitos dos integrantes do TCP tiveram suas prisões preventivas decretadas. O grupo foi, então, dissolvido, seus arquivos queimados e vários dos artistas tiveram que sair às escondidas de Pernambuco, fugindo. Ainda assim, em 1964, listando os *Melhores do Teatro Pernambucano no Ano de 1963*, a Associação dos Cronistas Teatrais de Pernambuco (ACTP) premiou a peça *Da Lapinha ao Pastoril*, do Teatro de Cultura Popular, único infantil vencedor nesta premiação, pelo cenário para Wilton de Souza, além das indicações de Melhor Espetáculo Local e Melhor Direção. O caso indignou o cronista Adeth Leite, que acusou os "meninos" do MCP de armarem a escolha, já que muitos integrantes atuavam como cronistas teatrais e tinham direito a voto na premiação.

O mesmo Adeth Leite, na sua coluna *Teatro, Quase Sempre*, revelou no *Diario de Pernambuco* (5 de dezembro de 1964): "A rigor, foi pobre, teatralmente, no Recife, o ano de 1964. Tivemos de recorrer à *prata da casa*, porque de fora nada aqui aportou digno de menção", como se necessariamente para se ter um ano bom teatralmente, o parâmetro fosse a visita de companhias de fora. Este comentário revela o valor que se dava à produção local naquele momento. Para adultos, ainda assim surgiram opções de destaque como *Macbeth*, de Shakespeare, com direção de Milton Baccarelli, pelo Teatro de Amadores de Pernambuco, que continuou apresentando com sucesso, *Um Sábado em 30*, de Luiz Marinho, peça levada, inclusive, a São Paulo e Minas Gerais naquele ano; dois trabalhos do Teatro Universitário de Pernambuco, *O Patinho Torto (ou "Os Mistérios do Sexo")*, de Coelho Neto, com direção de Isaac Gondim Filho, e *O Seguro*, original em um ato de Ariano Suassuna, dirigido por Clênio Wanderley; mais duas produções do Teatro de Arena, *A Viola do Diabo*, de Ladjane Bandeira, e *Roleta Paulista*, de Pedro Bloch, ambas com direção de Alfredo de Oliveira; *A Hora Marcada*, de Isaac Gondim Filho, *O Beijo no Asfalto*, de Nelson Rodrigues, e *Casar... Ou Experimentar?*, de Lawrence Rootman, com direção de Paulo Ribeiro, três estreias dos Atores Profissionais Unidos; *Toda Donzela Tem Um Pai Que é Uma Fera*, de Gláucio Gil, com direção de Lenita Lopes, pela Companhia Nacional de Comédias Barreto Júnior; *O Amor na Terra do Cangaço*, de Maria Wanderley Menezes, com direção de Otto Prado, pelo Teatro do Funcionário Público de Pernambuco; *As Bodas de Aurora*, de Joracy Camargo, com direção de Elpídio Câmara, pelo Teatro Pernambucano; *Bus Stop*, de William Inge, pelo elenco de The Recife Players, com direção de Eleanor Schlenann; *Pai Jubá*, dos irmãos João e Raul Valença, pelo Teatro da União Pernambucana dos Estudantes Primários e Particulares; e a burleta *Luar do Norte*, de Humberto Santiago e João Valença, pelo Conjunto Cênico da Associação Rui Barbosa, os dois últimos trabalhos dirigidos por Arlindo Silva.

Em meio a toda esta produção de teatro para adultos, a única peça para crianças em destaque na imprensa foi *A Bela Adormecida*, pelo Teatro da Criança, como temporariamente foi chamado o Teatro do DECA, com adaptação de Maria José Campos Lima Selva a partir do conto de Charles Perrault, apresentada no Teatro de Santa Isabel. Importante lembrar que o Teatro do DECA ainda em 1964 montou a peça adul-

ta *Casa Grande & Senzala*, da obra de Gilberto Freyre com adaptação de José Carlos Cavalcanti Borges e direção da mesma Maria José Campos Lima Selva. No ano seguinte, 1965, seis casas de espetáculos funcionaram no Recife, os teatros Marrocos (com a Companhia de Revistas Trá-lá-lá e a Companhia Françoise Brunett, entre outras), Santa Isabel, Parque, AIP (este com espetáculos infantis aos sábados e domingos, sem identificação das montagens que lá passaram), Arena e o Teatrinho da Festa da Mocidade. Mas Adeth Leite salientou no *Diario de Pernambuco* (8 de dezembro de 1964): "O Teatro de Arena levou todo o primeiro semestre de *fôgo morto*".

O ano de 1965 também foi sofrido para o teatro pernambucano. O sucesso de público estava nas peças do teatro rebolado. Tanto que o Teatro Marrocos era divulgado como "o teatro preferido da cidade", com montagens como *Essa Não Papai Noel*, com direito a *strip-tease*, e *Leva na Cabeça*. No entanto, o cronista Adeth Leite chegou a definir no *Diario de Pernambuco* (1 de janeiro de 1965) como "inclassificável artisticamente o teatro rebolado que se faz no Recife". Mas o momento não era nada agradável às outras casas de espetáculos do centro do Recife: o Teatro do Parque e o Teatro de Santa Isabel precisavam de melhoramentos e permaneceram bom tempo fechados. Já o Teatro da AIP atraía pouquíssimo público. No entanto, um novo teatro surgiu, o do Sindicato dos Bancários, na avenida Conde da Boa Vista. Uma das poucas produções da época voltada a todas as idades foi a opereta infantil *Presépio do Século XIX*, dos Irmãos Valença, na sede do Esporte Clube do Recife, de 23 a 30 de dezembro, com músicas de compositores e poetas pernambucanos. O *Diario de Pernambuco* lembrou (15 de dezembro de 1965): "O espetáculo vem sendo encenado há mais de um século, nos velhos teatros do Recife, como Rocambole, Nova-Hamburgo, Santo Antonio, Nova Talia, hoje extintos, e no Santa Isabel, na última década do século passado".

Na escolha dos Melhores do Ano de 1964, realizada em 1965 pela Associação dos Cronistas Teatrais de Pernambuco (ACTP), a peça *A Bela Adormecida* recebeu indicação aos prêmios de Melhor Diretor, Melhor Autor (pela adaptação), Melhor Cenógrafo (todos para Maria José Campos Lima Selva), Melhor Espetáculo de Conjunto Local e Melhor Intérprete Masculino, com indicações para Roberto Correia e Alfredo Sérgio Borba (este último, no papel do Príncipe Cranao). Mas a proposta ficou apenas nas indicações. No entanto, foi inédita esta valorização a uma montagem direcionada ao público infantil na premiação da ACTP. Vale registrar que, na imprensa, alguns cronistas denunciavam que a entidade vivia "na penúria". Quando chegou o ano de 1966, o período ainda continuou péssimo em termos de novas produções teatrais. Adeth Leite, em sua coluna *Teatro, Quase Sempre*, no *Diario de*

Presépio dos Irmãos Valença

A Revolta dos Brinquedos

TEATRO POPULAR DO NORDESTE
Av. Conde da Boa Vista, 1.242 — Fone: 2-1154
— HOJE, AS 21 HORAS —
O INSPETOR
de Gógol
Domingos: Vesperal, às 17 horas — ESTUDANTES: 50%, exceto aos sábados
TEATRO INFANTIL: Estréia hoje, às 16 horas horas, com a peça "A REVOLTA DOS BRINQUEDOS", de Pernambuco de Oliveira — Amanhã, matinal, às 10 horas

Pernambuco (12 de janeiro de 1967), chamou o ano de "pobre artisticamente". Só animador por quatro visitas de companhias itinerantes. O Teatro Marrocos foi a única casa de espetáculos que se manteve funcionando durante todo o ano (exceção dos últimos dias de dezembro), com destaque à Companhia Moderna de Espetáculos e seus diversos rebolados.

Em setembro de 1966, cinco casas de espetáculos estavam em funcionamento no Recife: o Teatro Popular do Nordeste (TPN), inaugurado naquele ano na avenida Conde da Boa Vista; o Teatro da AIP, o Teatro Marrocos, o Teatro de Santa Isabel e o Teatro de Arena, ainda que durante um bom tempo estes dois últimos teatros anunciassem na imprensa, "aguardando nova programação". O Santa Isabel, por sinal, além de viver cercado de obras em grande parte do ano, como criticavam alguns cronistas, estava mais aberto aos concertos musicais programados pela Sociedade de Cultura Musical de Pernambuco e às poucas peças que vinham de outros estados. Já o Marrocos apresentava apenas chanchadas, como *Festival do Strip-Tease*, *Enxutas Naquela Base*, *Às Donzelas do 24* e *O Gigolô da Viúva*, espetáculos rigorosamente para maiores de 18 anos, pela visitante Companhia Moderna de Espetáculos. A época não era das melhores para o teatro, como atestou Ivan Soares no Caderno IV dominical do *Jornal do Commercio* (16 de outubro de 1966), intitulando o movimento da época de "acanhado meio teatral – acanhado porque, nos últimos tempos, entrou em lamentável recesso de atividades".

O grande destaque era mesmo a programação do TPN, com duas montagens em atividade, a peça adulta *O Inspetor*, de Gogol, às 21 horas, para maiores de 14 anos, espetáculo inaugural daquela casa de espetáculos e retorno do grupo à cena, e *A Revolta dos Brinquedos*, farsa infantil de Pernambuco de Oliveira e Pedro Veiga dirigida pelo mineiro Rubens Teixeira, ex-ator da Companhia Cacilda Becker, com Moema Cavalcanti como atriz principal, como ressaltavam os anúncios na imprensa, no papel da "Menina Má" e assinando figurinos e adereços. Ainda no elenco, Wellington Luiz (Wellington Lima), José Antônio Accioly, Sérgio Sardou, Mércia Barreto, Evandro Campelo e Dircinéa Dantas. A maquiagem era de Ana Campos Lima. A peça, de censura livre, era apresentada em dias e horários inusitados: às quintas e sábados, às 16 horas, e domingos, às 10 horas. Era o único espetáculo direcionado às crianças naquele período, com pouquíssimas opções de lazer no Recife. Uma das raras diversões infantis era o programa de auditório *No Mundo da Criança*, da TV Canal 2, apresentado por Linda Maria, com sucesso, aos sábados, às 15h45. Mas o momento não era nada convidativo para pais e filhos saírem às ruas diante de tantos conflitos entre estudantes e a polícia, como aconteceu na "Marcha do Silêncio" em que até seminaristas foram presos sob alegação de perturbação da ordem. Greves também pipocavam por todos os lados.

Ainda assim, grandes espetáculos adultos estrearam no 2º semestre de 1966, ano que viu o sucesso da peça *O Inspetor*, elogiada pela imprensa por manter-se em cartaz por três meses consecutivos no TPN, chegando a oitenta apresentações – um feito para o teatro profissional daquele momento. Em sequência, o grupo liderado por Hermilo Borba Filho lançou *O Cabo Fanfarrão*, texto do próprio, e *Um Inimigo do Povo*, de Henrik Ibsen, ambos dirigidos por Hermilo Borba Filho. Outras estreias do ano foram *As Feiticeiras de Salém*, de Arthur Miller, sob direção de Milton Baccarelli, pelo Teatro Universitário de Pernambuco; ou ainda as produções de *Antígona* e *Louvação*, pelo Grupo Construção; *Uma Trezena*, realização do Teatro do Funcionário Público; *O Casamento Suspeitoso*, de Ariano Suassuna, com atores do Grupo Teatral do Colégio Estadual de Pernambuco; e *...Mas Livrai-nos do Mal*, pelo Teatro Banorte, um "show-experiência" de Jairo Lima, sob direção de Lúcio Lombardi. No gênero infantil, a única peça do período, *A Revolta dos Brinquedos*, pelo TPN, além de suprimir as sessões matinais dos domingos no verão, saiu de cartaz antes mesmo da chegada do mês das crianças, outubro. Valdemar de Oliveira, inclusive, ressaltou em sua coluna *A Propósito...*, no *Jornal do Commercio* (7 de outubro de 1966):

Valdemar de Oliveira

> O Teatro Popular do Nordeste retirou do cartaz, não apenas "O Inspetor", de Gogol, como "A Revolta dos Brinquedos", peça infantil de Pernambuco de Oliveira. Constou-me que não vai insistir no teatro infantil – no que tem e não tem razão. Tem, porque a afluência de público foi menor do que a esperada; não tem, porque, mesmo assim, não se deve abandonar a meninada, convindo, apenas, ao que me parece, escolher um melhor horário, não coincidente com o da televisão. No fim de contas, não se compreendem queixas surgidas, de vez em quando, contra a falta de teatro para crianças, no Recife (isso numa época em que são numerosos, no Rio, os espetáculos com esse endereço). Há que fazer finca-pé na ideia, adotando o lema conhecido: "Insista, não desista". E que a propaganda se dirija mais aos pais, que lêem jornais, do que às crianças, que confiam que eles os leiam. A culpa de crianças não irem ao teatro não é delas.

Curioso este comentário de Valdemar de Oliveira, logo ele que abriu espaço às apresentações teatrais para crianças no Teatro de Santa Isabel em 1939, com tanto sucesso, e abandonou a ideia pouco depois, em 1942. No entanto, o TPN não largou o público infantil e anunciou, para estreia em 5 de janeiro de 1967, na sua sede, uma 2ª produção neste gênero, *O Cavalinho Azul*, elogiado texto de Maria Clara Machado por sua carga poética, sob direção do mesmo diretor de *A Revolta dos Brinquedos*, Rubens Teixeira. O estranho é constatar que, em pleno mês de outubro de 1966, nenhuma peça para crianças estava em cartaz no Recife. No entanto, foram

Vá e leve seus filhos
para momentos de alegria e encantamento
no dia da criança!

DIA 12 (QUARTA-FEIRA)
FESTA DA CRIANÇA
Clube Português

TARDE INFANTIL, promovida por um grupo de senhoras e senhorinhas pernambucanas, em benefício das crianças do «Oratório da Divina Providência», com início marcado para as 15 horas.

DESFILE DE MODA INFANTIL, com o concurso do Departamento de Moda Infantil das Lojas Mesbla — Direção de Laura Vieira.

«UM DOMINGO DE VERÃO»

45 crianças em 7 quadros atraentes de ... telos exclusivos recém-chegados do Sul.
a) Missa
b) Praia
c) Pescaria
d) Clube de Campo
e) Cinema
f) Hora de dormir

O Salão do Clube Português será transformado num lindo e movimentado PARQUE INFANTIL, para crianças de 4 a 12 anos.

SORTEIO DE BRINDES — REFRIGERANTES — BOLINHOS FINOS—

Música pelos conjuntos musicais:
Conjunto do COLÉGIO SÃO JOSÉ
Conjunto MESBLA
Conjunto do Maestro MASTROIANI
Ingressos restantes na portaria do Clube Português, no dia da festa.

agendadas festividades variadas em clubes de mães, escolas, juizado de menores, centros educativos operários, parques e orfanatos, além de uma grande *Festa da Criança* no salão do Clube Português, para o dia 12 de outubro, com tarde infantil promovida por um grupo de senhoras e senhorinhas pernambucanas, em benefício das crianças do Oratório da Divina Providência. Nenhuma apresentação teatral constava na programação. O que se oferecia era um desfile de moda infantil, com direção de Laura Vieira; parque infantil para crianças de 4 a 12 anos; sorteio de brindes, refrigerantes e bolinhos finos; e shows musicais pelos conjuntos Mesbla, do Colégio São José e do Maestro Mastroiani.

A única referência teatral naquela semana especial foi dada pelo Departamento de Extensão Cultural e Artística da Secretaria de Educação e Cultura, que promoveu apresentações do Teatro DECA nas escolas e hospitais do Recife e cidades vizinhas. Sem qualquer citação a nomes de espetáculos, consta que levou seu Teatro de Fantoches para o Centro Cívico da Torre (Fundação Guararapes), Clínica Correia Picanço, Grupo Escolar Ministro João Alberto, Biblioteca de Casa Amarela e Escola Artesanal de Caxangá, entre outros lugares. Ainda naquele 12 de outubro, com grande alarde na imprensa, o Canal 2 anunciou a estreia do seriado *Batman e Robin*, veiculado todas às quartas-feiras, às 18h55. Ou seja, mais uma forma das crianças se apegarem à televisão. Era tanto o fascínio que a TV exercia sobre o público, incluindo o adulto, que o jornalista Ivan Soares chegou a dar o seguinte depoimento, em referência às estreias adultas daquele final de ano, no Caderno IV dominical do *Jornal do Commercio* (16 de outubro de 1966):

Essa movimentação teatral é necessária e esperamos que não cesse. Só assim, mantendo-se a efervescência, o público voltará seus olhos para o teatro, saindo do comodismo, do anestesiamento provocado, em muitos, pela execrável novela televisionada.

Para o dia 22 de outubro, finalmente uma nova montagem infantil foi produzida, *O Pequeno Príncipe*, baseada no livro de Antoine de Saint-Exupéry, com adaptação e direção de Gilvan Pomposo, numa realização do Colégio das Damas, pelo Grupo Teatral Damas Cristãs. O "guarda-roupa" era assinado por Jurandy e cenários de Ari Nóbrega. No elenco formado apenas por mulheres, Lêda Gonçalves (Príncipe), Sônia Kutz (Aviador e Bêbado), Carmencita Cabral (Flôr), Suzana Maria Oliveira (Rei e Serpente), Solange Oiticica (Vaidoso e Rapôsa), Auxiliadora Beltrão (Geógrafo), Magdala Borba (Homem de Negócios) e Nanete Frej (Acendedor de Lampiões). A peça foi apresentada no auditório da própria instituição de ensino. O mês dedicado às crianças inspirou ainda o crítico do *Jornal do Commercio*, Medeiros Cavalcanti, natural de Maceió, Alagoas, mas já radicado há anos no Recife, a recordar o sucesso que fez a peça *Pluft, o Fantasminha*, de Maria Clara Machado, pelo elenco do Teatro de Amadores de Maceió, que integrou o II Festival Nortista de Teatro Amador, de 8 a 17 de outubro de 1956, no Recife, inscrevendo na história, segundo ele, a 1ª participação de uma peça infantil em um festival de teatro. Mas o crítico lamentou ainda a pouca continuidade de produções deste gênero no Recife. Escreveu ele no artigo intitulado *A Semente Que Morreu* (22 de outubro de 1966):

Pluft, o Fantasminha

Revendo agora fatos teatrais de há dez anos atrás, lembro-me de como não vingou a boa semente do teatro infantil deixada entre nós, no curso do II Festival Nortista de Teatro Amador, pelo Teatro de Amadores de Maceió. "Pluft, o Fantasminha" foi o deslumbramento do Festival aquilo que ninguém esperava... (...) Uma coisa é certa: não trazendo um espetáculo infantil – que desbordou da pauta do Festival para dois espetáculos no Marrocos e mais um no Santa Isabel – não teria o TAM exercido aquela profunda influência que todos nós tivemos o prazer de comentar, gerando inquéritos escolares proveitosos, provocando afluxos ao teatro jamais vistos como quando da vez em que cêrca de 600 crianças voltaram por falta de localidades e 500, ficaram chorando nas escolas, conforme o depoimento da profa. Maria de Lourdes Vasconcelos, então Inspetora do 8º. Distrito. Saliente-se que Willy Keller fizera um bom trabalho de direção, contribuindo para o maior encanto da peça entre a petizada. Dêle disse o confrade Luiz Mendonça: "Willy Keller foi o dono das direções no II Festival; as marcas originais e mesmo a pantomima que foi dada pelo diretor em grupos amadorísticos". Tôda aquela magnífica movimentação inicial ficou perdida, como perdido ficou o apêlo de Agnelo Macedo, crítico teatral do "Jornal do Comércio", do Rio de Janeiro (...) Contagiado pelo "verdadeiro delírio" que reinava no Santa Isabel, Agnelo Macedo pediu às crianças que exigissem "através de seus pais e professôres, que os Oliveiras e todos os amadores teatrais de Pernambuco lhes dessem sempre espetáculos como aquêle a que iriam assistir". A idéia do Festival de Teatro Infantil, lançada por Vanildo Bezerra Cavalcanti, ficou no ar. Morreu o Teatro de Brinquedo, de Alfredo de Oliveira. Ainda agora, ouço que o teatro infantil do TPN está suspenso. Tôdas as tentativas falham, esbarram em obstáculos, caem no desânimo. E no entanto, nestes últimos dez anos, quantas platéias poderiamos ter formado?.

Em outras notas, Medeiros Cavalcanti fez nova referência a Alagoas, ressaltando o sucesso do grupo Os Dionysos, liderado por Bráulio Leite Júnior, na peça *O Rei Mentiroso*, dirigida pelo pernambucano Alfredo de Oliveira, texto de Graça Mello que já havia sido montado pelo Teatro de Brinquedo, do próprio Alfredo de Oliveira, no Recife, em 1953. Salientou, inclusive, que cerca de 30 mil crianças veriam a peça até final de 1966, graças a convênio com a Secretaria de Educação e Cultura do Estado, um exemplo que deveria ter sido seguido em

terras pernambucanas. Como recado maior, ao lembrar que não acabou o teatro infantil do Teatro Popular do Nordeste, a maior referência daquele ano neste segmento, afirmou ainda no *Jornal do Commercio* (26 de outubro de 1966): "Se existe alguma coisa que o TPN deva defender em sua obra em favor do teatro recifense é, justamente, o teatro infantil".

Antes do término de 1966, surgiu mais uma produção para crianças no Recife, *O Caçador de Borboletas*, de Maria Clara Machado, pelo Núcleo de Teatro de Fantoches do Teatro DECA, com apresentações gratuitas, dias 21, 22 e 23 de novembro, de segunda a quarta-feira, respectivamente às 16 horas, 10 horas e 16 horas, no auditório do Departamento de Extensão Cultural e Artística da Secretaria de Educação e Cultura, em promoção do Serviço de Teatro e Recreação daquele órgão. Curiosamente, antes do final do ano, os Amadores Gráficos do Ceará, conjunto de Fortaleza, agendaram sessão matinal, às 10 horas, num domingo, no Teatro de Santa Isabel, com a comédia *Dona Filó é Quem Manda*, sem maiores referências na imprensa se, de fato, tratava-se de uma peça também para crianças. Provavelmente não. Era um daqueles exemplos de espetáculo que, sem ser especificamente direcionado à meninada, poderia agradar a toda a família com garantia de "gargalhadas da 1ª à última cena", como divulgado nos jornais.

Na imprensa, as expectativas teatrais recaíam mesmo sobre *O Cavalinho Azul*, do TPN, que finalmente anunciou seu elenco: Carlos Reis, João Batista Dantas, Wellington Luiz (Wellington Lima), Moema Cavalcanti (também na criação de figurinos), Paulo Roberto (Paulo de Castro), Marcelo Gusmão, Marise da Fonte, Gilda Macedo, Carlos Alberto, Sérgio Sardou, Delaías Andrade, Maria Nazaré, Marcos Aurélio e Luiz Maurício Carvalheira, nesta que foi a 2ª e última produção infantil do Teatro Popular do Nordeste. O diretor Rubens Teixeira ainda assinava a iluminação; Jair Miranda os adereços; Reinaldo Fonseca as máscaras; e Reginaldo Carvalho as músicas, contando com a participação luxuosa dos músicos Josefina Aguiar, Guebinha e Toinho Alves. Com estreia em 5 de janeiro de 1967, a peça ficou em cartaz às quintas, sábados e domingos, às 16 horas. Já o Teatro de Brinquedo voltou à cena no dia 26 de fevereiro de 1967, no Teatro de Santa Isabel, com nova versão de *O Rei Mentiroso*, tendo Alfredo de Oliveira na direção, produção e no papel do Rei. Ainda no elenco, Fernanda Amaral, Olga Mota, Argemiro Oliveira, Pedro Higino, Walter Mendes, Astrogil-

Teatro da Criança do Recife

do Drumont, Otto Prado, Alna Ferreira e Eliezer Ataíde, os três últimos fundadores do Clube de Teatro Infantil, outro conjunto dedicado à profissionalização do setor.

É importante esclarecer que foi ainda em 1966 que surgiu o Teatro da Criança do Recife, equipe que também já nasceu com vistas à profissionalização, ainda que com três garotos inquietos à frente da produção: Carlos Carvalho, Paulo de Castro e Pedro Henrique, sob a inspiração do diretor Rubens Teixeira, o mesmo das montagens infantis do TPN. O início desta história, que percorreu muitas escolas levando espetáculos nas mais diversas estruturas, foi registrada em capítulo do livro organizado por este que vos escreve e mais Rodrigo Dourado e Wellington Júnior, *Memórias da Cena Pernambucana – 01* (2005, p. 85-87), em depoimento de Carlos Carvalho:

> As contribuições que podemos trazer, refletindo sobre o Teatro da Criança do Recife, são as seguintes: primeiro, antes de criarmos esse grupo, eu, Paulo de Castro e Pedro Henrique saímos do Teatro Experimental, fruto do Colégio Castro Alves. (...) com uma professora que era uma atriz renomada na cidade, Ruth Bandeira. (...) Segundo, por conta de uma iniciação teórica e prática no colégio, nós, garotos de calça-curta, eu tinha 11 anos, fundamos o Teatro Experimental de Pernambuco – TEP. (...) éramos estudantes e queríamos fazer teatro. Nós saímos desse pequeno universo do colégio em que não havia um aprofundamento, mas havia um fazer. Nossa sede era a casa de Paulo de Castro, ou seja, nós tínhamos um referencial para ensaios, reuniões. Isso não era teorizado na época, mas concretizava-se na prática. De alguma maneira, acreditávamos no talento do grupo e, por sorte nossa, tivemos diretores que também acreditaram, o que foi determinante. Rubens Teixeira, José Francisco Filho, e assim sucessivamente. (...) Outra coisa fundamental foi a experiência de Paulo de Castro, José Francisco Filho e Pedro Henrique com o TPN. (...) Começamos a fazer uma leitura do que estava sendo feito no Brasil, tudo isso com um pé no profissionalismo. Porque, por mais que fôssemos adolescentes ou inexperientes, primeiro existia um contrato de trabalho, não escrito, mas havia a venda do esforço do trabalho. Se eu vendia algo, ganhava por isso. Às 8h da manhã, tínhamos que estar na casa de Paulo de Castro, trocar de roupa, maquiar-se, empurrar o carro de José Francisco, colocar o cenário em cima e sair para fazer os espetáculos, dois de manhã e dois à tarde; às vezes,

Rubens Teixeira

um à noite. Chegávamos a fazer cinco apresentações por dia, de colégio em colégio, com a cara pintada o tempo todo. Apresentávamos em qualquer lugar, com ou sem estrutura e isso foi um aprendizado muito grande, que desemboca numa 3ª coisa importante desse grupo: o fazer muito teatro. Porque teatro tem que se fazer muito, senão não é profissão.

Em entrevista ao jornalista José Pimentel para matéria publicada no *Jornal da Cidade* (período de 12 a 18 de junho de 1976), Paulo de Castro deu mais detalhes sobre a criação do Teatro da Criança do Recife:

> Paulo de Castro, que começou no Teatro Popular do Nordeste, em 1965 (sic), fazendo "Cavalinho azul", de Maria Clara Machado, com direção de Rubens Teixeira, afirma que o Teatro da Criança do Recife foi fundado em 1966, "para levar o teatro infantil às escolas". Também não recebe ajuda de particulares e nem do Governo e o convênio que mantém com a Secretaria de Educação e Cultura é engraçado: dão somente a permissão para que o grupo possa se apresentar nas escolas da rede de ensino oficial. "Fazemos uma média de 100 espetáculos por ano, com uma média de 300 a 400 crianças em cada encenação e pagando ingressos a preços baixíssimos, até 20 e 50 centavos. E vamos a todas as escolas, nos mangues ou nos altos". Diz que as maiores dificuldades são: a falta de um local fixo para as apresentações e a inexistência de textos infantis, que já o obrigou a repetir três vezes a mesma peça. "(...) No tipo de teatro que fazemos, apelamos para a imaginação da criança. Usamos apenas acessórios e a criança é quem cria a partir de indicações dos atores. Não usamos cenários. (...) Também os nossos atores, por força desse tipo de trabalho, têm uma outra visão em termos de vivência e experiência. E não nos limitamos a uma única direção. O Teatro da Criança do Recife já utilizou a experiência de vários diretores como Rubens Teixeira, José Francisco Filho e Sérgio Sardou, entre outros".

Do repertório inicial do Teatro da Criança do Recife nos anos 1960, constam: *A Viagem ao Faz de Conta*, de Walter Quaglia, com direção de Rubens Teixeira, tendo no elenco Paulo Roberto (Paulo de Castro), Geisa Brayner e Wellington Luiz (Wellington Lima, substituído por Pedro Henrique), além de Augusto, Kátia, Lucila e Luiz (sem indicação dos sobrenomes); *A Revolta dos Brinquedos*, de Pernambuco de Oliveira e Pedro Veiga, também com direção de Rubens Teixeira, tendo no elenco Paulo de Castro, Welling-

A Viagem ao Faz de Conta

A Duquesa dos Cajus

ton Luiz (Wellington Lima), Evandro Campelo, Sérgio Sardou (substituído por Paulo de Góes), José Antônio Acioli, Lourdes Flório e Moema Cavalcanti (substituída por Dóris Gibson), entre outros; e *A Duquesa dos Cajus*, de Benjamim Santos, com direção Marco Camarotti e no elenco, Marilena Mendes (Marilena Breda), Gilson Barbosa, Paulo de Castro e Ana Lúcia Leão, entre outros. Sem datas confirmadas por esta pesquisa, ainda realizaram as peças *A Onça e o Bode*, *A Bonequinha de Louça ou A Lojinha do Seu Lalau*, ambas com texto e direção de Fred Francisci; *A Revolta dos Brinquedos*, pela direção de Sérgio Sardou; e *O Coelhinho Pitomba*, texto de Milton Luiz e direção de José Francisco Filho, todas em circulação por escolas.

Com novas produções, o 2º semestre de 1967 já foi mais animador para o teatro no Recife. Em outubro, estreou a comédia infantil em 2 atos, *Maria Minhoca*, pelo Teatro Escola Renato Via-

Walter Barros

na, que fez uma série de espetáculos nos vários bairros da capital, sob direção de Walter Barros. No elenco, Edileuza Roberta, Denis Chagas, Dionísio Luis, Anita Vasconcelos e o próprio diretor, Walter Barros. Um dos espaços visitados foi o Salão do JECS de Brasília Teimosa. Também foi apresentada a opereta infantil *A Maçã de Ouro*, original de Maude O. Wallace, em tradução de Odete Pires Bezerra, no Teatro de Santa Isabel, mesmo palco que, de 31 de outubro a 13 de novembro, recebeu o I Festival de Teatro de Pernambuco, promoção da APATCCP (Associação Profissional de Atôres Teatrais, Circenses, Cenógrafos e Cenótecnicos de Pernambuco, entida-

de atuante desde 1963). Além das peças adultas, a programação para crianças contou com *O Consertador de Brinquedos*, do Clube de Teatro Infantil, e *A Madrasta*, de Amélia Rodrigues, com o Grupo Infantil de Comédias participando em caráter *hors concours*, sob direção de Valdemar Mendonça. No elenco, Romero Nascimento, Eliana Cavalcanti, Maria da P. Cavalcanti, Valéria Matos, Marília Matos, Etiene Cavalcanti e Rivaldo Nascimento. *Viagem ao Faz de Conta*, que seria apresentada pelo Teatro da Criança de Pernambuco (como foi intitulado inicialmente o Teatro da Criança do Recife), por motivos superiores foi cancelada pelo diretor Rubens Teixeira.

Podendo ser vista por crianças e adultos, a montagem *O Menino e o Sol*, do Teatro Estudantil de Pernambuco (TIP), com texto e direção de Frederico Francisci, estreou no Teatrinho da AIP, aos domingos, às 17 horas, em dezembro de 1967, espaço que vinha funcionando desde 1961 como um teatro de bolso com 170 poltronas. Os figurinos eram de Terêsa Emília e a maquiagem de Nita Campos Lima. No elenco, Sílvio Belo (na personagem José e também responsável pela cenografia), Inalda Silvestre (Mãe Senhora), Joaquim Melo (Menino), Lucila Carvalho (Princesinha), Dida (Aia), Mário Gouveia (Rei), Reginaldo Silva (Carrasco), Antônio Garcia (Vento), Laurinete Teles (Nuvona), Cida Ventura (Nuvem, substituída por Marinete Dantas), Teresa Cristina (Nuvinha), Daniel Maia (Palhaço Triste), Clenira Melo (Velha Vida) e José Francisco (Sol) – em conversa informal a esta pesquisa no dia 29 de outubro de 2013, Clenira Melo e José Francisco Filho recordaram esta estreia profissional deles no teatro. Já a Festa da Mocidade saiu do Jardim 13 de Maio e aportou na frente da sede social do Esporte Clube do Recife, um prenúncio do seu fim. Em paralelo, o cronista Adeth Leite denunciou no *Diario de Pernambuco* (26 de janeiro de 1967) o desinteresse pelos teatros do Recife. Segundo ele, o Santa Isabel estava em "estado de penúria" e "uma autêntica estufa", de tão quente. O prometido Teatro de Bolso no Edifício do Banco do Brasil não havia sido inaugurado ainda; o Teatro do Parque estava "relegado à sala de ensaios da bandinha municipal, exposição de pinturas ou para cultos evangélicos"; a direção do Teatro de Arena limitava-se a alugá-lo, o mesmo que acontecia com o Teatrinho da AIP; o Teatro do Dérbi encontrava-se "de fôgo morto"; e o "Barracão" do Barreto Jr, o Teatro Marrocos, "com a encenação de rebolados com números

O Consertador de Brinquedos

de strip-tease sem progresso. No último domingo não deu função por falta de público". Fechado em dezembro de 1967 quando Barreto Júnior desistiu do espaço e decidiu fazer espetáculo no Clube Internacional do Recife, o Teatro Marrocos tem sua área hoje ocupada por uma agência da Caixa Econômica Federal.

Em compensação, o ano de 1967 foi bastante movimentado pela presença de 18 conjuntos itinerantes que ocuparam o Teatro de Santa Isabel, o TPN, o AIP e o Teatro da Faculdade de Filosofia do Recife, com espetáculo de mímica, leituras dramatizadas, shows e peças, nenhuma infantil. Entre as equipes visitantes, a Companhia Bahiana de Comédias, o Teatro de Arena da Bahia, a Companhia Paulo Autran, a Companhia Eva Todor e Seus Artistas, Os Dionysos, o Teatro da Universidade da Paraíba e a Sociedade Paulista de Comédia, com Carlos Alberto e Yoná Magalhães à frente. E mesmo com pouquíssima produção para a criança, 1967 foi importante por ser o ano de lançamento do Clube de Teatro Infantil, núcleo profissional dedicado exclusivamente à linguagem para a infância. A estreia se deu com a peça *O Consertador de Brinquedos*, de Stella Leonardos, com direção de Otto Prado em "2 atos repletos de encantamentos", como divulgavam nos constantes anúncios de jornal. No elenco, Leandro Filho, Eurico Lopes, Marilena Mendes (Marilena Breda), Ilza Cavalcanti, Alna Prado e Eliezer Ataíde (os dois últimos oriundos do Teatro de Brinquedo, assim como o diretor Otto Prado), em temporada no Teatro de Santa Isabel. No livro *Memórias da Cena Pernambucana – 01* (op. cit., p. 116-117), Otto Prado lembrou deste começo:

> Em 1967, no meio do furacão, fui convidado para dirigir a montagem de *Arena conta Zumbi*, no Teatro de Santa Isabel. No elenco, estavam Alna Prado, Ilza Cavalcanti, Marilena Mendes, Leandro Filho, Dinaldo Coutinho e Eurico Lopes. (...) Estava fundado o Teatro de Comédia do Recife. Foi uma ótima experiência. Começamos a discutir a necessidade da formação de público para o teatro. A partir de uma

idéia do Leandro, formamos o Clube de Teatro Infantil. Nele, as crianças associadas tinham a carteirinha e com ela recebiam um desconto de 50% no ingresso. Sem mensalidade, pois a intenção era despertar o hábito de ir ao teatro, formando cada vez mais um público certo. Nossa 1ª montagem foi *O consertador de brinquedos*, de Stella Leonardos, também em 1967. No elenco, Alna Prado, Ilza Cavalcanti e Marilena Mendes, Eurico Lopes e Eliézer Ataíde. Dinaldo afastou-se da direção dos grupos, ficando tudo sob a responsabilidade minha e de Leandro. Várias montagens se sucederam, apresentando textos de autores consagrados e, também, de alguns estreantes. De minha parte, eu gostava de fazer adaptações de clássicos da literatura infantil, logicamente procurando modernizá-los para maior aproximação com as crianças da época. Conseguimos com esse tipo de trabalho atingir não só o público infantil, mas o juvenil e também o adulto. Como no atual cinema para crianças, havia piadas para os maiores, agradando muito aos pais. (...) Seria altamente injusto não falar aqui, com destaque, do trabalho de Alna que, além de excelente atriz, trouxe uma grande contribuição para o nosso grupo com a sua experiência na criação e confecção de figurinos, cenários e máscaras (...) Paralelamente, fazíamos montagens adultas com a mesma equipe, assinando Teatro de Comédia do Recife. (...) Eu e Alna ficamos com o grupo até 1975 – oito anos ótimos – quando fomos para o Rio de Janeiro, com *A chegada de Lampião no inferno* (Jairo Lima) e depois viemos para São Paulo, onde mantivemos por 20 anos o Teatro Cenarte, com montagens ininterruptas, para crianças e adultos. (...) Nosso propósito foi lançar as sementes geradoras de uma futura platéia adulta.

Em 1968, surgiu o 2º espetáculo do Clube de Teatro Infantil, *A Árvore Que Andava*, texto de Oscar Von Pfuhl, também com direção de Otto Prado. No elenco, Ilza Cavalcanti, Eurico Lopes, Marilena Mendes (Marilena Breda), Agenor Coutinho e Alna Prado. A peça deveria ser lançada no dia 6 de janeiro, um sábado, às 16h30, com nova sessão programada no dia 7, domingo, às 10 horas, mas aconteceu um impasse por conta de um decreto do prefeito Augusto Lucena aumentando as taxas das duas casas oficiais da municipalidade, o Teatro de Santa Isabel e o Teatro do Parque. Com anúncios pagos na imprensa, o Clube de Teatro Infantil avisou o cancelamento das sessões e denunciou a cobrança indevida por parte da Prefeitura do Recife. O anúncio trazia o seguinte texto publicado no *Diario de Pernambuco* (6 de janeiro de 1968): "*A Árvore que Andava*, peça programada para hoje às 16,30, não será apresentada em virtude das novas taxas cobradas pelo Prefeito do Recife, para ocupação do Teatro não permitirem qualquer espetáculo local...". O cronista Adeth Leite explicou a situação no *Diario de Pernambuco* (7 de janeiro de 1968):

> O Clube de Teatro Infantil deveria ter lançado ontem, no Santa Isabel, mais um espetáculo dedicado à gurizada

TEATRO SANTA ISABEL

CLUBE DE TEATRO INFANTIL

"A ÁRVORE QUE ANDAVA", peça programada para hoje, às 16,30, não será apresentada em virtude das novas taxas cobradas pelo Prefeito do Recife, para ocupação do Teatro, não permitirem qualquer espetáculo local ...

recifense (...) Todavia, a temporada foi suspensa "sine die" em virtude do decreto municipal nº 8698 de 3 do corrente, considerado o "monstrengo municipal" do começo do ano, uma vez que as taxas extorsivas cobradas afugentam os conjuntos locais, passando um próprio municipal a ser transformado em autêntica casa comercial, quando é sabido que o teatro oficial faz parte da educação de um povo, não constituindo fonte de renda em nenhuma parte do mundo. A propósito, os diretores do Clube do Teatro Infantil dirigiram em data de 5 do corrente, ao prefeito Augusto Lucena, o seguinte telegrama: 'O Clube do Teatro Infantil após tentar montar com grandes dificuldades um teatro para criança no Recife, vendo frustrados seus propósitos, devido ao decreto 8698, de 3 do corrente, assinado por V. S., inspirado em má hora pelo diretor dos teatros [referem-se ao dramaturgo e cronista teatral Vanildo Bezerra Cavalcanti], autêntico líder da destruição do movimento teatral recifense recomendando a V. S. aplicar taxas impossíveis de serem cobertas pelas fracas rendas da bilheteria, apela para V. S. reconsiderar o citado decreto, objetivando não assassinar os grupos locais empenhados em elevar o nome cultural do Recife.

O telegrama foi assinado por Otto Prado e Leandro Filho. Poucos dias depois, Adeth Leite esclareceu melhor o assunto no *Diario de Pernambuco* (10 de janeiro de 1968), compartilhando sua opinião e temores.

> Teatro não pode servir de fonte de renda em parte nenhuma do mundo onde exista um povo civilizado. A tornar-se efetiva a execução do famigerado decreto municipal nº 8698, desestimulando o crescente movimento artístico do Recife, proibindo e vedando o acesso aos vários conjuntos cênicos do Recife, em sua maioria, mantidos pelo próprio esfôrço de cada um dos idealistas que integram as suas fileiras, de vez que não há qualquer ajuda oficial para mantê-los, ao contrário, o que há realmente é o desejo de afugentá-los das ribaltas do Santa Isabel e do Parque. (...) Em parte nenhuma do mundo civilizado teatro foi, é ou será fonte de renda para manter a burocracia do funcionalismo e dos empregados encarregados da limpeza. Mas é aí precisamente onde a porca torce o rabo; os teatros municipais do Recife não têm as mínimas condições de confôrto e higiene a oferecer às companhias locais ou itinerantes, e muito menos ao público, não podendo, portanto, a prefeitura do Recife se dar ao luxo de cobrar taxas de inscrição e diárias de 50 e 40 cruzeiros novos (fora os extraordinários) de quem quer que seja. Estão contados os dias dos conjuntos teatrais do Recife.

Ao relembrar o ano de 1968 em matéria retrospectiva, o cronista Adeth Leite voltou à questão no *Diario de Pernambuco* (1 de janeiro de 1969):

> O ano que ontem findou, teatralmente não foi grande coisa no Recife, isto

TEATRO SANTA ISABEL
CLUBE DE TEATRO INFANTIL
"A ÁRVORE QUE ANDAVA", peça programada para sábado, às 16,30 e domingo, às 10 horas, deverá voltar brevemente ao cartaz.

porque começou *errado*, com as assinaturas dos decretos municipais n.os 8. 698, de 3 de janeiro de 1968 e 8.894 de 22 de maio de 1968, com os quais o prefeito de Recife afugentou os verdadeiros e autênticos conjuntos cênicos locais de acesso aos teatros mantidos pela municipalidade.

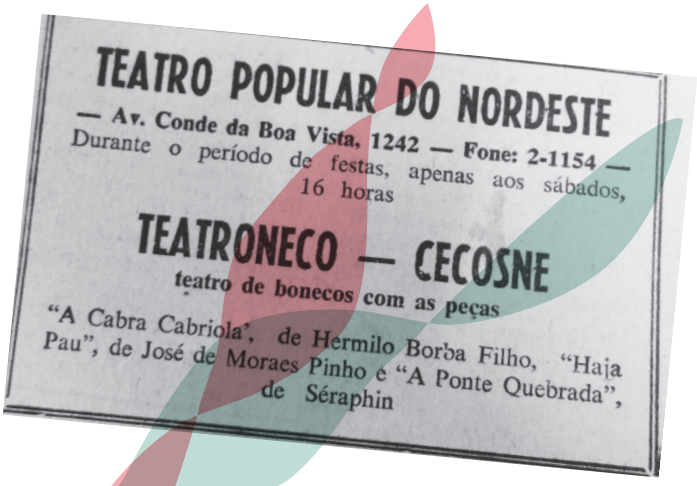
A confusão foi tanta que o prefeito se viu obrigado a revogar os famigerados decretos. Importante lembrar que os prêmios Melhores do Teatro Pernambucano Durante o Ano de 1967 não foram entregues, demonstrando já que a ACTP estava definhando de vez. Quanto às montagens em cartaz, ao total, oito conjuntos itinerantes estiveram no Recife em 1968, entre eles o Mini-Teatro do Rio de Janeiro, o elenco do Teatro Santa Roza, a Companhia Márcia de Windsor e a Companhia Ginaldo de Souza, além da de Glauce Rocha. Da produção local adulta, destaque para *Um Sábado em 30,* em reprise, e *Oito Mulheres*, de Robert Thomas, ambas do TAP, dirigidas por Valdemar de Oliveira, esta última apresentada no Teatro das Damas Cristãs, na Ponte de Uchôa, já que o grupo não encontrou pauta livre no Teatro de Santa Isabel; *Viva o Cordão Encarnado*, de Luiz Marinho, pelo TUP, com direção de Clênio Wanderley; *O Grande Marido*, pela Companhia Nacional de Comédias Barreto Júnior, que festejou 40 anos de teatro com festa artística nos salões do Clube Internacional do Recife; o Teatro da Universidade Católica de Pernambuco, com *A Derradeira Ceia*, de Luiz Marinho e direção de Rubens Teixeira; *Andorra*, de Max Frish, e *O Melhor Juiz, o Rei*, de Lope de Veja, pelo TPN dirigido respectivamente por Benjamim Santos e Rubem Rocha Filho; e o lançamento do grupo Teatro Novo do Recife, com *O Doente Imaginário*, de Molière, sob a direção de Marcus Siqueira.

Das casas de espetáculos, funcionaram o Teatro de Santa Isabel, o TPN, o estreante Teatro Novo do Recife, no Palácio dos Manguinhos; o Teatro da AIP, o Teatro das Damas Cristãs e o Teatro

Filha de Bruxa
Não é Bruxinha

A Volta do Chapeuzinho Vermelho

Marrocos, este último apenas com rebolados. Ainda em 1968, surgiu a 3ª montagem em sequência do Clube de Teatro Infantil, com a peça de Leandro Filho *Filha de Bruxa Não é Bruxinha*, sob direção de Otto Prado. No elenco, Ilza Cavalcanti, Maudra Siqueira, Eurico Lopes, Renato Lins, Albenis Amaral, Augusto César, Alna Prado e sua filha Elenora Prado, ainda criança. No ano seguinte, em 1969, a peça *A Árvore Que Andava*, do Clube do Teatro Infantil, cumpria temporada aos sábados, às 16h30, no Teatro de Santa Isabel. Nesta época, Alfredo de Oliveira era o secretário interino da Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura do Recife e a administração municipal prometeu melhoramentos no Cine-Teatro do Parque, que ganhou esta nova intitulação e não agradou em nada aos cronistas teatrais. Mas as melhorias ficaram só na promessa! O Teatro do Parque, agora como cine, era chamado de "O Elefante Branco da Rua do Hospício". Voltou à cena em 25 de janeiro de 1969, mas continuava funcionando precariamente, até mesmo com a falta de um quadro de luz, já que a verba prometida do SNT não veio. O cronista Adeth Leite ironizou no *Diario de Pernambuco* (8 de janeiro de 1969): "Quando será inaugurado, ou re-inaugurado (como queiram) o Teatro do Parque?".


TEATRO POPULAR DO NORDESTE
— Av. Conde da Boa Vista, 1242 — Fone: 2-1154 —
Durante o período de festas, apenas aos sábados, 16 horas
TEATRONECO — CECOSNE
teatro de bonecos com as peças
"A Cabra Cabriola", de Hermilo Borba Filho, "Haja Pau", de José de Moraes Pinho e "A Ponte Quebrada", de Séraphin

Durante um bom tempo, segundo ele, o movimento teatral recifense continuou de "fôgo morto", tendo somente função, aos sábados e domingos, o Clube de Teatro Infantil, órgão do Teatro de Comédia do Recife, sob direção de Otto Prado, que em 1969 estreou um 4º trabalho, *A Volta do Chapeuzinho Vermelho*, texto e direção do próprio. No elenco, Alna Prado (também responsável por figurinos e maquiagens), Albenis Amaral, Augusto César e Renato Lins. Em dezembro, a peça foi ao Auditório da Rádio Difusora de Caruaru, numa promoção do TEA (Teatro Experimental de Arte). Na capital pernambucana, além das atividades nos teatros de Santa Isabel, Marrocos e a presença do Circo Hong-Kong e Circo Garcia, o TPN, durante o período de festas, recebeu apenas aos sábados, às 16 horas, o Teatroneco, grupo voltado ao teatro de bonecos, originário do Cecosne (Centro Educativo de Comunicação Social do Nordeste), com o seu 1º trabalho de uma longa carreira que durou até a década de 1990. O espetáculo era formado por três tex-

tos: *A Cabra Cabriola*, de Hermilo Borba Filho, *Haja Pau*, de José de Moraes Pinho, e *A Ponte Quebrada*, de Séraphin. No elenco dirigido por Hermilo Borba Filho, com assistência de Benjamim Santos, estavam Luiz Maurício Carvalheira, Fernando Augusto Gonçalves, Lúcia Neunschwander, Armía Escobar e José Rocha. As músicas foram compostas por Antônio José Madureira.

Ainda em maio de 1969, o Clube de Teatro Infantil lançou *O Jacaré Azul*, peça "de beleza, texto do crítico alagoano Medeiros Cavalcanti, com direção e cenário de Otto Prado; iluminação de Leandro Filho e figurinos de Alna Prado, em cartaz aos sábados, às 16h30, no Teatro de Santa Isabel. No elenco, Otto Prado (Narrador), Alna Prado (Lebre), Albenis Amaral (Macaco e Jacaré), Ilza Cavalcanti (Onça e Coruja), Augusto César (Papagaio), José Santos (Leão) e, na sua estreia teatral, Lourival Melo (Lobão) e Eliana Cavalcanti (Silkana), a filha do autor e já uma destacada bailarina do Curso de Danças Clássicas Flávia Barros. Destacou o *Diario de Pernambuco* (25 de maio de 1969):

> A peça de Medeiros Cavalcanti foi premiada em 1954 pela Prefeitura do antigo Distrito Federal (Guanabara). No ano seguinte foi publicada em fascículos pelo "Diário de Notícias", do Rio, como modêlo de peça infantil, radiofonizada pelo Rádio Nacional.

No *Jornal do Commercio* (31 de maio de 1969), elogios à ação de Otto Prado & companhia.

> Êste é ainda um mundinho feio onde crianças não têm vez. Felizmente aparecem sempre isolados heróis que, num e noutros ângulos, fazem esforços dispersos a favor da gentinha miúda. Exaltá-los para mim, é dever. Um dêsses bravos é o Otto Prado, que mantém nesta cidade o Clube de Teatro Infantil. Meu Deus, como a gente se espanta de tamanha façanha! (...) No teatro "Santa Isabel", todos os sábados, às dezesseis e meia horas, criança tem diversão e educação. Pode rir, entreter-se, entregar-se de corpo e alma às suas necessidades lúdicas de jôgo e fantasia, aprendendo ao mesmo tempo a apreciar uma arte das mais completas e levadas: a da cena, do teatro. Com tôdas as implicações de ordem educativa, social, cultural, que o ato de presença numa casa de espetáculos carrega em si. Infinitas. Imensas. Ressaltada a saúde mental, claro. Se todos os sádicos, os sedentos de sangue e crueldade, tivessem uma infância feliz, pintando, representando bichos e duendes, jogando, amando e sendo amados, sou capaz de jurar que a violência e a maldade desertariam dêste mundinho horrível, de que nem subidas à lua podem fazer esquecer o lado monstruoso, tremendo, escuro (e os lunautas ainda foram olhar o do satélite).

Clube de Teatro Infantil

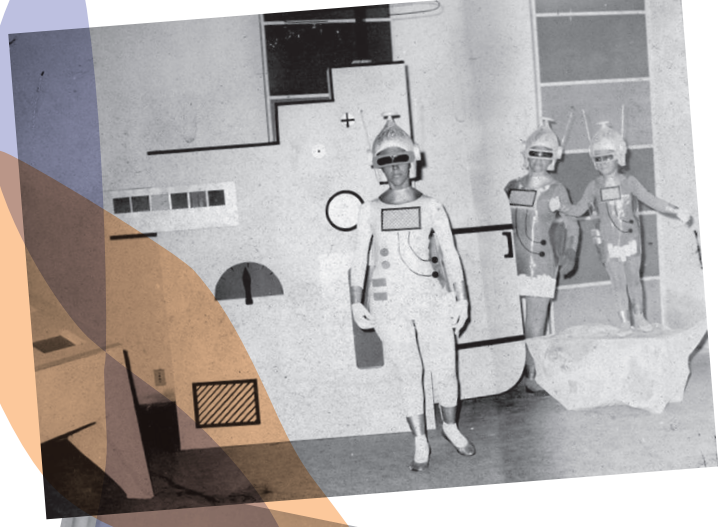
ANOS 1970

Mamulengo Só-Riso

A década de 1970 pode ser considerada um período de timidez decrescente do teatro para a infância no Recife, algo que resultou no grande *boom* de realizações dos anos 1980. Mesmo com os amadores ainda dominando o mercado, a profissionalização do setor foi acontecendo paulatinamente e, no segmento para a infância, o Clube de Teatro Infantil liderava em quantidade de produções. Há quem diga que o produtor, diretor, ator, dramaturgo e iluminador Leandro Filho – que assumiu o grupo com a ida do diretor Otto Prado para o Rio de Janeiro em 1975 – criava espetáculos num *piscar de olhos*, reaproveitando o que podia de montagens anteriores, mesmo assim com resultados impressionantes de público fiel. Paralelamente, surgiram outros espetáculos vitoriosos na época, na sua maioria em produção modesta, fruto do trabalho de equipes em momento que o teatro de grupo estava ascendendo politicamente.

Na realidade, não foram tantas as produções teatrais com foco na criança nos anos iniciais da década de 1970, quase sempre de coletivos que não mantiveram sequência de repertório por longo tempo. Foi o caso, por exemplo, do elogiado Grupo Piolin, que trouxe à cena apenas duas montagens infantis, *A Lesma, o Caracol e o Porco Espinho* e *Pedacinho de Lua*, e desapareceu do mercado teatral. Outros, no entanto, continuam na ativa até hoje, pela continuidade de trabalho do seu líder, como o Mamulengo Só-Riso, com Fernando Augusto Gonçalves à frente. O grupo surgiu em 1975 e, além de montagens adultas, ofereceu opções específicas à meninada, ainda que suas encenações mantenham, até hoje, o caráter de festa popular para todas as idades.

Fundado em 1969, o Teatroneco foi outro que, até o início da década de 1990, ainda continuou na ativa, com recorde de realizações junto ao Clube de Teatro Infantil. Já o Grupo de Teatro Canto Livre, sob o comando do educador João Ferreira desde 1977, encerrou as atividades em 2007, mas tem planos para uma volta em breve. Ainda atuante desde 1978 (ano de fundação, com 1ª estreia em 1979), o Grupo Pipoquinha, da atriz, diretora e musicista Fátima Marinho. Naquele momento, a fantasia ainda era a mola mestra das tramas levadas à cena e quase todas as peças do período ainda investiam na humani-



Visitantes do Espaço

zação de bichos, com uso de máscaras constantes, como no Clube de Teatro Infantil.

Das equipes que surgiram e desapareceram ainda na década de 1970, o Grupo Pinóia, o Teatro Infantil de Casa Caiada e o Teatro Ambiente do MAC (com uma única experiência no gênero) foram promessas para um teatro realizado com cuidado de produção e temáticas menos tradicionais. Vale destacar que, em 1976, foi fundada a Fetape (Federação do Teatro Amador de Pernambuco, hoje Feteape, não mais com o termo "amador" e praticamente inativa), o que possibilitou uma mobilização cada vez maior entre os artistas, inclusive em nível nacional. Os intercâmbios, então, favoreceram uma melhoria nas realizações cênicas, com explosão de grupos iniciantes, inclusive de shows infantis criticados pela imprensa, no final da década de 1970.

Sendo o ano inicial daquele período de ebulições, 1970 ainda foi bem fraco nas opções de teatro para a meninada. Das poucas estreias realizadas, destaque para *O Flautim Mágico*, de Hugo Martins, e *Visitantes do Espaço*, de Otto Prado, duas produções do Clube de Teatro Infantil, ambas sob direção do próprio Otto Prado, que foi engatilhando cada vez mais montagens. Na 1ª, estavam os atores Leandro Filho, Maria Salete, Agenor Coutinho, Alna Prado, Albenis Amaral, Augusto César e Gracita Cavendish. Na 2ª, além dos quatro últimos, Renato Lins, Ilza Cavalcanti e Eleonora Prado, filha do casal Otto e Alna. No segmento para adultos, vale destacar os elogios para *Jesus de Novo*, com direção de Marcus Siqueira, no grupo Teatro Novo, e a polêmica montagem de *Buuum*, pelo Teatro Popular do Nordeste, sob direção de José Pimentel, trabalho que encerrou as atividades da casa de espetáculos TPN, na avenida Conde da Boa Vista. Ainda em 1970, o Teatro Equipe do Recife comemorou vinte anos de atividade.

Voltando às produções para crianças, o Teatrinho de Marionetes Monteiro Lobato foi uma das atrações do Teatro Infantil da I Febrac – Feira Brasileira da Criança, que aconteceu de 18 de dezembro de 1970 a 17 de janeiro de 1971, no Recife. O grupo levou como espetáculo um "pout pourrit" de temas folclóricos do Brasil, já apresentado de Norte a Sul do país, segundo

o cronista teatral Adeth Leite no *Diario de Pernambuco* (12 de janeiro de 1971), "visando sobretudo despertar na criança o gosto pelo ritmo e pelos temas da verdadeira música brasileira". Também na linguagem do teatro de bonecos, o espetáculo infantil *Piccolo Show*, com texto de Ayres Leite, direção da radialista e atriz Cláutenes Andrade e músicas de vários autores, mesmo criticado por conta de suas apresentações no Teatro Marrocos – após passar por clubes, colégios e residências –, fez sucesso em Fortaleza, na sede do Clube Náutico Atlético Cearense. Por conta disto, no *Diario de Pernambuco* (31 de dezembro de 1970), Adeth Leite lembrou a máxima de que "santo da terra não faz milagre":

Piccolo Show

> Durante noventa minutos, os sócios mirins do Náutico deliciaram-se com as peripécias de vários e famosos personagens de Walt Disney, tais como Mickey Mouse, Pato Donald, Zé Carioca, Gato de Botas, Pinóquio, Lobo Mau, Tia Onça, Dr. Bode, Branca de Neve e os Sete Anões e Chapèuzinho (sic) Vermelho. Dançando, as figuras, num total de 18 bonecos, realizaram um aplaudido espetáculo, dentro do lema: "Brincamos, aprendemos e ajudamos".

Como um teatro em fase de conclusão, o Nosso Teatro, a sonhada casa de espetáculos do Teatro de Amadores de Pernambuco foi inaugurada em 23 de maio de 1971. Neste mesmo ano, o Clube de Teatro Infantil produziu três novas peças que serviram para a formação teatral de inúmeras crianças que visitavam o Teatro do Parque, quartel general da equipe liderada por Otto Prado, Alna Prado e Leandro Filho. Foram dois novos textos escritos por Otto Prado, *Alice no País das Maravilhas* (com direção dele, tendo os atores Alna Prado, Roberto Ramos, Eliezer Ataíde, Ilza Cavalcanti, Rejane Siqueira, Augusto César, Albenis Amaral, Tácito Borralho, Eraldo Ramos, Eleonora Prado, Rogéria Feitosa, Maria Emília e Isabel – as duas últimas sem registro do sobrenome) e *Os Três Palhacinhos*; além de *O Ratinho Preguiçoso*, de Leandro Filho (neste último, sob direção de Otto Prado, atuaram Gracita Cavendish, Ozita Araújo, Eliezer Ataíde e Agenor Coutinho). Em setembro daquele ano, a montagem de *Os Três Palhacinhos* marcou a estreia de Alna Prado como diretora de um es-

Alice no País das Maravilhas

O Ratinho Preguiçoso

petáculo do conjunto, no qual, até então, ela somente atuava ou assumia a direção de arte. Foi sua 1ª e última experiência nesta função na equipe. No elenco, além da própria, também responsável pelos figurinos, maquiagem, cenário e sonorizações, estavam Albenis Amaral, Tácito Borralho, Ivo José e as meninas Rogéria Feitosa e Eleonora Prado.

Com a pouca movimentação cênica no Recife, Adeth Leite, que mantinha a coluna *Teatro, Quase Sempre* no *Diario de Pernambuco*, reclamou bastante da situação. Sem assunto sobre questões cênicas locais, ele, em variados artigos, tratava de produções teatrais de outros estados, como Rio de Janeiro e Paraná; do estrangeiro, de prêmios literários, filmes, shows musicais, balés, crises econômicas e políticas, da Censura, de cheias no Recife, como as duas acontecidas em 1970; e até de "encontro de brotos" em clubes sociais e casamentos. Neste período, o Teatro de Santa Isabel estava, mais uma vez, fechado para breve reforma. No recém lançado Nosso Teatro, paralelo à temporada da peça adulta do Teatro de Amadores de Pernambuco, *O Caso dos 10 Negrinhos,* de Agatha Christie, dirigida por Valdemar de Oliveira (um grande sucesso do ano), o artista Ricardo Bandeira reviveu Chaplin no espetáculo de teatro infantil *Carlitos No Circo*, aos domingos, às 10h30. No mesmo período, na cidade de Garanhuns, foi fundado o Grupo Aprendizagem, sob direção de Dom Geraldo Wanderley, com sede no Centro Cultural de Garanhuns e apresentação da comédia infantil *O Côrvo e a Raposa*, de Coêlho Neto. No Recife, com a temporada teatral em baixa, quem fazia sucesso era o Circo Nazionale d'Itália, com vesperais e matinais superlotadas pelo público mirim. Adeth Leite pontuou no *Diario de Pernambuco* (18 de dezembro de 1971):

> Um fato que tem chamado a atenção de quantos têm comparecido ao Circo Orlando Orfei é o fato de não haver durante o espetáculo nenhum momento em que a platéia se sinta encabulada com ditos pornográficos com gestos comprometedores (aliás muito familiares em certas funções circenses que por aqui têm sido exibidas). O espetáculo é limpo, humorado e seus números apresentados são bem interpretados, quer pelos seus atores, quer ser pelo seu amestramento de seus animais.

Para o teatro, de fato, o período não era nada favorável. Adeth Leite analisou a situação no *Diario de Pernambuco* (17 de dezembro de 1971):

> Parece que no Recife a tendência é acabar com o movimento teatral. Duas excelentes casas de espetáculos sumiram do roteiro artístico da cidade: o "Teatro de Arena", e em seguida, o "Teatro Popular do Nordeste", o que é mais singular. (...) A queda brusca das citadas casas de espetáculos não tem outra causa senão a falta de apoio dos governos estadual e municipal e, principalmente, a ausência do público (...). Por outro lado, o "Barracão do Barreto Júnior", Teatro Marrocos, ao que tudo indica também vai desaparecer da vida da cidade. Por aniquilamento total, talvez, da parte do seu proprietário, o ator-empresário Barreto Júnior, que não soube ou não quis selecionar entre avalanche de arrendatários que ali aportaram sem qualquer gôsto artistico, visando apenas a agradar a certa camada do público e cedendo a todas as concessões. O resultado é que o "Teatro Marrocos" está de "fôgo morto há quatorze longos meses e não há noticia positiva de sua restauração, tudo indicando que vai ter o mesmo

> destino dos outros Teatros citados no inicio desta nota. O quarto trimestre artistico do Recife foi de uma nulidade a toda prova, ressaltando apenas uma única e honrosa exceção: a montagem do elenco do Teatro de Amadores de Pernambuco, com o texto de Agatha Christie "O caso dos dez negrinhos".

Se no Recife a situação dos palcos não era nada boa, a cidade de Caruaru chamou a atenção da mídia com a realização, de 15 a 22 de janeiro de 1972, do I Festival Nacional de Teatro Amador de Caruaru, liderado pelo diretor e dramaturgo Vital Santos, do Grupo de Cultura Teatral, à frente deste evento que ocupou o então inacabado Teatro João Lyra Filho. O patrocínio era da Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal. Participaram grupos locais como o Teatro Amador de Caruaru e o Teatro da Universidade do Agreste; além de montagens do Recife, Natal, João Pessoa, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Antonina (Paraná) e Goiânia, mas nenhuma peça para criança foi integrada à grade.

Na capital pernambucana, ainda no início de 1972, o produtor Otto Prado anunciou nova montagem do Clube de Teatro Infantil, *O Macaco Bom de Bola*, com direção dele e texto de Leandro Filho (outra versão da obra foi realizada em 1978, desta vez dirigida pelo próprio autor). A estreia se deu no dia 26 de fevereiro de 1972, às 16h30, cumprindo temporada aos sábados, no Teatro do Parque. "O texto é digestivo, humorado e movimentado e seguindo tanto quanto possível a linha de teatro educativo", escreveu Adeth Leite no *Diario de Pernambuco* (25 de janeiro de 1972). No elenco, Renato Lins, Maria Emília, Inalda Silvestre, Gracita Cavendish, Augusto César, Everardo Sena (também responsável pela música) e Helena Rego. Os figurinos e maquiagens foram concebidos por Alna Prado, com cenário dela em parceria com Otto Prado, Jair Miranda e Antônio José, o Zezinho.

Filhos da atriz e figurinista Diva Pacheco, Robinho e Paschoal Pacheco, de oito e seis anos respectivamente, ao assistirem um agonizante circo mambembe na Vila de Fazenda Nova em 1972, segundo o *Suplemento Infantil do Diario de Pernambuco* (8 de dezembro de 1972), montaram um circo próprio dentro das muralhas da Nova Jerusalém. "Passaram pomada na cara, botaram crianças no poleiro e no picadeiro, fizeram suas mambembadas", registrou a publicação. Assim nasceu *O Circo da Raposa Malhada*. Já o ator e diretor Lúcio Lombardi, em entrevista a esta pesquisa (16 de junho de 2013), complementou:

> A ideia pegou quando Diva Pacheco integrou o elenco de um circo de roda mambembe (sem lona), muito pobre, que chegou a Fazenda Nova e o produtor Plínio Pacheco, seu marido e pai dos meninos, resolveu lançar definitivamente um circo próprio, em caráter profissional.

O Circo da Raposa Malhada

O Reizinho Boko Moko

Foi desta forma que *O Circo da Raposa Malhada* contou com a participação de diversos artistas circenses convidados e amigos atores da Nova Jerusalém – Robinho e Paschoal participando nos entreatos. A presença de professores e estudantes dos níveis primário e médio era constante nos espetáculos, com ingressos sempre a preços populares. No 1º ato do espetáculo, de variedades, participavam palhaços (os atores João Ferreira e Evandro Campelo assumiram tais papeis), acrobatas, "come-fogo", trapezistas e outras figuras populares. Em seguida, era encenada a peça *Lampião no Inferno* ou *A Vitória do Padre Cícero Sobre os Poderes de Satanás*, de autoria de Jairo Lima, que buscou inspiração na literatura de cordel nordestina e foi escrita especialmente para esta programação.

Ainda segundo Lúcio Lombardi, que dirigia o espetáculo, foram várias apresentações d'*O Circo da Raposa Malhada* dentro das muralhas da Nova Jerusalém, "algumas inclusive em itinerância pelas cidades de Vitória de Santo Antão, Gravatá, Bezerros, Caruaru, Garanhuns, Arcoverde e Recife, nos finais de semana". Uma 2ª peça foi programada, *Cancão de Fogo*, do mesmo Jairo Lima e inédita até então, mas ainda durante os ensaios, o circo foi suspenso pelo produtor Plínio Pacheco. Lombardi acha que por conta da falta de apoio financeiro, já que todos recebiam profissionalmente; os custos eram altos e os valores dos ingressos, a preços bem populares, não cobriam as enormes despesas.

Em dezembro de 1972, alunos de escolas particulares e cursos de dança apresentaram-se no Nosso Teatro. Os estudantes de *ballet* do Instituto Maria Santíssima e do Clube Náutico Capibaribe, sob a direção de Monica Japisassú, por exemplo, representaram *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll, e *O Gato de Botas*, de Charles Perrault; enquanto que no Teatro do Parque, em caráter profissional, o Clube

TEATROS MUNICIPAIS
PROGRAMAÇÃO
TEATRO SANTA ISABEL
Fone: 241020
Hoje às 16 e 21 horas, últimas apresentações do formidável
FESTIVAL DO BALLET
GERLUCE AMORIM
Danças Modernas, Clássicas e Folclóricas.
De 12 a 16 de Dezembro:
A VOLTA DE CHICO ANÍSIO
TEATRO DO PARQUE
Fone: 225253
Hoje às 16,30 horas
TEATRO INFANTIL
com a peça de Leandro Filho
"O REIZINHO BOKO-MOKO"
— xxx —
Dias 5, 6 e 7 de Dezembro
1º. FESTIVAL DE UMBANDA

de Teatro Infantil apresentava, aos domingos, às 16h30, *O Reizinho Boko Moko*, 2ª produção do ano e 12ª montagem do grupo, que voltou ao cartaz em 1976. Com texto, iluminação e direção de Leandro Filho, pela 1ª vez na função de diretor no Clube de Teatro Infantil; figurinos e maquiagem de Alna Prado; sonoplastia de Otto Prado; e cenário do próprio grupo, a peça tinha no elenco os atores Ilza Cavalcanti, Juraci Moraes, J. Lago, Maria Emília, Cláudio Luiz e o garoto Eronildo Gomes.

O Teatro da Universidade Católica de Pernambuco (Tucap) fez as apresentações de estreia de *A Revolta dos Brinquedos*, texto de Pernambuco de Oliveira e Pedro Veiga, com direção de José Francisco Filho, no Nosso Teatro, mesmo palco que recebeu, pouco depois, temporada do grupo Teatro de Artes, com a peça infantil de Jackson Costa, *O Pintor de Borboletas*, diri-

gida pelo próprio autor. A montagem do Tucap, inclusive, foi muito bem recebida no I Festival Nacional de Teatro Amador de Goiânia (GO). No elenco, José Francisco Filho, Aninha Farache, Celso Muniz, Carlos Varella, Antônio Aguiar (Tonico Aguiar), Lígia Sodré e Conceição Acioli. Ainda na técnica, os assistentes de direção Toinho dos Santos, Carlos Murta, Everaldo Gaspar e Fausto Eduardo; maquiagem de Daniel Maia; figurino de Paulo Roberto Cunha Barreto; e luz de Eurico Bitu. Em artigo no livro *Memórias da Cena Pernambucana – 01* (op. cit., p. 80), o encenador José Francisco Filho revelou uma curiosidade:

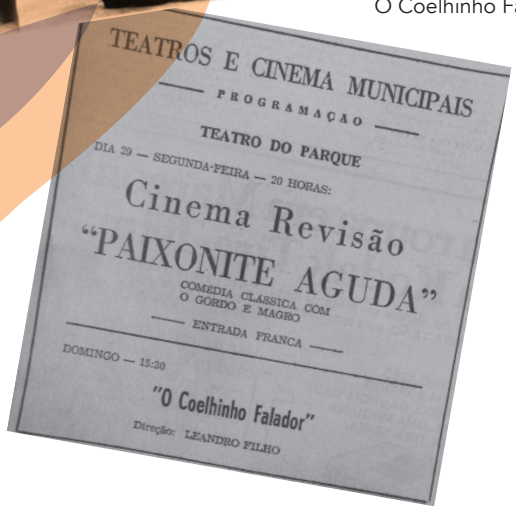
> Os grupos que hoje encenam "A revolta...", talvez não saibam da existência de uma Fada ridícula que transformava a Menina Má em Menina Boa, fazendo a garota prometer que jamais maltrataria novamente os brinquedos. Em minha montagem, sugeri que a personagem Fada fosse suprimida. Atitude que não foi um mero capricho da direção e sim uma tomada de posição consciente no desenvolvimento da história. Quando um dos autores do texto, Pernambuco de Oliveira, assistiu ao espetáculo em Goiânia (...) decidiu assumir o corte como permanente.

A Revolta dos Brinquedos

Posteriormente, *A Revolta dos Brinquedos* cumpriu uma série de apresentações esporádicas por comunidades e escolas, tornando-se um grande sucesso na carreira de José Francisco Filho, com encenação sempre recorrente do mesmo texto. Tanto que ele complementou naquele mesmo artigo:

> Com esse espetáculo, conseguimos mostrar a educadores e crianças que o mais importante numa montagem são os atores e o que dizem os personagens. Cenários, iluminação e figurinos grandiosos nada representam diante de textos medíocres, que quase sempre estimulam os preconceitos e a "competição". Ensinamos também àquelas crianças, e, muitas vezes a seus pais e professores, a grande diferença entre ator e personagem, fazendo com que os intérpretes se caracterizassem às vistas do público.

O Coelhinho Falador



TEATROS E CINEMA MUNICIPAIS

PROGRAMAÇÃO

TEATRO DO PARQUE

DIA 29 — SEGUNDA-FEIRA — 20 HORAS:

Cinema Revisão

"PAIXONITE AGUDA"

COMÉDIA CLÁSSICA COM O GORDO E MAGRO

ENTRADA FRANCA

DOMINGO — 15:30

"O Coelhinho Falador"

Direção: LEANDRO FILHO

Estreando no sábado 16 de dezembro de 1972, mas cumprindo temporada aos domingos, às 17 horas, no Teatro do Parque, o Clube de Teatro Infantil lançou sua 3ª produção naquele ano, *O Coelhinho Falador*, texto de Leandro Filho (1° ato) e Otto Prado (2° ato), sob direção e sonoplastia deste último, anunciada no *Diario de Pernambuco* (30 de dezembro de 1972) como "a primeira peça em que os espectadores mirins participam como atores". Já segundo o *Jornal do Commercio* (18 de março de 1973), a excelente temporada do espetáculo comemorava cinco anos de existência do Clube de Teatro Infantil (sendo seis na verdade). A publicação pontuou:

> O acontecimento é inédito no Recife pois geralmente os grupos se formam; apresentam uma ou duas temporadas, e vendo as dificuldades existentes – inclusive a ausência de qualquer ajuda oficial – desistem, talvez até ajuizadamente. Mas o CTI fundado em janeiro de 1968 [o ano correto é 1967] por Leandro Filho e Otto Prado vem resistindo milagrosamente e segundo dizem seus diretores/fundadores "resistirá, pois temos sempre o interesse da renovação tanto no elenco como na forma de apresentações, tudo visando um objetivo: ir de encontro ao gosto das crianças, procurando no entanto discipliná-las no verdadeiro caminho artístico, em hipótese alguma lhes dando uma baderna colorida rotulada de "teatro infantil", recheada de iê-iês inexpressivos e "outras cositas mas" altamente perigosas para a formação infantil. E o resultado dessa orientação, dessa procura em acertar; já se faz sentir: contamos com uma platéia certa comparecendo regularmente todos os domingos ao Teatro do Parque.

O mesmo jornal destacou um detalhe curioso sobre a montagem atual:

> "O coelhinho falador" mostra uma novidade: não tem fim, isto é; os autores não puseram um término à peça deixando isso a critério da petizada assistente que, subindo ao palco passa a fazer parte do elenco e, mediante opiniões diz como a peça deve ser concluída.

No elenco, Alna Prado (Coelhinho), Everardo Sena (Lobo), Isa Fernandes (Passarinho, em sua estreia no grupo, no qual vai lançar-se também como dramaturga e diretora), Rogéria Feitosa (Maria Chiquinha), Rejane Santos, Inalda Silvestre, Isabel, Ada (Flores, com as duas últimas sem registro do sobrenome) e "as crianças da platéia como os índios julgadores". Os figurinos e maquiagem foram concebidos por Alna Prado, com cenário dela e de Otto Prado, e iluminação de Leandro Filho. Para o público, havia distribuição do refrigerante "Caçula da Antártica". *O Coelhinho Falador* ganhou novas versões em 1975 e 1982.

Perdidos no Espaço

Ainda em 1972, o Clube de Teatro Infantil lançou a peça *Perdidos no Espaço*, um tema recorrente na sua história, com texto e direção de Otto Prado, tendo no elenco Alna Prado, Eleonora Prado, André Andrade e Augusto César. Agradecendo o apoio que recebia de toda a imprensa, o diretor lembrou em depoimento ao livro *Memórias da Cena Pernambucana – 01* (op. cit., p. 117): "(...) em 1972, quando montamos *Perdidos no espaço*, a TV Rádio Clube nos cedeu o seu fabuloso robô metálico para toda a temporada – algo que não se esquece". Em 1973, foi a vez de surgir um dos maiores sucessos do Clube de Teatro Infantil, *Uma História Para o Conde Gato*, que ganhou bom espaço na mídia por trazer uma característica especial. Destacou a matéria do *Jornal de Commercio* (18 de março de 1973):

> Neste seu sexto ano de atividade o Clube (...) introduz mais uma inovação, (...) partindo de uma idéia do Leandro Filho. É que, animados pelo sucesso da participação direta das crianças no "Coelhinho falador", Leandro e Otto vão apresentar dentro de mais alguns dias um novo espetáculo onde não haverá peça escrita! Isso mesmo, nenhum "script" norteará a ação ficando isso a critério de qualquer criança da platéia. (...) Leandro e Otto, confiantes na capacidade e alto senso interpretativo do elenco que dirigem – Alna Prado, Albenis Amaral, Inalda Silvestre, Juracy Moraes, Isa Fernandes, André Andrade, Rogéria Feitosa, Ilza Cavalcanti, José Soares, Flávio Costa, Renato Lins, Everardo Sena, Eleonora Prado, Isabel, Ada, Rejane, Maurício Valença, Helena Rego – vão se atrever a colocar o elenco em cena e este, após ouvir uma estória contada por uma criança da platéia, transformará a estorinha numa peça na mesma hora. Para isto, contarão com uma variedade enorme de roupas, cenários e objetos cênicos, tudo anteriormente colocado no palco. O Clube terá que dispor de condições imediatas para apresentar um espetáculo sobre qualquer gênero que a criança imaginar: bichinhos, reinados, fábulas etc. Tudo que couber na mentalidade infantil, o Clube terá obrigação de transformar em peça. E garante que o fará. De elemento fixo haverá apenas o Conde Gato, que orientará a ação servindo de ligação entre o elenco e a platéia.

Uma História Para o Conde Gato

Integrante do elenco, a atriz Inalda Silvestre lembrou deste trabalho no livro *Memórias da Cena Pernambucana – 01* (op. cit., p. 121):

> "Uma história para o Conde Gato" foi uma experiência de técnica realmente, porque ficamos fazendo improvisação durante meses. Para nós atores, foi uma escola maravilhosa. O espetáculo dava livros para a criança que contasse a melhor história. Em alguns momentos, as próprias crianças escolhiam quem ia fazer as personagens.

A atriz Isa Fernandes também tratou mais da peça no mesmo livro *Memórias da Cena Pernambucana – 01* (op. cit., p. 120):

> Leandro teve a idéia de montar. A peça era o seguinte: o Conde Gato namorava uma gatinha chamada Lili, que gostava de ouvir histórias. Ele não tinha nada de novo para contar, só aqueles contos de fadas tradicionais, mas precisava de uma novidade, porque senão ela ia acabar o namoro. Fazia-se um sorteio na platéia, três crianças eram escolhidas para subir ao palco e contar uma história. O público, juntamente com os atores, escolhia a melhor. Fechava-se a cortina, Otto dividia as personagens, dava as coordenadas e soltava a gente em cena. (...) uma trupe muito unida, coesa e trabalhada, porque antes de irmos para o palco, passamos seis meses exercitando improvisação. Registrávamos as histórias de parentes, sobrinhos e vizinhos, só de gente pequena, num gravador. Depois, ouvíamos tudo e treinávamos o improviso. A gente já se conhecia muito, a ponto de um já saber aonde o outro queria chegar em cena. Conduzia-se a história de uma maneira tal, que resultava em espetáculos maravilhosos. (...) Essa foi uma experiência que nos ensinou muito. (...) A gente propôs e firmou convênio com a Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Pernambuco. Lembro que Marieta Borges era a secretária de educação (...) Graças a esse convênio, apresentávamos os espetáculos nas escolas. As professoras faziam a seleção das histórias e mandavam cinco delas para escolhermos a melhor, a mais teatral. Não podia ser uma trama já conhecida, tinha que ser imaginada pela criança. Ensaiávamos à noite no Teatro do Parque e no outro dia colocávamos tudo em uma Kombi, cenário, figurino e elenco, para irmos às escolas. Às vezes, saíamos de uma escola para a outra com três espetáculos diferentes. Um trabalho que incentivava o aluno a escrever e o despertava para o teatro.

Uma História Para o Conde Gato

Em Olinda, no sábado 14 de julho de 1973, um novo grupo foi lançado, o Teatro Ambiente do MAC, ligado ao Museu de Arte Contemporâ-

nea de Pernambuco e estreando exatamente com uma peça para crianças, *A Sopa de Flores* (a única de todo o seu repertório), com texto e direção de Fred Francisci. No elenco, além do próprio diretor, estavam Lígia Sodré e Alex Gomes. Os figurinos e objetos foram criações da artista plástica Diva Glória; com maquiagem de Daniel Maia e concepção de trilha sonora de Pedrinho Marconi. Era uma equipe de vanguarda, com ideias avançadas para o teatro infantil da época. O saudoso ator Sérgio Sardou – que trabalhou em outras produções da equipe – deu um depoimento ao livro *Memórias da Cena Pernambucana – 01* (op. cit., p. 150-151):

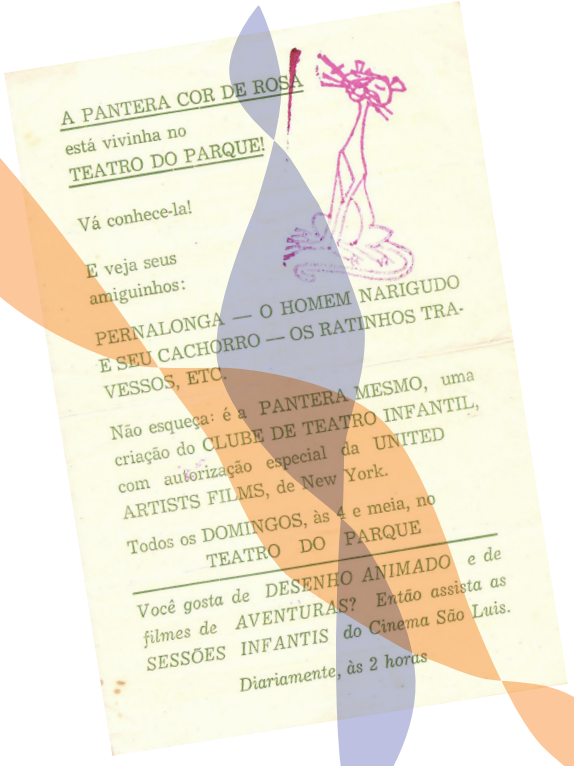
> [O grupo] Surgiu dirigido por Fred Francisci, que na época já fazia produções infantis independentes no Recife. (...) Desde o começo, assumiu uma característica interessante, não sei se por influência do local onde estava, um museu de arte contemporânea, ou se pelo momento daquela época do teatro pernambucano, em que as vanguardas estavam todas dispersas. (...) Começamos com a peça "A sopa de flores", infantil que reunia Lígia Sodré, uma atriz de ideologia de vanguarda, com idéias bem interessantes sobre o teatro infantil; Diva Glória, que além de pintora era uma figura fantástica, totalmente "de outro mundo"; Fred Francisci, um dos produtores mais loucos e ousados que conheci em Pernambuco; e Alex Gomes, que estava iniciando sua carreira, mas já era bastante ligado nos movimentos de vanguarda que surgiam. Nasceu daí a idéia de se fazer um teatro numa sala de prisão, porque o Museu de Arte Contemporânea de Pernambuco tinha sido uma prisão eclesiástica, creio que da Inquisição, e o local disponível que se tinha para encenar as peças era uma sala de cadeia com enormes grades de ferro. Como em teatro de arena, foram improvisadas umas arquibancadas. Foi um grande sucesso. No começo, as pessoas achavam muito estranho, porque era diferente para crianças. Até então, eram montadas aquelas peças infantis com bichinhos, uma coisa muito certinha. Nosso teatro tinha uma proposta completamente nova, de pessoas que eram fadas humanas, bruxos humanos, com a criança do dia-a-dia, a mãe que dava cascudo, botava de castigo, personagens mais reais para a meninada.

Petrúcio Nazareno, que dirigiu a equipe em montagens adultas, complementou ainda no mesmo livro *Memórias da Cena Pernambucana – 01* (op. cit., p. 151):

> Havia uma grande dificuldade de espaço para teatro. Mary Gondim era uma pessoa de uma cabeça aberta para mil coisas. Muito criticada na época, era até chamada de louca. Ela era diretora do museu, um órgão ligado ao Governo do Estado, e conseguiu realizar esse sonho: existir em Pernambuco o único museu

no Brasil que tinha um grupo de teatro. Mesmo por cima de todos os preconceitos que havia na época. De fato, existiam as pinturas, as obras de arte nas paredes, mas ela mandava retirar tudo para acontecer o espetáculo. Isso foi importante. A Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Pernambuco destinava uma pequena verba para os espetáculos, só dava para fazer os figurinos e os cenários. Mary também dava uma ajuda.

O Teatro Ambiente do MAC manteve-se em atividade até 1981, mas *A Sopa de Flores* foi a única experiência no mundo da criança. O grupo encerrou sua trajetória com a montagem adulta *Ritual – Rito Atual*, texto de Fernando Limoeiro, dirigido por Nazareno Petrúcio (assinando assim na época). Ainda em 1973, o diretor Otto Prado conquistou mais um sucesso para o Clube de Teatro Infantil, *A Pantera Cor de Rosa*. Segundo o *Diario de Pernambuco* (21 de julho de 1973), para encenar o espetáculo, o grupo "pediu autorização à United Artists de Nova Iorque para utilizar o nome e o personagem famoso que é a Pantera Cor-de-Rosa". A montagem era dividida em seis episódios: *A Pantera e o Menino Chato*; *A Pantera e os Ratinhos Travessos*; *A Pantera no Zoológico*; *Pantera, Homem & Cachorro*; *O Grande Mágico* e *A Pantera e o Ladrão*. "(...) um trabalho de risco, todo em pantomima. Mas a meninada compreendeu a mensagem e correspondeu de imediato. Sucesso absoluto, resultado ótimo. Até comprei um Fusca", revelou o diretor no livro *Memórias da Cena Pernambucana – 01* (op. cit., p. 116). Os figurinos e máscaras eram de Alna Prado, com cenários dela e de Otto Prado, responsável ainda pelo roteiro e sonoplastia da peça, e iluminação de Leandro Filho. A montagem tinha como intérpretes Flávio Costa, Alna Prado, Isa Fernandes, Sérgio Maciel, Roberto Lima, Paulo Bispo, Inalda Silvestre, Eleonora Prado e José Sales.


A PANTERA COR DE ROSA
está vivinha no
TEATRO DO PARQUE!

Vá conhece-la!

E veja seus
amiguinhos:

PERNALONGA — O HOMEM NARIGUDO
E SEU CACHORRO — OS RATINHOS TRA-
VESSOS, ETC.

Não esqueça: é a PANTERA MESMO, uma
criação do CLUBE DE TEATRO INFANTIL,
com autorização especial da UNITED
ARTISTS FILMS, de New York.

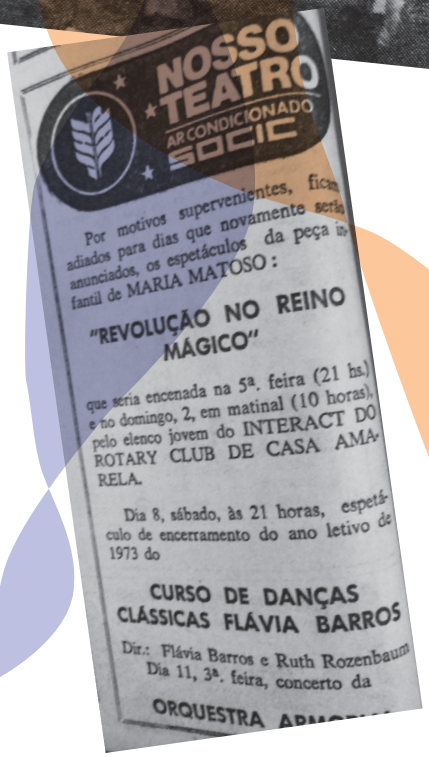
Todos os DOMINGOS, às 4 e meia, no
TEATRO DO PARQUE

Você gosta de DESENHO ANIMADO e de
filmes de AVENTURAS? Então assista as
SESSÕES INFANTIS do Cinema São Luis.

Diariamente, às 2 horas

Uma curiosidade sobre a imprensa daquele momento: se somente em 1972 o *Diario de Pernambuco* passou a publicar jornais às segundas-feiras, foi a partir de 1973 que as peças começaram a ser citadas em roteiro específico de teatro, elemento bem importante para a divulgação das produções em cartaz. Uma das montagens em destaque foi lembrada pelo próprio *Diario de Pernambuco* (1 de dezembro de 1973), quando o Teatroneco, do Centro Educativo de Comunicação Social do Nordeste (Cecosne), apresentou, às 17 horas, "para gente de todas as idades", no Colégio São José, na avenida Conde da Boa Vista, a peça de mamulengo *Touradas em Madrid*, de Marco Camarotti. Enquanto isso, o Nosso Teatro anunciava ainda pelo *Diario de Pernambuco* (3 de dezembro de 1973) que "por motivos supervenientes" foi adiada a estreia da peça infantil de Maria Mattoso, *Revolução no Reino Mágico*, pelo elenco jovem do Interact, do Rotary Club de Casa Amarela.

Em depoimento a esta pesquisa (3 de novembro de 2013), a autora Maria Mattoso confessou que o seu texto foi vetado pela Censura Federal, "por conta da palavra Revolução do título". Segundo ela, no enredo, uma garota vai conhecer o Reino Mágico e se depara com tudo mudado em relação às personagens dos contos clássicos, como



Teatroneco

por exemplo, o Gênio da Lâmpada de Aladim, que reclama 13° salário; a Bruxa da Branca de Neve que fez plástica e está com nariz novo; ou ainda a Cinderela que se revolta com sua Madrasta. "A peça tinha um perfil humorístico, mas claro que fazia críticas àquele momento. Eu tinha as minhas intenções...". Ela lembrou ainda que, em determinado trecho, as personagens gritavam: "Abaixo a Ditadura de Dona Carochinha!". Proibido, o texto nunca chegou à cena, nem mesmo quando, algum tempo depois, Maria Mattoso e Diná de Oliveira escreveram músicas para a obra, transformando-a em um musical infantil. E até hoje ela continua inédita nos palcos.

Com poucas opções de diversões para as crianças no Recife, o Parque da Fecin chamou a atenção da família pernambucana promovendo *Um Grande Natal* na programação especial divulgada pelo *Diario de Pernambuco* (16 de dezembro de 1973), com matinê infantil a partir das 15h30 e presença do Papai Noel conversando com todas as crianças, além do Teatro Infantil em sessões contínuas, apresentando Tio Patinhas, Pato Donald, Pateta, Mickey Mouse, Zé Carioca e outras réplicas das famosas figuras de Walt Disney. No local funcionava ainda grande parque de diversões e, a partir das 20 horas, apresentações de atrações folclóricas como Fandango, Reisado Imperial, Bumba Meu Boi Misterioso, Pastoril do Velho Barroso, Marujada Santa Cruz (a Chegança), Ciranda Imperial e Cavalo Marinho de Olinda. Para a juventude e os namorados, a farra acontecia no ruidoso baile Kurtição.

Enquanto isso, o Teatro de Santa Isabel tinha como uma de suas atrações, aos domingos, às 16 horas, o Teatro Infantil do Brasil, com Geraldo Lemos e Denpsey Ayres apresentando *Fantasia*, espetáculo com 23 réplicas das figuras de Walt Disney, entre outras atrações. Paralelamente, no Teatro do Parque foi inaugurado o 1° cinema educativo permanente do país, exatamente quando o Monumental Circo Charles Barry atraía a atenção do público recifense. Ainda no final daquele ano, no mesmo Teatro do Parque, aos domingos, às 15h30, o Clube de Teatro Infantil apresentava *O Fantasma Azul*, texto da dupla Isa Fernandes e Leandro Filho, outro de

O Fantasma Azul

TEATROS MUNICIPAIS

PROGRAMAÇÃO

TEATRO SANTA ISABEL
Fone: 241020

De 21 a 25 do corrente às 21 horas:
VINICIUS — CLARA NUNES
TOQUINHO
Apresentam
"POETA, MOÇA E VIOLÃO"
Promoção de Benil Santos e Pedro de Souza.
Este espetáculo viaja pela Cruzeiro
—(O)—
Dia 26 às 21 horas
Abertura da Temporada Oficial 73 da ORQUESTRA SINFONICA DO RECIFE.
Direção de Mário Câncio.
Solista: Joel Rosen (Pianista Americano)

Atenção Finalmente! Dias 24 e 25 (Sábado e Domingo) às 16:30 horas no Teatro Santa Isabel:
"O MUNDO ENCANTADO DO PICCOLO SHOW"
Pato Donald, Tio Patinhas, Zé Carioca, Os Aristogatas e outras réplicas do famoso WALT DISNEY, num espetáculo maravilhoso, educativo e cheio de atrações. Produção Geraldo Lemos, Direção de Dempsey Ayres.

TEATRO DO PARQUE
Fone: 225252

HOJE às 16:30 Horas
O GRUPO TEATRO INFANTIL apresenta
O COELHINHO FALADOR
De Otto Prado e Leandro Filho
—(O)—
Todos os Sábados:
PORQUE HOJE E' SABADO
Grandes atrações

O Fantasma Azul

seus sucessos. A direção era deste último. No elenco, Rejane Santos, Leonardo Camillo, Isa Fernandes, Inalda Silvestre, Carlos Alberto e José Soares.

Como parêntesis sobre o ano de 1973, vale registrar trecho de artigo de Humberto Braga sobre o teatro de bonecos daquele período (disponível em: http://aptbon.tripod.com/umpoucodehistoria.htm. Acesso em: 15 de março de 2009):

> Em 1973, é criada a Associação Brasileira de Teatro de Bonecos, a ABTB, por Clorys Daly com a colaboração efetiva de Cláudio Ferreira, Virginia Valli, Daisy Schnabl, Carmosina Araújo e Elsa Milward Dantas. É através dessa Associação que nasce a primeira e única revista especializada no assunto, a MAMULENGO que alcança quatorze números; É também através da ABTB que ocorre (sic) regularmente os festivais nacionais. O Centro UNIMA-Brasil é criado, em 1976, dentro da estrutura da própria ABTB como ocorre em todos os países e por orientação da própria União Internacional de Marionetistas – a UNIMA, entidade das mais antigas do mundo, criada em 1929 e vinculada à UNESCO, a qual a ABTB representa, no Brasil. Como decorrência do trabalho desenvolvido pela ABTB, uma grande mobilização dos grupos de teatro de bonecos existentes, no país, possibilita efetivamente a transformação da realidade do teatro de bonecos brasileiro. Na verdade, desde a década de setenta que estoura como uma espécie de época de ouro (ou abre as comportas de uma produção grande reprimida e desconhecida nacionalmente) pela quantidade de espetáculos, de eventos, de novos grupos e de intensa reflexão deste fazer artístico. Nesse contexto, observa-se intenso questionamento coletivo dos artistas sobre o por que da identificação do boneco com a criança e sobre a necessidade de uma maior preocupação com o tratamento dado a essas platéias infantis. Nessa época também estão presentes experiências de temas como teatro de bonecos na educação, teatro de bonecos na terapia, o teatro de bonecos na televisão, entre outros.

Com a chegada de 1974, o Clube de Teatro Infantil programou novas peças para cumprir temporada no Teatro do Parque. A 1ª foi *Branca de Neve e os Sete Anões*, com adaptação e direção de Otto Prado, segundo o *Jornal do Commercio* (09 de março de 1974), versão anunciada como "uma quase super/produção", "numa roupagem moderna", "colocando o clássico

Branca de Neve
e os Sete Anões

infantil neste país tropical". Um dos destaques era a criação do Catimbó, segundo o diretor, "personagem livre que imaginei, um ajudante da Rainha/Bruxa que entra batucando, gingando como um participante de Gigantes do Samba (escola de samba recifense)", figura que chegou a ser censurada, conforme Otto Prado. No elenco, Alna Prado, Ilza Cavalcanti, José Soares, Edson Almeida, Isa Fernandes, Eleonora Prado, Ozita Araújo, Ada (sem registro do sobrenome), Rejane Santos, Jonira Máximo e Inalda Silvestre. Esta última deu um depoimento engraçado no livro *Memórias da Cena Pernambucana – 01* (op. cit., p. 121):

> Foi no Clube de Teatro Infantil que recebi a maior vaia da minha vida, na montagem de "Branca de Neve e os sete anões", na qual fiz a Rainha Má. Na estréia da peça, a transformação da Rainha em Bruxa aconteceu nos bastidores. Quando apareci, a criançada, vendo aquela mulher horrorosa, começou a chorar de medo. No dia seguinte, Otto perguntou: "Inalda, você pode trocar a roupa em cena?". "Posso", respondi. Ele pôs uma música e fiz uma espécie de "strip-tease" no palco pra me vestir de Bruxa, com a meninada acompanhando a transformação. Quando Branca de Neve apareceu e me aproximei dela, a turma gritou: "Ela é a Bruxa, não queira essa maçã, ela está mentindo". Foi uma vaia de cinco minutos. Fiz de tudo, mas não houve jeito. Para continuar, foi preciso Otto, o diretor, interceder.

Asteróide 007

Em seguida, o Clube de Teatro Infantil produziu *Asteróide 007*, cuja estreia aconteceu no dia 14 de julho de 1974, com texto e direção de Leandro Filho, mais uma vitória da equipe formada pelos atores Ilza Cavalcanti, Isa Fernandes, Paulo Bispo, Roberto Lima e Tárcio Farias; e duas outras produções, *O Fantasma Azul*, texto de Isa Fernandes e Leandro Filho, com direção deste último, contando com os atores Rejane Santos, Leonardo Camillo, Inalda Silvestre, Carlos Alberto, José Soares e Isa Fernandes; e

Mickey e a Pantera Cor de Rosa, adaptação e direção de Otto Prado, com os intérpretes José Soares, Alna Prado, Isa Fernandes, Augusto César e Cláudio Ribeiro. A temporada desta última peça, aos domingos, às 15h30, no Teatro do Parque, aconteceu paralelamente à exibição do filme *A Pantera Côr de Rosa*, comédia policial em cartaz no Cine Astor, com censura 14 anos. Outro grupo que comemorava novas conquistas, em agosto de 1974, era o Teatroneco, convidado a cumprir temporada no Teatro Nacional de Comédias, no Rio de Janeiro. O colunista teatral Antônio Aguiar Júnior (o ator, dramaturgo e diretor Tonico Aguiar) abriu espaço no *Jornal do Commercio* (18 de agosto de 1974) para mais detalhes sobre o que estava programado:

> O Teatroneco no próximo dia 23, viajará ao Rio de Janeiro, onde fará algumas apresentações no Teatro Nacional de Comédias. O que é um privilégio Nacional, realmente. Este grupo (...) começa a receber merecidas recompensas, como por exemplo, a honra de representar para todo o nordeste a ABTB (Associação Brasileira de Teatro de Bonecos) (...) O Diretor do Grupo, Fernando Augusto, passa as informações do que será esta excursão: "(...) A temporada será de 25 de agosto a 3 de setembro de 74. São 12 espetáculos. Paralelamente o Teatroneco fará uma Exposição de Bonecos os mais variados: Bonecos de Vareta; Marionetes; Fantoches; Bonecos de Cabaço; Mamulengos, etc. Será exposto todo o acervo do Teatroneco – cerca de 80 bonecos e mais de 150 bonecos para venda, além de outros tipos de artesanato. A temporada foi contratada pela Associação Brasileira de Teatro de Bonecos – ABTB. Direção – Fernando Augusto. Atores – Nilson de Moura, Hannie Bably, Guilherme Coelho, Sandra Potes, Raquel Carnib, Ari Cruz. Sonoplastia – Carlos Coopes e Silva. Contra-Regra – Ari Cruz. Bonecos – de Neilton Guedes dos Santos. Pintura dos Bonecos – Madre Escobar. (...) Peças para Apresentação: 1 – Princesa das Flores – de Célia F. de Morbelli – Tradução e adaptação de Fernando Augusto. Peça espanhola, do gênero fantasia, inspirada em lenda medieval, apresentando o mundo mágico do sonho e de ilusão. 2 – Touradas em Madrid de Marco Camarotti. Trabalho inspirado em folhetos da Literatura de Cordel. 3 – As Aventuras da Viúva Alucinada – de Januário de Oliveira – GINÚ. Certamente o mais importante mamulengueiro vivo, existente em Pernambuco. Ginú possui mais de 40 anos de Mamulengo, tendo criado inúmeras peças de tipos que se tornaram famosos, como é o caso do Professor Tiridá. A peça foi gravada e publicada por Hermilo Borba Filho e se constitui um exemplo típico do espetáculo popular do mamulengo pernambucano. 4 – Varietté – Números variados com bonecos e atores – de Nilson Moura e Fernando Augusto".

O ano de 1974 também marcou a estreia do Teatro de Amadores de Pernambuco com atenção à criançada, promovendo *Terra Adorada* a partir do dia 29 de agosto, opereta de Valdemar de Oliveira estreada ainda com o Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa. Com texto, músicas e direção de Valdemar de Oliveira, coordenação geral de Diná de Oliveira, maquiagem de Nita Campos Lima, iluminação de Antônio Gomes e projeções de Fernando de Oliveira, a montagem foi um sucesso retumbante no palco do Nosso Teatro. Reunindo mais de 40 componentes, o elenco contava com os atores Fernando de Oliveira, Dulcinéa de Oliveira, Adhelmar de Oliveira Sobrinho (Pedro Oliveira), Yêda Bezerra de Melo, Cristiana de Oliveira, Márcia Montenegro, Reinaldo de Oliveira, Fátima Marinho, Maneto,

Terra Adorada

Rosângela, Hugo Lacerda, José Roberto Monteiro, Fernando de Oliveira Filho, Valdemar de Oliveira Neto, Marcos Gallo, Solange Spencer, Ceres de Lemos, Luiz Gonzaga, Marcelo Malta, Enéas Alvarez, Luiz Carlos Nunes Machado, Rogério Costa, Eneida Costa, Vicentina do Amaral, Ângela Spencer, Tarcísio Regueira Costa, Wilson, Lelo e Manoel (os três últimos sem registro de sobrenome), além de integrantes do Curso de Danças Clássicas de Flávia Barros, Curso de Dança Mônica Japiassú e Colégio Pio XII. A trilha sonora ao vivo era executada por músicos da Orquestra Maestro Nelson Ferreira.

Nos dois atos, segundo o programa, "Música! Cantos! Danças! Tipos característicos da Europa, da América do Norte e do Brasil, num grande espetáculo para crianças e adultos de qualquer idade". Ou seja, uma mega produção vitoriosa, que abriu a possibilidade do TAP começar com o pé direito na produção teatral para meninos e meninas. O *Jornal do Commercio* (31 de agosto de 1974) registrou o sucesso da estreia:

> Agradando muito ao público infantil que se encontrava presente no Nosso Teatro, estreou anteontem, o espetáculo musicado "Terra Adorada", uma nova produção do Teatro de Amadores de Pernambuco. A peça tem texto e partitura de Waldemar de Oliveira e também foi por ele dirigida. Trata-se de uma "viagem" por vários países e Estados brasileiros, que são representados

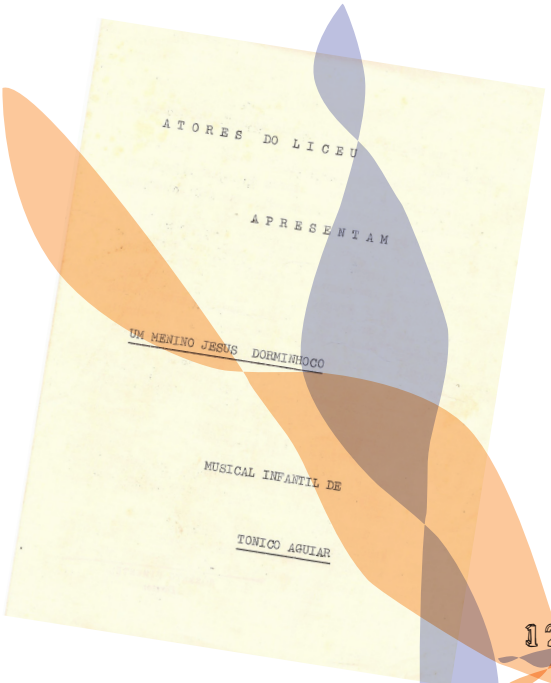
Terra Adorada

Terra Adorada

musicalmente. Como elemento de ligação entre os vários quadros Waldemar colocou três crianças, Mário Adelmar), Maria (Iedinha) e Mimi (Tiana). Esta é uma "boneca", que se movimenta através de pilhas; através de um trabalho excepcional da garotinha Tiana, esse personagem ganhou, praticamente, o primeiro lugar em toda a peça. E revelou uma, muito provavelmente, futura grande atriz do teatro brasileiro. Os três garotos foram responsáveis por oitenta por cento, pelo menos, da comunicação que a peça conseguiu com o público infantil presente. No 1o. ato temos a partida, Portugal (Bailarico Português), Espanha (Dança Espanhola), França (Cã-Cã) e Estados Unidos (danpop e figuras de Disneylândia. No 2o. ato as cenas se passam nos Estados brasileiros, com uma serenata, ranCheira, samba e o frevo (que encerra o espetáculo, com muita gente subindo ao palco, para dançar). Apesar da peça querer mostrar que no Brasil "tudo é mais bonito", o 1o. ato é, visivelmente muito melhor, em virtude da falta de experiência dos intérpretes, do 2o. ato com algumas excessões (como a Ranchera (sic), o frevo – dançado pelas alunas de Flávia Barros). Mas, no conjunto, "Terra Adorada" consegue seu objetivo de divertir, de modo instrutivo.

Outra montagem que ganhou projeção na imprensa em 1974 foi a peça *Um Menino Jesus Dorminhoco*, um auto de Natal escrito e dirigido por Tonico Aguiar, desde 1973, para o elenco do Teatro dos Pequenos Atores do Liceu. Em sua coluna *Teatro*, no *Jornal do Commercio* (22 de dezembro de 1974), o próprio autor recomendou a montagem, em cartaz no recém-lançado Teatro Novo, no Casarão 7, anexo à livraria Livro 7:

> Uma bonita temporada neste fim-de-ano acontece nesta cidade: "Um Menino Jesus Dorminhoco" encenado pelo "Teatro dos Pequenos Atores do Liceu". O grupo tem feito apresentações descontínuas desde o Natal do ano


ATORES DO LICEU

APRESENTAM

UM MENINO JESUS DORMINHOCO

MUSICAL INFANTIL DE

TONICO AGUIAR

Lute Ratinho

> passado. Agora porém, movidos pelo entusiasmo de Carlos Varella, a peça vem cumprindo uma rigorosa programação, restando ainda, 11 espetáculos. Os atores possuem em média, 10 anos, e são alunos do Liceu de Artes e Ofícios. Ontem estiveram no Teatro Novo, para onde retornarão a partir do dia 24 devendo permanecer neste Teatro até o final do ano. O grande mérito deste trabalho não é a peça montada, e sim, o trabalho – contínuo, sistemático, desenvolvido por este pequeno-enorme grupo. Tão importante (ou talvez mais) quanto montar uma peça, é o ato seguido e disciplinado de mostrar o trabalho, contar o que tem pra dizer. Falar, contar o que precisa ser dito uma, duas, mil vezes até, pois preciso é. E é isto que estes valiosos super-atores estão fazendo.

A 26 de janeiro de 1975, entrou em cartaz no Teatro do Parque, aos domingos, pelo Clube de Teatro Infantil, *Filha de Bruxa Não é Bruxinha*, que já havia sido levada à cena em 1968. Mais uma vez, Otto Prado dirigiu o texto de Leandro Filho, com os atores Rejane Santos, Jonira Máximo, Inalda Silvestre, Rosiane Luzia, Carlos Alberto e Rita de Cássia. Os figurinos eram de Alna Prado. No dia 13 de julho, novo trabalho no mesmo Teatro do Parque, *Lute Ratinho*, texto e direção de Leandro Filho, proposta que voltou com 2ª versão em 1982. No elenco desta estreia, Isa Fernandes, Ilza Cavalcanti, Ozita Araújo, José Soares, Carlos Alberto e Mary Nogueira, atores "especializados em espetáculos infantis", conforme lembrou o *Diario de Pernambuco* (13 de julho de 1975). Em 28 de setembro de 1975, foi a vez da equipe estrear *A Coragem da Formiguinha Fifi*, texto de Isa Fernandes, com direção de Leandro Filho, que cumpriu temporada no Teatro do Parque, aos domingos, às 15h30, tendo como intérpretes a autora como personagem-título, além de Rejane Medeiros, Ozita Araújo, Carlos Alberto e Paulo Bispo. A peça ganhou nova versão em 1981. O *Diario de Pernambuco* (27 de setembro de 1975) resumiu o enredo:

> Trata-se de uma estória sobre o formigueiro que recebe a visita de Fifi, uma formiguinha da cidade e de um tamanduá louco por formigas. A situação se complica porque Fifi, muito valente, organiza a resistência ao intruso, que consegue apanhar algumas formiguinhas.

A Coragem da Formiguinha Fifi

Em atividade desde 1966, mas com foco principal para venda de espetáculos nas escolas, o Teatro da Criança do Recife realizou uma série de peças que nem chegou a ser divulgada na imprensa. E tudo indica que tais trabalhos aconteceram no período compreendido até 1975. Segundo informações de vários artistas do grupo, já registradas em nota no livro *Memórias da Cena Pernambucana – 01* (op. cit., p. 92.), aconteceram as seguintes montagens: *A Onça e o Bode*, texto e direção de Fred Francisci, com figurinos e maquiagem de Daniel Maia e tendo no elenco, Marilena Mendes (Marilena Breda), Maria Anunciada e Daniel Maia; *A Bonequinha de Louça ou A Lojinha do Seu Lalau*, mais um texto e direção de Fred Francisci, com os atores Pedro Henrique, Marilena Mendes (Marilena Breda), Patrícia Mendes (Patrícia Breda), Paulo de Castro e Lau Chagas; *Maria Minhoca*, texto de Maria Clara Machado, numa 1ª versão dirigida por Paulo de Castro com os intérpretes Marylam Sales, Evandro Campelo e Genilda Brito, entre outros; além de uma outra versão da mesma obra, sob direção de Sérgio Sardou, com Paulo de Castro, Pedro Henrique e Marylam Sales; e *A Revolta dos Brinquedos*, texto de Pernambuco de Oliveira e Pedro Veiga, sob direção de Sérgio Sardou e interpretação de Paulo de Castro e Paulo Estevam, entre outros. Sobre a ida a tantos espaços alternativos, José Francisco Filho recordou naquele mesmo livro (op. cit., p. 80-81.):

> O Teatro da Criança desmistificou ainda a idéia do palco à italiana como estrutura fundamental da representação, investigando a utilização de novos espaços como salas de aula, campos de futebol, favelas, quadras cobertas. Uma busca constante, (...) na tentativa de aprimorar a comunicação direta e espontânea que se processa entre atores e público.

Somente em 1975, já com registros da imprensa, tanto que Tonico Aguiar publicou no *Jornal do Commercio* (7 de setembro de 1975) que a intenção era mesmo permanecer "em circuito colegial, seguindo a meta do grupo: levar teatro às crianças em seu local de estudo", o Teatro da Criança do Recife lançou *A Duquesa dos Cajus*, nova produção de texto de Benjamim Santos, cuja 1ª versão, dirigida por Marco Camarotti, havia surgido em 1969. Desta vez, a direção foi entregue a João Ferreira, tendo como atores Marilena Mendes (Marilena Breda), Pelé (Lepê Correia), Glória Brandão e Rosa Machado, em trabalho que circulou por diversas escolas. Já *O*

A Duquesa dos Cajus

Maria Minhoca

Castelo de Mulumi, de Jurandir Pereira, com a Troupe do Teatro Infantil Casa Caiada, sob direção de Sérgio Sardou, ocupou um outro palco alternativo, o Museu de Arte Contemporânea de Pernambuco (MAC), em Olinda, aos domingos, às 17 horas. No elenco, Pedro Celso (Rei), Maria Alice Carneiro Leão (Assombração), Kalela (Piretsim) e Sérgio Sardou (Mestre Coruja). O cenário, maquiagem e figurino eram de Humberto Peixoto.

Na cidade de Caruaru, o Teatro Experimental de Arte (TEA) montou seu 2º trabalho para a infância, *O Gato de Botas*, com direção de Nildo Garbo e participação dos atores Roseilda Lopes, Socorro Fernandes, Lourdinha Gomes, Almir Guilhermino, Ivone Melo, Selma Alves, José Carlos e Ivaldo (sem registro do sobrenome). A peça, além de realizar sessões em Caruaru, visitou Limoeiro em outubro de 1975. Enquanto isso, Adeth Leite, em sua coluna *Teatro, Quase Sempre*, tratava da Broadway, de espetáculos em São Paulo, de concurso de piano, mostra de fotografia, canto coral, livros e concursos variados, sem qualquer atenção à produção cênica pernambucana, provavelmente desinteressante do seu ponto de vista. O cronista faleceu no Recife, no dia 20 de novembro de 1975, aos 57 anos. Já a coluna do jornalista Valdi Coutinho, no mesmo *Diario de Pernambuco*, ganhou o título *Cena Aberta* a partir do dia 20 de dezembro, com bem mais espaço à produção teatral em todo o estado.

Um dado curioso: enquanto que para a montagem de qualquer peça adulta no Recife era necessário ter, de Brasília, um certificado dado pelo Serviço de Censura e Diversões Públicas da Polícia Federal; as peças infantis eram liberadas no próprio Departamento Regional em Pernambuco, chefiado pelo senhor Demerval Barreto de Matos. Segundo o depoimento de muitos artistas no Projeto Memórias da Cena Pernambucana – O Teatro de Grupo, promovido pela Feteape, no Teatro Arraial, em 1998, ele era um grande amigo do teatro que fez "vista grossa" para muitos temas polêmicos em espetáculos. Mas aconteceram absurdos também. Como ator, Carlos Carvalho resgatou uma dessas passagens no livro *Memórias da Cena Pernambucana – 01* (op. cit., p. 90):

> (...) o Teatro da Criança do Recife teve uma passagem importante, mas só percebi a sua repercussão bem depois, quando estávamos fazendo "Maria Minhoca" na Casa da Cultura. Nesse tempo, Paulo de Castro estava lecionando na Rede Estadual de Ensino e teve que viajar a Nazaré da Mata para um curso de reciclagem. No outro dia de manhã, eu estava em casa, quando Paulo Estevam, que é sobrinho de Paulo e trabalhava no espetáculo, chega desesperado, dizendo que a Polícia Federal estava querendo pegar seu tio. Fomos atrás dele e seguimos os três para a Polícia Federal, três garotos que estavam participando de um espetáculo para a infância. Chegando lá, o censor fez um longo interrogatório para saber qual a nossa ligação com os comunistas e por quê estávamos denegrindo a imagem dos

militares do Brasil. Ficamos durante uma semana, indo para lá, de manhã e à tarde, para conversar com Demerval. E ele dizia: "Por que vocês fazem o Capitão Quartel daquele jeito?", e perguntava sobre pessoas, querendo descobrir coisas. Mas tudo terminou bem. Pouco tempo atrás, em 1995, eu fui para um festival no Rio de Janeiro. Havia uma mesa com artistas dedicados ao teatro para a infância no Brasil e estava lá Maria Clara Machado, autora de "Maria Minhoca". Perguntaram se ela já teve algum problema com a Censura e ela respondeu: "Eu não, mas sei de uns meninos lá no Recife que tiveram, mas nem sei qual era o grupo". Depois disso, eu me apresentei e conversamos muito. Ela me contou que, naquela época, foi acionada para dar depoimento na Polícia Federal do Rio de Janeiro porque queriam saber quem estava montando "Maria Minhoca" no Recife. Isso mostra a ineficiência da Censura naqueles tempos. Agora, imaginem Paulo de Castro vestido de Capitão Quartel! Realmente, era um absurdo de tão divertido!

Maria Minhoca

No dia 18 de outubro de 1975, o Grupo Pinóia, formado por estudantes de Comunicação Social, apresentou no auditório do Cecosne a peça Infantil *Os Espantalhos Encantados*, com adaptação do texto e direção de Carlos Bartolomeu. A peça narra a história de uma bruxa malvada que enfeitiça as pessoas e lhes provoca a vingança quando elas voltam à identidade normal. No elenco, destaque para a experiência do ator Pedro Henrique, um dos fundadores do Teatro da Criança do Recife, "além de outros amadores de bom nível artístico", como divulgado no *Diario de Pernambuco* (18 de outubro de 1975): Fátima Barros, Sônia (sem indicação do sobrenome), Ana Catarina e Lígia Maria. Segundo o grupo, o espetáculo diferia "das apresentações típicas no gênero, valendo mais como experiência no campo da comunicação".

Já o Clube de Teatro Infantil, no dia 23 de novembro de 1975, no Teatro do Parque, lançou nova versão de *O Coelhinho Falador*, montagem originalmente de 1972, dirigida por Otto Prado, mas agora sob direção de Leandro Filho. A peça ficou em cartaz aos domingos, às 15h30. "Trata-se de um espetáculo destinado ao público infantil do Recife e que, certamente, vai superar o sucesso alcançado pela peça *A coragem da Formiguinha Fifi*", apostou o *Diario de Pernambuco* (22 de novembro de 1975). No elenco, Paulo Bispo (Lobo Doido), Rejane Santos (Passarinho), Carlos Alberto (Coelhinho Falador) e Maria das Graças (Maria Chiquinha), com figurinos de Isa Fernandes. Em 1982, o mesmo texto retomou ao cartaz, desta vez com novo elenco e acréscimo de subtítulo, *O Coelhinho Falador ou Um Lobo Muito Doido.*

Começando em 1 de dezembro de 1975, o Teatro de Santa Isabel recebeu o I Encontro Estudantil de Teatro, promoção do Departamento de Cultura de Pernambuco. Na programação, foram apresentadas as seguintes peças sem maiores indicações dos seus realizadores: *Pluft,*

A Revolta dos Brinquedos

o Fantasminha, de Maria Clara Machado; *Viagem à Terra de Santa Cruz*, sem registro da autoria; *Os Irmãos das Almas*, de Martins Pena; *A Serpente*, de Claude Itallie; *Pedras Sertanejas*, de Raimunda Teixeira; *A Verdade*, sem indicação do autor; *Comunicação Show Som*, de José Orlando; e *As Beatas do Padre José*, com texto e direção de Augusto Oliveira, esta última pelo Colégio Maria Mazarello, todas sempre no horário da tarde, com sessões em sequência às 15h30 e 16h30. No domingo 7 de dezembro de 1975, às 16 horas, no Nosso Teatro, o TAP-Júnior estreou *A Revolta dos Brinquedos*, peça infantil de Pernambuco de Oliveira e Pedro Veiga, e conforme anúncio no *Diario de Pernambuco* (1 de dezembro de 1975), numa "responsabilidade e direção de Adelmarzinho" (Adhelmar de Oliveira Sobrinho, hoje assumindo o nome artístico Pedro Oliveira, aqui, aos quatorze anos, em sua estreia como diretor, também responsável pelo cenário). No elenco, Patrícia Mendes (Patrícia Breda, no papel da Menina Má), Tereza Moraes (Boneco de Corda), Robson Wanderley (Holmes Wanderley, Fantoche), Carlos José Marques (Soldado de Chumbo), Adhelmar de Oliveira Sobrinho (Ursinho), Maria Mattoso (Bruxa de Pano), Yêda Bezerra de Melo (Boneca de Louça), Rosa Luiza Calmon (Fada) e Ângela Notari (Narradora). Na ocasião, a atriz Vicentina Freitas do Amaral foi homenageada pelos seus 30 anos de teatro. A peça fez um enorme sucesso. Responsável pelo site do Teatro de Amadores de Pernambuco, o pesquisador Fernando de Oliveira escreveu (disponível em: http://www.tap.org.br/htm/repertorio/086_revolta_brinquedos.htm. Acesso em: 11 de novembro de 2011):

NOSSO TEATRO
AR CONDICIONADO
SOCIC

Próximos espetáculos:
Sáb., 6, 21 hs., CURSO DE BALLET da Prof. EDITH BARROS
Dom., 7, 16 hs., estréia do TAP JUNIOR
"A REVOLTA DOS BRINQUEDOS"
Peça infantil de PERNAMBUCO DE OLIVEIRA
Responsabilidade e direção de ADELMARZINHO
4a., 10 e 5a., 11, às 20,30
ESCOLA DE BALLET DO TEATRO SANTA ISABEL
Prof. TÂNIA TRINDADE

TAP — JÚNIOR
APRESENTA
PARA O MUNDO INFANTIL DO RECIFE
"A REVOLTA DOS BRINQUEDOS"
PARTICIPAÇÃO DE
Yêda Bezerra de Melo — Tereza Morais
Maria Matoso — Rosa Luiza Calmon
Carlos José Marques — Patrícia Mendes
Robson Wanderley e grande elenco
DIREÇÃO DE
ADHELMAR DE OLIVEIRA
AOS DOMINGOS ÀS 16 HORAS
NOSSO TEATRO

> Não foi desta vez na garagem de sua casa que o menino Adhelmar de Oliveira Sobrinho, filho do Alfredo de Oliveira, ensaiou e fez representar uma peça para seus convidados. Esse menino, dessa vez teve o topete de procura (sic) o tio Valdemar de Oliveira e propor ser Diretor de um espetáculo. Topete se levarmos em consta (sic) que tinha 14 anos. Recebeu dele os conselhos e

teve sinal verde para a largada. Desse momento em diante se firmou como Diretor de grandes espetáculos. Possuidor de uma visão cênica de causar espanto, pelos poucos anos de vida, conseguiu reunir os companheiros e levou avante o seu projeto. Com a ajuda da mãe Hercy de Oliveira que ficou responsável pelos figurinos e procurando nos porões do Teatro material para o cenário conseguiu a incrível façanha de aos 14 anos encher um teatro e receber os aplausos merecidos pelo seu trabalho.

Curiosamente, uma outra versão de *A Revolta dos Brinquedos*, pelo grupo alagoano Teatros de Brinquedos, de Maceió, formado por quarenta crianças dos cinco aos treze anos, sob direção de Bráulio Leite, veio ao Recife para diversas sessões da peça em benefício das obras filantrópicas da Cruzada de Ação Social. As apresentações ocorreram no palco do Centro Interescolar Luiz Delgado, como parte das homenagens prestadas pelas crianças alagoanas à garotada de Pernambuco. No público, destaque para 400 menores mantidos pela Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor (Febem). Por sua vez, numa promoção da Cruzada Democrática Feminina de Pernambuco e com realização da Troupe do Teatro Infantil Casa Caiada, de Olinda, o espetáculo infantil *O Castelo de Mulumi*, de Jurandir Pereira, dirigido por Sérgio Sardou, foi apresentado no auditório da Fafire em 14 de dezembro de 1975. A montagem já havia ocupado o MAC, em Olinda, com apresentação especial para o Instituto Cirandinha.

No final de 1975, até o Clube Internacional do Recife resolveu investir no teatro para crianças, apresentando aos domingos, a partir das 16 horas, nas suas dependências, peças aos seus associados mirins. Depois de ser visto em diversos educandários, o espetáculo *Maria Minhoca*, do Teatro da Criança do Recife, com texto de Maria Clara Machado, foi um dos convidados, tendo Paulo de Castro, Pedro Henrique e Marylam Sales no elenco dirigido por Sérgio Sardou, assim como *O Castelo de Mulumi*, da Troupe do Teatro Infantil Casa Caiada, de Olinda. Eduardo Maia empresariava os espetáculos teatrais agendados. Anteriormente, a peça *A Lesma, o Caracol e o Porco Espinho*, do Grupo Piolin, com autoria e direção de Tonico Aguiar, foi apresentada nas dependências do Clube Internacional. O espetáculo fez ainda uma série de apresentações por diversos centros comunitários do subúrbio recifense, a convite do Serviço Social Contra o Mocambo, através do seu Departamento de Reeducação e Assistência Social, iniciativa bastante elogiada pela imprensa.

A Lesma, o Caracol e o Porco Espinho

Para alegria da classe artística, o Serviço Nacional de Teatro destinou verba significativa para distribuir a quatro grupos teatrais em Pernambuco em 1975. A Secretaria de Educação do Recife lançou edital para tal, mas nossa pesquisa não conseguiu desvendar quais conjuntos foram vencedores. Ainda naquele ano, no Rio de Janeiro, dois pernambucanos conquistaram o cultuado Prêmio Molière, Luiz Marinho e Luiz Mendonça, respectivamente melhor autor e diretor de 1974 com a peça adulta *Viva o Cordão Encarnado*. Enquanto isso, no sertão pernambucano, na cidade de Salgueiro, surgiu o Teatro Infantil de Salgueiro (TIS), que existiu de 1975 a 1978 por ação da diretora Cleuza Pereira e marcou a estreia do ator Júnior Sampaio nos palcos. O grupo tem em seu repertório *O Caso dos Pirilampos* (1975), de Stella Leonardos; *No Reino de Joãozinho Anda Pra Trás* (1976), de Lúcia Benedetti; *O Embarque de Noé* (1976), de Maria Clara Machado; e *A Onça de Asas, de Walmir Ayala* (1977), este último, único trabalho que contou com direção coletiva.

No Reino de Joãozinho Anda Pra Trás

Publicada no *Diario de Pernambuco* (1 de janeiro de 1976), a retrospectiva teatral de 1975 deu destaque, entre outros assuntos, ao I Festival Estadual de Teatro Amador realizado pela Fenata (Federação Nacional de Teatro Amador), entre 8 e 16 de setembro, no Nosso Teatro, com casa cheia todas as noites para ver peças adultas como *Cancão de Fogo*, do Teatro Universitário de Pernambuco, do Recife; *O Sol Feriu a Terra e a Chaga Se Alastrou*, do Grupo de Cultura Teatral, de Caruaru; e *O Pássaro Encantado da Gruta do Ubajara*, do Grupo de Teatro Vivencial, de Olinda. Houve polêmica na exibição de *As Preciosas Ridículas*, do Teatro Ambiente do MAC (com direito a vaias e tomates arremessados para o elenco). Além do acréscimo de vários espetáculos de fora que chegaram ao Recife, o grande destaque da produção local foi *O Milagre de Annie Sullivan*, do TAP, texto de William Gibson e direção de Valdemar de Oliveira. Para a infância, a mesma matéria retrospectiva do *Diario de Pernambuco* ressaltou:

> Bons caminhos foram abertos para o teatro infantil em 1975: o inicio foi com o Teatro da Criança do Recife, criado por Paulo de Castro com a finalidade de levar arte cênica aos colégios. Fez estreia com tal filosofia, em agosto, no Vera Cruz, com "A Duquesa dos Cajus" de Benjamin (sic) Santos, direção de João Ferreira e tocou o barco para frente com convênios etc., dando inspiração a outros grupos que foram aparecendo. A Troupe Infantil da (sic) Casa Caiada, por exemplo, conseguiu bons contratos, com o Internacional, um deles, para o espetáculo "O Castelo do (sic) Mulumi" nos salões do clube. Vale lembrar, também, o trabalho de base que vem sendo desenvolvido pelo diretor cênico Leandro Filho, há alguns anos no Teatro do Parque, com êxito.

Na Escolinha da Vaquinha Isabela

Algumas páginas depois, no mesmo *Diario de Pernambuco*, o jornalista Valdi Coutinho fez o seguinte comentário como desejo para o ano que vinha:

> (...) que o teatro infantil (ah! o teatro infantil, como foi promissor, alvissareiro), especialmente os de Paulo de Castro (Teatro da Criança do Recife), Troupe Infantil de (sic) Casa Caiada (Humberto Peixoto), Sorriso (sic) (Nilson Moura) e o d (sic) Leandro Filho, continua com sucesso sua filosofia pioneira de trabalho com arrojo, abnegação e perseverança. E ao público de teatro de Pernambuco tão pequeno tão insensível, ainda, à luta ao esforço heroico dos nossos grupos, o desejo de que vá mais ao teatro, prestigie mais as nossas montagens. Que os pais se compenetrem que a criança só pode adquiri (sic) o gosto pelo teatro e, consequentemente, se tornar o público adulto de amanhã, se eles, os pais; agora, tiverem boa vontade de levá-los aos espetáculos infantis.

Em janeiro de 1976, com temporada aos domingos, às 15h30, o Clube de Teatro Infantil estreou *Na Escolinha da Vaquinha Isabela*, de autoria de Leandro Filho, com direção e cenário do mesmo, em cartaz até final de fevereiro, no Teatro do Parque. No elenco, todos usando máscaras, Inalda Silvestre (Vaquinha Isabela), Isa Fernandes (Macaco Dadá), Rejane Santos (Gatinha Angélica), Leonardo Camilo (Urso Divino), José Sales (Cachorro Frufu), Carlos Alberto (Ratinho Alírio), José Soares (Burro Burraldo) e Ilza Cavalcanti (Oncinha e Bruxa). A direção musical e coreografias eram de Isa Fernandes. O *Diario de Pernambuco* (15 de janeiro de 1976) deu mais detalhes sobre a proposta:

> O espetáculo de Leandro Filho é uma nova experiência do teatrólogo no sentido texto/montagem, pois contará inclusive com a participação do público mirim. "Será um espetáculo dentro de outro espetáculo", diz o Leandro Filho. Isso porque, os garotos terão participação direta na encenação da peça, indo pintar, desenhar e também trabalhar nas improvisações teatrais, durante as aulas da Vaquinha Isabela".

No período de 9 a 15 de janeiro de 1976, a capital pernambucana recebeu a fase nacional do V Festival Nacional de Teatro de Bonecos, promoção da Associação Brasileira de Teatro de Bonecos (ABTB) e do Cecosne, com patrocínio do DAC/Programa de Ação Cultural e Ministério da Educação e Cultura. A programação aconteceu na sede do Cecosne, no bairro da Madalena, com espetáculos de várias partes do país,

três cursos programados, palestras (incluindo uma de Hermilo Borba Filho) e passeios turísticos. Clorys Daly, coordenadora do festival e representante da União Internacional de Marionetistas (Unima), e o presidente da ABTB, Cláudio Ferreira, marcaram presença. Dos grupos recifenses, participaram a equipe do Cecosne e das escolas Maria do Sampaio Lucena e Vasco da Gama (representando a Fundação Guararapes), com o quadro *Danças Folclóricas*, além do Teatroneco. Ainda na programação, Teatro Infantil de Marionetes, do Rio Grande do Sul; Teatro de Bonecos Giramundo, de Minas Gerais; Teatro de Bonecos Torre Amarela, da Paraíba; e, do Rio de Janeiro, Equipe Bellan (para adultos), Equipe Bellan Júnior (para crianças), Big Jones, Grupo Revisão, Grupo Sorriso da Criança, Teatro de Marionetes Monteiro Lobato, Beatriz e Seus Bonecos, Circo de Marionetes Malmequer e Grupo Carreta.

Desligados do Teatroneco pela direção do Cecosne, Nilson de Moura e Fernando Augusto, mesmo com a criação do Mamulengo Só-Riso no ano de 1975, em parceria com Luiz Maurício Carvalheira, Gena Veloso e Ari Luiz da Cruz (tendo Pedro Celso como convidado), não participariam inicialmente deste V Festival Nacional de Teatro de Bonecos por ainda não estarem filiados a ABTB. Mas Valdi Coutinho lembrou no *Diario de Pernambuco* (15 de janeiro de 1976):

> Acredita-se que a ABTB, para ser justa, deve considerar bastante o pioneirismo do trabalho de Fernando Augusto e Nilson Moura, e prestigiar, com a mesma força, o seu "Sorriso" (sic), a partir de agora. É o que espera todos aqueles que conhecem o trabalho dos dois e do seu grupo.

Em depoimento no livro *Memórias da Cena Pernambucana – 04* (2009, p. 91), o bonequeiro Fernando Augusto Gonçalves esclareceu o que aconteceu após a saída deles do Teatroneco:

> Quando decidimos sair do grupo, eu e Nilson, não tivemos nenhum grande conflito com Escobar, mas, sim, com as freiras que assumiram a Fundação Cecosne, no entanto, claro que ela ficou

Fernando Augusto Gonçalves

Mamulengo Só-Riso

Carnaval da Alegria

Carnaval da Alegria

magoada conosco e houve um momento de grande mal-estar. Foi justamente em 1976, quando, junto a Clorys Daly e Cláudio Ferreira, os criadores da Associação Brasileira de Teatro de Bonecos – ABTB –, Escobar resolveu trazer para o Recife o V Festival Nacional de Teatro de Bonecos, e nós, do Só-Riso, fomos totalmente ignorados. No evento, estava presente a nata do teatro de boneco brasileiro (...) Aconteceu então deles chamarem Hermilo Borba Filho para palestrar num seminário, mas ele disse: "só vou, se o Mamulengo Só-Riso for convidado". E tiveram que nos engolir a seco. Não fizemos parte da programação oficial, mas o boca a boca nos consagrou como o melhor espetáculo do festival. A partir desse momento de glória, passamos a ser chamados para circular pelo país nos mais diferentes projetos. Não parávamos de dar espetáculo e começou assim nossa vida de turnê, até assumirmos ser uma trupe de marionetistas mambembes.

Das viagens pelo Brasil (a estreia aconteceu no Ceará), além de promover cursos, o Mamulengo Só-Riso levava dois espetáculos, o adulto *Festança no Reino da Mata Verde* e o infantil *Carnaval da Alegria*. Nessa turnê, para lugares como Teresina e Manaus, a convite de diversas instituições, com apresentações marcadas em teatros ou praças públicas, participaram Fernando Augusto dos Santos, Nilson de Moura, João Batista Dantas (substituindo Luiz Maurício Carvalheira, envolvido com o Grupo Piolin) e Marco Camarotti (mais à frente, participaram ainda Conceição Camarotti, Gilberto Maymone, Conceição Acioli, Beto Diniz, Carlos Carvalho, Malavéia, Gilberto Brito e Walther Holmes). As viagens eram tantas, que ainda não haviam conseguido fazer temporada na capital pernambucana, nem em Olinda, sua terra natal. "O Mamulengo Só-Riso, que também representou Pernambuco, através da UFPe, no Festival de Inverno de Ouro Preto, ainda não fez sua estréia oficial aqui no Recife, apesar de tantas excursões e viagens", lembrou Valdi Coutinho no *Diario de Pernambuco* (1 de outubro de 1976).

O ano de 1976 marcou ainda o surgimento do Teatro Hermilo Borba Filho, grupo liderado pelo teatrólogo Marcus Siqueira que, dizem alguns, não era muito afeito ao teatro para crianças, mas lançou sua nova equipe (após as experiências do grupo Teatro Novo, fundado

Marcus Siqueira

em 1968) exatamente com uma peça infantil, *Rato Não Sabe Escrever... Telefona*, texto de Armando Coelho Neto, com o próprio autor no elenco, além de José Ramos, Morse Lyra Neto, Vicente Monteiro e Ana Rodrigues, todos eles alunos seus de um curso de teatro. Marcus Siqueira assinava ainda o cenário e figurinos. A temporada aconteceu, a partir de junho, num casarão do século XIX, cedido por Baccaro, na subida da Ladeira do Varadouro, na Rua 15 de Novembro, que ganhou o nome Teatro Hermilo Borba Filho, em homenagem ao teatrólogo falecido naquele ano, com quem Marcus Siqueira trabalhou no Teatro Popular do Nordeste e de quem também foi aluno no Curso de Formação do Ator da Escola de Belas Artes.

No Recife, enquanto que Leandro Filho preparava para temporada de março a agosto, no Teatro do Parque, pelo Clube de Teatro Infantil, nova versão de *O Reizinho Boko Moko*, com texto, direção e cenário seus, tendo no elenco José Soares, Ozita Araújo, Rejane Santos, Uirandey Lemos, Leonardo Camilo e o comediante Luiz Lima, todas as atenções do teatro adulto estavam voltadas para a I Mostra do Teatro Amador de Pernambuco, que ocorreu de 17 a 31 de agosto, no Teatro de Santa Isabel, numa iniciativa da Fetape, sob presidência de José Francisco Filho. O evento não teve nenhuma peça para crianças, mas contou com expressiva participação de produções do interior, com os grupos Teatro de Amadores do Cabo (TAC), da cidade do Cabo de Santo Agostinho; Grupo Teatro Castro Alves, de Bezerros; Teatro Experimental de Arte (TEA), de Caruaru; e também da capital do Agreste, o Grupo de Cultura Teatral, com o trabalho mais elogiado, *Rua do Lixo, 24*, texto e direção de Vital Santos. A Mostra prestou homenagem a três importantes figuras do teatro, os diretores Hermilo Borba Filho e Clênio Wanderley, falecidos naquele ano, e o cronista Adeth Leite, falecido em 1975.

O Consertador de Brinquedos

No mês seguinte, o *Diario de Pernambuco* (23 de setembro de 1976) anunciou novo grupo de teatro dedicado às crianças, com duas temporadas em paralelo:

> O Grupo Supimpa de Teatro fará sua estréia, no Recife, dia 25 com uma inovação: teatro infantil nas manhãs do sábado, às 10h na Casa da Cultura, com a peça "O consertador de brinquedos", de Stella Leonardos e direção de Isa Fernandes. E, no mesmo dia, às 15,30 horas levará o mesmo espetáculo no Teatro do Parque, repetindo-o no domingo às 16h no mesmo local.

No elenco, Jamysson Marques, Rejane Santos, Regina Campelo, Raimundo Silva (posteriormente assinando Raimundo Branco), Jonira Máximo, Carlos Alberto e Leandro Filho. A concepção de cenário era de Jair Miranda e a maquiagem de Isa Fernandes. Em outra matéria no *Diario de Pernambuco* (3 de outubro de 1976), Leandro Filho descreveu a sua personagem, Egoistão, e a trama levada à cena, que discutia a questão da exploração imobiliária:

> (...) um bruxo muito malvado e egoista, que lança feitiço em "Seu Nicolau", personagem vivido por Carlos Alberto. A história se desenrola a partir da compra de um terreno por parte de Seu

Nicolau, que deixa triste Tio Fábio (Jamyson (sic) Marques), Bahiana (Jonira Maximo) e Dr. Sabe Nada (Raimundo), porque no local funciona uma fábrica de brinquedos que será demolida para dar lugar a um edifício de 1001 andares. A confusão se generaliza.

Ao *Caderno Gente*, do *Diario de Pernambuco* (3 de outubro de 1976), o diretor revelou ainda que achava mais difícil fazer teatro infantil do que para adultos, "pois com a criança, a gente tem que ser honesto tanto na interpretação como na maneira de comunicar, pois ela não se engana com artifícios". Em outubro de 1976, além da continuação da temporada de *O Consertador de Brinquedos*, pelo Grupo Supimpa de Teatro, também estava em cartaz no Recife *A Viagem ao Faz de Conta*, de Walter Quaglia, às

A Cigarra e a Formiga

A Viagem ao Faz de Conta

16 horas, no mesmo Teatro da Casa da Cultura, montagem que marcou a estreia do diretor José Francisco Filho à frente de uma peça infantil no Teatro da Criança do Recife, já que ele havia dirigido antes (estranhamente se levarmos em consideração o nome do grupo) uma peça adulta, *Em Boca Fechada Não Entra Mosquito*, de Ariano Suassuna, em 1971. *A Viagem ao Faz de Conta*, além de trazer cenário e figurinos de Buarque de Aquino, tinha em seu elenco Marylam Sales (que chegou a ser substituído por Marcelo Lantejoula e, posteriormente, por Marilena Breda), Pedro Henrique, Paulo Estevam, Tarcilla Gatis e Virgínia Colares. Este foi o 3º lançamento do grupo naquele ano, após as estreias de *A Cigarra e a Formiga*, de Luís Maia, com direção de Marylam Sales e participação das atrizes estreantes Fátima Aguiar e Patrícia Mendes (Patrícia Breda); e *Maria Minhoca*, de Maria Clara Machado, no comando do diretor Paulo de Castro, tendo no elenco Carlos Carvalho, Paulo Estevam, Marilena Mendes (Marilena Breda), Pedro Henrique e Paulo de Castro (eventualmente substituídos por Marylam Sales e Genilda Brito).

Maria Minhoca

Vale registrar que foi o Teatro da Criança do Recife quem teve a ideia de ocupar a Casa da Cultura como espaço teatral, abrindo a possibilidade também para o Grupo Supimpa de Teatro. Tanto que a turma ganhou destaque em matéria assinada por Anamaria Guimarães no *Diario de Pernambuco* (16 de janeiro de 1977):

> Em 1976 o grupo consegue através de Pedro de Souza improvisar um palco na Casa da Cultura, no raio Sul, 3º andar, dando, até fins de dezembro deste ano, 150 apresentações com os seguintes espetáculos: "A Viagem ao Faz de Conta", de Walter Quaglia (112); "A Cigarra e a Formiga", de Luís Maia (28); e "Maria Minhoca", de Maria Clara Machado (10). O total de pessoas a assistirem os trabalhos foram de 35.000 (entre crianças e adultos).

Em homenagem ao Dia da Criança, o Teatro Piolin levou à Associação Atlética do Bandepe, numa promoção do Departamento Cultural daquela entidade, o espetáculo *A Lesma, O Caracol e o Porco Espinho*, musical infantil com texto e direção de Tonico Aguiar, com Nilson de Moura no elenco (substituído por Tonico Aguiar), Sandra Pottes e Fred Cutie Bets. Os figurinos e cenário eram de Paulo Roberto Cunha Barreto (o figurino do Porco Espinho, por exemplo, foi confeccionado com cinco mil canudinhos de plástico numa rede de pescador com argolas). Ainda em dezembro, a peça foi apresentada no British Country Club e no Clube dos Previdenciários de Pernambuco, dentro de suas programações natalinas. No elenco já modificado, Celso Muniz (O Caracol), Suzana Costa (A Lesma) e Carlos Frederico (O Porco Espinho). Sobre suas atividades, Tonico Aguiar declarou ao Diario de Pernambuco (24 de dezembro de 1976):

A Lesma, o Caracol e o Porco Espinho

> (...) o Teatro Infantil tem um grande compromisso com o seu público, senão mais importante que o teatro para adultos, de maior responsabilidade, devido à fragilidade dos que o assistem. Este compromisso não está ligado à ideia de preparar espíritos artísticos mas, estimular a sensibilidade de cada um, para contínuas descobertas em uma vida mais criativa e humana.

Como o ano de 1976 marcou o lançamento da Fetape – Federação do Teatro Amador de Pernambuco, hoje Feteape, Federação de Teatro de Pernambuco –, em seu 1º ano de atividade a entidade recebeu uma notícia boa que chegou via Serviço Nacional de Teatro ao disponibilizar verba para os dois melhores espetáculos infantis de 1976 em Pernambuco. A Fetape indicou, então, *A Viagem ao Faz de Conta*, do Teatro da Criança do Recife, e *O Coelhinho Colorido*, do Clube de Teatro Infantil, com texto e direção de Leandro Filho, cuja estreia havia ocorrido em maio, no Teatro do Parque. A imprensa aprovou as duas escolhas. Segundo o *Diario de Pernambuco* (12 de maio de 1976), a peça *O Coelhinho Colorido* possuía texto e direção de Leandro Filho e cenário dele em parceria com Isa Fernandes. Os figurinos eram de Janice Lobo, com direção musical e coreografia de Gracita Cavendish. No elenco, Isa Fernandes (no papel-título), Rejane Santos, Inalda Silvestre, Ada de Azevedo, Tarciso Sá, Marcelo Malta (substituído posteriormente por Carlos Alberto) e Leonardo Camilo. A temporada aconteceu aos domingos, no Teatro do Parque, anunciada erroneamente como "o primeiro musical infantil montado no Recife" (*A Princesa Rosalinda*, de 1939, já cumpriu este papel).

Dentro das comemorações natalinas daquele ano, o Clube de Campo Sítio do Pica-Pau Amarelo programou, por sua vez, a peça infantil *A Viagem ao Faz de Conta* para seus associados. Naquele dezembro de 1976, três novos espetá-

A Volta do Chapeuzinho Vermelho

culos podiam ser vistos pelas crianças. *A Volta do Chapeuzinho Vermelho* estava em cartaz no Teatro do Parque, desde novembro, aos domingos, às 16 horas. Era mais um musical dirigido por Leandro Filho e, como lembrou o *Diario de Pernambuco* (25 de dezembro de 1976), espetáculo envolvendo as mais conhecidas figuras da literatura teatral infantil, "tais como a Pantera Cor de Rosa, Mickey, Lobo Mau (que se transforma em Lobo Noel), Chapeuzinho Vermelho, Macaqueba, e o Palhaço Mágico". No elenco, Isa Fernandes, Rejane Santos, Uirandey Lemos, Carlos Alberto, Edjane Maria e o ator-mágico José Sales. Já o texto de Rubem Rocha Filho, *O Pirata Tubarão*, 4ª estreia do Teatro da Criança do Recife em 1976, cumpria sessões aos domingos, às 16h30, na Casa da Cultura, sob direção de Marco Camarotti e, como registrou o mesmo exemplar do *Diario de Pernambuco*, contando "a história de um quixotesco marujo a (sic) procura de um tesouro, seja ele qual for, e onde quer que esteja. Encontra no Tonico e na Rosinha a possibilidade misteriosa de realizar o seu

O Pirata Tubarão

O Pirata Tubarão

sonho". No elenco, Pedro Henrique (Pirata), Patrícia Mendes (Patrícia Breda, Menina Rosinha), Leonardo Camilo (Menino Tonico) e Marilena Mendes (Marilena Breda, Índia Tabajaras).

Os cenários e figurinos eram de Beto Diniz, com maquiagem de Buarque de Aquino, iluminação de Carlos Carvalho e Pedro Henrique e música de George Arribas. A peça também fez apresentação no palco do Nosso Teatro, às 16h30, no dia 26 de dezembro de 1976, contando com a participação especial do Palhaço Cocorote e todos os personagens de *A Viagem ao Faz de Conta*. Já a partir de janeiro de 1977 retornou à Casa da Cultura, no Teatrinho do Raio Sul, em longa temporada. Por fim, com poucas sessões em novembro de 1976, *A Onça Mafalda e o Bode Militão*, de Weracy Costa e José Ramos, era atração aos sábados e domingos, às 16 horas, no Teatro Hermilo Borba Filho, no bairro do Varadouro, em Olinda, com texto, direção, cenário e figurinos dos dois atores em cena. Sem meias palavras, "um fracasso", confessou o ator José Ramos no livro *Memórias da Cena Pernambucana – 01* (op. cit., p. 31).

Como publicação do Serviço Nacional de Teatro, o *Anuário do Teatro Brasileiro 1976* (1976, p. 103-116) ainda registrou como atrações daquele ano no Recife, a continuidade de sessões das peças *O Coelhinho Falador*, pelo Clube de Teatro Infantil (bem no início do ano), *Carnaval da Alegria*, pelo Mamulengo Só-Riso, e *Um Menino Jesus Dorminhoco*, dos Atores do Liceu, que finalmente teve seu elenco divulgado: Jorge Quaresma, Márcia Maria, Alexandre Pacheco, Márcia Verônica, Adivam Gonçalves, Lindinere Jane, Josilene Balbino, Rosana Tavares, Mário Monteiro, Nadja Alves, Adalzira Francisco, Edilene de Clato, Amarilis de Andrade, Aldenize de Andrade, Robson Pacheco, Roberto Alves, Suely Cristina, Jânio de Clato, Gerardo Farina, Marcelo Matos, Rômulo Fonseca, Irleide Barros e Rosângela Tavares. A administração de toda esta turma era de Carlos Varella.

Pedacinho de Lua

Foi o Teatro Piolin quem abriu a programação teatral de 1977 no dia 6 de janeiro com a estreia do espetáculo *Pedacinho de Lua*, texto de Luiz Maurício Carvalheira, com direção de Tonico Aguiar e cenários e figurinos de Paulo Roberto Cunha Barreto, artista plástico pernambucano radicado no Rio de Janeiro. Curiosamente, a primeira sessão aconteceu às 21 horas, no Museu do Estado, cedido pelo Departamento de Cultura do Estado. A peça permaneceu em cartaz por lá, à tarde, aos finais de semana. No elenco, Sérgio Sardou, Gilberto Maymone, Luiz Maurício Carvalheira, Celso Muniz, Carlos Varella, Tonico Aguiar, Guadalupe Mendonça, Júlia Lemos e Maria Silva. Em outro palco, de acordo com o *Diario de Pernambuco* (13 de maio de 1977), a atriz Ilza Cavalcanti viveu a Bruxa Faladeira no espetáculo *Planeta das Bruxas*, com estreia no Teatro do Parque, a partir de 15 de maio daquele ano, e temporada programada aos domingos à tarde. O texto e a direção foram de Leandro Filho. Ainda no elenco, Inalda Silvestre, Ozita Araújo, Jonira Máximo (todas também no papel de bruxas), Luiz Lima, Carlos Alberto e Rejane Santos. O jornal anunciava:

> O espetáculo conta com a participação de três meninas da platéia, que são convidadas pelo Bruxo Lenhador – o ator Luiz Lima – para ser bruxas, usando inclusive roupas, chapéus cômicos de magos, máscaras e outras indumentárias. No final da peça, recebem um diploma de "Bruxa Honorária".

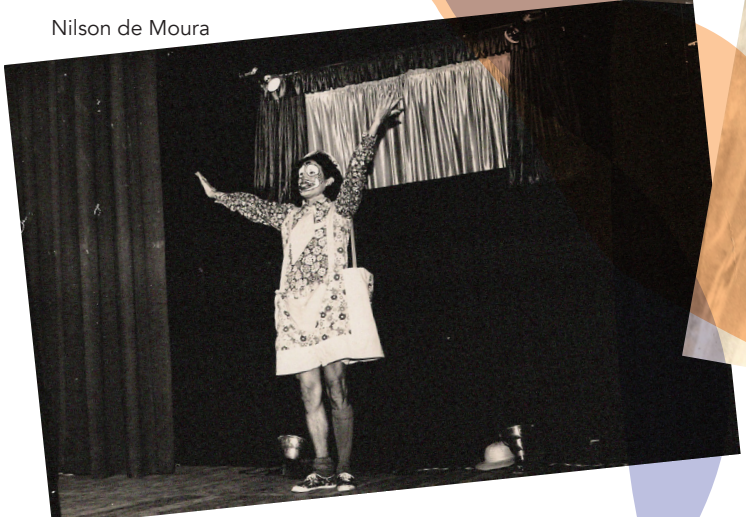
Em atividade desde 1975, o Mamulengo Só-Riso, de Olinda, segundo publicação de Valdi Coutinho no *Diario de Pernambuco* (10 de março de 1977), "transfigura, recria e torna erudito o mamulengo, dentro do mesmo espírito de *brincadeira teatral* no qual ele se manifesta". Após dezoito meses de apresentações pelo Brasil, a estreia de uma temporada pernambucana do grupo finalmente aconteceu em março

Mamulengo Só-Riso

de 1977, no Museu de Arte Contemporânea de Pernambuco (MAC), em sua cidade natal, com os dois primeiros trabalhos, ambos de 1975, o espetáculo adulto *Festança no Reino da Mata Verde* e o infantil *Carnaval da Alegria*, este último com personagens como o Palhaço Melancia Gente e Boneco, Borboleta Borbolinda, Ioiô Macaíba, Capitão Ventola e Princesa Patafélica. Valdi Coutinho, naquela mesma edição do *Diario de Pernambuco*, destrinchou as atividades do grupo até então:

Carnaval da Alegria

Nilson de Moura



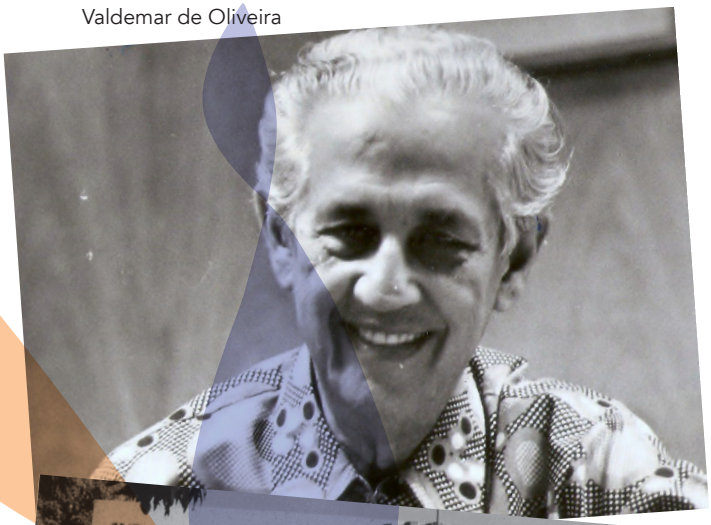
(...) no Recife, apresentou alguns espetáculos para Universidade Federal de Pernambuco, em Caruaru e outras cidades do Estado; em Teresina, Piauí, fez temporadas no Theatro 04 de Setembro, a convite da Fundação Cultural daquele Estado; excursão pela Parnaíba e várias cidades do interior piauiense; em Belo Horizonte, Minas Gerais, realizou apresentações na capital, como convidado para a Abertura oficial do X Festival de Inverno de Ouro Preto, através da Universidade Federal de Minas Gerais, realizou apresentações na capital mineira, em Sabará, Santa Luzia, São João Del Rei e outras cidades interioranas; em Manaus apresentou-se no Teatro Amazonas, Itacoatiara e Manacapuru e outras cidades, percorrendo a região amazônica por mais um mês a convite da Fundação Cultural do Amazonas; recentemente, em Brasília, esteve presente no VI Festival Nacional de Teatro de Bonecos, onde obteve brilhante participação por parte da crítica especializada, sendo considerado único no gênero em todo o Brasil. Nesse mesmo festival o

Luiz Maurício Carvalheira

diretor do grupo, Fernando Augusto, foi eleito presidente do Conselho Nacional da Associação Brasileira de Teatro de Bonecos. Daí, a gente tem uma idéia do reconhecimento público e crítico que vem merecendo o Grupo "Mamulengo Só-Riso" em todo o Brasil, pelo nível do seu trabalho, inteiramente voltado para as raízes mais autenticamente populares da nossa cultura, através de uma pesquisa de personagens, tradições, costumes, estórias, tipos, folclore, utilizando uma linguagem identificada com a realidade histórica do nosso povo.

Mas o ano de 1977 também foi sinônimo de tristeza profunda pela morte do comandante do Teatro de Amadores de Pernambuco, Valdemar de Oliveira, falecido no dia 18 de abril aos 76 anos. Por toda a sua importância como homem da Cultura principalmente, inclusive no segmento do teatro para crianças, ele, definitivamente, ascendeu à imortalidade. Por proposta do seu irmão, Alfredo de Oliveira, aceita por todo o TAP, o Nosso Teatro foi rebatizado de Teatro Valdemar de Oliveira a partir de 23 de maio de 1977. Seu filho Reinaldo de Oliveira assumiu, então, a direção do conjunto.

Valdemar de Oliveira



Teatro Valdemar de Oliveira

Coordenado por Didha Pereira, o grupo Teatro Assimétrico do Recife (Tare) lançou sua 1ª peça infantil, *A Volta do Camaleão Alface*, de Maria Clara Machado, tendo como diretor convidado Walternandes Carvalho. As sessões iniciais aconteceram no Centro de Trabalho e Cultura (CTC), no bairro dos Coelhos, com entrada franca e foco especial no público daquela comunidade. Nos dias 28 e 29 de julho de 1977, a peça foi apresentada no auditório do Diretório Central dos Estudantes (DCE). No elenco, Évenos Luz, Juca Santos, Eliano Gerônimo, Galba Burly, Vera Dath, Henrique Makallé, Ginaldo Gomes e Carmelita Pereira (posteriormente substituída por Jackson Costa). Didha Pereira assinava cenário e figurinos. Em Olinda, o grupo Teatro Hermilo Borba Filho montou a obra mais reconhecida da mesma dramaturga Maria Clara Machado, *Pluft, o Fantasminha*. O crítico Valdi Coutinho fez questão de registrar no *Diario de Pernambuco* (2 de outubro de 1977) uma enorme alegria para a equipe:

> "Soberbo"... foi o adjetivo escolhido por Maria Clara Machado para qualificar a impressão que tivera da montagem de "Pluft, o fantasminha", de sua autoria, pelo elenco do THBF, com direção de João Batista Dantas. Quando esteve no Recife, há alguns dias atrás, ela fez questão de ver o trabalho.

No elenco, Colette Dantas (Pluft), Stella Maris Saldanha (Mãe de Pluft), José Ramos, Sônia

Pluft, o Fantasminha

Carreira, Cláudia Chables, Jorge Jamel, Bárbara Lopes e Toniel Santos. *A Oncinha Vermelha* foi o espetáculo produzido pelo Teatro de Arte, em cartaz aos domingos, no Centro Ferroviário da cidade do Jaboatão dos Guararapes, com apoio daquela Prefeitura Municipal, através da Secretaria de Educação, tendo como patrone-se a senhora Geruza Melo, 1ª dama do município. Com texto e direção de J. B. Santos, o elenco era constituído por ele, além de Ijaci Maria, Josimar Silva, Madalena Galindo, Carlos Lima, Edi Nascimento e Marcelo Alexandre.

Também na mesma cidade, a partir de setembro, no auditório do Serviço Social da Indústria (Sesi), o Teatro de Arena Guararapes encenou *Uma Rosa Amarela Para Belinha*, de Maria das Graças Caeté, com direção de Irapuan Caeté. No elenco, além do diretor, Elilza Maciel, Marcos Lima, Marcelo Beker e Maria Cristina Caeté.

Em Olinda, quem cumpria temporada, às 17 horas, no Teatro Hermilo Borba Filho era *A Duquesa dos Cajus*, de Benjamim Santos, com direção de João Ferreira. No elenco deste trabalho de estreia do Grupo de Teatro Canto Livre, Mércia Helena (Tia), Lourdes Acioly (Alice), Ana Lúcia Bernardo (Chapéu), Paulo Francisco (D. Quixote) e Francisco de Assis (Saci), todos alunos do Colégio Estadual de Beberibe (mais à frente, participaram ainda Adelmo Rocha e Edna de Cacio). Na ficha técnica, figurinos de Paulo Francisco; cenário de João Ferreira e maquiagem da equipe. Um outro grupo que também cumpriu temporada no Teatro Hermilo Borba Filho, após a estreia no DCE (Diretório Central dos Estudantes), no Recife, foi o Teatro Experimental de Olinda (TEO), com o seu único trabalho para crianças, *O Violino Encantado*, de Vanildo Bezerra Cavalcanti, sob direção de Mário Lima, também responsável pela maquiagem. Ainda na ficha técnica, assistência de direção e ilumina-

A Oncinha Vermelha

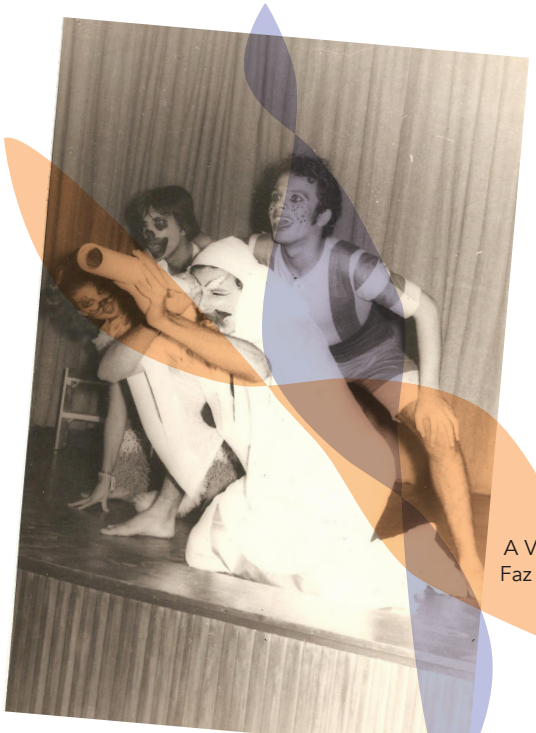
O Violino Encantado

ção de Tereza Cortez; cenografia e figurinos de Aníbal Santiago; administração de Walter Araújo e produção executiva de Valdi Coutinho. No elenco, o próprio diretor Mário Lima, Fernando Antunes (substituído por Erivaldo Cordeiro), Cléa Claudino, Cícero dos Santos (substituído por Mário Antônio Miranda), Maria do Rosário, Lourdes Sant'Ana, Alfredo Veríssimo, Maria do Rosário, Antão Ferrão e José Manoel, que fez uma análise da peça no livro *Memórias da Cena Pernambucana – 01* (op. cit., p. 70):

> Eu diria que o texto, de Vanildo Bezerra Cavalcanti, não foi um primor de opção, mas a gente ainda conseguiu dar uma leitura política para a peça: a história de um bobo da corte que derruba o rei e toma o poder. Imaginem o que foi essa montagem num momento em que o poder estabelecido pelos militares estava começando a ser discutido.

A peça também passou pelo Teatro Valdemar de Oliveira e auditório do Cecosne. A partir de novembro de 1977 foi a vez de *Uma História Para o Conde Gato*, com roteiro e direção de Leandro Filho, voltar a cumprir temporada aos domingos, às 16h30, no Teatro do Parque, pelo Clube de Teatro Infantil. Muitas pessoas passaram pelo elenco, sempre em constante revezamento, como Jamysson Marques, Paulo Rubem (Paulo Rubem Santiago), Rejane Santos, Conceição Silva, Mônica de Lourdes, Carlos Alberto, Gilson Santana (Mestre Meia-Noite), Jorge Pacheco, Tarciso Sá, Graça Azevedo, Graça Rodrigues, Albemar Araújo, Fábio Costa, Gamaliel Perruci, José Brito e Jonira Máximo, entre outros. O surpreendente é que, somente naquele ano, o Clube de Teatro Infantil já havia levado à cena mais quatro montagens, com destaque para nova versão de *O Fantasma Azul*, agora sob a direção de Isa Fernandes e com os atores Gamaliel Perruci, Jamysson Marques, Jonira Máximo, Uirandey Lemos, Nelson (sem registro do sobrenome) e Rejane Santos; além de *A Volta do Chapeuzinho Vermelho*, *Planeta das Bruxas* e *Os Visitantes do Espaço*, todas com Leandro Filho assumindo a direção. Nesta última, com texto de Otto Prado, figurinos de Ozita Araújo e iluminação de Cícero Paulo, estavam os atores Tarciso Sá, Ângela Serpa, Rejane Santos, Carlos Alberto, José Raimundo (Raimundo Branco) e Marcos Oliveira.

No Circo da Onça Malhada (não confundir com o extinto Circo da Raposa Malhada, aqui já abordado), sob coordenação da equipe do Balé Popular do Recife e armado no Cais da Rua da Aurora, o Teatro da Criança do Recife apresentou nos dias 24 e 25 de dezembro de 1977, às 17 horas, o espetáculo *A Viagem ao Faz de Conta*, de Walter Quaglia. A sessão contou ainda com a participação do Palhaço Pimpão (Marylam Sales) e muitas outras atrações, inclusive mágicas e brincadeiras e participação especial do Papai Noel trazendo brindes para a meninada. Uma curiosidade: naquele mesmo mês, o Teatro da Criança do Recife inaugurou oficialmente o Teatro da Casa da Cultura, com o nome de Sala Clênio Wanderley, estreando o espetáculo *Cordel 3*, com censura para maiores de 14 anos. A obra trazia texto inspirado na literatura de cordel, *Macaco Misterioso*, *Presepadas de Satanás na Igreja* e *O Homem Que Comeu o Boi*



A Viagem ao Faz de Conta

de Minas, sob direção de José Francisco Filho. No elenco, Suzana Costa, Fábio Coelho, Paulo Estevam, Paulo de Castro e Lau Chagas. Em dezembro de 1977, quem cumpriu temporada na Sala Clênio Wanderley, aos domingos, às 17 horas, foi a peça *A Duquesa dos Cajus*, com direção de João Ferreira, pelo Grupo de Teatro Canto Livre.

Na retrospectiva teatral do ano publicada no *Diario de Pernambuco* (31 de dezembro de 1977), Valdi Coutinho ressaltou o aparecimento de novos grupos amadores, ainda que distantes do almejado nível artístico. No entanto, apostou em melhores resultados no futuro. Segundo ele, entre as estreias de coletivos como o Ceartе, Povoarte Grupo Teatral (do Cabo de Santo Agostinho), Grupo de Teatro Panacéia, Artenova, Teca, Grupo Cambuca e Conjunto Cênico Arborial, um dos destaques foi o surgimento da Companhia Práxis Dramática, em caráter profissional, com grandiosa produção que reunia 29 atores na peça adulta *Esta Noite Se Improvisa*, de Pirandello, sob direção de Antonio Cadengue. Em Olinda, após a polêmica saída dos atores do seu núcleo inicial (Marcus Siqueira foi acusado de déspota), o grupo Teatro Hermilo Borba Filho também chamou a atenção com o Curso Regular de Formação de Atores, com aula inaugural a partir de 26 de setembro, e a montagem de *O Santo Inquérito*, de Dias Gomes. Já o Grupo Expressão, da Fafire, realizou *Suplício de Frei Caneca*, lançando um novo autor, Cláudio Aguiar, e o Grupo de Teatro Vivencial montou *Sobrados e Mocambos*, de Hermilo Borba Filho, e *Viúva, Porém Honesta*, de Nelson Rodrigues.

Continuaram atuantes, "embora sem apresentar algo de novo", conforme Valdi Coutinho, o Teatro Ambiente do MAC, Teatro Experimental de Olinda, Teatro de Amadores do Cabo, Teatro Assimétrico do Recife, Grupo de Teatro Canto Livre e o Dinâmico Grupo Teatral. Ele lembrou ainda do Teatro Piolin, Teatro Equipe do Recife, Teatro Espontâneo e da Federação do Teatro Amador de Pernambuco que, em 1977, tendo Marcus Siqueira como 2º presidente, finalmente assumiu personalidade jurídica. Ainda segundo esta mesma retrospectiva, no seguimento do teatro infantil Valdi Coutinho salientou a constante atuação do Teatro da Criança do Recife, Clube de Teatro Infantil, Teatro Hermilo Borba Filho, Mamulengo Só-Riso, Teatroneco, Teatro de Arena Guararapes e Teatro de Arte, os dois últimos da cidade do Jaboatão dos Guararapes.

Seguindo os dados do *Anuário do Teatro Brasileiro 1977* (1977, p. 143-158) e registros isolados nos jornais, dezoito produções para crianças aconteceram naquele ano na Região Metropolitana do Recife, quase todas já abordadas anteriormente. O Clube de Teatro Infantil promoveu cinco espetáculos, sendo o grupo de maior produção (*A Volta do Chapeuzinho Vermelho*, *O Fantasma Azul*, *Planeta das Bruxas*, *Os Visitantes do Espaço* e *Uma História Para o Conde Gato*). Quem continuou apresentações vindas de anos anteriores foram o Mamulengo Só-Riso, com *Carnaval da Alegria;* e os Atores do Liceu, com *Um Menino Jesus Dorminhoco*. Esta última montagem, com texto e direção de Tonico Aguiar, e participação do próprio e Celso Muniz como músicos, passou por espaços alternativos como o teatro do Convento de Santo Antônio e o pátio do Liceu de Artes e Ofícios da Universidade Católica de Pernambuco.

Outras realizações do ano: o Grupo Expressão, da Fafire, montou seu único trabalho voltado às crianças, *Putz*, *A Menina Que Buscava o Sol*, de Maria Helena Kühner, sob direção de José Francisco Filho, com apresentações no auditório da Fafire e Teatro Valdemar de Oliveira. No elenco, Celeste Dias, Martha Ribas, José Francisco Filho, Flávio Freire, Zélia Sales, Mônica Calluete, Reure Bezerra e Urias Novais (também na assistência de direção). A direção musical era de

Cláudio Aguiar. Já o diretor Buarque de Aquino, junto a elenco recrutado pela LBA (Legião Brasileira de Assistência), do bairro de Santo Amaro, preparou *A Viagem de Um Barquinho*, de Sylvia Orthof, em temporada no mesmo auditório da Fafire. Atuavam Conceição Vicente, Flávio Emanuel Torres, Ana Elizabete Torres, Josilena Estácio, Beto Gomes, José Sinval, Márcia Cabral e Manoel Constantino. As músicas originais eram do próprio Buarque de Aquino, também responsável pelo cenário e figurinos, e Flávio Emanuel Torres. Este último, diretor musical da peça. Conceição Vicente concebeu as coreografias.

O Conjunto Cênico Arborial fez *Maroquinha e Manezinho do Sertão*, com direção e coreografia de Severino Francisco. No elenco, o ator e produtor Ulisses Dornelas (também responsável pela direção musical), Edileuza Santos, Marly Francisco, Genival Torres e o próprio diretor Severino Francisco. Ainda há registro da peça *Pinóquio*, assinada pelo Teatro da Juventude do Rio de Janeiro, em visita ao Recife; e da realização do Encontro Teatro Infantil, no Teatro do Parque, em outubro de 1977, numa promoção da Secretaria de Educação e Cultura. Como curiosidade, vale citar o Troféu Espontâneo, premiação da época voltada ao teatro pernambucano, entregue anualmente pelo Teatro Espontâneo do Recife Produções Artísticas (Terpa) aos melhores do ano, segundo comissão especialmente formada a cada edição. Mas, curiosamente, o teatro para crianças não participava, talvez pelo grupo Teatro Espontâneo nunca ter se dedicado a esta linguagem durante toda a sua existência.

De janeiro a fevereiro de 1978, o Serviço Nacional de Teatro promoveu a 1ª edição do Projeto Mambembão e Mambembinho, com apresentações no Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília de "doze espetáculos entre os mais significativos das regiões, – quer amadores, quer profissionais", segundo o programa do evento (1978. p. 1). Complementa o documento:

> A ideia do Mambembão surgiu não só da constatação da necessidade de criar comunicação entre as realizações dos Estados com as platéias do Rio e São Paulo, como também os pedidos cada vez mais insistentes dos grupos das diversas regiões do país.

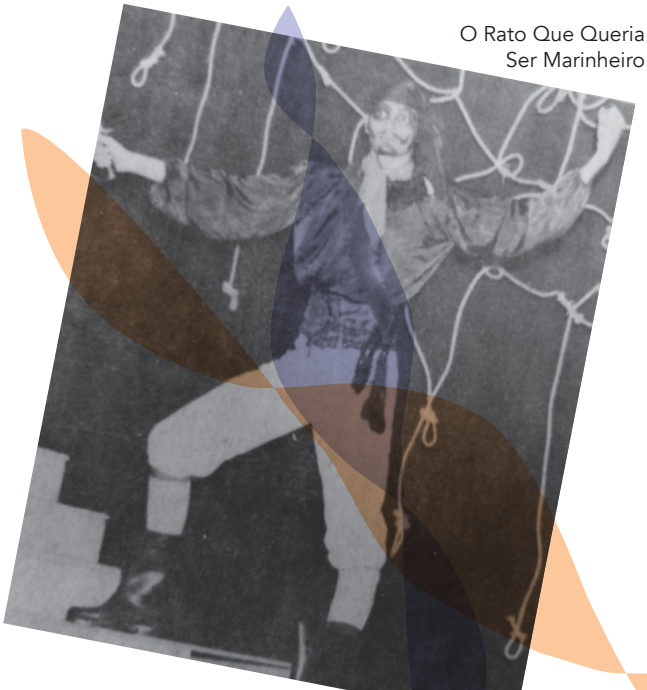
De Pernambuco, foram escolhidos dois espetáculos adultos e um infantil: *Rua do Lixo, 24*, do Grupo Feira de Teatro Popular (antigo Grupo de Cultura Teatral), de Caruaru; e *Festança no Reino da Mata Verde* e *Carnaval da Alegria*, do Mamulengo Só-Riso, de Olinda. No elenco do grupo olindense, os atores/manipuladores Nilson de Moura, Conceição Barbosa, Gilberto Maymone, Beto Diniz, Conceição Acioli e Fernando Augusto.

Na Região Metropolitana do Recife, o ano de 1978 marcou a continuidade de apresentações de diversos espetáculos estreados em 1977 (ou antes mesmo), como, por exemplo, *Uma Rosa Amarela Para Belinha*, do Teatro de Arena Guararapes, dirigido por Irapuan Caeté, que cumpriu nova temporada na cidade do Jaboatão dos Guararapes, desta vez aos domingos, às 17 horas, no Grêmio 13 de Maio, e também no Sesi do Jaboatão. Posteriormente, a montagem foi vista na Casa da Cultura, na capital pernambucana. No Recife e em Olinda, *A Duquesa dos Cajus*, pelo Grupo de Teatro Canto Livre; *O Violino Encantado*, pelo Teatro Experimental de Olinda (TEO), que promoveu um "circuito periférico",

indo a vários lugares como o Cine Pagé e Grêmio Esportivo Paulistense, no município do Paulista, e o Colégio Paola Fassinete, em Prazeres, totalizando 26 apresentações financiadas pelo Serviço Nacional de Teatro; *Pedacinho de Lua*, do Teatro Piolin; *Pluft, o Fantasminha*, do Teatro Hermilo Borba Filho; *Uma História Para o Conde Gato*, do Clube de Teatro Infantil, e *Carnaval da Alegria*, do Mamulengo Só-Riso, também foram vistos ou revistos pelo público. Falando nisso, o jornalista Valdi Coutinho lembrou do sucesso de *A Viagem ao Faz de Conta*, do Teatro da Criança do Recife, em sua coluna *Cena Aberta*, no *Diario de Pernambuco* (11 de junho de 1978):

> Escolhido como o melhor espetáculo do gênero, em 1976, "A Viagem" teve mais de 100 apresentações em teatros, grupos escolares e clubes sociais do Recife e é, segundo Carlos Lagoeiro, "vibrante quando os personagens se encontram em cena, articulando uma trama engraçada e, ao mesmo tempo, educativa".

Uma das novidades no início do ano foi a temporada do espetáculo *O Rato Que Queria Ser Marinheiro*, de Isa Fernandes, sob direção e cenário de Leandro Filho e direção musical de Paulo Rubem (Paulo Rubem Santiago), pelo Clube de Teatro Infantil. No elenco, Rejane Santos, José Raimundo (Raimundo Branco), Graça Rodrigues, Marcos Oliveira e Carlos Alberto. A estreia aconteceu no dia 29 de janeiro de 1978, no Teatro do Parque, mas a peça chegou a ser apresentada também no Theatro Santa Roza, em João Pessoa. A partir de 7 de maio, no palco do Teatro do Parque, nova versão após a estreia em 1972 do texto *O Macaco Bom de Bola*, de Leandro Filho, também na direção e concepção de cenário. No elenco, Tarciso Sá, Jonira Máximo, Gutemberg (sem indicação do sobrenome), Graça Rodrigues, Rejane Santos e Marcos Oliveira. Ainda na ficha técnica, direção musical de Gamaliel Perruci Júnior e coreografia de Uirandey Lemos. Em novembro, a partir do dia 4, agora ocupando temporada no Teatro de Santa Isabel, foi a vez do espetáculo *O Planeta dos Palhaços*, de Pascoal Lourenço, com direção de Leandro Filho, que contou com cenários e figurinos de Diva Pacheco e produção de Paulo de Góes, ainda numa realização do Clube de Teatro Infantil. No elenco de adultos e crianças, João Ferreira, Paulo Mendonça, Eduardo Mendonça, Pascoal Pacheco, Flávio Mendonça, Sévio Mendonça, Severino Mendonça, Robson Pacheco, Carmem, Vanusa, Vilma, Luciana, Rui, Carlos, Flávio, Graça (os oito últimos sem indicação dos sobrenomes).



O Rato Que Queria Ser Marinheiro

De 3 a 11 de junho de 1978, o Teatro do Parque foi sede do I Festival de Teatro Infantil de Pernambuco, promoção do Clube de Teatro Infantil e Associação Cultural e Educacional, sob a coordenação de Leandro Filho. Onze peças estavam na programação, cuja abertura aconteceu num sábado, às 10 horas, com a montagem *Putz, A Menina Que Buscava o Sol*, de Maria Helena Kühner, pelo Grupo Expressão, da Fafire, sob direção de José Francisco Filho. No mesmo dia, às 16 horas, foi a vez de *Filha de Bruxa Não é Bruxinha*, de Leandro Filho, pelo Grupo de Teatro Infantil 17 de Janeiro. Participaram ainda *A Duquesa dos Cajus*, peça de Benjamim Santos, com direção de João Ferreira, pelo Grupo de Teatro Canto Livre, de Beberibe, no domingo, às

10 horas; *Quê Pê Côi Pôi Sá Pá*, de Pernambuco de Oliveira, com o Grupo Interação de Teatro Infantil, na segunda-feira, às 16 horas; *Chapeuzinho Vermelho*, de Maria Clara Machado, com o Grupo Acauã, do IEP (Instituto de Educação de Pernambuco), na terça-feira, às 16 horas; *A Oncinha Vermelha*, de Maria Lúcia, pelo grupo Teatro de Arte, do município do Jaboatão dos Guararapes, na quarta-feira, às 16 horas; *A Viagem ao Faz-de-Conta*, de Walter Quaglia, com direção de José Francisco Filho, e *Maria Minhoca*, de Maria Clara Machado, dirigida por Paulo de Castro, ambas com o Teatro da Criança do Recife, respectivamente na quinta e sexta-feira, sempre às 16 horas; *O Rato Que Queria Ser Marinheiro*, de Isa Fernandes, em realização do Clube de Teatro Infantil, no sábado, às 10 horas e, às 16 horas, *O Macaco Bom de Bola*, de Leandro Filho, pelo Teatro de Comédia do Recife (aqui, estranhamente assinada por este núcleo adulto que Leandro Filho fazia parte).

Maria Minhoca

Encerrando o festival no domingo, às 10 horas, o Grupo de Teatro Infantil de Caruaru apresentou *Pluft, o Fantasminha*, mas tudo faz crer que o nome do grupo saiu equivocado na divulgação do evento, já que consta que, em 1978, foi o Cine-Teatro Infantil Bandeirantes, corpo cênico do Núcleo das Bandeirantes de Caruaru, o responsável pela montagem deste texto clássico de Maria Clara Machado na capital do Agreste, sob orientação do médico Luiz Gonçalves, segundo matéria no *Jornal Vanguarda* (15 de abril de 1978). A equipe havia sido fundada em dezembro de 1977, composta por jovens Bandeirantes e integrantes do TEA (Teatro Experimental de Arte). Ainda tratando do I Festival de Teatro Infantil de Pernambuco, o *Diario de Pernambuco* (1 de junho de 1978) divulgou que o objetivo do evento era "estimular os grupos, atores e diretores que se preocupam com o Teatro Infantil" e incentivar o público a comparecer às apresentações. A iniciativa de Leandro Filho contou com o apoio do Serviço Nacional de Teatro e da Prefeitura Municipal do Recife. O mais curioso é que todas as peças estavam sendo submetidas à apreciação de um júri infantil, que selecionou as três melhores apresentações (não encontradas na imprensa).

Paralelamente ao I Festival de Teatro Infantil de Pernambuco, no palco do Teatro Valdemar de Oliveira, a meninada podia conferir a temporada de sucesso de *Maria Minhoca*, texto de Maria Clara Machado na versão do Teatro da Criança do Recife, com Paulo de Castro na direção, em cartaz aos domingos do mês de junho, às 16 horas, com casa sempre cheia. No novo elenco,

Maria Minhoca

Suzana Costa (Maria Minhoca), Paulo Estevam (Chiquinho Colibri), Maurício Campos (Mister Buldog), Paulo de Castro (Capitão Quartel) e Carlos Lagoeiro (Pedro Fon-Fon). Posteriormente, a peça passou a ser apresentada também aos sábados, às 16h30. Durante o I Festival de Teatro Infantil, quem cumpriu temporada no Teatro Valdemar de Oliveira foi o grupo carioca Asdrúbal Trouxe o Trombone, com a peça *Trate-me Leão*, sucesso principalmente entre a juventude, tão carente de espetáculos. A última sessão aconteceu no Teatro do Parque, paralelamente ao evento dedicado às crianças do Recife. Em seguida, a trupe seguiu para Caruaru.

Na cidade do Cabo de Santo Agostinho, a 30 km do Recife, de 27 a 30 de julho de 1978, aconteceu o I Congresso da Confenata naquele município, em paralelo à I Mostra Norte/Nordeste de Teatro, dois importantes eventos sob a coordenação dos grupos Teatro de Amadores do Cabo (TAC) e Povoarte Grupo Teatral. Em meio a produções teatrais de vários estados do Norte e Nordeste, o Teatro de Amadores do Cabo apresentou duas peças, a adulta *Quarto de Empregada*, de Roberto Freire, com direção de José Antônio; e a infantil – única em toda a programação – *O Sapateiro do Rei*, de Lauro Gomes, com direção de Helena Pedra, estreada naquele ano na Paraíba, no III Festival de Inverno de Campina Grande. A peça, inclusive, participou de vários outros festivais, como em São Cristóvão (SE) e Ponta Grossa (PR), além de ter ido ao Rio de Janeiro e São Paulo, com o apoio do SNT. Aquele era um período visto como de crescimento para o movimento teatral pernambucano.

Um dos maiores sucessos do teatro em 1978 foi mesmo a 1ª montagem no Recife de *Os Saltimbancos*, texto de Sérgio Bardotti e músicas de Luiz Enriquez, com tradução e adaptação de Chico Buarque de Holanda, pelo TAP-Júnior, peça que perdurou por anos com enorme público. A estreia aconteceu no dia 22 de julho de 1978, no Teatro Valdemar de Oliveira. A direção era de Adhelmar de Oliveira Sobrinho (Pedro Oliveira), também responsável pelo cenário. Na enorme equipe envolvida, ele tinha como assistentes de direção Patrícia Mendes (Patrícia Breda) e Cristiana de Oliveira, além da supervisão geral e iluminação de Reinaldo de Oliveira. Ainda na ficha técnica, figurinos de Hercy de Oliveira; sonoplastia e efeitos especiais de Fernando de Oliveira; maquiagem de Nita Campos Lima; coreografias de Maria Tereza de Edmundo Morais, Maria de Fátima Alves, Patrícia Mendes (Patrícia Breda) e Solange de Oliveira; penteados de Mariinha; coordenação geral de Betty de Oliveira; e supervisão das crianças do elenco de Maria Lúcia Ribeiro. O jornalista Valdi Coutinho saldou a montagem no *Diario de Pernambuco* (20 de julho de 1978):

Os Saltimbancos

> A peça vem sendo encenada no mundo inteiro, e, atualmente, se acha em cartaz em quase todos os Estados do

Os Saltimbancos

País. No Recife, o Teatro de Amadores de Pernambuco, obteve a exclusividade de direitos autorais e ainda o "play-back" original das músicas, assim como estão sendo apresentadas no Rio e em São Paulo, graças a um (sic) gentileza especial de Chico Buarque de Holanda. (...) A retaguarda do espetáculo está confiada aos veteranos do TAP (...) Os dirigentes do TAP chama (sic) a atenção dos adultos para o fato de que o espetáculo também é dirigido para ele (sic), com o seguinte "slogan": "Peça ao seu filho para lhe levar".

No elenco, Adhelmar de Oliveira Sobrinho (Pedro Oliveira, Jumento), Harry Gomes (Cachorro), Patrícia Mendes (Galinha), Cristiana de Oliveira (Gata), Sheila de Carvalho Dantas, Vanda Barreto Gomes (Baronesas), Hermógenes Araújo, Ricardo Vauthier (Barões) e o Coral Catavento, da TV Jornal do Commercio, parceira nesta realização (formado pelas crianças Adriana Brayner, Alberto Torres, Ana Carla Gouveia, Daniela Kyrillos, Denys Ferraz, Dilene Ferraz, Dinazinha de Oliveira, Edja da Silva, Elizabeth Gouveia, Fabiana Menezes, Geórgia Kyrillos, João Carlos Malheiros, Jocigênes Monteiro, Joel Cardoso, José Louredo Torres, Luciano Brayner, Márcia Valéria, Maria Helena Silva, Maria Inês Silva, Patrícia França, Rosinha de Oliveira, Roselane Torres, Simone Souza, Sumaya Kyrillos, Valéria de Paula, Roberta e Gisele, as duas últimas sem registro do sobrenome). O *Jornal do Commercio* (29 de julho de 1978) apontou o sucesso inicial da montagem:

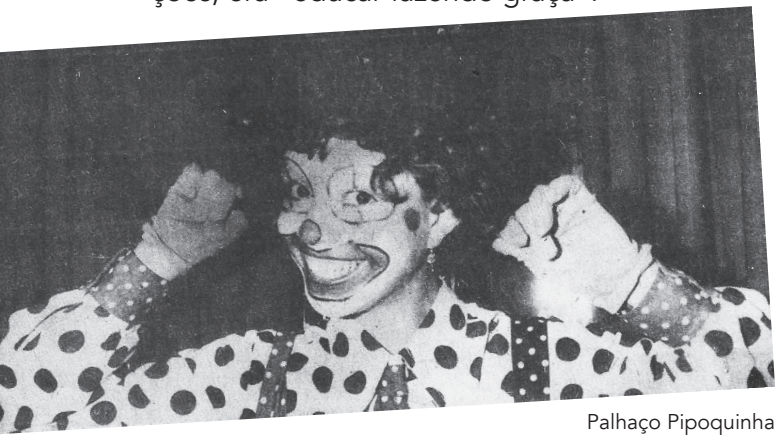
Desde a semana passada se encontra em cartaz no Teatro Valdemar de Oliveira, a revista musical infantil '(OS SALTIMBANCOS". A apresentação é do T.A.P. Júnior, departamento infanto-juvenil do Teatro de Amadores de Pernambuco, a quem está diretamente ligada a produção do espetáculo. As lotações dos espetáculos do fim da semana que passou foram esgotadas e a procura durante esta semana levou os diretores do conjunto a promover "duas sessões", hoje e domingo, às 16 e às 18 horas. (...) Chico Buarque de Holanda traduziu e adaptou para o português esta fábula musicada que se baseia no conto dos Irmãos Grimm "Os músicos de Bremen". A direção do espetáculo, que apresenta de (sic) inovações de efeitos especiais está a cargo de Adhelmar de Oliveira Sobrinho, que mantém sob seu comando mais de 40

Os Saltimbancos

Os Saltimbancos

> figurantes além de interpretar o principal papel. (...) O coral Catavento do Canal 2, sob a direção de Maria Lúcia Ribeiro é o ponto alto do apoio da apresentação (...) Na parte técnica do espetáculo há efeitos com a utilização de gelo seco, de luz negra, lâmpadas estroboscópicas ao lado de iluminação especial. (...) estando o som, especialmente enviado por Chico Buarque com o apoio da Phonogram (...) o Teatro de Amadores de Pernambuco investiu milhares de cruzeiros. Os ingressos estão à venda na bilheteria do Teatro ao preço único de Cr$ 50,00. Aconselha-se a aquisição com antecedência em vista da grande procura.

No mês de agosto, quem ganhou destaque no *Diario de Pernambuco* (11 de agosto de 1978) foi o Palhaço Pipoquinha, personagem da atriz, diretora e musicista Fátima Marinho. Sua proposta de apresentações, não só em festas nas casas de famílias como em clubes ou associações, era "educar fazendo graça":



Palhaço Pipoquinha

É o palhaço "Pipoquinha", que tem cara de menino levado, alegre, brincalhão, surgido em 1974, na cidade de Pouso Alegre, sul de Minas, durante excursão promovida por um grupo de alunos do Cecosne. A técnica utilizada por Fátima Marinho, nas festas de batizado ou aniversário, nas residências ricas ou de classe média da Capital, é diferente. Ela não diz piadas aos garotos, nem faz cambalhotas ou grita, procurando chamar-lhes a dispersiva atenção! – Tenho um método especial para educar as crianças que assistem às apresentações do palhaço "Pipoquinha": procuro socializá-las através de participação das brincadeiras que vão da competição esportiva aos exercícios de mímica. (...) depois, à brincadeira um tanto desusada nos grandes centros sociais do País, de roda. Canta-se e bate-se palma, faz-se a expressão corporal.

Naquele ano, Fátima Marinho fundou o Grupo Pipoquinha e lançou, a partir de 1979, espetáculos musicais no Teatro de Santa Isabel. Ainda em 1978, no mês de dezembro, além da temporada vitoriosa de *Os Saltimbancos*, pelo TAP-Júnior, no Teatro Valdemar de Oliveira (espetáculo que contou com o patrocínio do Serviço Nacional de Teatro), há registro ainda das seguintes peças em cartaz no Recife: *Meu Amigo Papai Noel* (sem indicação dos seus realizadores), no Teatro de Santa Isabel; e *O Segredo do Tesouro*, do Clube de Teatro Infantil, no Teatro do Parque, com o 1º texto assinado pelo até então ator, Gamaliel Perruci Júnior. A montagem contou com direção de Leandro Filho; cenário de Ozita Araújo; figurinos de Ilza Cavalcanti; coreografia de Conceição Silva; e direção musical de Flávio Cézar Nascimento. No elenco, além do próprio autor, estavam Marcos Oliveira, Uirandey Lemos, Rejane Santos, Jonira Máximo, Fábio Costa e Albemar Araújo.

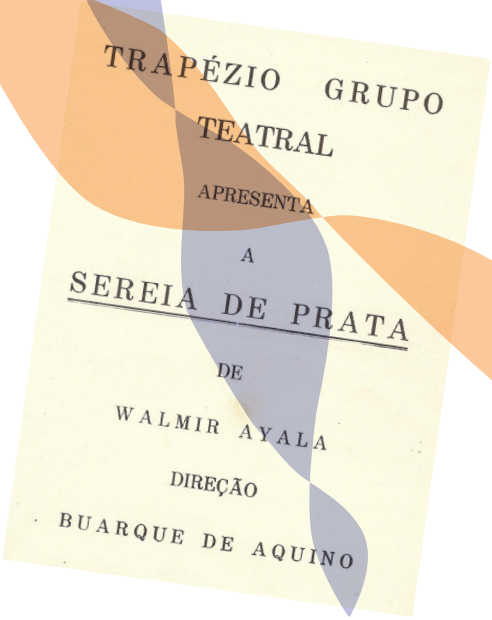
A Revolta dos Brinquedos

Outra estreia de sucesso aconteceu com o Teatro da Criança do Recife, que produziu *A Revolta dos Brinquedos*, texto de Pernambuco de Oliveira e Pedro Veiga, na direção de José Francisco Filho. No elenco que ficou em cartaz no Teatro de Santa Isabel, Carlos Lagoeiro, Carlos Carvalho, Ivonete Melo, Stela Gatis, Rosa Machado, Maurício Campos e Marcus Vinícius. No *Diario de Pernambuco* (20 de outubro de 1978), na coluna *Cena Aberta*, Valdi Coutinho destacou "o bonito figurino, assinado por Diva Pacheco, salientando-se ainda a expressiva maquiagem a cargo de Gilson Guedes". Dois palhaços, Cocorote e Brasinha, eram responsáveis pela abertura do espetáculo. Em data imprecisa, mas certamente após a estreia de *A Revolta dos Brinquedos*, José Francisco Filho ainda dirigiu para o Teatro da Criança do Recife, *O Coelhinho Pitomba*, texto de Milton Luiz, com os atores Roberto Lessa e Luiz Maurício Carvalheira, entre outros.

O final de 1978 também foi o período em que o Grupo de Teatro Bandepe, conjunto teatral ligado a uma instituição financeira, o extinto Bandepe, banco do Governo do Estado de Pernambuco, lançou seu 1º e único trabalho para crianças, *O Galo de Belém*, auto infantil de Walmir Ayala e direção geral de Lúcio Lombardi. No elenco, Virgínia Ferraz (Estrela), Bonfim (1º Pastor), Péricles Gouveia (Rei Mago), Marluce Ribeiro (Rainha Maga), Romero Andrade (Galo), Vicente Monteiro (Estalajadeiro), Maria Elena (Estalajadeira), Lucicleide Trindade (Maria), Hermano Figueiredo (José), Edjeso Ferreira (Vellho Pastor), Clóvis Bezerra (2º Pastor) e participação especial do Coral Bandepe, sob a regência do maestro José da Cunha Beltrão. No ano de 1978 surgiu ainda um novo grupo de teatro de bonecos no Recife. Segundo trecho extraído de *Bonecos & Bonequeiros – Catálogo da Produção de Teatro de Bonecos em Pernambuco*, publicação que a Associação Pernambucana de Teatro de Bonecos (APTB) pretendia editar em 1999 com o apoio da Funarte, e não se efetivou, de acordo com o presidente da entidade e autor da obra, Jorge Costa (documento enviado via e-mail em 14 de setembro de 2007, p. 7):

> O Mamulengo Vem Vem foi criado em março de 1978. Está inserido no setor de lazer Artístico do SESI/PE e tem como objetivos, entre outras coisas, resgatar um pouco da memória e da cultura popular nordestina. Seus integrantes são todos funcionários da instituição.

No município do Jaboatão dos Guararapes, *O Casaco Encantado*, de Lúcia Benedetti, com direção de Tell Lúcia, foi uma realização do Grupo de Teatro Amador de Prazeres, vista inclusive no Teatro de Santa Isabel. No elenco, Herculano dos Santos, Maria da Paz Mota, Ricardo Medeiros, Tell Lúcia, Jaqueline Lúcia, Rejane Ferreira, Antônio de Pádua, Rejanete Ferreira, Simone Lúcia, Wilson Ferreira, Iracema do Nascimento e Wildo Barbosa. Na cidade de Arcoverde, surgiu a Equipe Teatral de Arcoverde (Etearc) com dois esquetes concebidos coletivamente, *O Embarque de Noé* e o infantil *Chapeuzinho Vermelho*, com Tito Araújo no elenco, além dos atores Paulo Oliveira (Paulo de Oliveira Lima), Luiz Vieira, Laíce Brito e Etiene Santos, entre outros. Como produções do Recife, vale relembrar ainda *Salabim, Um Mundo de Ilusões*, provavelmente a montagem de estreia do Grupo de Teatro Tio



Zezinho, com texto e direção de José Passos, com cenário de Zezinho Almeida e José Almeida; figurinos de Dalva Sampaio; iluminação de Antônio José; e maquiagem de Silva Neto. No elenco de adultos e crianças, José Passos, José Bandim, Silva Neto, Lugom Sérgio, Luiz Eurico, Martiniano Almeida, Elvira Almeida, Edno Maciel, Vera e Gilson (os dois últimos, sem registro do sobrenome). No livro-homenagem *Antônio de Almeida, Zezinho do Santa Isabel* (2009, p. 70), o pesquisador Marcondes Lima revela algo sobre a montagem:

> Um panfleto, sem data, revela a parceria [de Zezinho] com o Dr. José Passos, advogado que amadoristicamente se aventurava em produções de revista e outras voltadas para o público infantil. O impresso serviu para divulgar uma produção do Grupo de Teatro Tio Zezinho que apresentaria nova temporada do espetáculo Saladim (sic): um mundo de ilusões (revista mágico infantil), aos sábados e domingos às 16h30, no Teatro de Santa Isabel, onde afirmavam que mais de duas mil pessoas já haviam assistido à montagem. Maria Elvira confirma isso ao me contar: "(...) Eu fazia o papel do Coelho Alegre; participava de vez em quando de algumas apresentações em escolas e festas de aniversário, com o Palhaço Verdinho, criação do meu pai e do José Passos (que fazia o papel do palhaço)".

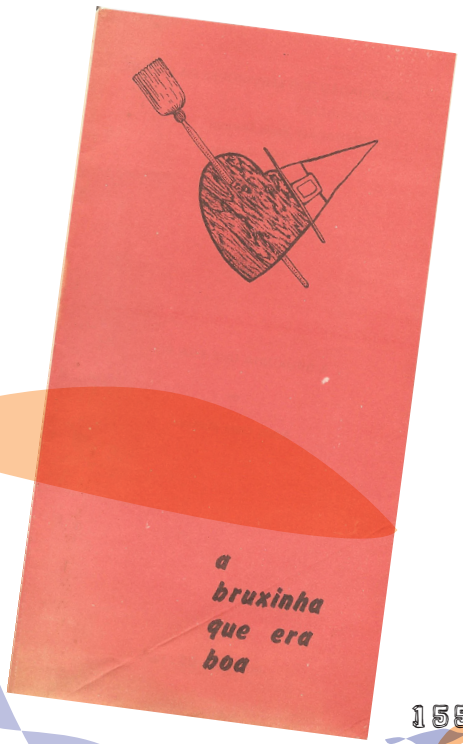
Também foi lançada *A Sereia de Prata,* de Walmir Ayala, estreia do Trapézio Grupo Teatral dirigido por Buarque de Aquino, trabalho que retomou a ideia das matinês infantis aos domingos no Recife, a partir do dia 6 de agosto de 1978, no Teatro Valdemar de Oliveira, uma empreitada que não deu muito certo. Segundo Valdi Coutinho no *Diario de Pernambuco* (6 de agosto de 1978), o elenco contava com "alunos do Liceu de Artes e Ofícios, Fafire, Unicap e UFPE": Manoel Constantino, Dayse Marques, Eurico Barbosa, Geane Bezerra, Carlos Alberto, Ângela Serpa, Alexandre Pacheco, Betânia Maia e Jarbas Januário. De 5 a 10 de setembro de 1978, no Teatro de Santa Isabel, foi a vez do Grupo Gente Nossa (com este nome em homenagem ao extinto grupo liderado por Samuel Campelo) apresentar o melodrama em 3 atos, *A Família Som*, de Paulo Ferreira, voltado a todas as idades, com trilha sonora de Antúlio Madureira e Antero Madureira, e direção de Luís Lima. No elenco, Jonas Silva (Dó), Walmir Chagas (Ré), Alda Guimarães (Mi), Raquel Wanne (Fá), Bartolomeu Buene (Sol), Socorro Pires (Lá), Icleiber (Si), Paulo Ferreira (Vovô), Rejane Santos (Lídia) e Luís Lima (Pastor).

Há ainda registro das peças *O Infeliz Professor de Música* e *O Colar de Maroquinhas Fru-Fru*, ambas de autoria da professora Aida Sabat Feldmann, feitas com seus alunos no Orfanato Bezerra de Menezes, em homenagem ao Dia da Criança, além de três produções visitantes no Recife em 1978: *A Gaiola de Avatisiú*, do Grupo Hombu (RJ); *O Gato de Botas*, do Teatro da Juventude do Rio de Janeiro (RJ); e *Os Saltimbancos*, do Grupo Mutirão (MA). No total, vinte e sete produções direcionadas a infância foram registradas em 1978, em cidades como Recife, Olinda, Caruaru, Jaboatão dos Guararapes e Cabo de Santo Agostinho, segundo dados do *Anuário do Teatro Brasileiro 1978* (1978, p. 131-158), publicação do Serviço Nacional de Teatro, além de informações colhidas em jornais, programas de espetáculos ou entrevistas.

O Clube de Teatro Infantil bateu o recorde de realizações, com oito peças diferentes apresentadas naquele ano: *Uma Viagem ao Reino das Formigas, O Coelhinho Falador, O Macaco Bom de Bola*, *O Rato Que Queria Ser Marinheiro*, *O Segredo do Tesouro*, O *Planeta dos Palhaços*, *Uma História Para o Conde Gato e A Volta do Camaleão Alface.* E além da continuidade da versão de *Maria Minhoca*, de Maria Clara Machado, pelo Teatro da Criança do Recife, há registro de uma encenação do mesmo texto, por Nildo Garbo, pelo Grupo Folguedo de Arte Popular, em Caruaru, produção que, inclusive, participou do III Festival de Inverno de Campina Grande, na Paraíba, em julho de 1978. Ainda em Caruaru, em dezembro daquele ano, segundo entrevista (26 de junho de 2013), Arary Marrocos dirigiu *A História dos Três Porquinhos* (sem indicação do autor) e *Auto de Natal* (de Leandro Filho) com o Grupo de Teatro Infantil do Sesi, no Centro de Atividades José de Vasconcelos e registro mínimo nos jornais da época.

Nos dois primeiros meses de 1979, o Serviço Nacional de Teatro promoveu a 2ª edição do Projeto Mambembão e Mambembinho, com apresentações no Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília de doze novos espetáculos do país inteiro. Desta vez, Pernambuco conseguiu emplacar duas montagens adultas, ambas de Olinda, *Chico Rei*, do Teatro Ambiente do MAC, e *Repúblicas Independentes, Darling*, do Grupo de Teatro Vivencial. Ainda em janeiro, estreou no Teatro Valdemar de Oliveira, em temporada aos sábados e domingo, por um mês, *A Bruxinha Que Era Boa*, de Maria Clara Machado, trabalho de estreia do Grupo Sudene, formado por funcionários ligados à Associação dos Servidores da Sudene (Superintendência do Desenvolvimento

Maria Minhoca



A Bruxinha Que Era Boa

do Nordeste), sob direção de João Menezes, tendo como atores convidados Inalda Silvestre (Bruxa-Chefe) e Sávio Carrilho (Pedrinho). Ainda no elenco, Maria Mattoso (Bruxinha Ângela), Majôr Vieira (Bruxinha Caolha), Carminha Azevedo (Bruxinha Fredegui), Dôra Pimentel (Bruxinha Fedelha), Teca Melo (Bruxinha Federos), João Menezes (Bruxo Belzebu II, também assinando cenário e figurinos) e Gilsó (Vice-Bruxo).

A partir do dia 11 de março de 1979, no Teatro de Santa Isabel, o Grupo Pipoquinha, liderado pela atriz, diretora e musicista Fátima Marinho, foi responsável pelo 1° sucesso entre as retomadas das matinais teatrais dominicais recifenses no final da década de 1970, com o show infantil *Domingo Alegre* e destaque para o preço acessível ao público. Paralelamente a este lançamento e na mesma data, o Clube de Teatro Infantil, liderado por Leandro Filho, também decidiu transferir o espetáculo *A Volta do Camaleão Alface*, de Maria Clara Machado, que até então era apresentado à tarde, no Teatro do Parque, para o horário dominical das manhãs. Somente em agosto de 1980, o produtor Ulisses Dornelas retomou definitivamente esta iniciativa do horário infantil matinal, com sequência constante de espetáculos no Teatro de Santa Isabel.

Com texto e direção da própria Fátima Marinho, o espetáculo *Domingo Alegre* lançou o Grupo Pipoquinha no mercado teatral para crianças, em atividade ininterrupta até o fechamento desta pesquisa em dezembro de 2013. O *Diario de Pernambuco* (29 de abril de 1979) descreveu o trabalho:

Todas as manhãs (10 horas) de domingo, o Grupo Pipoquinha está enchendo o Teatro Santa Isabel de crianças que vão assistir o show infantil "Domingo Alegre", cheio de atrações, e com objetivo de levar cultura e educação através de um trabalho teatral. Fátima Marinho é o palhaço Pipoquinha, mas desempenha outros papeis dentro do espetáculo: a moça, boneca Fatico (...) com muitas brincadeiras e improvisações, estimulando a criança a participar ativamente da função.

Ainda no elenco, Péricles Gouveia (Irmão Estanisláu, Médico e Consertador de Brinquedos), Osman Jordão (Palhaço Pipocão e Velho

Domingo Alegre

Domingo Alegre

Ferreiro, além de violonista), Iratangi de Lima (Menino, Pipoqueiro e Titiriteiro, além de percussionista) e Ivanildo José (Lobo, Jardineiro e Titiriteiro, além de violonista). Por e-mail (22 de julho de 2008), numa conversa descontraída, ela chegou a confessar:

> Os funcionários do Santa Isabel me alertaram que eu não teria sucesso, porque muitos já tinham tentado e era fracasso total. Mas nessa época [eu apresentava o programa televisivo] "Tarde Alegre", na TV Tupi então bastou convidar o público e o preço como sempre baratinho, "entonce" superlotou o Santa Isabel. Tinha gente que voltava porque não dava para entrar. Foi lindo!

Após a temporada de *A Volta do Camaleão Alface*, peça cujos atores Marcos Oliveira, Gamaliel Perruci, Cida Melo, Conceição Silva, Tonico Santos, Biu Mendonça, Roberto Lessa, Flávio Cézar Nascimento, Carlos Brito e Djalma Almeida vinham atuando desde 1978, a 1° de maio de 1979 Leandro Filho dirigiu novo espetáculo, *No Planeta das Bruxas*, no Teatro do Parque. O texto e cenário também eram dele, com figurinos de Ozita Araújo, luz de Antônio José e som de Gamaliel Perruci. No elenco, José Sales, Graça Rodrigues, Conceição Silva, Carmem Martine, Fátima Pink, Walter Boa Vista e Mônica de Lourdes. Já o espetáculo *Uma Viagem ao Reino das Formigas*, texto de Flávio Cézar Nascimento, outra direção de Leandro Filho em 1979, contou com os atores Gamaliel Perruci Júnior, Flávio Cézar Nascimento, Djalma Almeida, Luiz Almeida, Cida Melo, Carmem Martins, Graça Rodrigues, Conceição Silva, Ivaldo Souza e Walter Boa Vista. Os figurinos eram de Ozita Araújo e Gamaliel Perruci Júnior, este último, também responsável pelo cenário.

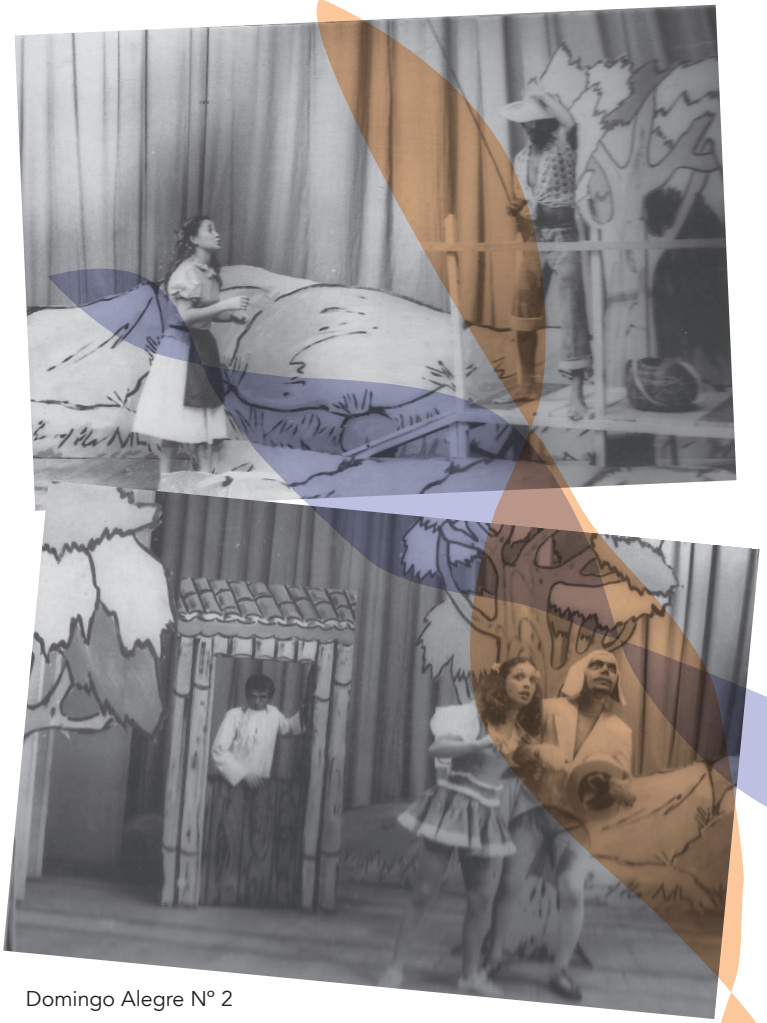
A 29 de junho de 1979, morreu Alfredo de Oliveira, aos 64 anos, um dos homens mais inquietos do teatro pernambucano e, entre tantas atividades, fundador do Teatro de Brinquedo, companhia que iniciou a profissionalização do gênero infantil em Pernambuco. Também no mês de junho foi fundado o Teatro de Bonecos Lobatinho, com atuação ininterrupta desde então, pelo menos até a finalização desta pesquisa em dezembro de 2013. O seu mentor foi José Dias de Melo, que esteve à frente do grupo até fevereiro de 2004, quando veio a falecer, sendo substituído por membros da família. Ainda tratando do universo bonequeiro, curiosamente, somente em agosto de 1979, o Mamulengo Só-Riso finalmente foi visto em sua 1ª grande temporada no Recife, do dia 18 daquele mês

Carnaval da Alegria

até 30 de setembro, no auditório do Cecosne, na Madalena, com *Carnaval da Alegria*, aos sábados e domingos, às 16 horas, sob o comando do Palhaço Melancia (Nilson de Moura) e mais 30 bonecos. Pouco antes, o grupo havia recebido elogios no Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília e Belo Horizonte. Já o Teatroneco apresentava naquele momento, *Socorro, Salvem os Porquinhos!*, com texto e direção de Augusto Oliveira, com ele, Cerena Rocha, Celeste Dias e Izabel Pinheiro no elenco, mas o grupo também preparou naquele ano, *Circo da Fantasia*, com texto e direção de Augusto Oliveira e ele, Waldeth Oliveira, Izabel Pinheiro, Luciano Silva e Carena Rocha como atores bonequeiros.

Em outubro de 1979 surgiu um novo espetáculo do Grupo Pipoquinha, *Domingo Alegre Nº 2*, em outra temporada de sucesso no Teatro de Santa Isabel, ainda nas matinais domingueiras. Aos sábados pela manhã, a equipe fazia divulgação na Praça da Independência, apresentando cenas da montagem. O texto foi concebido por Osman Moreira Jordão e Fátima Marinho, que dirigiu a peça e ficou responsável também pelo cenário, figurino e maquiagem. A iluminação foi assinada por José Falcão. No elenco, Fátima Marinho, Osman Moreira Jordão, Josenildo Marinho, Iratangi de Lima, Ivanildo José, Graça Marques, Fátimo Fernandes, Zezo Oliveira, Antônio, Aidil, Maria, Marcos e Washington (os cinco últimos sem indicação do sobrenome). Uma matéria de destaque no *Diario de Pernambuco* (26 de outubro de 1979) ressaltou a perspectiva da artista Fátima Marinho:

Segundo ela, "a filosofia do Grupo Pipoquinha é retratar, através da arte cênica, pontos reais da vida de nossa gente. Daí a dificuldade de encontrar textos teatrais não fantasiosos, não fictícios, não utópicos. Estamos numa linha de teatro realista, porém, não agressiva, uma verdadeira. Criamos textos e músicas sem as bruxas, as fadas encantadas, sem a varinha de condão, tradicionais e aleatórias. Sei que são personagens simbólicos, mas a maior parte das crianças não assimila o que realmente representam eles". (...) O espetáculo se constitui de duas peças sincronizadas, "Dom Cachorro e o Conde Gato" e "O Bumba-Meu-Boi", a primeira de Osman Jordão, e a segunda da própria Fátima, que, com ela, procura atrair o público para alguns aspectos do nosso folclore. [A primeira] Retrata o



Domingo Alegre Nº 2

Domingo Alegre Nº 2

problema do Conde Gato, que tem a mania de tirar o que é dos outros. (...) O conde agride a todos, não pretende perder as "suas terras" – que havia furtado. O povo, prejudicado, pede ajuda à platéia sobre o que fazer com o gato para ele deixar de roubar. Por fim, resolvem expulsar o conde Gato da comunidade oprimida. (...) "Bumba-Meu-Boi", de Fátima Marinho, atrai o público pela sua plasticidade musical, coreográfica e a sua indumentária colorida. Baseada no folguedo popular natalino, centraliza o personagem o Boi, que vive alegremente, é morto pelo homem e resuscita. Após o espetáculo, há, na frente do Teatro, uma recreação educativa, com músicas de roda, atores e público, pipocas, brincadeiras e jogos. E, como não poderia deixar de ser, a participação do Palhaço Pipoquinha.

Ao final da temporada, sobre a 2ª peça em sequência, registrou ainda o *Diario de Pernambuco* (30 de dezembro de 1979): "Trata-se de um trabalho voltado para as crianças retratando o folguedo natalino – o bumba-meu-boi, que simboliza a vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo". Naquele ano de 1979, cresceu consideravelmente o número de produções teatrais para a infância realizadas em Pernambuco. Segundo o *Anuário do Teatro Brasileiro 1979* (1979, p. 141-162), vinte e nove peças foram apresentadas, isto sem contar com a visita de três produções de outros estados: *Brincadeiras*, da Jangadeiro Artes e Diversões; *O Mágico de Oz*, do Teatro da Juventude, ambas do Rio de Janeiro; e *Vamos Brincar de Brincar?*, do Grupo Capixaba de Teatro (ES).

Das montagens pernambucanas com estreia em anos anteriores, constam: *A Duquesa dos Cajus*, do Grupo de Teatro Canto Livre; *A Revolta dos Brinquedos*, que passou a ser uma parceria entre o Teatro da Criança do Recife e a Aquarius Produções Artísticas (produtora profissional lançada naquele ano); *A Volta do Camaleão Alface*, do Clube de Teatro Infantil; *Danças Folclóricas – Viajando Pelo Brasil*, do Teatrinho de Marionetes Monteiro Lobato (voltando a ser sediado no Recife), com autoria, direção e manipulação de Carmosina Araújo e Veridiano Araújo, além da colaboração de Fernando Limoeiro; *Carnaval da Alegria*, do Mamulengo Só-Riso; *O Casaco Encantado*, do Grupo de Teatro Amador de Prazeres; *Os*

Viajando Pelo Brasil

Saltimbancos, do TAP-Júnior; *O Fantasma Azul* (que retornou ao cartaz após a estreia em 1977, desta vez com os atores Izilda Wolpert, Luciano Roberto, José Raimundo/Raimundo Branco, Paulo André, Walter Boa Vista, Ismênia Maurício e Cláudia, sem registro do sobrenome), do Clube de Teatro Infantil; e *Salabim, Um Mundo de Ilusões*, do Grupo de Teatro Tio Zezinho.

A Revolta dos Brinquedos

Como um dos maiores sucessos da época, a peça *A Revolta dos Brinquedos*, texto de Pernambuco de Oliveira e Pedro Veiga, com direção, cenário e coreografia de José Francisco Filho, figurinos de Diva Pacheco, direção musical de Carlos Carvalho, administração de Paulo de Castro e contando com um elenco em constante revezamento (Pedro Henrique, Carlos Carvalho, Ivonete Melo, Maurício Campos, Sônia Roichman, Celeste Ribas, Albemar Araújo, Marcus Vinícius, Alberto Netri, Rosa Machado, Márcia Cabral e Lana Simões), ganhou análise do crítico Valdi Coutinho no *Diario de Pernambuco* (21 de julho de 1979), um espaço precioso no caderno cultural:

A Revolta dos Brinquedos

A peça "A Revolta dos Brinquedos", apesar de já ter sido muitas vezes representada, continua fazendo sucesso, sendo uma das mais queridas do público infantil. Pernambuco de Oliveira e Pedro Veiga (falecido ano passado), autores de inúmeros textos, criaram uma verdadeira obra-prima da dramaturgia infantil, um dos mais bonitos e valorosos (...) sua peça vem sendo apresentada, há quatro meses, pelo Teatro da Criança do Recife (agora transformado em Aquárius Produções Artísticas Ltda) aqui no Recife, sempre prestigiada por um bom público, tanto infantil como adulto. Uma das maiores virtudes do texto é questionar para o mundo da criança, de uma maneira séria e objetiva, numa linguagem adequada à sensibilidade infanto/juvenil, um dos mais sagrados direitos da criança – o humano. De ser e existir, de pensar e agir livremente, tendo direitos alienáveis, tais como o da liberdade e o da defesa, entre outros. A história contada pela peça é a de uma menina má, que maltrata e quebra seus brinquedos, revoltada porque sua mãe lhe impõe um comportamento discriminatório – exigindo o zelo pelos mais caros (por isso mesmo de difícil acesso e manuseio, para não quebrar ou desgastar) e o descaso para os mais comuns e baratos (próprios, então, para o uso constante e abusivo). Uma noite, os bone-

cos revoltam-se e resolvem fazer justiça à sua maneira. Porém, logo eles se lembram que, até uma menina má, que quebra e maltrata seus brinquedos, inconseqüentemente, com aparente desumanidade, pode ter explicações que isentem ou atenuem a sua conduta, e resolvem fazer um julgamento de suas atitudes, antes de partir para qualquer represália. Criam um tribunal, com advogado de acusação e de defesa, juiz e testemunhas. Aí se encerra o valor maior do texto (...) levando o público infantil a conflitar valores e compreender o sagrado direito de defesa, mesmo para o aparente comportamento de malvadeza. O julgamento é feito em bom estilo forense, com discursos, palmas, depoimentos, testemunhos e protestos do advogado de defesa, em meio ás "gags" que tanto agradam ao público infantil. Não faltam, porém, as alusões ao mundo da verdade, quando o fantoche pede para ser o advogado de acusação e o soldado de chocolate contesta: "(...) Essa é boa! Advogado fantoche! Isso é coisa que não falta no mundo da gente de verdade...". "A Revolta dos Brinquedos" é rica em conflitos de valores, dentro de uma linguagem acessível e bem identificada com o universo em formação da personalidade infanto/juvenil. A delação, a opressão, a chantagem, por exemplo, são checadas e postas às vistas das crianças para que elas próprias concluam o significado de cada uma delas.

Das estreias de 1979, foram ainda registradas como uma explosão de tantos novos trabalhos: *A História dos Fantasmas ou O Terrível Bandido da Máscara Vermelha*, de Leontil Lara e Nilson de Moura, com direção deste último, pelo Grupo Boca de Forno formado pelos atores Fátima Gedalha, Piedade de Moura, Cláudio Fontes, Cecile Soriano, Gisele Reis, Paulo O'hara e Quica Pereira; *A Incrível Estória de Zé da Onça*, de Nilson de Moura e Fernando Augusto Santos, com direção deste último, pelo Mamulengo Só-Riso (que contou com patrocínio do Serviço Nacional de Teatro e circulou por centros comunitários e escolas públicas com os bonequeiros Conceição Barbosa, Nilson de Moura, Gilberto Brito e Fernando Augusto Santos); e *Eu Chovo, Tu Choves, Ele Chove*, de Sylvia Orthof, com o Teatro Assimétrico do Recife (Tare) em sua 2ª produção para a infância, que chegou a participar, em julho, do IV Festival de Inverno de Campina Grande (PB), como representante do teatro para crianças pernambucano, junto a *Socorro, Salvem os Porquinhos!*, do Teatroneco. No elenco de *Eu Chovo, Tu Choves, Ele Chove*, Didha Pereira, Fábio Costa, Marcus Henauth, Atená

Eu Chovo, Tu Choves, Ele Chove

Kitsos, Patrícia Mendes (Patrícia Breda), João Andrade e Carmelita Pereira. A peça contava com direção, cenário e figurinos de Nazareno Petrúcio (ainda assinando com os nomes artísticos invertidos), coreografia de Atená Kitsos, iluminação de Eugênio Gomes e direção musical da banda Som da Terra.

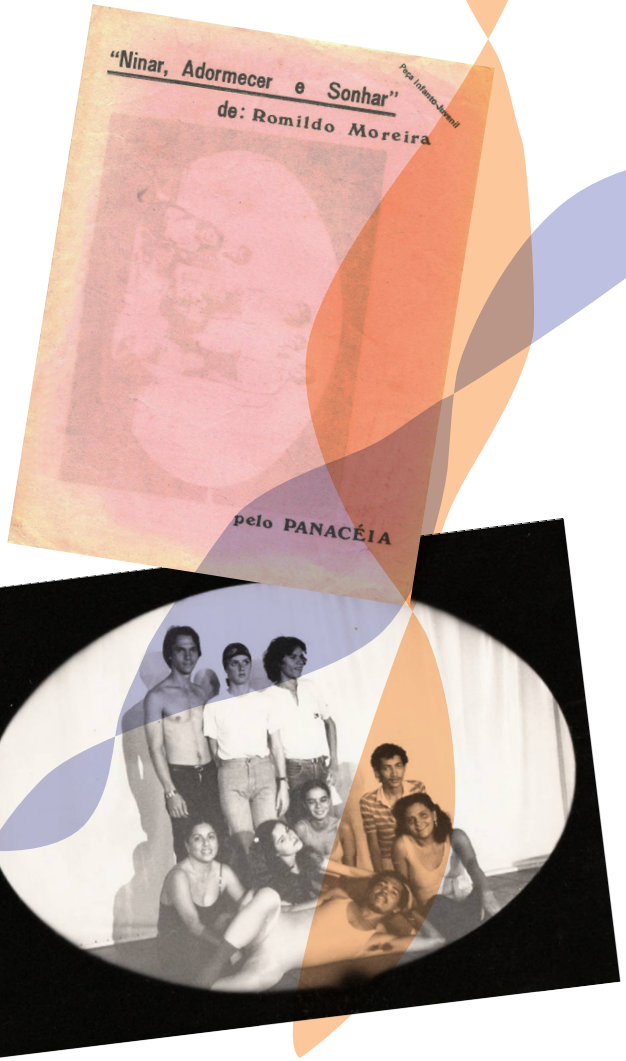
Como outras estreias de 1979, *O Mundo Colorido da Criança*, do Grupo Peralta de Shows Infantis, que contava com os artistas Mário Aguiar, Walmir Chagas, Lena Warren, Ângela Fischer, Ana Tereza, Edvaldo Farias, João Paulo Santos, Mister Deweis e Irmãos Ferreira; *O Pequeno Volantin*, de J. H. Fhutz, sob direção de Andrelino Meneses, pelo Teatro Estudantil Esuda, tendo no elenco Carlos Eduardo, Fausto Moura, Amanto Moto, Fernando Dural, Paulo André Bione, Fernando Azevedo, Sílvio Malta, Alexandre Henrique e Carlos Henrique Reis; *O Relógio Mágico*, de Fernando dos Paços, sob direção de Walter Araújo, pelo Grupo Zimba; *O Palhacinho Verdinho Encontra o Tesouro*, do Grupo de Teatro Tio Zezinho, sob direção de José Passos, com o mesmo como protagonista; *Pinóquio no Castelo Maravilhoso*, de Paulo Ferreira, com direção de André Luiz Madureira, pelo Grupo Gente Nossa e participação dos atores Ana Madureira, Walmir Chagas, Icleiber, Rita Wanne, Raimundo Silva (Raimundo Branco), Alda Guimarães, Paulo Ferreira, Cleantro Oliveira, Ivan Presley, Marcos Almeida, Rita de Cássia, Marcos e João Carlos (os dois últimos sem registro do sobrenome); e *Zeca Muqueca na Terra de Sapeca*, espetáculo de bonecos com texto e direção de Ângela Belfort e direção musical de Severino Correia, pelo olindense Grupo Mamulengo (mais à frente rebatizado de Grupo Scenas).

Com o produtor Paulo de Castro à frente da administração e repertório cada vez mais elogiado por público e imprensa, a Aquarius Produções Artísticas também assinou duas novas realizações, primando por cenários, figurinos e adereços ca-

A Viagem de Um Barquinho

prichados de Buarque de Aquino. Com direção e coreografia do próprio, *A Viagem de Um Barquinho*, de Sylvia Orthof, reuniu os atores Linalva Reis, Sílvia Santos, Henrique Brito, Jacilene Melo, Iolanda Santos, Emanuel Firmo, Alcione Couto, Odin Dias, Wilson Júnior e Sueli Dias numa parceria de produção com o Grupo Ensaio, liderado por Buarque de Aquino. Já *Era Uma Vez, Um Circo*, texto e direção de Rubem Rocha Filho, trazia no elenco Ivonete Melo (também responsável pela coreografia), Luiz Lima, Zélia Sales, Saulo Viana, Mercês Medeiros e Buarque de Aquino. Ainda na ficha técnica, músicas e direção musical de Gilberto Maymone; iluminação de Lacerda; e máscaras de Carlos Carvalho.

Era Uma Vez, Um Circo



Assumido como um trabalho voltado para público específico em 1979, o infanto juvenil *Ninar, Adormecer e Sonhar* foi uma experiência do Grupo de Teatro Panacéia, liderado por Romildo Moreira. O texto e a direção eram dele, que assinava ainda os cenários e adereços junto à Pipiu (Lúcio Flávio Rios). As músicas eram do então estreante João Barreto Neto (João Falcão) e a iluminação de Triana Cavalcanti. Romildo Moreira recordou no livro *Memórias da Cena Pernambucana – 01* (op. cit., p. 190-191):

> Depois de "Os filhos de Kennedy", encenamos "Ninar, adormecer e sonhar", que foi nossa primeira experiência infanto-juvenil. Estreamos em Salvador, na praça Castro Alves, no I Fórum de Teatro Brasileiro, exatamente na volta do Augusto Boal da França pro Brasil. Era um espetáculo pra rua e palco. Nós encenamos a primeira parte dentro do Teatro Gregório de Matos, que hoje se chama Teatro Glauber Rocha, na praça Castro Alves e a segunda parte feita na rua. Esse espetáculo teve duas montagens. Fizemos uma temporada inicial no MAC de Olinda, a primeira parte no museu e o encerramento na frente dele, naquele palco ao lado da igrejinha. Depois disso, iniciamos uma segunda versão da peça, bem convencional, de palco à italiana, em temporada no Teatro do Derby.

Ninar, Adormecer e Sonhar

No elenco desta 1ª versão de *Ninar, Adormecer e Sonhar*: Ana de Souza Lima (Kely), Alba Lúcia (Isa), Pipiu (Lúcio Flávio Rios, Estrela I), Romildo Moreira (Estrela 2), Nildo Barbosa (Estrela Rainha) e Mário Lima (Repórter). Com bem mais destaque na imprensa e resultando em temporada de sucesso no Teatro do Parque, aproveitando o período natalino em 1979, o Clube de Teatro Infantil lançou sua versão para *O Boi e o*

O Boi e o Burro no Caminho de Belém

Burro no Caminho de Belém (e não "a" como na obra original de Maria Clara Machado). No elenco dirigido por Leandro Filho, Gamaliel Perruci (Boi, substituído por José Brito), Walter Boa Vista (Burro), Sandra Ribeiro (Maria, estreando nos palcos), Biu Mendonça (José), Luiz Carlos (Pastor), Marcos Souza (Rei Preto), Marcos Oliveira (Rei Amarelo), Tony Cedrin (Rei Branco) e Conceição Silva, Sílvia Regina, Naná Marques, Lúcia Helena, Ana Cristina e Keila Costa (Pastorinhas). Participou mais à frente, Roberto Vasconcelos. Os figurinos foram concebidos por Ozita Araújo; sonoplastia de Gamaliel Perruci; e cenário de Geu Rodrigues. Uma matéria de capa no *Caderno Viver Domingo*, do *Diario de Pernambuco* (23 de dezembro de 1979, algo raro para a época), deu mais detalhes sobre os planos do grupo:

> Tão logo encerre temporada de "O Boi e o Burro no Caminho de Belém", Leandro Filho vai decretar o "descanso da companhia", que coincide com o fechamento do Teatro do Parque para reformas. "Estamos sendo carinhosamente despejados" – diz – "mas as reformas no Parque não podem ser mais adiadas. Temos que procurar outras casas de espetáculos para mostrar nossas peças (...) Com relação a "O *Boi e o Burro a (sic) Caminho de Belém*", Leandro acredita que a peça esteja alçando seus objetivos: levar as (sic) crianças uma mensagem natalina fora do convencional. "É um espetáculo que pode universalmente ser compreendido. Trata-se de uma farsa-mistério escrita para gente de todas as idades, mas tem uma mensagem poética que procuramos adaptar à concepção infantil do Natal" (...) o elenco lembra que, à saída do espetáculo, haverá sorvetes grátis para as crianças.

O Boi e o Burro no Caminho de Belém

Patrocinado pelo Serviço Nacional de Teatro, com a colaboração da Secretaria de Turismo Cultura e Esportes/Fundarpe, do Governo do Estado, e da Federação do Teatro Amador de Pernambuco (Feteape), a campanha das "Kombis-Teatro Para o Povo" tomou as ruas do Recife no final de 1979, oferecendo sete espetáculos adultos e sete infantis a preços simbólicos, com postos de venda espalhados pela cidade, circulando inclusive nos subúrbios. Da programação infantil participavam *Domingo Alegre*

Nº 2, pelo Grupo Pipoquinha, aos domingos pela manhã, no Teatro de Santa Isabel; *Os Saltimbancos*, com produção de Adhelmar de Oliveira (e não mais pelo TAP-Júnior, por desentendimentos com a direção do TAP), aos sábados e domingos, à tarde, também no Teatro de Santa Isabel; *Era Uma Vez, Um Circo*, pela Aquarius Produções Artísticas, aos sábados e domingos, no Teatro Valdemar de Oliveira; *O Boi e o Burro no Caminho de Belém*, aos sábados e domingos, no Teatro do Parque; e *Viajando Pelo Brasil*, do Teatrinho de Marionetes Monteiro Lobato, e *Circo da Fantasia*, do Teatroneco, os dois últimos aos sábados e domingos, no auditório do Cecosne. Ainda ao final de 1979, era possível conferir, aos domingos, no Teatro do Parque, *Presepadas do Dr. Munganga*, com texto e direção de André Luiz Madureira, pelo Grupo de Teatro Infantil Bando Real. No Sítio da Jaqueira, o Palhaço Pimpão (Marylam Sales) comandava o Festival da Criança, divulgando sua programação no roteiro do *Diario de Pernambuco* (19 de dezembro de 1979):

> Shows, consertos e retretas, sorteios de brindes, brinquedos diversos, concurso miss Pernambuco mirim e Prefeito da Fecin, além de exposição de carros antigos de fórmula 1 e participação de bonecos da Disney e pastoril infantil.

Diante de tamanha profusão de grupos e espetáculos para a infância, o jornalista Valdi Coutinho lançou interessante reflexão sobre esta arte no *Diario de Pernambuco* (31 de julho de 1979), sob o título *Teatro infantil: o equívoco do rótulo*:

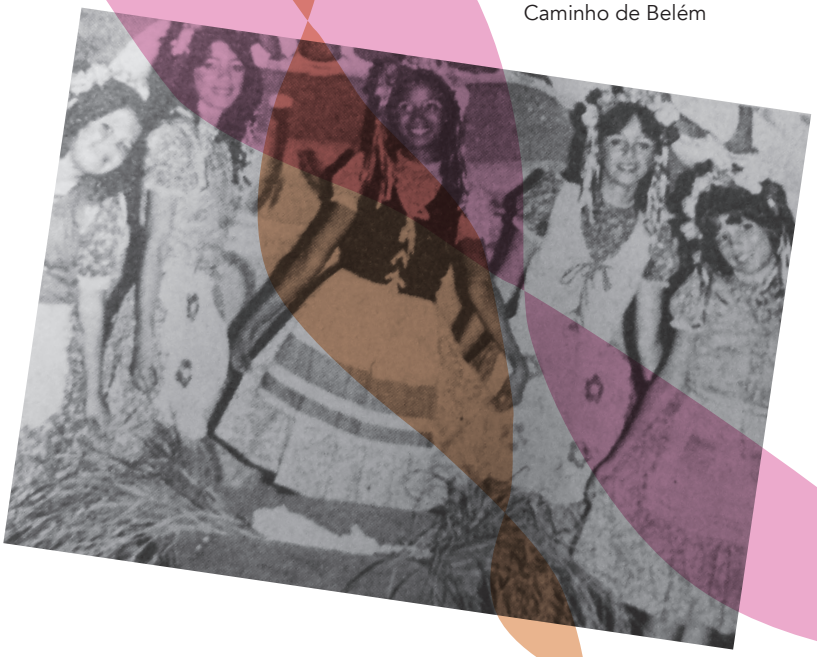
> É muito salutar o aparecimento, em Pernambuco, de vários grupos querendo fazer teatro infantil. Para citar alguns, tão somente, vamos lembrar os mais novos, o Tio Zezinho, o Pipoquinha (*Domingo Alegre*), Circo Fantasia, o Boca-de-Forno, o Vivencial Infantil (a cargo de Walternandes), o espetáculo do Teatro Ambiente do MAC, e o recentíssimo Grupo do Batata, ainda em fase de preparativos para a sua primeira montagem. Sem esquecer aqueles que estão se dedicando a esta tarefa há vários anos, tais como o Clube do (sic) Teatro Infantil (de Leandro Filho), o grupo de Paulo de Castro, ex-Teatral (sic) da Criança do Recife, agora Aquárius Produções Artísticas Ltda., o Teatro de Arena Guararapes, etc. Porém, nesse momento de verdadeira euforia no setor é preciso lembrar a responsabilidade dos novos no sentido de dignificar, cada vez mais, o sentido de sua tarefa, dando sua contribuição para que o teatro infantil, longe de ser considerado um teatro menor, passe a ter o seu verdadeiro caráter de maioridade, tão grande e importante como o teatro para adulto, mesmo porque alguns grupos já estão se conscientizando disso, não existe diferença de natureza entre um gênero e outro, apenas os meios de linguagem e escrituras são diversificados e específicos. O caráter é o mesmo, o teatro como manifestação artística e resultado criativo é o mesmo, os caminhos da encenação é que possuem características diversificadas. Isso porque nenhum dos elementos de uma montagem infantil deve ser gratuito e/ou inconseqüente, se levamos em conta o processo dialético entre o espetáculo e a criança (público), dentro da evolução espontânea do jogo dramático. (...) há muita gente, aqui, que faz questão de rotular o seu trabalho de "teatro infantil" sem ao menos atentar para a implicação de responsabilidade inerente a esta significação. Resultado: são os espetáculos comerciais, com dubla-

Os Saltimbancos

gem, coreografias, palhaços, figuras de Walt Disney, efeitos especiais, etc e etc, mas totalmente vazios de conteúdo, que não acrescentam nada ao desenvolvimento da linguagem teatral da criança; ou a peças do tipo "participação", onde a criança é estimulada a participar não emocionalmente, ou melhor ainda, não da compreensão e descoberta de valores, mas apenas fisicamente, dançando, cantando, pulando, batendo palmas, etc; há ainda recursos tais como delação, correria, gritaria, histeria coletiva, e após esse estado de excitação, deixá-la sair do espetáculo sem saber o que fazer com essa porção de estímulo que lhe foi jogada em cima; há, ainda, o falso didatismo de algumas montagens, naquele estilo tradicional de aulinhas, onde existe sempre um vilão, que no final se arrepende, e um herói, com uma distinção bem marcada entre o que é bom (e deve ser feito) e o que é mau (e deve ser evitado), como se a criança fosse incapaz de se colocar diante de um conflito, esquecendo que teatro é conflito, tensão, dilema, opção, tomada de decisão e de atitude, de ação. Claro que existe exceção e, somente para citar duas, poderíamos apontar a produção que vimos, aqui em Pernambuco, nos últimos tempos: *Os Saltimbancos* pelo TAP, com direção de Adhemar de Oliveira, e *A Revolta dos Brinquedos*, de Pernambuco de Oliveira e Pedro Veiga, direção de José Francisco Filho, esta última, uma montagem das mais sérias e brilhantes que aqui foi feita nos últimos anos. (...) Para algumas outras produções, e a fim de não comprometerem o trabalho que vem sendo desenvolvido, aqui, no campo do teatro infantil, sugerimos que as intitulem de "shows infantis" (é menos comprometedor, e atenuante), o que não deixa de ser válido pelo seu sentido de divertimento, lazer, passatempo, porém que em momento algum devem ser confundidos com o teatro infantil, pois estão longe de merecê-lo.

A Revolta dos Brinquedos

ANOS 1980



O Boi e o Burro no Caminho de Belém

A década de 1980 representa o *boom* do teatro para crianças no Recife. Não só em termos de quantidade, mas em qualidade também. Apostando em dramaturgias inovadoras para a época (nem sempre compreendidas pelos jornalistas ou mesmo valorizadas pelo público), aos poucos, encenadores mais ousados despontaram aqui e ali. Assim, os pastiches dos contos de fadas foram sendo substituídos por temas mais próximos da realidade das crianças recifenses. No entanto, havia aqueles que ainda seguiam a mesma linha de trabalho anos a fio, sem perceber que o mundo muda e outras temáticas podem ser abordadas no teatro para crianças, inclusive, com estéticas mais contemporâneas, sem didatismos. Para alguns, a recreação antes ou depois da encenação ainda era necessária, assim como o sorteio de brindes. Outros, paulatinamente, foram mudando a cara do teatro para crianças na capital pernambucana para melhor, assumindo-o como obra de arte com algo a dizer.

Em 1980, conforme verificado nos jornais daquele ano e com dados complementares do *Anuário do Teatro Brasileiro 1980* (1980, p. 129-115), publicação do Instituto Nacional de Artes Cênicas, trinta e um espetáculos foram levados à cena nos diversos teatros do Recife. O Teatroneco, com quatro montagens, e o Clube de Teatro Infantil, com três realizações, continuaram a ser as equipes de maior produção na cidade. O pernambucano Augusto Oliveira, do Teatroneco (há alguns anos radicado no Ceará, ele assume atualmente o nome artístico Augusto Bonequeiro), foi o diretor e autor mais presente (ainda que em seu site conste que os textos eram assinados em caráter coletivo. Disponível em: http://augustobonequeiro.wordpress.com. Acesso em: 24 de março de 2013), com montagens no segmento do teatro de bonecos. E a dramaturgia de Maria Clara Machado, mineira radicada no Rio de Janeiro, ficou em 2º lugar dentre as mais revisitadas naquele ano.

A 1ª semana de 1980 já foi um reflexo da intensa produção na cidade, com a continuidade de seis peças em temporada. No Teatro do Parque era apresentado *O Boi e o Burro no Caminho de Belém*, auto de Natal de Maria Clara Machado, pelo Clube de Teatro Infantil, com direção e iluminação de Leandro Filho, excepcionalmente numa terça-feira, no 1º dia do ano, com sessão

às 16 horas. No *Diario de Pernambuco* (1 de janeiro de 1980), Valdi Coutinho teceu o seguinte comentário:

> É um espetáculo lírico, cheio de ternura e beleza, com um vasto sentido natalino, inclusive valorizando as mais autênticas tradições populares do Nordeste, com a inclusão de um pastoril na encenação, o que torna a peça alegre e movimentada. O nível de interpretação do elenco está bom, o cenário e os figurinos contribuem para a beleza do espetáculo. Enfim, "O Boi e o Burro no Caminho de Belém" é uma maravilhosa opção para as crianças e adultos na tarde deste primeiro dia de 1980.

Em matéria seguinte, o mesmo crítico atestou o sucesso da montagem em nova e curta temporada no Teatro Valdemar de Oliveira, aos sábados e domingos, às 16h30, por conta de reparos no Teatro do Parque. Enquanto este teatro da Rua do Hospício não fechava para breve reforma, também podia ser visto *Presepadas do Dr. Munganga*, texto, direção e coreografia de André Luiz Madureira, e figurinos de Lourdes Madureira, pelo Grupo de Teatro Infantil Bando Real, sob produção do Nuclearte (Núcleo de Arte do Nordeste Ltda.), somente aos domingos, às 16h30. Tratava-se de um espetáculo de teatro inspirado nos folguedos populares do Nordeste, com parte da equipe do Balé Popular do Recife, na realidade, a trupe que integrava um bloco de carnaval do festejado grupo de dança. No enredo, Emília (Ana Madureira) e Visconde de Sabugosa (Antero Madureira), personagens do escritor Monteiro Lobato, deparam-se com uma sequência de manifestações populares como o pastoril, mamulengo, presépio, bumba-meu-boi, cavalo marinho e caboclo de lança, terminando com um grande bloco de carnaval. Ainda no elenco, Antúlio Madureira (Tio Sam, o Dr. Munganga), Sílvia Madureira (Sílvia França), Ângela Fischer, Marta Costa Rêgo e Walmir Chagas. A trilha sonora era assinada por Antônio José Madureira, compositor responsável por diversos sucessos musicais para crianças ainda naquela década, como *Baile do Menino Deus* (1983), *O Pavão Misterioso* (1985), *Bandeira de São João* (1987) e *Arlequim* (1989), parcerias com os escritores Ronaldo Correia de Brito e Assis Lima.

No Cecosne, após as festas de fim de ano, duas montagens também voltaram ao cartaz, apresentadas em sequência nos sábados e domingos. Realização do Teatroneco, *Circo da Fantasia*, sob direção de Augusto Oliveira, podia ser vista às 16 horas. No elenco, o próprio Augusto Oliveira, Cerena Rocha, Luciano Silva, Izabel Pinheiro e Valdeck Oliveira. Em seguida, às 17 horas, era a vez de *Viajando Pelo Brasil*, de Carmosina Araújo, direção dela e de Fernando Limoeiro, com os dois no elenco, pelo Teatrinho de Marionetes Monteiro Lobato, divulgado como o mais antigo do gênero no Brasil. Nesta montagem, quarenta e dois bonecos entravam em cena, com figurinos da própria Carmosina Araújo. A temporada contava com a colaboração do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais.

Já no Teatro de Santa Isabel continuava em cartaz o musical *Os Saltimbancos*, dirigido por Adhelmar de Oliveira (Pedro Oliveira), todos os sábados e domingos, às 16h30, com ótima resposta de público. A montagem, agora não mais assinada pelo TAP-Júnior, contava com atores adultos, crianças que dançavam, além da participação do Coral Catavento, do Canal 2, da TV Jornal do Commercio. No mesmo Teatro de Santa Isabel, somente aos domingos, às 10 horas, também com bom número de espectadores, era apresentado *Domingo Alegre Nº 2*, pelo Grupo Pipoquinha, sob direção de Fátima Marinho, com duas histórias: *Dom Cachorro e o Conde Gato* e *Bumba-Meu-Boi*, escritas por Osman Jordão e a própria Fátima Marinho. Ainda

A Viagem de Um Barquinho

no mês de janeiro, a Aquarius Produções Artísticas, tendo à frente o produtor Paulo de Castro, muito mais direcionado às montagens infantis do que seu parceiro na mesma produtora, Bóris Trindade, finalizou a temporada de duas de suas realizações estreadas em 1979, no Teatro Valdemar de Oliveira: *Era Uma Vez Um Circo*, com texto e direção de Rubem Rocha Filho, vista no sábado e domingo, às 16h30; e *A Viagem de Um Barquinho*, texto da carioca Sylvia Orthof, sob direção de Buarque de Aquino, somente no domingo, às 10 horas. Esta última peça tinha parceria com o Grupo Ensaio, liderado pelo próprio Buarque de Aquino.

Naquele 1° mês de 1980, o teatro para crianças era tão fervilhante que até o impensável Vivencial Diversiones, casa de espetáculos voltada para produções adultas, com cenas de *strip-tease* em algumas das propostas cênicas apresentadas madrugada adentro, abriu espaço para receber uma montagem direcionada às crianças, oriunda de Vitória, capital do Espírito Santo. Em excursão pelo Nordeste, o Grupo Ponto de Partida – não confundir com o grupo homônimo mineiro da cidade de Barbacena – era formado por estudantes da Universidade Federal do Espírito Santo e jornalistas. A trupe capixaba trouxe àquela casa de espetáculos olindense sua versão de *Flicts*, de Ziraldo, com adaptação de Aderbal Júnior, em curta temporada de 10 a 13 de janeiro, quinta a domingo, no inusitado horário das 21 horas para o gênero em questão. O mais intrigante, ao fazer um alerta no *Diario de Pernambuco* (10 de janeiro de 1980) de que "não quer enganar ninguém e tem muita gente enganando", era a proposta da equipe: um "teatro infantil de agressão". A ideia era "agredir com cor e amor" a partir da conhecida trama de uma corzinha que procura reconhecer-se no mundo. A peça, em atividade desde 1978 e com prêmio ganho de melhor espetáculo no Festival Nacional de Teatro de Ponta Grossa naquele seu ano de estreia, tinha direção de Robson Silveira, com músicas de Márcia Coradine. Em Olinda, era apresentada pouco antes da montagem adulta *Bonecas Falando Para o Mundo*, com elenco do próprio Vivencial.

Em fevereiro de 1980, o Clube de Teatro Infantil estreou novo trabalho, *Macaqueca Contra a Poluição*, texto, direção e cenário de Leandro Filho. No elenco, José Soares (Dr. Poluição), Flávio Cézar (Dr. Macaqueba), Conceição Silva (Macaquiba), Carlos Alberto (Coelho Branqui-

Macaqueba Contra a Poluição

nho), Walter Boa Vista (Burro Burraldo) e Tony Cedrin (Soldado Zé Boboca). Ainda na ficha técnica, Ozita Araújo na criação de figurinos; Gamaliel Perruci na sonoplastia e Antônio José na iluminação. Sem tempo programado para sair de cartaz no Teatro do Parque (muitos artistas criticavam Leandro Filho por esse domínio de espaço por lá, praticamente como sede do Clube de Teatro Infantil), a peça era apresentada todos os sábados e domingos, às 16h30. No enredo, um milionário planeja destruir uma floresta para construir uma fábrica em seu lugar. Seus intentos são frustrados pela ação do Dr. Macaqueba, um cientista que procura encontrar fórmulas contra a poluição (descobre, inclusive, uma vacina) e pela reação de outros animais, que lutam desesperadamente para preservar o seu habitat. Com grande matéria de capa no Caderno Viver do *Diario de Pernambuco* (5 de março de 1980), assinada pela jornalista Lêda Rivas, a peça foi saudada por seu valor didático:

> De há muito, Leandro Filho – um dos batalhadores por um teatro infantil de bom nível em Pernambuco – vem sonhando em montar um espetáculo que fale dos graves problemas causados pela poluição nas áreas industrializadas ou em processo de industrialização. Com seus amigos, comentava constantemente sobre a importância desse trabalho e o caráter didático que gostaria de atribuir-lhe.

Em determinado trecho da montagem, as crianças da plateia, atendendo ao pedido dos animais e do Dr. Macaqueba, se deixavam, literalmente, "vacinar" contra a poluição. Mas sem choro e dor no braço. E tudo, claro, acabava bem para a ameaçada floresta. O interessante é que este momento da peça chamou a atenção das autoridades sanitárias do Recife e, através do Departamento de Esportes e Lazer da Secretaria de Ação Social, elas resolveram aproveitar

Macaqueba Contra a Poluição

a deixa e realizar uma vacinação infantil de verdade. O Clube de Teatro Infantil, então, assinou convênio com a Secretaria de Saúde e da Ação Social da Prefeitura Municipal do Recife, e levou a peça *Macaqueba Contra a Poluição* a postos e centros de saúde, iniciando pelos centros sociais dos bairros de Beberibe, Campina do Barreto e Tejipió. Tudo faz crer que foi a 1ª experiência de utilizar um espetáculo de teatro para crianças como estímulo à vacinação.

Paralelamente a esta ação, uma nova estreia se anunciou em 1980: a peça infanto juvenil *Dom Chicote Mula Manca e Seu Fiel Companheiro Zé Chupança*, de Oscar Von Pfuhl, pelo elenco do Grupo de Teatro da Escola Técnica Federal de Pernambuco, ocupando o palco da própria instituição, sob direção dos professores Lúcio Lombardi e Lucide da Veiga Pessoa Reis. A montagem foi vista também na comemoração do Dia Universal do Teatro, em Natal, atendendo a convite da Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte. No dia 26 de fevereiro de 1980 foi inaugurado o Teatro Joaquim Cardozo, pertencente à Universidade Federal de Pernambuco, na gestão de Marcus Accioly, espaço que foi idealizado pelo diretor e professor Milton Baccarelli. Em seguida, ressaltando que para além das casas de espetáculos pretendia levar suas peças para escolas, colégios e edu-

Vamos Jogar o Jogo do Jogo

candários, surgiu uma das mais atuantes produtoras do teatro para crianças no Recife, a Circus Produções Artísticas, com seu trabalho de estreia a partir de março de 1980: *Vamos Jogar o Jogo do Jogo*, texto de Antônio Fernando Bezerra premiado pelo Serviço Nacional de Teatro na categoria infantil em 1979. Na direção, José Francisco Filho. O elenco era composto por Zélia Sales, Carlos Bartolomeu, Manoel Constantino e Buarque de Aquino, este último responsável ainda pelos figurinos e cenário. Gilberto Maymone assinava a direção musical e trilha sonora original, com quatorze composições, um dos destaques da montagem. Uma grande matéria de capa no Caderno Viver, do *Diario de Pernambuco* (14 de março de 1980), discorreu sobre as intenções da equipe:

> A Circus tem como meta prioritária desenvolver um trabalho incisivo e intensivo no Teatro Infantil, procurando de maneira concreta penetrar no mundo da criança sem intelectualismos exagerados e através de novos textos onde a linguagem seja uma continuação da realidade/fantasia vivenciada pelas crianças. Para a Circus, fadas e príncipes não trazem nenhuma contribuição para o desenvolvimento intelectual, emocional e criativo do já tão maltratado público infantil. Tentando sintonizar com a criança, a Circus traz como primeiro trabalho a peça "Vamos Jogar o Jogo do Jogo". (...) o autor se preocupou em fugir de determinadas regras impostas pelo dito teatro clássico infantil. Para isso ele utilizou, de maneira simples e didática, alguns jogos/brincadeiras em que diariamente as crianças se desenvolvem.

Ainda na matéria, o elenco opinou sobre o teatro para crianças realizado no Recife e contou de sua participação nesta montagem:

> Para Carlos Bartolomeu "o palco já suportou por muito tempo fadas e príncipes ou os heróicos animais inconscientes das estórias teatrais, e que quando aparece um verdadeiro jogo teatral,

Vamos Jogar o Jogo do Jogo

cheio de alma da criança, se percebe muito bem a diferença entre um texto para o teatro infantil e o pretexto para as correrias desnecessárias". Já Buarque de Aquino, ator e figurinista, diz – "O trabalho como ator num espetáculo infantil, exige mais, visto que, a criança por ser mais verdadeira, procura no palco o seu próprio mundo para que e através dele possa respirar a liberdade do fantástico mundo em que está sensivelmente envolvida". Zélia Sales, que desde 1974 trabalha como atriz, (...) "Por já ter feito outros trabalhos infantis, posso dizer que, nesse espetáculo a liberdade para criar e soltar todas as energias que tenho tornou-se mais fácil, já que a direção do espetáculo não castrou cada detalhe que descobrimos nos ensaios, possibilitando essa integração que qualquer criança percebe e também se envolve sem que seja necessário picolé ou pipoca". Manoel Constantino, (...) salienta: "O que mais me tocou nesse espetáculo foi a linguagem nova e a liberdade em que vivem os personagens. A realidade e a fantasia estão no palco sem que seja necessário impor à criança um bichinho engraçado, uma máscara ou até mesmo a bruxa má que se alimenta de crianças. Estou disposto a penetrar no mundo da criança sem preconceitos e com ela brincar uma tarde inteira com o pouco/muito da criança que me resta".

No *Jornal do Commercio* (6 de abril de 1980), a crítica publicada pelo jornalista Sebastião Araújo não foi muito favorável às inovações da peça:

> Em princípio, é válida a montagem de espetáculos destinados à criança que (...) além de proporcionarem divertimento, possam fornecer conhecimentos outros, podendo ter o intuito, tão gratificante, de educar. Esta parece ser a proposta do texto de Antonio Fernando Bezerra – "Vamos Jogar o Jogo do Jogo" (...) No entanto, perde-se na exposição dessa proposta quando mostrada para um público especialmente infantil. Daí que tudo passa a ser um difícil "jogo do jogo" de fazer brincadeira para criança na faixa dos 4 aos 8 anos. Com essa idade, as crianças que assistem ao espetáculo fazem um esforço medonho para conseguir captá-lo em toda sua plenitude. É aí onde está o pecado (...), querendo apresentar a essas crianças coisas sérias. Tenta discutir com elas problemas, por exemplo, ligados a lances de multinacionais, agentes secretos, exploração geográfica (...) Acontece que a criança fica naquela de passar o tempo todo perguntando ao acompanhante o que é isso, o que é aquilo. "Vamos Jogar o Jogo do Jogo" devia ser mais para uma platéia juvenil,

Vamos Jogar o Jogo do Jogo

que pudesse perfeitamente, mergulhar a fundo nas mensagens do espetáculo. O texto é forte e bonito. Não se prende à correrias e palhaçadas desnecessárias, que se costuma ver em alguns espetáculos do gênero. Aborda uma temática nova, bastante inteligente mas que acontece de se perder um pouco. É uma brincadeira de achar um "segredo" perdido nas mãos de um "velho", disputado entre "empresas nacionais e estrangeiras", por mexicanos, chineses, em meio à florestas, montanhas. Os atores resolvem inventar um jogo diferente e criam o jogo do próprio jogo, uns tentando iludir outros. (...) A criança tenta encontrar uma maneira de participar do espetáculo e não consegue. Só mesmo nos instantes finais ela tem uma certa vibração (...) As músicas de Gilberto Maymone salvam a montagem (...) Manoel Constantino, um ator que está em grande "pique" no teatro pernambucano tem uma marcante presença em cena. (...) Zélia Sales, está bem mais solta. Carlos Bartolomeu aparece divertido em várias ocasiões. Já Buarque de Aquino, fazendo o "velho", não está lá essas coisas. Partiu para uma composição que não convence. Cenários e figurinos são razoáveis. "Vamos Jogar o Jogo do Jogo", apesar de manter a casa cheia, se conseguisse obter a total participação da criança, com a exteriorização de suas necessidades afetivas, somente ganharia em tornar um fim de tarde esplêndido porque tem muita coisa boa em cena.

O espetáculo ficou em cartaz por quase três meses, aos sábados e domingos, às 16h30, até final de maio de 1980, no Teatro Valdemar de Oliveira. Somente em 1981 retornou à cena. No entanto, muitas outras peças foram estreando

Brincadeiras

ainda em 1980. No auditório Roquette Pinto, da Fundação Joaquim Nabuco, no bairro de Apipucos, quase não utilizado para teatro, entrou em cartaz o musical *Brincadeiras*, pela estreante Cooperativa Teatral Boca de Forno, com direção e músicas de João Batista. O texto do baiano Raimundo Matos de Leão ganhou o 3º lugar no Concurso Nacional de Dramaturgia Infantil promovido pelo Serviço Nacional de Teatro, em 1977. No elenco, Carlos Carvalho, José Ramos, Maria Oliveira, Patrícia Mendes (Patrícia Breda) e Conceição Camarotti. A peça pretendia atingir a criançada, mas também pais e familiares, já que era composta por antigas brincadeiras de infância mescladas a temas atuais como ecologia, poluição e TV. Pouco depois, a montagem ficou em cartaz no Teatro Valdemar de Oliveira e, por forças de circunstância trágica com o incêndio daquele teatro, foi transferida para o Teatro do Derby (e não mais Derbi). No auditório do Cecosne, somente aos domingos, às 16h30, continuou em temporada *Zeca e Muqueca na Terra de Sapeca*, 1º trabalho do Grupo Mamulengo, de Olinda. Com texto e direção de Ângela Belfort, a peça contava com músicas de Severino Correia. Em cena, eram utilizados, além de bonecos de luva, bonecos de vara, recurso ainda pouco conhecido no Recife naquele momento, segundo a equipe. Mais pistas sobre sua constituição e a própria montagem foram dadas pelo *Diario de Pernambuco* (6 de julho de 1980):

> Formado exclusivamente por professores, o trabalho busca mostrar às crian-

ças a importância de se defender a ecologia e o meio ambiente, motivando-se também para um convívio sadio com os amigos, parentes e até desconhecidos. Através dos bonecos Zeca e Muqueca, dois trelosos que à convite de Sapeca visitam a terra dos bonecos, as crianças da platéia ficarão conhecendo como é a vida nessa terra diferente, onde não existe o mal. (...) Quando Dondon, que sonhava ser gente, consegue permissão para visitar o mundo dos homens, em apenas meia hora vê a miséria, a injustiça, a ganância e outros males que atingem os humanos. Arrependida, volta a sua terra e passa a viver feliz como uma boneca comum.

A peça passou quase dois meses em cartaz e participou do I Fórum Nacional de Teatro, em agosto de 1980, na cidade de Salvador. Fernando Oliveira cuidava da produção, numa realização da Cearte, com patrocínio do Ministério da Educação e Cultura. Já no recém-lançado Teatro Joaquim Cardozo, aos sábados e domingos, às 16 horas, a opção era *Bom Bom no Mundo do Teatro*, de Dudu Barreto e Yara Silveira, pelo grupo Artis-Hoje. Direção de José Lopes Filho. No elenco, Marcos Silva, Bartolomeu Cavalcanti, Elúzia Ferreira, Ana Nascimento, Rejane Leandro e Glória Smith. O Clube de Teatro Infantil também voltou à cena com novo trabalho, *Uma Eleição na Floresta*, texto e direção de Leandro Filho, com figurinos e cenário de Ozita Araújo e iluminação de Antônio José. Permaneceu em temporada no seu palco oficial, o Teatro do Parque, aos sábados e domingos, às 16 horas, contando com os atores Lívio Júnior, Carlos Alberto, Paulo André, Conceição Silva, Paulo de Tarso Lins, Walter Boa Vista, Ivaldo de Souza e Jane Lion.

Fundado em outubro de 1977 e até então apenas com esquetes encenados, o Grupo de Teatro Renovação, do Sesc de Casa Amarela (quando ainda funcionava na Rua Dona Ana Xavier, no centro comercial do bairro de Casa Amarela), estreou um 1º espetáculo em 1980, *Pluft, o Fantasminha*, de Maria Clara Machado, sob direção de José Manoel, em cartaz naquela instituição, somente aos domingos, às 16 horas, com proposta de visitar vários subúrbios do Grande Recife. No elenco, Thânia Rocha (Pluft), Eliane Carneiro (Maribel), Gilda Moraes (Mãe Fantasma), Fernando Antônio Duque (Tio Gerúndio), Osiel Santos (Perna de Pau), Rômulo Bezerra (Julião), Carlos Alberto Moraes (João) e Maciel José (Sebastião). Na ficha técnica, iluminação de Jorge Morais (também ator coringa); cenários e figurinos de Teka Miranda; e maquiagem de Adelmo Matos.

E finalmente também a Aquarius Produções Artísticas lançou nova montagem, em superprodução, *O Extrato de Formosura*, texto e direção de Eduardo Maia, hoje um conhecido astrólogo, em cartaz aos sábados e domingos, às 16h30, no Teatro de Santa Isabel. A obra nasceu originalmente como roteiro cinematográfico em 1973, mas ganhou adaptação inicial para o teatro. No elenco, Ivonete Melo, Ângela Botelho (também responsável pelas coreografias), Maria Selma, Tonico Aguiar, Fred Cutie Bets, Celeste

Jerônimo, Fred Francisci, Sérgio Sardou e João Falcão – esta foi sua estreia em espetáculo de teatro profissional, já que antes só havia feito, como bailarino, *Morte e Vida Severina*, pela mesma Aquarius Produções Artísticas em parceria com o Grupo de Dança Trampolim, ainda em 1980.

O Extrato de Formosura

O Extrato de Formosura foi puro luxo! A música original era uma criação de Flaviola, composta direto do Rio de Janeiro pelo artista, com direção musical de Tonico Aguiar. O cenário, em dois planos, era assinado por Humberto Peixoto; figurinos, por Daniel Maia – artista que também estava no Rio –; e maquiagem de Múcio Catão. O texto fazia parte da *Trilogia das Essências*, do autor Eduardo Maia, composta ainda pelas obras *Nos Anéis de Saturno*, peça estreada antes em São Paulo e, depois, no Recife, em 1972, pela Trupe Júpiter, sob direção do mesmo; e *A Fonte da Juventude*, que se transformou no 1º vídeo arte de ficção infantil em Pernambuco, lançado em 1981. Com muito bom humor e apostando no universo mágico, o enredo de *O Extrato de Formosura* começa quando uma menina, Lilinha, pede à sua madrinha, a deusa Vênus, uma poção para ficar mais bela. A partir daí, entidades exóticas – com nomes divertidíssimos como Jupira Ojuara, a Índia de Coxas Odara ou Sereiete, a Bruxa da Ilha do Nunca – passam a disputar o tão desejado extrato da formosura.

Os produtores alardearam que era a peça de maior gasto no teatro para crianças até então. Tanto que, para sanar parte das despesas, a montagem contou com uma *avant-première* em parceria com duas colunistas sociais, Thaís Notare e Fátima Bahia, que convocaram enorme público de gente da sociedade. Metade da renda dos ingressos foi para elas e a outra metade para a produção teatral. Além disso, Eduardo Maia correu às escolas particulares e públicas com o projeto *Aurora Vênite Crepúsculo*, propondo uma conversa com os alunos antes da ida ao teatro nos sábados e domingos, além de trabalhos posteriores, escritos e em forma de desenho, tudo para discutir a temática do espetáculo como projeto artístico pedagógico complementar. A ideia deu certo, mas sem estas duas iniciativas, ainda que o ingresso fosse o mais caro daquele momento para o gênero infantil, a produção não teria tido retorno do investimento.

Por ter apresentado um pequeno trecho da peça na *Feteape Revista*, programação especial de teatro e dança com a participação de dezoito atrações e renda direcionada à Federação de Teatro Amador de Pernambuco, em julho de 1980, no dia da posse de sua nova diretoria, com Paulo de Castro na presidência e José Francisco Filho na coordenação de teatro infantil, o crítico Valdi Coutinho despertou ainda mais curiosidade no *Diario de Pernambuco* (25 de julho de 1980):

> Pelo que pude ver na pequena mostra de "O Extrato da (sic) Formosura", na festa da Feteape, o espetáculo prima pela originalidade e força do seu visual, cujo trabalho criativo ficou a cargo do artista plástico Humberto Peixoto. Realmente, os cenários são belíssimos, de uma originalidade impressionante, um colorido maravilhoso. A caracterização dos personagens também impressiona,

O Extrato de Formosura

> com indumentárias criativas e originais, bem adequadas aos diversos personagens da peça. É o tal caso: o visual desta peça por si só será capaz de despertar a curiosidade, o interesse e a atenção da criança, sem esquecer os efeitos comunicantes que despertam nos adultos. (...) Ivonete Melo, Cutie Bets e Celeste {Jerônimo} já deram uma demonstração muito boa do nível interpretativo do elenco.

Em grande entrevista de capa no Caderno Viver, do *Diario de Pernambuco* (24 de julho de 1980), o autor e diretor Eduardo Maia questionou o teatro para crianças feito até então e reforçou o caráter experimental de sua obra, destacando, inclusive, cada personagem concebida por ele:

> "O Extrato de Formosura" é um espetáculo infantil experimental. (...) refiro-me à porção infantil de todas as pessoas, crianças ou não. O mundo para mim divide-se em duas partes: racional e outra mágica. A parte infantil está ligada à parte mágica. Assim, procuramos fugir de um reducionismo que é determinado para a compreensão do que seja teatro infantil. (...) A peça é em cima do binômio beleza-feiura. (...) A princípio consome-se a ideia de se adquirir um extrato de formosura que passado no rosto, ganha-se a beleza. Porém, aos poucos vê-se que o efeito do extrato é passageiro. Por fim a mensagem toda fica na boca do personagem "Mercúrio" que transmite um conceito de beleza voltado para as virtudes do espírito. (...) Os personagens – exceto "Lilinha", a menina – são arquétipos. São irreais, impessoais. Assim, eu divido-os em exóticos, com "x" e esóticos com "s". Então, de um lado as "feiuriáceas" que (...) têm relação com os elementos da natureza: "Jupira" pertenceria ao elemento terra, "Madame Mínima" ao fogo, "Skylábara" ao ar e "Sereiete" à água. (...) Agora os personagens "esóticos", com "s": Cupido – é um princípio de ligação entre as coisas, da qual o amor é apenas uma das consequências. (...) "Vênus" (...) é a preocupação de tudo e de todos pela beleza. Inclusive a linguagem dela é mais coreográfica do que por palavras. (...) "Mercúrio" – representa o princípio da comunicação da inteligência. Ele é normalmente conhecido como mensageiro dos deuses.

Curiosa foi a polêmica que acompanhou a personagem feminina Sereiete, vivida pelo ator Fred Cutie Bets. Por trazer um homem no papel de mulher – uma bruxa, na verdade – teve gente enviando cartas às redações dos jornais para reclamar. A personagem foi lançada na 1ª peça da trilogia, *Nos Anéis de Saturno*, em produção paulistana e sofreu restrições na montagem recifense. Na época, por não encontrar uma atriz para o papel, Eduardo Maia resolveu convidar o próprio Fred Cutie Bets para interpretar esta bruxa que é metade mulher, metade sereia, mas sem trejeitos femininos. A escolha não agradou em nada as religiosas da Fafire, onde a Trupe Júpiter se apresentava, e a polêmica acompanhou a montagem por onde ela passou. Oito anos depois, em 1980, novamente preconceito

por parte do público! Mas esse ínterim não atrapalhou o sucesso da montagem, que ainda trazia uma outra personagem polêmica, ainda que menos, Skylábara, a Bárbara dos Céus Orientais, um ser híbrido vivido por Fred Francisci. No decorrer da temporada e por questões pessoais, o ator acabou sendo substituído pela atriz Fátima Aguiar. Ainda entraram como substitutos, Miriam Juvino (no lugar de Celeste Jerônimo) e Gilberto Maymone (no papel vivido por João Falcão). No total, foram três meses de elogiada temporada no Teatro de Santa Isabel em 1980, com certo lucro até. A montagem não retornou mais à cena por conta dos diversos compromissos de Eduardo Maia, cada vez mais envolvido com a Astrologia.

Na cidade de Washington, nos Estados Unidos, contando com dois mil e quinhentos participantes de todo o mundo, aconteceu em julho de 1980 o XIII Festival Internacional de Bonecos, promovido pela Unima (União Internacional de Marionetistas). A Associação Brasileira de Teatro de Bonecos (ABTB) levou como atrações nacionais o Grupo Giramundo, de Minas Gerais, e o Mamulengo Só-Riso, este último com o espetáculo adulto *Festança no Reino da Mata Verde*. No jornal *O Estado de S. Paulo* (26 de julho de 1980), o grupo pernambucano recebeu elogios:

> E em matéria dos espetáculos apresentados, o Brasil fez bonito. (...) "Festança [No Reino] na [da] mata verde", mostrada pelo Mamulengo Só-Riso (de Olinda) foi um dos grandes sucessos de todo o encontro. (...) o seu sabor de festa popular, a luta contra a autoridade, o desfile ininterrupto de folguedos e danças fizeram com que a maioria dos congressistas o colocasse como o espetáculo mais vital de todos os apresentados.

Voltando ao Brasil, o grupo foi convidado a excursionar pelo país, em projeto financiado pelo

Serviço Nacional de Teatro, contando também no repertório com o espetáculo para crianças *Carnaval da Alegria*. No elenco, Fernando Augusto Santos, Nilson de Moura, Carlos Carvalho, Walther Holmes e Otávio Coutinho. Ainda em 1980, quem passou a investir em nova montagem foi a Circus Produções Artísticas com *Dona Patinha Vai Ser Miss*, peça de Artur Maia, sob direção de Buarque de Aquino, responsável também pela criação de figurinos e cenário. No elenco, Geane Bezerra (Dona Marreca), Augusta Ferraz (Dona Patinha), Flávio Freire (Macaco), João Maria (Sr. Raposo) e Moisés Neto (Coelho). No *Diario de Pernambuco* (26 de julho de 1980), anunciaram:

> Trata-se de um texto inteiramente infantil, com uma linguagem e montagem destinadas a atingir esse público. Conta a estória de cinco animais que buscam convencer dona Marreca de que nem só o dinheiro consegue tudo, um dito popular muito usado e que condiciona, falsamente, a felicidade ao poder econômico, esquecendo e até mesmo sufocando uma outra máxima de maior positividade: o amor tudo pode. "Dona Patinha Vai Ser Miss" é uma estória alegre e divertida que fala muito do amor, revelando e ressaltando o significado de valores que estão

> sendo relegados a segundo plano pelos adultos, entre os quais os de solidariedade, amor e esperança.

O Conjunto Cênico Arborial também produziu novo espetáculo, o de maior público infantil em 1980, a comédia *O Circo Rataplan*, de Pedro Veiga, com direção de Ulisses Dornelas, que chegou a comemorar cinco meses de apresentações de sucesso no Teatro de Santa Isabel, sempre aos domingos, às 10 horas, seguindo proposta lançada pelo Grupo Pipoquinha em 1979 ao ocupar, com sucesso, o espaço das manhãs dominicais no Teatro de Santa Isabel – vale registrar que em 1939 as primeiras peças para crianças naquele palco eram sempre apresentadas às 10 horas, também nos domingos. Como sempre faz, o produtor, diretor e ator Ulisses Dornelas levou sua personagem, o Palhaço Chocolate, para animar a criançada no prólogo da peça, junto à Boneca Maluquinha, vivida pela atriz Lenormande Lima. No elenco, João Cavalcanti (Sr. Furioso), Ismar Silva (Palhaço Rataplan), Feliciano Félix (Mágico), Marlene Costa (Bailarina Deyse), Milton Soares (Macaco Simão), Roberto Lopes (Urso Teddy), Rejane Tavares (Coelhinho Cenoura) e Pedro Hildon (Onça Me Deixa). Participação especial do grupo musical Charanga, composto por Hélio Barbosa, Goda Batera, Chico Tampa, Edvan Carneiro e Célio Rogério. O produtor Ulisses Dornelas esclareceu seus objetivos em entrevista ao *Diario de Pernambuco* (4 de outubro de 1980): com este trabalho, a proposta era trazer "uma grande mensagem de amor. Isso sem esquecer os aspectos recreativos". Sorvetes eram distribuídos como brinde e até mesmo o Papai Noel marcou presença durante o Natal.

Palhaço Chocolate

Se a maior bilheteria de 1980 no teatro para crianças foi *O Circo Rataplan*, os elogios pela ousadia estética e de temática voltaram-se para *O Extrato de Formosura* e uma outra realização da Aquarius Produções Artísticas, com o mesmo produtor Paulo de Castro à frente e estreia logo após, *Maria Minhoca*. Esta foi anunciada como a 4ª versão do texto de Maria Clara Machado assinada pelo também diretor Paulo de Castro, inclusive como ator, depois substituído por Jader Austregésilo, com ritmo mais dinâmico e inserção do Ballet Corpo Vivo, em coreografia de Diana Fontes. Com apoio do Serviço Nacional de Teatro, o espetáculo cumpriu temporada de sucesso no Teatro Valdemar de Oliveira, aos sábados e domingos, às 16h30, até o dia 19 de outubro de 1980, quando uma tragédia se abateu no início de mais uma apresentação. Mas antes de tratar deste fato, vale citar um comentário crítico da colunista Zenaide Barbosa, na coluna *Viver Feminino*, do *Diario de Pernambuco* (10 de outubro de 1980):

> No elenco estão João Ferreira, numa criação singular do personagem, "Mister Buldog", Celeste Ribas no papel título, fazendo uma "Maria Minhoca" atual, Paulo Estevam fazendo o galã "Colibri", Jader Austregésilo no papel de "Capitão Quartel", José Francisco Filho, como "Fon-Fon" compõe o quadro de intérpretes com um nível equilibrado. O guarda-roupa é sem dúvida

Maria Minhoca

Teatro Valdemar de Oliveira Incendiado

um trabalho criativo que tem a marca de Diva Pacheco, que ficou muito à vontade em fazê-lo, devido a sua experiência no drama da "Paixão de Cristo" de Nova Jerusalém. De forma que tudo resultou num colorido harmonioso, realçado pelas luzes estroboscópicas.

Pois foi exatamente por conta de um curto-circuito em uma luz negra, que uma chama tomou a cortina do teatro, espalhou-se e destruiu o Teatro Valdemar de Oliveira quase que completamente. De grande proporção, o incêndio causou comoção nacional. E numa ação louvável da Polícia Militar, as quatro peças que lá estavam em cartaz foram transferidas para o Teatro do Derby, espaço com quatrocentos lugares. Eram duas adultas: *Toda Nudez Será Castigada*, da Skene Produções Artísticas, e *A Resistência*, da Companhia Práxis Dramática; e as infantis *Brincadeiras*, da Cooperativa Teatral Boca de Forno, e *Maria Minhoca*, da Aquarius Produções Artísticas. As equipes não pagaram aluguel, mas tiveram que arcar com os custos de iluminação, som e montagem. José Pimentel ficou à frente da organização técnica. E em meio àquela tragédia, um quase esquecido palco voltou a funcionar na capital pernambucana, mais à frente recebendo o Festival de Teatro do Recife em suas três edições.

Com o mês de outubro, novas produções tentaram atrair o público infantil. Voltando a ocupar o Teatro do Parque, o Clube de Teatro Infantil iniciou temporada de *O Planeta dos Palhaços*, de Pascoal Lourenço, apostando agora no horário das 10 horas dos domingos. No enredo, dois garotos partem num foguete para o planeta onde estão todos os palhaços fugidos da terra, isto porque os homens não creem mais no amor. A direção era de Leandro Filho, com numeroso elenco de quatorze componentes: Paulo de Tarso Lins, Silvana Bianchi, Conceição Silva, Luiz de França, Biu Mendonça, Jonira Máximo, Paulo André, George Souto Maior, Djalma Almeida, Rita de Cássia Lins e Silva, Hideraldo Almeida, Carolina Máximo, Andréa Barros e Luciana (esta última, sem registro do sobrenome). "Trata-se de

O Planeta dos Palhaços

um espetáculo muito bonito, gostoso de se ver e fácil de compreender, especialmente, cheio de alegria, ternura e lirismo", referendou o *Diario de Pernambuco* (13 de outubro de 1980).

Já o Grupo Panacéia voltou a apresentar a produção infanto juvenil *Ninar, Adormecer e Sonhar*, com autoria e direção de Romildo Moreira, no Museu de Arte Contemporânea de Pernambuco (MAC), em Olinda (começando dentro dele, mas terminando ao ar livre, na rua em frente). Sobre suas razões para escrever a peça, Romildo Moreira revelou ao *Diario de Pernambuco* (25 de julho de 1981):

> A razão primeira que me fez escrever uma peça para o público pré-adolescente, foi justamente a de não encontrar nos textos infantis, um texto que tivesse um conteúdo político mais engajado, que desse um ponto de reflexão aos que não mais se interessam por historinhas de bichinhos, fadinhas e bruxinhas (...) esta carência de um trabalho dirigido a um público acima dos 10 anos, me fez escrever "Ninar, adormecer e sonhar", um texto onde existe a preocupação de mostrar passagens da vida adulta, sem apontar o certo ou errado.

Ninar, Adormecer e Sonhar (Ensaio)

A montagem, que já havia participado do III Festival de Inverno da Unicap, fazia parte do programa de animação cultural do MAC, em Olinda, promovido pela Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes, com entrada franqueada ao público. "Logo após a encenação da peça haverá atividades de recreação com a platéia, sempre em torno do que sugere o espetáculo, sob o comando de Valdi Coutinho", lembrou o *Diario de Pernambuco* (18 de outubro de 1980). No elenco atual, Alba Lúcia, Carmelita Pereira, Marcus Henauth, Glauce Laxe, Márcia Rocha e Nildo Barbosa.

Com o espetáculo *Flicts, a Cor*, um novo grupo teatral surgiu no Recife, o Traquinagem Trupe, estreando com este texto de Aderbal Júnior a partir da obra de Ziraldo, em cartaz aos sábados e domingos, às 16h30, no Teatro do Parque. As músicas e direção eram do estreante João Falcão, já reconhecido por Valdi Coutinho, no *Diario de Pernambuco* (17 de outubro de 1980), como "um jovem talento, que já se destacou como ator (O Extrato da (sic) Formosura) e agora se inicia como encenador". No elenco, Patrícia Barreto (Flicts), Manoel Constantino (Branco, Astronauta e Johann Faber), Verônica Monteiro (Vermelho), Paulo Caldas (Amarelo), Paulo Barros (Violeta), Pompéia Germana Feliciano (Azul), Cida Melo (Azul Anil), Rutílio de Oliveira (Laranja) e Celeste Jerônimo (Verde). No livro *Casa de Espetáculos: Crônicas, Críticas e Comentários* (2009, p. 84-85), organizado por Romildo Mo-

reira, o crítico Enéas Alvarez relembrou crítica sua publicada na época, no *Jornal do Commercio* (18 de novembro de 1980), comemorando o sucesso da montagem, 1ª e única da equipe:

> O difícil texto de Ziraldo e Aderbal Jr. foi um prato feito para os moços da Traquinagem trupe. João Falcão, jovem e iniciante na arte, provou que é capaz de uma realização teatral adulta, ainda que destinada a crianças. Foi ele capaz de emprestar ao grupo uma uniformidade a (sic) toda prova e de conseguir efeitos de direção admiráveis, sem falar nas músicas de composição sua, tudo somado num espetáculo agradável e que qualquer adulto pode ver (...) O elenco foi escolhido a dedo e a soma é positiva. Celeste Jerônimo, por exemplo, fez um "verde" que lhe deu oportunidade de dançar, cantar e representar bem (...) Manoel Constantino, o "Branco" de múltiplos papeis, é um bom ator (...) Rutílio de Oliveira (que segundo o programa é o responsável pelo trabalho de corpo) precisa ter cuidado para não se destacar por excesso, o que, afinal, é uma virtude. Os outros estiveram dando seu recado direito, desde Verônica a Pompéia, bons "Azul"e "Vermelho"; desde Cida a Paulo Caldas, bons "Anil" e "Amarelo", isso sem falar no próprio João Falcão (um "Alaranjado" preocupado com a direção, mas forte e convincente) e na estreante Patrícia Barreto, que como Flicts também se inscreverá, um dia, dentre os melhores, bastando treinar para isso. Há no espetáculo momentos visuais de muita beleza plástica: a onda marinha; o vôo da espaçonave com suas asas rutilantes; o arco-íris e a barcarola. (...) alto padrão que fez de "Flicts" um exemplo a ser seguido sem restrições.

Era tanta produção teatral para a infância naquele momento, que o jornalista Valdi Coutinho sugeriu que o Recife copiasse uma ideia de projeto lançada no Rio de Janeiro, com espetáculos infantis diários durante as férias. O registro foi feito no *Diario de Pernambuco* (29 de outubro de 1980):

> A sugestão fica dada para os grupos que se dedicam ao Teatro Infantil (...) fundamentar uma estrutura de apoio em termos de divulgação e de colaboração de mestres, diretores de educandários, instituições, o que poderia ser feito com uma campanha preparatória neste último mês do ano letivo. Assim, de dezembro a fevereiro, as peças infantis entrariam em cartaz no Teatro Santa Isabel e no Parque de quarta a domingo, à tarde, se constituindo em uma atração no programa de férias da meninada, crianças e adolescentes.

Mas a proposta ficou apenas nas páginas do jornal. Também sempre lembrando a importância do público conferir as montagens que agora ocupavam o Teatro do Derby, ainda no mês de outubro Valdi Coutinho voltou a tecer novos comentários sobre *Maria Minhoca*, em sua coluna *Teatro*, no *Diario de Pernambuco* (31 de outubro de 1980):

Maria Minhoca

"Maria Minhoca" é um texto para crianças, escrito em 1968. A idéia que se tem diante do trabalho é que Maria Clara Machado tentou realmente desmistificar através de um personagem simbólico – "Capitão Quartel" – a prepotência e a ascendência do militarismo durante o período de regime de exceção. Talvez, na montagem de Paulo de Castro, não se evidencie tanto este aspecto, porque a introdução das meninas da Academia de Dança Corpo Vivo, tornou o espetáculo mais dócil. Sempre aos sábados e domingos, no horário das 16h30m, "Maria Minhoca" deve ser visto inclusive pelos erros que tem. Digamos ainda por alguns aspectos anti-educacionais cometidos pela autora. "Fon-Fon" e "Colibri" vencem o "Capitão Quartel" através da mentira, de expedientes enganosos. E como é natural deveria ser pela verdade, inteligência superioridade moral, pela simplicidade. Destaque-se o trabalho de "João Ferreira" como "Mister Bulldog" porque realmente ele criou um tipo convincente para o personagem. (...) Destaque-se o esforço de Celeste Ribas/"Maria Minhoca". Albemar Araújo como "Fon-Fon" é um ator tranqüilo, solto, à vontade. Paulo Estevam ainda está encontrando o "Colibri" e Paulo de Castro como "Capitão Quartel" parece que está em cena ainda com a carga dos compromissos cênicos, empresariais e etc... mas também convence.

Ainda em outubro de 1980, Enéas Alvarez e Sônia Medeiros lançaram o I Festival Estudantil de Teatro de Bolso (Tebo), que levou espetáculos, todos adultos, em seu ano de estreia, à Sala Clênio Wanderley, com sessões sempre às 20 horas. Vencedor da competição com a peça *Um Dia de Operário*, o grupo Os Atores do Liceu, liderado por Carlos Varella, doou o prêmio ganho em dinheiro para a reconstrução do Teatro Valdemar de Oliveira, algo que comoveu muita gente, em campanha nacional pela volta daquele palco. Foram ainda montagens apresentadas naquele ano: *A Máquina Maluca*, texto e direção de José Passos, pelo Grupo de Teatro Tio Zezinho, em cartaz no Teatro de Santa Isabel; *É Só Sonhar*, de Marcos Silva, com direção de José Lopes Filho, pelo grupo Artis-Hoje, com sessões no Teatro Joaquim Cardozo; *Prefeito do Mangue*, divulgada minimamente como sendo do Clube de Teatro de Pernambuco (sem dar a certeza de ser realmente uma peça para crianças), com Leandro Filho à frente; e duas mais produções do Teatroneco, sempre em cartaz no Cecosne, *De Volta ao Circo da Fantasia*, com bonecos em variados números de circo; e *Auto de Natal*, de Eça de Queiroz, voltada para crianças e adultos e apresentada no horário das 20 horas, de terça a domingo. Esta última foi divulgada no *Diario de Pernambuco* (23 de dezembro de 1980), com referência a toda sua equipe, como boa opção do período natalino:

> (...) crianças e adultos poderão se divertir com os diversos bonecos/personagens do espetáculo e, ao mesmo tempo, refletir sobre o espírito cristão

Auto de Natal

do Natal, não dentro daquela tradicional e já superada linguagem padronizada, mas através de uma visão e interpretação atualizada dos fatos e das coisas referentes à vinda do Filho de Deus ao mundo, o que se repete ainda hoje, através da luz da fé, em cada ser humano. A equipe do Teatroneco do Cecosne está assim composta: Augusto Oliveira (diretor, autor e bonequeiro); Valdeck Oliveira (assistente de direção, autor, compositor e bonequeiro); Isabel Pinheiro (bonequeira e educadora), Dito Melo (bonequeiro, contra-regra e artesão); Zilda Torres (artesã e bonequeira); Sérgio Holanda (iluminação e contra-regra); Maria de Lourdes (educadora e bonequeira); Rosângela Veras (psicóloga e bonequeira); e madre Carvalho (psicóloga). Toda a equipe e os trabalhos são coordenados diretamente pela madre Escobar, a quem se deve todo o dinamismo, orientação e apoio para as atividades do Teatroneco.

Isto sem contar com a retomada de produções do ano anterior, como *Socorro, Salvem os Porquinhos!*, do próprio Teatroneco; e *A Incrível Estória de Zé da Onça*, do Mamulengo Só-Riso. Ao final de 1980, como grandes atrativos para o público, foram destaque *O Circo Rataplan*, no Teatro de Santa Isabel; *Maria Minhoca*, no Teatro do Derby; e *O Boi e o Burro a* (e não mais "no", que contrariava o título original) *Caminho de Belém*, com o Clube de Teatro Infantil, no Teatro do Parque, espetáculo que adentrou o ano de 1981, assim como *Auto de Natal*, do Teatroneco, no auditório do Cecosne, espaço que recebeu, ainda naquele ano, três novas estreias do conjunto de bonequeiros, *A Borboleta Maria*, *Travessuras* e *Leandro e o Espantalho*. Outras duas peças que também vinham de temporada iniciada em 1980, permaneceram no Teatro de Santa Isabel: *A Máquina Maluca*, com texto e direção de José Passos, pelo Grupo de Teatro Tio Zezinho; e *Vamos Jogar o Jogo do Jogo*, pela Circus Produções Artísticas agora em parceria com a Aquarius Produções Artísticas. O texto de Antônio Fernando Bezerra, com direção de José Francisco Filho, contava com a participação dos mesmos atores Buarque de Aquino, Manoel Constantino, Zélia Sales e Carlos Bartolomeu.

Já *Domingo Alegre Nº 3*, musical com autoria e direção de Fátima Marinho, pelo Grupo Pipoquinha, por não conseguir pauta no Teatro de Santa Isabel, foi lançado em temporada no ainda pouco conhecido Teatro Joaquim Cardozo, aos domingos pela manhã, às 10 horas. No elenco, Fátima Marinho (Palhaço Pipoquinha), Osman Jordão (Palhaço Pipocão, Capeta, Jurubeba, Mateus e Fiscal), Ivanildo José (Gato e Bastião), Jorge (Doutor e Burrinho), Emmanuel (Capitão e Cavalo Marinho), Zezo Oliveira (Anjo, Soldado e Dom Cachorro), Josélia (Diana, Cigana e Safira), Clara Maria (Borboleta), Carlos Vicente, Fernandes Marinho, Iratangi de Lima, Marcos, Glória, Ana Rosa, Célia, Luciana, Margarida e Rosário (vários sem registro do sobrenome), que se revezavam como mamulengueiros, instrumentistas e pastoras. O *Diario de Pernambuco* (3 de janeiro de 1981) trouxe mais detalhes sobre a montagem:

Domingo Alegre Nº 3

"Domingo Alegre" tem algumas inovações, como a presença de Papai Noel, Pastoril, Mamulengo e distribuição de pipoca. O bumba-meu-boi continua sendo parte importante do espetáculo. Com exceção do Pastoril, em que predominam as jornadas tradicionais, as outras manifestações mereceram adaptações de texto e música. "Tentamos seguir uma linha tradicional, adaptada à nossa realidade, o que é muito difícil, principalmente porque o povo que participava desses folguedos não tinha consciência de que estava praticando teatro... A finalidade do Grupo Pipoquinha é divulgar a cultura popular do nosso povo, especialmente à (sic) todas as crianças de qualquer idade, despertando assim o interesse pelo folclore nordestino tão brasileiro, tão rico, tão nosso", diz Fátima Marinho.

Pouco depois, a equipe começou a circular por bairros do Recife, sempre aos domingos, às 20 horas, algo que é feito até hoje. O *Diario de Pernambuco* (20 de março de 1981) registrou o entusiasmo daquela turma:

> A iniciativa foi coberta de êxito, com a primeira apresentação no bairro de Santo Amaro, o que animou os integrantes do conjunto a continuar esta programação até o dia 16 de agosto, quando a sua diretora artística, Fátima Marinho, dará à luz a mais um filho. Para cumprir essa programação de espetáculos populares, em logradouros públicos, e inteiramente gratuitos, o Grupo Pipoquinha contou com o apoio da Sociedade de Moagens do Recife, que forneceu um palco volante (caminhão), com som e iluminação além de uma verba para cobrir os custos. Na primeira exibição de "Domingo Alegre Nº 3", em Santo Amaro, uma platéia de duas mil pessoas viu o espetáculo e aplaudiu o trabalho do grupo com entusiasmo.

Intervenção de Rua
do Grupo Pipoquinha

Duas outras peças cujo título já se remetiam à festa surgiram, então, como novidades. *O Aniversário do Caipora*, de Antônio Ortins, com direção de Carlos Antônio da Silva, pelo Grupo Carrapicho, cumpriu difícil temporada (por falta de maior apoio para divulgação) aos domingos, às 10 horas, no Teatro do Derby. No elenco, Luís Carlos, Augusto Macedo, José Eduardo, Carlos Antônio, Elias Melo, Mônica Araújo, Al-

O Aniversário do Caipora

demir Nunes e Gilvan Silva. Ainda na ficha técnica, sonoplastia e iluminação de Edésio Jacinto; maquiagem de Carlos Antônio e equipe; e figurinos e cenários em criação coletiva. O grupo apregoou no *Diario de Pernambuco* (24 de janeiro de 1981):

> Somos um grupo da periferia, e como não poderia deixar de ser o nosso trabalho vai do povo para o povo. (...) Nesta peça que está servindo como abertura da nossa estrada para um público maior e mais exigente, focalizamos uma grande defesa para nossas reservas ecológicas, e os lutadores, neste caso, são as crianças. Uma picareta pode deixá-la abalada para o resto da vida, mas um canto de um pássaro é uma excelente limpeza para a mente e para a educação de sua sensibilidade. Aqui, no teatro-participação do Carrapicho, a criança não sonha, ela vive realmente os acontecimentos: brinca, pula, discute, debate e até chega a bolar cenas com os atores para o desenvolvimento da trama do espetáculo.

A outra montagem com título de festa era *O Aniversário da Rainha*, no Teatro do Parque, aos sábados e domingos, às 16h30, pelo Clube de Teatro Infantil, com cenário de Luiz Benjamim e texto e direção do incansável Leandro Filho, espetáculo "preparado carinhosamente pelo seu elenco" – Ozita Araújo (Rainha), Paulo André (Ministro da Pobreza), Manoel Santana (Ministro da Saúde), Diniz Rodrigues (Ministro da Educação), Ana Cristina (Princesa) e Conceição Silva (Mulher) – e "onde as crianças viverão um dia de festa", conforme divulgou no *Diario de Pernambuco* (31 de janeiro de 1981):

> Nele, conforme explica o autor/encenador, "é feita outra tentativa do teatro infantil atualizado, sem pretensões de impor a nossa verdade cultural, também sem querer que as crianças tenham a mesma visão do mundo que nós tivemos". (...) Em um dia de festa, a platéia pode participar dos acontecimentos encenados e se envolverão de tal forma no clima que poderão até decidir, no final, se é a Rainha ou a vendedora de tapioca quem está com razão.

Em março, seis espetáculos para crianças estavam em cartaz no Recife: *A Bruxinha Dorotéia*, de Nilton Negri, com direção de Ulisses Dornelas, também produtor e ator, intérprete do Palhaço Chocolate, atuando junto à Boneca Maluquinha e o conjunto musical Charanga, aos domingos pela manhã, no Teatro de Santa Isabel, mesmo palco que, à tarde, recebia ainda *Vamos Jogar o Jogo do Jogo*, produção conjunta da Aquarius Produções Artísticas e Circus Produções Artísti-

A Bruxinha Dorotéia

cas. No Teatro Joaquim Cardozo, aos sábados e domingos, às 16h30, foi a vez de *Capitão Capitolino*, do Grupo Roda Viva, com atuação nos subúrbios desde 1973 e, pela 1ª vez, ocupando uma casa de espetáculos do circuito recifense. O texto e a direção eram de Jorge Austregésilo, com o próprio no elenco (Capitão Capitolino), além de Luiz de França (Palhaço Leleco), Lília Matos (Boneca Lili, também responsável pelo cenário, figurinos e maquiagem) e Solange (sem registro do sobrenome, Boneca Fon-Fon). Mais à frente, surgem novos atores no material de divulgação: Rosane Castro, Fernando Almoedo, Ricardo Almoedo e Tereza Matos. Uma matéria de capa no *Diario de Pernambuco* (12 de março de 1981) chamou a atenção para o enredo:

> O público toma parte diretamente na montagem, participando das brincadeiras feitas, em cena, num processo de desinibição da criança que a assiste. Como incentivo aos espectadores mirins haverá concursos e até prêmios para eles. A peça retrata uma loja de brinquedos onde os bonecos tomam vida, e demonstram experiências como gente, simulando os mesmos sentimentos que animam as pessoas. (...) Por não saber fazer amizades (...) o capitão Capitolino termina por confessar aos outros bonecos que a coisa que mais desejava em sua vida era ser palhaço, pois um palhaço – pensa ele – tem facilidade em fazer amizades (...) os outros bonecos penalizados ao sentirem o drama do capitão, entendem o porquê do seu mau humor eterno e resolvem cooperar com ele (...) Todo este enredo é realizado em meio a uma infinidade de brincadeiras como Boca de Forno, Pega, Esconde-esconde, etc.

No Teatro do Derby, mais duas montagens se sucederam, *A Menina e o Vento*, de Maria Clara

Rato Não Sabe Escrever... Telefona

Machado, com o Vênus Grupo Teatral e direção de Félix Cavalcanti, aos domingos, às 10 horas, peça que, em seguida, participou do Projeto de Cultura Popular, promovido pelo grupo nos bairros do Grande Recife; e *Rato Não Sabe Escrever... Telefona*, de Armando Coelho Neto, com direção, cenário e figurinos de José Ramos, ainda em março daquele ano. Ator de qualidades reveladas no grupo Teatro Hermilo Borba Filho, José Ramos participou de uma das poucas montagens infantis da trupe liderada por Marcus Siqueira, com este mesmo texto, lançado em 1976, ano em que escreveu e dirigiu, junto a Weracy Costa, outra peça para crianças, *A Onça Mafalda e o Bode Militão*. Para divulgar o espetáculo, José Ramos desabafou no *Diario de Pernambuco* (18 de março de 1981), revelando, nas entrelinhas, a

tumultuada relação que o fez afastar-se do conjunto liderado por Marcus Siqueira. Tanto que sua proposta agora era "poder realizar *um* espetáculo sem *carimbar* ninguém com siglas de grupo, de produção e nem tornar ninguém *escravo* de uma estética ou postura". No elenco desta produção independente assinada pelos próprios artistas em cena, José Ramos (Ploc), Mercês Medeiros (Liderata), Morse Lyra Neto (Binu), Lepê Correia (Fofó) e Didha Pereira (Mister Gato), os dois últimos também autores das músicas. O enredo foi abordado em matéria no *Diario de Pernambuco* (18 de março de 1981):

> A peça conta a história de quatro ratos que moram numa esquina, focalizando seus problemas, tristezas, alegrias e tentativas de solucionar as desavenças, sobretudo aquelas com o "Mister Gato", que tem força e poder e os utiliza para massacrar os ratinhos. O autor humaniza os personagens, enfocando uma situação humana facilmente identificável, sem didatismo pedante nem denúncias sociais "pesadas" para a compreensão do público mirim. Os ratinhos oprimidos se unem e, usando da inteligência e capacidade criadora, acabam por resolver seus problemas, inclusive os de convivência com o "Mister Gato". As crianças terão oportunidade de expressar o que acharam do espetáculo através de um questionário, chamado de "brinco-teste".

No auditório do Cecosne, quem cumpriu temporada aos domingos, às 16 horas, foi a peça *Leandro e o Espantalho*, texto e direção de Augusto Oliveira, pelo Teatroneco. No elenco, Ângela Belfort, Isabel Pinheiro e Zilda Maria. Ainda em março de 1981, o jornalista Enéas Alvarez comemorou no *Jornal do Commercio* (21 de março de 1981) a exibição de nove peças para crianças em cartaz no Recife:

> Desafiando todos os prognósticos e afirmativas que dão ao teatro infantil como deficitário, estão em cartaz no Recife, neste fim de semana, nada menos que nove espetáculos destinados a platéia mirim. A inflação de montagens destinadas ao público infantil indica que a meninada é boa de bilheteria – e ainda de quebra arrasta ao teatro as vovós, titias, vovôs e babás. Há teatro para todos os gostos: montagens individuais; novas propostas de teatro para criança; união de grupos; produções coletivas e até cooperativas; remontagens e até mamulengo "y otras cositas mas". (...) a coluna saúda o acontecimento que, sem dúvida, forma as platéias do amanhã. Deseja-se, apenas, que todas as Montagens sejam criteriosas, arredando-se aquelas tipo "caça níquel", cuja idéia inicial começa pela bilheteria. E vamos ao teatro.

Do município do Jaboatão dos Guararapes, na Região Metropolitana do Recife, surgiram as peças *A Condessa das Papoulas Vermelhas*, de Maria Cristina, em direção de Irapuã Caeté, todos os domingos, às 17 horas, no Ginásio Treze de Maio, naquela cidade, numa realização do Teatro de Arena Guararapes, grupo que completou vinte anos de fundação; e *O Espelho Mágico do Bruxo Jurubeba*, da TTTrês Produções

O Espelho Mágico do Bruxo Jurubeba

Artísticas, que chegou a ultrapassar mais de cem apresentações por diversas cidades pernambucanas, como Pesqueira, Bezerros, Camocim de São Félix, Arcoverde, Caruaru e Recife, entre tantas. A peça, com direção de José Manoel, marcou a estreia do ator Carlos Lira como dramaturgo. No elenco, os dois, além de Carlos Alberto Lago e Mário Antônio Miranda (mais à frente, foram substitutos Fernando Duque, Otacílio Júnior, Carlos Mesquita e Normando Roberto Santos). Em maio, o grupo Artis-Hoje estreou *A Menina Que Perdeu o Gato Enquanto Dançava o Frevo na Terça-Feira de Carnaval*, cumprido temporada no Teatro Joaquim Cardozo. O texto é de Marcos Santana, com direção de José Lopes Filho; músicas de Élcio Rabelo; arranjos da Banda Realnascença; figurinos de Lúcio Flávio Rios e cenário de José Lopes e Paulinho (sem registro do sobrenome).

A Revolta dos Brinquedos

A partir do dia 6 de junho, foi aberto oficialmente, após pré-estreia para a Legião Assistencial do Recife, o Teatro Boa Viagem, instalado na Praça da Feirinha do bairro homônimo, dentro da Igreja local. Assim, a peça *A Revolta dos Brinquedos*, numa parceria entre a Aquarius Produções Artísticas e a Circus Produções Artísticas, voltou à cena sob direção de José Francisco Filho e foi apresentada por lá, em espaço que dotou a Zona Sul de um teatro, mas que, infelizmente, por problemas com a paróquia, funcionou por pouco tempo. A iniciativa foi do produtor Paulo de Castro, à frente de três outras montagens ainda em 1981, *Maria Minhoca*, *Vamos Jogar o Jogo do Jogo* (em parceria) e *Romeu e Julieta*, única estreia de fato, junto também à Circus Produções Artísticas e o produtor Fred Di Francisci (assinando assim seu nome artístico). Com enormes gastos e sendo um dos destaques do ano, a estreia de *Romeu e Julieta* aconteceu no dia 15 de agosto, no Teatro de Santa Isabel. O amor proibido entre dois jovens de famílias inimigas ganhou adaptação do carioca radicado no Recife desde 1979, Rubem Rocha Filho, também diretor da montagem que, enveredando pela *commedia dell'arte*, deu ênfase a determinados personagens que apareciam em 2º plano na obra original de William Shakespeare. O desfecho virou final feliz. A jornalista Dilma Gomes de Matos descreveu o espetáculo em

A Revolta dos Brinquedos

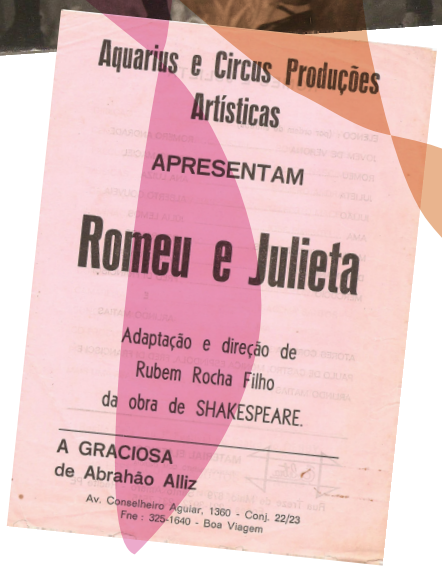
Romeu e Julieta

matéria de capa no *Diario de Pernambuco* (17 de agosto de 1981):

> (...) Rubem procurou fazer um espetáculo muito vivo, corrido, alegre, em que a vontade de se divertir dos atores é transmitida a (sic) plateia, modificando a feição trágica da obra, dando-lhe uma nova roupagem com cenas amenas e românticas, linguajar moderno, estabelendo uma nova mensagem para o público. (...) Durante a peça Rubem procura dar maior destaque à figura do pai de Julieta que passa a ser uma espécie de Pantaleão, velho avarento que proibe (sic) o amor. E uma ênfase especial à figura do criado Manu (interpretado pelo ator José Ramos), da família do Arlequim, que se torna uma réplica do João Grilo Malasante (sic) de Macunaíma, malandro que passa a perna no patrão: faz uma coisa e finge outra; aquele que ajuda os namorados, e que é subornável. Rubem também criou uma super mãe para o Romeu que é muito contra a idéia de que o filho namore, cresça enfim. E evidencia também no enredo a questão econômica. Do espetáculo faz parte um personagem que poderia ser chamado de Menestrel, interpretado por Romero Andrade, e que executa um coro grego, acompanhando e comentando a ação através de canções e também participando do drama. Existe ainda uma personagem feminina, a ama de Julieta, (...) figura romântica, fiel, que acredita no amor. A Igreja se encontra representada pelo frei Lourenço (Marcos Varela) que ajuda a Romeu e Julieta (Bruno Maciel e Ana Luiza) e que com os seus conhecimentos de ervas medicinais planeja o golpe final em que os dois enamorados fingem-se de mortos e conseguem comover e conciliar as famílias inimigas (...).

Romeu e Julieta cumpriu temporada aos sábados e domingos, às 16h30, no Teatro de Santa Isabel. As músicas e direção musical foram de Romero Andrade, com coreografias de Diana Fontes, cenário e figurinos de Rogério Breuel, e iluminação de José Pimentel. Na produção geral, Paulo de Castro, também ator coringa, assim como Mônica Espíndola. No elenco, Fred Di Francisci, Márcia Cabral, Romero Andrade, Arlindo Matias, Alberto Gouveia, Júlia Lemos, José Ramos, Ana Luiza, Bruno Maciel e Marquinhos Varella. No livro *Casa de Espetáculos: Crônicas, Críticas e Comentários* (op. cit., p. 98-99),

Romeu e Julieta



nervosismo e tensão (quem sabe por serem estreantes), mas não chegaram a comprometer a ação. Júlia Lemos foi a atriz tranqüila que já vi em tantos papéis, com bom rendimento. Márcia Cabral e Fred di Francisci deram conta de seus recados (...) Quanto à direção, (...) Inteligentemente, Rubem lançou mão dos elementos da "Comédia dell'Arte" para seu espetáculo infanto-juvenil (e não fez segredo disso), obtendo por conta de seu talento e experiência, mais um esperado sucesso. Deixei para o fim, propositadamente, uma palavra sobre Romero Andrade, esse novo talento que surge no Recife, agora se revelando bom compositor. Estou certo de que sua presença em "Romeu e Julieta" é responsável por uma boa parcela do sucesso do espetáculo a que todos vocês, crianças, jovens e velhos, deveriam assistir.

o organizador Romildo Moreira reproduziu um registro do crítico Enéas Alvarez sobre a peça, publicado originalmente no *Jornal do Commercio* (22 de setembro de 1981):

> Devo dizer que o espetáculo começa baixo, fraquinho, para depois ir tomando do corpo, surpreendendo, interessando e arrancando suspense e animação da plateia (...) o texto/adaptação de Rocha Filho (...) soube trabalhar bem sobre a tragédia clássica, dando-lhe nítidas pinceladas cômicas de bom efeito. O elenco esteve uniforme, com três destaques: Marquinhos Varela (sic), como Frei Lourenço, a alma da peça; José Ramos, um bom Manu; e José Alberto, um Julião seguro e convincente. Bruno Maciel e Ana Luíza Prudente, nos papeis títulos, estiveram taco-a-taco: ambos falaram baixo e demonstraram

Naquele ano de 1981, o Clube de Teatro Infantil continuou sendo o maior realizador de peças (cinco ao total). Um de seus maiores destaques foi a volta de *A Coragem da Formiguinha Fifi* (nova versão da peça estreada em 1975), com texto de Isa Fernandes e direção de Leandro Filho. De acordo com o *Diario de Pernambuco* (24 de abril de 1981), a montagem continuou "atraindo um bom público ao Teatro do Par-

que nos finais de semana". No elenco, Gisela Queiroga, Jane Neves, Conceição Silva, Manoel Santana e Biu Mendonça. Estreando em setembro, *O Mundo Maravilhoso dos Brinquedos*, peça de Walkírio Gadelha, com direção de Leandro Filho, chegou a celebrar mais de três mil crianças em oito semanas de temporada no Teatro do Parque, aos sábados, às 16h30, e domingos, às 10h30. O texto, que inclusive foi publicado, aborda "a transfiguração de uma porção de brinquedos, ocasião em que alguns desejam ser pessoas, mas sem os defeitos dos adultos, apenas com a bondade das crianças", como lembrou o *Diario de Pernambuco* (24 de outubro de 1981). Inalda Silvestre estava na assistência de direção. Os cenários eram de Luís Benjamim, com iluminação de Antônio José; e "guarda-roupas" e maquiagem do grupo. No elenco, Manoel Santana (Consertador de Brinquedos), Conceição Silva (Boneca), Walter Boa Vista (Palhacinho), Marcos Souza (Soldadinho), George Souto Maior (Ursinho) e Jane Neves (Secretária). O Clube de Teatro Infantil ainda lançou *Vamos Salvar Papai Noel*, próximo ao período natalino e, segundo o *Jornal do Commercio* (8 de dezembro de 1981), havia "sorteios de bicicletas e distribuição de refrigerantes" no Teatro do Parque. No elenco, Marcos Oliveira, Paulo André, Mílvia Pereira, Tony Batista, Sílvia Regina e Brivaldo Loreto. O texto era de Flávio Cézar, com direção de Leandro Filho.

Depois do absoluto sucesso no início do ano com a montagem *A Bruxinha Dorotéia*, no 2º semestre de 1981 o produtor Ulisses Dornelas lançou *O Patinho Preto*, texto de Walter Quaglia, com direção do próprio Dornelas, objetivando, segundo entrevista dada ao *Diario de Pernambuco* (27 de outubro de 1981), "oferecer às crianças um recreio cultural em clima de bastante descontração, tornando o ambiente agradável aos pais, professores, psicólogos e outros profissionais da área, que se preocupam com a formação e o desenvolvimento da criança". O

O Patinho Preto

texto trata dos preconceitos sociais e, em especial, o racismo. No elenco, estavam Eduardo Fonseca, Lenormande Lima, João Cavalcanti, Marlene Costa, Milton Soares, Ivanise Souza, Leda Arruda e Feliciano Félix. Foi uma nova e farta bilheteria para o Palhaço Chocolate. Naquele ano de 1981 a quantidade de produções teatrais para crianças era tamanha, isto em todo o Brasil, que a *Revista Veja* (9 de setembro de 1981. Nº 679. p. 123-124) deu destaque a esta linguagem ressaltando a força do produtor Ulisses Dornelas no Recife e comemorando a "maioridade" do teatro infantil:

> Acabou a época das calças curtas. Considerado durante muito tempo um pobre órfão de pai e mãe, apenas tolerado na presença de adultos benevolentes, o teatro infantil cresceu e diversificou seu próprio espaço nos palcos brasileiros. Alguns sinais da emancipação já se faziam notar muito, como a quantidade de peças em cartaz: no último fim de semana, São Paulo e Rio de Janeiro apresentavam um total de 62 espetáculos para crianças – quase o dobro das opções oferecidas para os adultos que se dispusessem a assistir a um drama ou a uma comédia. Em algumas cidades, como Porto Alegre e Recife, ele chega a ser a grande atração de um teatro local esquecido e pobre: na primeira, a relação com as peças adultas é a mesma do eixo Rio – São Paulo, mas na última a diferença é de doze monta-

gens contra quatro. Mas é nas tendências que começa a definir que o teatro infantil se firma como gênero. Em todo o Brasil, ainda predominam as peças tradicionais, com personagens e situações típicos dos contos da carochinha – como o pernambucano "O Patinho Preto" – ou influenciadas por Maria Clara Machado (...) Também textos da literatura clássica servem de inspiração para espetáculos que, se revelam maior cuidado artesanal, têm também menos preocupação de inovar (...) A simples multiplicação das companhias de teatro infantil, entretanto, nem sempre é fato animador. Só no Recife, por exemplo a Federação Teatral de Pernambuco calcula que surgem por ano vinte grupos novos, a maioria dos quais não passa do primeiro espetáculo. (...) um teatro que vende montagens como quem vende batatas, regra do teatro infantil nas grandes capitais. (...) vendidas a clubes, condomínios de edifícios e festinhas de aniversário. Alguns deles contentam-se em reciclar indefinidamente os mesmos cenários e figurinos. Uma saudável exceção é Ulisses Dornelas, 25 anos, diretor do criativo Grupo Arborial, que, com "O Patinho Preto", encabeça as atrações do teatro infantil no Recife: "Estudamos de trinta a quarenta textos por mês, ensaiamos duas horas por dia e iremos investir na próxima montagem 150.000 cruzeiros".

No mês das crianças estavam em cartaz a 1° experiência do Grupo Rodapião, o espetáculo *A Bela Adormecida*, adaptação do conto clássico dos Irmãos Grimm por Albemar Araújo e estreia do ator Carlos Carvalho como diretor, com sessões no Teatro do Derby (no elenco, Fátima Aguiar, Paula Freire, Valdir Oliveira, Chico Accioly, Lígia Bené, Verônica Figueiredo, Alice Albuquerque e Ednaldo Araújo); e *Rodas Pra Que Te Quero*, produção infanto juvenil do Gruta Produções Artísticas, com texto de Celso Calheiros e direção de Vládmir Combre de Sena, aos sábados e domingos, às 16h30, no Teatro Joaquim Cardozo. A 25 de outubro, o Teatro do Derby celebrou um ano de sua reabertura por força do incêndio que destruiu o Teatro Valdemar de Oliveira. A Polícia Militar de Pernambuco organizou, então, programação comemorativa com trechos das peças *A Resistência*, *Maria Minhoca*, *Toda Nudez Será Castigada*, *Milagre na Cela* e *Esquerda Direita Volver*, além de show musical, números de magia e animação de palhaços, com coquetel ao final.

Em clima ainda da festa, e sob a presidência de Paulo de Castro, a Feateape promoveu, de 13 a 29 de novembro, no Teatro do Derby, o Festival de Teatro do Recife, em caráter competitivo, com programação também para a infância. Participaram nesta categoria, *O Rei dos Palhaços*, do Juventude Teatral do Recife; *Hoje Tem Espetáculo*, da Cooperativa Teatral Boca de Forno; *A Revolta dos Brinquedos* e *Romeu e Julieta*, ambas da Aquarius Produções Artísticas; *O Patinho Preto*, do Conjunto Cênico Arborial; *A Menina Que Perdeu o Gato Enquanto Dançava o Frevo na Terça-Feira de Carnaval*, do grupo Artis-Hoje; *Rodas Pra Que Te Quero*, do Gruta Produções Artísticas; *O Espelho Mágico do Bruxo Jurubeba*, da TTTrês Produções Artísticas, que levou os prêmios de Melhor Espetáculo, Melhor Texto, Melhor Iluminação, Melhor Proposta, Trabalho de Corpo e Revelação de Diretor (José Manoel); e *A Bela Adormecida*, do Grupo Roda Pião, que conquistou os troféus de Melhor Figurino, Melhor Cenário (ambos para Carlos Carvalho) e Melhor Sonoplastia (Euclides Dourado).

Na cidade de Arcoverde, porta de entrada do sertão pernambucano, estreou *Maria Minhoca*, de Maria Clara Machado, com direção de Paulo de Oliveira Lima, tendo o mesmo no elenco

Maria Minhoca

e Geraldo Barros, entre outros integrantes do Grupo de Teatro do Sesc Arcoverde; além de *Os Quatro Músicos*, texto baseado em Walt Disney, com adaptação e direção de Tito Araújo, pela Equipe Teatral de Arcoverde (Etearc). O ano de 1981 marcou também o lançamento do Festival de Teatro Estudantil e Amador do Agreste (Feteag), o mais antigo festival voltado à produção estudantil no estado de Pernambuco, realizado no município de Caruaru pelo Teatro Experimental de Arte (TEA), com espaço aberto para produções adultas e infantis. E o Recife também foi sede para dois outros eventos: o II Encontro Nacional de Teatro, de 4 a 7 de setembro, promoção da Federação de Teatro Amador de Pernambuco, no Cecosne, com a presença de quase duzentos membros da Confederação Nacional de Teatro Amador vindos dos quatro cantos do país; e o II Festival de Teatro de Bolso (Tebo), de 14 a 21 de setembro, na Sala Clênio Wanderley, na Casa da Cultura, com participação de apenas uma montagem para a criançada (ainda que apresentada às 20 horas), *O Espelho Mágico do Bruxo Jurubeba*, da TTTrês Produções Artísticas.

Das peças que também foram novidade para os palcos em 1981: *A Bruxinha Que Era Boa*, do Grupo de Teatro Jaboti; *A Floresta Encantada (Os Contos de Fadas Existem?)*, da Trupe Experimental de Teatro; *Histórias dos Fantasmas ou O Terrível Bandido da Máscara Negra*, do Grupo Corpo-de-Prova; *Dom Chicote Mula Manca*, do Grupo Pano de Boca; *Ninar, Adormecer e Sonhar*, nova versão do mesmo texto estreado em 1979 pelo Grupo de Teatro Panacéia, e que chegou a ser levada para o Ceará a custa do "livro de ouro", um pedido de ajuda financeira aos amigos; *Jujuba, o Leão Atrapalhado*, do Grupo de Teatro Tio Zezinho; *O Consertador de Brinquedos*, da Mandacarú Produções Teatrais; *O Encanto da Borboleta Azul*, da Mímeses Produções Artísticas; *O Rei e o Jardineiro*, promoção da Fundação de Cultura Cidade do Recife; *Pinóquio no Circo*, do Grupo Gente Nossa; *Três Peraltas na Praça*, da Dramas Companhia de Artes; *Uma Festa na Casa do Capitão*, com elenco de guias-mirins de Olinda; e *Presépio dos Valenças*, dos Irmãos Valença.

Por conta da morte do seu mestre no dia 11 de maio de 1981, Didha Pereira mudou o nome do grupo Teatro Assimétrico do Recife (Tare) para Marcus Siqueira Produções Artísticas e realizou duas diferentes montagens naquele ano: nova versão de *Eu Chovo, Tu Choves, Ele Chove*, agora sob sua direção, com ele no elenco além dos atores Marcelo Malta, Edna Rodrigues, Wilza Baby, Giselda Garret, Carmelita Pereira, Marcus Henauth e Romildo Moreira (os três últimos substituídos por Brivaldo Santos, Grináuria Santos, Beth Costa e João Maranhão), com estreia

Eu Chovo, Tu Choves, Ele Chove

Eu Chovo, Tu Choves, Ele Chove

em 24 de maio de 1981 e temporada no Teatro Joaquim Cardozo, além de participação, em julho, no IV Festival de Inverno da Unicap; e *Pequenas Estórias: Fantasia*, que cumpriu temporada no Teatro Joaquim Cardozo, a partir de 7 de novembro, e foi divulgada por ele, enquanto diretor e autor, como "o espetáculo mais ousado do ano (porque tenta revelar à criança toda a carpintaria teatral)", de acordo com o *Jornal do Commercio* (7 de novembro de 1981). Curiosamente, a peça, que trazia até cenas de flatulência, posteriormente transformou-se numa montagem para maiores de idade.

Pequenas Estórias: Fantasia

Didha Pereira, que já a considerava de caráter "experimental", viu que a linguagem era mais apropriada aos adultos, "todos se divertindo muito mais", disse em entrevista a esta pesquisa (25 de novembro de 2013). Nela, atuavam Carmelita Pereira, Edna Rodrigues, Hélida Macedo (prêmio de atriz revelação no I Festival de Teatro do Recife), Didha Pereira, Giselda Garret, Marcus Henauth e Ivison Santiago. Observando a produção cênica do ano, o *Anuário Brasileiro de Artes Cênicas 1981* (1981, p. 122-140), publicação do Ministério da Cultura e Fundacen, fez registro de quarenta e quatro montagens adultas e trinta e sete para crianças (sendo quarenta e seis por esta pesquisa). Como devem existir outras peças adultas, o fato é que houve uma diferença mínima comparada às décadas anteriores, com aumento da produção para crianças e retração das montagens adultas. Lançado em 1976, este Anuário, importantíssima publicação para se saber como andava a produção teatral em cada estado no Brasil, chegou a sua última edição em 1982 (1982, p. 178-207), momento em que o número de peças adultas pernambucanas quase dobrou (oitenta e seis no total), comparadas ao ano anterior, e as realizações à infância decaíram um pouco, de trinta e sete para trinta e três montagens.

Isto, já contando com as realizações do interior, sendo duas de Caruaru, *A Bruxa do Cabelo Azul*, texto de Erenice Lisboa e direção de Maria de Lurdes, com o Grupo de Teatro do Colégio Mário Sete, e *Banco de Praça*, autoria e direção de Cícero Gomes, pelo Grupo de Teatro do Colégio Nicanor Souto Maior; uma de Arcoverde, a continuação de sessões de *Maria Minhoca*, pelo Grupo de Teatro do Sesc Arcoverde; e uma de Sertânia, *João Barriga Verde No Reino de Cristal*, texto de Marcos Freitas, pelo Grupo Walt Disney, sob direção de Roberto Lopes e com registro de apresentação em Arcoverde. O ano de 1982 também representou grande alegria para a classe teatral e a população em geral,

pela entrega, por parte da Prefeitura do Recife, de duas casas de espetáculos que estavam em reforma, o Teatro Apolo, voltando à cena no dia 13 de maio com a presença do prefeito Gustavo Krause na apresentação de *O Calvário de Frei Caneca*, texto e direção de José Pimentel, que adaptou a montagem para o palco à italiana; e o Teatro do Parque, em agosto, com alterações paliativas que resultaram na interdição do espaço em 1986, após desabamento de uma parte do teto.

Continuando com a maior produção e ocupando sempre o Teatro do Parque, o Clube de Teatro Infantil levou à cena quatro espetáculos, todos com figurinos de Ozita Araújo e já apresentados antes, como *Vamos Salvar Papai Noel*, cuja estreia aconteceu em 1981. Ou ainda *O Coelhinho Falador ou Um Lobo Muito Doido*, em cartaz de fevereiro a junho, numa nova versão da peça já encenada em 1972 e 1975. O texto de Otto Prado e Leandro Filho, contou com direção, cenário, iluminação e sonoplastia deste último. No elenco, Brivaldo Loreto, Conceição Silva, Paulo André, Conceição Barros, Jane Neves, Marcelo Filho e Walter Beltrão. *O Rato Que Queria Ser Marinheiro*, 2ª versão da peça estreada em 1978, ficou em cartaz de julho a novembro. O texto de Isa Fernandes, trouxe direção, cenário, iluminação e sonoplastia de Leandro Filho. No elenco, Marcão, Leandro Filho, Walter Beltrão, Paulo André, Marcelo Filho e Jane Neves. Em dezembro, *Lute Ratinho*, 2ª versão da peça estreada em 1975, com texto, direção, cenário e sonoplastia de Leandro Filho. No elenco, muitos novatos, Marcelo Filho, Paulo André, Olga Leite, Jane Neves, Marcão e Elenita (sem registro do sobrenome).

Astrogildo Santos firmou-se como produtor e diretor à frente de duas montagens. Em abril, estreou *Briga Bode, Briga Onça*, de Carmosina Araújo, com direção do próprio, no Teatro de Santa Isabel, em temporada até final de maio,

Três Peraltas na Praça

graças à produção tripla Dramas-Circus-Artecena. O diretor do Grupo Artecena, dom Antônio, deu o seguinte depoimento sobre a escolha da peça ao jornalista Enéas Alvarez, no *Jornal do Commercio* (24 de abril de 1982): "(...) ideal para montar, gostosa, poucas pessoas, sem aquele didatismo piegas da maioria dos textos infantis, e escrita por uma pessoa experimentadíssima!". Em seguida, numa nova parceria entre Dramas e Artecena, Astrogildo Santos trouxe de volta ao palco do Teatro de Santa Isabel o espetáculo *Três Peraltas na Praça*, de José Valluzi, sob sua direção, com funções de agosto a setembro, aos sábados e domingos, às 16h30. No elenco, Andréa Santana, José Levino, Ginaldo Gomes, Lili Lacerda e Jô Ribeiro. Os figurinos eram criações de Elpídio Lima, com cenário e iluminação do próprio Astrogildo Santos.

Já Ulisses Dornelas produziu e dirigiu dois novos espetáculos que foram sucesso de público no Teatro de Santa Isabel, *A Arca de Nóe*, de Vinícius de Moraes, e *Os Saltimbancos*, pelo Grupo (e não mais Conjunto) Cênico Arborial. Ilza Cavalcanti também ficou à frente de duas outras peças, *O Casamento da Emília* e *Alacazin, Alacazá, Lagartixa Vou Virar*, produções assinadas pelo Haja Teatro, antigo Juventude Teatral do Recife. Nesta

Alacazin, Alacazá, Lagartixa Vou Virar

última, estavam os atores Ana Lúcia Lins, Evaldo Costta, Alexandre Simas, Sílvia Prattiny, Carlos Alberto, Sílvio Rosendo, Roberto Gomes, Marcelino Freire, Sandro Guedes e Francisca Chagas. Mas foi Carlos Carvalho quem entrou com destaque no rol dos diretores mais profícuos. Após *A Bela Adormecida*, de 1981, ele dirigiu *O Equilibrista*, pelo mesmo Grupo Roda Pião, com estreia em setembro, no Teatro Apolo, cartaz dos sábados e domingos, às 16h30, com retorno mediano de público, mas a peça conquistou o título de Melhor Infantil no II Festival de Teatro

do Recife ao final do ano. O texto de Dirceu Lima e Paulo Marcondes era uma adaptação do livro homônimo de Fernanda Lopes de Almeida. No elenco, Adalberto Wagner, Alberto Gouveia, Alice Albuquerque, Chico Accioly, Ednaldo Araújo, Eleonora Mattos, Lígia Bené, Marlova Dornelles e Silvana Albuquerque.

Ainda em abril, o Teatro Popular da Várzea lançou *Era Uma Vez Uma Pracinha*, texto de Luiz de França, com direção de Marcos Ferreira. No elenco, Ivanise Maria de Souza (Roseira), Antônio Ferreira da Silva Filho (Duque e Barão), Fátima Lira (Abelha), Sandra Márcia (Borboleta), Luiz Ferraz (Cobra), Wilson Jr. (Camaleão), Sandy Vital (Pássaro) e Edgard Machado (Jarbas e Jaime). A peça ficou sendo encenada aos sábados e domingos, às 19h30, no auditório do Instituto Padre Venâncio, no bairro da Várzea. Segundo matéria no *Diario de Pernambuco* (28 de abril de 1982), o propósito da equipe formada há oito meses era "fazer um teatro popular de periferia, voltado para a comunidade onde vivem, mas aberto para outros grupos e desejoso de conquistar assistentes de todas as localidades". A estreia do grupo se deu com um auto de Natal, de Luiz de França e Carlos Marculino, intitulado *O Espelho Nosso de Cada Dia*, encenado no final de 1981. Para estreia em outubro, o TAP-Júnior ainda anunciou na imprensa a montagem de *Viagem à Imaginação*, texto de Ronaldo Ciambroni, sob direção de Adhelmar de Oliveira Sobrinho (Pedro Oliveira), mas o espetáculo, ao que parece, acabou não acontecendo.

Do município do Jaboatão dos Guararapes, continuou circulando, inclusive para diversas cidades do interior pernambucano, a peça *O Espelho Mágico do Bruxo Jurubeba*, da TTTrês Produções Artísticas. Das que no Recife já vinham de temporada em 1981, destaque para *O Rei e o Jardineiro*, com o Quinteto Violado em produção da Fundação de Cultura Cidade do

Recife; e *Estrelinha Azul*, trabalho de estreia do Bastidores – Grupo de Arte Cênica, com autoria e direção de Jeanine Martins, que ocupou a Sala Clênio Wanderley, na Casa da Cultura, com este texto inspirado na vida de uma menina excepcional que sofre o problema de rejeição, inclusive por parte de seus familiares. No elenco, Théo Capibaribe, Tânia Trindade (no papel-título e assinando coreografias), Télio Alves, Kenio do Lago, Suedson Neiva, Tunica Advíncula, Hélea Dione, Rosilda Patriota, Roberta Martins, Loló Gomes, Flávia Gomes, Jeanne Numeriano e Rosângela (sem registro do sobrenome). O artista plástico Wilton de Souza ficou responsável pelo cenário e figurino.

Foram estreias ainda de 1982: *A Baratinha Azul*, do Grupo de Teatro Contato; *A Floresta Encantada*, da Trupe Experimental de Teatro; *Brinquedolândia*, de Jaime Calaça, com direção de Nildo Barbosa, pelo Grupo Teatro Mocambo; *O Coelhinho Plim Plim e a Floresta de Quintal*, de Chico Caldas, com direção de Aninha Melo, pela Mímeses Produções Artísticas; *O Comprador de Fazendas*, com o Grupo Arteatro em produção da Diretoria de Serviços Educacionais da Secretaria de Educação; *As Aventuras do Capitão Flúor no Reino do Dente Cariado*, com elenco do Teatro da Caixa Econômica do Recife em texto e direção de Luiz Marinho; *O Milagre das Cores*, do Grupo Arte Moderna; *O Recruta* e *Peça Sem Nome*, duas montagens do Grupo Mamulengo Acorda Povo; e *Sua Majestade, a Criança*, do Grupo Independente. Ao final de 1982, surgiu ainda o espetáculo *Encontro de Natal*, colagem do Grupo de Teatro da Fundação Joaquim Nabuco como fruto de curso promovido com o diretor Isaac Gondim Filho, apresentado na Sala Roquette Pinto daquela instituição. No elenco, Marcelo Peixoto, Inalda Silvestre, Nilza Lisboa, Renato Phaelante, Edilice Pessoa, Mônica Pinto, Miriam Vasconcelos (Miriam Brindeiro, que musicou alguns poemas), Paulo Doca, Mércia Costa, Edmundo Bentzen, Estefânia Mota, Alberto Almeida, Maria José Moraes e Maria do Carmo Andrade.

Didha Pereira também escreveu e dirigiu *As Meninas e o Cedro (A Paquevira)*, pela Marcus Siqueira Produções Artísticas. Com figurinos e cenário de Carmelita Pereira e Didha Pereira e iluminação de João Cavalcanti, a estreia se deu

As Meninas e o Cedro

Mas... a Verdadeira Estória de Chapeuzinho Vermelho Não Foi Bem Assim

no dia 17 de julho de 1982, no Teatro do Forte, mas a peça também cumpriu temporada no Teatro do Derby. No elenco, Lúcia Machado, Antônio Roosevelt, José Brito, Márcia Menezes, Hélida Macedo e Sílvio Pinto. Curioso é perceber a experimentação de alguns grupos que arriscavam-se a realizar uma peça voltada ao público infanto juvenil, não se sabe se por curiosidade de mergulho em um novo universo cênico ou por questões financeiras, já que fazer teatro para criança, aparentemente, era garantia de boa bilheteria. Proliferaram-se, então, grupos e companhias, mas a grande maioria teve carreira efêmera. Nasceram e morreram com a mesma rapidez.

O fato é que muitos coletivos surgiam no mercado já com produção voltada à infância, como o grupo de vida curtíssima Tem Na Linha, com *O Passo das Flores,* de Rita Smolianinoff, sob direção de Jacques Weyne, com temporada no Teatro do Derby, aos sábados e domingos, às 16 horas, a partir de julho. Em cena, os atores Henrique Rodrigues, Ana Montarroyos, Amaro Feitosa, Flávio Santos, Luiz Amorim, Frances Torres, Socorro Gomes, Shirley Correia, Conceição Barros e Isabel Henrique. Ou ainda Os Ilusionistas (posteriormente transformados na Ilusionistas Corporação Artística, até hoje atuante), com a peça *Mas... a Verdadeira Estória de Chapeuzinho Vermelho Não Foi Bem Assim*, texto e direção de Augusta Ferraz, em temporada num espaço alternativo, entre as árvores do pátio externo do Teatro Joaquim Cardozo, de dezembro de 1982 a fevereiro de 1983. No elenco, Edna Rodrigues, Paulo Barros, Pedro Júnior, Jandiram Airam (eventualmente substituída por Augusta Ferraz), Fátima Santa Rosa, Frederico da Luz Guerreiro, Alba Lúcia, Valéria Alencar, Rinaldo (Rinaldo Silva, hoje artista plástico), Giselda Garret e Carlos Anthony. A peça ganhou novo elenco e adaptações ao final de 1983.

O Passo das Flores

O Rei e o Jardineiro

Um dos grandes sucessos do ano foi a retomada das apresentações de *O Rei e o Jardineiro*, no Teatro do Parque, com o Quinteto Violado em peça musical de Toinho Alves e João Jesus Paes Loureiro, na comemoração da Semana da Criança, sob a direção de Lúcio Lombardi. No elenco, os músicos do Quinteto Violado e os atores Romero Andrade, Carlos Lira, Fernando Bastos e Carlos Lago, além das bailarinas Ana Maria, Ana Cristina, Amélia, Cláudia, Célia, Daise, Gisélia, Ilana, Fátima e Tereza (sem registro dos sobrenomes). O crítico Enéas Alvarez escreveu no *Jornal do Commercio* (2 de novembro de 1982):

> (...) quero apreciar aqui a proposta nova que o Quinteto Violado ofereceu a (sic) cidade, misturando música com teatro e dança, sob o título "O Rei e o Jardineiro", uma adaptação que Toinho Alves fez do poema homônimo de João de Jesus e cuja direção confiou a Lúcio Lombardi. Primeiro, vamos cuidar do texto, que insistiu na narração, abandonando integralmente os diálogos e que apesar disso, atingiu razoavelmente o público (...) O poema é singelo e agradável, compondo uma história de fácil assimilação e bem digerível pelo público infanto-juvenil a que se destina. A direção de Lúcio Lombardi foi uma aula de bom teatro, a demonstrar o vigor de sua mão de diretor e a riqueza de sua criatividade. (...) sem buscar elementos estranhos à linguagem e ao povo da região, um exemplo a seguir. Convocou um bom elenco e um bom pessoal técnico, (...) espetáculo a que posso classificar como um dos melhores do ano no Recife (...) A linguagem direcional de Lúcio, nessa montagem milionária foi grandiloquente e suficientemente adaptada às necessidades da produção, de tal sorte que tudo se entrosou direitinho à sua proposta, numa realização do melhor nível artístico. O elenco merece nota dez, capitaneado por Romero Andrade e Carlos Lira (os dois grandes nomes da nova geração do teatro pernambucano), (...) contando, é claro, com a boa coadjuvação de Fernando Bastos e Carlos Lago. Quero destacar a coreografia segura e criativa de Dayse Caraciolo, um nome a se anotar, para não ser esquecido, por ter conseguido, com sua arte, dinamizar o espetáculo e promover a sadia vizinhança entre a música e a dança e o teatro. Agora duas palavras finais: uma para o Quinteto Violado, essa boa legenda de nossa musica popular; outra para Buarque de Aquino, o mágico figurinista que misturou

bacias e organzas para obter um visual rico e encantador.

Além da estreia de dezenas de grupos, o ano de 1982 marcou o crescimento dos festivais pelo estado, com a realização do II Festival de Teatro do Recife, em outubro, no Teatro do Derby (comemorando dois anos de reativação), de 1 a 11 de outubro – a programação contava com número recorde de trinta espetáculos, entre adultos e infantis das cidades do Recife, Olinda, Caruaru, Jaboatão dos Guararapes, Arcoverde e Timbaúba, sendo aberta pela peça adulta *Trupizupe, o Raio da Silibrina*, de Bráulio Tavares, com direção de Carlos Varella, pela TTTrês Produções Artísticas, e finalizada com a peça infantil *Alacazin, Alacazá, Largatixa Vou Virar*, de Marcelino Freire, com direção de Ilza Cavalcanti, pelo grupo Juventude Teatral do Recife. Foram premiados na categoria infantil: Dnipier Aguiar (Ator Revelação) e Cristina Araújo (Atriz Revelação), ambos pelo espetáculo *As Aventuras do Capitão Flúor no Reino do Dente Cariado*, do Teatro da Caixa Econômica do Recife, produção que conquistou ainda o prêmio de Melhor Diretor para Luiz Marinho; France Torres (Melhor Atriz Coadjuvante), por *O Passo das Flores*; Adalberto Vagner (Melhor Ator Coadjuvante), por *O Equilibrista*, do Grupo Roda Pião, eleito ainda o Melhor Espetáculo Infantil do festival; Lúcia Machado (Melhor Atriz) e Antônio Roosevelt (Melhor Ator), ambos pela peça *As Meninas e o Cedro (A Paquevira)*, da Marcus Siqueira Produções Artísticas, montagem que recebeu o Prêmio Especial do Júri. No seguimento adulto, houve empate na categoria Melhor Espetáculo entre *Trupizupe, o Raio da Silibrina*, da TTTrês Produções Artísticas, e *Por Incrível Que Pareça*, do Grupo Gambiarra. Além dos troféus Samuel Campelo aos vencedores, os melhores espetáculos receberam dos promotores do festival, a Legião Assistencial do Recife e o Teatro do Derby, prêmio em dinheiro como auxílio-montagem.

As Meninas e o Cedro

Também foi realizado o III Festival (não mais Estudantil) de Teatro de Bolso, em novembro, na Sala Clênio Wanderley, promoção do Radier Centro Educacional em conjunto com a Casa da Cultura, Fundarpe e Secretaria da Cultura; e nas cidades do interior, o II Festival de Teatro de Petrolina, em janeiro; o I Festival de Teatro de Arcoverde (Festearc), em março; além do II Festival de Teatro Amador do Agreste (Feteag), em Caruaru, no mês de setembro. Vale registrar que, de 18 a 21 de outubro, no Teatro do Forte, no Recife, foi realizado o II Encontro de Teatro Pernambucano, promoção da Federação de Teatro Amador de Pernambuco (Feteape), abordando os temas: "Teatro na Educação", "Teatro Infantil"; "Teatro Hoje: Seu Papel no Conteúdo Sócio-Político-Cultural" e "O Espetáculo: Procura de Uma Nova Linguagem". Pena que o Teatro Valdemar de Oliveira continuou fechado por conta do terrível incêndio, no entanto, proliferaram-se espaços para uso do teatro para crianças. Além do Teatro de Santa Isabel e Teatro do Parque, também foram utilizados como palco, o Teatro Joaquim Cardozo, incluindo seu pátio externo; o Teatro do Forte, Teatro do Derby, a Sala Clênio Wanderley e a Sala Jota Soares, ambas na Casa da Cultura; o Teatro Apolo, Teatro do Sesc, Auditório Benício Dias, da Fundação Joaquim Nabuco; e o Colégio Contato. Muitos grupos também circularam pelas periferias, escolas e cidades do interior. Foi um ano efervescente de produção e circulação teatral.

A Revolta dos Brinquedos

Ainda que com textos já conhecidos, novas peças para crianças foram apresentadas no início de 1983. No 40º aniversário da Universidade Católica de Pernambuco, por exemplo, o diretor Carlos Varella, à frente do Teatro da Universidade Católica de Pernambuco (Tucap), preparou o espetáculo *Retrospectiva Tucap*, com trechos dos maiores sucessos do grupo até então, destacando, inclusive, uma montagem para crianças de 1972, *A Revolta dos Brinquedos*. No elenco atual, Vivi Pádua (Menina), Leila Freitas (Boneca de Louça), Marquinhos Varella (Ursinho), Jorge Costa (Soldado de Chumbo), Magnólia Rejane (Bruxa de Pano), Samarpan (Boneco de Cordas) e George Demétrios (Fantoche). A peça foi apresentada na quadra coberta da própria universidade, durante a "Calourada 83". Já a Dramas Companhia de Artes cumpriu temporada a partir do dia 13 de março, no Teatro Apolo, aos domingos, às 10 horas, com *Pluft, o Fantasminha*, sob direção de Astrogildo Santos. As sessões contavam com a participação do Palhaço Plim Plim (o próprio diretor) e sua bandinha composta do Maestro Maluco, do músico Bombinho e do flautista Senhor Rei Mandou Dizer. Também em março, no Dia Mundial do Teatro, a Feteape lançou o projeto Vamos Comer Teatro, que possibilitou a (re)apresentação de dezenas de montagens, entre adultas e infantis, indo também ao interior do estado.

Tratando da circulação para outros municípios, *Maria Minhoca*, da Aquarius Produções Artísticas, sempre com bom público, foi ao Teatro Benjamim, no município de Timbaúba. No Recife, o lançamento do texto *O Pequenino Grão de Areia*, pela Skene Produções, com autoria, músicas e direção de João Falcão, fez sucesso no Teatro de Santa Isabel a partir do mês de abril. Conforme o *Diario de Pernambuco* (29 de abril de 1983), a proposta era "levar à criança uma história de amor ao invés das redundantes brincadeiras e palhaçadas". O espetáculo contava com os atores Suzana Costa, Paulo Falcão, Rutílio de Oliveira, Cláudio Ferrário, Magdale Alves, Fátima Patrício e Paulo Barros. Ainda podia ser vista *A Fábrica de Sorvetes*, com o Grupo de Teatro Colcha de Retalhos, também estreando em abril e permanecendo até junho, no Teatro do Forte, com texto de Carlos Gomes, dirigido por Américo Barreto, e produção executiva de Jô Ribeiro. No elenco, Carmen Alves, Arari Fonseca, Gladis Farah, Nelson Correia e Pedro Dias.

A Fábrica de Sorvetes

Em maio, mais novidades: *Passarás, Passarás* entrou em temporada no Teatro do Derby, ficando até julho daquele ano. O texto infantil de Carlos Lira, sob a direção de José Manoel, era uma realização do grupo Tem na Linha, que terminou sua brevíssima carreira com este 2º trabalho. No elenco, Josenildo Marinho, Ana Montar-

Passarás, Passarás

royos, Socorro Gomes, Conceição Barros, Isabel Henrique, Manuel Alves, Henrique Rodrigues, Flávio Augusto e Flávio Santos. A peça, inclusive, foi uma das poucas opções infantis no IV Festival de Teatro de Bolso (Tebo), promoção da Fundarpe e Museu da Cidade do Recife, que ocupou o Teatro do Forte, em outubro. Ainda em maio, foi a vez da estreia de *A Vila dos Mil Encantos*, do Grupo Trapézio (e não mais assinando Trapézio Grupo Teatral), em cartaz no Teatro Valdemar de Oliveira, aos domingos, às 10h30. O texto de Geane Bezerra contou com a direção de Buarque de Aquino, assinando também os figurinos, cenários e máscaras. No elenco, Manoel Constantino, Moisés Neto, Romildo Moreira (ator convidado), Tereza Meira, Zélia Sales e a própria autora, todos cantando, dançando e interpretando as aventuras de uma menina que procura a chave dos seus segredos. Uma matéria na coluna *Teatro*, de Valdi Coutinho, no *Diario de Pernambuco* (maio de 1983, recorte de jornal sem data. Acervo: Leidson Ferraz), destacou na estreia:

> O texto – segundo informa o diretor Buarque de Aquino – utiliza uma linguagem simbólica contida no mundo fantástico das crianças quando estão na fase das descobertas da vida e querendo entregar-se a ela. É através do sonho que o segredo do mundo vai se revelando e sendo descoberto pelas personagens, sem se perder da realidade próxima às crianças, representada no texto de Geane Bezerra pela "Avó" e os companheiros das brincadeiras, das brigas e das grandes aventuras da menina.

A Vila dos Mil Encantos

O 1° semestre de 1983 foi considerado, então, um período de excelente produção teatral por Valdi Coutinho, com matéria no *Diario de Pernambuco* (1 de agosto de 1983):

> O movimento artístico recifense esteve bem dinâmico e produtivo neste primeiro semestre, com boas montagens teatrais dos conjuntos pernambucanos e atraentes grupos visitantes, sempre prestigiados pelo nosso público (...) Antigamente, somente os grupos amadores de tradição, (...) mantinham um público certo e fiel. Agora, a coisa está bem diferente, com alguns conjuntos novos e sem tradição se firmando no conceito do público e merecendo o apoio e o prestígio para suas montagens. Eles valem pelo que fazem, pela qualidade e talento e não somente pela tradição.

Em retrospectiva, o crítico listou uma série de montagens adultas em destaque, a começar de *Olha Pro Céu, Meu Amor*, de Vital Santos, que inaugurou oficialmente o Teatro João Lyra Filho, em Caruaru. Vale lembrar que em dezembro de 1983 foi inaugurado também o Teatro do Sesc Caruaru, hoje Teatro Rui Limeira Rosal (após reforma em fevereiro de 2010). *Foi Bom, Meu Bem?* e *Tal e Qual, Nada Igual*, "duas excelentes produções da Aquárius, Praxis e Boca de Cena, que continuam, ainda, fazendo sucesso", também foram lembradas pelo jornalista, assim como *Se Chovesse Vocês Estragavam Todos* (em dia inusitado no Teatro Valdemar de Oliveira, às segundas-feiras, "recebendo ainda um impressionante público"), *O Cão Siamês de Alzira Power* (em temporada no Auditório Alfredo de Oliveira), *Apareceu a Margarida* (na Boate Misty), *Lampiaço, o Rei do Cangão*, *Chilique Peba*, *Periquito Chique*, *Por Amor Eu Me Aniquilo*, *As Mãos de Eurídice*, *A Capital Federal* e *A Visita de Sua Excelência*. Ainda de acordo com ele, por conta do projeto Vamos Comer Teatro, promovido pela Feteape desde março, os artistas e o público redescobriram o Teatro Apolo, "anteriormente um local não muito frequentado". Já o Teatro Joaquim Cardozo ainda não tinha vingado como espaço alternativo, "com frequência muito baixa e sem uma causa aparente que justifique esta ausência e subestimação", criticou. O Vivencial Diversiones, depois da badalada reabertura sob administração de Roberto de França, estava fechado novamente, "com o mato invadindo a construção da humilde – porém – simpática casa do Complexo de Salgadinho".

No teatro para a infância, o bom momento só tinha a crescer. Tanto que, de agosto a setembro, voltou à cena, no Teatro de Santa Isabel, *A Revolta dos Brinquedos*, da Aquarius Produções Artísticas, sempre aos sábados e domingos, às 16h30, agora sob direção de Paulo de Castro (e não mais de José Francisco Filho). No elenco modificado, Ivonete Melo (ainda no papel da Menina Má), Evandro Campelo, José Ramos, Fátima Aguiar, Carlos Carvalho, Tuca Andrada e Lívia Falcão. Infelizmente, um dos autores da

A Revolta dos Brinquedos

obra, Pernambuco de Oliveira, faleceu naquele ano de 1983, momento de perda também de duas outras figuras importantes do teatro local: José Carlos Cavalcanti Borges e Barreto Júnior, este último prestes a completar oitenta anos. Depois de algum tempo parado, após o sucesso da peça A *Menina Que Perdeu o Gato...*, o grupo Artis-Hoje voltou com outra montagem infantil do mesmo autor olindense Marcos Apolinário, *Um Menino No Mundo da Lua*, texto escrito originalmente para o teatro de bonecos e premiado pelo SNT, no Concurso Nacional de Dramaturgia Infantil, em 1982. No elenco, Pedro Júnior, Francisco Emanuel, Josenildo Marinho, Bartolomeu Cavalcanti, Aidil Araújo e Ingrid Buhr. Com direção de José Lopes Filho, figurinos de Lúcio Flávio Rios e composição e direção musical de Múcio Callou, a peça cumpriu temporada durante todo o mês de agosto, aos sábados, às 16 horas, e domingos, às 10 e 16 horas, no Teatro do Derby. Enquanto isso, o Teatro do Parque passou por breve reforma (mais uma paliativa).

E continuou tão fervilhante a produção teatral para a meninada em 1983 (incluindo shows e recreações), que as matérias jornalísticas abriram muito mais espaço a esta linguagem. Valdi Coutinho registrou, por exemplo, no *Diario de Pernambuco* (27 de agosto de 1983):

> A temporada do teatro infantil está fértil, com produções bem cuidadas, alguns espetáculos atrativos, enfim, um verdadeiro painel de opções para a garotada. Os adultos também podem aproveitar (...) No Geraldão, a partir das 16 horas de hoje, haverá um grande show musical com o palhaço Amiguinho e a boneca Pepita, com direção de Tell Lúcia, produção de Carlos Amâncio, o (sic) numeroso elenco, onde aparecem o próprio Carlos Amâncio (palhaço), Ana Maria (boneca), Cuca (Telma Lúcia), e vários outros atores. É bom lembrar, mais uma vez, a programação do "Domingo Sapeca", do Centro Cultural Luiz Freire, com jogos, brincadeiras, sorteios, oficinas de criatividade, e a participação do ator e educador Ângelo Lima, revivendo a figura imortal de Carlitos. Após o desfile de moda infantil promovido pelo Atelier Pedaço de Pano, haverá mostra de filmes. "Branca de Neve e os Sete Anões", uma versão de Fátima Costa com produção e direção de Astrogildo Santos, ocupa o Teatro Apolo nas manhãs domingueiras. Um espetáculo cheio de cor, brilho e fantasia, com participação de numeroso elenco da Dramas Companhia de Artes. Mais de 1.500 pessoas já prestigiaram esse trabalho. Palhaço Plin Plin e sua bandinha estão presentes. Um clássico da dramaturgia infantil, "A Revolta dos Brinquedos", (...) volta a ser encenado pela Aquarius, e pode ser vista (sic) aos sábados e domingos, às 16h30m, no Teatro de Santa Isabel. A direção é de Paulo de Castro, que conta com um elenco de experientes profissionais (...) Continua em cartaz, no Derby, a peça infantil "Um menino no mundo da lua", de Marcos Apolinário, com direção de José Lopes Filho, pelo Artis-Hoje. (...) O título é bem curioso, o espetáculo vem merecendo aplausos da platéia: "É um pássaro? É um avião? Não! É uma super confusão!", escrito por Patrícia Breda, Roberto Borges e Maurício Pollari, sob a direção de Pedro Henrique Dias. Pode ser vista aos domingos, a partir das 10 horas, no Teatro Valdemar de Oliveira. O texto faz uma rápida abordagem, sem maiores análises, de como a televisão é recebida pelas pessoas, com seus ídolos, seus truques, suas emoções. O Grupo de Teatro Corpo e Cena estréia

sua primeira produção independente, próximo mês, no Centro de Cultura Luis (sic) Freire, em Olinda. Trata-se da peça infantil "O Violino Encantado", de Vanildo Bezerra, com direção de Romildo Moreira. (...) outra atração no gênero: "A Maravilhosa estória do sapo Tarê-Bequê" [Tarô-Bequê], de Márcio de Souza, que continua temporada no Teatro do Forte, às 16 horas dos sábados e domingos, numa produção de Garra, com direção de Carlos Alberto Moraes e numeroso elenco. Outra estréia está marcada para setembro, (...) "A menina e a cigarra", de Antônio Ribeiro Leite, pela Fox Produções Artísticas, conjunto que faz sua "avant-premiere" entre nós. Data: 4 de setembro, às 10 horas, no Teatro Joaquim Cardoso (sic). A Marcus Siqueira Produções Artísticas está ensaiando "Vamos Brincar?", autoria e direção de Didha Pereira, com estréia marcada para o dia 3, às 16h30m, no Teatro do Derby, com renda em benefício dos flagelados da seca.

são em 1985 pela mesma Marcus Siqueira Produções Artísticas. Neste elenco de estreia (com personagens de nomes bem engraçados) estavam os atores Carmelita Pereira (Tia Vicentina Cafúcina Filermina Harmorial de Bragança Segunda Oitava), Márcia Menezes (Rita Mijona), Mônica Holanda (Vanderluca), Fátima Moreira (Roberto Peba), Ednaldo Araújo (Tarcísio Beira), Elevan Alexandre (João do Pato) e Didha Pereira (Tele Guiné). Em setembro de 1983, a peça foi uma das selecionadas a participar do projeto Teatro na Praça, promovido pela Fundação de Cultura Cidade do Recife. Já *O Violino Encantado*, infanto juvenil de Vanildo Bezerra Cavalcanti, com direção de Romildo Moreira, foi apresentado em outubro e novembro de 1983, no Centro de Arte Popular de Olinda, aos sábados e domingos, às 16h30, tendo no elenco, Lúcio Passos, Júnior Sampaio, Mísia Coutinho, Pedro Dias, Alba Barbosa, Tadeu Sobreira, Marcos Luna, Sueli (sem registro do sobrenome) e

Esta última montagem, "um alegre e divertido musical infantil pelo direito de brincar", como divulgado em seu programa, ganhou nova ver-

Carmen Alves, com produção do Grupo de Teatro Corpo e Cena.

Por sua vez, com algumas modificações, mas ainda ocupando o pátio do Teatro Joaquim Cardozo, entre suas árvores, a peça *Mas... a Verdadeira Estória de Chapeuzinho Vermelho Não Foi Bem Assim*, com texto e direção de Augusta Ferraz, pelo grupo Os Ilusionistas, também voltou a ser apresentada de outubro a dezembro, agora contando no elenco com Ivete Lourenço, Cristina Brayner, Aidil Araújo, Magda Alencar, Simone Figueiredo (eventualmente substituída por Augusta Ferraz), Fátima Barreto, Leonardo Alencar, Marco Mendes, Luciene Leitão e Henrique Rodrigues. A produção recebeu auxílio do Inacen para esta temporada. Valdi Coutinho foi um dos jornalistas que a recomendou em matéria de título "O bom momento do teatro infantil" no *Diario de Pernambuco* (22 de outubro de 1983):

Mas... a Verdadeira Estória de Chapeuzinho Vermelho Não Foi Bem Assim

> Dentro de uma nova perspectiva e incitada por uma inquietação presente no teatro como um todo, e particularmente, no teatro infantil, a autora Augusta Ferraz lança uma proposta diferente na linguagem infantil dos nossos espetáculos, com "Mas... a verdadeira estória de Chapeuzinho Vermelho não foi bem assim", resultado de um trabalho de recriação em cima de um dos contos de fada de maior destaque na literatura infantil mundial.

Foi novamente o *Diario de Pernambuco* (17 de dezembro de 1983) que destrinchou o divertido enredo da montagem e abriu espaço para depoimento da autora e diretora:

> Uma porção muito mágica modifica o comportamento dos que habitam a mata do "Já É" e a vila do "Pode Ser". Chapeuzinho Vermelho, Lobo Fominha, Galinha Tefe, Periquito Vai e Periquito Vem e o Abusadinho lírico, formam a turminha do horror. Um contra-regra tropicalista, misto de Elfo e feiticeiro, decide se apossar do pote com a última experiência da dona Corujona, a porção "Te Aquieta". Essa é uma rápida síntese do enredo de "Mas ... a verdadeira estória de Chapeuzinho Vermelho não foi bem Assim", escrito e dirigido por Augusta Ferraz. (...) Falando a respeito do trabalho, Augusta Ferraz explica: "O mito do bem e do mal persiste e sobrevive há séculos no mundo infantil, tão cheio de símbolos, e sempre foram mostrados de maneiras diversas e ilusórias, dentro da psicologia infantil. As fadas, bruxas, príncipes e gnomos se tornam exemplos vivos do pode não pode, do deve não deve". Chapeuzinho Vermelho já percorreu o mundo inteiro na forma de

O Cavalinho Azul

disco, filme, livros. Atravessou portas seculares do sonho e do símbolo, mas dentro de uma linguagem que não tem muito a ver com a criançada de hoje, que tem como ponto central de lazer e aprendizado, a televisão.

O jornalista Sanelvo Cabral, também no *Diario de Pernambuco* (26 de novembro de 1983), expôs mais sobre a opinião de Augusta Ferraz em torno da obra dela:

> Para Augusta Ferraz o seu texto propõe a quebra de mitos. "Pessoas totalmente más ou totalmente boas não existem. São mitos criados por nós. E o forte do texto está no poder que a porção "Te aquieta" tem sobre tudo que vive. "Te aquieta" funciona como colírio para os olhos que acham que não podem ver. Ela cora, fortifica e rejuvenesce, como a sonhada fonte da juventude. A partir dela, só luz, só cheiro, só visão", acrescenta a autora. "Mas... a verdadeira estória de Chapeuzinho Vermelho" foi premiada no III Festival de Teatro do Recife, e o seu sucesso pode ser medido pelo público que tem comparecido ao Joaquim Cardozo.

Naquele ano, a peça ganhou os prêmios de Melhor Direção e Melhor Espetáculo de Teatro Infantil no III Festival de Teatro do Recife, além do prêmio de Melhor Ator para Henrique Rodrigues, Melhor Atriz para Ana Magda e Melhor Atriz Coadjuvante para Ivete Lourenço. Ainda em outubro, estava em cartaz *O Cavalinho Azul*, no Teatro do Parque, aos sábados e domingos, às 16h30, texto clássico de Maria Clara Machado em montagem da Remo Produções Artísticas (com apoio cultural da Caderneta do Banorte e co-patrocínio do Inacen), sob direção de Rubem Rocha Filho. No elenco, Stella Maris Saldanha (Mãe e Velha-Que-Viu), Cuca Maia (Vicente), Luiz Lima (João de Deus), João Ferreira (Músico Gordo), Marcus Vinícius (Músico Alto), Pedro Júnior (Músico Baixo), Paula Azevedo (Menina) e Josenildo Marinho (Pai, Palhaço, Cowboy e Vendedor). A peça ganhou destaque naquela mesma matéria de Valdi Coutinho:

> Outro espetáculo que vem atraindo a atenção do público é "O Cavalinho Azul" (...) antes de mais nada, um convite à fantasia. A poesia da infância e a verdade dos adultos que dividem entre si, durante todo o espetáculo, espaços que serão vencidos no final, com a reação do público. A criação dos cenários e dos figurinos está a cargo de João Denys.

No mês das crianças, também com apoio do Inacen, o musical infanto juvenil *Canteiros*, do Grupo Panacéia, ocupou o Teatro Valdemar de

Canteiros

Oliveira, com texto e direção de Romildo Moreira abordando o problema do desmatamento e os consequentes prejuízos para a ecologia. "A peça foi convidada para ir ao Festival Ibérico, em Portugal, na cidade do Porto, mas não conseguimos a grana", revelou Romildo Moreira no livro *Memórias da Cena Pernambucana – 01* (op. cit., p. 191.). Trazia no elenco, Américo Barreto, Edna Rodrigues, Fábio Costa, Gilson Santos, Gladis Farah e Lenormande Lima. Naquele mesmo teatro, às 10 horas dos domingos, a opção era *É um Pássaro? É um Avião? Não, é uma Super Confusão*, criação de Patrícia Breda, Roberto Borges e Maurício Pollari, assinada pela Cooperativa Teatral Boca de Forno, sob direção de Pedro Henrique, que recebia um bom público e questionava os valores da televisão, de forma divertida e colorida. No elenco, a impressa destacou a participação da atriz Marilena Breda. Também podia se visto *O Gato de Botas*, de Geysa Bôscoli, com direção de Ulisses Dornelas, pelo Grupo Arborial e Palhaço Chocolate (que participava da recreação com show, jogos e sorteios, junto à sua Charanga), no Teatro de Santa Isabel, com os atores Célio Moura, Lenormande Lima, Graça Alves, Eduardo Fonseca, Milton Soares, Lêda Arruda, Edvan Carneiro, Valéria Vanda, Aldemir Landelino, Luiz Antônio e participação especial do Mágico Érik.

Se em Arcoverde surgiu o infantil *As Ruínas do Rei Solimões*, texto de Geraldo Jorge, com direção de Joana D'Arc Pereira, pela Equipe Teatral de Arcoverde (Etearc), peça que chegou a participar do III Festival de Teatro do Recife, o ano de 1983 marcou ainda as últimas realizações do Clube de Teatro Infantil, após dezessete anos de intensa produção. Além da continuação da temporada de *Lute Ratinho*, original de 1982, e a estreia de uma nova versão de *O Fantasma Azul*, texto de Isa Fernandes e Leandro Filho, com direção deste último e participação dos atores Marcelo Messias, Jandira Maria, Olga Leite, Jane Neves e Elenita (sem registro do sobrenome), o Clube de Teatro Infantil fechou parceria com o Grupo de Teatro Colcha de Retalhos para sua última realização, antes do diretor Leandro Filho seguir de vez para a cidade de Caruaru. A peça escolhida foi *A Gema do Ovo da Ema*, de Sylvia Orthof, em cartaz no mês de setembro daquele ano, aos sábados e domingos, às 16h30, no Teatro do Parque. A direção musical era do ator, compositor e violonista

Paulo Guimarães. No elenco, Henrique Amaral, Rosângela Melo, Batista Lago, Socorro Silva, Rosa de Cássia, Jandira Maria, Kátia Cristina de Abreu, Itamar dos Santos e Rogério Ferreira.

O Recife ainda recebeu, como espetáculo infantil visitante, o musical *O Jardim das Borboletas*, de André Adler, com músicas de Zé Rodrix e Taiguara, sob os auspícios do Inacen, apresentado no Centro de Convenções. Em referência aos festivais, aconteceram o IV Festival de Teatro de Bolso (Tebo), o II Festival de Teatro de Arcoverde (Festarc) e o III Festival de Teatro Estudantil do Agreste (Feteag), este último em Caruaru. Uma outra ação significativa foi dada pela Feteape, durante gestão de Zélia Sales, com o Projeto Criança, no Recife, que ganhou registro no livro *Memórias da Cena Pernambucana – 04* (op. cit., p. 248.), com reprodução de trecho de matéria do *Diario de Pernambuco* (24 de outubro de 1983):

> Desde o seu surgimento em 1976, a Feteape promoveu palestras, seminários, congressos e encontros para discutir o teatro, quase sempre com algum espaço para o teatro infantil, mas a primeira grande ação neste sentido no Estado aconteceu em 1983, com o Projeto Criança, ação conjunta com o Instituto Nacional de Artes Cênicas e Fundação de Cultura Cidade do Recife. "Terá início, hoje, na Galeria Metropolitana Aloísio Magalhães, na Rua da Aurora, o Projeto Criança, que tem como objetivo a troca de experiências e aquisição de novos conhecimentos que possibilitem a atores, autores, diretores e técnicos, de forma diversa, a discussão e reflexão sobre a criança e o teatro a ela dirigido. O Projeto Criança constará de três oficinas, com duração de uma semana cada, ministradas por Eliane Gomm [substituída por Antônio Carvalho] (Dramaturgia Infantil), Sônia Piccinin (Linguagem Infantil) e Ilo Krugli (Interpretação). Além das oficinas, o Projeto Criança possibilitará auxílio parcial de montagem para grupos que tenham apresentado espetáculo infantil neste ano de 1983". (...) Os textos "Uma casinha branca sem porta sem tranca", de Fábio Costa, Américo Barreto, Brivaldo Loreto, Gorete Linhares e Gladis Farah; "Truques e tramóias de uma turma tonta", de Dirceu Lima e Paulo Marcondes; e "O paraíso é azul?", de Didha Pereira, todos levados à cena, nasceram como resultado deste projeto, que ganhou 2ª edição em 1986.

Um dos espetáculos mais bem recebidos de 1983 foi o musical infanto juvenil *Caxuxa*, de Ronaldo Ciambroni, com direção e músicas de João Falcão. Seguindo seu material publicitário, "O sonho de Caxuxa – a atriz Isa Fernandes – é ser uma estrela de cinema e televisão. A brincadeira de sonhar chega a envolver as crianças, que sobem ao palco para sonhar sonhos coloridos com os atores". Ainda no elenco, Rutílio de Oliveira, Paulo Falcão, Cláudio Ferrário e Tuca Andrada. A peça esteve em cartaz no Teatro de Santa Isabel. No entanto, os maiores elogios e farta bilheteria foram para *O Baile do Menino Deus*, 1ª investida bem acertada da Companhia Práxis Dramática no segmento teatral para a infância, em parceria com dois produtores inde-

O Baile do
Menino Deus

"Um musical infantil que os adultos não podem perder". Esse slogan marca a primeira produção, no gênero, da Praxis Dramática (José Mário Austregésilo e Paulo Góes), que é "O Baile do Menino Deus", com estréia marcada para o dia 12 deste mês, às 16:30 horas, no Teatro Valdemar de Oliveira, ficando em cartaz aos sábados e domingos, no mesmo horário, até o final de janeiro. Haverá uma parada no mês de fevereiro e retorno em março; (...) a Companhia, durante a semana, pretende fazer espetáculos em escolas, entidades filantrópicas, públicas e privadas. "O Baile é uma brincadeira de Natal bem nordestina – explica o produtor José Mário Austregésilo – e tudo é colocado em termos de cultura po-

O Baile do
Menino Deus

pendentes, Maria Áurea Santa Cruz e Alberto Vinícius. O inédito texto de Ronaldo Correia de Brito e Francisco de Assis Lima, contou com direção do 1º autor lançando-se como diretor teatral. No elenco que marcou história, muitos integrantes do Balé Popular do Recife, Ana Araújo (Ana Madureira), Romero Andrade, Mirinha, Givaldo Tenório, Célia Meira (que assinava as coreografias), Walmir Chagas, Leila Bastos, Alexandre Macedo, Eduardo Gomes, Ilona Brandão e as crianças Ana Gabriela, Sumaia Austregésilo e Taciana Miranda e Silva. A temporada aconteceu no Teatro Valdemar de Oliveira, "com gente ganhando permanente, de tanto que foi ver", disse Ronaldo Correia de Brito em entrevista descontraída a esta pesquisa (12 de novembro de 2013). A montagem recebeu destaque da jornalista Fernanda d'Oliveira no *Diario de Pernambuco* (novembro de 1983, recorte de jornal sem data. Acervo: Romero Andrade):

pular. Neste baile, papai noel não entra. E o Natal é uma coisa eterna, a partir do próprio pastoril, do bumba-meu-boi, do reisado, do presépio, do fandango, enfim, de todas as manifestações populares e que tenham base muito forte na nossa cultura, na nossa música. A peça será um reencontro com as coisas mais puras que a gente tem. Uma visão de um Cristo bem nordestino e de um Natal sem neve e sem trenó". (...) As músicas do "Baile do Menino Deus" são de autoria de Antônio José Madureira – o Zoca – e foram gravadas em disco, que tem lançamento no próximo dia 05, no Shopping Center Recife. Em resumo, a estória da peça começa quando o "Mateus" (Romero Andrade) convida a garotada para ir à casa de José e Maria, para promoverem um baile para o menino Deus, e aparecem as primeiras dificuldades; primeiro para descobrir a casa; " (...) é uma espécie de encontro não só com a tradição do Natal – embora não seja uma peça só para o final do ano – mas um encontro, também, com a descontração, o espírito aventureiro que a criança tem, pois a peça é uma aventura".

Com tantas realizações à meninada em 1983, o ano seguinte não foi tão frutífero de estreias. Ainda assim, surgiram novidades em 1984, um período mais lembrado pela intensa articulação entre os artistas de todo o estado. Contando com apoio do Inacen e da Fundação de Cultura Cidade do Recife, já que foi fruto do Projeto Criança, a peça *Uma Casinha Branca, Sem Porta, Sem Tranca*, montagem coletiva do Grupo Altas Produções, sob a direção de Américo Barreto e administração de Romildo Moreira, estreou no dia 12 de maio, no Teatro de Santa Isabel, com os atores Brivaldo Loreto, Fábio Costa, Gladis Farah, Gorete Linhares, Marcus Suiciniv, Márcia Eloy, Mônica Farah, Lila Santos e Ilona. "O espetáculo pretende reviver para a criançada os carnavais do Recife e Olinda, desde o Galo da Madrugada até ao Bacalhau do Batata", registrou o *Jornal do Commercio* (26 de maio de 1984). No dia 20 de maio, foi a vez de novo lançamento com texto oriundo do Projeto Criança, *Truques e Tramóias de Uma Turma Tonta*, de autoria de Dirceu Lima e Paulo Marcondes, com a Aquarius Produções Artísticas, tendo à frente o produtor Paulo de Castro. A peça ocupou o Teatro Valdemar de Oliveira, aos domingos pela manhã, com direção, cenários, figurinos e iluminação de Carlos Carvalho. A coreografia era de Fábio Coelho, com músicas de Fernando Lobo. No elenco, Walmir Chagas (substituído por Bruno Garcia), o próprio Carlos Carvalho, Lívia Falcão, Tuca Andrada, Luciana Mendonça, Adalberto Wagner, Alexandre Brito, Laelson Vitorino e Carlos Mesquita.

Truques e Tramóias de Uma Turma Tonta

Como a Lua

Mas o diretor mais constante de trabalhos naquele momento foi mesmo José Manoel. Sob sua direção e com lançamento em 31 de março, o musical infanto juvenil *Como a Lua*, de Vladimir Capella, pela TTTrês Produções Artísticas, fez o maior sucesso no Teatro Apolo com uma comovente história de amor. Tanto que seiscentas crianças da Febem foram assistir ao espetáculo, numa promoção da Secretaria do Trabalho e Ação Social, além de excursão às cidades de Caruaru, Garanhuns, Arcoverde, Timbaúba e João Pessoa. A produção geral e assessoria pedagógica eram de Teresa Amaral, com músicas de João Falcão (executadas pelo Trio Romançal), projeto de iluminação de José Pimentel e cenários e figurinos de Alexandre Pacheco. O elenco era composto por Carlos Lira, Mário Antônio Miranda, Fernando Bastos, Ana Montarroyos, Normando Roberto Santos, Leila Freitas e Conceição Barros (as duas últimas substituídas por Izabel Henrique e Vivi Pádua). Reforçando que seu teatro é despreocupado com faixa etária, no livro *Memórias da Cena Pernambucana – 01* (op. cit., p. 176) José Manoel teceu elogios a este encontro com a obra do paulistano Vladimir Capella:

> Essa foi uma outra forma de aproximação com Vladimir Capella [refere-se à sua circulação pelo país em encontros de teatro], um autor que escreve: "Tudo o que nasce, morre. Tudo o que morre, torna a nascer, como a lua". Tem coisa mais óbvia? Só que é preciso ter muita sensibilidade para colocar essa obviedade da forma tão consistente como Vladi pôs no palco. Esse poder de síntese do fenômeno da vida apaixonou a gente. Uma escrita profundamente poética e despreocupada se quem estava na platéia tinha 8 ou 80 anos. (...) Esse poder de expressar o sentimento do homem, todas as suas possibilidades de ser e essa transfiguração que é a própria essência do teatro, sem didatismo babaca, foi o que nos sensibilizou e fez com que Vladi ganhasse a dimensão que alcançou no Brasil.

Outra peça de sucesso dirigida por José Manoel foi *O Espelho Mágico do Bruxo Jurubeba*, texto de Carlos Lira que vinha sendo apresentada desde 1981 pela TTTrês Produções Artísticas, agora em parceria com a Dramas Companhia de Artes, do produtor Astrogildo Santos, em cartaz no mesmo Teatro Apolo, aos domingos pela manhã. No elenco, José Manoel, Carlos Lira, Carlos Alberto e Mário Antônio Miranda (Nor-

O Espelho Mágico do Bruxo Jurubeba

mando Roberto Santos foi ator substituto), além da participação especial de Astrogildo Santos (Palhaço Plin Plin), Fátima Costa e Rinaldo Moura. O trabalho chamou a atenção no *Diario de Pernambuco* (26 de abril de 1984):

> Colorida, movimentada e criativa, com música e bastante alegria, a encenação da peça infantil "O Espelho Mágico", do autor e ator pernambucano Carlos Lira, que a Dramas Cia de Artes está apresentando no Teatro Apolo desde a segunda quinzena de março, continua a liderar o horário das dez da manhã dos domingos no Recife. Durante 1h30m de espetáculo a criançada se emociona, vibra e participa das aventuras do menino Fon-Fonte contra o bruxo malvado, num total entrosamento da platéia com os atores (...) A peça que estará em cartaz até o dia 8 de julho, marca a volta do Palhaço Plin-Plin, sua Bandinha Maluca e a Coelhinha Cenoura, que fazem a parte recreativa antes e depois da dramatização, com um mundo de prêmios, jogos, sorteios, músicas, brincadeiras e muito humor (...) Fon-Fonte, menino aplicado e figura central de "O Espelho Mágico", perde ao voltar do colégio a sua caderneta escolar. Ao procurá-la, encontra-se com o bruxo malvado que lhe diz (...) que só a devolverá se o menino trabalhar na lapidação de cem espelhos. Acontece que este trabalho é feito através de caretas e o nosso personagem entra em tão em sérios apuros, pois não é nada fácil inventar tantas caretas. Atentas a todos os movimentos de Fon-Fonte, as crianças da platéia nesta hora se levantam dos seus lugares (...), subindo ao palco na ânsia de com as suas caretas ajudá-lo a vencer o bruxo.

Num ritmo alucinante de trabalho, José Manoel também assinou a direção de *As Aventuras de Sinbad, o Marinheiro*, de Álvaro Guimarães, que estreou nas tardes de janeiro, também no Teatro Apolo, num período de recesso para os grupos teatrais, passando, quase ao final do ano, para o Teatro do Parque, nas manhãs domingueiras, com realização do Teatro Mocambo em co-produção com a Aquarius Produções Artísticas. No elenco, Albino Ramos (Sinbad), Iemaney Silva (Carol), Jorge Soares (O Espelho), Terezinha de Jesus Miranda (Teka Miranda, A Bruxa), Lúcia Carmen (substituída por Ivonete Melo na personagem A Estória) e Jaime Calaça (Ferrabraz). Outra montagem que continuou fazendo sucesso em 1984 foi *O Baile do Menino Deus*, com direção de Ronaldo Correia de Brito, pela Companhia Práxis Dramática, em cartaz no Teatro Valdemar de Oliveira de casa sempre cheia; além de *Vamos Jogar o Jogo do Jogo*, texto de Antônio Fernando Bezerra, com direção de

Vamos Jogar o Jogo do Jogo

José Francisco Filho, em temporada no Teatro de Santa Isabel, pela Circus Produções Artísticas. Esta última peça havia estreado em 24 de março, contando com novo elenco, Sérgio Sardou, Francisco Woston, Jandira Airam e Manoel Constantino (único remanescente do elenco original), com cenário e figurinos de Buarque de Aquino, músicas de Gilberto Maymone, iluminação de Ari Carvalho e produção executiva de Ivana Helly.

Juntando a recreação do Palhaço Chocolate, outra peça de estreia naquele ano e que atraiu um bom público, todos os domingos, às 10 horas, no Teatro de Santa Isabel, foi *Casa de Brinquedos*, musical infantil baseado nas canções de Toquinho, com texto, adaptação e direção de Ulisses Dornelas. A produção era do Palhaço Chocolate e Grupo Arborial. A montagem prestava homenagem ao parceiro de Toquinho, Vinícius de Moraes. No elenco, Lenormande Lima, João Cavalcanti, Milton Soares, além de Ulisses Dornelas como o Palhaço Chocolate e sua Charanga, composta pelos músicos Edivan Carneiro, Cosmo Costa, Ismael Seabra e Fernando Filho. No corpo de balé, Voleide Melo, Iara Lima, Josineide Batista, Célio Moura, Luiz Antônio, Mísia Coutinho, Valéria Vanda e Maria das Graças. Em entrevista à jornalista Inês Cunha, o artista Ulisses Dornelas confessou sua inspiração no *Diario de Pernambuco* (22 de abril de 1984):

> Segundo Dornelas, "As músicas de Toquinho despertaram a minha atenção e a do grupo e daí veio a idéia de levá-las ao palco, principalmente por trazerem uma mensagem muito interessante para as crianças e inclusive para os adultos que já não sabem oferecer o verdadeiro amor". "A nossa *Casa de Brinquedos* – prossegue – é um lugar de sonhos, de sonhos intermináveis, onde não falta imaginação, espaço nem tampouco brinquedos e brincadeiras. E ao término de cada espetáculo, através de cada olhar e expressão de satisfação da criança, temos a certeza de que existe em sua cabecinha, muitas outras Casas de Brinquedos". Há três semanas em cartaz, o musical vem despertando interesse do público infantil, como todos os outros espetáculos apresentados pelo Palhaço Chocolate e o Arborial.

Ainda em abril, o grupo Haja Teatro passou a ocupar a Sala Clênio Wanderley, da Casa da Cultura, com a peça infantil *O Inventor Que Inventou o Inventor*, de autoria de Marcelino Freire, hoje um dos escritores mais reconhecidos da literatura brasileira. A direção e produção eram da dupla Paulinho Mafe e Adson Leôncio, com figurinos de Paulinho Mafe e Elmar Castelo Branco, maquiagem de Evaldo Costta e iluminação de Adson Leôncio. A temporada se prolongou até junho, tendo no elenco Ana Lúcia Lins,

O Inventor
Que Inventou
o Inventor

Alexandre Simas, Carlos Alberto e o próprio autor Marcelino Freire (na época, assinando com o sobrenome Freyre). Ulisses Dornelas, o Palhaço Chocolate, produziu ainda um outro espetáculo a partir de agosto de 1984, o musical infantil *A Flauta Mágica*, de Mozart, em temporada aos sábados e domingos, às 16 horas, no Teatro de Santa Isabel, com adaptação e direção de Rubem Rocha Filho e coreografias de Mônica Japiassu. No programa do espetáculo, muito mais dançado que teatralizado, Rubem Rocha Filho confessou a loucura que foi adaptar "tão complexo" universo:

> Trata-se de uma ópera de grandes convulsões psicológicas e estéticas, mas de um nítido toque de confiança otimista no destino do homem. Como transplantar tudo isto para a dança e o diálogo que envolvam e interessem os espectadores mirins das tardes de sábado e domingo no Santa Isabel? (...) Que o público de crianças de todas as idades nos diga se valeu a pena.

No elenco, o ator José Ramos (convidado) e os bailarinos/atores Fátima Freitas, Beatriz Mota, Bernardo Costa, Simone Souto Maior, Crhristiana Cavalcanti, Ângela Botelho, Felipe Santiago, Cláudia Lubambo, Mônica Maciel, Goretti Rocha, Beth Gaudêncio, Karen Veloso, Norberto Cardoso, Edivan Souza e Alcides Cavalcanti. A cenografia e figurinos eram assinados por Jim. Havia antes a recreação com o Palhaço Chocolate e sua Charanga (os músicos Edivan Carneiro, Ismael Seabra, Fernando Filho, Cosmo Costa, Célio Moura e Luiz Antônio). O *Diario de Pernambuco* atestou o sucesso da montagem (18 de novembro de 1984):

> "A Flauta Mágica", que está sendo considerada a melhor peça infantil de 1984, pela crítica local, já recebeu convites para apresentações em outras capitais do Nordeste. A ÓPera (sic) de Mozart conta a estória do príncipe Tamino (Bernardo Costa), que se apaixona pela princesa Tamina (Simone Souto Maior), filha da Rainha da Noite (Crhistiane (sic) Cavalcanti), e sai a sua procura. Quem ajuda o príncipe a procurar a amada é o Papagueno (excelente interpretação do ator José Ramos), que, juntos, conseguem transpor vários obstáculos com a ajuda da flauta e do sino mágico. Com excelente coreografia de Mônica Japiassu e representação impecável dos atores bailarinos, "A Flauta Mágica" foi a mais cara produção infantil levada até agora aos palcos do Recife.

Ainda há registros da peça *O Menino Maluquinho*, baseada no livro homônimo de Ziraldo, adaptado para o teatro por Demétrio Nicolau, com realização da Koy e Paity Produções Artísticas, sob direção de Augusta Ferraz, aos sábados e domingos no Teatro Apolo (com os atores Manoel Constantino, Lucinha Freitas, Ângela Ramos, Koy Maçã, Henrique Rodrigues, Aidil Araújo, Roberto Vieira e Luciene Leitão); *As Filhas do Sol*, de Carlos Gomes, com direção de Jô Ribeiro, pelo Grupo de Teatro Colcha de

As Filhas do Sol

O Chapeuzinho Amarelo

Retalhos (no elenco, entre outros, Arari Fonseca, Zânia Sandez e Carmen Alves); *O Chapeuzinho Amarelo*, de Chico Buarque, pelo Grupo Roda Pião, com direção de Carlos Carvalho e ótima resposta de público no Teatro Apolo (tendo a atriz Fátima Aguiar como protagonista); *O Universo em Fantasia*, espetáculo infanto juvenil com texto e direção de Odé Félix e música de Aurino Xavier, pelo Grupo Gambiarra, aos domingos, às 16h30, no alternativo Teatro Marrocos (não a extinta casa de espetáculos de Barreto Júnior, mas outra na Rua da Saudade, 240, Boa Vista, espaço que deve ter funcionado minimamente); além do *Show da Criança*, com mágico, palhaços, danças, brincadeiras e brindes numa realização da Aquarius Produções Artísticas, aos domingos pela manhã, no Teatro de Santa Isabel (detalhe: adulto não pagava). Houve também uma peça visitante no estado, *A Viagem de Um Barquinho*, de Sylvia Orthof, pelo Grupo Ponto de Partida de Natal, na Casa da Cultura do Cabo de Santo Agostinho, a convite do projeto Vamos Comer Teatro, da Feteape.

Importante registrar que de 2 a 14 de julho de 1984 a cidade do Recife foi palco para o Festival Brasileiro de Teatro Amador, promovido pelo Instituto Nacional de Artes Cênicas, com produções adultas e infantis (em minoria) de todos os estados do país. Pernambuco foi representado pela peça adulta *A Mais Forte*, de Strindberg, com direção de Carlos Bartolomeu. Naquele ano, com a realização do I Congresso Pernambucano de Teatro, no Cecosne, José Manoel assumiu a presidência da Feteape no lugar de Zélia Sales, que já tinha dado alguma atenção ao interior pernambucano, mas foi a partir daí que as relações ficaram cada vez constantes entre a capital e os outros municípios, com ações voltadas a outras regiões e intensa comunicação. Meses antes, já havia começado a articulação do Movimento de Teatro Popular de Pernambuco (MTP/PE), com a reunião de vários grupos do teatro de rua no I Encontro Estadual de Teatro Popular de Pernambuco, em Olinda, na Casa da Criança. Mesmo existindo informalmente desde 1984, o MTP/PE só se constituiu como organização em 1987.

O Circo de Seu Bolacha

Já a Fundarpe e o Museu da Cidade do Recife promoveram ainda em 1984 o V Festival de Teatro de Bolso do Recife (Tebo), no Teatro do Forte, revelando na premiação infantil um talento da cidade de Arcoverde: *O Circo de Seu Bolacha*, texto de Paulo de Oliveira Lima, pelo Grupo Orbital de Teatro, daquele município, eleito Melhor Espetáculo, além de ter ganho os troféus de Melhor Ator (Paulo de Oliveira Lima); Melhor Diretor (Geraldo Barros) e Revelação Coadjuvante (Fernando Antônio). Márcia Martins, do Grutepes (sem registro na imprensa de qual peça participava), ficou com o título de Melhor Atriz. O Melhor Espetáculo Adulto foi *O Melhor Juiz, El Rei*, do Grupo de Teatro Bandepe, dirigido por Lúcio Lombardi. Vale lembrar que *O Circo de Seu Bolacha* fez tanto sucesso, que ganhou versão recifense em 1985 e passou a ser montado em diversos lugares do país até hoje. Por sinal, a peça foi uma das participantes do III Festarc (Festival de Teatro de Arcoverde), de 3 a 12 de agosto de 1984, junto a *Pluft, o Fantasminha*, da 8ito Produções; *Bom Bom no Mundo do Teatro e Maria Minhoca*, do Grupo do Colégio Industrial (esta última, com direção de Paulo de Oliveira Lima); e *Como a Lua*, da TTTrês Produções Artísticas, convidada a encerrar o evento. Ainda há registro da produção infantil *Um Dia No Castelo do Rei*, pelo Grupo do Sesc Arcoverde naquele 2º semestre.

Em retrospectiva sobre o ano de 1984, publicada em sua coluna *Teatro*, no *Diario de Pernambuco* (20 de abril de 1985), citando apenas três montagens para crianças do Recife, *O Baile do Menino Deus*, *Vamos Brincar?*, ambas de 1983, mas com temporada continuada no ano seguinte; e *Uma Casinha Branca, Sem Porta, Sem Tranca*, o crítico Valdi Coutinho não se mostrou eufórico com o resultado geral:

> No ano passado [1984], tais produções dirigidas ao público infanto-juvenil foram escassas em relação a 1983. Os meios de produção e especialmente os conjuntos amadores pareciam mais preocupados em questionar o gênero e a procurar uma linguagem cênica mais consciente e enriquecedora quanto à forma e a linguagem.

No segmento adulto, fizeram sucesso as peças *Sonho de Uma Noite de Verão*, grandiosa produção da Fundação de Cultura Cidade do Recife; *O Peru*, do Teatro de Amadores de Pernambuco; e *A Aurora da Minha Vida*, da Aquarius Produções Artísticas. Duas montagens caruaruenses, *Olha Pro Céu, Meu Amor* e *Auto das Sete Luas de Barro*, foram selecionadas para circular nacionalmente pelo Projeto Mambembão, com o Grupo Feira de Teatro Popular, que montou ainda em 1984 o musical infanto juvenil *Diana Pastora*, de Vital Santos e Alcimar Vólia, com direção dele e músicas de Antônio Ferreira. No elenco, Chico Neto, Emanoel Borges, Hilton Valentim, Edu Oliveira, Alex Viany e Sônia Araújo. Das perdas do ano, em julho, faleceu a bonequeira Carmosina Araújo; e em dezembro, morreu Maria José Campos Lima, que dirigiu dezenas de produções teatrais para a infância no Recife.

Segundo a imprensa, o teatro pernambucano ia bem no começo de 1985. Tanto que o jornalista Enéas Alvarez, em matéria no *Jornal do*

Commercio (12 de fevereiro de 1985), ressaltou Pernambuco como o 3º polo da cultura teatral do país. Segundo ele, posição consolidada por ter sido responsável "pelo melhor evento realizado em 1984", o Festival Brasileiro de Teatro Amador, e por ainda ter colocado José Manoel como presidente da mesa-diretora do IV Congresso Brasileiro de Teatro Amador, onde compareceram dez delegados enviados pela Feteape, com aquele mesmo sendo também empossado secretário geral da Confederação Nacional de Teatro Amador (Confenata), no biênio 1985/1987, "por maioria absoluta dos votos dos 200 delegados de todos os Estados do Brasil". O período também foi comemorado pelo jornalista Valdi Coutinho por ser de "pique" da produção de espetáculos infantis, demonstrando "sinais de vitalidade", já que ele considerou o ano anterior escasso, conforme matéria no *Diario de Pernambuco* (20 de abril de 1985):

> O público infantil, no momento, também está bem-servido. Em quantidade, pelo menos, são muitas as opções. Em qualidade, é de se supor que o nível esteja de bom para excelente, levando em conta a preocupação em repensar o espetáculo feito para criança que predominou nos meios produtivos nos últimos meses.

Em cartaz, *O Circo do Chocolate*, com roteiro e direção de Ulisses Dornelas, e participação deste e de José Ramos no elenco, entre outros, no Teatro de Santa Isabel, aos domingos, às 16 horas, "com público certo", lembrou Valdi Coutinho; e *O Cachorro Voador*, produção da Plic-Ploc Teatros Infantis, com texto e direção de Joana D'Arc Ferreira, no Teatro do Forte, aos sábados e domingos, às 16h30, peça que depois passou a ser vista no Teatro do Parque, nas manhãs dominicais. No elenco, Marcelo Messias (Cachorro), Rosário Morais (Pão de Queijo), Ricardo Santos (Beto) e Moacir Cleiton (Feiticeiro). Também em temporada, a 2ª versão do musical infantil *Vamos Brincar?*, com texto e direção de Didha Pereira, pela Marcus Siqueira Produções Artísticas, que cumpriu três meses no Teatro Joaquim Cardozo, aos sábados e domingos, às 16 horas, a partir de abril. No elenco, Hilva Nascimento, Mísia Coutinho, Fátima Silva, Geasy Brandão, José Lira, Jomeri Pontes e o estreante Ferraz Júnior. Paralelamente, no propósito de levar cultura também às comunidades mais carentes, a equipe promoveu um trabalho de animação cultural no bairro dos Coelhos por dois meses, com atividades aos sábados e domingos pela manhã. "A base desse trabalho será o espetáculo *Vamos Brincar?*, para o qual são convidados psicólogos, pedagogos, professores, artistas e interessados na literatura e no teatro infantil", lembrou o diretor no *Jornal do Commercio* (14 de maio de 1985).

Mas o sucesso de público do período era mesmo *Hipopocaré, o Rei da Galhofa*, aos sábados e domingos, às 16h30, no Teatro Valdemar de Oliveira, espetáculo baseado no livro de mesmo nome de Antônio Guinho, com direção de Carlos Carvalho e realização da Respeitável Público Produções, produtora formada pelo próprio autor, junto a Eleni Xavier e Prazeres Silva; além da continuidade de *Como a Lua*, musical de Vladimir Capella, com direção de José Manoel, pela TTTrês Produções Artísticas, aos

sábados e domingos, às 16h30, no Teatro Apolo, em seu 2º ano de apresentações na capital e interior do estado. Também podia ser visto *É Um Pássaro? É Um Avião? Não! É Uma Superconfusão*, musical infantil de Patrícia Breda, Maurício Pollari e Roberto Borges, com direção de Pedro Henrique e produção da Cooperativa Teatral Boca de Forno, já apresentado em 1983 e que retornou ao Teatro Valdemar de Oliveira ocupando o horário matinal dos domingos. Pouco depois, em parceria com o Palhaço Chocolate, a peça passou a ser vista no Teatro de Santa Isabel, às 10 horas dominicais. No elenco, entre outros, Marilena Breda, Maria Oliveira e Ana Montarroyos.

Uma nova opção teatral foi proporcionada pela visita de uma equipe da cidade do Paulista, a Mercury Produções Artísticas, que ocupou as tardes domingueiras do Teatro do Parque, com *Praça de Retalhos*, de Carlos Meceni, tendo Aidil Araújo, Sílvio Pinto e Rildo de Souza no elenco, entre outros. Já em maio, o Grupo Teatral Farsa estreou *Pluft, o Fantasminha*, de Maria Clara Machado, com direção de Valdi Coutinho, em temporada aos sábados e domingos, às 16h30, no Teatro do Parque. Outro aguardado lançamento daquele mês foi o musical infantil *O Circo de Seu Bolacha*, de Paulo de Oliveira

O Circo de Seu Bolacha

O Circo de Seu Bolacha

Lima, com músicas de Ediel Guerra e direção de José Manoel, revelando o talento de Eduardo Trindade, com doze anos na época, no papel do dono do circo. Numa realização da Aquarius Produções Artísticas, a peça abriu um novo espaço para o público mirim no Teatro do Brum, do Centro de Convenções, em Olinda, com sessões aos sábados, às 16h30, e domingos, às 10 horas e 16h30. Ainda no elenco, Bóris Trindade Jr. (Borica, substituído por Mário Antônio Miranda), Hamilton Figueiredo e Amália Trindade.

Outra opção daquele momento foi *Passageiros da Estrela*: *Será Que Vale a Pena Falar de Amor?*, espetáculo infantil de Sérgio Fonta, com direção do mesmo José Manoel (profícuo naqueles tempos) e coreografia de Amélia Conrado, numa produção do Grupo de Teatro do Sesc, aos domingos, às 16h30, no Teatro dos Comerciários (hoje, Teatro Marco Camarotti). Esta peça, inclusive, encerrou a programação do projeto Vamos Comer Teatro, no auditório do Sesc Arcoverde (hoje, Teatro Geraldo Barros), em programação que também contou com outra montagem para a criançada, *O Aniversário do Caipora*, de Antônio Ortins, pela 8ito Produções, da própria cidade de Arcoverde. Como se vê, foram diversas as produções para crianças naquele ano. Tanto que estiveram ain-

da em cartaz: *Peter Pan no Circo do Chocolate*, com direção de Augusta Ferraz e produção grandiosa "orçada em 35 milhões, da Chocolate Produções Artísticas/Ilusionistas Corporações Artísticas (sic), (...) à frente de 17 atores e 30 técnicos", registrou o *Jornal do Commercio* (19 de setembro de 1985), em temporada aos domingos, às 16 horas, no Teatro de Santa Isabel, mesmo palco que recebeu *Maria Minhoca*, com produção da Paulo de Castro Produções Artísticas, aos domingos, às 10h30.

No Teatro Apolo, aos sábados e domingos, como estreia da Papagaios Produções Artísticas, surgiu *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá*, da obra literária de Jorge Amado (único livro seu escrito para crianças e dedicado ao próprio filho), com adaptação de Luiza Lagoas e readaptação e direção de Augusta Ferraz, diretora bem atuante naquela década. "O espetáculo supõe o encontro entre um gato sensual, extravagante e meloso, com uma andorinha supostamente tímida e desprotegida", lembrou o *Jornal do Commercio* (28 de setembro de 1985). No elenco, Aidil Araújo, Fátima Magalhães, Cristina Brayner (substituídas respectivamente por Maria Rossiter, Ana Montarroyos e Cira Ramos), Luciana Neves, Ril Gouveia, Otacílio Júnior, Roberto Vieira (também assistente de direção), Henrique Rodrigues e João Neto. Os dois últimos administravam esta nova produtora profissional do Recife, com foco quase exclusivo nas montagens infantis durante nove anos. Em seguida, a peça cumpriu temporada no Teatro Barreto Júnior.

O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá

Um outro espetáculo daquele momento também iniciou bela trajetória de produtora estreante no Recife, a Dramart Produções, com a atriz Socorro Rapôso à frente, lançando-se com o musical infanto juvenil *Cantarim de Cantará*, de Sylvia Orthof, com direção, figurinos e cenários coletivos. A trilha sonora original era de José Alves. Socorro Rapôso recordou desta sua investida teatral no livro *Memórias da Cena Pernambucana – 02* (op. cit., p. 43.):

> (...) lançamos a Dramart Produções no dia 15 de janeiro de 1985, ao reunirmos um grupo de amigos, Luiz César, Annátolys Santis, Cristiane Gonçalves Soares e Ivson Nóbrega. No início, só fazíamos leitura de textos mas começamos a sentir a necessidade de subir ao palco e decidimos remontar "Cantarim de cantará" [ela e a irmã, a também atriz Margarida Meira, já haviam feito uma montagem do mesmo texto em Belo Horizonte, pelo Grupo Arte Livre], sob direção coletiva. Nossa estréia aconteceu no Santa Isabel, ainda em 1985. Ficamos meses em cartaz, cumprindo temporada também no Teatro do Parque. Era um musical muito comovente, tendo o pássaro como símbolo da liberdade e uma bela trilha sonora executada ao vivo, porque sem-

Cantarim de Cantará

> pre gostei de espetáculos assim. O que entrava de renda só dava para cobrir as despesas; ninguém recebia cachê, e todo mundo feliz por fazer. E, olha que eram quinze atores e quatro músicos!

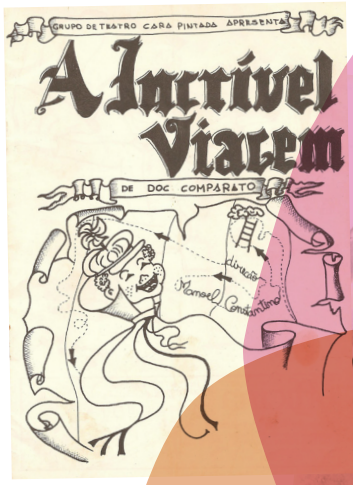
No elenco, Margarida Meira, Socorro Rapôso, Annátolys Santis (substituído por Flávio Santos), Meri Lucas, Flávio Augusto, Cristiane Gonçalves Soares, Luiz César, Honório Filho, Marcos Luna, Maria do Carmo, Gorete Meira, Ivoneide Costa, Verônica Alencar, Fátima Campos e Rosa (sem registro do sobrenome). Formavam a equipe de músicos em cena, Carlos Borges, Wagner Medeiros, Paulo Guimarães (diretor musical) e José André (André Filho). Este último, mais à frente responsável por memoráveis trilhas sonoras de teatro para a infância, lembrou das dificuldades em atrair público naqueles dias:

Cantarim de Cantará

> Lembro que, num feriado prolongado, fizemos uma apresentação para apenas quatro pessoas, no Teatro do Parque [com novecentos lugares]. Mesmo assim, a peça aconteceu, porque ninguém estava preocupado com dinheiro. Acho que é na Dramart que tenho o maior número de composições para teatro, mais de sessenta canções durante quatro anos de trabalho.

No pequenino Teatro do Forte, ocupava aquele palco *As Aventuras de Um Diabo Malandro*, de Maria Helena Kühner, com produção e direção de Flávio Costa, aos domingos, às 16h30; e no Teatro Joaquim Cardozo, *A Incrível Viagem*, de Doc Comparato, musical infantil com direção de Manoel Constantino (a 1ª de sua longa trajetória no segmento para a infância), com assistência de direção de Carla Denise e direção musical de Henrique Macedo, em cartaz aos sábados e domingos, às 16h30, pelo estreante grupo Cara Pintada. No elenco, Fábio Caio, Ismael Portela (lançando-se como atores), Ângela Ramos, Zorka Welkovic e Lucinha Freitas. Posteriormente, Ismael Portela foi substituído por Marcondes Lima, estreando como ator. O diretor Manoel Constantino resgatou lembranças deste seu início, durante entrevista para o Projeto Memórias da Cena Pernambucana (9 de junho de 2008):

> O Cara Pintada foi fruto de uma inquietação minha. Como eu me dedicava muito ao teatro infantil, comecei a me



A Incrível Viagem

angustiar porque algumas pessoas faziam espetáculos para crianças por fazer, sem a necessidade de saber mais sobre essa linguagem específica. Daí, no final de 1984, juntei um grupo de pessoas interessadas e ficamos durante nove meses estudando o teatro infantil numa sala do Teatro de Santa Isabel. A cada semana, uma pessoa do grupo ficava responsável por ministrar uma oficina daquilo que sabia fazer. Por exemplo, Zorka Welkovic deu uma oficina de barro; Fábio Caio, que estava começando a "viajar" no teatro de bonecos, nos orientou nesse sentido, ou seja, depois de tantas experiências, todos, claro, quiseram montar um espetáculo, mesmo sem termos dinheiro algum. Carla Denise foi quem nos apresentou esse texto de Doc Comparato, "A incrível viagem", que conta a história de uma brisa que, por ser transparente, resolve deixar de ser o que é e ganhar uma cor. Além de divertida e poética, a peça é didática também, porque traz informações sobre o corpo humano. Bom, como eu era o mais velho do grupo, até em termos de experiência no teatro mesmo, sobrou para mim a direção do espetáculo. (...) Com o apoio da Fundarpe, o figurino foi todo feito de cetim, porque era mais barato; e o cenário foi pensado por Marcondes Lima, usando papel crepom, cetim e papelão, com ele e Fábio Caio executando. O resultado foi uma montagem muito bonita, com uma temporada legal no Teatro Joaquim Cardozo. (...) Deu tão certo que fizemos uma segunda temporada, desta vez no Teatro de Santa Isabel, numa co-produção da Circus Produções Artísticas e Cristiano Lins, indo muito bem também lá. Em 1991, com figurinos do saudoso Uziel Lima, fizemos uma nova montagem, não mais com o elenco do Cara Pintada e com produção única de Cristiano Lins. Edivane Bactista até participou desta vez e ganhou o prêmio de atriz revelação de teatro infantil do ano.

No Teatro Apolo, com vinte sessões prestigiadas pelo público, a peça *Draculin e o Circo no Espaço*, texto de Moisés Neto, também marcou a 1ª experiência deste dramaturgo na área infantil após ganhar um prêmio da Fundação de Cultura Cidade do Recife para a montagem da obra. A realização era da Ilusionistas Corporação Artística, com Moisés Neto, Simone Figueiredo, Buarque de Aquino e Adeilson Amorim (Chocolate) à frente da produção executiva. A direção, cenário e figurinos foram de Buarque de Aquino, com trilha sonora ao vivo e direção

Draculin e o Circo no Espaço

sucesso, *O Pavão Misterioso*, musical de Assis Lima e Ronaldo Correia de Brito, com direção deste último e trilha sonora do parceiro Antônio Madureira, além de Antônio Carlos Nóbrega e Erickson Luna, em temporada aos sábados e domingos, às 16h30, pela Companhia Práxis Dramática, contando com atores e bailarinos (Cláudio Ferrário, Romero Andrade, Walmir musical de Gilberto Maymone. Participavam os músicos Bernardino José, George Aubert, Robson Leite, Bartolomeu Mendonça e Henrique Brito. No elenco, Moisés Neto, Ana Célia, Fernando Tavares, Simone Figueiredo, Raimundo Branco (também coreógrafo), Adriana Dória Matos, Bonifácio, Jarbas Janu, Ivone Maia, Charles Henri e Fernando Chiapetta Júnior, além da participação especial do Palhaço Risadinha (Miriam Pimentel). O enredo abordava o desejo do garoto Draculin que, morando em um satélite, num tempo futuro, sonha em montar um circo no espaço sideral.

Seu Sol, Dona Lua

Ainda em 1985, a Circus Produções Artísticas e o produtor Cristiano Lins promoveram a estreia de *Seu Sol, Dona Lua*, de Marcos Sá, com direção de José Francisco Filho e coreografias de Mônica Japiassu, em temporada no Teatro Barreto Júnior e, a seguir, no Teatro Apolo. No elenco, entre outros atores e bailarinas, Manoel Constantino, Elmar Castelo Branco e Celeste Ribas. No Teatro Valdemar de Oliveira, dois musicais voltados à criançada fizeram relativo

Chagas, Alexandre Macedo, Ana Madureira, Evandro Campelo, Tuca Andrada, Mirinha, Cibele Santa Cruz, Cláudia Meira, Ana Gabriela, Ana de Góes e Sumaia Austregésilo); e *A Ver Estrelas*, com texto, canções e direção de João Falcão, aos domingos, às 10h30, concebido especialmente a pedido do Grupo Roda Pião. As coreografias eram de Mônica Japiassu. No elenco, Bruno Garcia, Chico Accioly, Ednaldo Araújo, Fábio Costa, Fátima Aguiar, Lígia Bené, Lívia Falcão e Maria do Carmo Rossiter. O *Diario de Pernambuco* (3 de agosto de 1985) registrou a sinopse que já trazia muito bom humor e uma fantasia com foco mais para adolescentes:

> "A ver estrelas" é uma história da passagem de Jonas pelo país do navegar. Jonas é o tipo do cidadão que jamais criaria problemas para o seu vizinho. Amigo discreto, trabalhador pontual, gentil e moderado. Sempre foi assim. Até uma noite dessas, quando recebeu uma visita inesperada. Uma não. Quatro visitinhas inesperadas, inquietas e desastradas. Lógico que Jonas fez o possível para expulsar os incômodos visitantes. Não conseguiu. Pior ainda: ao primeiro sinal de desistência, o anti-herói aproveitou para sair pela janela, altas horas da noite, na trilha dos desconhecidos. Era a primeira de uma série de extravagâncias de Jonas.

A Ver Estrelas

A Volta do Camaleão Alface

Entre setembro e outubro, o Movimento Cultural da Várzea, lançado naquele ano, levou espetáculos teatrais para aquele bairro do subúrbio recifense. Entre eles, a estreia de *A Volta do Camaleão Alface*, pela Marcus Siqueira Produções Artísticas, a 10 de outubro de 1985, no Teatro Popular da Várzea. O texto de Maria Clara Machado contava com a direção do estreante Geasy Brandão, tendo o próprio no elenco, junto a Max Almeida, Mônica Holanda, Pedro Dias, Mísia Coutinho, Feliciano Félix, Antônio Moreira (responsável pelas coreografias) e Didha Pereira. Este último, assinava as músicas e figurinos, com cenários de Carmelita Pereira e maquiagem de Carlos Ramos. A direção musical era de Maneco Freviola. A partir do dia 26 daquele mesmo mês das crianças, iniciaram temporada no Teatro do Forte. O *Diario de Pernambuco* (10 de outubro de 1985) deu mais detalhes sobre a peça e as ações da equipe:

> O enredo gira em torno de uma "receita para bem-viver", levada por um avô e seus netos para os índios antropófagos do Mato Grosso. No caminho a receita é roubada pelo Camaleão Alface, misto de bruxo e vivaldino, mau caráter que vive jogando as pessoas umas contra as outras. (...) Paralelamente à temporada no Teatro do Forte, a Marcus Siqueira Produções realizará, com o apoio de entidades culturais, o I Painel do Teatro Infantil, onde através de de-

A Volta do Camaleão Alface

bates e painéis será traçado um perfil do teatro infantil, com análises de seus problemas, tendências e anseios. Entre os debatedores estarão nomes como Helena Pedra, Valdi Coutinho [substituído pelo diretor Geasy Brandão], Carmelita Pereira, Nazareno Petrúcio, Suzana Costa e José Ramos, abordando os seguintes temas: A Linguagem (...); Linguagem Musical (...); Cenografia (...); direção (...); caracterização de personagens (...); formas de divulgação e produção de um espetáculo infantil (...). "Os debates, informa, ainda, Didha Pereira – que serão iniciados sempre às 17:30 horas dos sábados, logo após a apresentação do espetáculo, têm por finalidade a elaboração de um documento em forma de cartilha, apostila ou livro, que retrate um perfil da "realidade do fazer teatral infantil no Estado". Com isso, – enfatiza – os que fazem o MSPA acreditam estar contribuindo para melhorar o nível dos espetáculos infantis pernambucanos, oferecendo subsídios para que pesquisadores, estudiosos, educadores e produtores culturais reflexionem em busca de melhores momentos para esta arte tão relegada".

A Volta do Camaleão Alface passou, em dezembro, a cumprir temporada no Teatro Apolo até janeiro de 1986. Ainda em outubro, o Recife recebeu mais uma visita de equipe teatral com atenção à criança, o Teatro da Juventude do Rio de Janeiro, que voltou à capital pernambucana para apresentar, em duas sessões, no Teatro Valdemar de Oliveira, o espetáculo infantil *A Onça e o Bode*, de Luiz Arthur e Carlos Abel, com a participação dos próprios autores e de Leda Amaral e Marcelo Dusi. "Estamos procurando, através desta lenda indígena (...) jogar com as características sentimentais dos bichos e mostrar um caminho que a criança vai compreender com inteligência e sensibilidade", disseram os autores em entrevista ao jornalista Valdi Coutinho, no *Diario de Pernambuco* (19 de outubro de 1985).

A Onça e o Bode

O ano também marcou a realização do I Seminário Estadual de Artes Cênicas, de 10 a 14 de junho, no auditório da Celpe, no Recife, numa promoção da Associação Profissional dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões do Estado de Pernambuco, Associação dos Produtores Teatrais de Pernambuco, Conselho Pernambucano de Dança e Federação de Teatro Amador de Pernambuco, entidade que, naquele ano, também promoveu discussões com a classe teatral no Projeto Teatro Em Arena, e finalmente ganhou sede na Casa 52, do Pátio de São Pedro, sob os auspícios da Fundação de Cultura Cidade do Recife. A Prefeitura do Recife, inclusive, com a inauguração do aguardado Teatro Barreto Júnior, no bairro do Pina, construído a partir das ruínas

do antigo Cinema Atlântico e divulgado erroneamente como o 1º da Zona Sul (já existiu o Teatro Boa Viagem antes), desafogou as pautas das outras casas de espetáculos. Foi o Mamulengo Só-Riso quem teve a honrar de pisar naquele palco pela 1ª vez, no dia 30 de dezembro de 1985, com o espetáculo adulto *Festança*.

Ainda em 1985, vale lembrar que no Teatro do Cecosne foi apresentada a peça infantil para bonecos, *A Minhoca de Sete Cabeças no Reino de Maravilha*, com texto e direção de João Denys (ele, Manuel Carlos e Paulo Germano no elenco, entre outros); e que o grupo Panorama Teatro, oriundo do bairro de Campo Grande, também lançou a peça *Pulem! O Barquinho Vai Afundar...*, com texto e direção de Sérgio Barbosa, artista que voltou no tempo em seu depoimento no livro *Memórias da Cena Pernambucana – 03* (op. cit., p. 87-88.).

A Minhoca de Sete Cabeças no Reino de Maravilha

No elenco de "Pulem! O barquinho vai afundar..." estavam Paulo de Pontes fazendo o marinheiro Curió Besteira e Cleusson Vieira, o Espingarda Velha; Célio [Pontes] no papel do Corvo Dourado; Itamira [Andrade] vivendo a bruxa Mamby; e eu como o Capitão Valente. Devido a Censura, a peça foi reescrita três vezes porque acharam que havia uma analogia entre o capitão do barco e o presidente do Brasil. Na realidade, o texto traz uma mensagem bonita sobre

Pulem! O Barquinho Vai Afundar

a importância da beleza interior. Não tinha nada a ver com a questão política do país. Para vocês verem quantos trabalhos foram censurados indevidamente em função da mentalidade de alguns censores! Nossa temporada aconteceu no Teatro do Sesc de Santo Amaro, aos domingos de manhã e fizemos apresentação também na Igreja de Cajueiro.

A peça contou ainda com cenário de Cleusson Vieira; figurinos, maquiagem e iluminação de Célio Pontes e, como atores substitutos, Ivaldo Cunha Filho e Sebastião Silva. No Tebo, o Teatro Popular da Várzea levou o prêmio de Melhor Espetáculo Infantil, com a peça *Plano de Ficar*, vencedora ainda do título de Melhor Ator (Luiz de França). À frente do Grupo de Teatro do Sesc, José Manoel ganhou como Melhor Diretor por *Passageiros da Estrela*: *Será Que Vale a Pena Falar de Amor?*, com Ivone Cordeiro sendo também premiada como Melhor Atriz. Ao final daquele ano, curioso é perceber o esquecimento do teatro para crianças na retrospectiva feita por Valdi Coutinho para o *Diario de Per-*

nambuco (31 de dezembro de 1985), momento em que o Brasil recebeu a Nova República e percebeu a ação também política da classe teatral. No entanto, de acordo com ele, a produção teatral "primou pelo bom comportamento, sem maiores ousadias estéticas".

No ano seguinte, se não foi um momento de tantas estreias, discussões políticas intensas marcaram 1986, tudo por conta da possibilidade de promulgação da Constituinte. A Feteape, desde janeiro, promoveu debates, oficinas, encontros e exibição de filmes, com grande culminância na Mostra de Teatro Popular, acontecida em dezembro. Tanto que Valdi Coutinho lembrou no *Diario de Pernambuco* (15 de dezembro de 1986):

> As entidades populares, os sindicatos e associações, os estudantes, os civis, os artistas, não podem ficar distantes de um dos temas mais importantes do momento, a Constituinte, que será o marco divisor entre o passado e o futuro do nosso País. Assim, a Federação do Teatro Amador de Pernambuco, Feteape, não quer deixar cair no esquecimento este tema, depois das eleições, e realiza o projeto "Vamos Teatralizar a Constituinte", através da sua diretoria de Teatro Popular. Debates, filmes, oficinas e encontros estão sendo realizados, desde janeiro passado, e continuarão até o final do ano. No período de 15 a 23 do corrente, em frente à Igreja de Nossa Senhora do Carmo, a Feteape realizará a Mostra de Teatro Popular, com espetáculos diários (...) hoje – Grupo Pé de Vento, com "Um barco chamado Brasil"; amanhã – São Dimas, com "Constituinte sim, tem que dar certo"; dia 17 – Vem Cá Vem Vê, com "Consta na Constituição"; dia 18 – Temático Drama – "O sonho iluminado da terra onde nasci"; dia 19 – Teimosinho – "Cidadania"; dia 20 – Cênico Liberdade, em "Lisarb"; dia 21 – Despertar, com "Despertando a Constituinte"; dia 22 – Babel, com "Decepção, outra vez"; e dia 23 – Mais Um, com a peça "Consti, cadê Tuinte?".

Como no início do ano algumas casas de espetáculos foram alagadas, o Teatro do Parque sofreu ainda mais com a queda de parte de seu teto e fechou para reforma. A sorte foi a inauguração do Teatro Barreto Júnior, cujo 1º espetáculo a cumprir temporada por lá foi o infanto juvenil *A Ver Estrelas*, do Grupo Roda Pião, lançando o ousado horário das 18h30. A peça recebeu curiosa observação do crítico Valdi Coutinho no *Diario de Pernambuco* (25 de janeiro de 1986):

> Depois de uma bem-sucedida temporada de três meses no Teatro Valdemar de Oliveira, está de volta inaugurando o Teatro Barreto Júnior, em Boa Viagem, o espetáculo "A Ver Estrelas",

A Ver Estrelas

musical infanto-juvenil de João Falcão (...) A peça, através da fantasia, busca dar uma dimensão do que é o destino, o inesperado, o que pode enfim acontecer na vida das pessoas, sem que elas tenham tempo de se dar conta do que ocorre. Inclusive, nela se cria um clima bastante curioso em relação às demais peças infantis. As crianças também participam da encenação, mas de uma maneira diferente, com o intelecto. Não há participação física, porque o teatro em si é que as estimulas e não as brincadeiras geralmente inerentes a espetáculos deste gênero. Em silêncio total, atentas a tudo o que se passa no palco, elas vão desenvolvendo o seu sentido crítico e entendendo que aquele é um trabalho criado ensaiado e representado por aquelas pessoas que ali estão e que são atores.

Das estreias para a infância, 1986 foi o ano de lançamento de uma outra ousadia, a peça *Urânia no Rastro do Halley*, com texto e direção de Augusta Ferraz, parceria da Ilusionistas Corporação Artística com a Papagaios Produções Artísticas, surgida em maio de 1986 e que cumpriu dois meses de temporada no Teatro Valdemar de Oliveira, aos sábados e domingos, às 16h30, "mostrando às crianças um pouco da mitologia e da simbologia mística pesquisados pela autora, tendo como ponto de partida a obra do astrônomo francês, Camille Flammarion", revelou o *Diario de Pernambuco* (5 de julho de 1986). No elenco, Paulo Barros (Vidraceiro, Momo e Samyasa), Henrique Amaral (Camille), Vládmir Combre de Sena (Fobos, o Medo), Henrique Rodrigues (Marte e o amigo Spero), Fátima Barreto (Vênus e Ftonos), Gilberto Brito (Halley, Cupido e Harmonia), Magdale Alves (Urânia Celeste), Moisés Neto (o invisível Deimos, o Pavor) e Augusta Ferraz (os dois últimos com voz em *off*). Também ousando, a Aquarius Produções Artísticas, na produção executiva de

Urânia no Rastro do Halley

Cegonha Boa de Bico

Em cena, existia um bico enorme de cegonha e de dentro dele saía Otacílio Júnior, que é ator e bailarino, dando cambalhotas, vestido como um bebê. O fantástico é que o bico, ao final, transformava-se num grande avião e a cenografia ainda contava com referências ao útero e às trompas de falópio. Essa peça ocupou o Teatro de Santa Isabel e depois foi para o Teatro Valdemar de Oliveira, curiosamente, cumprindo nove meses de temporada, o período de uma gestação.

Regina Trindade, lançou *Cegonha Boa de Bico*, texto de Marilu Alvarez que trata da educação sexual na infância. A direção ficou com José Manoel, que convidou a dupla Fábio Costa e Américo Barreto para cuidar dos cenários, figurinos e adereços impactantes. No elenco, Eduardo Trindade, Amália Trindade, Cira Ramos, Otacílio Júnior, Bóris Trindade Jr. (Borica), Anália Cavalcanti e Mário Antônio Miranda. Mesmo sem participação na montagem, o também ator Aramis Trindade, com a família toda envolvida, lembrou desta iniciativa durante entrevista no Projeto Memórias da Cena Pernambucana (4 de agosto de 1998):

Também surgiu *Opereta Para os Mais Pequenos*, texto de Vera Fróes, com adaptação de Romildo Moreira (responsável ainda pela confecção de figurinos, bonecos e adereços), sob direção de José Manoel em mais uma realização da TTTrês Produções Artísticas. As coreografias eram de Amélia Conrado, com músicas

Opereta Para os Mais Pequenos

de Ediel Guerra e figurinos de João Neto. No elenco, Otacílio Júnior, Ana Montarroyos, Romildo Moreira, Mano Alves e Edjeso Ferreira. Com repercussão no Teatro de Santa Isabel, de outubro a dezembro foi a vez da peça *A Incrível Viagem*, do grupo Cara Pintada, dirigida por Manoel Constantino, agora sob produção de Cristiano Lins e a Circus Produções Artísticas. A montagem revelou a fantasiosa obra de Doc Comparato ao público, uma viagem pelo corpo humano a partir de uma brisa (o então estreante ator Fábio Caio) que quer ter cor. A jornalista Fernanda d'Oliveira, no *Diario de Pernambuco* (1 de dezembro de 1986), deu mais detalhes sobre o enredo:

> A sinopse de "A Incrível Viagem" conta que Brisa é revoltado por não ter uma cor e sai numa viagem incrível pelo mundo, aconselhado por Dona Nuvem a buscar sua identidade. Brisa vai parar numa horta onde conhece o verde – senhor Alface, animadamente conversando, porém, Brisa descobre que o verde é uma cor parada, embora inteligente. Deglutidos por um garoto, Joãozinho personagem imaginário, Brisa e seu Alface vão parar no estômago e lá conhecem Kida e Kida Soluço. Seu Alface, apaixonado por uma uvinha verde, vai ao encontro dela e Brisa fica envolvido com os cálculos de Kida e Kida Soluço. Mas, apavorado pelo escuro, resolve procurar outra cor. É quando Brisa encontra os vermelhos, batalhadores do estômago. O vermelho é uma cor agitada e Brisa logo cansa. Vai, então, falar com Seu Coração; está cansado e não quer mais ficar no corpo do Joãozinho. É mandado para Dona Pelo e, com a romântica Pele Amarela, descobre que tem uma maneira toda especial de parecer e que foi um tolo todo o tempo, buscando uma cor. Desesperado, ele tenta a ajuda de Dona Nuvem para voltar aos céus. Atendido em seus anseios, ele retorna á (sic) sua condição inicial, satisfeito por ter aprendido muitas lições e ter de presente, para todo mundo, sua última descoberta. Soprando, soprando, ele distribui para todos o arco-íris – a junção de todas as cores.

A Incrível Viagem

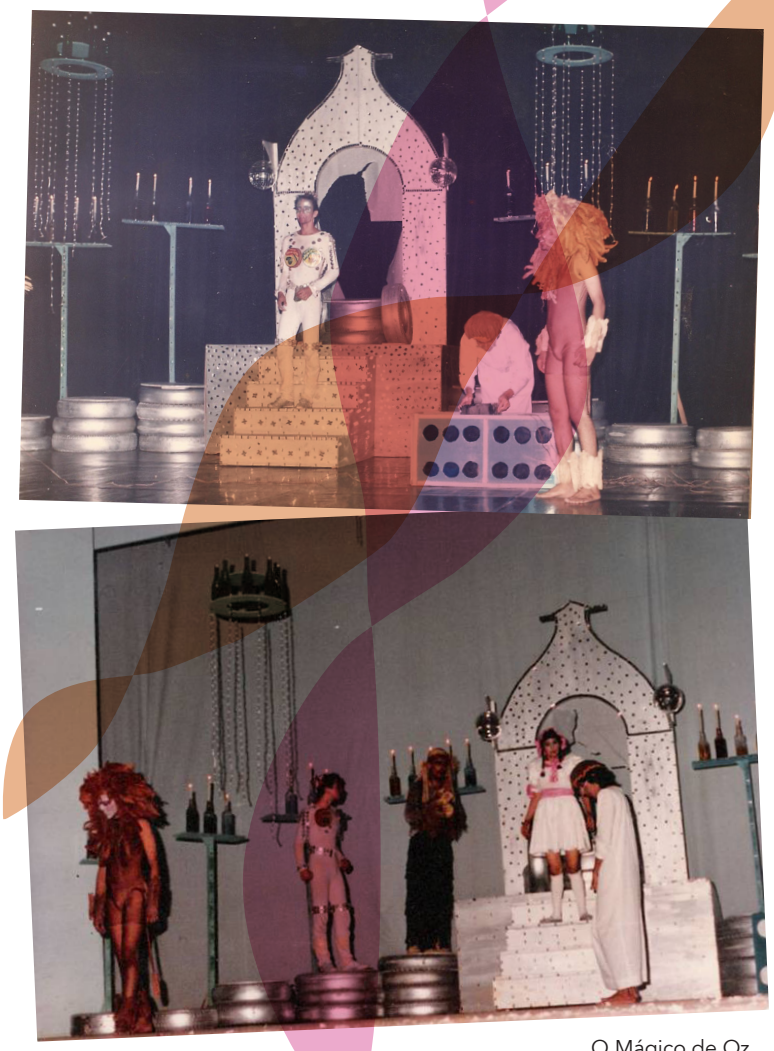
Outra equipe que estreou trabalho novo, a partir de maio, no Teatro Barreto Júnior, foi a Marcus Siqueira Produções Artísticas com *Papo de Anjo*, de Ricardo Filgueiras, sob direção de João Cavalcanti. No elenco, Didha Pereira, Carmelita Pereira, Jô Santana, Patrícia Penélope (com apenas treze anos), Judilson Dias, Beto Lima, Juraci Vicente, Mônica Holanda, Jorge Costa, Ademir Trajano e Rick Nascimento. A montagem era uma brincadeira satírica em cima dos "donos do saber", os cientistas, partindo da história da personagem Gabriel, que sonha em ser anjo da guarda e se torna invisível. Já o Panorama Teatro também aumentou seu repertório com *O Circo de Seu Bolacha*, com cenário, figurinos e maquiagem de Célio Pontes. No elenco, o trio Sérgio Barbosa (também diretor), Paulo de Pontes e Cleusson Vieira. Este último revelou no livro *Memórias da Cena Pernambucana – 03* (op. cit., p. 89.): "(...) em uma semana, produzimos *O Circo de Seu Bolacha*, texto infantil de Paulo de Oliveira Lima. Só fizemos apresentações

O Mágico de Oz

pelo interior porque, na época, a peça era um grande sucesso da Aquarius Produções Artísticas no Recife".

Outra grande realização daquele momento foi *O Mágico de Oz*, de Frank Baum, pela Dramart Produções, que permaneceu por oito meses em temporada no Teatro Valdemar de Oliveira, aos domingos, às 10h30, com direção de José Manoel iniciando sua parceria de anos com o diretor musical José André (André Filho), na época junto ao compositor Carlos Borges. Os cenários, figurinos e adereços foram de Carlos Lira, com grandes gastos de produção. No elenco, Margarida Meira, Jan Oliveira (substituído por Paulo de Pontes), Flávio Santos, Célio Pontes, Rudimar Constâncio, Verônica Alencar, Socorro Rapôso, Fátima Campos, Ivone Cordeiro, Romildo Manoel, Alexandre Lauro, Isolda (Tuca) e Amélia Conrado (as duas últimas, bailarinas convidadas). Com muitas boas lembranças, a protagonista da peça, Margarida Meira, tratou desta experiência no livro *Memórias da Cena Pernambucana – 02* (op. cit., p. 43-44.):

Estreamos "O mágico de Oz" no Teatro Valdemar de Oliveira, em maio de 1986, espetáculo que eu tinha muita vontade de fazer porque vi uma montagem em Belo Horizonte, em 1983, da qual Socorro participou, e logo depois li o livro, assisti o filme e fiquei encantada com a obra de Frank Baum. Adoro a canção-tema e sugeri como novo trabalho à Dramart. Como já tinha feito a Pomba-Rolinha em "Cantarim de cantará" e cantava bastante no espetáculo, José Manoel me escolheu para interpretar a menina Dorothy. Claro, por eu ser também pequenininha. (...) Ainda em 1986, com "O mágico de Oz", a Dramart participou pela 1ª vez de um festival de teatro, em São José do Rio Preto, São Paulo, no 2º Festival Nacional de Teatro Amador Infantil. Foi uma experiência muito dramática porque os debates lá são terríveis. Competimos com grupos fantásticos, mas nos saímos bem, conquistando o prêmio de melhor concepção de cenário, figurinos e adereços para Carlos Lira que, infelizmente, não pôde viajar conosco. Ganhamos também o prêmio de melhor espetáculo infantil pelo júri popular. E apesar da tensão, foi super gratificante. O interessante em "O mágico de Oz" é que eu fazia o papel de uma menina de mais ou menos oito a nove anos, mas não me sentia velha, não. E acho que fiz bem porque as crianças subiam ao palco ao final do espetáculo e me perguntavam minha idade. Eu sempre dizia a verdadeira – que não vou revelar agora – mas elas ficavam duvidando de mim. Claro que tinha toda uma caracterização, mas eu me sentia realmente uma criança. Não tinha dúvida disso.



O Mágico de Oz

Ao final do ano, o crítico Valdi Coutinho lembrou da montagem no *Diario de Pernambuco* (13 de dezembro de 1986):

> "O mágico de Oz", um dos espetáculos infantis mais bem-sucedidos deste ano, com alguns prêmios obtidos em festivais e vários meses em cartaz, está fazendo suas despedidas do público pernambucano. Assim, quem ainda não viu poderá fazê-lo, amanhã, às 10 horas, no Teatro Valdemar de Oliveira. Reunindo um numeroso elenco, sob direção de José Manoel, a Dramart conseguiu em "O mágico de Oz", realizar um espetáculo da melhor qualidade para crianças e adolescentes.

Foi finalmente no ano de 1986 que a Feteape anunciou a 2ª edição do Projeto Criança, ou seja, três anos depois do 1º, com a promoção de oficinas com os dramaturgos Clemente Lizanas, Alcino Ferreira, Ilo Krugli, Bia Lessa e João das Neves. A iniciativa em seu Ano II contava com o patrocínio do Instituto Nacional de Artes Cênicas, Fundarpe e Fundação de Cultura Cidade do Recife e tinha como objetivo de conclusão a montagem dos três melhores textos surgidos durante as oficinas. A coordenação era de Didha Pereira, José Manoel, Normando Roberto Santos, Edilton Júnior, Ana Montarroyos e Amaury Santos. A discussão sobre o teatro para a infância era tão latente, que, paralelamente, a Associação Profissional dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões no Estado de Pernambuco (Apatedepe), com apoio do Inacen e Fundarpe, programou o I Seminário Recifense de Teatro Para a Infância, de 11 a 14 de setembro, no auditório do Senac, tendo como comissão organizadora Augusta Ferraz, Carlos Carvalho, Fátima Barreto, Henrique Amaral, Íris Salvador, Paulo de Castro e Vládmir Combre de Sena. O *Diario de Pernambuco* (2 de setembro de 1988) deu mais detalhes:

> Iniciar a discussão em torno dos temas do interesse dos que participam da produção teatral e fazem teatro para a infância, é o objetivo geral do seminário, que reunirá dramaturgos, educadores, psicólogos, encenadores, atores e técnicos que debaterão, entre outros assuntos, a linguagem da infância, o que é ser criança e a dramaturgia e encenação da área. Já confirmaram presenças como debatedores e expositores, o diretor da Associação Paulista de Teatro Para a Infância e Juventude – Zeca Capellini, o encenador e dramaturgo João das Neves e o diretor artístico Marco Antônio Rodrigues (...). Do Recife, estarão presentes o psicólogo e dramaturgo Antônio Guinho ("Hipopocaré, o rei da galhofa"), os educadores Ângela Serpa, Helena Pedra, Marco Camarotti, além de entidades como a Associação Nordestina de Arte-Educadores, Federação do Teatro de Pernambuco e o Teatroneco, do Cecosne.

Ainda em setembro, com a promoção do I Festival de Humor do Recife, realizado pela Fundação de Cultura Cidade do Recife, sob coordenação e curadoria do cartunista Lailson, o Mão Molenga Teatro de Bonecos participou da competição teatral com *A Escolha de Sufia*, aproveitando "que o teatro de bonecos é, por excelência, crítico e escrachado, e durante os vinte minutos do nosso espetáculo, nada escapou", brincou o ator e bonequeiro Fábio Caio durante entrevista ao Projeto Memórias da Cena Pernambucana (27 de outubro de 1998). Ele dividia a cena, texto e direção com os bonequeiros Marcondes Lima, Fátima Caio e Carla Denise. Esta última descreveu no livro *Memórias da Cena Pernambucana – 03* (op. cit., p. 189-190.) a divertida proposta da "piada teatral" que fizeram:

> A trama era a seguinte: Fanhoso resolve montar uma versão de "Romeu e Julieta" e aproveitávamos isso para fazer um escracho com a situação de quem trabalha com os códigos teatrais. A Cia [nome de uma personagem] interpretava a Julieta porque já tinha tido experiências como atriz no cinema. Nessa época, Ruy Guerra tinha filmado "Kuarup" aqui e a comunidade artística inteira se engalfinhou para participar. A estréia foi no cinema Art Palácio, com todos felicíssimos em conferir o filme e se ver. Só que poucas pessoas apareceram, muito rapidamente. Mas a Cia estava no filme! Lembram da cena com a Cláudia Raia nua, na beira de um rio, segurando um ovo? A Cia era o ovo!

Descritivo, Marcondes Lima emendou no mesmo livro:

> A peça era repleta de piadas e brincava com situações que aconteciam em algumas produções teatrais recifenses como, por exemplo, as dificuldades de elenco, os tropeços nos ensaios, um figurino que não fica pronto no dia da estréia. É tanto que o Romeu do Fanhoso vinha vestido de cangaceiro, com roupas emprestadas do TAP, e a Julieta como a Scarlett O'Hara, usando um boá de penas cor-de-rosa! Os dois utilizavam ainda uma faca imensa para se matar, a única arma existente ali. Quando finalmente estavam "mortos", sentiam algo lhes fazendo cosquinha nos pés. Era a maravilhosa Sufia, uma barata enorme, duas vezes o tamanho dos bonecos, surgindo ao som de "Assim falava Zaratusta" e anunciando que já estava tomando conta do teatro.

Com ainda mais humor, Carla Denise não deixou por menos ao término da história:

> Aquela era uma previsão do que iria acontecer com muitos teatros da nossa cidade... Bom, como o festival era competitivo, recebemos três indicações: melhor montagem, texto e interpretação. Não do Fábio, mas, do boneco Fanhoso, concorrendo com Júnior Sampaio, Augusta Ferraz e Valdi Coutinho em pé de igualdade. Vejam como

A Escolha de Sufia

> o velhinho é bom! Mas não deixaram o boneco ganhar. Só levamos o prêmio de melhor texto.

Também podiam ser vistos nos palcos *O Circo da Fantasia*, com texto e direção de Rivaldo Casado, aos sábados à tarde, no Teatro do Sesc, mesmo palco que recebia, aos domingos à tarde, *No País dos Prequetés*, de Ana Maria Machado, com direção de José Manoel, pelo Grupo do Sesc Recife; *A Minhoca de Sete Cabeças no Reino de Maravilha*, com texto e direção de João Denys, e *Ludoteca*, programa com teatro de bonecos, Circo da Fantasia, recreação, boneco gigante e sorteios (com sessões para empresas e escolas, inclusive), produções em cartaz no Teatro do Cecosne; ou ainda *Brincando Com as Estações*, texto e direção de Antônio Ribeiro Leite, pelo Grupo Fox, aos domingos à tarde, no Teatro do Forte. Retornando à cena em novembro, desta vez no Teatro Apolo, o espetáculo *O Baile do Menino Deus*, da Companhia Práxis Dramática foi referendado por Valdi Coutinho no *Diario de Pernambuco* (27 de dezembro de 1986):

> Trata-se de um espetáculo belíssimo, que transpira o clima de esperança, fraternidade, renovação, infância e amor desta época do ano. E recupera toda a emoção e a beleza do bumba-meu-boi, do maracatu do reisado, das danças, dos ritmos e cantos populares. "O baile do menino Deus" é um auto de Natal acontecido no Reino do Nordeste, à luz de nossa cultura.

No finalzinho de 1986, a Associação dos Empregados da Fundação Joaquim Nabuco promoveu, na Sala Roquette Pinto, o Natal dos filhos dos seus servidores. Entre as atrações programadas, a exibição da peça *O Pequenino Grão de Areia*, de João Falcão, pelo Grupo Gente Grande. No elenco, Bruno Garcia, Lívia Falcão, Alexandre Uchôa, Alexandre Alencar, Xico Ribeiro, Cybele Cruz e Tuca Andrada (participação especial). E após dois meses em cartaz no Teatro Barreto Júnior, a revista infanto juvenil *Banana Split (Uma Viagem ao Mundo do Faz de Quantas Vezes Quiser)*, com texto e direção de Roberto Costa e Jô Ribeiro, pelo Grupo Bolinha e Jô Ribeiro Produções Artísticas, da cidade do Paulista, encerrou temporada naquela casa de espetáculos. No enorme elenco, além dos dois produtores, Carmen Alves, Joelma Alves, Mônica Vilarim, Edílson Rygaard, Jeison Wallace, Lene Ribeiro, Rogério Batista, Helena Hoffman, Clyzoneide Oliveira, Sandro Moretti, Edna Batista, Ailza Gonçalves, Túlio Nery, Hermógenes Sentanine e as atrizes mirins Priscila Vilarim, Ciinha Costa e Paula Pereira, entre outros. Roberto Costa deu depoimento ao *Diario de Pernambuco* (28 de dezembro de 1986) sobre esta experiência de uma revista para crianças (que foi à cidade de Caruaru, sem público algum, e resultou na criação da montagem adulta *Salve-Se Quem Puder!*):

Banana Split

> "Banana Split" tem músicas, piadas, efeitos de luz, números de dança e de dublagem. No espetáculo, duas homenagens especiais, num quadro dedicado a Charles Chaplin e Elis Regina. Segundo o autor e diretor Roberto Costa a idéia foi conquistar um público jovem que não tem maiores opções em termos artísticos para a tarde dos sábados e domingos. E revela: – É um trabalho inovador, pois trata-se da primeira revista infanto-juvenil realizada no Recife. Os ingredientes são os mesmos utilizados em revistas para adultos. Fartos cenários, escadarias, números musicais, luxuoso guarda-roupa, humor e lindas garotas. A nossa intenção foi equilibrar o espetáculo para que a criança pudesse curti-lo e entendê-lo, através do visual, mas também o adolescente e até mesmo o adulto encontrasse nele elementos atrativos do texto leve e divertido, das situações bem-humoradas. (...) Ao final da temporada, o produtor Roberto Costa acha que a experiência valeu a pena: – Embora o público não tenha comparecido em número suficiente para cobrir os altos investimentos feitos num gênero de caráter experimental, estamos felizes pelos resultados alcançados (...) O público gostou e aplaudiu. Vamos partir para outro espetáculo, no mesmo gênero.

Naquele momento também acontecia uma Campanha de Popularização do Teatro, patrocinada pelo Ministério da Cultura, Fundarpe e Secretaria de Planejamento da Presidência da República, com a promoção local da Associação dos Produtores Teatrais de Pernambuco, sob a presidência de Astrogildo Santos. A profusão de peças era tanta, que a Coordenadoria de Artes Cênicas da Fundação de Cultura Cidade do Recife anunciou que recebeu mais de cinquenta pedidos de pauta somente para o 1° semestre de 1987. O jornalista Valdi Coutinho brincou no *Diario de Pernambuco* (23 de dezembro de 1986):

> O difícil, então, será a distribuição dos espaços de modo a atender a todos. (...) O fato de mais de 50 grupos e companheiros desejarem pauta para o primeiro semestre de 1987 é alentador. Demonstra que, apesar do crescimento e do monopólio de algumas produtoras – poderosas demais para domínio dos meios de produção – os pequenos grupos (amadores, experimentais ou mesmo profissionais) insistem, resistem, persistem. Denota a vitalidade do nosso movimento teatral. Importante é que Deus ilumine a comissão seletiva para não cometer injustiças e arrumar um lugarzinho para todos.

Também foram divulgados novos cinco textos para teatro infantil, entre os vários que surgiram durante a oficina de dramaturgia coordenada pelo dramaturgo e psicólogo Antônio Guinho, no Projeto Criança Ano II, da Feteape: *Brincar de Brincar*, de Ednaldo Oliveira; *Por Que Ficar Triste?*, de Ana Montarroyos; *É Feio Mentir?*, de Carmelita Pereira; *No Meu Quintal é Assim*, de Normando Roberto Santos; e *O Paraíso é Azul?*, de Didha Pereira (único que ganhou os palcos anos mais tarde). Em Caruaru, uma outra obra vinha fazendo sucesso, *O Recado do Verde*, de Erenice Lisboa, com direção de Severino Florêncio, pelo Grupo de Teatro do Sesc Caruaru, com os atores Manoel Araújo, Josinaldo Venâncio, Welba Sionara, Valdemar Oliveira, Prazeres Barbosa, Severino Florêncio e Maria Alves. O jornalista Valdi Coutinho lembrou no *Diario de Pernambuco* (29 de dezembro de 1986):

> Dois anos em cena, com apresentações em Caruaru e participações na I Mostra de Teatro de Garanhuns, V Tebo, no

Dom Chicote Mula Manca

ver o debate em torno da Constituinte. Já na edição do Tebo 1986 foram premiados na categoria infantil: *Dom Chicote Mula Manca*, com a Matriz Corporação Artística, como Melhor Espetáculo (com texto de Oscar Von Pfuhl, a peça cumpriu temporadas no Teatro Apolo e Teatro Barreto Júnior naquele ano), levando ainda os troféus de Melhor Diretor (Amaury Santos), Melhor Ator (Paulo de Pontes) e Revelação Masculina (Edílson Rygaard). Ainda no elenco, Roberto Costa, Edinaldo Ribeiro, Jeison Wallace, Mônica Vilarim, Elaney Acioly, Kátia Cristina e Ségio Rally. Isabel Concessa ganhou como Melhor Atriz por *Uma Pitada de Sorte*, da Gestus; e Patrícia França, em sua estreia no teatro, ficou com o título de Revelação Feminina por *A Menina Que Queria Dançar*, do Haja Teatro, peça que chegou a ocupar o palco do Teatro de Santa Isabel naquele ano, sob direção de Ilza Cavalcanti e texto de Marcelino Freire. Ainda no elenco, Rosana Santos, Sílvia Almeida e George Silva.

A Menina Que Queria Dançar

Recife, XXI Festival de Inverno de Campina Grande, projeto Vamos Comer Teatro (Arcoverde), temporada em Riacho das Almas, e o espetáculo ainda está em cartaz, sábados e domingos, às 16h30m, no Teatro João Lyra Filho, em Caruaru. São as últimas apresentações de "O recado do verde", que seguirá para o Festival de Teatro de Salvador, Bahia, no início de janeiro.

Sob nova gestão de Teresa Amaral, a Federação de Teatro de Pernambuco deu continuidade à interiorização da produção e cuidou de promo-

Ainda em 1986, a administração do prefeito Jarbas Vasconcelos foi elogiada pela gestão democrática da Fundação de Cultura Cidade do Recife, com uma espécie de conselho representativo junto à Feteape, Apatedepe, Associação dos Produtores Teatrais de Pernambuco, Conselho Pernambucano de Dança e Associação Brasileira de Teatro de Bonecos (Regional de Pernambuco). Dos destaques entre as peças adultas do período, vale ressaltar *Woyzeck*, *O Santo Inquérito* e *O Drama das Camélias*. A imprensa alardeou que já se considerava tamanho o nível de qualidade das produções locais, que o Inacen elegeu Pernambuco como 3° polo de produção teatral brasileira naquele ano. Artistas como Fernanda Montenegro, Regina Duarte e Paulo Autran apelaram para que o público prestigiasse com o mesmo entusiasmo os espetáculos locais. O fato é que as plateias cresceram. E quase no término do ano, o Ministério do Trabalho aprovou carta sindical da Associação dos Profissionais e Técnicos em Espetáculos de Diversões Artísticas de Pernambuco, o que possibilitou a criação do Sated/PE, em 1987. A partir daí, novos padrões de relacionamento profissional surgiram.

Com a grande procura por pauta nos teatros, o ano de 1987 representou um dos momentos de maior produção para a infância. Em março, o produtor Cristiano Lins estreou a peça *O Dragão e a Princesa*, em cartaz no Teatro Apolo, aos finais de semana, às 16h30. Com texto de Vic Millitello e direção de Edgard Franco, a obra era ambientada num reino medieval, com direção musical de Henrique Macedo, coreografias de Bernot Sanches, figurino de Eduardo Portela e cenografia de Edgard Franco e Cristiano Lins. No elenco, Henrique Amaral (Príncipe), Inácio Falcão (Punk), Alexandre Alencar (Dragão), Alexandre Uchoa (Rei), Xico Ribeiro (Punk), Fernanda Ayres (Princesa) e Ana Paula Martins (Ama). O *Diario de Pernambuco* (08 de março de 1987) registrou o enredo:

> De autoria de Vic Millitello e sob a direção de Edgard Franco, a peça se passa num reino medieval, cujo príncipe para poder desposar uma princesa teria que salvá-la das garras do terrível dragão. Entretanto, a princesa, que tem idéias bem avançadas para o seu tempo, não deseja se sujeitar a ser salva. Prefere ela mesma domar o dragão. E na tentativa de preservar aquilo que seria o último de sua espécie, ela recusa inúmeros pretendentes, fortes e audazes, e termina por apaixonar-se por um príncipe franzino, frágil e, acima de tudo, filosófico.

A peça *A Incrível Viagem*, de Doc Comparato, pelo grupo Cara Pintada, com direção de Manoel Constantino, participou do Projeto Brincriando, da Moreno Eventos Culturais, que começou em março no Circo Voador, sempre aos domingos, com apresentações de espetáculos, bandinha, bonecos e oficinas de arte. Ainda em março, a Papagaios Produções Artísticas estreou um dos seus grandes sucessos, *Mudanças no Galinheiro Mudam as Coisas Por Inteiro*, espetáculo que ganhou uma 2ª versão em 1992. A peça, em parceria com a Koy & Paity Produções Artísticas e tendo no elenco Laelson Vitorino (substituído por Moisés Neto e Manoel Constantino), Hélida Macedo, Henrique Rodrigues, Cira Ramos, Ril Gouveia (substituída por Ana Montarroyos), Simone Figueiredo e Bruno Fal-

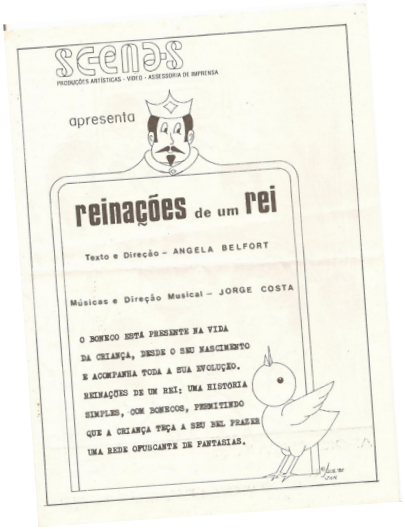
Mudanças no Galinheiro,
Mudam as Coisas Por Inteiro

Mudanças no Galinheiro,
Mudam as Coisas Por Inteiro

cone, cumpriu longa temporada, aos sábados e domingos, às 16h30, no Teatro de Santa Isabel, marcando a estreia de Manoel Constantino na equipe como diretor e produtor associado. A adaptação do texto de Sylvia Orthof foi feita por ele mesmo, que concedeu entrevista para o Projeto Memórias da Cena Pernambucana (9 de junho de 2008):

> Eu acho a história hilária. Tudo começa quando o Sol, com preguiça de trabalhar, inventa que está gripadíssimo e pede à Dona Lua Cheia para assumir o posto dele. Aí, cria-se uma confusão danada num galinheiro porque isso resulta em duas noites seguidas sem o dia no meio, ou seja, o cotidiano de todos é alterado. O resultado é uma trama divertidíssima que aborda, inclusive, a importância da emancipação da mulher. Na adaptação que fiz, criei outras duas personagens também muito engraçadas: a Dona Pata, a vizinha, papel de Cira Ramos; e a Perua Rosilda, que Simone Figueiredo fazia maravilhosamente bem, empregada da Galinha. Um dado curioso é que, quando fomos ao Festival de Inverno de Campina Grande, Simone estava coordenando a programação de teatro do Festival de Inverno de Garanhuns e não deu para ela chegar lá. Terminei, então, fazendo a Perua Rosilda, pela primeira vez assumindo uma personagem feminina! Mas foi divertido... Como essa história de Sylvia Orthof traz ingredientes para agradar muito às crianças, como a presença de um Sol preguiçoso ou um Galo atrapalhado, em 1992 fizemos uma remontagem desse mesmo texto, com mudanças no elenco. (...) Em termos da busca de linguagem que estávamos pretendendo, foi nesta peça que comecei a usar elementos muito próximos nossos, como o chitão nos figurinos, o maracatu na trilha sonora. Por isso costumo dizer que os primeiros *manguebeats* do teatro fomos nós.

No Teatro Valdemar de Oliveira, foi lançada *Viagem ao Coração da Cidade*, de Adhelmar de Oliveira (Pedro Oliveira), com direção de José Manoel, pelo Grupo de Teatro da AABB-Recife (Associação Atlética Banco do Brasil), aos domingos pela manhã, às 10h30, a partir do mês de fevereiro. No elenco, Jucélio Mesquita, Ana Cecília, Anísio Cavalcanti, Marcelino Dias, Síl-



via Paiva, Roberto Alves, Miraugusta Mesquita e Robson Araújo. Já no Teatro Barreto Júnior, ficou em cartaz *Reinações de Um Rei*, texto e direção de Ângela Belfort, com músicas e direção musical de Jorge Costa, numa realização da Scenas Produções Artísticas, "um espetáculo que reúne os diversos recursos da dramaturgia infantil, com teatro de sombras, bonecos, atores, e dançarinos", descreveu o *Diario de Pernambuco* (21 de março de 1987).

A peça fez nova temporada a partir de agosto, desta vez no Teatro Apolo, após representar Pernambuco no XIV Festival Internacional de Teatro de Bonecos, no início de julho, em Nova Friburgo, no Rio de Janeiro, "contando com boa receptividade por parte de bonequeiros do país inteiro e do exterior", destacou o *Jornal do Commercio* (7 de agosto de 1987). No elenco, Ana Maria Nogueira, Ângela Belfort, Ângela Fernanda, Jorge Costa, Marcelo Bonfim e Walber Santos. Manuel Carlos ficou responsável pela criação de bonecos, figurinos e cenários. O enredo trata de uma aposta entre um rei autoritário e um pintor muito irreverente chamado Miudinho. "Segundo a autora e diretora da peça, (...) o espetáculo pretende despertar na criança o sentimento democrático de direitos e deveres iguais para todos, com uma visão pratica e objetiva da solução dos problemas diários através da reflexão", pontuou o *Jornal do Commercio* (8 de agosto de 1987).

Outra montagem em temporada no Teatro Valdemar de Oliveira marcou o lançamento da Corau (Cooperativa de Artistas Unidos), *A Família*

A Família Ratoplan

Ratoplan, musical infantil inédito de Luiz Marinho e direção de Rogério Costa, a partir do mês de agosto e, conforme lembrou o *Diario de Pernambuco* (28 de março de 1987), "sendo prestigiado por um impressionante público, desde a sua estréia no dia 14 passado". A história se passa em um buraco de ratos de classe média. Viviam as personagens, Ana Montarroyos, Iemaney Silva, Normando Roberto Santos, Carmelita Pereira, Edinaldo Ribeiro, Marcelo Rodrigues, Conceição Barros, Tião Filho e Sóstenes Vidal, com coreografias de Eduardo Gomes. Já o Teatro Popular dos Coelhos voltou à cena com o texto do cearense Fernando Luce, *A Lenda do Boto Encantado ou 1, 2, 3... Vai Começar Tudo Outra Vez*, dirigido por Didha Pereira, com direção musical de Erickson Luna e cenários e figurinos de Carmelita Pereira. A peça cumpriu temporada aos domingos, às 17 horas, no Tea-

A Lenda do Boto Encantado

tro Popular dos Coelhos, instalado no 1º andar da Comissão Central daquele bairro. Explicou a jornalista Inês Cunha em matéria no *Diario de Pernambuco* (29 de março de 1987):

> Numa tentativa de descentralizar o teatro, um grupo de jovens da comunidade dos Coelhos resolveu montar um espetáculo para crianças e adolescentes e desencadear uma série de visitas às comunidades carentes do Recife e do Grande Recife, objetivando localizar e detectar espaços alternativos para o exercício teatral. (...) iniciando o espetáculo dizendo que cada um pode ir aonde quiser e aonde tentar, os sete atores que participam de "A Lenda do Boto Encantado" exercitam-se durante quarenta minutos, num jogo lúdico e engraçado que tem como suporte principal as manifestações populares. Assim, o filho e a mãe Bocão, são "la ursas", existentes em grande escala naquela comunidade, a índia é uma sambista que desfila todo ano numa escola de samba e a sereia é uma mulher de sociedade entediada e enfastiada por não ter o que fazer.

Feche os Olhos e Entre na Estória

Hoje conhecida nacionalmente, a atriz Patrícia França, quando ainda morava no bairro de Água Fria, protagonizou em 1987 a peça infantil *Feche os Olhos e Entre na Estória*, parceria entre os grupos Panorama Teatro e Foco no Mullambo. "A peça girava em torno do sonho de uma menina ao país das histórias de trancoso, encontrando várias personagens da literatura infantil como Branca de Neve, Alice e a Gata Borralheira", lembrou o diretor Sérgio Barbosa no livro *Memórias da Cena Pernambucana – 03* (op. cit., p. 92.). Com texto de Alexandra Solnado, coreografias de Otacílio Júnior e cenário e figurinos de Célio Pontes, a montagem contou ainda com os atores Celina Pontes, Clistinis, Grinaúrio Lima, Ivaldo Cunha Filho, Itamira Andrade, Júlio César, Kátia Kris (Kátia Ribeiro), Sandra Gomes, Sílvio Pomposo, Thadeu Sobreira e Célio Pontes. Em maio, foi a vez de *Papo de Anjo*, texto de Ricardo Filgueiras, com direção de João Cavalcanti, apresentar-se no Teatro Barreto Júnior,

Papo de Anjo

numa realização da Marcus Siqueira Produções Artísticas. O cenário e figurinos eram de Didha Pereira, com músicas de Erickson Luna.

Na cidade de Palmares, a Associação Teatral Palmerense, sob presidência de Luiz Alberto Machado, deu início ao Projeto Escola, no qual espetáculos infantis foram encenados nas escolas particulares e públicas do município. Participaram as peças *Em Busca do Tesouro*, de Rubem Rocha Filho, adaptada e dirigida por Iraquitan Oliveira; *Valente Galozé* e *Cumade Florência*, adaptação das histórias infantis da escritora Elita Afonso Ferreira, pelo Grupo Terra; e *No Reino da Fada Invisível*, de José Maria Luz, com direção de Ângelo Meyer. Na cidade do Cabo de Santo Agostinho, o Grupo da Gente (Grudage) cumpriu temporada no Teatro Barreto Júnior daquele município com a peça infantil *A Praça do Pensamento*, de Laerte Ortega, com direção de Ednaldo Oliveira, enfocando a televisão como instrumento de massificação e de terrível atuação sobre a criatividade infantil.

A Praça do Pensamento

Ainda no 1º semestre de 1987, novos espetáculos para crianças surgiram no Recife. Um deles, a comédia infantil de Artur Maia, *Dona Patinha Vai Ser Miss*, com direção de José Francisco Filho, propôs uma sátira aos concursos de beleza. A montagem cumpriu temporada no Teatro de Santa Isabel, às 16h30, pela Circus Produções Artísticas. O *Diario de Pernambuco* (18 de julho de 1987) destrinchou o enredo:

Dona Patinha Vai Ser Miss

> Conta a estoria de D. Marreca (Ivonete Melo), que sonha em ter um título de miss para a sua sobrinha, a patinha (Nilza Lisboa), a fim de casá-la com o melhor partido da cidade, sr. Raposo (Buarque de Aquino). Porem, a Patinha não quer ser mais miss coisa nenhuma, pois está apaixonada pelo Coelhinho (Marcus Vinícius), artista, longe de ser um "bom partido". E para resolver o impasse, entra em cena o compadre "Macado" (sic) (Sílvio Pinto), amigo de Patinha e de Coelhinho. O trio apronta uma armação limitadíssima. O espetáculo está em cartaz há três meses, sendo prestigiado pelo público (duzentos espectadores por récita), numa realização da Circus Produções Artísticas.

Já no Teatro Apolo, nos mesmos dias e horários, cumpriu temporada *O Baú da Inspiração Perdida*, de Benedito Rodrigues Pinto, com direção de Normando Roberto Santos, em realização da Tramp's Produções Artísticas, do município do Jaboatão dos Guararapes. Foram quatro meses de apresentações na capital pernambucana, além de viagens a Palmares, Garanhuns, João Pessoa e temporada de um mês no Cabo de Santo Agostinho. No elenco, Isores Nigro, Mirtes Tabajara, Edson Torres, Ginaldo Glennar, Vanilson Miranda, Madani Nigro, Ednelson Lins, Amaro Nascimento, Francys (sem registro do so-

brenome), Antônio Montenegro, Aravanis Bonfim, Wilkenea Bergmen e Márcio Moraes (mais à frente, participou também Picchetto Saianni). A jornalista Inês Cunha abordou a trama desta aventura no *Diario de Pernambuco* (27 de dezembro de 1987):

> A peça conta a história de quatro crianças que cansadas dos brinquedos eletrônicos e de tanto ver televisão, resolvem descansar. Um dia eles descobrem um velho baú, pertencente ao vovô Getúlio Jatobá, e dentro deste um livro de estórias infantis escrito por ele mas que não foi terminado por este ter perdido a inspiração. É a partir daí que começa esta aventura. Rei, bruxa, palhaço, príncipe, traça, cupim e outros personagens conversam com as crianças através de suas imaginações. Estórias são inventadas e trabalhadas por elas, na tentativa de encerrar o livro do vovô Getúlio.

O Menino da Bolha Mágica

Em julho, novos trabalhos ganharam destaque. *O Menino da Bolha Mágica*, produção da Prata da Casa Publicidade e Promoções, com apoio logístico da Aquarius Produções Artísticas, cumpriu temporada aos domingos pela manhã, no Teatro Barreto Júnior. A peça, que trazia um inusitado enredo – no útero de sua mãe, prestes a nascer, o que imagina um feto sobre o mundo exterior? – marcou a estreia de Henrique Celibi dirigindo e produzindo um espetáculo infantil. O texto escrito por José Roberto Caprarole contou com músicas de Sérgio Kyrillos e coreografias de Mônica Lira. No elenco, Eduardo Trindade (com quatorze anos, cantando, dançando, fazendo acrobacias e interpretando quinze personagens), Mônica Lira e Felipe Cabral de Melo. Também estreou o infanto juvenil *A Revolta dos Perus*, de Carlos Queiroz Teles, sob direção de Amaury Santos, pela Matriz Corporação Artística, em cartaz no horário das 18h30, no Teatro Barreto Júnior.

O Menino da Bolha Mágica

No mês de agosto, o Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões no Estado de Pernambuco (Sated/PE) promoveu, du-

rante dois meses, cinco cursos destinados à capacitação de profissionais para a área do teatro infantil, começando com aulas de interpretação com o autor e diretor Rubens Teixeira. A promoção contou com o apoio do Instituto Nacional de Artes Cênicas, Fundarpe e Fundação de Cultura Cidade do Recife. Sob a coordenação de Marco Camarotti e Henrique Amaral, foram ainda oferecidos cursos de Expressão Corporal, com Alcino Ferreira e Helena Pedra; Embasamento Técnico de Voz, com Estefânia Gondim e Uziel Lima; Dramaturgia, com Marco Camarotti e Lúcia Machado; e Direção, com o autor e diretor paulista Jacques Lagoa. Já a Feteape retomou, às quartas-feiras, o Projeto Criança – Ano III (1ª fase), com estudos e debates sobre o teatro para a infância e juventude, abertos à participação do público, na sala Clênio Wanderley, da Casa de Cultura, sob a coordenação de Normando Roberto Santos, Sílvia Paiva e Rick Nascimento. A iniciativa contou com o apoio da Fundarpe, Fundação de Cultura Cidade do Recife e Instituto Nacional de Artes Cênicas.

Ainda em agosto, Rogério Costa lançou seu 2º trabalho como diretor, na peça *A Máquina do Tempo*, de Maria Mattoso, realização da Cooperativa dos Artistas Unidos (Corau), em cartaz por três meses, aos sábados e domingos, às 16h30, no Teatro Valdemar de Oliveira. No elenco, Carmelita Pereira (em revezamento com Mísia Coutinho), Paulo de Pontes, Jô Santana, Edinaldo Ribeiro, Tião Filho, Marcelo Rodrigues, Rogério Costa, Maria Mattoso e Cleuson Vieira (substituído por Sóstenes Vidal). O *Jornal do Commercio* (6 de agosto de 1987) trouxe mais detalhes sobre a iniciativa:

> Surgida no início deste ano a Corau veio da insatisfação de alguns atores com a remuneração de seus trabalhos por partes dos produtores. Dentro de um trabalho cooperativado, onde todos, em mutirão contribuem para a produção de suas peças, os atores viram seus rendimentos crescerem aliado à vantagem de poderem escolher texto de seu agrado, os quais geralmente recaem sobre os autores locais.

A Máquina do Tempo

Divulgando um "sentimento filantrópico", a Corau destinava cinquenta lugares no teatro para instituições de amparo a menores carentes. Mas o grande sucesso daquele momento foi a peça *A Canção de Assis*, de Júlio Fischer, sob direção de Pedro Henrique, pela Cooperarteatro, que cumpriu dois meses de sucesso no Teatro Valdemar de Oliveira e passou, depois, para o Teatro de Santa Isabel, ainda com boa receptividade. Walmir Chagas conquistou a criançada

A Canção de Assis

fazendo Jeremias, um burrinho que não falava nada e só zurrava. Ainda no elenco, Pedrinho Moreira (com nove anos), Albemar Araújo, Marilena Breda, Evandro Campelo, Carlos Mesquita e Eduardo Gomes. Na técnica, cenários e figurinos de Buarque de Aquino, coreografias de Walmir Chagas e máscaras de Maria Oliveira. O diretor Pedro Henrique lembrou deste projeto no livro *Memórias da Cena Pernambucana – 03* (op. cit., p. 51.):

> [Pedrinho Moreira] interpretava Pedro, o pequeno órfão que procurava São Francisco de Assis para ajudá-lo a encontrar o seu burrinho perdido, exatamente no momento em que o santo se dedica à reconstrução da igrejinha de São Damião. Tudo isso numa ficção ambientada no século XIII, na Itália. Eu usei o palco como uma espécie de caixa mágica. Ao abrir parte da cortina, um elemento novo ia aparecendo em cena, como surpresa mesmo. E essa bela fábula transformou-se num espetáculo meigo, poético, que deu muito certo para nós.

Sem assinatura, uma matéria no *Jornal do Commercio* (8 de agosto de 1987) teceu elogios à peça:

> O espetáculo inova na sua forma de apresentação e tem cenário, máscaras e figurinos que reconstituem o século XIII, dignos de elogios. É uma peça leve, solta, cheia de colorido, pronta para agradar a crianças e adultos. A história se passa na Itália, mas não pretende contar a vida de São Francisco de Assis, nem ser piegas. Ela traz a figura do santo e do homem para dentro do universo infantil, aproveitando para levar mensagens de amor, respeito e amizade (...) O encontro de Francisco com o menino Pedro se dá quando

A Canção de Assis

> este procura o seu burrinho Jeremias (...) vivido pelo ator Walmir Chagas que, mais uma vez, dá um show de interpretação. Nessas horas, lhe é muito válida a bagagem que tem como animador e palhaço de espetáculos infantis. (...) Assistir "A Canção de Assis" pode ser um dos melhores programas para pais e filhos (...) e é mais um passo para o reconhecimento da Cooperarteatro nos palcos recifenses.

Com estreia naquele ano, *O Retábulo da Barafunda*, espetáculo do Mão Molenga Teatro de Bonecos, assim como os bonecos gigantes do Sesi, participaram da programação do Centro de Atividades do Sesc de Santo Amaro em homenagem ao Dia do Folclore. *O Retábulo da Barafunda* foi o 2º espetáculo produzido pelo

O Retábulo da Barafunda

grupo de bonequeiros Fábio Caio, Marcondes Lima, Fátima Caio e Carla Denise, com texto, direção e manipulação dos quatro. No livro *Memórias da Cena Pernambucana – 03* (op. cit., p. 186-188.), que traz capítulo dedicado à trupe, eles voltaram-se à estreia da montagem. Marcondes Lima, por exemplo, lembrou:

> Estreamos "O retábulo da Barafunda" na Galeria Metropolitana de Artes Aloísio Magalhães, que agora se chama Mamam – Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães –, graças a um entusiasta do grupo, Nilson de Moura, que nos deu grande força para ficarmos em cartaz. Nilson é um dos fundadores do grupo Mamulengo Só-Riso e, na época, era funcionário da Fundação de Cultura Cidade do Recife. Uma vez ele nos assistiu e disse: "esses meninos têm futuro!". Tanto que chegou a pagar táxi para irmos à Secretaria de Educação para articularmos venda de espetáculos.

Outro integrante, Fábio Caio, também complementou:

> Inicialmente, íamos cumprir dois meses de temporada, mas o sucesso de "O retábulo da Barafunda" foi tão grande que a gente conseguiu ficar por quatro meses, sempre com casa cheia. O espaço tinha capacidade para oitenta espectadores por sessão. E olha que nem tínhamos um forte esquema de divulgação, a não ser cartazes. O que funcionou realmente foram as notinhas nos jornais e, claro, o boca a boca. (...) O Fanhoso, esse meu primeiro personagem [presente no espetáculo de estreia do grupo, *Varieté ou Show do Fanhoso e Cia*, de 1985], resolve abrir concurso para montar um show de va-

Varieté ou Show do Fanhoso e Cia

riedades com bonecos. No meio de inscritos, numa aparição fenomenal, surge a Barafunda, uma bruxa azul que sonha em ser atriz, tanto que se diz disposta a fazer qualquer papel. O problema é que o apresentador fica louco quando a conhece porque tudo o que ele queria era uma bruxa no seu elenco. E aí começa o conflito: ela não quer ser mais bruxa e ele querendo que ela fosse. Com raiva, a Barafunda transforma o Fanhoso num boneco inanimado e toma o teatro para si. Mas, como ela não entende de administração alguma, o show vira uma verdadeira barafunda, ou seja, uma confusão danada. O curioso é que muitos desses primeiros bonecos já nem existem mais. O uso constante os destruiu ou a gente os transformou numa outra coisa. E isso acontece bastante porque todo mundo aqui é transformador, aí, adeus passado do grupo. Fátima [Caio] era quem vivia a nossa estrela, a Barafunda.

A partir do dia 15 de agosto, a Feteape deu início ao projeto Os Pombos Voltam às Praças, proporcionando ao povo de baixa renda acesso a diversos espetáculos em circulação por espaços alternativos. Cerca de quinze comunidades da periferia foram incluídas. Das peças para crianças, participaram *O Baú da Inspiração Perdida*, *Avoar*, *O Retábulo da Barafunda*, *A Lenda do Boto Encantado* e *Papo de Anjo*, entre outras. A coordenação do projeto, que durou mais de três meses, era de Didha Pereira e João Cavalcanti. Também em agosto, de 19 a 23, a mesma Feteape (entidade tão atuante naqueles tempos) promoveu a II Mostra de Teatro de Garanhuns, contando na abertura com a peça *Avoar*, da TTTrês Produções Artísticas. Participaram ainda outros infantis, *A Lenda do Boto Encantado*, *O Consertador de Brinquedos*, *Viagem ao Coração da Cidade*, *Flicts* e *O Baú da Inspiração Perdida*.

Avoar

Com estreia naquele ano, a peça *Avoar* fez enorme sucesso com 1ª temporada aos domingos, às 10h30, no Teatro de Santa Isabel. "Avoar foi um jeito urbano que encontrei de trazer de volta as velhas noites de lua, as cadeiras na calçada e a rua onde a gente brincava ao som de cantigas de roda", era o texto inicial da montagem, revelando depoimento escrito pelo próprio autor, Vladimir Capella. A peça se transformou no grande símbolo de qualidade do teatro pernambucano feito para todas as idades. Em entrevista ao *Jornal do Commercio* (22 de agosto de 1987), o diretor José Manoel declarou seu amor à obra e revelou o enredo da montagem:

> "Avoar" fala de 10 adolescentes que enclausurados em seus apartamentos, sonham em, um dia, transformar aquela cidade em uma grande festa, à luz da lua, e com os cantos e brinquedos que eles só conhecem de ouvir falar. E juntos, quem sabe em sonho, concretizem seus desejos. E brincam, cantam

Avoar

e dançam. Emocionam-se. E acordam para a realidade. Só que, entre sonhar e o acordar para o real, as mudanças acontecem, na comprovação de que se sonha um sonho que é possível ser real, real será.

No elenco, escalado preferencialmente pela "emoção", Carlos Lira, Cira Ramos, Otacílio Júnior, Hamilton Figueiredo, Célio Pontes, Rudimar Constâncio, Paulo de Pontes, Flávio Santos, Kátia Kris (Kátia Ribeiro) e Ivone Cordeiro, além de participação dos músicos Romualdo Medeiros, Romildo Manoel e André Filho. Ainda naquele ano, a peça conquistou os prêmios de Melhor Espetáculo Pelo Júri Oficial, Melhor Espetáculo Pelo Júri Popular, Melhor Direção, Melhor Coreografia (o grupo), Melhor Iluminação (Dane Araújo) e Menção Honrosa de Atriz (Ivone Cordeiro) e de Direção Musical (André Filho) no I Festival de Teatro Infantil do Sesc, em João Pessoa (PB). Meses depois, nova temporada no Teatro Barreto Júnior e mais prêmios, Melhor Espetáculo e Melhor Direção da I Mostra Nordestina de Teatro, no Teatro Deodoro, em Maceió (AL). Pouco depois, a peça participou da I Mostra de Teatro de Caruaru, no Teatro João Lyra Filho, e, ao final de 1987, celebrou oito meses de temporada aplaudidíssima no Recife.

Naquele evento da capital do Agreste, *Flicts, Era Uma Vez Uma Cor*, da Troupe Espantalho, de Arcoverde, e *A Lenda do Boto Encantado*, do Teatro Popular dos Coelhos, também puderam ser vistas. Uma curiosidade: durante o VIII Festival de Teatro de Bolso (Tebo), a peça *A Lenda do Boto Encantado*, de acordo com o diretor Didha Pereira, enfrentou problemas com a jurada Vânia de Castro Lima, que se retirou da apresentação "por causa das tangas que os *índios* de sua peça vestiam". A reclamação foi registrada pelo jornalista Enéas Alvarez na sua

A Lenda do Boto Encantado

coluna *Pano Rápido*, do *Jornal do Commercio* (21 de novembro de 1987). Em novembro, surgiram novas opções para a criançada. Voltado para a faixa etária dos quatro aos dez anos, *Super Léo, o Menor*, da Skene Produções, o 1º texto escrito pela atriz e produtora Suzana Costa, com direção de Paulo Falcão, fez bela carreira de três meses no Teatro Santa Isabel, convidado também à plateia moradores de comunidades carentes e menores abandonados, com parte da renda para a Cruzada de Ação Social. No elenco, Simone Figueiredo, Chico Accioly, Bruno Garcia, Raimundo Branco, Kéops Vasconcelos, Carlos Mesquita e Alexandre Alencar. O jornalista Wilde Portela escreveu no *Diario de Pernambuco* (3 de dezembro de 1987):

Diferente dos espetáculos infantis que normalmente tratam de temas fantasiosos, "Super Léo, o Menor" fala de Léo, um menor muitas vezes abandonado que, depois de conviver com um ladrão (com quem aprende capoeira e

Super Léo, o Menor

judô) e um cego (que lhe ensina a perceber através do tato, olfato e canto) termina num reformatório onde torna-se líder e o melhor aluno da escola. Surpreende os professores com seus dotes e os atemorizam (sic) com idéias novas sobre o sistema educacional do reformatório. (...) Paulo Falcão, o diretor desta aventura musical, utiliza ingredientes de vários gêneros: drama, sátira e suspense, numa dinâmica contemporânea e ágil, sem perder as sutilezas dramáticas e também o respeito e a responsabilidade pelas crianças que nos assistem.

A montagem recebeu ainda elogios de Inês Cunha no *Diario de Pernambuco* (27 de dezembro de 1987): "Leve, poético, com toques de humor, este espetáculo foi um dos melhores montados no segundo semestre deste ano". Outra produção que também fez sucesso foi o espetáculo em dois atos, *Branca de Neve e Cirandas Infantis*, adaptação e direção de Ulisses Dornelas, pela Chocolate Produções Artísticas, com coreografias de Fátima Freitas e cenários e figurinos de Marcondes Lima, que permaneceu por cerca de dois meses atraindo enorme público ao Teatro de Santa Isabel, aos domingos, às 10 horas. No elenco, um dos destaques eram as garotas bailarinas que interpretavam os anões, Thereza Rachel Feitas, Joana Vieira, Isabel Ferreira, Andréa Peixoto, Adriana Paranhos, Mirela Martorelli e Katarina Ludolf, mas também havia elogios para os bailarinos/atores Danielle Soares, Ismael Portela, Lucinha Freitas, Patrícia Costa, Veruska Phillippine, Giselle Coelho, Tereza Perez, Cláudia Sá Carneiro, Núbia Catarina, Flávia Emerick e Fátima Freitas. No *Diario de Pernambuco* (13 de dezembro de 1987), o crítico Valdi Coutinho exaltou o trabalho:

> Ao apresentar essas duas peças, o diretor tinha como objetivo resgatar as cantigas de roda e os contos infantis, utilizando como base e (sic) linguagem da dança e, ao mesmo tempo, prestar uma homenagem a Heitor Villa-Lobos, que transpôs essas cantigas do popular para o clássico, e ao personagem Branca de Neve que está fazendo 50 anos no cinema. (...) Desde que estrearam naquele teatro, vêm tendo lotação quase totalmente esgotada pela garotada e seus pais que há vários anos prestigiam as produções do Palhaço

Branca de Neve e Cirandas Infantis

Chocolate. Ulisses foi feliz em tudo. Na escolha dos temas, da coreógrafa e do elenco, formado por jovens e talentosos bailarinos (...) Também merecem destaque a seleção musical feita por Alberto Dantas Pedrosa e a cenografia de Antônio Almeida [execução].

Romeu e Julieta

No Teatro Barreto Júnior, a novidade foi *Romeu e Julieta*, que permaneceu por três meses com bom retorno de público, numa produção de Cristiano Lins Produções, Circus Produções Artísticas e J. Silva, sob direção de José Francisco Filho, mais uma vez voltando-se ao texto de Rubem Rocha Filho, desta vez, contando com os atores Carlos Varella, Marco Camarotti, Gilza Melo, Conceição Camarotti, Júlia Lemos, Albemar Araújo, Moisés Neto e Ricardo Linck. A direção musical era de Romero Andrade, com cenário e figurinos de Buarque de Aquino. E no Teatro do Museu do Homem do Nordeste entrou em cena *A Rua*, de Paulo Ferreira, com música de Zoca Madureira. Já no Teatro Valdemar de Oliveira, além de *A Máquina do Tempo*, da Corau, esteve em cartaz *Fala, Palhaço*, de autoria do Grupo Hombú, do Rio de Janeiro, pela Dramas Produções, aos domingos pela manhã, por dois meses, "visto por cerca de 2.500 crianças, segundo informação do diretor Astrogildo Santos", registrou o *Diario de Pernambuco* (20 de dezembro de 1987). Já o jornalista Enéas Alvarez, através do *Jornal do Commercio* (14 de novembro de 1987), reforçou as intenções lançadas no espetáculo:

> (...) que tem na sua proposta o "compromisso de passar ao público toda a graça, poesia, fantasia e realidade de uma família de palhaços de um pequeno circo mambembe. (...) Com uma linguagem inteligente e identificada com a realidade de fantasias infantis, a peça estabelece a relação de cumplicidade do público com o palco, uma vez que tudo começa a partir da suposta impossibilidade dos atores realizarem representação, sendo a solução do problema definida pelos próprios espectadores e atores, que resolvem subir ao palco e fazer "alguma coisa, para não perderem a manhã domingueira. É assim que tudo começa".

No Teatro Joaquim Cardozo, aos domingos, às 16h30, foi a vez de mostrar *O Cachorro Voador*, comédia com texto e direção de Joana D'Arc Ferreira sobre um cachorro vira-lata que sonha voar para ficar famoso. No Teatro Apolo, continuaram duas montagens, *Dona Patinha Vai Ser Miss*, às 17h30 dos sábados e domingos; e *O Baú da Inspiração Perdida*, aos domingos, às 10h30. No Teatro do Forte, o espetáculo *Se Essa Rua Fosse Minha*, em temporada durante todo o mês de novembro, com texto de Joacyr de Castro adaptado e dirigido por Carlos Lira, tratou de abordar a falta de espaços livres para a criança urbana. No elenco, Roberto Arruda, Fábio Marques, Alberto Braynner, Rosângela Araújo, Bruno Falcone, Suely Freitas e Sílvia Míriam, integrantes do Grupo Cala Boca Já Morreu!. O *Jornal do Commercio* (17 de novembro de 1987) descreveu a sinopse da obra:

> Sem lugar para brincar, um menino sonha com aquela imensa avenida (muito

> movimentada, cheia de carros, pedestres e fumaça), transformada em área de lazer. Surgem então, de forma dinâmica e lúdica, um cavalo e um circo espacial, pastoril, ciranda, bumba-meu-boi, mamulengo e muito mais elementos que levam o público à reflexão sobre um tema bem atual: a faltas de espaços livres para a criança urbana. Com esse trabalho, o Cala Boca Já Morreu! inscreve-se definitivamente entre os grupos que se preocupam com a linguagem renovadora do teatro para crianças.

Ressaltando a intensa produção de teatro para meninos e meninas no Recife, o crítico Valdi Coutinho lançou elogios à montagem no *Diario de Pernambuco* (12 de dezembro de 1987):

> Ao montar este espetáculo, o grupo e a direção de "Se essa rua fosse minha" procuraram não fugir da proposta essencial do autor: um teatro despojado de grandes recursos, que exercitasse a criatividade e a imaginação da criança, utilizando o lúdico e o poético, sem desprezar, no entanto, o sonho e o comprometimento estético. O movimento teatral no Recife este ano teve expressivo número de espetáculos dirigidos ao público infantil: 35, aproximadamente, o que coloca Pernambuco em terceiro lugar entre os Estados que mais produziram para essa faixa de público, somente superado por São Paulo e Rio de Janeiro. Alguns grupos e companhias buscaram o desenvolvimento de uma linguagem renovadora para o teatro infantil, graças aos resultados do Projeto Criança, da Feteape, e entre eles está o "Cala a boca já morreu".

Foi ainda no 2º semestre de 1987 que Paulo André Guimarães lançou sua Companhia do Sol, produtora especializada em montar espetáculos para crianças alunas de escolas particulares, quase sempre com sessões fechadas para instituições de ensino durante a semana (poucas foram as peças que cumpriram temporada nos finais de semana), e, pelo menos até o fechamento desta pesquisa em dezembro de 2013, ainda com intensa atividade programada. A estreia se deu com *Os Dois Palhaços*, texto de Nielson Menão, sob direção do próprio Paulo André Guimarães, que, mais à frente, assumiu o papel de dramaturgo de dezenas de obras originais ou adaptadas para a infância, sempre arcando com os custos de produção sem qualquer incentivo do poder público.

No início de dezembro, a imprensa considerou "parcos" os recursos do auxílio-montagem lançado pelo Edital de Incentivo à Produção de Teatro e Dança, parceria entre o Inacen, Fundarpe e Fundação de Cultura Cidade do Recife, juntos pela 1ª vez. A verba foi dividida entre trinta e seis espetáculos. Dos infantis, foram agraciados *Bandeira de São João*, da Companhia Práxis Dramática; *Super Léo, o Menor*, da Skene Produções; *Fala, Palhaço*, da Dramas Produções; *Cor de Chuva*, da Festim Produtores Associados; *Romeu e Julieta*, da Cristiano Lins Produções; *A Raposa e o Príncipe*, da Circus Produções Artísticas; *Tem Bruxa na Minha Empada*, da Koy e Paity Produções; *O Coelhinho Que Tinha Mania de Formigas*, do Teatro de Mario-

O Coelhinho Que Tinha Mania de Formigas

netes Bonecartes; *Branca de Neve e Cirandas Infantis*, da Chocolate Produções Artísticas; e *Constituinte na Floresta*, da Roberto Costa Produções. Algumas destas peças nunca chegaram a ser montadas, mas a ação foi pioneira.

Ainda em dezembro, enquanto que a Associação dos Produtores Teatrais de Pernambuco iniciou nova campanha de popularização do teatro e o produtor Paulo de Castro foi eleito presidente do Sated, era possível ver três trabalhos que não conseguiram maiores repercussões, *A Dança dos Biscoitos*, aventura de Antônio Quin e José Botelho, com direção deste último e produção do Grupo Gente Nossa, sobre quatro biscoitos que ganham vida, em cartaz no Teatro Popular do Bonsucesso, em Olinda, aos sábados e domingos, às 16h30; *Os Dois Palhaços*, texto de Nielson Menão, com direção de Paulo André Guimarães, pela Companhia do Sol, nos mesmos dias e horários, no Teatro Valdemar de Oliveira (uma das poucas exceções apresentadas nos finais de semana); e *A Bruxinha Que Era Boa*, de Maria Clara Machado, com o Grupo Espinha Dorsal dirigido por Cleide Arruda, este em única sessão no Teatro Apolo. Paralelamente, a Feteape lançou o Projeto Coringa, que integrava o Programa Nimuendaju, ligado ao Ministério da Justiça e Ministério da Cultura. A proposta consistiu em levar espetáculos e oficinas para detentos da Colônia Penal do Bom Pastor e Manicômio Judiciário do Estado de Pernambuco. *Avoar* foi um dos destaques da programação, que reuniu quatorze espetáculos de teatro e dança.

Bem próximo aos festejos natalinos, a Fundação de Cultura Cidade do Recife, através de sua Assessoria de Teatro Para a Infância e Juventude, informou os projetos aprovados para receber auxílio-montagem de outro edital lançado pelo Inacen, Fundarpe e Fundação de Cultura, como boas perspectivas para o ano de 1988. Entre os espetáculos para a infância escolhidos: *Com Panos e Lendas*, da TTTrês Produções Artísticas; *O Rei e o Jardineiro*, do Grupo Cala Boca Já Morreu!; *O Que é Que Tem na Mata*, da Troupe Artística Mamulengo Inventa Coisa; *O Menino Sonhador*, da Marcus Siqueira Produções Artísticas; *Romão e Julinha,* da Tramp's Produções Artísticas*; Que-Pê-Co-Poi-Sa-Pá,* da Troupe Espantalho; *O Ovo da Vassoura Flautista "Nô",* do Grupo Cênico Arteatro; *Histórias do Bem Querer,* do Mamulengo Fantochito, e *A Menina Que Falava Com as Coisas,* do Grupo Happening (de Garanhuns), peça baseada no livro de Luzinete Laportte de Carvalho, com direção de Suely Rodrigues.

Histórias do Bem Querer

Numa proposta de espetáculo infantil ao ar livre, estreou, corajosamente no dia 26 dezembro, a peça *Uma História de Amor*, da Papagaios Produções Artísticas em parceria com a Koy & Paity Produções Artísticas, entre as árvores do pátio do Teatro Joaquim Cardozo. No enredo, a paixão vivida por uma jovem andorinha e um gato malhado que, apesar da desaprovação dos outros animais, conseguem reinventar o amor durante a primavera e verão. A obra foi adaptada do livro *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá*, de Jorge Amado, pelo próprio diretor, que confessou em entrevista ao Projeto Memórias da Cena Pernambucana (9 de junho de 2008):

Uma História de Amor

Fomos cumprir uma temporada, ao ar livre, no pátio externo do Teatro Joaquim Cardozo. Claro que conseguir pauta nos teatros já era difícil naquele tempo – aliás, muito mais organizado do que hoje, porque todos os teatros tinham licitação pública –, e isso influenciou, mas também seguimos uma sugestão de Henrique Rodrigues que já havia participado de uma peça com Augusta Ferraz ali, "Mas... a verdadeira estória de Chapeuzinho Vermelho não foi bem assim", que eu assisti. Fui, então, estudar o espaço, e o achei muito lúdico, bem natureza. Para a montagem de "Uma história de amor" ele cabia perfeitamente, porque eu poderia usar as árvores na cena. (...) A meninada sentava em esteiras de palha, no chão, com cadeiras para os pais. E aquilo funcionava muito bem para o nosso propósito. Fizemos uma temporada muito boa ali, atraindo uma média de cento e trinta, cento e quarenta pessoas por sessão, ou seja, um público muito legalzinho e que dava para bancar os custos.

No elenco, Henrique Rodrigues, Cira Ramos, Hélida Macedo, Ril Gouveia, Rinaldo Ferraz, Edna Macedo e Picchetto Saianni. Sobre a necessidade de, em 1989, levar a peça para o palco do Teatro de Santa Isabel, o diretor explicou:

> Começou o inverno e já não tínhamos mais condições de apresentar um espetáculo ao ar livre. Ou seja, era uma peça de verão, literalmente. E como também não tínhamos condição de montar um novo espetáculo, por pura falta de patrocínio, a gente precisava continuar em cena, afinal, havia um investimento financeiro, emocional e de compromisso mesmo com as pessoas que estavam conosco. Por isso costumávamos cumprir temporadas longas.

Ainda no pátio do Teatro Joaquim Cardozo, a peça ganhou resenha da jornalista Graça Gouveia no *Diario de Pernambuco* (28 de dezembro de 1987):

> Nesta história, que se transformou nas mãos de Manoel Constantino, num

Uma História de Amor

espetáculo infantil ao ar livre, conservando o título original do conto, as crianças terão oportunidade também de se envolver com uma realidade de vida humana: a questão da perda. "Geralmente se tem medo de dizer certas coisas às crianças, mas se soubermos conduzir os assuntos até da morte pode-se falar" explica Constantino, sobre o desfecho da história, quando a andorinha Sinhá, depois de uma gratificante experiência amorosa com o gato Malhado, decide assumir sua natureza e casar mesmo com um rouxinol. "Afinal, é preciso passar a mensagem para as crianças de que as perdas ocorrem na vida de qualquer pessoa, mas que tudo tem um lado positivo. Apesar das perdas, precisamos entender que a vida continua, que outras possibilidades acontecem, outros amores pintam na vida. (...) O local escolhido para encenar a peça, o pátio do Teatro Joaquim Cardoso (sic), na Rua Benfica, foi a forma que o diretor do espetáculo encontrou de, não só de adaptar a mensagem ao ambiente, mas a própria estória ao espaço de férias e liberdade, característico do mês de janeiro, ápice de nosso verão. "A idéia, como explica Henrique Rodrigues, da Papagaios Produções Artísticas, "é fazer um espetáculo onde a criança perceba melhor a natureza, através de uma história que nos fala de amor, de afeto. (...) A montagem desta peça me permite compreender ou buscar entender o universo mágico e lúdico da criança. Daí o meu encontro/reencontro com os contos de fadas, sua estrutura narrativa e a riqueza simbólica que encontramos nos elementos mágicos. A estrutura dos contos de fadas nos permite levar para a criança os problemas que ela enfrenta no seu dia-a-dia numa linguagem onde o nível de compreensão infantil é respeitado e a fantasia, presente, nas histórias não representa a fuga do real, mas justamente a forma mais apropriada para a sua percepção", diz Constantino.

No Tebo, *Flicts, Era Uma Vez Uma Cor*, da Troupe Teatral Espantalho, da cidade de Arcoverde, abocanhou os prêmios de Melhor Espetáculo Infantil e Direção (Romualdo Freitas). Naquele mesmo ano, a peça foi premiada no Festival de Teatro Infantil de São José do Rio Preto (SP). Ainda no Tebo, Picchetto Saianni levou o troféu de Melhor Ator por *O Baú da Inspiração Perdida*, da Tramp's Produções Artísticas; e Kátia Cris (Kátia Ribeiro) foi a Melhor Atriz, com *Feche os Olhos e Entre na Estória*, parceria entre o Foco no Mullambo e o Panorama Teatro. Mesmo diante de um fluxo tão grande de montagens na cena, a retrospectiva teatral de 1987, escrita por Valdi Coutinho, no *Diario de Pernambuco* (31 de dezembro de 1987), deixou claro que o momento era difícil, principalmente por conta das plateias cada vez mais vazias:

> A crise político-econômica que assolou o País, em 1987, também refletiu-se, de forma negativa, na produção teatral do Recife, com uma sensível retração do público e, também, uma tímida iniciativa em termos de investimento, com poucos grupos assumindo a aventura de gastar os olhos da cara para montar um espetáculo e alguns preferindo soluções econômicas nem sempre à altura da arquitetura cênica. Foi um ano sofrido, também, para as artes cênicas pernambucanas, por causa da camuflada recessão que começou a ser desenhada em todos os segmentos da produção do País e, especialmente, na cultural e artística. Os valores deste tempo que termina podem ser detec-

> tados apenas no aspecto moral e espiritual, porque em termos de estética, desenvolvimento e progresso, pouco existe para ser destacado. (...) a falta de espaços para os grupos amadores, o fechamento do Teatro do Parque durante todo o ano para as reformas que demoram a ser iniciadas, o adiamento da inauguração do Centro de Teatro Experimental Hermilo Borba Filho, e especialmente a queda do número de espectadores, refletem os sintomas de um ano em vermelho.

Em janeiro de 1988, o Teatro do Museu do Homem do Nordeste, no bairro de Casa Forte, espaço que não se firmou enquanto casa de espetáculos teatrais, continuou recebendo a temporada do espetáculo *A Rua*, de Paulo Ferreira, com música de Zoca Madureira, somente aos domingos, às 16h30. Mas a grande maioria das peças ainda ocupava o final de semana com sessões aos sábados e domingos, naquele mesmo horário. Era o caso de *Super Léo, o Menor*, no Teatro de Santa Isabel; *Uma História de Amor*, apresentada ao ar livre, no pátio do Teatro Joaquim Cardozo; *A Máquina do Tempo*, no Teatro Valdemar de Oliveira; *Romeu e Julieta*, no Teatro Barreto Júnior; *Dona Patinha Vai Ser Miss*, no Teatro Apolo; *O Cachorro Voador*, no Teatro Joaquim Cardozo; e *Se Essa Rua Fosse Minha*, no Teatro do Forte. Mas as manhãs de domingo também reservavam opções teatrais, com *Branca de Neve e Cirandas Infantis*, no Teatro de Santa Isabel; *Fala, Palhaço*, no Teatro Valdemar de Oliveira; *Avoar*, no Teatro Barreto Júnior, que passou a ocupar depois o Teatro José Carlos Cavalcanti Borges; e *O Baú da Inspiração Perdida*, no Teatro Apolo, todas às 10h30. Ou seja, nada menos que doze peças em cartaz.

De 14 a 24 de janeiro, no Teatro Apolo, a Feteape promoveu a I Mostra de Teatro Infantil, como parte do Projeto Criança Ano III, dentro da Mostra Estadual de Teatro Amador. *Avoar*, *O Baú da Inspiração Perdida* e *Flicts, Era Uma Vez Uma Cor*, esta última da Troupe Espantalho, participaram da programação que contava com a coordenação de Didha Pereira, Rudimar Constâncio, Edjeso Ferreira, Rick Nascimento e Célia Cardoso. Bem diferente do que aconteceu no ano anterior, quando surgiu o Circuito de Periferia de Mamulengo Popular acontecendo durante apenas um mês, a Prefeitura do Recife, através da Fundação de Cultura, ao promover a 2ª edição do evento em 1988, resolveu estendê-lo durante todo o ano, contando com o patrocínio do Instituto Nacional de Artes Cênicas. Os mamulengos Dengoso, de Chão de Estrelas; e Presepê, da cidade de Pombos, abriram esta programação voltada à periferia.

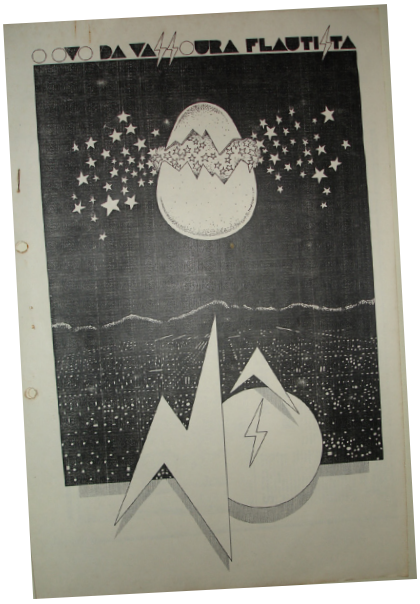
Em fevereiro, iniciando temporada no palco do Teatro de Santa Isabel, aos domingos, às 10h30, a peça *Romão e Julinha*, de Oscar Von Pfuhl, foi mais uma realização da Tramp's Produções Artísticas, da cidade do Jaboatão dos Guararа-

Romão e Julinha

pes, com direção de José Manoel, coreografia de Otacílio Júnior, músicas de Zinho Zona Sul e figurinos e cenários de Teka Miranda (usando esteiras, balaios, peneiras e estopas no palco). A peça era uma versão descomprometida de *Romeu e Julieta*, de Shakespeare, "que acontece em Gatópolis, reino dos gatos, envolvendo um rei decadente, o amor de sua filha Julinha pelo plebeu Romão", lembrou o *Jornal do Comercio* (23 de janeiro de 1988). No elenco, Márcio Moraes, Ysores Nigro, Edson Torres, Vanilson Miranda, Ednelson Lins, Madani Nigro, Fracys, Antônio Montenegro, Amaro Nascimento e Mirtes Tabajara. Ao final de janeiro, cinco montagens podiam ser conferidas pelo público: *A Canção de Assis*, *O Baú da Inspiração Perdida*, *A Revolta dos Perus*, *O Menino da Bolha Mágica* e *O Duende Careca*.

Enquanto isso, surgiu a 1ª experiência na linguagem infantil do Grupo Cênico Arteatro, fundado em 1986, com *O Ovo da Vassoura Flautista "Nô"*, espetáculo com texto e direção de Williams Sant'Anna. Diretor de produção na época, Carlos Salles lembrou de como apareceu esta proposta para sua turma, no livro *Memórias da Cena Pernambucana – 03* (op. cit., p. 68.):

> Foi Williams [Sant'Anna, que já havia dirigido a remontagem do 1º trabalho do grupo, *Taperoá de Ariano*, peça adulta que nasceu sob direção coletiva] quem deu a idéia de prepararmos um espetáculo com uma linguagem diferente e, apostando numa sugestão dele, fomos estudar as técnicas teatrais de Viola Spolin. Desse processo do teatro "improvisacional", surgiu o espetáculo, cujo resultado não foi nada bom. O próprio Williams escolheu o elenco e conduziu os laboratórios. Eu coordenei a produção da peça e graças a um projeto bem elaborado, conseguimos ganhar a pauta do Teatro Apolo em 1988. Mas tudo foi bastante complicado porque não tínhamos um bom esquema de divulgação. (...) Ou seja, com pouco mais de um mês e meio, tivemos que tirar a peça de cartaz pela falta de público. Claro que ficamos muito frustrados, e Williams decidiu se afastar do grupo.



O Ovo da Vassoura Flautista "Nô"

Ressaltando na mesma publicação que a temporada foi aos domingos pela manhã, no Teatro Apolo (quando o Bairro do Recife ainda era bastante marginalizado), a atriz Méri Lins, que integrou o elenco junto a Luiz Felipe Botelho, Taveira Júnior, Andréa César, Francis de Souza, Jacilene Mathias (Lene Mathias) e Tchello Intarsiato, recordou ainda sua personagem:

> Fui chamada para substituir uma atriz de última hora e, praticamente, estreei sem saber para onde ir. Minha personagem era uma bruxa atrapalhada, deliciosa de se fazer. Francis [de Souza]vivia a minha vassoura, que se comunicava por uma linguagem inventada. A gente se divertia bastante em cena. Mas infelizmente o público não quis nos ver!

Também foi produzida a peça *Pulem Que o Barquinho Vai Afundar*, de Sérgio Barbosa, com direção de Ivaldo Cunha Filho, na Sala Clênio Wanderley, aos domingos, às 16 horas, pela Mandacaru Produções Artísticas. A divertida montagem trazia à cena uma bruxa malvada e seu corvo que, dominando uma ilha, tentam capturar marujos visitantes. No elenco, Grináurio Lima (Curió Besteira), Ivaldo Cunha Filho (Capitão), Thadeu Sobreira (Corvo), Paula Gomes (Mambi) e Marcelo Messias (Espingarda Velha). Por sua vez, estreando seu maior sucesso em 30 de abril de 1988, Didha Pereira lançou a peça

Pulem Que o Barquinho Vai Afundar

O Menino Sonhador

O Menino Sonhador, que cumpriu quatro meses de temporada no Teatro Apolo. Com texto, direção, música e cenografia dele, e direção musical de Sérgio Kyrillos, a montava contava com a interpretação de Joselito de Souza, Odé Félix, Ana Márcia Melo (eventualmente substituída por Silvana Miranda), Avanizes Bezerra e Cássia Mascena. O autor e diretor discorreu sobre a peça durante participação em debate no Projeto Memórias da Cena Pernambucana (31 de março de 1998):

> A trama de "O menino sonhador" é simples: um menino solitário é obrigado pelos pais a viver isolado. Ele confecciona um barco de papel para que possa navegar, livremente, nas águas da chuva, e conhecer o mundo exterior que ele não desfruta. Acontece que a chuva não chega, provocando mais uma frustração para o garoto, que dorme e sonha. No sonho, encontra personagens que a sua fantasia criou para aprender sobre as coisas da vida.

O Menino Sonhador

Circulando por vários festivais sem apoio algum dos órgãos públicos, apesar das diversas tentativas, a peça conquistou as seguintes premiações: Melhor Maquiagem, 3º Melhor Espetáculo e Menção Honrosa para a atriz Ana Márcia Melo no II Festival de Teatro Infantil do Sesc, em João Pessoa (PB); Melhor Atriz (Silvana Miranda, em sua 1ª apresentação, excepcionalmente substituindo Ana Márcia Melo), Melhor Ator (Odé Félix), Melhor Figurino, Melhor Cenografia, Melhor Direção, 2º Melhor Espetáculo do Júri Oficial e Melhor Espetáculo do Júri Popular, na II Mostra Nordestina de Teatro, em Maceió (AL); e Melhor Autor Nacional e Melhor Espetáculo no XVI Festival Nacional de Teatro (Fenata), em Ponta Grossa (PR). Em 1989, o trabalho iniciou uma nova temporada, desta vez no Teatro do Parque e, em 1990, participou do projeto Vamos Comer Teatro, promovido pela Feteape, sendo vista na cidade de São Caetano (PE).

Com apresentações muito focadas nas escolas, a recém fundada Companhia do Sol lançou no 1º semestre de 1988, a peça *A Energia de Um Polegar*, com texto e direção do produtor Paulo André Guimarães. Para o 2º semestre, surgiu *Nada de Morrer na Praia*, também com texto e direção do próprio. Em junho, no Teatro de Santa Isabel, foi a vez dos produtores Sílvia Robalinho e Rogério Robalinho, da Companhia de Eventos, estrearam o musical *Bandeira de São João*, do trio Ronaldo Correia de Brito, Assis Lima e Antônio Madureira, e coreografias de Bergson Queiroz. Contavam com patrocínio do Banco do Nordeste do Brasil. No elenco formado por muitos bailarinos, Romero Andrade, Maria Paula Costa Rêgo, Cira Ramos, Silvana Brito, Arnaldo Siqueira, Raimundo Branco, Luciana Samico, Robson Duarte, Mônica Barroso e Valéria Medeiros, além dos garotos Joaquim Brandão e Pedro Moreira no papel de São João Menino. O cenário e figurinos eram assinados por Walther Holmes.

Bandeira de São João

A Máquina Fantástica do Doutor Eulâmpio

Na linguagem do teatro de bonecos, quem lançou novo trabalho foi o Mão Molenga Teatro de Bonecos com *A Máquina Fantástica do Doutor Eulâmpio* (que mais à frente teve seu título suprimido para *A Máquina Fantástica*), texto, direção, bonecos e atuação/manipulação de Carla Denise, Fábio Caio, Fátima Caio e Marcondes Lima. A montagem surgiu a pedido de Teresa Noronha, diretora do Centro Eulâmpio Cordeiro, entidade voltada à prevenção do uso de drogas. O ator Fábio Caio rememorou a montagem no livro *Memórias da Cena Pernambucana – 03* (op. cit., 188-189.):

> Ela pediu que criássemos algo para jovens e adultos a partir deste tema, e decidimos não falar abertamente das drogas, mas do mal que substâncias estranhas fazem ao corpo, do quanto elas agridem e são nocivas. Eu interpretava um cientista que, através de uma máquina criada por ele, conseguia entrar no corpo humano para resolver vários problemas de saúde. Só que quem termina diminuindo e parando lá é o atrapalhado ajudante dele, o Paquito, vivido por Marcondes [Lima].

Carla Denise, por sua vez, explicou a razão do uso de dois títulos, já que a peça passou por transformações e chegou a ser vista em Fernando de Noronha, no ano de 1989:

> Estreamos na Galeria Metropolitana, numa apresentação para pacientes, médicos e amigos convidados. Mas, depois disso, houve uma mudança de Governo, a direção do centro foi afastada e, por questões políticas, o projeto não seguiu adiante. Bom, como a premissa da montagem era interessante, readaptamos o trabalho e demos um direcionamento às ciências para a infância e a juventude, apresentando os principais órgãos do corpo humano e suas funções.

A partir do dia 2 de outubro, a Chocolate Produções Artísticas trouxe à cena um novo musical infantil, *Chocolate no Reino de Bagdá*, de acordo com o *Diario de Pernambuco* (2 de dezembro de 1988), "uma réplica dos contos das Mil e Uma Noites com seus califas, vizires, odaliscas, tapete voador, garrafa mágica, mercadores". A grandiosa montagem ficou em cartaz no já conhecido horário das 10h30, aos domingos, no Teatro de Santa Isabel. As coreografias eram assinadas por Fátima Freitas, com cenografia e figurinos de Marcondes Lima e iluminação de Horácio Falcão. No elenco, entre dezenas de artistas, Fátima Freitas, Manuela Pimentel e Alexandre Troccoli. A peça foi recomendada pelo *Diario de Pernambuco* (20 de novembro de 1988) por dar às crianças "a chance de conhecer o mundo encantado das lendárias figuras dos contos orientais":

> Durante uma hora e vinte minutos desfilam todos os domingos, no palco do

Chocolate no Reino de Bagdá

> Teatro de Santa Isabel, às 10 horas da manhã, personagens como o marujo Simbad, Abud, o ladrão de Bagdá, além de odaliscas, mercadores, quiromante, princesa, deusa, entre outros. Mas antes disso, o palhaço Chocolate faz um pequeno show para descontrair e aquecer a platéia. A peça é mais uma montagem da Chocolate Produções Artísticas e vem tendo boa receptividade por parte do público, recebendo desde sua estréia, no dia 2 de outubro passado, naquela casa de espetáculos, todos os domingos, cerca de quatrocentas pessoas, segundo informação do diretor, roteirista e adaptador Ulisses Dornelas. "Trata-se de um espetáculo que proporciona à criançada momentos de reflexão e oportunidade de desenvolver seu lado crítico", comenta.

Paralelamente a esta temporada, nas mesmas manhãs de domingo, às 10h30, o Teatro Barreto Júnior recebia *Cindy*, espetáculo com texto de Antônio Nogueira e direção e produção de Roberto Costa, numa releitura de *Cinderela*, conto dos Irmãos Grimm, para uma linguagem atual. Na trama, após a morte de seu pai, uma menina pobre fica à mercê das maldades das três filhas de sua madrasta, até o dia em que, ajudada por sua fada madrinha, vai a um baile e conhece um príncipe. Inês Cunha entrevistou o autor Antônio Nogueira no *Diario de Pernambuco* (20 de novembro de 1988):

> Para o autor reescrever "Cinderela" foi um desafio. "Acontece que por ser uma estória universal, era necessário que tivesse um texto atual, engraçado mas que não perdesse aquela coisa de sonho. Cindy é isso, um sonho que agrada jovens, crianças e adultos. Tem momentos de muita beleza que são recheados pelas músicas e pelos momentos de humor. E o Complexo de Cinderela, existente e plenamente discutido entre as mulheres de hoje, é posto à prova quando o príncipe desce as escadas e vai ao público tentando encontrar sua amada".

O curioso é que, no elenco, além dos intérpretes Marciano Lins, Mônica Vilarim, Joelma Alves, Alda Lucena, Carmen Alves, Johann Vieira (o futuro crítico de teatro do *Jornal do Commercio*, João Luiz Vieira), Patrícia França e Priscilla Annie, estavam os atores Jeison Wallace e Edylson Rygaard, que, a partir de 1991, serão as divertidas personagens Cinderela e Príncipe da montagem adulta *Cinderela, a História Que Sua Mãe Não Contou...*, com direção do 1º e participação ainda de Roberto Costa, o diretor e produtor de *Cindy*, como ator, entre outras funções. Ainda na ficha técnica da peça infantil, coreografias de Patrícia França e iluminação de Sulamita Ferreira e Maninho.

Ao final de 1988, ainda foi possível conferir a temporada de *Jacaré Espaçonave do Céu*, texto de Zé Zuca e Carlos Lagoeiro, com direção de Rogério Costa e realização da Corau (Compa-

Três Peraltas na Praça

nhia de Artistas Unidos). No enredo, a história de uma menina que sonha com um jacaré e de outros meninos que a ajudam a transformar seu sonho em realidade. A peça fez sucesso no Teatro Valdemar de Oliveira, cumprindo "temporada de nove meses, com cento e cinco récitas", de acordo com o *Diario de Pernambuco* (17 de dezembro de 1988). Também foi apresentado *Três Peraltas na Praça*, de José Valluzi, com direção de Ilza Cavalcanti, pelo Haja Teatro e Cooperarte, no mesmo teatro, tratando de uma menina super protegida que foge de casa e vai a uma praça onde começa a criar personagens. No elenco, Dierson Leal, Nilson Rodrigues, Roberto Vasconcelos, Rosana Santos e Vera Rosado (substituída por Ilza Cavalcanti).

Outra montagem de enorme sucesso que também estava como opção nos palcos foi *Maria Borralheira*, de Vladimir Capella, com direção de Manoel Constantino, pela Papagaios Produções Artísticas, em temporada no Teatro Barreto Júnior. No elenco, Cira Ramos, Carlos Lira, Ivonete Melo (eventualmente substituída por Teka Miranda), Simone Figueiredo, Ril Gouveia, Henrique Rodrigues, Sílvia Marques, Sandra Leão, Rinaldo Ferraz, Paulo de Pontes (substituído por Otacílio Júnior) e João Neto. Participaram ainda, mais à frente, Alberto Braynner, Helena Vila Nova e Manoel Constantino (eventualmente). O ator e diretor tratou de vários aspectos da peça no livro *Memórias da Cena Pernambucana - 04* (op. cit., p. 245-247.), inclusive analisando a presença da morte no espetáculo:

Quando decidimos montar "Maria Borralheira", comecei a pesquisar sobre como era contada essa história no Brasil e descobrimos várias versões, desde a mais tradicional da Cinderela com sapatinho de cristal, a essa que estava no Nordeste, registrada por Sílvio Romero no livro "Contos populares do Brasil", e que Vladimir [Capella] teve inspiração. Eu já conhecia outros textos dele, mas esse foi o que mais me encantou, justamente porque, numa trama universal, tão cheia de símbolos, ele optou por usar elementos regionais nossos e com muito bom humor, algo que sempre investi em minhas peças. E, aí, houve essa identificação comigo, porque acho que os meus espetáculos têm muito mais do moleque de cada um de nós (...) Como a gente vinha de uma linha de trabalho onde já tínhamos usado o chitão nos figurinos, o maraca-

Maria Borralheira

tu na trilha sonora, fechamos um ciclo com várias coreografias nordestinas em cena, numa história como "Maria Borralheira", cuja trama se desenrolava em Sergipe. Por exemplo, as feiticeiras que fazem encantamentos a favor de Maria, eu as pus como caboclos do maracatu rural e, ao mesmo tempo, tinham a ver com as Parcas da tragédia grega. Portanto, havia o encantamento do conto de fadas, só que numa linguagem próxima da nossa cultura. (...) Vladimir abre a peça com o pai de Maria dando a notícia da morte da mãe para ela, ainda enquanto criança. Era um momento solene, e usei um coro de atores vestidos com capas pretas e capuz, como num cortejo fúnebre, com direito a coroa de flores. Pouco depois, Maria falava com a mãe, com Sílvia Marques no papel, toda vestida de branco, subindo num alçapão, como uma espécie de lua prateada. A cena era rápida, mas tocava a adultos e crianças. Num outro momento, Ivonete Melo, como a Madrasta, matava com uma espada Lua, a vaquinha de estimação de Maria que ela havia ganho do pai, transferindo simbolicamente, a relação maternal, e todos se emocionavam. A partir daí, ela passa à fase adulta e confronta-se com a realidade. Ou seja, aquele momento não deixou de ser um ritual de passagem: a perda como sinônimo do adquirir novos caminhos, novas possibilidades.

Maria Borralheira

O sucesso foi tanto, que a equipe de *Maria Borralheira* celebrou mais de cem apresentações, com bolo e festa! Ainda em 1988, subiram ao palco *Pepo e Pepa*, com texto e direção de Joana D'Arc Ferreira, sobre dois palhaços de um circo falido que montam um espetáculo que não é de circo, em cartaz no Teatro Clênio Wanderley, aos domingos, às 14 horas; e *Cor de Chuva*, com texto e músicas de Bia Mello e Fernando Neder, sob direção geral e direção musical deste último, pela Festim Produtores Associados, musical que enfoca através de esquetes os sete dias da semana de várias crianças. Em cartaz no Teatro José Carlos Cavalcanti Borges, a peça cumpriu "uma brilhante carreira, (...) do qual fazem as melhores referências especialmente pelo lirismo do texto, as soluções cênicas encontradas e o bom desempenho do elenco", lembrou Valdi Coutinho no *Diario de Pernambuco* (17 de dezembro de 1988). Há registros ainda da montagem ter passado pelo Teatro Valdemar de Oliveira, nos sábados de abril a maio.

Também estava sendo apresentado *O Boi Daruê*, com texto de Fernando Limoeiro e direção de Claudiné de Abreu, numa montagem da Vanguarda Teatro Produções, do município do Jaboatão dos Guararapes, em cartaz no Teatro Apolo, obra que girava em torno de um menino nordestino que, com uma ossada de boi, cria um brinquedo diferente e se envolve com o dono de uma fábrica de brinquedos eletrônicos; e *Com Panos e Lendas*, texto de Vladimir Capella e J. G. Rocha, pela TTTrês Produções Artísticas, com direção de José Manoel, no Teatro de Santa Isabel, peça que no X Festival Nacional de Teatro Amador de São José do Rio Preto (SP), em 1988, foi aplaudida de pé pela plateia e arrebatou os prêmios de Melhor Espetáculo, Melhor Iluminação (Horácio Falcão), Melhor Música (André Filho) e Melhor Atriz Coadjuvante (Pietra Alves). Ainda no elenco, Célia Cardoso, Normando Roberto Santos, Otacílio Júnior, Mônica Holanda, Luciana Gayoso, Márcio Moraes, Rudimar Constâncio, Marcelino Dias e Sílvia Paiva. No enredo, pontuado por rituais, a obra conta o nascimento, vida e morte da Terra. O ano ainda reservou sessões do *Festão da Criança*, show com bonecos gigantes, jogos, Circo da Fantasia, recreação, caça ao tesouro do rei e espetáculo de teatro de bonecos na Fundação Cecosne.

Com Panos e Lendas

Celebrando vinte meses de apresentações após cumprir mais uma temporada, desta vez no Teatro José Carlos Cavalcanti Borges, a peça *Avoar* voltou a ser destaque na coluna *Artes Cênicas*, de Valdi Coutinho, no *Diario de Pernambuco* (10 de dezembro de 1988):

> "Avoar" foi sem dúvida, um dos grandes sucessos do teatro para criança em Pernambuco, conquistando 11 troféus e participando de vários festivais e mostras, daí porque foi visto por mais de 30 mil pessoas, conforme estatísticas fornecidas pelos produtores. O texto de Vladimir Capella fala de liberdade no sentido bem amplo da palavra e resgata as nossas cantigas de roda e brincadeiras de rua.

Pelo 6º ano, a Feteape promoveu o projeto Vamos Comer Teatro, que fazia circular espetáculos por cidades do interior. Naquele ano, na categoria infantil, participaram as peças *Com Panos e Lendas* e *O Rei e o Jardineiro*, indo às cidades de Arcoverde, Cabo de Santo Agostinho, Caruaru e Pesqueira. A coordenação era de Francisco Alves e José Manoel. Naquele ano, a entidade passou a ser presidida por Williams Sant'Anna. No IX Tebo, *Pulem Que o Barquinho Vai afundar*, da Mandacaru Produções Artísticas, ficou com o título de Melhor Espetáculo Infantil, além do troféu de Melhor Diretor para Ivaldo Cunha Filho. Edinaldo Ribeiro foi considerado o Melhor Ator, pelo espetáculo *Caramelada*, do Grupo Os Loucos; Jaci Silva, a Melhor Atriz, por sua atuação em *O Boi Daruê*; e o Prêmio

O Rei e o Jardineiro

Especial do Júri foi para *O Rei e o Jardineiro*, do Grupo Cala Boca Já Morreu!. Entre outros infantis que participaram e não levaram prêmio algum, estava *Cantos e Encantos*, da Semérgio Produções, com direção de Sérgio Barbosa.

Em dezembro, enquanto que no Colégio Decisão foi apresentada a peça *Quê-Pê-Cô-Pôi-Sa-Pá*, de Pernambuco de Oliveira, sob direção de Ida Korossy ao concluir um curso de iniciação teatral, com elenco de alunos daquela instituição de ensino (estreia deste pesquisador numa produção teatral para a infância), o Palhaço Chocolate promoveu grandioso show para a meninada no Parque Treze de Maio, por causa dos festejos natalinos, ação que já vinha realizando há oito anos por várias cidades do Nordeste, com presença do Papai Noel e de mais de cinquenta personagens infantis, além de sorteios de brindes. Na imprensa, apesar de ainda reconhecer a cena pernambucana como "firme e vigorosa", mesmo em meio a tantas contradições, o jornalista Valdi Coutinho, no *Diario de Pernambuco* (31 de dezembro de 1988), nem sequer lembrou das produções para a infância em sua retrospectiva teatral e expôs a crise daquele momento:

Que-Pê-Cô-Pôi-Sa-Pá

> Falar sobre crise nos meios da produção teatral em Pernambuco, no ano de 1988, não se constitui novidade nenhuma, pois o caos foi uma coisa generalizada, no País, com profundos reflexos na área cultural, onde todas as verbas e projetos de investimento esvaziaram-se, com raríssimas exceções. A novidade mesmo foi, numa fase de transição democrática, o aparecimento de contradições pontilhando o relacionamento entre produtores/profissionais/espaço amadores e conjuntos que devem ser repensados e aprofundados visando o aperfeiçoamento do exercício da democracia e das conquistas de cada uma das categorias. (...) a safra 1988 ficou muito a desejar quanto ao aparecimento de novas linguagens cênicas e novas propostas para a dramaturgia. Algumas tentativas foram feitas mas esbarraram em inúmeras dificuldades, especialmente as financeiras (falta de público, a principal delas), e terminaram não causando o impacto que mereciam (...)

Em meio aos conflitos de ordem ideológica, os temas ética e atitude política foram muito discutidos naquele ano por conta dos confrontos entre amadores e profissionais. Infelizmente, nesta retrospectiva, nenhuma peça para criança foi destacada, diferente de montagens adultas como *Olinda Olanda Olindamente Linda*, do Mamulengo Só-Riso; *Vestido de Noiva*, pelo elenco do Curso de Formação do Ator da UFPE; *O Burguês Fidalgo*, da Aquarius Produções Artísticas; e *Besame Mucho*, da Remo Produções Artísticas, entre outras. Como comemoração daquele período, vale ressaltar a reabertura do Teatro do Parque, inteiramente reformado por iniciativa da gestão do prefeito Jarbas Vasconcelos.

Com a crise financeira brasileira mostrando cada vez mais suas garras, a produção teatral freou novas empreitadas e manteve-se no ano de 1989 com trabalhos iniciados anteriormente. Poucas estreias ocorreram, tanto que Valdi Coutinho expressou no *Diario de Pernambuco* (10 de abril de 1989): "A temporada teatral 1989 atravessou o terceiro mês convivendo com o *mesmismo* de sempre". Sem novidades, o mercado, então, foi oxigenado com a circulação das peças existentes. Promovido pela Associação dos Produtores de Artes Cênicas de Pernambuco, o Projeto de Circulação de Espetáculos – Teatro e Dança 89 foi iniciado em outubro com as peças *O Duende Careca*, no bairro do Córrego da Areia; *Pluft, o Fantasminha*, no Vasco da Gama; *A Revolta dos Brinquedos*, na Várzea; e *Maria Borralheira*, que chegou ao município de Pesqueira. O *Diario de Pernambuco* (2 de outubro de 1989) deu mais detalhes sobre o projeto:

> A iniciativa tem como objetivo a descentralização dos espetáculos abrindo uma vasta perspectiva de movimento e de desenvolvimento cultural através de um processo interativo entre cidades interioranas e bairros da periferia. Na prática, isto significa o seguinte: os espetáculos que cumpriram temporadas nos teatros convencionais passam a circular por espaços alternativos, oferecendo oportunidade ao público da periferia (não acostumado a frequentar os teatros oficiais) a conhecer o que vem sendo produzido pelas nossas companhias e grupos profissionais e amadores. Paralelamente, os grupos amadores e profissionais de outros centros, especialmente das cidades interioranas, ocupam os espaços convencionais. O Projeto beneficiará, este ano, os bairros de Tejipió, Córrego da Areia, Vasco da Gama e Várzea, e os municípios de Pesqueira, Brejo da Madre de Deus, Escada e Palmares. O patrocínio é da Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (Fundarpe), órgão da Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes do Governo do Estado, da Fundação de Cultura da Prefeitura do Recife, da Fundação Nacional de Artes Cênicas e da Associação dos Produtores de Artes Cênicas de Pernambuco.

Foi também a Feteape que, em julho, promoveu a Mostra Estadual de Teatro Amador em dobradinha com a II Mostra de Teatro Infantil, com dezessete peças no total, todas ocupando o Teatro do Parque. Da programação voltada para as crianças, excetuando *O Rei e o Jardineiro*, do Grupo *Cala Boca Já Morreu!*, com texto de Toinho Alves, adaptado por Carlos Lira, sob direção de José Manoel; participaram somente estreias daquele ano, *Senhor Rei, Dona Rainha*, do Haja Teatro, com texto de Benjamim Santos e direção de Elmar Castelo Branco; *Flor de Maio*, de Maria Cristina Furtado, com produção do Grupo Flor e Sendo; e, como representante do interior pernambucano, *Zap, Zupt, Traques e Truques Para Manter o Verde Vivo*, com a Troupe Espantalho, de Arcoverde, em criação coletiva do Grupo Feira de Teatro Popular, com

Flor de Maio

direção de Romualdo Freitas. Sob coordenação de Williams Sant'Anna, Didha Pereira, Marcelino Dias, Jorge Costa, Rudimar Constâncio e Francisco Alves, o evento contou com apoio da Fundacen, Fundarpe, Livro 7 e Fundação de Cultura Cidade do Recife.

Naquele 1° semestre de 1989, a Companhia do Sol apresentou um novo trabalho mais específico para alunos de escolas, *O Sal da Terra*, com texto e direção do produtor Paulo André Guimarães. Mas uma das mais aguardadas estreias do ano para o público em geral foi promovida pela Dramart Produções, a partir de março, com o musical *O Menino do Dedo Verde*, adaptação de Romildo Moreira a partir do texto do francês Maurice Druon, com músicas de Allan Sales e André Filho, e direção musical deste último. A obra conta a história de Tistu, um menino que busca a paz e o amor entre as pessoas e tem o poder de transformar qualquer objeto em flores. A direção foi entregue a José Manoel, que fez questão que o adaptador do livro fosse Romildo Moreira. A jornalista Graça Gouveia escreveu sobre o assunto no *Diario de Pernambuco* (18 de março de 1989):

> O texto, adaptado por Romildo Moreira, tem tudo a ver com a nossa mais urgente realidade: desde a preocupação ecológica da história, como a discussão sobre justiça social e outros problemas atuais. Mas isto não significa que os guris-espectadores vão ser massacrados com tiradas filosóficas indigestas ou com diálogos monótonos. A trama (...) vai sendo desenvolvida no clima de um musical, pois são exatamente 23 músicas distribuídas no espaço de uma hora que ajudam a transmitir a mensagem de Tistu. "Esta é uma família feliz/ apesar da crise feliz/ Mamãe tão atenciosa/ Papai tão educado/ criados para servir.../" com versos irônicos e bem- humorados como estes, o espetáculo tem início e André Filho e Allan Sales desfilam todo o tempo seu potencial criativo, preocu-

O Menino do Dedo Verde

O Menino do Dedo Verde

> pados em variar o máximo possível na forma de composição, de maneira a não deixar cair na monocordicidade um texto tão complexo e que, por si só, já exige uma reflexão apurada.

A peça esteve em cartaz no Teatro Valdemar de Oliveira e participou ainda do Festival de Inverno de Campina Grande (PB), no Teatro Municipal Severino Cabral. Depois, foi ao Theatro 4 de Setembro, em Teresina (PI), além de apresentação na Colônia Penal do Bom Pastor, no Recife, e no Manicômio Judiciário de Itamaracá (PE), através do Projeto Coringa, iniciativa da Feteape, com José Manoel à frente. Dois garotos se revezavam no papel do Menino, Hugo Leonardo e Rogério Medeiros, com oito anos cada. O ator Luiz César, que vivia o pai do Tistu, recordou com carinho de uma passagem desta convivência, no livro *Memórias da Cena Pernambucana – 02* (op. cit., p. 47.):

> Lembro que um deles, já no final da temporada, viu a platéia por uma fresta da cortina e me falou: "painho, como é que esse povo não abusa? A gente faz toda semana e esse pessoal vem ver sempre". Eu, então, respondi: "não, meu filho, são pessoas diferentes. Nós é que ficamos os mesmos do lado de cá". Foi aí que ele compreendeu.

Ainda no elenco, Fábia Marques, Socorro Rapôso, Grace Maia, Eliane Quirino, André Moura, Fátima Campos, Flávio Santos, Ivone Cordeiro, Cláudia Pontes, Picchetto Saianni e Verônica Alencar, além dos músicos Déborah Nádia, Robson Couto e Allan Sales. Em junho de 1989, outro trabalho dirigido por José Manoel, a peça *Avoar*, voltou em cartaz para poucas sessões no Teatro Valdemar de Oliveira, aos domingos pela manhã, paralelamente à temporada de *A Revolta dos Brinquedos*, da Circus Produções Artísticas, que, desde maio, já conseguia atrair ótimo público ao Teatro Apolo, num momento em que as pessoas ainda tinham certa rejeição àquele espaço. A produção executiva era da Ilusionistas Corporação Artística, com Moisés Neto e Mísia Coutinho à frente. No elenco, Buarque de Aquino, Marcus Vinícius, Vavá Paulino, Conceição Camarotti, Kalyna de Paula (substituída por Penha Camarotti), Xico Ribeiro e a estreante Clarice Andrade. A jornalista Inês Cunha, no *Diario de Pernambuco* (4 de junho de 1989), quis descobrir o porquê do sucesso da peça:

> Para Moisés [Neto] o que contribui para esse sucesso da atual montagem "é a direção de José Francisco, ágil e inteligente, que prende por usar recursos que superam as meras influências

A Revolta dos Brinquedos

> cinematográficas ou mesmo gags usadas tão comumente em outras montagens para criança. Nós não tratamos a criança como anormal. E também o elenco. É difícil reunir um cast como o da "Revolta" (...) a história de uma menina má, que maltrata e quebra seus brinquedos, ignorando que os bonecos também têm vida, à sua maneira. E numa noite, eles se revoltam e resolvem julgar sua dona pelas malvadezas cometidas contra eles, criando um tribunal, com advogados de acusação e de defesa, juiz e testemunhas. Trata-se de um espetáculo que diverte pessoas de qualquer idade, contando mesmo um sabor de crítica a certos comportamentos da sociedade, alcançando o objetivo de divertir e instruir, ao mesmo tempo.

O Paraíso é Azul?

Com texto surgido como resultado de uma oficina de construção de textos aplicados à psicologia infantil, ministrada pelo psicólogo Antônio Guinho e a teatróloga Fátima Ortiz, dentro do Projeto Criança Ano II, promovido pela Feteape em 1986, Didha Pereira finalmente conseguiu encenar *O Paraíso é Azul?*, de sua autoria. A obra trouxe tema polêmico à cena, a morte, através de um garoto que vive obrigado a cuidar de uma irmã pequena, enquanto seus outros irmãos brincam na rua. Ele, então, cria um mundo fantasioso para si. Com músicas e coreografias do próprio diretor e direção musical de Fábio Lima, a peça foi uma produção conjunta entre a Marcus Siqueira Produções Artísticas e o Teatro Popular dos Coelhos, cuja estreia aconteceu em 7 de setembro de 1989, com entrada franca, no ainda inacabado Teatro Marcus Siqueira. O espaço estava sendo construído na rua Bituruna, no bairro dos Coelhos, mas acabou não concluído, virando um posto médico. Cumprindo, depois, temporada no Teatro Apolo, no elenco estavam Carmelita Pereira, Mônica Holanda, Juraci Vicente, Avanizes Bezerra, Judilson Dias, Ana Márcia Melo, Cássia Mascena, José Lira, Rick Nascimento, Beto Lima, Rui Costa, Jorge Souza e o próprio autor e diretor. A montagem conquistou o prêmio de Melhor Espetáculo no III Festival Brasileiro de Teatro Infantil, em João Pessoa (PB), ainda em 1989 e, no início de 1990, representou Pernambuco no II Festival Nacional de Integração das Artes Cênicas, na cidade de Resende (RJ).

Outras opções de estreia no ano de 1989 foram *As Filhas do Sol*, de Carlos Gomes, com direção de Irageu Fonseca, pelo Grupo de Teatro Berro

As Filhas do Sol

Muitas Luas

A Bela Adormecida

d'Água, em cartaz no Teatro José Carlos Cavalcanti Borges; *Além do Arco-Íris*, com direção de Walmir Chagas, pelo Grupo Gente Nossa, que pôde ser visto no Teatro Apolo; *Muitas Luas*, texto de Tatiana Belinky e direção de Enéas Alvarez, numa montagem da Portugal Produções, em cartaz também no Teatro Apolo; e *A Bela Adormecida*, da Chocolate Produções Artísticas, com adaptação, roteiro e direção de Ulisses Dornelas e coreografias de Fátima Freitas, que atraiu excelente público aos domingos, às 10 horas, por quatro meses no Teatro de Santa Isabel. Ainda no 1º semestre de 1989, continuando temporada de sucesso no Teatro Barreto Júnior, a peça *Maria Borralheira*, da Papagaios Produções Artísticas, ganhou resenha crítica da jornalista Cleide Jane na *Folha de Pernambuco* (9 de abril de 1989):

> Imagine se todas as crianças. Ao invés de ouvirem falar numa Cinderela doce, maltratada pela madrasta, e que acha por acaso um príncipe encantado, ouvissem uma Cinderela consciente de seus limites, determinada nas atitudes, esperta, convivendo com Maracatus, Bumba-meu-boi, caboclinhos e dançasse ciranda; Certamente conheceria desde cedo a cultura regional, partindo para uma valorização quase que imediata (...) "Maria Borralheira", em cartaz aos sábados e domingos, no Barreto Júnior, sempre às 16h30, permite à criança momentos de reflexão sobre a maldade e a bondade do homem e suas peripécias. (...) O texto de Vlademir Capela (sic) é cheio de poesia, ao mesmo tempo que consegue exprimir em cada palavra, símbolos e significados identificados com o regionalismo. (...) O elenco é trabalhado de tal forma que o mais simples personagem ganha vida – como Rosalinda (Sílvia Marques), que faz uma criada "atrevida" para os

Maria Borralheira

ricos, e solidária com os pobres. O que mais impressiona é a maneira como o diretor Manoel Constantino utiliza elementos da natureza tão lógicos e indiferentes ao universo infantil, como a lua, transformando-a num símbolo de amor e lucidez. Não é uma lua vista nas escolas, com os olhos bocas. Aqui a "Mãe Lua" existe de maneira poética, misturando terra e céu, realidade e ficção.

Em agosto, a peça comemorou sua 100° apresentação, desta vez no Teatro de Santa Isabel. O *Jornal do Commercio* (26 de agosto de 1989) deu destaque ao fato, com depoimento de fãs da obra:

> Há um ano em cartaz o espetáculo infantil "Maria Borralheira" completa neste sábado a sua centésima apresentação no Teatro Santa Isabel, (...) onde a garotada se deliciará com sorvetes, bolos de aniversário, além do coquetel para os pais. (...) Segundo o professor de Artes Cênicas da UFPE e autor do livro "A Linguagem do Teatro Infantil", Marco Camarotti, "Maria Borralheira" é um dos melhores trabalhos que o teatro infantil pernambucano produziu nos últimos anos. E a explicação de seu sucesso tem certamente a ver com a experiência, o cuidado e a sensibilidade daqueles que estão por trás dessa montagem, (...) de quem busca compreender e cumpliciar-se com a realidade do mundo infantil". Já o autor e diretor Romildo Moreira, um dos representantes da Confederação Nacional de Teatro, comenta que "(...) Todos os componentes técnicos da montagem de "Maria Borralheira", têm a dose precisa para que o espetáculo seja no mínimo brilhante. Os figurinos, cenários, coreografias e músicas nos dão um pouco de sonho dos contos de fadas ao mesmo tempo em que nos empurram para as nossas raízes culturais, utilizando a plástica e costumes dos nossos folguedos populares, numa recriação bonita e criativa" finaliza Romildo Moreira.

No término de 1989, após um ano e quatro meses de temporada, com público calculado pela produção em trinta mil crianças, *Maria Borralheira* fez suas últimas apresentações no Teatro de Santa Isabel, passando ainda para o Teatro do Parque com sessão especial para escolas. Outra peça que celebrou vitórias desde a sua temporada inicial, de maio a junho, foi *Senhor Rei, Dona Rainha*, do Haja Teatro, com texto de Benjamim Santos e direção de Elmar Castelo Branco, trabalho que retornou ao palco do Teatro José Carlos Cavalcanti Borges em agosto, ficando em cartaz até outubro, sempre aos sábados e domingos, às 16 horas. O espetáculo mostrava a quase impossível história de amor entre cartas de um baralho, um valete e uma dama de naipes diferentes, filhos de famílias vizinhas e inimigas. A graça maior fica por conta das peripécias de um coringa que faz de tudo para concretizar o romance. No elenco, George Demétrios, Jacqueline Saunders, Marcos Amorim, Normando Roberto Santos, Paulinho Mafe (substituído por Taveira Júnior) e Pietra Alves. O produtor e ator do grupo, Paulinho Mafe, lembrou do projeto no livro *Memórias da Cena Pernambucana – 02* (op. cit., p. 190.).

> Voltei somente em 1989 [após três anos afastado do teatro], quando Pietra Alves, que nem fazia parte do grupo, deu-me a idéia de montar o infantil *Senhor Rei, Dona Rainha*, de Benjamim Santos. Do grupo inicial do Haja Teatro, acho que ninguém mais estava fazendo teatro naquele tempo, só eu, e passaram a ingressar no grupo, George Demétrios, Jacqueline Saunders, a própria Pietra, Marcos Amorim e Normando

Senhor Rei, Dona Rainha

Roberto Santos, que retornava à equipe. Como Carlos Varella não pôde nos dirigir, convidei Elmar Castelo Branco, responsável ainda pela maquiagem, cenografia, figurinos e adereços. Otacílio Júnior assinou a coreografia, e convidei Ronaldo Brissant para fazer a produção artística, cumprida maravilhosamente bem. Essa peça foi uma co-produção com o Projeto Universo, um movimento alternativo que existia no Recife ligado aos universitários, sob a coordenação de Sérgio Xavier. Uma matéria do *Jornal do Commercio* (11 de agosto de 1989) pontuou os objetivos desta parceria:

> Segundo os produtores, "Senhor Rei, Dona Rainha" é um projeto sintonizado com a socialização da arte e tem como objetivo levar crianças carentes ao teatro, questionando a elitização dos espaços culturais e despertando a produção artística para a realidade sócio-econômica do Recife. Esta meta, explicam, é alcançada através do Projeto Universo que promove a distribuição de convites e transportes a diversas comunidades carentes da cidade. (...) Na sua primeira temporada, realizada de maio a junho, o espetáculo foi visto por cerca de quatro mil pessoas, metade deste número de crianças carentes. O Projeto Universo foi criado em 1986 nas universidades de Pernambuco para desenvolver atividades científicas, ecológicas e sócio-culturais, visando enriquecer a formação do universitário e discutir alternativas para os problemas da sociedade.

Outro sucesso de bilheteria que também voltou ao cartaz foi *Maria Minhoca*, da Paulo de Castro Produções Artísticas, com direção do mesmo, que ocupou o Teatro do Parque com novidades no elenco, agora composto por Suzy Oliveira, Izaltino Caetano, João Ferreira, Paulo de Castro e Walmir Chagas. O figurino continuava assinado por Diva Pacheco, com cenário de Jair Miranda. No entanto, outras novidades a cada

Maria Minhoca

dia de apresentação eram constantes, conforme o *Diario de Pernambuco* (16 de dezembro de 1989):

> "Maria Minhoca" – segundo Paulo de Castro – teve na atual versão uma movimentação e interação com o público, oferecendo surpresas a cada nova encenação. Neste final de semana, por exemplo, contará com a participação especial do mágico Lu-Gon (sic), fazendo mágicas e jogando brilho para a criançada.

Em matéria no mesmo jornal no dia seguinte (17 de dezembro de 1989), Paulo de Castro voltou-se ao enredo da conhecida peça:

> Sobre o tema do espetáculo, comenta o diretor que se trata de uma história de amor e poder. O amor representado por Maria Minhoca e Chiquinho Colibri, e o poder pelo Capitão Quartel. O pai de Maria Minhoca, Mister Buldog, deseja o casamento de sua filha com o Capitão por este ter poder, só que Maria Minhoca está apaixonada pelo adolescente Chiquinho Colibri que retribui esta paixão. "Sem dúvida é uma grande obra de Maria Clara Machado que delicia a platéia durante 60 minutos".

O Grudage (Grupo da Gente) foi o 1º grupo cabense a fazer temporada no Recife, no Teatro Barreto Júnior, com a peça estreada naquele ano, *O Sapateiro do Rei*, de Lauro Gomes, com direção de Ednaldo Oliveira, durante um mês, a partir de setembro de 1989, participando do Projeto Sideral. O enredo aborda a exploração do trabalho humano e acontece num reino onde o soberano abusa do poder e exige que o sapateiro real faça quinhentos pares de sapato em uma semana. No elenco, Edinilson Oliveira, Totô Santos, Francisco Alves, Jô Azevedo (Josete Maria Mendonça), Edes Oliveira (Edes di Oliveira), Edson Oliveira, Neide Natureza, Luiz de Lima Navarro e Evanny Copino (Evânia Copino). Por sinal, esta peça venceu o X Festival de Teatro de Bolso (Tebo) como Melhor Espetáculo Infantil, além de ter ganho o título de Melhor Atriz para Evanny Copino (Evânia Copino). Já o Melhor Ator foi Paulinho Mafe, por *Senhor Rei, Dona Rainha*, do Haja Teatro. Ninguém levou o troféu de Melhor Diretor. No entanto, Otacílio Júnior – que assinava as coreografias de *O Sapateiro do Rei* e de *Senhor Rei, Dona Rainha* – conquistou o Prêmio Especial do Júri pelo seu desempenho como coreógrafo em várias montagens. Partici-

O Sapateiro do Rei

param também da competição as produções infantis *As Filhas do Sol*, do Grupo de Teatro Berro d'Água, e *O Paraíso é Azul?*, da Marcus Siqueira Produções Artísticas e Teatro Popular dos Coelhos, em novembro daquele ano.

Ainda em setembro, a Feteape promoveu, sob coordenação de Didha Pereira, Avanizes Bezerra e Marcelino Dias, o projeto Os Pombos Voltam às Praças, no Circuito das Praças Ano II, a fim de descentralizar a produção teatral, fazendo com que esta chegasse à periferia. Ao todo, durante dois meses, foram vinte apresentações nas praças da Várzea, da Torre, da Matarazzo (nos Coelhos), do Trabalho (Casa Amarela), da União dos Moradores do Pina, de Jardim São Paulo, da Vila Maria Inês (Ipsep), do Engenho do Meio, do Derby, do Morro da Conceição e do Largo de Santo Amaro. Com foco especialmente nas crianças, foram programados os espetáculos *Os Saltimbancos*, do Grupo Happening, de Garanhuns; *Zap, Zupt, Traques e Truques Para Manter o Verde Vivo*, da Troupe Espantalho, de Arcoverde; *O Menino Sonhador* e *O Paraíso é Azul?*, ambos da Marcus Siqueira Produções Artísticas (este último em parceria com o Teatro Popular dos Coelhos); e *O Boi Daruê*, da Vanguarda Teatro Produções, da cidade do Jaboatão dos Guararapes.

Quase ao finalzinho do ano, o Teatro de Marionetes Bonecartes foi representar Pernambuco no IV Festival de Teatro de Bonecos, no Rio de Janeiro, com o espetáculo *Bumba-Meu-Boi do Capitão Boca Mole*, concebido na técnica de marionete de fios, com enredo repleto de manifestações folclóricas tipicamente pernambucanas. No elenco, os atores manipuladores Laércio Júnior (também diretor e produtor), Sílvia Maris, Maurílio Lins, Alexandre Pereira de Araújo e as crianças Isabela e Joana (sem registro do sobrenome). Naquele momento, também foi produzido *Show dos Baixinhos*, espetáculo recreativo em cima do programa de TV da Xuxa, comandado pela atriz Mônica Vilarim, a "Xuxa do Nordeste", sob direção de Roberto Costa, junto a outras personagens, além da promoção de jogos e brincadeiras, aos domingos pela manhã, no Teatro Valdemar de Oliveira. Já na Fundação Cecosne, voltado para o público infantil e adulto, entrou em cartaz o espetáculo natalino *Jesus, o Menino Que Veio do Céu*, com texto e direção de Edson Moura, pelo Teatroneco, como uma das opções da Ludoteca, "área com brincadeiras, palhaços, bonecos gigantes, Circo da Fantasia e outras atividades recreativas", lembrou o *Diario de Pernambuco* (10 de dezembro de 1989). Uma outra matéria no mesmo jornal (23 de dezembro de 1989) abordou o espetáculo a partir de seus recursos de cena:

> As técnicas utilizadas neste espetáculo variam das mais simples, como bonecos de luva com papel machê, bonecos de vara com cabeças confeccionadas por Pedro Boca-rica (grande bonequeiro e artesão), até a projeção de slides e utilização do Teatro de Sombra Chinesa. Além de todas essas prerrogativas técnicas, o espetáculo conta, também, com o trabalho de teatralização dos alunos da Universidade Popular Dom Hélder Câmara, como atores mirins.

Também estreou em 1989, no Teatro Barreto Júnior, aos domingos pela manhã, pela Companhia Parcas Sertanejas (às vezes registrada na imprensa como Companhia Augusta Ferraz), *Pluft, o Avesso Poético de Um Fantasminha*, com a própria atriz e produtora no papel título. A peça foi concebida tendo como referência a tese de Denise Moreira de Souza, a partir da obra de Maria Clara Machado, e a ousada concepção do diretor Júnior Sampaio, calcada na linguagem do circo, colocou a atriz Augusta Ferraz de cabeça quase raspada como um menino, usando calça de suspensório e o corpo pintado com os seios à mostra (para surpresa de alguns

Pluft, o Avesso Poético
de Um Fantasminha

pais), em meio a cenário formado por estruturas de ferro tubular onde o elenco exibia técnicas como equilibrismo. O *Diario de Pernambuco* (16 de julho de 1989) deu mais detalhes sobre a proposta:

> No Teatro Barreto Júnior está de volta o espetáculo "Pluft, o Avesso Poético de um Fantasminha", definido pela produtora Sarcas (sic) Sertanejas, como "uma poesia teatral com gosto de pastel de vento". Trata-se de uma montagem nova, com elementos circenses, mostrados através do personagem tio Gerúndio que cospe fogo enquanto assusta o malvado capitão Perna de Pau. Enquanto isso, Pluft canta o tédio de morar em uma casinha perdida na areia branca, perto de um mar verde e que, junto com as crianças da platéia, desmistifica o mundo fantasmagórico. A autora de Pluft é Maria Clara Machado, que mostra com delicada poesia a passagem que a criança faz do mundo individual ao mundo social na direção de Júnior Sampaio.

Ainda que com pouco público, a montagem recebeu fartos elogios dos colegas da classe teatral, especialmente pela atuação de Augusta Ferraz como o fantasminha Pluft. Tertuliano Neto, Alberto Braynner, Vera Santana, Teo Camargo, Rozendelfo Santos, Roberta Alencar e o próprio diretor Júnior Sampaio foram os outros intérpretes (Williams Sant'Anna, Leila Freitas, Patrícia França, Ana Luiza Accioly e João Maria atuaram como substitutos). Em 1990, o trabalho voltou ao cartaz com elenco ainda mais renovado. A direção musical era de Walmir Chagas. Ainda em 1989, surgiu na cidade de Camaragibe, na Região Metropolitana do Recife, *Super "R" Contra Mister "C"*, espetáculo de estreia do Grupo Teatral Risadinha, com texto e direção de Geraldo Cosmo e Josenildo José. Ao final daquele ano, como sempre fazia, o jornalista Valdi Coutinho teceu comentários no *Diario de Pernambuco* (28 de dezembro de 1989) sobre a

Pluft, o Avesso Poético
de Um Fantasminha

produção daquele momento, que "ficou muito a dever" no segmento adulto, ainda que com trabalhos elogiados como *Fim de Jogo*, da Refletores Produções; *Calderón*, com alunos do Curso de Formação do Ator da UFPE e *O Atelier de Madame Rabat*, do Teatro de Amadores de Pernambuco, mas ressaltou a qualidade das montagens infantis:

> O movimento teatral de Pernambuco – ainda considerado o terceiro pólo de produção, neste setor artístico, em todo o País – chega ao seu final com um saldo positivo se forem considerados dois aspectos bem distintos e marcantes do processo: de um lado, a resistência de uns poucos em busca de novas linguagens cênicas e a procura de propostas estéticas e interpretativas transformadoras para a releitura de consagrados e novos autores, e do outro, a insistência dos produtores em manter o interesse e a assiduidade do público com espetáculos atrativos, embora utilizando repetidas fórmulas e conhecidas soluções, com resultados satisfatórios. (...) O teatro infantil continua de vento em popa, com espetáculos de bom nível ocupando todas as casas de espetáculos durante todos os finais de semana do ano. Foram muitas as produções nessa categoria, sendo difícil mesmo enumerá-las, todas, mas podendo relembrar algumas: "Maria Minhoca", de Maria Clara Machado, com a volta de Paulo de Castro às produções infantis, "Maria Borralheira", de Vladimir Capella, direção de Manoel Constantino, "Pluft, o fantasminha" [*Pluft, o Avesso Poético de Um Fantasminha*], de Maria Clara Machado, direção de Júnior Sampaio, "Senhor Rei, dona Rainha", de Benjamim Santos, "Palhaço Chocolate", de Ulisses Dornelas e vários espetáculos grandiosos. "Flor de Maio", de Maria Cristina, "Muitas Luas", com a estréia de Enéas Alvarez como diretor, "O Menino Sonhador" e "O Paraíso é Azul?", de Didha Pereira, "A Revolta dos Brinquedos", com direção de José Francisco Filho, entre outros.

Muitas Luas

O Menino Sonhador

Na pesquisa intitulada *O Teatro No Recife a Partir de 1980: Uma Análise da Demanda* (2009, p. 9-61), Célio Pontes, observando a formação da cadeia produtiva do teatro, constatou:

> Os anos oitenta marcam o período de maior desenvolvimento do teatro em Pernambuco. Havia uma expressiva oferta de peças em cartaz, com mais teatros em funcionamento e com uma

profusão de artistas, técnicos, produtores em arranjos amadores e semi-prossionais. Com poucos apoios e patrocínios e sem leis de fomento à produção, os espetáculos atraíam mais público e geravam mais receitas para as companhias. Entretanto, a partir do final dos anos noventa o promissor cenário para o exercício profissional do teatro no Recife não se consolidou com a esperada sustentabilidade. (...) É um período de transformações significativas na economia, na cultura e na comunicação; com mudanças que ainda repercutem. (...) Nem a intensa programação de espetáculos voltados às crianças na década de 80 parece ter provocado algum impacto na formação de novas plateias nos períodos seguintes. As crianças que outrora lotavam as sessões de teatro se voltaram para outros interesses, seja através da influência [da] televisão (...) ou com o advento da internet e games no início dos anos 90. (...) É o frágil reflexo das mudanças sociais e políticas que definem os altos e baixos do fazer teatral no Recife, a despeito de todas as conquistas e forte tradição histórica. (...) São ciclos contínuos que se alternam como bolhas que enchem, estouram e arrefecem. Fato que demonstra a baixa capacidade de auto-regulação do mercado para teatro no Recife.

ANOS 1990

Como neste momento o número de produções de teatro para a infância no Recife (com reverberação em outros municípios pernambucanos) cresceu consideravelmente, ainda que com períodos de crise de estreias, ficou impossível registrar todos os elencos e técnicos envolvidos, até mesmo pela diminuição paulatina dos espaços nos jornais, cada vez mais sucintos de dados sobre as montagens, ou ainda a ausência de programas dos espetáculos (virou luxo neste período de crise financeira). No entanto, foi desejo desta pesquisa citar cada produção estreada ano a ano, com prioridade para seus realizadores, sendo, sempre que possível, revelados os autores e diretores das peças, com alguns elencos (inclusive artistas substitutos).

A década de 1990, última do Século XX, é sinônimo de terror para o crescimento econômico no Brasil e, consequentemente, para a produção das artes cênicas. O confisco de poupanças pelo Governo Collor e a instabilidade financeira afastaram público e empresariado do teatro; os patrocínios se tornaram cada vez mais escassos e o desenvolvimento tecnológico favoreceu a permanência das pessoas em suas casas. Assim, a Internet foi conquistando mais espaço na vida de cada um e o aumento da violência nos grandes centros urbanos contribuiu ainda mais para a diminuição drástica das plateias. O teatro para crianças assistiu a tudo isso em queda vertiginosa de qualidade. Um grave problema desse tempo foi o aumento das sessões específicas a alunos de escolas particulares. Pais desobrigaram-se, então, a levar seus filhos ao teatro no final de semana e o mercado tornou-se cruel na disputa por venda de espetáculos, com alguns bem aquém da qualidade prometida.

Em plena Era Collor, sinônimo de crise profunda para todos os setores da economia, com reflexos traumáticos na área cultural, o início da década de 1990, curiosamente, não sofreu tantas baixas de produção no teatro para crianças – algo que se sentiu nos anos seguintes com a paulatina diminuição de público. Elencos grandes passaram a ser raridade e produtoras importantes, por não manterem mais diálogo com possíveis patrocinadores, estes temerosos com os desastrosos planos econômicos da ministra da Economia, Zélia Cardoso de Melo, chegaram ao fim. A Papagaios Produções Artísticas, por exemplo, foi uma que parou de trilhar bela trajetória iniciada em 1985 e com término em 1993. Outro problema foi a precária continuidade de apresentações por conta das disputas de pauta, cada vez mais acirradas, algo que jogou

um balde de água fria nos planos da Aquarius Produções Artísticas, que também vinha produzindo teatro para crianças desde 1979 e chegou ao fim em 1992.

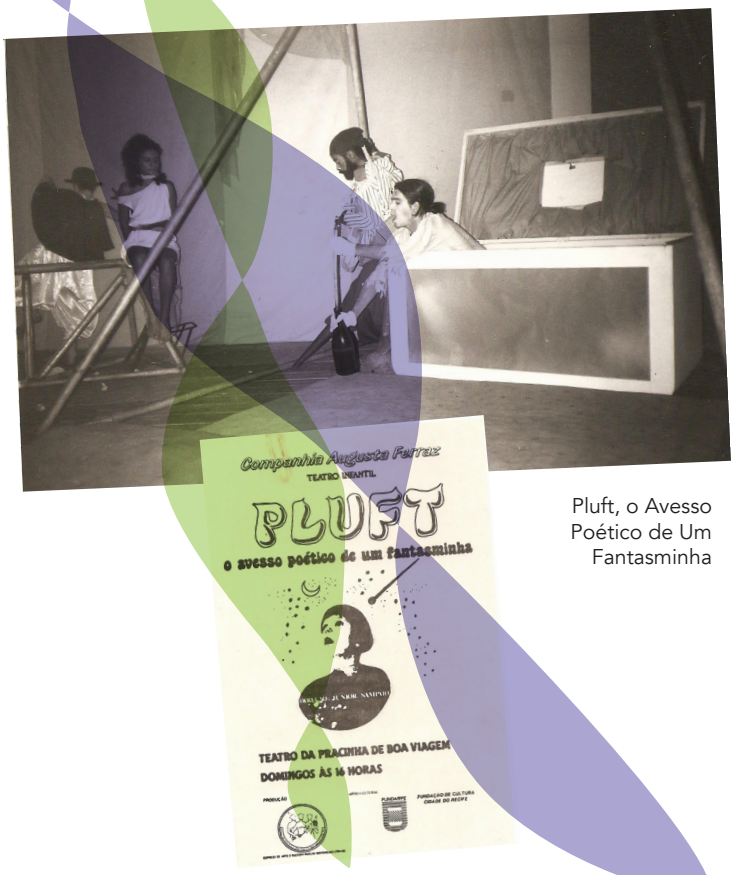
Mesmo diante de um terreno tão sofrido economicamente, ainda apareceram produções de sucesso, se não com gordas bilheterias, mas com elogios rasgados da imprensa. Coletivos praticamente cooperativados cresceram no mercado; e diante de tempos tão cinzentos, o teatro foi lembrado como símbolo da resistência. Com a retração do público, cada estreia era comemorada pela coragem e esforço de seus realizadores, mas a crítica – que se mostrou cada vez mais feroz com a chegada de jornalistas novatos cobrindo as artes cênicas – não perdoou deslizes.

Avoar

No seguimento adulto, o produtor Bóris Trindade, da Aquarius Produções Artísticas, o mais conhecido e dinâmico deles, não se arriscou em nenhuma nova realização. Mais ousados foram Paula de Renor, da Remo Produções Artísticas, com *Salto Alto* – um sucesso do período – e Cristiano Lins com *Se Colar, Collou*, pela Cristiano Lins Produções. Ainda que enfrentando tamanha crise financeira, não se pode dizer que o ano de 1990 não representou qualidade de produção teatral, com peças como *Em Nome do Desejo*, *Olinda Olanda Olindamente Linda*, *O Jardim das Cerejeiras*, *Seis Pirandellos Procuram Um Diretor*, *Um Sábado Em 30*, *Dorotéia*, *Valsa nº 6*, *Lisístratra*, *Heilogábulo & Eu*, *O Que Mantém Um Homem Vivo* e *Ana Clitemnestra*.

Na programação para a infância, retornando ao palco onde estreou em 1987, o Teatro de Santa Isabel, *Avoar*, da TTTrês Produções Artísticas, comemorou três anos de temporada de sucesso, com dezesseis prêmios e mais de duzentas apresentações já realizadas (celebrando a mesma equipe); *Maria Minhoca*, da Paulo de Castro Produções Artísticas, continuou atraindo bom público por onde passou; e surgiu remontagem de *Como a Lua*, de Vladimir Capella, com direção do mesmo José Manoel (à frente também do lançamento da obra em 1984 e pela 1ª vez assinando uma remontagem), desta vez com realização pela Terceiridade Teatral e TTTrês Produções Artísticas. Essencialmente uma história triste, segundo seu próprio autor, a trama aborda "o amor de um índio que por força do deus Rudá, dorme cem anos e acorda pintado de palhaço, com cara de lua cheia corona", conforme descrito nos roteiros dos jornais da época. A peça esteve em cartaz, a partir de agosto, no Teatro Apolo, aos domingos pela manhã, mas também foi preparada para sessões com escolas, tendo os atores Carlos Lira (único remanescente do elenco original, como o protagonista Índio Paiá), Sílvia Marques, Márcio Moraes, Romildo Manoel, Mônica Holanda, Teka Miranda, Rudimar Constâncio e Otacílio Júnior.

Sete outras montagens estreadas no ano anterior continuaram fazendo apresentações em 1990. *Jesus, o Menino Que Veio do Céu*, com texto e direção de Edson Moura, ainda cumpriu



Pluft, o Avesso Poético de Um Fantasminha

sessões no início do ano, no Teatro do Cecosne. *Pluft, o Avesso Poético de Um Fantasminha*, com direção de Júnior Sampaio, ocupou o Teatro do Parque, passando depois para o Teatro da Pracinha, em Boa Viagem. No elenco renovado, nomes como Thiago Dinis como o protagonista, Williams Sant'Anna, Johann Vieira – João Luiz Vieira –, Paulo de Pontes, Itamira Andrade, Roberto Vieira, Fábio Ferretti e Rivalcléia Santos – Riva Santos. Celebrando carreira vitoriosa, *Maria Borralheira*, de Vladimir Capella, sob direção de Manoel Constantino e realização da Papagaios Produções Artísticas, iniciou nova temporada de quatro finais de semana no Teatro de Santa Isabel, dentro de um projeto de popularização ao teatro, após circulação pelo interior nos municípios de Pesqueira, Brejo da Madre de Deus, Escada e Palmares.

Sem ter receio de discutir a solidão e a morte com a criança, *O Paraíso é Azul?*, texto e direção de Didha Pereira, pela Marcus Siqueira Produções Artísticas em parceira com o Teatro Popular dos Coelhos, após passar por João Pessoa, Campina Grande e Rio de Janeiro, retomou temporada no Teatro Apolo aos domingos pela manhã. Por sinal, Didha Pereira assumiu em 1990 a presidência da Feteape. *As Filhas do Sol*, texto escrito por Carlos Gomes, com direção de Irageu Fonseca e Edílson Rygaard, foi outra montagem de 1989 que voltou com temporada no Teatro do Parque, pelo Grupo de Teatro Berro d'Água; além de *Muitas Luas*, de Tatiana Belinky, com direção de Enéas Alvarez, trabalho que lançou a Portugal Produções, produtora de Pedro Portugal. Esta última chegou a ocupar o Edifício Chateau Cabernet, na Torre, lançando o projeto Teatro no Arranha-Céu, iniciativa que visava levar aos prédios residenciais da cidade espetáculos teatrais como forma de educação e lazer. A ideia partiu do ator Pedro Dias, integrante do elenco junto a Cleusson Vieira, Eduardo Gadelha, José Brito e Patrícia Pereira. Já o Palhaço Chocolate, com a sua grandiosa produção de *A Bela Adormecida*, ao celebrar cinco meses de sucesso em cartaz no Teatro de Santa Isabel, chegou a cumprir turnê com a peça pelo Nordeste ainda naquele ano.

A Bela Adormecida

Passageiros da Estrela (Será Que Vale a Pena Falar de Amor?)

Dois lançamentos infanto juvenis também surgiram em 1990: *Passageiros da Estrela (Será Que Vale a Pena Falar de Amor?)*, de Sérgio Fonta, com direção de Picchetto Saianni, pela Dramart Produções; e *A Maior Bagunça de Todos os Tempos*, de Moisés Neto, com direção de Buarque de Aquino, pela Ilusionistas Corporação Artística. Na 1ª peça, que ficou em cartaz no Espaço Cultural Inácia Rapôso Meira, no Edifício AIP, na Avenida Dantas Barreto, e mostrava o relacionamento entre um casal indígena que se ama e é proibido de namorar devido às regras de sua sociedade, o elenco contava com Daniel Leinad, Janevalde Ramos, Margarida Meira (substituídos, respectivamente, por Edvaldo Oliveira, Flávio Santos e Célio Pontes), Goretti Chaves (substituída por Fábia Marques e, posteriormente, por Cláudia Pontes), Grace Maia, Ivone Cordeiro, Luiz César, Samuel Santos, Socorro Rapôso e Valéria do Amaral. Na 2ª produção, que por pouco mais de um mês cumpriu temporada no Teatro José Carlos Cavalcanti Borges trazendo "uma visão moderna do conto *Branca de Neve* misturando humor, terror e sensualidade", conforme a jornalista Inês Cunha, no *Diario de Pernambuco* (14 de outubro de 1990), estavam Lucinda Frota, Luciano Rodrigues, Simone Figueiredo, Moisés Neto, Carlos Mesquita e Valdeck Lemos.

A Maior Bagunça de Todos os Tempos

Pinóquio

Ana Montarroyos, Ivonete Melo, Deise Rossiter, Sílvia Marques, Henrique Rodrigues, José Ramos, Auricéia Fraga, Nilza Lisboa, Otacílio Júnior, Sandra Leão e João Neto.

O Extrato de Formosura

No entanto, uma das estreias mais comentadas foi *Pinóquio*, da Circus Produções Artísticas, em cartaz no Teatro Apolo, comemorando os dez anos de existência da produtora e os cem anos de morte do autor Carlo Collodi. A adaptação da obra ficou com Cláudio Aguiar, sob direção de José Francisco Filho. No elenco, oito atores se revezando em vinte e cinco personagens: Manoel Constantino (o protagonista), Buarque de Aquino, Geane Bezerra, Romildo Moreira, Conceição Camarotti, Menezes Figueira, Chico Ribeiro e Vavá Paulino (Vavá Schön-Paulino). Outra estreia do ano, nem tão bem recebida, foi a nova versão para o texto *O Extrato de Formosura*, do astrólogo Eduardo Maia, com direção de Américo Barreto e Fábio Costa, pela Papagaios Produções Artísticas, um grande investimento de produção, por pouco tempo em cartaz no Teatro Barreto Júnior, a partir do mês de outubro. No elenco,

Ainda há registros de outras peças para crianças estreadas em 1990: *A Menina Sem Nome*, de Guilherme Figueiredo, dirigida por Luciano Rodrigues, 1ª montagem da Teo Produções Artísticas, que ficou em cartaz, também por pouco tempo, no Teatro Valdemar de Oliveira, com os atores Fábio Lira, João Augusto Lira, Giordani Gorki, Hyeda Patrícia, Stela Rios e Ricardo Angeiras numa concepção poética sobre os meninos de rua; e *Hipopocaré – O Rei da Galhofa*, que ocupou aquele mesmo palco, pouco depois, passando em seguida para o Teatro de Santa Isabel, com realização da Cristia-

Hipopocaré – O Rei da Galhofa

no Lins Produções e administração de Antônio Nogueira. O texto de Antônio Guinho, que ganhou outras montagens antes e depois desta, foi destaque na coluna de Valdi Coutinho, no *Diario de Pernambuco*, devidamente reproduzido no seu livro *No Palco da Memória – 25 Anos de Crítica Teatral* (2008, p. 99-101.):

> Trata-se de uma adaptação teatral do livro escrito por Antônio Guinho, em 1981, (...) esta é a segunda montagem já realizada nesta capital. A história fala de um amor, no mínimo, estranho. Uma hipopótama e um jacaré se apaixonam perdidamente. Talvez, quem sabe por que (sic) ambos freqüentavam o mesmo "habitat", o das águas enlameadas de um rio, embora anatomicamente, fossem bem diferentes. O esdrúxulo casal de animais casa-se e vão (sic) viver juntos. O número de transtornos que haverão de enfrentar para tornar natural essa convivência. Algo muito esquisito para todos. Porém, com o nascimento do filhote, o "hipopocaré", a vida da floresta muda. A surpresa e a curiosidade e o encantamento dos bichos em torno do estranho filhote é comovente e enternecido. A harmonia instaurada só vem a ser perturbada pelos indesejáveis caçadores, que pretendiam capturar o estranho animal a fim de transformá-lo em curiosidade rara nos grandes zoológicos. Bonita e diferente a história de Antônio Guinho. O espetáculo teatral consegue explorar bem a dramaticidade e a fantasia nele contidas. Aproveita-se para colocar em cena, numa linguagem bem acessível ao público infantil, questão séria assim como a luta contra o autoritarismo, personificado pelo senhor da floresta, o direito à liberdade, a defesa ecológica e o respeito às alternativas do amor.

No elenco desta 2ª versão de *Hipopocaré – O Rei da Galhofa*, dirigidos por José Francisco Filho, estavam Jeison Wallace, Roberto Vasconcelos, Daniela Gouveia, Helena Siqueira, Helena Tenderine, Gil Lisboa, Givaldo Alves, Marco Antônio Oliveira e Cláudio Tozzer (mais à frente, foram substitutos Sérgio Lima e George Alencar). As músicas foram criações de Fernando Lobo; e Laércio Júnior concebeu as máscaras dos enormes bonecos/bichos usadas pelo elenco. Também estreou, pela Companhia do Sol, *O Mistério das Outras Cores*, texto de Paulo André Guimarães e direção deste e de Eduardo Gomes (peça remontada anos depois pelo próprio autor), com sessões durante a semana para escolas, inicialmente no Teatro Valdemar de Oliveira, passando depois para o Teatro dos Bancários. No elenco, Luciano Rodrigues, Jeison Wallace, Giordani

O Mistério das Outras Cores

A Flor Mágica

Gorki, Roberto Vasconcelos e Aurino Xavier. Em seguida, a mesma Companhia do Sol lançou uma produção para jovens, *Como Vencer Na Vida Sem Fazer Força*, sobre um rapaz imerso na "lei do menor esforço", querendo tirar vantagem em tudo, texto de Paulo André Guimarães, com direção dele e de Eduardo Gomes, também com sessões específicas para escolas, no Teatro Boa Vista (do Colégio Salesiano) e Teatro Valdemar de Oliveira. No elenco, Ana Cláudia Wanguestel, Deborah Valença, Paulo de Pontes, Edílson Rygaard e Ricardo Pedrosa.

Como produções do teatro de bonecos, pôde ser vista *Bumba! Meu Boi* Dá Vida, pelo Teatroneco, com direção de Aurino Xavier e participação dos atores manipuladores Paulo Germano, Veruska Azevedo, Neide Oliveira e Edmilson Fernandes, em cartaz no Teatro do Cecosne, assim como *A Flor Mágica*, com quase a mesma equipe, sob direção de Aurino Xavier e presença de Veruska Azevedo, Socorro Sena, Neide Oliveira, Edmilson Fernandes e Homero Herculano no elenco. Por sua vez, *A Ver Estrelas*, elogiado musical com texto, direção e trilha sonora de João Falcão, contando com intérpretes conhecidos da mídia televisiva, Bruno Garcia, Virgínia Cavendish, Patrícia França, Cira Ramos, Paulo Falcão, João Augusto, Aramis Trindade e Maria Rossiter (esta última substituída por Maíra), ocupou o Teatro Barreto Júnior. A produção era de Alexandre Alencar e Adriana Falcão.

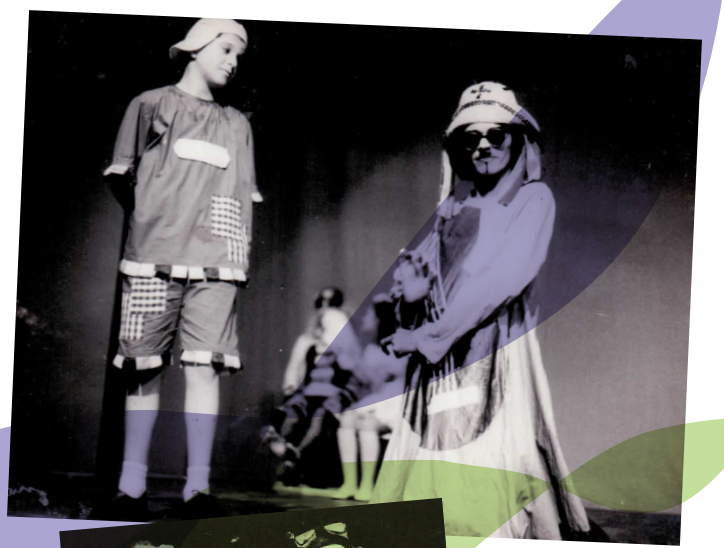
A Ver Estrelas

Espetáculo de Variedades Ecológicas

Já *Brincando de Gente Grande*, 3ª realização da Companhia do Sol naquele ano, com foco nas sessões para escolas de terça a sexta-feira, com texto e direção de Paulo André Guimarães; e *Circo Mágico*, de Roberto Costa, com direção de Antônio Nogueira, foram peças apresentadas no Teatro Valdemar de Oliveira. Ainda há registro do grupo Mão Molenga Teatro de Bonecos, que lançou *Espetáculo de Variedades Ecológicas*, texto e direção dos próprios atores manipuladores, Carla Denise, Fábio Caio, Fátima Caio e Marcondes Lima; *Zé da Verdade*, com alunos crianças do Arteviva em texto e direção de Maria Cristina Furtado, no Teatro do Forte; e *Ratimbum – O Show do Baixinho*, no Teatro de Santa Isabel, com a "Xuxa do Nordeste", Mônica Vilarim, em show dirigido por Roberto Costa e direito de cópia até da nave espacial da Xuxa no palco.

Mônica Vilarim, a "Xuxa do Nordeste"

Em dezembro de 1990, o Festival de Teatro de Bolso do Recife (Tebo), no Teatro do Forte, elegeu como melhores espetáculos da sua 11ª edição as peças *Valsa nº 6*, realização adulta da Portugal Produções e Cia. Théspis de Repertório; e *Flicts*, no seguimento para a infância, trabalho estreado naquele ano pelo Haja Teatro, com texto de Ziraldo em adaptação de Aderbal Júnior, sob direção de Elmar Castelo Branco. A peça conquistou ainda o título de Melhor Ator para Normando Roberto Santos como o protagonista Flicts. Picchetto Saianni ficou com o prêmio de Melhor Diretor na linguagem infantil por *Passageiros da Estrela (Será Que Vale A Pena Falar de Amor?)*, da Dramart Produções, que levou ainda o prêmio de Melhor Atriz para Margarida Meira. O ator Thiago Dinis recebeu o troféu de Revelação Infantil pelo talento precoce em *O Cavalinho Azul*, de Maria Clara Machado, com direção de Claudiné de Abreu, pela Vanguarda Produções, equipe do município do Jaboatão dos Guararapes, na Região Metropoli-



O Cavalinho Azul

tana do Recife, que chegou a cumprir temporada no Teatro Apolo. Ainda no elenco, Denílton Neves, Nika di Oliveira, Binho Rodrigues, Mário Orlando, Rivalcléia Santos (Riva Santos), Evaldo de Oliveira e o próprio diretor Claudiné de Abreu. *Flicts*, do Haja Teatro, recebeu vários outros prêmios em sua trajetória. É o que registra matéria no jornal *Folha de Pernambuco* (16 de novembro de 1990):

> Comemorando os vinte e um anos da obra-prima de Ziraldo – "Flicts, a cor" o (sic) Haja Teatro, possuidor de extenso currículo na área da dramaturgia infantil, mostra a versão teatral deste famoso "poema" que encanta platéias de todo mundo. O espetáculo, que obteve seis indicações (...) e quatro prêmios (Melhor Coreografia: Black Escobar, Melhor Figurino: Elmar Castelo Branco, Melhor Espetáculo do Júri da Crítica e 2º Melhor Espetáculo do Júri Oficial) no I Festival Nacional de Teatro Infantil do Sesc-PB, se encontra em cartaz no Teatro José Carlos Cavalcanti Borges (...) Continuando seu trabalho de modernização do Teatro Infantil, Elmar Castelo Branco considera esta sua nova encenação como um marco em sua carreira (...) Com polivalência artística comprovada (...) Elmar já criou uma assinatura, uma espécie de griffe em suas encenações, marcadas pela modernidade dos signos teatrais, pelo primor do visual e principalmente pela mensagem concebida e comunicada através de uma releitura das obras que encena.

Flicts

No elenco, Normando Roberto Santos, Silvestre Filho, Black Escobar, Paulinho Mafe (substituídos, respectivamente, por Paulo de Pontes, Marcelino Dias, Wilma Marcelino e Alberto Brigadeiro), Carlos Albert, Vanise Souza, Emerson Nascimento, Marcos Amorim, Carmelita Pereira e George Demétrios. Vale ainda destacar *O Sapateiro do Rei*, de Lauro Gomes, com direção de Ednaldo Oliveira, pelo Grudage (Grupo da Gente), do Cabo de Santo Agostinho, cuja estreia aconteceu em 1989 na sua cidade de origem, mas que em 1990 cumpriu temporada no Recife, no Teatro Barreto Júnior, do Pina. Contraditoriamente naquele panorama sombrio de tanta retração financeira, o teatro para crianças continuou pulsando e vivia um bom momento segundo o crítico Valdi Coutinho, que pontuou na retrospectiva do ano publicada no *Diario de Pernambuco* (28 de dezembro de 1990):

O teatro infantil também soube resistir à tempestade avassaladora. Tivemos bons espetáculos tais como "O Extrato de Formosura", "A Ver Estrelas", "Hipopocaré", "Maria Minhoca", "Pinóquio", "A Bela Adormecida", "Flicts", "Pluft, O Avesso de Um Fantasma" [*Pluft, o Avesso Poético de Um Fantasminha]*, e muitos outros, sem esquecer o Cecosne, sempre movimentando o seu espaço da Madalena com bons espetáculos artísticos.

No ano seguinte, 1991, uma verdadeira bomba explodiu na relação entre artistas e crítica teatral. Com a saída do crítico Enéas Alvarez do *Jornal do Commercio*, considerado mais "companheiro" da classe teatral e até benevolente nos seus comentários, quem o substituiu foi o jornalista Alexandre Figueirôa, com formação em Cinema. Os títulos das matérias publicadas na época traduzem que ele não perdoava deslizes nos palcos: "Texto não supera marcas do tempo" (3 de agosto de 1991), "Um banquete muito indigesto" (10 de agosto de 1991) e "Autoria insegura prejudica peça" (15 de agosto de 1991), só para citar alguns de seus escritos naquele ano. Mas o estopim dessa tumultuada relação aconteceu com a crítica da peça adulta *Um Bonde Chamado Desejo*, de Tennessee Williams, sob direção de Milton Baccarelli e com a atriz Suzana Costa à frente da produção, cujo irônico título espalhou estilhaços terríveis: "Um bonde chamado tropeço" (14 de julho de 1991). Curiosamente, a matéria foi assinada pelo editor Marco Polo, num equívoco de edição. Para piorar a situação, o texto foi republicado dias depois, agora com a assinatura do autor verdadeiro, Alexandre Figueirôa. Isso causou rebuliço e gerou mágoas tremendas na produção do espetáculo.

A partir daí, o conflito artistas versus crítica gerou uma série de artigos na imprensa, de outros jornalistas, de produtores teatrais e de representante das entidades de classe. O teatro para crianças, neste momento, vivia uma fase crítica

A Formiga Fofoqueira

de produção e criatividade, fruto também da falta de investimentos na área. Poucas peças estiveram em cartaz no Recife. Dos infantis que conseguiram sobreviver, *A Formiga Fofoqueira,* texto de Carlos Nobre, com direção de Max Almeida, pela Refletores Produções, que cumpriu temporada no Teatro dos Bancários, no bairro da Boa Vista, tendo no elenco Feliciano Félix, Michelle Laurem, Isaías Filho, Leon Arruda e Carol Leal (posteriormente também participaram Susy Oliveira, Izaltino Caetano e Sandra Mesquita); *O Circo de Seu Bolacha*, texto de Paulo de Oliveira Lima, com direção de Carlos Salles e atuação do trio Cleusson Vieira, Pedro Dias e Carlos Pitóia, pela Portugal Produções (que passou pelo Teatro José Carlos Cavalcanti Borges e, inclusive, no provocante Espaço Cultural Anexo Casa Azul, até então voltado para peças adultas e com ambientação bem ao estilo); *Antes de Ir ao Baile*, obra de Vladimir Capella voltada a todas as gerações, pelo Grupo Cênico Arteatro, em cartaz no Teatro Apolo, com Carlos Salles assumindo outra direção no ano, à frente dos atores Sandra Dias,

O Circo de Seu Bolacha

Antes de Ir ao Baile

Edinaldo Ribeiro, Márcia Cruz, Jacilene Mathias (Lene Mathias), Clayton Melo, Leandro Mariz, Thiago Dinis, Kátia Meira, Zaneide Nascimento e Cláudia Harmes; e *A Viagem de Um Barquinho*, de Sylvia Orthof, com direção de Flávio Santos, pelo Grupo Teatral Arte Livre, em temporada no Espaço Cultural Inácia Rapôso Meira.

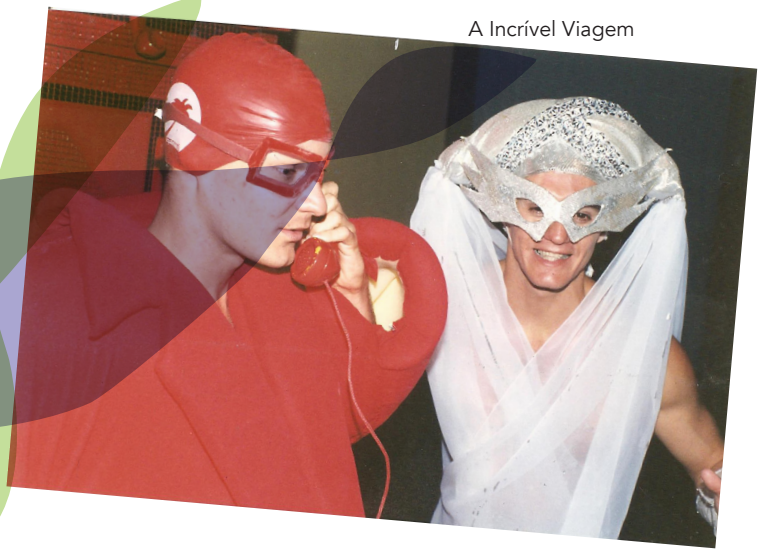
A Viagem de Um Barquinho

A Noviça e o Capitão

Duas realizações da Cristiano Lins Produções foram os maiores sucessos de público do ano, *Os Saltimbancos*, de Chico Buarque de Holanda, com direção de Roberto Costa e participação de Alberto Braynner, Edílson Rygaard, Lene Ribeiro, Joelma Alves e uma série de bailarinos e crianças; e *A Noviça e o Capitão*, texto de Antônio Nogueira inspirado no filme *A Noviça Rebelde*, com direção de Cristiano Lins e tendo Sheyla Costa como a protagonista, a noviça Maria, contracenando com sete crianças, entre outros. Também voltou à cena, pela mesma produtora, *A Incrível Viagem*, de Doc Comparato, com elenco renovado (Bóris Trindade Jr./Borica, como o protagonista, além de Alexandre Sampaio, Edivane Bactista, Yvette Moura e Cláudio Tozer), mas ain-

Os Saltimbancos

A Incrível Viagem



da sob direção de Manoel Constantino, em cartaz no Teatro Valdemar de Oliveira. O cenário e figurinos bem alegóricos eram de Uziel Lima. Já o diretor Júlio Rocha estreou *Os Aventureiros da Sorte*, texto seu, em cartaz no Teatro José Carlos Cavalcanti Borges, pela Trupe Experimental de Teatro; Joana D'Arc escreveu e dirigiu *Candy, a Bonequinha*, aos domingos pela manhã, no Teatro Valdemar de Oliveira; e o Grupo Pano de Boca fez *A Pequenina Intrusa*, com texto e direção de Carlos Marculino.

A Pequenina Intrusa

Caxuxa

Se no bairro do vasco da Gama o Teatro de Bonecos Lobatinho inaugurou seu palco auditório, a Companhia do Sol, liderada pelo diretor, dramaturgo e produtor Paulo André Guimarães, produziu apenas um espetáculo naquele ano, ainda no 1° semestre, *O Circo Brasil*, com texto e direção do próprio, especialmente para escolas. Por sua vez, mergulhando na fantasia de cinco garotos de rua, o musical infanto juvenil *Caxuxa*, de Ronaldo Ciambroni, com direção de João Falcão e direção musical de Walmir Chagas e Fernando Lobo, foi a grande estreia do mês de março, com o estreante grupo Ou Entra no Tom ou Sai da Música, trabalho bastante elogiado pelo crítico Valdi Coutinho, que reproduziu seus escritos da época no livro *No Palco da Memória – 25 Anos de Crítica Teatral* (op. cit., p. 87-89.):

> "Ou Entra no Tom ou Sai da Música" começou superafinado. O grupo ousou fazer aquilo que eu já vinha sugerindo a muitos conjuntos que produzem espetáculos infantis, (...) encenar o espetáculo "Caxuxa", numa noite de quarta-feira, no Teatro Barreto Jr., para convidados especiais (jornalistas, diretores de colégios professores, profissionais de mídia e comunicação, etc) e ainda ofereceu um coquetel para confraternização no final. (...) todo mundo bem impressionado com o nível do espetáculo, inclusive o autor do texto original, Ronaldo Ciambroni, que trata do direito que cada um tem, especialmente a criança, de sonhar com a felicidade. A adaptação feita por João Falcão também foi de uma propriedade impressionante. No gênero "diet". Tirou as gorduras e injetou muita poesia em forma de música. (...) A trilha é bonita toda, daquelas que dá vontade logo de cantar. E sonhar. Outra coisa importante em "Caxuxa" é o tratamento técnico dado ao espetáculo. A impressão que fica é a de

que existe música ao vivo e que os intérpretes estão cantando com microfones embutidos, tudo muito limpo, muito leve, audível e encantador. E por falar em interpretação, o estilo lembra as coisas feitas por João Falcão. Sem rebuscamentos, sem rótulos, sem clichês, mas de uma precisão e emoção verdadeiras. Depois de tanto tempo ligado à televisão, Cláudio Ferrário comprova que não esqueceu as origens verdadeiras do palco. Lívia Falcão no papel título, reaparece em grande estilo, criando um tipo encantador. Walmir Chagas (o Homem do Saco) oferece outra dosagem de versatilidade e convicção dramática. Não conhecia o trabalho de João Augusto Lira (Caramujo) nem o de Patrícia França (Graxa), mas os dois afinam direitinho o conjunto. Dirigido ao público infantil mas também para atingir outras faixas etárias, "Caxuxa" demonstra outra virtude dos que fazem "Ou Entra no Tom ou Sai da Música", a de não subestimar a capacidade de leitura e de interesse da criança, jogando com a simplicidade e a criatividade, mas imprimindo ao espetáculo um ritmo, uma dinâmica, uma linguagem, tão envolventes que terminam facilitando a compreensão do drama e mantendo o nível da atenção bem aguçado. O cotidiano dos meninos de rua, tão sonhadores quanto outros de qualquer categoria social, ganha um tratamento cênico tão sério, e paradoxalmente lúdico, que se torna impossível não sonhar junto com todos os lavadores de carro, apanhadores de papel, mendigos e engraxates, identificando toda a crueldade da vida que levam, mas também respeitando o direito que eles têm de sonhar com um mundo melhor e uma sociedade menos injusta.

Arlequim

Caxuxa

Em julho, também no Teatro Barreto Júnior, estreou *Arlequim*, da Remo Produções Artísticas, peça que ultrapassou a fronteira brasileira e chegou a ser vista em Portugal anos depois, nas cidades de Lisboa, Porto e Tondela, a convite do Projeto Cumplicidades, além de passar por Garanhuns, Arcoverde, Caruaru (PE), Natal (RN) e Rio de Janeiro (RJ). O texto festivo de Ronaldo Cor-

O Rei Artur e os Cavaleiros da Távola Redonda

reia de Brito e Assis Lima, contou com a direção de Carlos Carvalho, além de trilha sonora original de Antônio Madureira, coreografia de Amélia Veloso, cenário, figurino e adereços de Walter Holmes e maquiagem de João Denys. As armações do brincante Arlequim eram contadas com muita música e danças durante os quatro dias de carnaval, quando ele tenta se livrar das confusões provocadas pelas demais personagens: Catirina, o Capitão do Cavalo-Marinho, o casal de apaixonados Pierrô e Colombina e até o Diabo.

No elenco original, Sílvio Pinto, Ivonete Melo, Carlos Lira, Simone Figueiredo, Arnaldo Siqueira, Roger de Renor, Juliana Conde, Valdir Nunes, Mônica Barroso e Otacílio Júnior, mas uma série de outros intérpretes também participou, já que a peça perdurou por anos, quase sempre voltando à cena próxima ao período carnavalesco. Ainda em 1991, a equipe fez nova temporada no Teatro do Parque e, em 1992, o trabalho conquistou os prêmios de Melhor Espetáculo Infantil, Melhor Produção, Melhor Ator (Sílvio Pinto), Melhor Atriz Coadjuvante (Simone Figueiredo), Melhor Bailarina Popular (Juliana Conde), Melhor Trilha Sonora (Antônio Madureira) e Melhor Direção (Carlos Carvalho) no Troféu Sated/Feteape Destaques do Ano.

Outros tantos elogios foram para *O Rei Artur e os Cavaleiros da Távola Redonda*, texto de Celso Lemos, com direção de Manoel Constantino, que estreou em outubro, no Teatro Barreto Júnior, em mais uma grande realização da Papagaios Produções Artísticas, com proposta que unia à lenda medieval, sincretismo religioso afro, música armorial e estética primando pelo chitão nordestino. Uma matéria assinada pela jornalista Ivana Moura, no *Diario de Pernambuco* (5 de outubro de 1991), deu mais detalhes sobre essa mistura:

> A montagem, dirigida por Manoel Constantino, é, segundo avaliação dos produtores, ao mesmo tempo um desafio e um compromisso com a linguagem do teatro infantil. "Primeiro por se tratar de uma lenda, que por sua riqueza arquetípica vem atravessando os séculos", explica a produção. E segundo pela obrigação de levar um espetáculo capaz de enriquecer o espectador no seu aprendizado do mundo que o cerca». Além de todos os valores morais explicitados no texto, a encenação recifense busca enfatizar uma mensagem ecológica, nesses tempos tão preocupantes com a natureza. A encenação lança mão das tradições nordestinas, numa tentativa de aproximar o texto «da nossa realidade, através dos elementos estéticos e espetaculares». Baseado no clima e na flora da região, o cenário usa a estamparia do chitão. Inspirado «na luminosidade das cores fortes utilizadas pelo nosso povo», o figurino é confeccionado também de chitão e faz «uma analogia à indumen-

O Rei Artur e os Cavaleiros da Távola Redonda

tária dos nossos vaqueiros». Para tornar mais próxima a saga do rei Artur e seus indômitos e temeários cavaleiros, a montagem traça uma ligação, pelo sincretismo religioso, das personagens Viviane e Merlin, com Yemanjá e Oxóssi – deuses afro-brasileiros. Com uma hora e quinze minutos de duração, as cenas do espetáculo são molduradas pela musicalidade armorial, e coreografias baseadas em danças como ciranda e a cavalhada.

O elenco era formado por Auricéia Fraga, Aidil Araújo, Cira Ramos, Flávio Santos, José Ramos, João Neto, Maurício Melo, Nino Fernandes, Ril Gouveia, Sílvia Marques, Alfredo Montebelo, Henrique Rodrigues e Antônio Carlos Mergulhão, o saudoso ator Bobby Mergulhão em sua estreia. Posteriormente, Edivane Bactista e Manoel Constantino foram artistas substitutos. A direção de arte era de João Neto. Na linha da bonecaria, o grupo Mão Molenga Teatro de Bonecos estreou três novos trabalhos, *As Bravatas de Benta e Bastião*, *O Mundo Mágico do Corpo Humano* e *A Cartola Encantada* (este último, no repertório desde então, com personagens como um Sapo apresentador que sonha em ser mágico; o rato vilão Juvenal e a famosa macaca cantora Heleninha, verdadeira estrela entre outros animais e plantas com características humanas), todas estas montagens com texto, direção e bonecos do quarteto Carla Denise, Fábio Caio, Fátima Caio e Marcondes Lima. Já o Teatro de Marionetes Bonecartes voltou a apresentar *Bumba-Meu-Boi do Capitão Boca Mole*, com direção de Laércio Júnior, celebrando dez anos de sua companhia.

Chegando à 12ª edição, o Festival de Teatro de Bolso do Recife (Tebo) premiou na categoria infantil como Melhor Espetáculo, *O Circo de Seu Bolacha*, da Portugal Produções, que abocanhou ainda o troféu de Melhor Ator para Flávio Renovatto. Izaltino Caetano ficou como Melhor Diretor por *Maria Minhoca*, da Foco III do Coliseu, de Olinda; Magna Magalhães ganhou como Melhor Atriz por *A Viagem de Um Barquinho*, de Sylvia Orthof, com o Grupo Teatral Arte Livre, sob direção de Flávio Santos; e André Coelho foi a Revelação Infantil por seu trabalho em *A Pequenina Intrusa*, do Grupo Pano de Boca. Na cidade de Garanhuns, durante o I Encontro de Política Cultural do Agreste Meridional, promovido pela Federação de Teatro Amador de Pernambuco (Feteape), a programação foi encerrada com o espetáculo *Os Saltimbancos*, de Chico Buarque de Holanda, pelo Grupo Happening, da própria Garanhuns.

Maria Minhoca

No Cabo de Santo Agostinho foi realizado o I Festival Nacional de Teatro Amador do Cabo, no Teatro Barreto Júnior daquele município, ação da Associação Cabense de Teatro Amador (ACTA), contando com peças adultas e para crianças dos estados de Pernambuco, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo e Paraíba. Na programação para a infância, participaram *O Sapateiro do Rei*, do Grudage, e *O Pequenino Grão de Areia*, de João Falcão, pelo Grupo Supimpa Produções, de João Pessoa (PB). O ano de 1991 ainda marcou a estreia de um ícone da produção teatral adulta recifense, curiosamente pautada numa trama infantil, mas com perfil de comédia suburbana, *Cinderela,* a *História Que Sua Mãe Não Contou...*, da Cia. Trupe do Barulho, que permaneceu nove anos em cartaz como um dos grandes recordistas de bilheteria no Recife. Diante de tudo aquilo, a crítica Ivana Moura só deu destaque na retrospectiva do ano no *Diario de Pernambuco* (28 de dezembro de 1991) a uma equipe que nasceu e morreu fugazmente:

> O teatro infantil, embora sem repetir a fertilidade de anos anteriores, manteve-se persistente e laborioso durante todo o ano, tendo como novidade o aparecimento da nova companhia "Ou Entra no Tom ou Sai da Música" (...)

Em 1992, a peça *O Rei Artur e os Cavaleiros da Távola Redonda* voltou ao cartaz no Teatro Barreto Júnior e o *Jornal do Commercio* (11 de abril de 1992) revelou uma ação que muitos produtores teatrais faziam naquele momento:

> Desde a criação dos Papagaios Produções Artísticas é executado o Projeto Escola, onde a Produtora realiza espetáculos durante a semana, fretando o ônibus e vendendo o pacote para as escolas do Recife. Segundo um dos sócios da Papagaios, Henrique Rodrigues, "a receptividade por parte dos diretores e professores é grande. Já existem instituições de ensino que trabalham conosco a cada novo espetáculo. A relação profissional entre escolas/Papagaios se torna tradicional". Para a Papagaios Produções Artísticas é importante o colégio levar seus alunos aos espetáculos, como forma de estimular e educar a criança a ir ao Teatro. "Através de estudos feitos por psicólogos, a criança que tem a oportunidade de freqüentar o teatro desenvolve um senso crítico mais apurado; ela se torna um ser mais vivo, mais participante da sociedade. Daí, a seriedade tem de ser encarada no teatro infantil, pois estamos educando, dando subsídios para a formação de um adulto", afirma o diretor do espetáculo, Manoel Constantino.

Infelizmente, nem todos produziram espetáculos à altura desta importância e a história prova que a saturação desta relação com as escolas prejudicou e muito o teatro promovido nos finais de semana. O fato é que cresceu o número de peças para crianças no Recife em 1992, curiosamente com o lançamento de montagens que perduraram por um bom tempo. A começar de *O Bosque do Coração do Brasil*, texto de Marcos Sá, com direção de José Francisco Filho e realização da Paulo de Castro Produções Artísticas e Circus Produções Artísticas, inicialmente em cartaz no Teatro Apolo e passando, depois, para o Teatro do Horto, seu principal palco. A peça foi saldada pela crítica Ivana Moura, no *Diario de Pernambuco* (29 de maio de 1992):

> Duas produtoras reuniram-se para mostrar a destruição que o homem causa ao meio ambiente. *O Bosque no* (sic) *Coração do Brasil* em cartaz no Teatro Apolo, sábados e domingos, é um espetáculo singelo. O pequeno texto de Marcos

O Bosque do Coração do Brasil

Só ganha da direção de José Francisco Filho um encantamento pueril. A encenação começa com a apresentação das personagens que contarão a história de um bosque que permanece intacto no meio de uma cidade. Um casal de passarinhos sai à cata de um lugar para nascer o filhotinho. Encontram o bosque com suas árvores falantes, e a cachoeira tagarela e chorona. Mas rapidamente o passarinho descobre que o lugar poderá ser destruído para a construção de uma ferrovia. No final o elenco pede às crianças da plateia que não permitam que o homem desequilibre ainda mais a Natureza. Os figurinos e cenários, de João Neto, são simples e funcionais. A produção é modesta, mas a criatividade prevalece. Com esses elementos o grupo não tenta escamotear da criança que é teatro. O jogo cênico forja-se na frente do público, com algumas caracterizações em cena. Como o texto, de frases curtas e diretas, de fácil compreensão para o público infanto-juvenil, as músicas de Walmir Chagas e Rosendelfon (sic) Santos também exploram a simplicidade da beleza. As coreografias de Mariza Queiroga, não acompanham o mesmo ritmo harmônico na sua simplicidade (...) são pobres, expõem os atores, que, com exceção de Vavá Paulino, mostram-se fora de sintonia com os passos. Essa é uma falha do espetáculo. O elenco, formado por Buarque de Aquino, Conceição Camarotti (casal de passarinhos), Pietra Alves, Rosendelfon (sic) Santos, e Paulo de Castro (árvores), Ivonete Melo (cachoeira) e Vavá Paulino (deus da mata), segura o jogo lúdico.

Já no Teatro José Carlos Cavalcanti Borges, estreou a mais longeva das produções teatrais para a criançada no Recife, *A Estória dos Três Porquinhos* (que mais à frente foi rebatizada apenas como *Os Três Porquinhos* e passou por diversos outros espaços, como o Teatro dos Bancários e o Teatro do Horto), texto de Reginaldo Zarpa (Reginaldo Silva) inspirado em obra de Joseph Jacobs, com direção de Cleusson Vieira, numa montagem da Portugal Produções. A crítica Ivana Moura também soube dar atenção à montagem no *Diario de Pernambuco* (3 de julho de 1992):

> Contando as desavenças e peripécias dos manos Prático, Cícero e Heitor o texto percorre o caminho maniqueísta de que o bem vence sempre o mal, mesmo que esta realidade esteja longe dos lugarejos do mundo e principalmente do Brasil atual. A montagem da adaptação de Reginaldo Zarpa, com direção de Cleusson Vieira, em cartaz aos sábados e domingos no Teatro José Carlos Cavalcanti Borges, procura manter-se fiel ao contexto dos Irmãos Grimm. De saída, a encenação da Portugal Produ-

A Estória dos Três Porquinhos

ções encontra essa vantagem, e mesmo na era da Informática, a garotada aprecia história dos bichinhos. A duração do espetáculo é ideal, em média 50 minutos, não cansando ou desgastando a paciência da gurizada. Através do humor e alegoria, a peça ensina às crianças que ser preguiçoso não leva a lugar algum e que nem só de brincadeiras é feita a vida. Aproveitando o aspecto didático da peça, eles procuram uma comunicação com participação mais ativa do público infantil, perguntando-lhes e ensinando como escovar os dentes, por exemplo. Há falhas na montagem. Falta um domínio do elenco que permita a participação ativa da criança, sem se transformar o auditório numa algazarra ou reprimir a espontaneidade dessa gente miúda. Enquanto interpretam eles dão conta do recado, com especial destaque para Aldo Furtunato (Prático e Lobo Mau), mas quando começam a interagir com a platéia foge-lhes a postura de atores contadores de uma história. A trilha sonora, do músico Allan Sales, é interessante e comunicativa, mas a gravação está tão ruim que pouco se entende do que é cantado. Os signos visuais são expressivos e funcionais. Apesar da produção simples, os cenários e figurinos coloridos e sem exageros possibilitam uma empatia com o público infantil. A ação traz o tom da aventura, entremeada por correrias realçadas pela iluminação. As coreografias do espetáculo são pobres, reeditando o mesmo problema dos atores da cidade e suas limitações dançantes. De qualquer forma, o tom poético e moralizante de "A História dos Três Porquinhos" garante uma hora de diversão saudável para a garotada. No elenco estão Paulo Henrique (Cícero), Chico Domingos (Heitor) e Viviane Melo (menina).

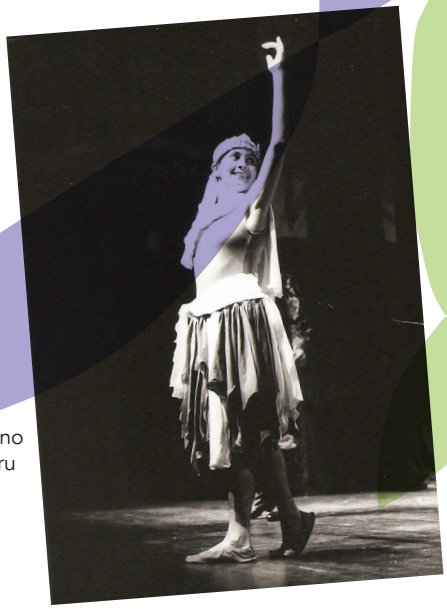
Em atividade recordista até o fechamento desta pesquisa em 2013 (já numa parceria de anos com a Paulo de Castro Produções Artísticas), a peça *Os Três Porquinhos* cumpriu circulação vitoriosa pelas cidades de Garanhuns, Triunfo, Olinda, Caruaru, Igarassu, Palmares (PE), Maceió (AL), Natal (RN), Teresina (PI), Belém (PA), Juazeiro (BA) e Aracaju (SE), entre outras. Do elenco original, todos foram substituídos e dezenas de artistas já participaram, como Cleusson Vieira, Célio Pontes, Flávio Renovatto, Edinaldo Ribeiro, Marcelo Barros, Carlos Pitóia, Ivaldo Cunha Filho, Paulo de Pontes, Sóstenes Vidal, Maria Oliveira e Mário Antônio Miranda, com participação do mágico Lu-Gom em algumas sessões. Por sua vez, com foco único para escolas, a Companhia do Sol lançou dois novos trabalhos no Teatro Valdemar de Oliveira, *As Aventuras de Arnóbio Micróbio*, no 1º semestre, com texto e direção de Paulo André Guimarães; e *Pinóquio*, adaptação e direção do mesmo.

Também em 1992 foi o ano de lançamento de *Minha Infância Querida*, de Maria Clara Machado, com direção de Carlos Salles, pela Oficina Novo Palco, da cidade do Paulista, sobre as aventuras de alunos de uma escola primária na década de 1960, em cartaz no Teatro Apolo; *O Chapeuzinho Vermelho*, texto e direção de Didha Pereira, pela Lumiart Produções, vista no mesmo palco do Teatro Apolo; *Tainahakã – Estrelinha da Manhã*, com texto e direção de Romildo Moreira, numa realização dos Bufões Produtores Culturais, em cartaz no Teatro do Parque, musical infantil em torno de um índio que se apaixona por um boi-bumbá e explode de tanto amor; *As Aventuras de Uma Viúva Alucinada*, do mamulegueiro Ginu, história de uma viúva que continua inconsolável dez anos após a morte do marido, com sessões realizadas na Célia Meira Escola de Danças; e *A Farsa de Yarim no Céu de Mandacaru*, espetáculo que trata das lendas do sertão numa linguagem universal, com muitas músicas e coreografias, em texto de Cláudia de Castro e direção de Uziel Lima, no Teatro Barreto Júnior.

Ainda com os atores Nino Fernandes, Henrique Rodrigues, Cira Ramos, Auricéia Fraga, Maurício Melo, Manoel Constantino, Edivane Bactista e Simone Figueiredo (tendo Hilton Azevedo, Aidil Araújo e Hélida Macedo como eventuais substitutos), foi feito *Mudanças no Galinheiro Mudam as Coisas Por Inteiro*, de Sylvia Orthof, com adaptação e direção de Manoel Constantino em remontagem da Papagaios Produções

Tainahakã – Estrelinha da Manhã

Mudanças no Galinheiro
Mudam as Coisas Por Inteiro



A Farsa de Yarim no
Céu de Mandacaru

Artísticas, ocupando o Teatro Barreto Júnior – a divertida peça parte da premissa do que aconteceria na terra se o sol, gripado, resolvesse descansar e mandasse a lua trabalhar em seu lugar. Daí, acontece uma reviravolta em um ga-

A Revolta dos Brinquedos

linheiro, com duas noites seguidas sem um dia no meio –; além de *A Revolta dos Brinquedos*, de Pernambuco de Oliveira e Pedro Veiga, com os atores Marcos Amorim, Vanise Souza, Rudimar Constâncio, Flávio Santos, Cristina Siqueira, Rosa Fernandes e George Demétrios, sob direção de Elmar Castelo Branco, numa produção da Cia. de Teatro Molière, com sessões no Teatro José Carlos Cavalcanti Borges. Elmar Castelo Branco ainda dirigiu como seu 1° trabalho à frente do Teatro da Universidade Católica de Pernambuco (Tucap), *Flicts*, de Ziraldo, com adaptação de Aderbal Júnior, tendo no elenco Kátia Francis, June Travassos, Fátima Costa, Renata Freitas, Ana de Alencar, Evaldo Soares, Luiz Souza e Paulo Cavalcanti, com récitas no auditório da própria Universidade Católica de Pernambuco.

Flicts

Colhendo boas bilheterias, o produtor Cristiano Lins continuou em cartaz com *Os Saltimbancos*, no Teatro Valdemar de Oliveira, e *A Noviça e o Capitão*, no Teatro Barreto Júnior; e ainda há registro de apresentações no Recife das peças *O Rapto das Cebolinhas* e *O Boi e o Burro a Caminho de Belém*, ambas pela Cia. de Teatro Paulista, sob direção de Glauco Cazé; *Mão de Ferro e a Estela Cadente*, do Grupo Unidos Pelo Ideal, também do município do Paulista; *O Bem-Te-Vi*, de Rubens Teixeira, pela Foco III do Coliseu, de Olinda, com direção de Izaltino Caetano; e outra versão de *O Rapto das Cebolinhas*, desta vez pelo Grupo Feitiço da Arte, da cidade de Bonito (PE). No total, vinte e cinco produções ganharam a cena, além de shows para a infância e circo, com destaque para *Parabéns Pra Você*, show de variedades com a "Xuxa do Recife", Mônica Vilarim, no Teatro Valdemar de Oliveira; *O Circoneco*, espetáculo com palhaços, malabaristas, trapezistas e bonecos, na Fundação Cecosne; *O Dia da Criança Com o Palhaço Chocolate*, reunindo cinquenta artistas em palco armado no Parque 13 de Maio, liderados por Ulisses Dornelas; e *Show Legal Com o Palhaço K-Cau*, com o palhaço K-Cau contracenando com bonecos de Walt Disney, Mônica, Cebolinha e Coelhinho, entre outros, distribuindo brindes e fazendo brincadeiras com a criançada.

Aquele foi um momento de intensa rotatividade nos teatros, com trabalhos de todas as qualidades artísticas. No Teatro Valdemar de Oliveira, *Brincadeiras de Crianças*, texto e direção de

Brincadeiras de Crianças

Gruilly na Terra das Bruxas

Edvaldo de Oliveira, encenou musical que reunia o Palhaço Cebolinha e várias outras personagens infantis. Ainda naquele mesmo palco, pela Amorarte Produções, *Gruilly na Terra das Bruxas*, com texto e direção de Antônio Bernardi, espetáculo infanto juvenil em torno de um duende que se relaciona com bruxas e diabinhos atraiu bom público. No elenco, além do autor e diretor como protagonista, Maria Paula, Nio Marcos, Renata Phaelante, Beto Resende e Sérgio Clark, entre outros. Também foram lançados *Cuidado com o Tamanduá Bandeira!*, texto de Mário Zumba, com direção de José Manoel, montagem da Companhia Boca de Forno propondo um fábula sobre um Tamanduá que constrói uma usina atômica em cima de um formigueiro, em cartaz no Teatro Barreto Júnior; e *Os Palhaços da Rua da Alegria*, texto de Norberto Cardoso, sob direção de Izaltino Caetano, pela Foco III do Coliseu e By Frank Produções, no qual palhaços tentam evitar a chegada de um bruxo do mal à rua da Alegria. No elenco, Pedro Dias, Norberto Cardoso, Taveira Júnior e Frank Souza, em cartaz no Teatro dos Bancários.

Curiosamente, o mesmo texto foi encenado por Didha Pereira em paralelo, sob o título completo *Os Palhaços da Rua da Alegria no Reino de Perolim*, no Teatro Apolo, com ele, Mônica Holanda e Max Almeida entre outros intérpretes. *O Planeta Perfeito*, adaptação e direção de Waldja Neves (Thina Neves), também entrou em

Os Palhaços da Rua da Alegria
no Reino de Perolim

O Planeta Perfeito

cartaz no Teatro Barreto Júnior, montagem do Grupo Arte e Riso, musical sobre uma menina que apesar dos problemas existenciais, tenta conviver pacificamente com os amigos; além da continuidade das sessões de *Bumba! Meu Boi Dá Vida*, espetáculo do Teatroneco, ocupando a Fundação Cecosne; e *O Circo de Seu Bolacha*, pela Portugal Produções, no Teatro do Forte. José Manoel ainda dirigiu *Jacaré Espaçonave do Céu*, de Zé Zuca e Carlos Lagoeiro, a con-

Jacaré Espaçonave do Céu

vite da Remo Produções Artísticas para circulação por escolas, mas a peça também foi vista na Casa da Cultura, com Cira Ramos, Carlos Lira, Dárdana Rangel, Teka Miranda e Paulo de Pontes, entre outros atores. Ainda foram feitas *Kuarup – Oração Por Amor à Terra*, da Semérgio Produções Artísticas, com texto e direção de Sérgio Barbosa, apresentada no Teatro Apolo; e *O Boi o Burro* (com título mutilado), de Maria Clara Machado, pelo Grupo Acauã, sob direção de Ginaldo Pereira, no Teatro do Derby, espaço já encerrando suas atividades.

Com apresentação no Circo Escola Piolim, armado no Centro de Convenções, em Olinda, junto ao show da "Xuxa do Recife", *Cegonha Boa de Bico*, texto de Marilu Alvarez, com direção de José Manoel, foi o último espetáculo realizado pela Aquarius Produções Artísticas, com Bóris Trindade Jr. (Borica), filho do produtor Bóris Trindade, à frente da produção executiva. No elenco estavam Daniela Câmara, Otacílio Júnior, Rivalcléia Santos (Riva Santos), Alexandre Sampaio, Mário Antônio Miranda, Ana Luiza Accioly e Hamilton Figueiredo. Já a Companhia Teatro de Bonecos Cabuji, liderada pelo bonequeiro Wellington Fernandes, circulou por escolas públicas e privadas e hospitais com a peça *O Planeta do Pó de Ouro*, sobre a mania de Zeca Serrote que é cortar árvores. A equipe, formada ainda por Guga Brito, Kate Conceição e Celena, também cumpriu sessões no Espaço Cultural Inácia Rapôso.

O Enigma de Cid

No Cabo de Santo Agostinho surgiu *O Enigma de Cid*, de Guto Greco, comédia infantil na linguagem clown em que o jovem Cid tenta vencer suas doze tarefas, enfrentando todo tipo de problema. Com direção de Williams Sant'Anna, a montagem cumpriu temporada no Teatro Barreto Júnior daquele município, com produção do Grupo da Gente (Grudage) e tendo como intérpretes Edes Oliveira (Edes di Oliveira), Evânia Copino, Edson Oliveira, Edinilson Oliveira, Márcio Moraes (substituído por Múcio Vilella) e Vânia Ciccone. Em Caruaru, vale registrar a estreia do musical infantil *Zapt & Zupt – Traques e Truques Para Manter o Verde Vivo*, criação coletiva do Grupo Folguedo, numa realização do Grupo Feira de Teatro Popular, única experiência em direção da atriz e figurinista Iva Araújo. No elenco, Nadja Cristine, Sebá (Sebastião Alves), Emanoel Borges, Edu Oliveira e Jorge Henrique. As músicas de Jadilson Lourenço eram executadas

ao vivo, tendo o acompanhamento dele, de Alexandre Marinho e Gil Leite.

Ainda como reflexo da crise estourada em 1991, a crítica não poupou o teatro pernambucano em 1992, agora com dois novos jornalistas na ativa, João Luiz Vieira, no *Jornal do Commercio*, e Ivana Moura, no *Diario de Pernambuco* (esta, escrevendo desde 1991 para o seguimento). Os dois metralharam o Festival de Teatro de Bolso do Recife (Tebo), causando grande insatisfação principalmente nos organizadores do evento, Enéas Alvarez e Sônia Medeiros. Os infantis, provavelmente por suas frágeis propostas, foram os mais atacados. A crítica Ivana Moura lembrou no *Diario de Pernambuco* (27 de novembro de 1992):

> A peça "O Bem-te-Vi", de Rubem (sic) Teixeira, com direção de Izaltino, Caetano foi a primeira concorrente infantil, na noite de quarta-feira. A história do primeiro filhote da mamãe – Bem-te-vi está alicerçado em inumeráveis lições de moral. A pretensão de instigar a reflexão na criança esbarra na fragilidade de argumentos, na elaboração cênica e no fraco desempenho dos atores. Quem se sai melhor dessa é Méri Lins. Izaltino perdeu oportunidade de fazer uma leitura ecológica (tão em moda) ou ressaltar o processo educativo. Há muita "gordura" na montagem, elementos para enganar os bestas. E criança não é besta. Acha engraçadinho, mas nem tanto. Aquela história de querer mudar a natureza da raposa e transformá-la em vegetariana é um pouco demais. Os atores pegaram o lado mais superficial das personagens, bichos, homens e árvore, não explorando devidamente cada tipo peculiar. O melhor fica por conta da caracterização (figurinos, adereços e maquiagem), mas que mesmo assim não chega a ser nenhuma maravilha.

Francis de Souza assinava os figurinos e a maquiagem era de Carlos Ramos. No *Jornal do Commercio* (2 de dezembro de 1992), o crítico João Luiz Vieira foi mais irônico com as peças infantis:

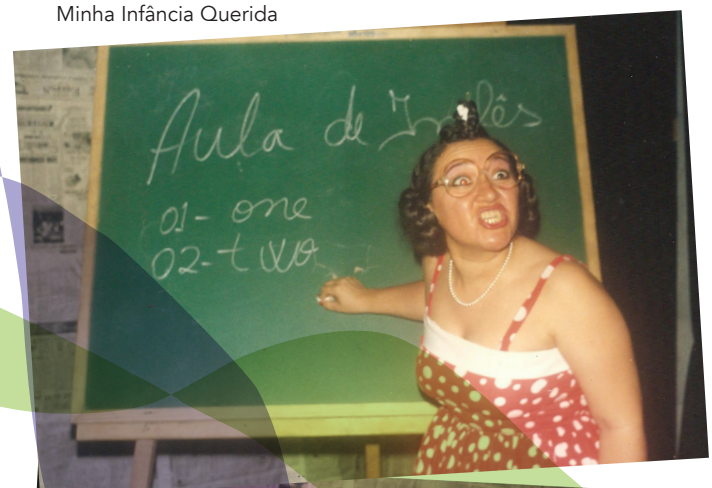
> Mais um texto de Maria Clara Machado foi montado no Tebo. Aliás, um mesmo texto montado duas vezes (...) Depois da Cia. de Teatro Paulista mostrar o que fez de "O Rapto das Cebolinhas", foi a vez do Grupo Feitiço da Arte, de Bonito, procurar umas cebolinhas de papel celofane seqüestradas de um sítio. Que história incrível não? Maria Clara já es-

O Bem-Te-Vi

O Rapto das Cebolinhas

teve muito mais inspirada em textos como "Pluft, o Fantasminha". Este, uma bobagem, foi levado com muita animação pelos bonitenses. Alguns atores animadinhos demais, entregaram-se à caricatura e deram-se mal. Gilson Temporal, que fez o detetive Camaleão alface, saiu-se melhor e foi indicado para o prêmio de Melhor Ator Infantil. Mas, quem levou a melhor foi o Camaleão Alface de Paulista, Glauco Cazé, que ficou com o prêmio. (...) Os últimos espetáculos infantis a apresentarem-se no Tebo foram "Minha Infância Querida" e "Arlequim". Este último, tinha uma boa história e trilha sonora, mas ator que é bom, só um. Aparecida França, que fez a endiabrada Catirina e foi indicada ao prêmio de Melhor Atriz Infantil. Sorte dela. "Minha Infância" ganhou os principais prêmios por simplesmente faltar-lhe concorrentes. O texto é em

Minha Infância Querida



cima das traquinagens de uma turma de ginasianos fogosos. Dos atores, o júri indicou Cláudia Pontes (Melhor Atriz Infantil), Cida Duarte e Normando Roberto. O diretor Carlos Sales (sic) cometeu equívocos já na escalação do elenco, convidando atores barbados para fazer garotinhos de 13 anos. (...) Dois infantis seguiram-se (...) "O Bem-Ti-Vi" e "Mão de Ferro e a Estrela Cadente". O primeiro, do Foco III do Coliseu, é uma bobagem para crianças debilóides. Izaltino Caetano, o diretor, tem espetá-

Mão de Ferro e a Estrela Cadente

culos premiados até mesmo em outros Tebos, mas desta vez errou a mão. Chamou bons atores, como Flávio Renovato e Méri Lins, por exemplo, para contar a história do nascimento de um bem-te-vi (...) e sua adaptação à vida na floresta. Justamente eles dois sobressairam-se em relação aos outros atores, que estavam caricatos e débeis. O espetáculo começa com uma esforçada Méri Lins dublando a narração da historinha. Ela faz a mãe bem-te-vi, que recebe de asas abertinhas seu bem-te-vi pequenino. Que lindinho. Tudo é muito coloridinho, engraçadinho, mas superbobinho. Nem baby-sauro agüentaria tanto bê-á-bá e não iria engolir fácil a história de uma raposa que decide ser vegetariana pelo

bem de todos na floresta, (...) Em outro momento, o Bem-Ti-Vi quebra galhos secos e faz um (sic) fogueira perto da personagem Árvore, para conversarem. Mais ecologicamente incorreto impossível. Odé Félix dirigiu a fábula "Mão de Ferro e a Estrela Cadente" para o grupo Unidos pelo Ideal, de Paulista. O texto, de uma estrela que caiu do Céu e vem conhecer de perto o que é viver na terra, é melhorzinho que o de o "Bem--Te-Vi", mas a encenação, fraquíssima. A trilha, apesar de malgravada (sic), era razoável. Os atores, principalmente a protagonista, estavam tão expressivos quanto o cenário, onde uma nuvem estava reduzida a um pedaço de tule que se movimentava com a ajuda de pedaço de cano e um fio de náilon, tudo muito visível, sem disfarces, sem composição estética ou artística. "O Rapto das Cebolinhas" e "O Boi e o Burro a Caminha de Belém", ambos de Maria Clara Machado, foram levados ao Tebo pela Cia. de Teatro Paulista. O primeiro teve alguns momentos engraçados, principalmente pelo ritmo de desenho animado empregado pelo diretor Glauco Cazé, que inclusive, é um ator razoável. O segundo[ilegível]tentou emocionar a platéia com a presença do Coro da Mirueira, cantando melodias natalinas do gênero "Noite Feliz". Não deu certo. O espírito natalino não foi incorporado, principalmente pela falta de talento dos dois atores, que interpretaram o Boi e o Burro. Não sabiam andar nem cair no palco. Pesados, quando em teatro infantil a leveza nos movimentos é regra, irritavam mais pelas fortes pisadas que quando falavam, mal, seus textos.

Ainda em 1992, durante o II Festival Nacional de Teatro do Cabo (Fenateca), com dezesseis espetáculos de seis estados brasileiros, o crítico João Luiz Vieira atestou no *Jornal do Commercio* (documento pertencente ao acervo de Leidson Ferraz, sem indicação de data ou página):

> O teatro infantil está passando por uma seriíssima crise de inventividade. (...) Lógico que existem as exceções, mas estamos muito precários em dramaturgia e em, encenação. Os autores ainda não descobriram que as crianças desse final de século não aguentam mais gente abobalhada no palco ensinando o bê-á-bá, enquanto a televisão se encarrega de mostrar cenas de sexo na novela das oito, filmes de violência explícita ou mesmo nos telejornais-verdade. A tentativa de idiotizar a platéia em função das montagens de quitanda, facilmente vendidas, é assustadora para o teatro. No Cabo, o problema foi gritante em "O Chapeuzinho Vermelho",

O Chapeuzinho Vermelho

da Lumiart Produções, dirigido por Didha Pereira. É um dos piores trabalhos já encenados nos palcos. (...) Encenação equivocada e óbvia, figurino esmulambado e malconcebido, atores afetados, espaço da ação perdido pela inexistência de signos, enfim, nada que prestasse. Só para ilustrar na visão do adaptador, a vovozinha não havia sido engolida, pelo lobo mau, pois na verdade, ela era a She-Ra. Isso mesmo. E o caçador, o He-Man. Um acinte, mas não o único. A grande expectativa era "O Enigma de Cid", do Grupo da Gente – Grudage, dirigido pelo experiente Williams Sant'Anna, com respaldo de prêmios no Festival de Arcoverde. O espetáculo não se saiu bem, mas ratificou uma verdade incontestável, ninguém é favorito em festival. Tudo gira contra as expectativas e, mesmo os artistas mais repreensivamente técnicos, podem escorregar em cascas de banana no palco. (...) "Minha Infância Querida", da Oficina Novo Palco, apesar do texto cansado – de Maria Clara Machado – e da direção de Carlos Salles sem grandes méritos, tem talentos isolados no elenco. Normando Roberto e Cida Duarte sobressaem-se.

Minha Infância Querida

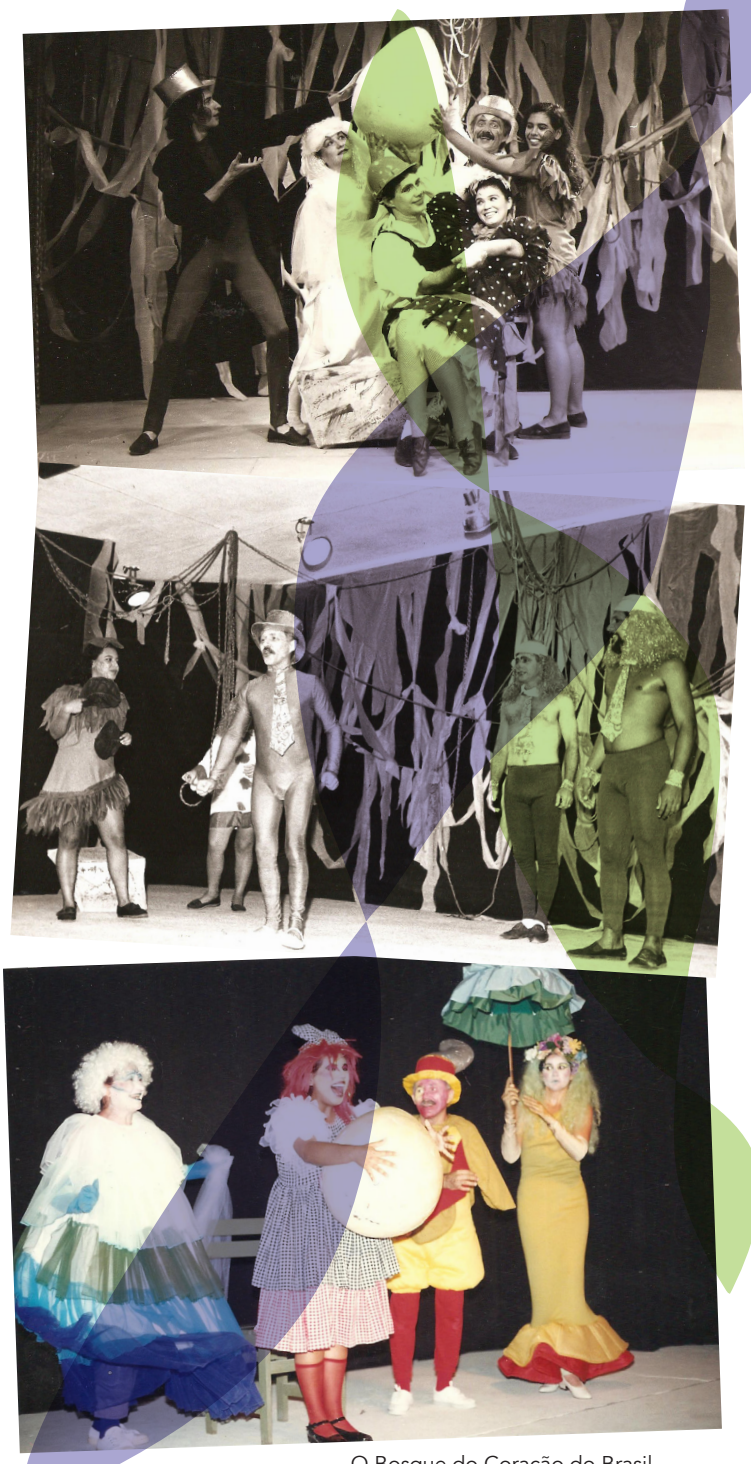
Na retrospectiva do ano, a crítica Ivana Moura registrou no *Diario de Pernambuco* (28 de dezembro de 1992):

> As montagens infanto-juvenis ainda deixam a desejar. De remontagem em remontagem, *Mudanças no Galinheiro* agradou a moçadinha. "Tai Nahakã - A estrela da Manhã" [*Tainahakã – Estrelinha da Manhã*]direção de Romildo Moreira, quis chegar junto da poesia. "Os Três Porquinhos" pretenderam resgatar o tempo das fábulas numa época em que a garotada quer entender de computador. "A Revolta dos Brinquedos", um dos textos mais montados de Pernambuco de Oliveira, ganhou mais uma versão com direção de Elmar Castelo Branco. Se não sobrar muita saudade de 92, de uma questão o público pode ficar certo. O teatro existe e quer pulsar (...)

Na mesma matéria de capa, numa lista de "Valeu a pena ver", nenhum infantil foi citado, diferente de montagens adultas que estrearam naquele ano: *O Círculo da Vida*, concepção e encenação de João Denys, com os meninos do Cecosne; *A Grande Serpente*, texto de Racine Santos, encenação de Moncho Rodriguez com participantes do Curso Escola de Formação do Ator da Fundaj; *Assembléia de Deu$as*, texto e direção de Américo Barreto, pela Talento Produções; *Um Gesto Por Outro*, de Jean Tardieu, encenação de João Denys, pelo Grupo de Teatro Luiz Marinho, da Caixa Econômica Federal; *Seraphim Revisões*, repertório da Cia. de Teatro Seraphim, além da estreia de *O Concílio do Amor*, com direção de George Moura; *O Sem Nome*, de Strindberg, com o Mão Molenga Teatro de Bonecos; *As Criadas*, de Jean Genet, com direção de Williams Sant'Anna à frente da Cia. Théspis de Repertório; *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, com direção de Mar-

co Camarotti, pela Dramart Produções (espetáculo que perdurou por vinte anos); *Janos Adler*, de Luiz Felipe Botelho, direção de José Manoel, pelos alunos atores do Curso Básico da Fundaj e *Cinderela, a História Que Sua Mãe Não Contou...* (mesmo sendo de 1991), com texto de Henrique Celibi e direção de Jeison Wallace, pela Cia. Trupe do Barulho.

Sob direção de Didha Pereira, a Feteape abriu o ano de 1993 com uma campanha de popularização ao teatro, na realidade, a retomada do projeto Andanção (iniciado em agosto de 1992, mas parado desde setembro por atraso da liberação de verbas da Fundarpe), e programou doze espetáculos para exibirem-se no Teatro Apolo até o final do mês de janeiro, sendo dois espetáculos adultos e um infanto juvenil a cada semana, com ingressos 50% mais baratos. As quatro produções direcionadas às crianças, todas estreadas no ano anterior, foram: *A Revolta dos Brinquedos*, de Pernambuco de Oliveira, com direção de Elmar Castelo Branco; *O Chapeuzinho Vermelho*, de Maria Clara Machado, com direção de Didha Pereira; *O Enigma de Cid*, de Guto Greco, com direção de Williams Sant'Anna, pelo Grupo da Gente (Grudage), da cidade do Cabo de Santo Agostinho; e *Minha Infância Querida*, de Maria Clara Machado, sob direção de Carlos Salles, com a Oficina Novo Palco, do município do Paulista.



O Bosque do Coração do Brasil

Janeiro é mês de férias e várias peças continuaram em cartaz ou surgiram como novidades do período. Das que trilharam carreira interessante, *Arlequim*, da Remo Produções Artísticas; *Mudanças no Galinheiro Mudam as Coisas Por Inteiro*, da Papagaios Produções Artísticas; e o musical ecológico infantil *O Bosque do Coração do Brasil,* de Marcos Sá, com direção de José Francisco Filho. Este último, permaneceu todos os domingos, às 10h30, no Teatro do Horto. O espetáculo tem como tema central a defesa da vida através das personagens Ipê Roxo, Castanhola, Cajueiro e um casal de pássaros que enfrentam um homem que quer destruir o bosque onde vivem, em nome do progresso. No elenco renovado, Paulo de Castro (também na produção), Ivonete Melo, Buarque de Aquino, Galiana Brasil, Rozendelfo Santos, Valdir Nunes, Telma Cunha e a estreante Márcia Dias.

Como 1º lançamento do ano, o espetáculo infanto juvenil *Viagem ao Mundo dos Sonhos*, da Showlândia Produções Artísticas, com produção e direção de José Cordeiro, ocupou o Teatro Valdemar de Oliveira aos sábados e domingos,

Viagem ao Mundo dos Sonhos

às 17 horas, por quase três meses. Com gastos de superprodução, a peça mostrava as precárias condições que viviam marujos num navio sem divertimento, só trabalhando. Até que eles provocam uma rebelião e convencem o chefe a deixar que a diversão também faça parte da vida do grupo. É assim que a trama mistura piratas, mágicos, bailarinas, sultões da Arábia e bonecos do mundo de Walt Disney. No elenco, quase os mesmos atores da produção anterior, *Brincadeiras de Crianças*, que permaneceu meses em cartaz nos teatros do Recife, em 1992: Giana Varchavisk, Nilson Muniz, Rosa Ratz, Fabíola Alves, Taciana Alves, Marta Reis, Lucy Cordeiro e José Cordeiro, este último, intérprete do Pirata Biruta. As coreografias eram de Nilson Muniz e os figurinos, criações de Dayse Pinheiro.

Ainda em janeiro estreou o musical *Travessuras do Pé-de-Anjo,* em cartaz aos sábados e domingos no Teatro de Marionetes Bonecartes, às 17 horas. No elenco, Laércio Júnior (também diretor), Sílvia Mariz, Hérison Gomes, Jailson Araújo, Wellington Silva, Jefferson Ricardo e as crianças Isabela Mariz e Joana Mariz. O *Diario de Pernambuco* (9 de janeiro de 1993) abordou a peça:

> Apropriado para todas as idades, o espetáculo é conduzido pelo apresentador Preguito com a ajuda de seu contra-regra o Pé-de-Anjo que perturba com suas trapalhadas. Os números musicais são voltados para ecologia, deixando uma mensagem de amor e cuidado pelos animais.

Com o passar dos meses, o ano de 1993 representou um período de intensa produção do teatro para crianças. De acordo com os jornais da época, foram contabilizadas vinte e seis estreias, além da continuidade de montagens lançadas em anos anteriores, momento em que finalmente foi assinada a Lei de Incentivo à Cultura do Estado de Pernambuco, que no decorrer dos anos mudou consideravelmente o mercado teatral no Estado. Pena que 1993 também marca o fim da Papagaios Produções Artísticas, uma das mais atuantes no seguimento para infância desde 1985, quase que exclusivamente com peças para crianças, nove ao total. A exceção ficou por conta da comédia adulta *O Outro Lado dos Lençóis*, de Walcyr Carrasco, dirigida por Pedro Henrique, em 1986. A montagem de despedida foi *Uma História de Amor*, texto de Jorge Amado, com adaptação e direção de Manoel Constantino, em cartaz de outubro a dezembro de 1993, no Teatro Barreto Júnior, produção que não foi bem recebida pelo crítico João Luiz Vieira no *Jornal do Commercio* (25 de novembro de 1993):

> A Papagaio's (sic) Produções Artísticas foi considerada a melhor produtora de teatro infantil do ano passado, isso certamente graças ao espetáculo "Mudanças no Galinheiro Mudam as Coisas por Inteiro". Este ano, a produtora resolveu remontar um dos seus sucessos: a peça "Uma História de Amor", montada em meados dos anos 80. Um texto razoável, produtores competentes, um diretor tarimbado, um elenco de atores e técnicos experientes seriam motivos suficientes para, de novo, obter sucesso. Mas, o que se vê, de fato, no palco do Teatro Barreto Júnior, é um trabalho que reverte muitas de nossas

Uma História de Amor

expectativas favoráveis. O texto é uma adaptação do diretor, ator, e jornalista Manoel Constantino, inspirado em obra de Jorge Amado. Trata do amor impossível entre dois animais, por natureza, incompatíveis, um gato malhado e uma andorinha. Nenhum dos outros bichos aprova a relação – com exceção da Arara, que se deslancha pelo gato –, e os apaixonados têm de lutar contra suas diferenças para ser felizes e realizarem o sonho do casamento. O final não é feliz (...) Nada de mal se o texto não contivesse 60 lições de moral provérbios por minuto. Chegam a irritar a falta de sutileza e o excesso de mensagens edificantes. Tudo com a intenção de mostrar que amar sempre vale a pena, apesar dos obstáculos e dificuldades com que nos deparamos. Lindo. Dava até para engolir se a direção não tivesse tão desritmada, problema que se detecta na platéia, onde as crianças menores ficam impacientes e as maiores não esboçam reações. As marcações e movimentações de cena nada acrescentam e a cenografia é simples e sem maiores adjetivos. Uma boa idéia, infelizmente malfinalizada, foi a do desenho de figurino. João Neto, um talento comprovado em diversos trabalhos, teve a feliz sugestão de descaracterizar as personagens, todas animais. Os atores deixaram de usar as batidíssimas fantasias de bichinho de estimação. No entanto, as atrizes parecem estar vestidas como rainhas de maracatu e os atores, bobos da corte. (...) Um figurino bem acabado e bonito de ver, porém absolutamente radical para uma melhor assimilação das crianças. Para facilitar, Neto teve a inspiração de usar máscaras como recurso de distanciamento brechtiano, para que ficasse clara a idéia de que eram atores representando animais (...) Contudo, esta só seria uma solução criativa e funcional se elas (as máscaras) estivessem melhor definidas. Os atores, a grande maioria, atuando há pelos menos uma década nos palcos, surpreendentemente, estão muito fracos. Márcia Cruz, como a Arara, é a única que desprende um certo carisma. Os demais estão apáticos em suas caracterizações – principalmente o protagonista Henrique Rodrigues, inexpressivo como o Gato Malhado.

Uma História de Amor

Ainda no elenco, Beto Nery, Manoel Constantino (em revezamento com Cláudio Tozer), Auricéia Fraga, Hélida Macedo e Aidil Araújo. Com atenção somente às escolas, o diretor, dramaturgo e produtor Paulo André Guimarães estreou dois novos trabalhos pela sua Companhia do Sol, *A Arca de Noé*, ainda no 1º semestre; e *A Lenda do Castelo*, ambos com texto e direção seus no Teatro Valdemar de Oliveira. Já *O Galo Jackson – O Astro do Rock*, naquele mesmo palco, aos finais de semana, foi a maior bilheteria do ano com produção de Antônio Bernardi, mesmo diante de críticas desfavoráveis na imprensa. A jornalista Ivana Moura pontuou no *Diario de Pernambuco* (13 de março de 1993):

O Galo Jackson – O Astro do Rock

O musical infantil "O Galo Jackson – O Astro do Rock", em cartaz no Teatro Valdemar de Oliveira, repete todos os clichês e chavões que a garotada "acostumou-se" na televisão. Com um texto maniqueísta, de Antonio Bernardi, o espetáculo apresenta de um lado um galinho bonzinho e sedutor que quer tornar-se um astro do "show business". Tão atraente que todas as galinhas do pedaço caem de amor por ele. Do outro lado os vilões que aparecem em cena para atrapalhar sua carreira promissora. Se não dá pra espremer e encontrar uma gota de poeticidade no texto, a montagem, por sua vez, aceita os modelos estabelecidos. Isso não quer dizer que a direção de Carlos Carvalho, seja caótica, mas nos últimos anos faltam ao teatro pernambucano dedicado ao público infanto-juvenil os elementos que provoquem a imaginação, que empurrem a meninada para a reflexão. Situada nos anos 60, a peça tenta traçar um ambiente daquela época. Para isso lança mão dos figurinos, com direito a vestidos de bolinha e tudo o mais. Deve ter sido muito divertido para o diretor, Carlos Carvalho fazer este espetáculo. O resultado não chega a tanto para o público. Talvez as crianças menores achem-na engraçadinha. Há uma movimentação de cena e um colorido que podem até impressionar. Para criar o espetáculo, Carvalho foi buscar "inspiração" em "Dançando na Chuva", com Gene Kelly, com o ator e bailarino Otacílio Júnior sapateando, sem chuva, é claro. Enquanto ele recua no tempo para ir "buscar" essa imagem, ao mesmo tempo avança para a década de 80 para pegar o modelo do cantor e compositor Falcão (bom, bonito e joiado, de "I'm not dog not") para

O Galo Jackson – O Astro do Rock

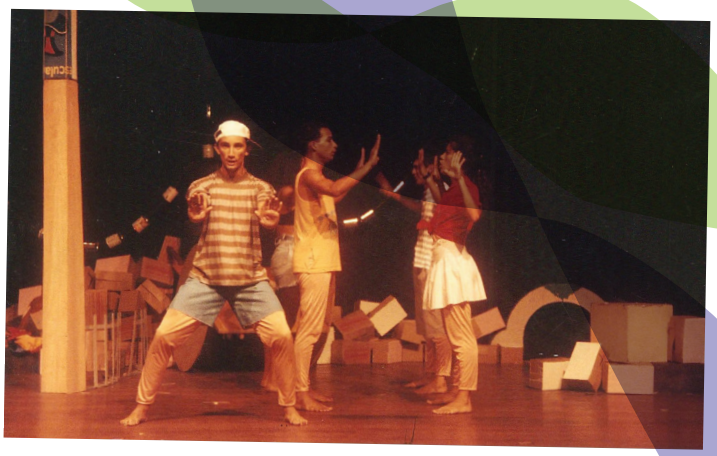
na interpretação do Crista Vermelha - o rival do Jackson – por Beto Rezende (com uma expressão corporal hilária, mesmo que batida. O Frangel, também com cheiro de já – vi – "encarnado" por Michele Samer é um dos personagens mais engraçados da peça. Atrapalhado, submisso, ele trabalha para o Cristovão Raposão (Clauson (sic) Vieira) e consegue fazer tudo errado. Aliás, as atuações dos quatro atores e mais da Mãe (Carmelita Pereira) mesmo sem se tratar de nada de muito original, correm corretas. (...) Para um Público que (...) contenta-se com abordagem superficial (um espetáculo leve não quer dizer sem consistência de fantasia ou aprendizado), encara umas piadinhas, (que às vezes dá pra rir), "O Galo Jackson" pode ser uma pedida.

Outras peças também entraram em cartaz em 1993, muitas delas dividindo o mesmo teatro, uma após outra, com tempo mínimo para ordenação da luz. O que se viu foi uma precariedade técnica que deu dó. São também deste período: *A Dama e o Vagabundo*, com adaptação de Antônio Nogueira, direção de Edílson Rygaard e produção de Cristiano Lins (no elenco, Sheyla Costa, Cristiane de Cássis, Antônio Júnior, Itacy Henriques, André Trinidad, Sandra Mesquita e Antônio Carlos Mergulhão – Bobby Mergulhão);

A Dama e o Vagabundo

Mão de Ferro e a Estrela Cadente, com direção de Odé Félix; *Pulem! O Barquinho Vai Afundar*, com direção de Ivaldo Cunha Filho, pela Mandacaru Produções Artísticas; e *Bandeira de São João*, única produção teatral da Compassos Cia. de Dança e Teatro, com direção de Almir Rodrigues e coreografada por Raimundo Branco (com Anamaria Sobral, Patrícia Costa, Sandra Rino, Fabiana Coelho e Gustavo de Melo, entre outros).

Bandeira de São João



Guerreiros da Bagunça

Guerreiros da Bagunça, de Guto Greco, com direção de Carlos Salles e assinatura do Haja Teatro, foi outra montagem daquele momento, com Taveira Júnior, Samuel Santos e Fátima Pontes, entre outros; assim como *A Branca de Neve e os Sete Anões*, da Lumiart Produções, com texto e direção de Didha Pereira; *Memórias de Uma Gatinha Impressora*, texto de Ana Maria Bhrer, adaptado por Nilza Lisboa e Lúcia Machado, com direção desta última, com Nilza Lisboa, Fátima Pontes e Leila Freitas, entre os intérpretes;

Beleléu Existe Mesmo

A Formiga Fofoqueira

Era Uma Vez

A Cigarra e a Formiga

Beleléu Existe Mesmo, de Ramon Palluto, pelo Grupo Beijo na Boca, dirigido por Beto Xavier; e *Era Uma Vez*, produção do Mão Molenga Teatro de Bonecos, com a bruxa Barafunda querendo ser princesa no lugar da Rapunzel.

Pela Remo Produções Artísticas e Mambembe Produções, a encenação de *Vida de Cachorro*, de Flávio de Souza, pelo diretor José Manoel, circulou por dezenas de escolas em um teatro móvel. No elenco, Teka Miranda, Picchetto Saianni, Luciana Cavalcanti (Luciana Canti), Dárdana Rangel, Flávio Renovatto e André de França. Outros lançamentos foram *O Medalhão Mágico*, de David Houston, com direção de Edinaldo Cavalcanti, aos domingos pela manhã no Teatro do Sesc; *Sonho de Natal*, do Teatro de Marionetes Bonecartes, com direção de Laércio Júnior; *Aventuras de Aladim*, da Showlândia Produções Artísticas, com direção de José Cordeiro; *O Pastoril do Véio Cangote*, com o grupo de marionetes Titeritando na Boléia, em cartaz no Teatro do Horto; *A Formiga Fofoqueira*, do Grupo Teatral LC Produarte, com direção de Izaltino Caetano; *A Cigarra e a Formiga*, com direção de Jorge de Souza, que permaneceu em cartaz no Teatro do Sesc; *Circo Oi Oi Oi*, espetáculo que reunia palhaços, equilibrista, malabaristas, mágicos, esquetes e encenações com bonecos animais, na Fundação Cecosne; e shows infantis como *A Caravana do Seu Boneco*, *O Mundo Mágico do Circo*, e *Palhaço Chocolate*.

Ainda que massacradas pela crítica, as peças *Minha Infância Querida*, dirigida por Carlos Salles, e *O Bem-Te-Vi*, com direção de Izaltino Caetano, também cumpriram temporada em

1993, respectivamente no Teatro Barreto Júnior e Teatro Apolo. *Minha Infância Querida* e *O Enigma de Cid*, esta última do Grudage, por sua vez, foram das mais elogiadas na II Mostra de Teatro Amador em Serra Talhada. Na cidade de Tuparetama, o seguimento para a infância foi lembrado na III Mostra de Teatro Amador, com premiações para dois destaques, a peça *Pluft, o Fantasminha*, da Etearc (Equipe Teatral de Arcoverde), e *O Boi da Lua*, do Grupo Paulista. Por outras cidades, surgiram *A Volta de Bruxelas*, com texto e direção de Geraldo Cosmo e Josenildo José, pelo Grupo Teatral Risadinha, do município de Camaragibe; e esta versão de *Pluft, o Fantasminha*, de Maria Clara Machado, com a Etearc voltando às atividades após um período inativa, agora sob direção de Geraldo Barros e com o subtítulo Grupo Novo Horizonte.

Em dezembro de 1993, Enéas Alvarez, criador do Festival de Teatro de Bolso do Recife (Tebo), insatisfeito com as críticas ao evento, segundo ele, chamado de "lixo" pela imprensa, anunciou sua penúltima edição. "Por mim e por Sônia (Medeiros), basta de trabalho amador em Festival. Amamos muito, nesses 14 anos sem ser suficientemente amados", desabafou no *Jornal do Commercio* (8 de dezembro de 1993). Naquela XIV edição, no Teatro do Forte, participou a Cia. de Teatro Paulista com a peça infantil *Na Terra Mágica das Fadas*, texto e direção de Leandro Mariz, sem levar prêmio algum.

Os maiores elogios de 1993 voltaram-se, de fato, para as peças *As Incríveis Aventuras do Barão Langsdorff*, parceria entre a TTTrês Produções Artísticas e a Terceiridade Teatral, com os atores Flávio Santos, Vanise Souza, Sílvia Paiva, Ivone Cordeiro, Érico José, George Demétrios, Paulo André Viana (substituído eventualmente por Epitácio Nunes e, posteriormente, por Raimundo Balta), Robson Silveira e Rudimar Constâncio; e *A Bela e a Fera*, parceria da Portugal Produções com Antônio Bernardi, tendo no

A Bela e a Fera

elenco os atores Cybelle Jácome, Alberto Brigadeiro, Janine Aroucha, Luiz César, Lellu Silveira, Paulo Henrique (Paulo Henrique Ferreira) e Chico Domingos; Na retrospectiva do ano publicada no *Diario de Pernambuco* (31 de dezembro de 1993), Ivana Moura atestou que pouco se salvava do teatro para a infância e juventude, mas lembrou destas duas elogiadas montagens:

> O panorama do teatro infanto-juvenil, em 1993, foi desanimador. As montagens saltaram aos olhos, quantitativamente o que não foi acompanhado por um "selo" de qualidade. Textos inadequadamente escolhidos para os elencos com uma linguagem indefinida, ou mesmo desvirtuadoS (sic) com os anseios da criança adolescente desta nova era, em que a televisão, o videogame e os eletrônicos exercem poder e

fascínio quase inapeláveis. Diante deste contexto, um jovem produtor, Antônio Bernardi, investe no filão e sabe tirar proveito. Produtor por natureza, ele consegue manter casas cheias, com auxílio de patrocinadores, e da mídia, mas em contrapartida só aposta neste retorno de bilheteria. Sua visão abre brechas para pesquisas apuradas. Em contrapartida paga bons cachês para seus atores, como aconteceu com o espetáculo "O Galo Jackson", um sucesso de bilheteria. Uma característica que imperando dos últimos anos – de adaptações dos contos e fábulas infantis – também teve espaço neste período, "Branca de Neve e os 7 Anões" dirigida por Didha Pereira e "A Bela e a Fera" são dois exemplos. A segunda, com

Aventuras de Aladim

A Branca de Neve e os Sete Anões

encenação de Luiz Felipe Botelho, que na estreia estava meio acanhada, revelou sua beleza com afinação do elenco, ao longo da temporada. Os elementos como o teatro de sombras, que não estava funcionando muito bem no início, ganharam força. E como o teatro tem este poder de ser ao vivo e efêmero, a peça alcançou um ponto de beleza, para mostrar a garotada, como diz Saint Exupéry, que o mais importante é invisível aos olhos. Sem inovação – Mas nem todos guiaram o mesmo rumo. "Viagem ao Mundo dos Sonhos", e as "Aventuras de Aladim" são duas peças que não mereciam o nome de teatro. A segunda, na sola do sucesso do filme, é de um oportunismo preocupante com a responsabilidade que se deve ter com a formação dessa jovem e crescente platéia. A outra era uma salada de tantos elementos mal organizados sem a menor criticidade. A lista é longa. Montagens ruins para esta platéia específica não faltaram. "Memórias de

Memórias de Uma Gatinha Impressora

uma Gatinha Impressora", que estreou no horário da tarde do Teatro do Espaço Cultural Arlecchino – um dos novos espaços para a Cidade – engasgou-se na falta de clareza. Ora queria tratar os pequenos como "tolinhos", ora como verdadeiros gênios mirins. Mas a mão da diretora Lúcia Machado mostrou-se realmente trêmula na indefinição de uma linguagem inovadora que ela anunciou. Partindo para umas expedições pelos rios brasileiros o espetáculo "As Incríveis Aventuras do Barão Langsdorff" caminhou na contramão do que é feito para o público infanto-juvenil. Escrita por Sidnei Cruz e dirigido por José Manoel, a montagem imprimiu um tom poético, numa aventura apaixonante pelas entranhas do Brasil. A remontagem "Uma História de Amor" trouxe de volta ao palco do Teatro Barreto Júnior os amores impossíveis, e das paixões repentinas e passageiras como chuvas de verão.

Em sua visão, o teatro não ia nada bem. Para complementar, listou uma série de peças adultas que deram panorama bem completo daquele ano. João Denys foi elogiado pela encenação do seu texto *Deus Danado*, assim como Antonio Cadengue por *Senhora dos Afogados*, de Nelson Rodrigues, e João Falcão por *Mamãe Não Pode Saber*. O musical *Auto das 7 Luas de Barro*, texto e direção de Vital Santos, depois de quatorze anos de sua criação original, finalmente chegou ao Recife para curta temporada no Teatro Barreto Júnior (naquele ano, em Caruaru, o Teatro Experimental de Arte, sob direção de Arary Marrocos, produziu *A Bruxinha Que Era Boa*; e, em Surubim, com direção de Ernandez Silva, o Grupo Fantasia Teatro e Dança montou *Pluft, o Fantasminha*, duas obras de Maria Clara Machado). *Cinderela, a História Que Sua Mãe Não Contou...* conseguiu o status de fenômeno. *Assembléias de Deu$as*, de Américo Barreto e Fábio Costa, também agradou a quem queria rir. E o Teatro de Amadores de Pernambuco renovou seu elenco com duas novas montagens, a comédia *Solteira É Que Não Fico*, de Gastão Tojeiro, e o drama *O Diário de Anne Frank*, de F. Goodrich e Albert Hackett.

Mesmo enfrentando ausência de patrocinadores, o teatro pernambucano seguiu em frente. E ainda que 1994 tenha sido considerado um ano "emperrado", pela pouca produção, contou com montagens de reconhecido valor. Foram três os trabalhos mais elogiados: duas continuações, *As Incríveis Aventuras do Barão Langsdorff*, com direção de José Manoel, em cartaz no Teatro José Cavalcanti Borges; e *A Bela e a Fera*, adaptação de Luiz Felipe Botelho, pela Portugal Produções em parceria com Antônio Bernardi Produções, em cartaz no Teatro Barreto Júnior; além de uma estreia de peso, *Uma Pequena Sereia*, direção e produção de Roberto Costa em assumida adaptação do filme da Disney. Tendo a atriz Mônica Vilarim como protagonista, a peça agradou ao público e ganhou destaque pela crítica Ivana Moura no *Diario de Pernambuco* (7 de fevereiro de 1994):

> Das telas do cinema "Uma Pequena Sereia" desembocou no Teatro Valdemar de Oliveira (...) Nesta montagem, adaptada e dirigida por Roberto Costa, a produção aposta na magia da história (já bem conhecida da telona), na bela sonoplastia e no apuro visual (guarda-

Uma Pequena Sereia

da a devida proporção entre todos os recursos e "efeitos" cinematográficos e as "limitações" do teatro). A direção, junto com o cenógrafo Alexandre Amanuel encontrou solução inteligente para dividir os dois planos de ação em que se passam a peça. O reino de Tritão e suas filhas sereias, da "bruxa" Úrsula e outros bichinhos do mar e o castelo do príncipe Érick. (...) Roberto Costa conseguiu encadear uma cena sem atropelos e com alguns momentos tocantes, principalmente das dublagens. Trata-se de um espetáculo infanto-juvenil bem produzido e com endereço certo: lotar o teatro. (...) Os adereços de Edilson Rygaard e a iluminação de Triana Cavalcanti possibilitam uma atmosfera mágica para traçar esse enredo das impossibilidades humanas, medos e fofocagem em todos os reinos e mostrar que só o amor conhece o caminho das pedras, apesar de todas as dificuldades do percurso. O elenco *é* irregular. Seria maravilhoso se fosse diferente. Uma trupe de 17 atores de primeira numa única montagem. Mas Roberto Costa tenta garantir a formação de seus novos profissionais, para as próximas sessões. Mesmo assim podemos citar alguns destaques. Além da protagonista, a princesa Ariel, interpretada por Mônica Vilarin (sic), temos Edilson Ryggard e Luciano Rodrigues (...) Eduardo Vaz (o príncipe Érick) tem uma boa presença cênica e faz seu papel com muita suavidade. Enfim, o canto dessa pequena sereia, que em alguns momentos utiliza até cenas do longa metragem de animação no fundo do palco, pretende com sua delicadeza e uma produção bem executada, afinação das cenas, um figurino atraente e uma historinha bem contada, cair no gosto da garotada.

As Incríveis Aventuras do Barão Langsdorff também recebeu avaliação de Ivana Moura no *Diario de Pernambuco* (19 de março de 1994):

> "As Incríveis Aventuras do Barão Langsdorff", que retoma sua temporada, aos sábados e domingos, às 16h30, no Teatro José Carlos Cavalcanti Borges, traz um ritmo que não envereda pelo alucinante, de correrias no palco, gritarias, danças e aeróbicas. A encenação segue um compasso diferente. Caminha a passos largos pelas entranhas do Brasil e pela história não oficial. Os episódios estão situados entre 1824 e 1829. Um cônsul russo, pacifista e apaixonado pela pesquisa científica,

As incríveis Aventuras do Barão Langsdorff

comanda uma expedição diferente. Ele quer conhecer o âmago da mata e atravessa rios, enfrenta cobras e lagartos para chegar lá. O texto de Sidnei Cruz, baseado em fatos reais, está pontuado de fantasias e sonhos. Repleta de imagens, a peça conduz o espectador por essa aventura com muita poeticidade. Já a encenação de José Manoel mergulha de cabeça nessa construção dramatúrgica. E prova o poder do teatro. Sem fazer concessões às bulas de sucesso, o espetáculo persegue o lúdico, a essência teatral para essa faixa etária. Não há nada grandiloquente. Os elementos se harmonizam como um concerto de câmara. Sutil, paulatinamente vai seduzindo a platéia. Entre músicas e efeitos sonoros (a direção musical é de André Filho) a peça se desenvolve num clima bem marcado. As incertezas do desconhecido, o medo, as dificuldades enfrentadas não fizeram arrefecer a solidariedade e o espírito de investigação do barão. E a montagem passeia tom sobre tom para destacar esses valores e suas contradições. Ao enfrentar regiões inóspitas, esse barão poeta, um misto de cientista e visionário, vai até as últimas consequências para atingir seus objetivos. A direção de José Manoel explora bem as idéias do autor, acrescentando outras, como da dignidade humana mesmo quando frente a frente com perigos mortais. "As Inscríveis Aventuras do Barão Langsdorff" é um espetáculo delicado. Os atores estão bem entrosados. As atuações são convincentes, com destaque para as interpretações de Flávio Santos, que faz o barão e Érico José (que além de atuar como ator toca e canta muito bem). Os figurinos, cenários e iluminação criam um clima adequado para o público seguir esse itinerário. E a força dessa história concentra-se nessa poeticidade que a direção imprime em todas as cenas. Um bom espetáculo para refletir sobre a nossa história, nossas riquezas, e até mesmo o que é possível cada um fazer no mundo.

Outras montagens do período que continuaram carreira de sucesso foram *O Bosque do Coração do Brasil*, da Paulo de Castro Produções Artísticas, em temporada no Horto de Dois Irmãos,

com os atores Ivonete Melo, Galiana Brasil, Telma Cunha, Cláudia Santos, Paulo de Castro, Buarque de Aquino e o garoto Daniel Castro; assim como *Os Saltimbancos*, da Cristiano Lins Produções, no Teatro de Santa Isabel (agora com com os atores Leno Pereira, Marcélio Rabelo, Vivianne Belanger e Melina Cristian, além de coro formado por quatro bailarinas e doze crianças, entre elas, Taidênio Lopes – Tay Lopez, Leandro Mariz, Sílvio Tenório, Talita da Fonte e Esdras Barros). A remontagem desta conhecida obra musical chamou a atenção de Ivana Moura no *Diario de Pernambuco* (21 de fevereiro de 1994):

Os Saltimbancos

> O encanto da peça "Os Saltimbancos" de Chico Buarque de Holanda abre uma visão caleidoscópica. Inclui que cada um pode ser o dono do seu destino, tomar o leme do mar revolto da vida e conduzí-la devagarinho, construindo passo a passo; convoca valores como respeito, inclusive às limitações individuais; lembra da força que pode ter a união e que as tristezas fazem parte da vivência. Tudo isso numa linguagem que conduz a variadas leituras, dependendo "do talento individual de cada um" como diria Jorge Ben Jor. O texto é uma crítica bem-humorada baseado em "Os Músicos dc Bremem", conto popular alemão recolhido pelos irmãos Grimm e que ganhou um novo tratamento do italiano Sérgio Bardotti traduzido e adaptado por Chico. Sua montagem é praticamente segurança de sucesso. E não deu outra. Montado há dois anos por Cristiano Lins Produções bateu recorde de público. Em nove meses de temporada 54 mil pessoas viram o espetáculo, mais as apresentações para escolas, somando 78 mil espectadores, segundo a administração do Teatro Valdemar de Oliveira. O público pediu, Cristiano Lins atendeu ao apelo. Desde sábado, o espetáculo está de volta, desta vez, no Teatro de Santa Isabel, aos sábados e domingos, às 16h30, com previsão de ocupar a pauta até o final de março. (...) O espetáculo é ponteado por belas músicas de Chico Buarque, e a produção procura tirar partido. Mas fica difícil montar este texto impunemente. A remontagem tem altos e baixos. Enquanto a trilha está rolando cria uma empatia com a plateia. A presença de crianças no elenco também serve para aproximar o público mirim. Desta vez a encenação traz a assinatura de Cristiano Lins, mas ele confessa que só modificou algumas marcas. Com atuações individuais fracas o espetáculo, apoia-se mesmo nas músicas. As coreografias são simples, e no conjunto possibilitam um visual agradável. A produção escolheu o caminho da caracterização

Os Saltimbancos

dos animais. Os figurinos são praticamente os mesmos da montagem anterior, de fácil identificação pelo público. "Os Saltimbancos", pelo menos na (re) estréia mostrou-se um espetáculo regular, mas que vai cair no gosto da garotada. (...) E entra o jumento para contar sua história. Falta força ao ator e também um pouco de sedução, que só se estabelece quando a música começa. E assim vão chegando um-a-um os bichos – galinha, cachorro e gata – que fogem da opressão. Cada um tem seu pequeno espaço para contar suas agruras. E o problema reside justamente nesses momentos de contar as histórias. O espetáculo cai. A gata é mais charmosa e tenta tirar partido disso. A direção resolveu "encher" o palco com um coro infantil, mas que tem uma função ilustrativa dentro do conjunto. As músicas utilizadas foram gravadas pelos atores na outra montagem. A direção de ator é fraca. Dirigir não é o forte de Cristiano Lins. Há uma transposição das marcas indicadas pelo autor. A iluminação, também de Lins, parece com uma discoteca piscando, nos momentos das coreografias. (...) Como o texto é bom e as músicas, além de conhecidas, são belas, o espetáculo "Os Saltimbancos" desperta o lado infantil de todos nós. Mesmo que não haja vôos imaginativos (...)

Também vale citar trabalhos mais simples, como *A Formiga Fofoqueira*, do ano anterior, texto do carioca Carlos Nobre dirigido por Izaltino Caetano, pelo Grupo Teatral LC Produarte, em temporada no Teatro do Sesc de Santo Amaro, contando com os atores André Luiz, Carlos Leandro, Sheyla Costa, Josy Barreto, Marcos Paulo e Wellington Alves; *O Mundo Mágico do Circo*, criação e direção de Paulo de Castro, outra opção do Horto de Dois Irmãos; *Rapunzel à Brasileira*, do Teatro de Marionetes Bonecartes; *Chapeuzinho Verde* (sem dados na imprensa sobre seus realizadores), que entrou em cartaz no Espaço Arlecchino; além de *TV Doglândia*, produção inspirada no

Rapunzel à Brasileira

TV Doglândia

programa global *TV Colosso*, com presença da cadela Priscilla e com o diretor e produtor José Cordeiro à frente de mais uma realização da Showlândia Produções Artísticas, em cartaz na sala Alfredo de Oliveira, um anexo do Teatro Valdemar de Oliveira.

Estreada em 1993, a peça A *Branca de Neve e os Sete Anões*, com texto e direção de Didha Pereira, pela Marcus Siqueira Produções Artísticas em parceria com a Lumiart Produções, retomou temporada aos domingos, às 10h30, no Teatro Barreto Júnior, em festa do seu 1º ano em cartaz. No elenco, Pedro Dias, Carmelita Pereira, Mônica Holanda, Juraci Vicente, Cássia Mascena, Odé Félix, Samuel Santos, Feliciano Félix (que assumiu a presidência da Feteape a partir daquele ano), Benício Donato, Edílson Boa Vista, Marquinhos Varella e Luciana Cavalcanti (Luciana Canti). Foram substitutos: Ademir Trajano, Hanstalvers Lopes, Antônio Roosevelt, Vida Barbalho e Eliane Luna. O diretor Didha Pereira ainda em 1994 estreou *A Lenda do Boto Encantado*, texto de Fernando Luce, pela Marcus Siqueira Produções Artísticas. Estavam no elenco os atores Quiercles Santana, Demétrio Rangel, Carmelita Pereira, Ademir Trajano, Juraci Vicente, Frank Souza, Odé Félix e Marquinhos Varella. Após esta montagem, Didha Pereira passou um bom tempo sem produzir nada novo.

No final de julho de 1994, alunos do Curso de Teatro Infantil do Instituto de Cultura Técnica estrearam, no palco do Teatro José Carlos Cavalcanti Borges, o espetáculo *Os Brinquedos Maltratados*, com texto das próprias crianças e direção da professora do curso, Cristina Nascimento, em única seção. Neste momento, todos os nove projetos apresentados à Comissão Julgadora do Prêmio Auxílio-Montagem – Versão 94, distribuído pela Fundarpe, foram aprovados. No segmento de teatro para todas as idades, estavam *A Dança dos Bonecos*, do Grupo Gestus; *A Lenda do Boto Encantado*, da Marcus Siqueira Produções Artísticas; *Quando Se Deu o Eclipse*, do Grupo Cênico Chesf; e *Seu Sol, Dona Lua*, da Circus Produções Artísticas. Naquele mês de julho, o IV Festival de Inverno de Garanhus recebeu como produções para a criançada, *O Bosque do Coração do Brasil, Maria Borralheira, Os Saltimbancos, A Branca de Neve e os Sete Anões, Arlequim, Flicts* e *Viagem ao Senso da Realidade*.

Outras realizações na capital pernambucana foram *Notre Dame de Paris*, pela Tramp's Produções Artísticas, texto de Marcos Monteiro da Costa dirigido por Normando Roberto Santos, com os atores Rosa Fernandes, Fábio Monteiro, Zácaras Garcia, André Neves, Pedro Ivo e Mirtes

A Lenda do Boto Encantado

Notre Dame de Paris

Quando Se Deu o Eclipse

Tabajara (Mirtes Nunes), entre outros; além de *Quando Se Deu o Eclipse* (sem registro do autor na imprensa), sob direção de Odé Félix para o Grupo Cênico Chesf, com Jacqueline Saunders, Josenildo Pininga, Sidney Eiras, Artur de França e Eya Miranda no elenco. Já a Companhia do Sol fez nova versão de *O Mistério das Outras Cores*, para o 1° semestre, no Teatro Valdemar de Oliveira, e lançou *O Príncipe e o Mendigo* no semestre seguinte, ambos com texto e direção de

O Príncipe e o Mendigo

Paulo André Guimarães, realizações específicas para escolas. Nesta 2ª produção do ano, destaque para Mônica Vilarim, Edílson Rygaard, Jeison Wallace, Ivan Leite e Helena Hoffmann no elenco. Mas um dos mais comentados espetáculos de 1994 foi *Peter Pan*, adaptação de Rui Costa, com direção de Manoel Constantino, pela Lumiart Produções, porque gerou tremenda insatisfação na jornalista Flávia de Gusmão ao acompanhar uma das sessões no Teatro Apolo, com ela publicando texto crítico no *Jornal do Commercio* (4 de agosto de 1994) sob o título "Um desrespeito ao bolso dos pais e à mente infantil":

> Minha filha, Clara, tem três anos e adora teatro infantil. (...) Desconfio que ela quer me atingir, talvez algum tipo de complexo de Electra precoce. Desta vez, quis assistir a "Peter Pan" (...) Fui e a primeira reação foi de espanto. (...) diante da falta de qualidade do espetáculo cometido por um diretor que tem coisas bem significativas em seu currículo. "Peter Pan" é o retrato do nosso teatro infantil, no que ele tem de pior: mal dirigido, mal encenado, mal interpretado, mal escrito. O tipo de espetáculo feito para angariar alguns tostões de pais desesperados por uma distração para sua prole. Se alguém disser que existe alguma proposta artística naquele amontoado de tolices, eu vou virar crocodilo. Clara é culpada de tudo, mas não se pode acusá-la de espectadora passiva. Ela observa tanto e tão bem, que às vezes desconfio que ela é uma anã e não uma criança. "Manhê, vai ter aniversário?" Não entendi, a princípio, mas passei uma vista no cenário e me deparei com a razão da pergunta: os frutos dos coqueiros eram bolas de soprar, verdes. Isto me levou a uma análise mais detalhada do que estava em cena. Para começar não havia qualquer respeito

Peter Pan

ao que se chama de marcação cênica: os atores corriam do navio do Capitão Gancho para a Casa de Peter Pan sem a menor cerimônia. A ilhota onde ficava a sereia (só depois de algum tempo descobri que a tal personagem era uma sereia, justamente quando Clara, preocupadíssima, me perguntava a todo instante quem era aquela mulher) só não era mais deslocada que a própria personagem – uma mistura de ialorixá e destaque de escola de samba. O roteiro é apenas uma mutilação tosca do texto de James M. Barrie. Não evidencia a dualidade entre ser adulto ou criança, não põe em cheque a crença nas fadas, não comove com a ausência materna (o caso das crianças perdidas na Terra do Nunca) e ainda premia com pérolas de sintaxe como esta: "Quando a gente faz coisa errada não devemos nos esconder". A interpretação dos atores, sem exceções honrosas, beira o esteriótipo (sic) de que criança é retardada mental: Wendy grita, Peter Pan saltita. Capitão Gancho parece ter se inspirado em José Wilker, Barrica exagera. Sininho não sabe se fala ou fica muda e Pedrinho faz cara de bobo. Rubinho não existe e Raio de Sol faz cara de quem comeu e não gostou. E para não dizerem que eu só falei mal, o crocodilo é o dez. Chega, eu e Clara (e quem mais quiser se juntar) vamos fazer um movimento em prol do retorno da inteligência aos palcos infantis da cidade.

No elenco, Pedro Dias (Peter Pan), Samuel Santos (Capitão Gancho), Rui Costa (Barrica), Cássia Mascena (Sininho), Mônica Holanda (Crocodilo/Sereia), Taveira Júnior (Pedrinho), Auristela Rangel (Índia Raio de Sol), Benício Donato (Rubinho) e Eliane Luna (Wendy). O diretor da peça, Manoel Constantino, não gostou do que leu e respondeu ao *Jornal do Commercio* (20 de agosto de 1994), rebatendo a crítica e defendendo a proposta do seu espetáculo:

> Na sua dissertação de "mãe que busca desesperada uma distração para sua prole", Flávia de Gusmão, infelizmente deixa transparecer um certo mau humor em ter de cumprir a "obrigação de satisfazer o desejo da pequena Clara, sua filha, que, e felizmente, fica atenta aos espetáculos infantis a que tem a oportunidade de assistir. Infelizmente, muitos pais querem que as mentes dos filhos funcionem como as suas – como se uma compreensão madura sobre nós mesmos e o mundo, e nossas idéias sobre o significado da vida não tivessem que se desenvolver passo a passo, tanto quanto nossos corpos e mentes. (...) Creio que o adulto pode e deve questionar os contos de fadas, mas para mim, enquanto artista, tais histórias são fundamentais para que as crianças encontrem o que é significativo para suas vidas. E quando a Flávia de Gusmão critica a bobagem, para ela, do texto, montagem e interpretação, esquece que é característico dos contos de fadas colocar um dilema existencial de forma breve e categórica. Isto

permite à criança apreender o problema em sua forma mais essencial, onde uma trama mais complexa confundiria o assunto para ela. O conto de fadas simplifica todas as situações. Suas figuras são esboçadas claramente, e detalhes, a menos que muito importante (sic), são eliminados. Todos os personagens são mais típicos do que únicos, e, portanto, para mim não há a necessidade de duvidar dos contos de fadas, porque acredito neles e tenho minhas razões vislumbradas, através do estudo e observação constante da linguagem infantil, e ainda porque tento conservar o que me resta de moleque e lúdico. Numa boa e sem nostalgia. Quanto à montagem de "Peter Pan" é óbvia minha opção pela simples arquitetura de um espetáculo, sem rebuscamentos cinematográficos. Não senti a necessidade, por exemplo, de pôr coqueiros e cocos de verdade no palco, compreendendo que a criança acredita no faz-de-conta, sem perder o famoso fio da realidade, sendo necessário, entretanto, o estabelecimento de convenções básicas, do propor: "Este é o jogo". Quanto à análise propriamente dita de um espetáculo infantil, há que se considerar inúmeros elementos para que se chegue à conclusão de que isto ou aquilo é ruim ou bom. (...) É claro que em "Peter Pan" existem falhas e agradeço por me alertar, cara Flávia de Gusmão, mas também é perceptível para os pais que vão acompanhando os seus filhos com predisposição, abertos, encontrarem elementos espetaculares que agradam e, quanto aos filhos, basta ficarem atentos ao brilho dos olhos, às perguntas e deixá-los livres para o questionamento, para o imaginário; achar ruim, querer ir embora, etc. Para finalizar, acho que é insinuar, numa crítica, que a produção de "Peter Pan" se propõe a "angariar alguns tostões" num "desrespeito ao bolso dos pais e à mente infantil", porque estaremos propondo, por uma única via perigosa, formar opinião. Querida Flávia de Gusmão, até os encontros da vida são relativos. E é terrível, qualquer um de nós artistas, jornalistas, impor uma visão unilateral ao seu público. Faz-se necessário que o exercício da crítica tenha, em suas bases, a imparcialidade com o conhecimento de causa, o estar aberto aliado ao equilíbrio da razão e emoção e, por isso, proponho ao Caderno C realizar, juntamente com a produção de "Peter Pan", uma pesquisa com o público frequentador do Teatro Apolo, sobre a validade ou não do espetáculo em pauta. Uma criança, entre 7/9 anos, ao sair do espetáculo, foi abraçar "Wendy" e, espontaneamente, disse, categoricamente: "Eu já sabia da história. Eu vi no cinema, mas no teatro é bem melhor! Pena que naquele momento eu não estava com um gravador em mão. Apenas me senti, outra vez, moleque.

Com ótimo público, *O Mundo Mágico de Oz – O Regresso* foi mais uma grande realização do produtor Antônio Bernardi, com direção de José Manoel. No elenco, entre outros, Paulo de Pontes, Beto Resende, Elaine Kauffman, Paula Polo, Michele Samer e Nil Marcondes. Em cartaz no Teatro Valdemar de Oliveira, a peça recebeu crítica de João Luiz Vieira no *Jornal do Commercio* (7 de julho de 1994), insinuando que o diretor "perdeu o caminho":

> Nem todos conseguem seguir a "estrada de tijolos amarelos" proposta à desorientada adolescente Dorothy em "O Mágico de Oz", a mais que conhecida fábula da literatura norte-americana,

O Mundo Mágico de Oz – O Regresso

escrita por L. Frank Baum (...) O diretor José Manoel tentou acertar o caminho, mas não realizou uma dinâmica adaptação da obra para o teatro, embora tenha ratificado sua criatividade em algumas soluções cênicas. Os problemas maiores de "O Mundo Mágico de Oz – O Regresso", em cartaz no Teatro Valdemar de Oliveira, são o texto, fraquinho, e o despreparo de alguns atores. (...) Acertou na construção da protagonista, dando-lhe força e menos ingenuidade (Elaine Kaufmann (sic), que desempenha o papel, está ótima), no desenho de alguns cenários (a cidade de Oz está rica e os adereços são funcionais) e figurinos (o do Prefeito, vivido pelo ator Paulo de Pontes, é uma das melhores criações já vistas em nossos palcos). Em compensação, poderia ter solucionado melhor o destino do cãozinho da Dorothy que terminou como bichinho de pelúcia, numa mochila nas costas da garota. A antagonista da história, a Bruxa Mamby, uma das mais terríveis vilãs que a gurizada conhece, é tão frágil na peça quanto o Cabeça de Abóbora [Michele Samer], seu escravo. A atriz Paula Polo está completamente deslocada no papel. A peça, inclusive perde muito do suspense e da emoção da história por inexistência das forças do mal. É tudo muito fácil para Dorothy e seus amigos. De qualquer maneira, a gurizada tem gostado do embate e garante ao produtor Antônio Bernardi casa cheia todo final de semana.

Para além da capital pernambucana, em Caruaru estreou *O Baile do Menino Deus*, texto de Ronaldo Correia de Brito e Assis Lima, com direção de Arary Marrocos, pelo elenco do Teatro Experimental de Arte (TEA); e *Flicts*, da obra de Ziraldo, pelo Grupo de Teatro Enã Iomerê, surgido naquele ano e formado por alunos do Colégio Diocesano de Caruaru, sob direção da atriz e educadora Maria Alves. Em Arcoverde, há registro da montagem de *O Pequenino Grão de Areia*, musical de João Falcão, com direção de Geraldo Barros, pela Equipe Teatral de Arcoverde (Etearc) – Grupo Novo Horizonte. Também foi lançado *O Sonho e Eu*, texto de Geraldo Cosmo, com direção

O Sonho e Eu

de Josenildo José, pelo elenco do Grupo Teatral Risadinha, da cidade de Camaragibe, na Região Metropolitana do Recife, que pôde ser visto na casa de shows Capibaribe Show. E no município do Paulista, ainda foi montado *Os Saltimbancos*, musical de Chico Buarque de Holanda, com direção de Leandro Mariz, especialmente produzido para circular por escolas da rede particular de ensino através do Projeto Passeio Cultural.

Como nota triste, em setembro de 1994, uma perda grande para a classe artística foi a morte do bonequeiro Nilson de Moura, um dos fundadores do grupo Mamulengo Só-Riso, vítima da Aids. Em 1995, o recuo do empresariado nos possíveis patrocínios, a queda de qualidade nos espetáculos e o afastamento do público foram questões apontadas pela imprensa ao final daquele ano, um período de extrema crise para o teatro no Recife, ainda que tenha sido o da 1ª edição do Janeiro de Grandes Espetáculos, um dos eventos mais importantes para as artes cênicas em Pernambuco. Realizado pela Fundação de Cultura Cidade do Recife, com o seu criador Romildo Moreira à frente, o projeto foi pensado para aproveitar o público em período de férias na cidade. Na programação de dezesseis montagens, apenas duas voltadas às plateias de todas as idades, *Arlequim*, da Remo Produções Artísticas, e *A Dança dos Bonecos*, do Grupo Gestus, ambas do Recife. Nas matérias retrospectivas dos jornais ao final daquele ano, o teatro para crianças sequer foi citado, como se a deficiência das poucas montagens que estiveram em cartaz fosse tanta que nem merecessem ser lembradas. Ainda assim, *O Bolero de Raquel*, produção voltada ao público adolescente, e *A Dança dos Bonecos*, na linguagem do teatro de bonecos, ganharam pequenos registros.

A Dança dos Bonecos

As Travessuras de Charles

No total, menos de vinte produções para crianças puderam ser vistas na capital pernambucana em 1995, algumas estreadas anos antes. Parte delas preferiu apostar no sucesso de personagens da Disney, de desenhos animados clássicos ou de programas da TV, mas, na maioria dos casos, o tiro para atrair público saiu pela culatra! Foi o caso de *As Travessuras de Charles* (e não Chaves, para evitar problemas com o direito autoral), realização da Portugal Produções, que baseou-se na série cômica da televisão me-

xicana dos anos 1970, *Chaves*, exibida até hoje no Brasil, na qual um garoto pobre convive com crianças de uma vila suburbana e quase sempre apresenta problemas com os adultos. Manoel Constantino assinava a adaptação da obra e direção, que contou com trilha sonora e direção musical de Allan Sales. No elenco, Thiago Dinis (o protagonista Charles), Bobby Mergulhão, Fabiana Karla, George Demétrios, Cibele Teles, Taveira Júnior e Tatiana Azevedo. A peça permaneceu pouquíssimo tempo em cartaz no Teatro Barreto Júnior, mas fez várias sessões para escolas, seu objetivo principal.

As Aventuras de Popeye

As Aventuras de Popeye, com texto e direção de Hélio Rodrigues, tinha Pedro Dias na pele do marinheiro clássico dos quadrinhos que come espinafre para ganhar força e, assim, salvar sua amada Olívia Palito (a atriz Daise Gomes) das garras do inimigo Brutus (o ator Rui Costa). Ainda no elenco, Benício Donato, Dayse Machado e Magno Augusto. As coreografias foram criações de Raimundo Branco. Também permaneceu um tempo diminuto em cartaz no Teatro Apolo. *Oliver*, com texto e direção de Antônio Nogueira e realização da Côncava Produções Artísticas, foi adaptado do desenho animado da Disney, *Oliver e Seus Companheiros*, que por sua vez é baseado no livro *Oliver Twist*, de Charles Dickens. Mostrava a trajetória de um gatinho órfão que vive nas ruas de Nova York e acaba amigo de uma matilha de cães vagabundos que rouba objetos. Ficou em cartaz por algumas semanas no Teatro Barreto Júnior. No elenco, Carmen Alves, Daniela Câmara, Freedom Cavalcanti, Mércia Gina, Luiz Lima, Felipe Andrade, Salomé Nunes e Ivan Almeida.

Oliver

Claramente inspirado pela peça *A Bruxinha Que Era Boa*, de Maria Clara Machado, o diretor, produtor e empresário Antônio Bernardi retomou sua peça *Gruilly na Terra das Bruxas*, um

Gruilly na Terra das Bruxas

dos maiores sucessos de público da temporada teatral para a infância em 1995, confirmando o tino comercial de suas produções. No Teatro Valdemar de Oliveira, a meninada deliciava-se com os efeitos especiais em cena, reunindo bruxas e duendes numa trama sobre o que é ser bom ou mal. Naquele mesmo palco, para sessões fechadas às escolas, a Companhia do Sol apresentou *A Gata Borralheira*, mais um texto e direção de Paulo André Guimarães, com Mônica Vilarim no papel principal, além de Paulo de Pontes, Edílson Rygaard, Joelma Alves, Fabiana

A Gata Borralheira

Karla, Inaldo Oliveira e Ivan Leite, entre outros atores. Já no pequenino Teatro do Horto, a Paulo de Castro Produções Artísticas continuou a atrair um público mais popular à peça *O Bosque do Coração do Brasil*, em atividade desde 1992.

O curioso é que o ano prometia bons espetáculos em cena após um 1994 considerado "insosso" por alguns jornalistas. *Avoar*, de Vladimir Capella, voltou ao cartaz com quase o mesmo elenco dirigido por José Manoel, retomando um de seus mais elogiados trabalhos para a infância. Ou seja, quase dez anos depois, Paulo de Pontes, Carlos Lira, Célio Pontes, Flávio Santos, Ivone Cordeiro, Kátia Ribeiro, Otacílio Júnior e Rudimar Constâncio voltaram a experimentar brincadeiras de criança em cena, com temporada aos domingos pela manhã no Teatro de Santa Isabel (saudosas temporadas matinais), agora com a Portugal Produções à frente. Dois únicos atores não puderam aceitar o convite, Hamilton Figueiredo e Cira Ramos, que foi substituída pela atriz cabense Josete Mendonça.

A Menina Que Queria Dançar foi uma das estreias do ano, realização do Haja Teatro em parceria com a Luiz Freire Produções Artísticas. O texto de Marcelino Freire, que lançou a atriz Patrícia França em sua estreia em 1986, ainda sob direção de Ilza Cavalcanti, passou por modificações e, desta vez, veio sob direção da dupla José Brito e Vanise Souza. A temporada aconteceu no palco do Teatro José Carlos Cavalcanti Borges e quem protagonizou foi Alexsandra Barros, descoberta no elenco do Grupo de Teatro da Casa de Passagem, no espetáculo *O Bolero de Raquel*, dirigido por José Mário Austregésilo. Ainda como atores, Carlos Alberto, Helena Tenderini, Vanise Souza,

A Menina Que Queria Dançar

O Bolero de Raquel

Fátima Pontes e Roberto Vasconcelos. Com foco na juventude, o espetáculo *O Bolero de Raquel* ganhou destaque no *Jornal do Commercio* (2 de abril de 1995), em matéria assinada por Maria Nina Calado:

> Desde que recebeu convite para criar um grupo de teatro com as meninas da Casa de Passagem, o teatrólogo José Mário Austregésilo pensou em fazer algo amorosamente. O resultado desse exercício de crença no ser humano é a peça "O Bolero de Raquel". A Casa de Passagem é uma entidade que trabalha com adolescentes de baixa renda, que buscam sobreviver nas ruas. Nesse contexto o fazer teatral vai de encontro ao sonho de várias das meninas e serve como um meio lúdico da expressão de sua luta. O trabalho estava previsto para ser realizado em quatro aulas divididas em exercícios de voz e corpo e se prolongou por um ano. Austregésilo descobriu que muitas das meninas dançavam e sabiam cantar. Tomando como ponto de partida essas duas habilidades, estabeleceu-se um processo criativo dos mais ricos. Algumas lembraram de poemas que haviam aprendido na escola, outras timidamente iniciaram um bailado e o encenador buscou um fio condutor que ligasse essa performance. "Pensei em contar a história de uma garota que chega do interior, fugindo da miséria e encontra outra, que já vive nas ruas. Desse contato surgem temas como drogas, sexualidade, medo e os inevitáveis preconceitos de gênero", declara José Mário.

Também em 1995, Antônio Bernardi voltou com novo sucesso infantil, batendo recordes de público. *O Galo Jackson II – Brilhando em Hollywood*, texto seu, ficou em cartaz no Teatro Valdemar de Oliveira. A trama acompanhava a chegada do galinho cantor à terra do cinema, com mais brilho ainda na sua vertiginosa carreira, mas, no entanto, esquecendo das amizades verdadeiras. A direção era de Carlos Carvalho. No elenco, Otacílio Júnior, Adelson Dornellas

O Galo Jackson II – Brilhando em Hollywood

Alice no País das Maravilhas

e Joelma Alves, entre outros. Outras realizações do ano foram *Dança Meu Boi*, também de Carlos Carvalho; *Depende de Nós*, com texto e direção de Beto Xavier, baseado no Estatuto da Criança e do Adolescente; e *Alice no País das Maravilhas*, de Antônio Nogueira, mais uma vez voltando-se a clássicos da Disney, ainda que baseado em obra do escritor Lewis Caroll. A direção deste último trabalho ficou a cargo de Clenira Bezerra de Melo, pela Showlândia Produções Artísticas. A atriz Mônica Vilarim – praticamente especialista nas personagens clássicas – vivia a protagonista. Também há registros do Grupo Moagem, de Olinda, que chegou a apresentar *O Meu Boi Criança*, com direção de Fernando Albuquerque; e a estreante Kactos Companhia de Artes – Projeto Literatura e Teatro, com a peça *Pretinho, Meu Boneco Querido*. Em meio a tanta produção, com problemas diversos, o Teatro de Santa Isabel foi fechado pela Prefeitura do Recife para uma reforma que durou sete anos. Enquanto isso, o Teatro do Parque foi se deteriorando, esquecido pela municipalidade.

O Meu Boi Criança

Na Casa da Cultura, o Teatro de Bonecos Lobatinho cumpriu temporada com o projeto Bonecos às Sextas, promovendo sessões às 15 e 18 horas. Ainda estiveram em cartaz, a retomada de *Peter Pan*, da Lumiart Produções, com direção de Manoel Constantino; *O Príncipe e o Mendigo*, da Companhia do Sol, texto de Paulo André Guimarães que ganhou diversas outras versões nos anos seguintes, com direção do próprio; *A Gata Borralheira*, também da Companhia do Sol, mas voltada apenas para escolas; e *Pirlimpimpim – A História do Sítio do Pica-Pau Amarelo*, adaptação de Antônio Nogueira, com produção e direção de Cristiano Lins, tendo como atores Alda Lucena, Fabiana Karla, Tatiana Azevedo, Vinícius Coutinho, Fernanda Rodrigues Paula Francinete, Taidênio Lopes (Tay Lopez) e Francisco Yohan.

Pirlimpimpim – A História do
Sítio do Pica-Pau Amarelo

Após desentendimento grave da produção com parte do elenco, participaram ainda Melani Rodrigues, Leno Pereira, Viviane Belanger e Francis de Souza.

Curiosamente, esta última montagem, totalmente calcada no programa da TV Globo, estreou pouco antes de uma outra peça inspirada nos escritos de Monteiro Lobato, mas sem qualquer referência à produção televisiva. Pelo contrário. E foi a mais elogiada pela imprensa em 1995, coincidentemente, a estreia profissional desde que vos escreve. Infelizmente, por uma certa acomodação do público em aceitar histórias em versões diferenciadas da TV, *Memórias da Emília* cumpriu curtas temporadas no Recife, inicialmente no Teatro Apolo e, em seguida, no Teatro Barreto Júnior, aos sábados e domingos, às 16h30, com o produtor Pedro Portugal no comando. Ivana Moura, no *Diario de Pernambuco* (29 de junho de 1995), teceu o seguinte comentário:

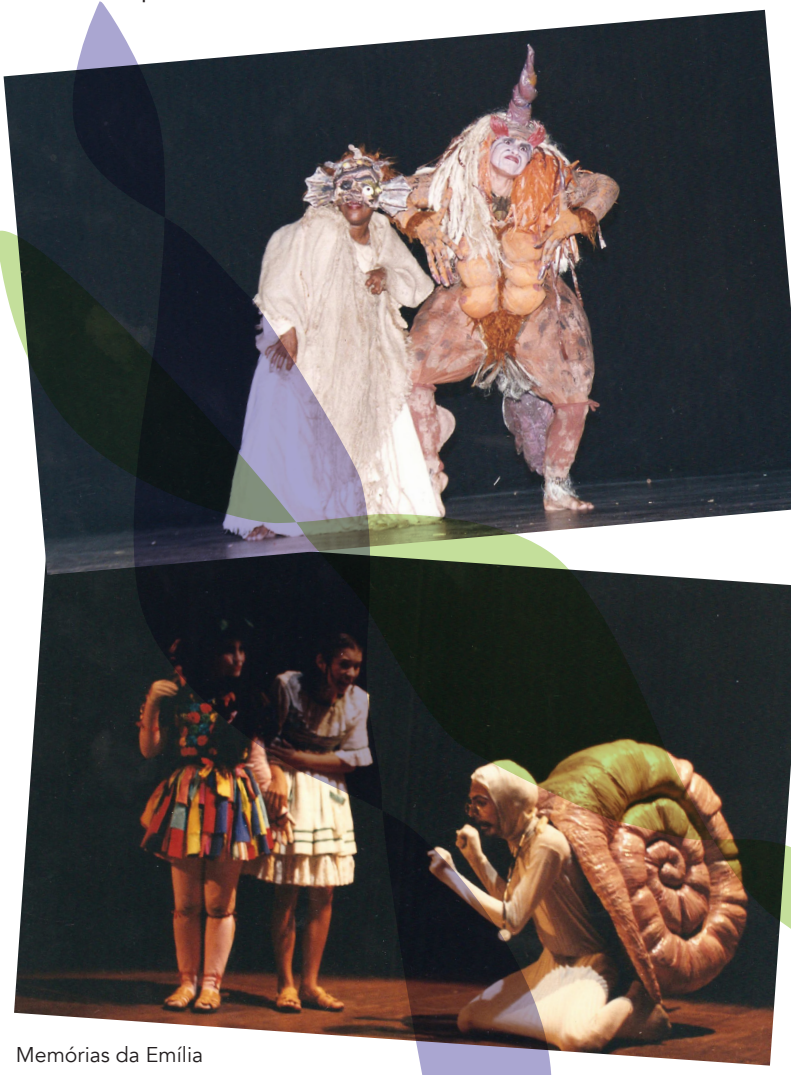
É uma extrema alegria reencontrar os personagens do paulista de Taubaté tão cheios de vida, tão bem delineados em sua criação. A encenação traz um ritmo dessas peraltices das crianças, (...) numa montagem que zela pelo respeito à inteligência, sensibilidade do público infanto-juvenil. As soluções cênicas encontradas permitem um

Memórias
da Emília

jogo lúcido de pura sedução. O diretor mistura a interpretação dos atores com teatro de animação (como nas cenas do Saci e do peixinho), e boneco gigante, nas cenas do Tio Barnabé, chegando a um resultado satisfatório. (...) Os cenários e adereços são de Célio Pontes e Luiz Felipe Botelho. A trilha sonora original, de Allan Salles, mostra que Lobato é sempre recriável, sem se prender à cristalização dos meios de comunicação de massa. E os figurinos, além de bonitos, são funcionais e criativos. Os bonecos, execução de figurinos da Cuca, Major Agarra, Doutor Caramujo e Marquês de Rabicó são de Fábio Caio e Uziel Lima. O elenco está bem afinado e é bom registrar nomes: Marilena Ramos (que divide o papel com Sandra Rino, com uma Emília que vem das entranhas de Lobato), Célio Pontes (Rabicó), Leidson Ferraz (uma performance bem personalizada do Visconde), Ivone Cordeiro (que faz uma tia Anastácia com expressões dos passos do candomblé e saúda os orixás), Terezinha Guedes (meiga Dona Benta), Cibele Jácome (uma Narizinho cheia de vontades), Adriano Cabral (um Pedrinho corajoso, mas sem querer ser super-herói) e Zuleica Ferreira (uma Cuca, engraçada, maldosa, rabugenta e no fundo encantadora). É para se experimentar uma "felicidade clandestina», como já ensinou a escritora Clarice Lispector em seu livro de contos homônimos e carregar bem viva esta lembrança.

No elenco estavam também, em revezamento de atores, Chico Domingos e Cristina Siqueira. O espetáculo suscitou tantos elogios, que ganhou nova crítica (algo raríssimo no teatro para a infância do Recife), desta vez no *Jornal do Commercio* (25 de maio de 1995), escrita pelo jornalista João Luiz Vieira:

> Saber contar uma história é a principal função de um diretor de teatro. Luiz Felipe Botelho conseguiu em "Memórias da Emília" (...) uma das mais felizes adaptações da obra do contista Monteiro Lobato. Botelho foi o mais fiel possível aos originais "O Saci" e "Reinações de Narizinho". (...) queria fugir ao máximo da famosa versão televisiva, mesmo correndo os riscos de uma rejeição do público. Dona Benta, por exemplo, é bem magrinha, a Cuca não é uma jacaroa (o figurino é esplêndido, um misto de bruxa, escorpião, cavalo e aranha) e nem os retalhos de Emília são parecidos com o que foi mostrado na série de TV. A trilha



Memórias da Emília

> sonora do espetáculo é original, o que é raro por aqui, e a iniciativa sempre vale aplauso. (...) O ritmo da cena mantém-se equilibrado por quase todo o tempo, e o mérito vai em grande parte para o elenco. Brilhantes em cena, Leidson Ferraz como o Doutor Caramujo; Zuleica Ferreira como a vilã Cuca; e Cibelle Jácome como Narizinho. Mas, é preciso frisar: não pense em ver um espetáculo maneirista, cheio de invenciones. É de uma simplicidade comovedora, onde as boas idéias funcionam a favor daquela velha e sempre boa história.

Diante de tantos elogios, a resposta de público poderia ter sido bem melhor, mas não foi. A peça ainda pôde ser vista no Festival de Inverno de Garanhuns. Já no município do Paulista, a Cia. de Teatro Paulista produziu mais uma peça infantil, *O Cavalinho de Chifre*, com texto e direção de Leandro Mariz, que permaneceu em temporada de março a maio de 1995, no Teatro do Sesc, no bairro de Santo Amaro, no Recife; e, em Caruaru, Arary Marrocos dirigiu *A Menina Que Perdeu o Gato Enquanto Dançava Um Frevo Na Terça-Feira de Carnaval*, de Marcos Rocha Apolinário Santana, com adaptação de Argemiro Pascoal, pelo Teatro Experimental de Arte (TEA). No segmento adulto, aquele foi o ano de estreia de peças no Recife como *Os Biombos*, pela Cia. Teatro de Seraphim; *Sóror Mariana, Uma Paixão*, do Grupo de Teatro Luiz Marinho; *A Estrada*, pelo Teatro de Amadores de Pernambuco; *Beckett in White*, da Cia. Skeptiko's de Teatro, com direção de Geovan Sabino; e do projeto *Trilogia da Miséria Humana*, com três obras de Adriano Marcena: *As Grávidas*, *Os Leprosos* e *Os Cristãos*. Também voltaram para novas temporadas *Salto Alto*, *Malassombro*, *Mamãe Não Pode Saber*, *Bar das Ilusões* e *Auto da Compadecida*.

O ano de 1996 começou fraco nas opções de teatro para crianças no Recife, mas foi engatilhando um número grande de produções que ultrapassou mais de trinta peças produzidas. Proliferaram-se, então, os espaços para resenhas críticas nos jornais, mas, infelizmente, a "fuga do público" foi lembrada sempre. Tudo começou com a 2ª edição do projeto Janeiro de Grandes Espetáculos, opção para o público apreciar teatro e dança durante as férias. Na programação, o Teatro Apolo recebeu peças para a infância: *Hipopocaré, o Rei da Galhofa* (que mais à frente cumpriu temporada no Teatro Barreto Júnior, com verba de divulgação da Fundação de Cultura Cidade do Recife e possibilidade de sessões extras às quartas e sextas-feiras para escolas) e *O Bosque do Coração do Brasil*, ambas da Paulo de Castro Produções; *A Menina Que Queria Dançar*, do Haja Teatro (que ganhou pauta de temporada no próprio Teatro Apolo, dentro do mesmo projeto de apoio da Fundação de Cultura Cidade do Recife e com possibilidade de sessões para escolas); além de *As Travessuras de Charles*, da Portugal Produções. Ivana Moura, em matéria no *Diario de Pernambuco* (4 de janeiro de 1996), criticou as escolhas:

A inclusão das montagens infanto-juvenis no projeto deve-se a uma concessão política orientada pela própria Fundação de Cultura Cidade do Recife, realizadora do programa. Já que, como se sabe, os espetáculos para este público específico não chegam a uma excelência para entrar num

O Bosque do Coração do Brasil

projeto que se dê o nome de "Grandes Espetáculos". "Hipopocaré" é um musical que busca discutir preconceitos e outros valores da vida, a partir do amor entre um jacaré e uma hipopótama. A peça é bem produzida. Já com mais de 600 apresentações, em quatro anos de cartaz, o musical ecológico "O Bosque no Coração do Brasil"[*O Bosque do Coração do Brasil*]discute a necessidade de preservar a natureza. O sonho de uma menina que sonha em ser bailarina é o fio condutor da peça "A Menina Que Queria Dançar". Escrita por Marcelino Freire, quando ele tinha 14 anos (hoje ele tem o dobro), a peça marca a estréia de José Brito na direção. O outro espetáculo da facção juvenil chama-se "As Aventuras de Charles"[*As Travessuras de Charles*]e é baseado num programa de televisão.

Paralelamente ao Janeiro de Grandes Espetáculos, a Feteape promoveu a 4ª edição do projeto Todos Verão Teatro – evento criado dois anos antes daquele –, com programação durante todo o mês, no Teatro Barreto Júnior, abrindo espaço, inclusive, para a produção do interior do estado. Foram convidadas como infantis, *O Dono do Mundo, O Dono de Nada*, da Maktub Produções, com texto de Cláudia Medeiros e direção de Normando Roberto Santos, tendo no elenco Adriana Muniz, Franciscleide de Souza, Gustavo Falcão, Ubiratan Cavalcante e Zacarias Gouveia (Zácaras Garcia); *O Meu Boi Criança*, com direção de Fernando Albuquerque; *O Rei Solimão e a Rainha de Jabá*, texto de João Argemiro da Silva, com direção de Max Almeida e realização do Grupo Produarte, numa versão bem humorada da clássica história do Rei Salomão e a Rainha de Sabá; além de *O Baile do Menino Deus*, de Ronaldo Correia de Brito e Assis Lima, montagem do Teatro Experimental de Arte (TEA), da cidade de Caruaru, com trinta crianças e adolescentes no elenco, sob direção de Arary Marrocos. Foi a partir de 1996 que Romualdo Freitas assumiu a presidência da Feteape.

O Dono do Mundo, o Dono de Nada

Em fevereiro, outras montagens continuaram em cartaz. Como *Viagem ao Reino de João Redondo*, comédia infanto juvenil escrita e dirigida por Paulo Ferreira e encenada pelo Grupo Gente Nossa, que esteve em temporada no Circo Popular do Recife, localizado no Sítio Trindade, a preços bem simbólicos. A trama mostrava marinheiros em viagem para uma ilha desconhecida, participando de inúmeras aventuras. *Bumba-Meu-Boi do Capitão Boca Mole,* a história de uma festa em homenagem ao Santo Rei do Oriente envolvendo várias personagens convidadas, com texto adaptado e dirigido por Laércio Júnior, cumpriu temporada no Teatro Bonecartes, no bairro do Janga, espaço dedicado às marionetes, inclusive com cursos programados. Entre os atores-manipuladores, destaque para o garoto Lucas, de apenas cinco anos. Já *O Bosque do Coração do Brasil*, da Paulo de Castro Produções, comemorou mais de três anos de sucesso no Teatro do Horto.

Também com produção de Paulo de Castro, entrou em cartaz, no Teatro Valdemar de Oliveira, a 3ª adaptação para cena do texto de Antônio Ginho, *Hipopocaré, o Rei da Galhofa*, com direção de Carlos Carvalho, um enorme sucesso de bilheteria. No palco, a história de uma hipopótama que se apaixona por um jacaré e tem um engraçado filhote. O elenco contou com diversos atores em revezamento, Ivonete Melo, Buarque de Aquino, Célio Pontes, Ana Cláudia Wangues-

Hipopocaré, o Rei da Galhofa

wlândia Produções Artísticas. No elenco, Luziene Feitosa, Ana Paula, Gilson de Paula, Hugo Regatiery, Giana Varshavisk e Nilson Muniz. A história de Alice que, sonhando, cai num jardim encantado conhecendo um coelho falante, incluía brincadeiras com a plateia que recebia até certificado de participação.

No mesmo teatro, esteve em cartaz, um grande sucesso de público, *O Rei Leão e o Ciclo da Vida*, adaptação de Gustavvo Macel (Gugga Macel) a partir do filme de Walt Disney, sob direção de Roberto Costa. A produção era de Antônio Bernardi. No elenco, Bobby Mergulhão, Zuleika Ferreira, Joelma Alves, André Trinidad, Taidênio Lopes (Tay Lopez), Adelson Dornellas, Ricardo Mourão, Alberto Brigadeiro e Elaine Kauffman, entre outros. No palco, a história do Rei Leão Mufasa e seu pequeno filho Simba, vítima da inveja do próprio tio que ambiciona o reino. A peça ganhou elogios rasgados do crítico João Luiz Vieira no *Jornal do Commercio* (25 de abril de 1996), sob o título "Um Disney emocionado":

> Já virou um lugar-comum dizer que as montagens teatrais que buscam reproduzir os longa-metragens dos estúdios Disney não conseguem repetir, com a mesma eficiência, o sucesso do qual inspiram. Pecam exatamente pela tentativa de imitação. As linguagens são díspares e os recursos visuais que o Cinema dispõe só são acompanhados pela Broadway, mesmo assim, por algumas produções. Portanto é sempre muito arriscado sair de casa para assistir a um espetáculo de teatro pernambucano "baseado num longa-metragem da Disney". Mas você não se arrepende de assistir a "O Rei Leão", em cartaz no Teatro Valdemar de Oliveira. As montagens anteriores de filmes baseados em Disney foram apenas razoáveis ("A Pequena Sereia"/94 foi a que chegou mais perto do

tel, Mário Antônio Miranda, Taidênio Lopes (Tay Lopez), Samuel Santos, Emanuel David D'Lúcard, Cláudia Pontes, Gheuza Sena, Taveira Júnior, Luciana Cavalcanti (Luciana Canti) e Flávio Renovatto, entre outros. O ano de 1996 marcou ainda o lançamento do espetáculo *Mundo do Terror*, que aterrorizou milhares de pessoas no Shopping Guararapes, entre crianças e adultos. Já no Teatro Valdemar de Oliveira, quem cumpriu temporada foi a peça *O Reino Mágico de Alice*, adaptação livre do conto de Lewis Caroll, com direção de José Cordeiro e realização da Sho-

O Rei Leão e o Ciclo da Vida

amor entre o pai e filho continua a emocionar por sua sinceridade. Beto Costa construiu um espetáculo plasticamente bonito, mas ele sai prejudicado quando, inevitavelmente, compara-se com a versão do cinema. Impossível não lembrar da antológica cena da manada de gnus que, no teatro, foi reproduzida em telão e por uma marcação de cena sem o menor impacto. (...) Mas Beto soube dar ritmo ao seu espetáculo. É uma encenação alegre e emocionada. Os figurinos são funcionais, assim como a maquiagem que define, com clareza, os personagens da trama. O elenco está bastante equilibrado, com destaque absoluto para Ricardo Mourão (perfeito como o vilão Scar), Alberto Brigadeiro (detalhista em suas expressões faciais como o rei Mufasa) e Joelma Alves (a mãe de Simba). Não é a mesma coisa que no cinema, mas pode ser uma boa diversão para as tardes do seu final de semana.

ótimo) e a melhor idéia partiu mesmo da Portugal Produções, que, aproveitando-se do sucesso da releitura de "A Bela e a Fera" no cinema, contratou o diretor Felipe Botelho para adaptar o texto original e não a versão cinematográfica. A favor do ator Gustavvo Maciel está o fato de que "O Rei Leão" não tem uma versão literária. Foi especialmente concebido para virar filme, portanto Gustavvo teve de decupar o próprio roteiro cinematográfico. Seu maior pecado foi cortar algumas das melhores piadas do filme: os irônicos diálogos das hienas. De qualquer maneira, a bela história de

Ainda no Teatro Valdemar de Oliveira, com sessões fechadas para educandários, a Companhia do Sol produziu dois novos espetáculos, *Era Uma Vez, Eram Duas, Eram Três...*, com Joelma Alves, Paulo de Pontes, André de França, André Trinidad, Fabiana Karla e Mônica Vilarim no elenco, entre outros intérpretes; e *A Guerra dos*

Era Uma Vez, Eram Duas, Eram Três...

A Guerra dos Planetas

Planetas, com Bobby Mergulhão, Paulo de Pontes, Mônica Vilarim, Fabiana Karla, João Batista e André de França. As duas realizações tinham texto e direção de Paulo André Guimarães. No Teatro José Carlos Cavalcanti Borges, na Fundaj, permaneceu em cartaz *Romeu e Julieta*, adaptação de Rubem Rocha Filho a partir da clássica história de amor trágico de Shakespeare, com direção de José Francisco Filho, pela 3ª vez trazendo uma encenação da mesma obra. No elenco, Gustavo Falcão, Andrêzza Alves, Marco Camarotti, Wellington Menezes, Ivan Soares, Maria de Jesus Baccarelli, Conceição Camarotti e Evandro Campelo, entre outros. Os figurinos eram assinados por Bernardo Dimenstein. O jornalista João Luiz Vieira escreveu crítica com alguns senões no *Jornal do Commercio* (18 de abril de 1996):

> O diferencial dessa montagem é o fato de o adaptador ter eliminado o caráter trágico da versão original, onde os dois pombinhos filhos únicos de famílias arquiinimigas morrem pela impossibilidade de viverem seu grande e imperecível amor. (...) Rubem Rocha Filho segue até perto desse clímax, mas desvia da tragicidade, impede que suas personagens morram, faz as pazes entre as duas famílias e todos terminam a peça felizes para sempre. O espetáculo é isso. Uma alegria só. Até nos momentos de conflito entre a mãe de Romeu e o pai de Julieta, as marcas são direcionadas para o cômico ou mesmo para o pastelão. Um recurso que serve para amenizar o conteúdo excessivamente dramático do texto original. Afinal, estamos falando de um espetáculo para crianças. A encenação é simples, defende o maniqueísmo e o amor absoluto, acima até do dinheiro, já que o pai de Julieta, na versão de Rocha Filho, reclama mais da pobreza de Romeu que das desavenças familiares em si. A cenografia é eficiente (armações em ferro), mas os adereços e os figurinos óbvios e pouco criativos, dando ma impressão de reaproveitamento. O elenco reúne figuras tarimbadas do teatro local que são apenas corretos em

Romeu e Julieta

suas atuações. Destaque para a novata Andrêza Alves (Julieta), Conceição Camarotti (mãe de Romeu) e Maria de Jesus Bacarelli (ama). O maior pecado de José Francisco Filho foi remontar espetáculo e aproveitar a mesma trilha sonora de dez anos atrás. Além de mal gravada, é um despropósito obrigar Maria de Jesus Bacarelli a cantar por cima da voz pré-gravada de Júlia Lemos, que fazia a mesma personagem na montagem anterior. E isso acontece com, praticamente, todo o elenco.

Com a continuidade das sessões de *Avoar*, desde 1995 voltando à cena, a montagem foi avaliada por João Luiz Vieira no *Jornal do Commercio* (25 de abril de 1996), com seus prós e contras:

> Como todo mundo já percebeu, a criança de hoje é muito mais inteligente esperta e sacana que a gurizada das décadas passadas. Pais, educadores e principalmente dramaturgos ainda não estão sabendo lidar com essa nova realidade e a gama de informações herdadas dos meios de comunicação de massa, cada vez mais incisivos e explícitos em suas abordagens. A reapresentação de "Avoar" até o final deste mês no Teatro de Santa Isabel evidencia esse distanciamento. É o público adulto que acaba se identificando com o espetáculo, que faz um resgate das antigas brincadeiras e cantigas de roda. O autor Vladimir Capella, o Naum Alves de Souza dos teens, desenvolveu um texto simples, poético e, por vezes emocionante. Sua preocupação era exatamente a de preservar os códigos da infância menos violenta e, hoje, mais glamourizada. A infância que ele talvez você tenham vivido. Mas que seu filho, seu sobrinho ou seu afilhado não têm mais acesso. A velocidade do tempo matou a cabra-cega, atirou o pau no gato, extinguiu a língua do P e do I, brigou com o cravo, brigou com a rosa. Pouca coisa restou atropelada pelos condomínios e largas avenidas. Isso não menospreza o trabalho de Capella, apenas reforça a idéia de que seu texto vai perdendo, ano a ano, a função de entretenimento e vem se transformando em objeto de estudo antropológico. Ficou datado. José Manoel já havia se encantado pelo texto na década passada e o montou em 1987 com enorme sucesso de público. (...) Manoel deve estar preocupado com a perda da poesia e da força centrífuga que vem movendo a humanidade desde a Revolução Industrial. **"**Avoar" celebra exatamente isso e esse sentimento foi comprado por toda a sua equipe. Poucas vezes se viu um elenco tão harmonioso em cena (...) Apesar de oito anos mais velhos, interpretam adolescentes com muita dignidade. (...) mas seria bom dar uma revisada na cenografia e no figurino. Essa história de "ser o mais simples possível" não pode ser confundida com pobreza de idéia. É o que acontece. Por ser concebido há quase dez anos, bem que merecia uma revisada de concepção. O maior valor do espetáculo continua sendo a elaborada composição musical de André Filho, num de seus primeiros trabalhos para teatro. É a principal personagem do espetáculo. Sem a sua força dramática "Avoar" não existiria.

No bairro de Salgadinho, em Olinda, no Espaço Cultural José de Barros Lins, dentro de uma instituição espírita, foi apresentado *Lutas do Coração*, texto e direção de Everson Melquíades, adapta-

ção do livro de Roque Jacinto, com produção do Grupo Teatral A Escola do Mestre, sem confirmação deste espetáculo ser realmente direcionado ao público infanto juvenil, ainda que ocupando o horário da tarde. Em Petrolina, surgiu *Chapeuzinho Vermelho*, montagem duradoura do Teatro Popular de Arte (TPA), a partir do texto de Maria Clara Machado, com direção de Auxiliadora Araújo e Domingos Soares; e, em Caruaru, *As Aventuras do Capitão Flúor no Reino do Dente Cariado*, de Luiz Marinho, pelo Grupo de Teatro Enã Iomerê, formado por alunos do Colégio Diocesano de Caruaru, sob direção de Maria Alves.

Também há registros das peças *O Baile do Menino Deus*, pelo Centro Cultural Brasílica, um dos braços do Balé Popular do Recife, com espetáculo misto de teatro e dança; *O Segredo da Arca de Trancoso*, de Luiz Felipe Botelho, com direção do próprio, pelo Curso Regular de Teatro do Sesc de Santo Amaro; *Maria Minhoca*, pelo Grupo Teatral Risadinha, da cidade de Camaragibe, com mais apresentações no Recife pela ausência de uma casa de espetáculos naquela cidade; e *Aladim e a Lâmpada Maravilhosa*, da Roberto Costa Produções, com adaptação e direção do próprio. Na retrospectiva do ano, João Luiz Vieira, no *Jornal do Commercio* (26 de dezembro de 1996), destacou:

Aladim e a Lâmpada Maravilhosa

Roberto Costa respondeu pelas duas melhores adaptações de longas-metragens de Walt Disney do ano: "Rei Leão" e "Aladim e a Lâmpada Maravilhosa", ótimo programa para crianças e também para adultos.

As Borboletas de Naim, do Grupo Gente Nossa, foi outro lançamento de 1996, assim como *Menina Margarida*, da Foco III do Coliseu, de Olinda, com texto e direção de Izaltino Caetano, que chegou a cumprir temporada patrocinada pelas pilhas Rayovac no Espaço Cultural José de Barros Lins, um anexo ao Centro Espírita Alan Kardec, no bairro de Salgadinho, em Olinda. No elenco desta última, Vinícius Coutinho, Ubiratan Pereira, Leno Pereira, Thadeu Sobreira, Telma Cunha (substituídos, respectivamente, por Alexsandro Alves, Emmanuel David D'Lúcard e Dayse Xavier) e Ladjane Seven. Fruto da parceria entre a Remo Produções Artísticas e a Mambembe Produções, o musical *A Canção de Assis*, sobre um menino pobre que recorre a São Francisco de Assis para encontrar seu amigo, o burrinho Jeremias, foi outra estreia que ganhou crítica elogiosa no *Jornal do Commercio* (29 de agosto de 1996) pelo olhar de João Luiz Vieira. Ele a recomendou, ainda que com senões:

> "A Canção de Assis" – Teatro Barreto Júnior, sábados e domingos, 16h30 – é um dos melhores espetáculos infantis que estrearam este ano no Recife. A montagem recupera o lúdico, a poesia e a delicadeza da narrativa teatral, associada a um ritmo extremamente ágil. A direção é de Carlos Carvalho, produção da Remo e Mambembe. A peça é armada como se fosse repertório de uma companhia mambembe medieval. A trupe conta a história de um garoto

A Canção de Assis

que é discriminado por todos a seu redor e é até expulso da casa onde morava com a tia. Na rua da amargura se depara com um burro, igualmente posto de lado por ser muito fraco para serviços pesados, e torna-se seu grande amigo. O autor, Júlio Fischer, discute aqui o respeito aos diferentes, aos que fogem às regras do óbvio e do massificado. Ora a dupla está acuada por não ter respaldo junto a seus iguais ora é apontada como exótica para, assim, ser inserida em picadeiros ou coisas do gênero. O desfecho é religioso, aponta a fé como o melhor caminho para a verdade e uma vida mais feliz. É quando a dupla depara com a figura de Francisco, um frei que dedica boa parte de seu tempo no amparo aos humildes, animais e crianças. A peça não é panfletária ou discussiva, mas apresenta um certo moralismo em seu epílogo, quando o autor escorrega no tom e traça juízos de valor absolutos. Até aí, o tema é tratado com leveza e sua indução é garantida por esse fator de encaminhamento. Carlos Carvalho é um dos mais cuidadosos diretores do elenco e de cena em exercício na cidade, com saldo positivo de encenações, com destaque para "Arlequim" (no campo infantil) (...) Sua preocupação com o detalhe e a construção dos personagens é um de seus traços característicos. Para "A Canção de Assis", Carvalho foi fiel ao timing dos cômicos mambembes (...) A um quê de farsa e de distanciamento que permeia toda a montagem. A direção de arte e a trilha sonora também respeitam o período em que a peça se situa. Do elenco, quem se destaca é César Negro, como Francisco. Os demais dificultam o entendimento da peça com uma colocação de voz acima do tom e perto da histeria.

No elenco, Carlos Lira, Cláudia Pontes, Flávio Renovatto, César Negro (César Nigro), Cida Duarte, Tatiana Azevedo, Manuel Carlos, Teka Miranda e Taveira Júnior. Lançando sua 1ª montagem na linguagem infanto juvenil, a Cia. Teatro de Seraphim, liderada pelo diretor Antonio Cadengue, preparou *Menino Minotauro*, texto de Luiz Felipe Botelho que discute a adolescência através da amizade de um garoto e um ser fantástico, e a interferência dos adultos no seu mundo. No elenco, Rodrigo Campos, André Filho, Anamaria Sobral, Claudio Lira, Vanise Souza, Nino Fernandes, Cybele Jácome, Maria Onice, Márcia Cruz, Janine Aroucha, Saturnino Aráujo e Betho Silva (como ator substituto, Marcus Vinícius). A peça cumpriu temporada no Teatro Barreto Júnior e foi vista, também, no Festival de Inverno de Campina Grande (PB). Sucinto, o crítico João Luiz Vieira apenas pontuou no *Jornal do Commercio* (26 de dezembro de 1996): "Um exemplo de correção". Já a Brinc'art produziu *Canteiros*, musical de Romildo Moreira; a Estrela de Ouro Artística fez *Um Reino Muito Louco*; a Cristiano Lins Produções

voltou com o seu *Os Saltimbancos*; e o diretor Antônio Ivo (Ivo Barreto) trouxe ao palco do Teatro do Sesc o texto de Rosiane Soasil, *O Sonho de Aninha*, pela Soasil Produções. A direção musical era de Josias Gouveia.

Os Saltimbancos

Outra peça que entrou em cartaz foi *Ave, Guriatã!*, no Teatro Barreto Júnior, texto adaptado por Robson Telles do original de Marcus Accioly, sob direção de Max Almeida, numa realização da Refletores Produções. Este grande poema para crianças abordava recordações de infância em um engenho e a relação com a natureza e a morte através do pássaro encantado Guriatã. No livro *Memórias da Cena Pernambucana – 04* (op. cit., p. 198), o diretor Max Almeida reafirmou sua escolha:

> Eu que tive a idéia de montar esse texto de Marcus Accioly, cujo título original é "Guriatã, um cordel para menino", quando percebi que muita gente era apaixonada por ele. O livro é altamente recomendável como leitura para crianças e adolescentes pela Academia Brasileira de letras e, conversando com Robson Telles (...) discutimos uma versão possível e ele ficou responsável por transpor para o palco essa história que mostra, de forma bastante poética, a vida de dois meninos de engenho em meio a uma série de crendices populares.

Com estreia também em 1996, *No Mundo da Criação* foi resultado de uma oficina de dramaturgia sob orientação do professor Paulo Michelotto com alunos do curso de Artes Cênicas da UFPE. A peça marcou o lançamento da dramaturga Ana Elizabeth Japiá, artista com atenção especial à linguagem do teatro para a infância. No elenco da Companhia Atos de Teatro, Marcelo Valente, Márcia Cruz, Paula Francinete, Adriana Aquino, Elanne Medeiros, Ellyne Peixoto, Fernando Silvestre, Gerardo Moura, Kika, Maria Onice Esteves e Rafaela Lamenha. A crítica Ivana Moura, no *Diario de Pernambuco* (11

No Mundo da Criação

No Mundo da Criação

de junho de 1996), destacou a montagem:

> "No Mundo da Criação" realiza um desejo alimentado de se ver no palco uma montagem para crianças que respeite seu público. É uma surpresa agradável quando conferimos a intensidade na comunicação com a platéia. No pequeno Teatro Joaquim Cardozo (rua Benfica, 157), aos sábados, às 16h30 até o final do mês, acontece uma espécie de milagre do encontro. Profundo e terno, como só a arte da encenação pode provocar. Há uma comunhão entre atores e seu público mirim. A peça é baseada nos poemas da garota Mykaela Plotkin, reunidos em dois livros "Casa da Poesia" e "Os Passos dos que Falam" (que ela escreveu quando tinha quatro anos, agora está com nove). "No Mundo da Criação" é a primeira montagem da Companhia Atos de Teatro, que desenvolve um trabalho de pesquisa da linguagem infantil. Num dos seus poemas, Mikaela enfoca um tempo/espaço antes da vida na terra. Ela nomeia esse lugar de país das sementes, por onde todos devem ter passado. O espetáculo, com texto de Ana Elisabeth (sic) Japiá Mota, transforma as indagações desse Mundo da Criação, em ateliê. O Pintor, que pode ser entendido como Deus, vai criando as cores, a partir da matéria-prima do arco-íris, que de suas torneiras despejam novos elementos. Cada cor é única e ganha vida a partir do sopro do Pintor. A encenação consegue criar um tempo próprio desse mundo abordado. Que não está nem no passado nem no futuro. Mas, remete para outra dimensão. A trama está centrada nas indagações do sentido da vida. (...) O espetáculo infantil "No Mundo da Criação" toca no ponto nevrálgico, de maneira leve, suave e pertinente, como um carinho. Principalmente, dá um tratamento privilegiado à mente e sensibilidade infantis. É tudo muito simples e despretensioso, e talvez resida aí a sua grandeza.

Outro elogiado diretor que retornou às encenações para crianças foi José Manoel, com a peça infanto juvenil *O Pequeno Príncipe*, a convite da Portugal Produções, numa adaptação da obra de Antoine Saint-Exupéry por Érico José, com o próprio no papel de protagonista, além dos atores Cláudio Siqueira, Didha Pereira, Leidson Ferraz, Rejane Melo, Sandra Rino, Paula Francinete e participação dos músicos Hugo Leonardo (violão e percussão) e Marcela Lamour (flauta e percussão), mais à frente substituídos por Demétrio Rangel e Ana Kézia (Zuleika Ferreira fez

O Pequeno Príncipe

O Pequeno Príncipe

breve substituição no elenco). A peça estreou no Teatro José Carlos Cavalcanti Borges e ganhou duas resenhas críticas. Ivana Moura publicou no *Diario de Pernambuco* (26 de agosto de 1996):

> Já na estréia, o musical infanto-juvenil "O Pequeno Príncipe" anunciou uma tendência: poderá atrair um número surpreendentemente maior de adultos do que se costuma ver nos espetáculos para este segmento de público. São os pais que leram o livro e se vêem tocados pela encenação. A direção, de José Manoel, foge do romantismo banal e subverte valores. E mesmo que ele garanta que não está levantando bandeiras, suas opções merecem considerações. Na leitura de José Manoel, "O Pequeno Príncipe" é uma projeção de Saint-Exupery e os outros personagens ou incorporam características do autor ou de pessoas ligadas a ele. José Manoel escolheu um ator negro – Érico José – para interpretar o protagonista, raspou-lhe a cabeça e imprimiu um gestual zen. O pequeno príncipe meio que flutua no palco, na viagem imaginária pelos planetas, na busca de amigos e do coração do homem. Ele também foi buscar nas referências das cartas do autor ao pequeno príncipe a inspiração da rosa personagem, de fundamental importância para o entendimento da obra. Ela está de negro, como também vestiu negro a esposa de Exupery na cerimônia de casamento. "O Pequeno Príncipe" na encenação de José Manoel, trata da solidão imensurável e irremediável do ser humano, território onde o oásis pode ser apenas miragens. Enfoca o embrutecimento da relação é do "perigo" de se fazer sofrer ao cativar alguém, ou ser cativado por ele. Atitude que requer muita coragem e despojamento. É um espetáculo que fala de uma busca eterna, de algo que só pode ser alcançado por milagre. Mas que não é impossível. Não chega a trazer um tom pessimista, mas as saídas estão na procura. Tudo é uma grande viagem interior. (...) Quem

O Pequeno Príncipe

estiver disposto pode surpreendentemente ser iluminado. Tudo pode vir a ser. É preciso de tempo para cativar, ensina a raposa. Mesmo nessa pressa que os tempos impõem. O estilo de José Manoel ganha todos espaços. (...) Há as referências recorrentes da força do grupo – representada pelo reforço no canto em conjunto, nos personagens de apoio – na lua e nas estrelas, na possibilidade de que o sonho pode ser bom. (...) Mesmo com a agilidade na sucessão das cenas, o ritmo da encenação é o da conquista, não pode ser acelerado demais para não esmagar o outro. (...) O elenco sofre de desníveis, mas que não compromete a montagem. O trio feminino está impecável. Rejane Melo, que faz a Rosa atraiu a beleza das flores para interpretar a personagem. Além de cantar lindamente. Verifica-se um crescimento no seu trabalho de atriz. Um prazer vê-la no palco. Sandra Rino, como a cobra, dá movimento à encenação, numa performance encantadora. Trabalho de bailarina profissional. Paula Francinete mostra sua versatilidade em três personagens – o bêbado, o geógrafo e a raposa. Érico José tem o domínio completo de seu príncipe. Ele faz um principezinho encantador. Tudo milimetricamente estudado, desde o dedo do pé um pouco levantado, para dar uma postura mais etéria ao personagem, à entonação e o sentido que fica nas entrelinhas. Leidson Ferraz faz um rei engraçado, mas ainda falta convicção. Didha Pereira e Cláudio Siqueira ainda não domaram os personagens. A música, de André Filho, é um dos melhores elementos da peça. É linda, delicada, criativa, absolutamente entrosada com a leitura do diretor.

Quase ao final do ano, foi a vez do jornalista João Luiz Vieira lançar suas impressões sobre a peça, no *Jornal do Commercio* (5 de dezembro de 1996):

> Existe um certo preconceito com a obra "O Pequeno Príncipe", de Antoine Saint-Exupéry. Isso desde que as misses disseram que era o livro de cabeceira delas. (...) O diretor Jose Manoel apostou no projeto pessoal do ator Érico José, que transformou o livro em peça, chamou Pedro Portugal para produzir e decidiu viver o personagem-título. O resultado é uma obra delicada, que se apóia no texto e na interpretação segura dos atores. (...) "O Pequeno Príncipe" narra as memórias de um aviador – quase autobiográfico, já que o próprio Exupéry também era aviador – que cai no deserto e se depara com um jovem príncipe que também caiu do céu, vindo de um minúsculo planeta. Enquanto tenta consertar seu pequeno avião, o aviador se depara com uma série de questionamentos do próprio príncipe a respeito da vida, de conduta e valores morais. O príncipe, então, conta-lhe de seus encontros com a única flor de seu planeta; com o egocêntrico rei do céu; o homem que faz cálculo e não tem tempo para passeios; o acendedor de luz que vive cansado porque o dia dura

> um minuto em seu planeta; e a raposa que lhe garante que se ele a cativar ele será o única no mundo para ela. Foram desses personagens que saíram frases bem populares como "o essencial é invisível aos olhos" ou "você será eternamente responsável por aquilo que cativas". O diretor José Manoel concebeu um espetáculo simples, que nos remete a suas primeiras encenações, como "Avoar"**,** por exemplo, onde a música tem fundamental importância no contexto da obra. No espetáculo, é muito bem-colocada e executada pelos atores, que estão harmoniosos em cena — destaque para um surpreendente Didha Pereira e para a excelente dicção de Rejane Melo. O problema de "O Pequeno Príncipe" é sua direção de arte, que, apesar de criativa, tem aspecto envelhecido, e datado.

Na cidade do Paulista, surgiu *A Bruxinha Que Era Boa*, de Maria Clara Machado, sob direção de Leandro Mariz, pela Cia. de Teatro Paulista, espetáculo que no período de agosto a novembro daquele ano, no Cine-Teatro Paulo Freire, foi apresentado para o público em geral e, também, para alunos de escolas particulares e públicas através do Projeto Passeio Cultural. Ao final de 1996, numa retrospectiva, a crítica Ivana Moura ressaltou parte da produção teatral pernambucana para a infância no *Diario de Pernambuco* (30 de dezembro de 1996):

> "No Mundo da Criação", baseado nos poemas da garota Mykaela Plotkin, com texto e direção de Ana Elisabeth (sic) Japiá Mota, foi um dos melhores infantis da temporada passada. Simples, poético, comunicativo, sem querer ser mais do que é, o espetáculo é encantador. Outras montagens de destaque são "O Menino Minotauro", "A Canção de Assis", "O Pequeno Príncipe", "Romeu e Julieta" e "Ave Guriatã". Duas produções continuaram o malabarismo e garantiram seu público: "Hipopocaré – o Rei da Galhofa" e "O Bosque do Coração do Brasil".

Ela ainda deu destaque a Luiz Felipe Botelho como diretor e dramaturgo, com cinco montagens de textos seus em Pernambuco, além do adulto *Janos Adler*, em Brasília.

> O infanto-juvenil "O Menino Minotauro" ganhou duas versões. Pela Equipe Teatral de Arcoverde, dirigida por Geraldo Barros e a 1ª incursão da Cia. de Teatro Seraphim direcionada para este público, sob a batuta de Antonio Cadengue. "Reis Andarilhos"[original adulto] foi montada em Surubim e "Memórias da Emília" ganhou versão em Caruaru [com direção de Maria Alves]. O inédito "O Segredo da Arca do Trancoso" também foi montado, com direção do próprio Botelho, pelos alunos-atores do Sesc.

No segmento adulto, além do afastamento do diretor e ator José Pimentel do espetáculo *Paixão de Cristo da Nova Jerusalém*, após anos de dedicação desde 1956, fato que gerou grande celeuma no mercado teatral; e a comemoração dos cinquenta e cinco anos de carreira do Teatro de Amadores de Pernambuco com a montagem da bem recebida peça *Sábado, Domingo e Segunda*, de Eduardo De Filippo, com direção de Reinaldo de Oliveira, o ano de 1996 ficou marcado por trabalhos elogiados como *Esperando Godot*, dirigido por João Denys; *As Preciosas Ridículas*, com Marcondes Lima no comando (elenco de alunos da Fundaj e UFPE, respectivamente); e *Nijinsky, o Ídolo Quebrado*, solo de Henrique Schüller.

O ano de 1997 pode ser considerado um divisor de águas para a história das artes cênicas

em Pernambuco, especialmente pela realização de alguns festivais. O de maior destaque foi o Festival Recife do Teatro Nacional, com 1ª edição promovida naquele ano pela Prefeitura do Recife, mas sem nenhuma atração para crianças. O evento começou com vaia ao diretor Romero de Andrade Lima pela incompleta adaptação de *A Pedra do Reino*, de Ariano Suassuna, este também vaiado por seu plano governamental enquanto secretário de Cultura do Estado, considerado bem excludente pela classe. Polêmicas à parte, o festival fez muito artista repensar sua criação por conta da presença de importantes grupos do teatro brasileiro, como o Teatro Oficina Uzina Uzona (SP), Grupo Galpão (MG), Grupo Tapa (SP) e Grupo Imbuaça (SE), entre outros.

Os festivais Janeiro de Grandes Espetáculos e Todos Verão Teatro, segundo a imprensa, não deixaram "marcas". No 1°, participaram quatro peças para crianças no Teatro Apolo e Teatro do Parque: *Menino Minotauro*, pela Cia. Teatro de Seraphim; *Os Saltimbancos*, da Cristiano Lins Produções; *O Pequeno Príncipe*, da Portugal Produções; e *A Canção de Assis*, pela Remo Produções Artísticas e Mambembe Produções. No 2° evento, num momento em que já se questionava o termo "teatro amador", participaram de sua 4ª edição no Teatro Barreto Júnior, como opções para a criançada, *Era Uma Vez Um Circo*, adaptação do texto *As Aventuras do Macaco Simão* por Luiz de Lima Navarro

Era Uma Vez
Um Circo

Menina Margarida

e direção do próprio, numa realização da Cia. Festa & Folia em parceria com o Grupo da Gente (Grudage), do município do Cabo de Santo Agostinho; *Menina Margarida*, texto e direção de Izaltino Caetano, numa realização da Foco III do Coliseu, de Olinda; *Beleléu Existe Mesmo*, texto de Ramon Pallut, com direção de Beto Xavier pela Companhia do Sonho de Teatro, do Recife; e *Menino Minotauro*, desta vez com a turma que 1° estreou o texto no país, a Equipe Teatral de Arcoverde (Etearc) – Grupo Novo Horizonte, sob direção de Geraldo Barros, da cidade de Arcoverde.

Beleléu Existe Mesmo

Com elogios da imprensa e do público e nova produção à frente (o produtor Pedro Portugal afastou-se e a própria equipe seguiu assumindo os custos, em parceria com a produtora Laura Ferraz, da Crysalis Assessoria e Promoção Social), o espetáculo *O Pequeno Príncipe*, agora intitulado *Cantigas ao Pequeno Príncipe*, da Crysalis Assessoria e Produtores Associados, conseguiu apoio da empresa Basf e lançou, em

fita cassete, durante sua temporada no Teatro Apolo (finalmente refrigerado), a trilha sonora original que era um dos destaques da montagem, concebida pelo diretor musical e compositor André Filho. A peça, inclusive, participou do III Fenart (Festival Nacional de Arte) e da Mostra de Teatro Infantil, ambos na cidade de João Pessoa (PB), chegando também ao Festival de Inverno de Campina Grande (PB). Em julho, foi uma das montagens destacadas no VII Festival de Inverno de Garanhuns, como lembrou Ivana Moura no *Diario de Pernambuco* (29 de julho de 1997):

Os Três Porquinhos

> Dos infantis que também tiveram boa frequência, "Os Três Porquinhos" bateu recorde. Já a busca de poeticidade do espetáculo "Ave, Guriatã!" não foi absorvido pelas crianças menores e por um segmento mais acostumado com a linguagem televisiva. "O Pequeno Príncipe" [*Cantigas ao Pequeno Príncipe*] repetiu em Garanhuns o sucesso de outros palcos.

Ainda naquele ano, a peça participou do IV Fenateca (Festival Nacional de Teatro do Cabo de Santo Agostinho) e conquistou o prêmio de Melhor Trilha Sonora para André Filho, além de Menção Honrosa para o ator Leidson Ferraz,

Era Uma Vez
Um Circo

concorrendo com produções de Alagoas, São Paulo, Paraíba e Pernambuco (*Era Uma Vez Um Circo*, da Cia. Festa & Folia, do próprio Cabo de Santo Agostinho, estava na competição). Já o musical infantil *As Travessuras do Pé-de-Anjo* voltou a ocupar o Teatro Bonecartes, no bairro do Janga, cumprindo temporada nos meses de janeiro e fevereiro. Na história, Preguito é um apresentador que pretende fazer um show maravilhoso. Só que seu ajudante é um atrapalhado contrarregra de sugestivo nome Pé-de-Anjo. Personagens como o Lobão Roqueiro, Porquinho Leléu e a Banda Patocartes faziam parte da trama dirigida e produzida por Laércio Júnior na técnica de marionetes de fio e conduzida pelos atores manipuladores Sílvia Mariz e Félix Acioli. Em cartaz há cinco anos no Horto de Dois Irmãos, a peça *O Bosque do Coração do Brasil* foi ressaltada no *Diario de Pernambuco* (3 de janeiro de 1997) por sua história:

> O enredo de "O Bosque..." é super atual e politicamente correto, enfatizando mensagem ecológica. (...) Além da atualidade do tema, outra razão para o sucesso da peça é o trabalho dos "cobras" que garantem a qualidade da encenação: a direção de José Francisco Filho, os figurinos-renovados – de Buarque de Aquino, trilha sonora de Walmir Chagas (...) Os atores que dão sustentação ao texto de Marcos Sá são Ivonete Melo, Cláudia Santos, Maria Lúcia e Paulo de Castro.

O Menino Maluquinho

Ainda com temporada regular nos teatros do Recife, *O Menino Maluquinho*, em cartaz no Teatro Valdemar de Oliveira, original de Ziraldo adaptado para teatro pela escritora curitibana Fátima Ortiz, sob direção de Roberto Costa e com realização da Cristiano Lins Produções, abordava a infância de um garoto de subúrbio cheio de imaginação e em como ele supera a separação dos pais. No elenco, Taidênio Lopes (Tay Lopez), André Trinidad, Cybelle Jácome, Célio Pontes, Marco Bonachela, Flávio Santos, Luciana Lyra e Elaine Kauffman (participaram, depois, Lílian Vieira, Micheline Torres, Samuel Vieira, Leno Pereira, Itacy Henriques e Joseane – sem registro do sobrenome). Outra peça que entrou em cartaz novamente foi *Ave, Guriatã!,* também no Teatro Valdemar de Oliveira, aos domingos pela manhã, numa realização da Refletores Produções. Sobre uma certa dificuldade de entendimento da obra pelas crianças, já ressaltada pela crítica Ivana Moura durante o Festival de Inverno de Garanhuns, o produtor da peça, Feliciano Félix, concordou em seu depoimento no livro *Memórias da Cena Pernambucana – 04* (op. cit., p. 198-199):

> Por um aspecto, ele não atingia o público infantil pelo fato de ser em versos. Algumas crianças realmente não alcançavam o enredo. Mas, como a encenação era recheada de músicas ao vivo – belas, por sinal, criação de Demétrio Rangel –, de muito colorido e brincadeiras, a meninada embarcava no que estava sendo colocado em cena. Elas eram pegas pelos sentidos e não pelo entendimento da obra.

Como complemento, o diretor Max Almeida emendou ainda no livro *Memórias da Cena Pernambucana – 04* (op. cit., p. 199):

> O texto narra a história de dois garotos que cresceram juntos num engenho, como amigos inseparáveis, até que um deles morre. O outro, então, fantasia que foi o Bicho-Papão quem levou o amigo, até descobrir que ele se transformou na ave Guriatã, um pássaro pequeno, conhecido por cantar no alto dos coqueiros. Ou seja, o texto

de Marcus trata a morte de uma forma fantástica, com uma leveza e um cuidado, e partimos dessa perspectiva. Ele faz uma leitura totalmente diferente da perda, e a criança percebia isso na montagem. Falo assim pelo depoimento de várias pessoas. Para mim, a resposta foi sempre muito boa. No elenco original estavam Dárdana Rangel, Demétrio Rangel como a ave; Fátima Monteiro, Francis de Souza, Normando Roberto Santos, Gonga Guerra, Sydney Cavalcanti e Angélica Oliveira. (...) Estreamos em agosto de 1996, no Teatro Barreto Júnior e, em seguida, com o financiamento do Grupo João Santos, cumprimos temporada no Teatro Valdemar de Oliveira, com pagamento certinho para todos os envolvidos. Fomos, também, para Palmares e ao Festival de Inverno de Garanhuns, além de participação no projeto Todos Verão Teatro.

Maria Minhoca

Já o secretário de Cultura do Estado de Pernambuco, Ariano Suassuna, prometeu e cumpriu: inaugurou em 1997 o pequenino Teatro Arraial, na rua da Aurora. Na atenção voltada aos pequenos espectadores, também estiveram em temporada naquele ano, em outros palcos, *Maria Minhoca*, de Maria Clara Machado, com direção de Izaltino Caetano e produção do Grupo Teatral Risadinha, no Teatro do Sesc de Santo Amaro, com os atores Geraldo Cosmo, Emmanuel Davd D'Lúcard (substituído por Izaltino Caetano), Giva Maria, Josenildo José e Alexsandro Alves; e *Chapeuzinho Vermelho – Enquanto Seu Lobo Não Vem*, no Teatro Barreto Júnior, com os atores Edivane Bactista e Ruy Aguiar à frente da produção, egressos da extinta Trupe 4, produtora atuante em Maceió desde 1995. A direção da montagem, cuja protagonista era a atriz Fabiana Coelho, era de Uziel Lima. A jornalista Mariza Pontes, no *Diario de Pernambuco* (10 de março de 1997), registrou sobre a estreia, que contou com casa cheia, uma constância neste trabalho:

Ave, Guriatã!

> Nem Chapeuzinho nem a mamãe nem a vovó ou o caçador. Quem rouba a cena mesmo é o "lobo", não por ser o melhor ator – ninguém se destaca especialmente – mas porque os personagens malvados é que dão a tônica dos espetáculos, seja em teatro, TV ou em cinema, movimentando as tramas, e tornando-as vivas e interessantes, para que os bonzinhos – geralmente piegas e românticos possam viver o final feliz. (...) A história se desenrolava apática até entrar em cena o senhor

Chapeuzinho Vermelho – Enquanto seu Lobo Não Vem

lobo, causando frisson nas crianças, que passaram a interagir com os atores gritando revelando esconderijos, às vezes torcendo claramente pelo esfomeado canídeo, que foi o personagem mais aplaudido no final apesar de sua captura pelo caçador merecer total aprovação. Pena que a voz do lobo (interpretado por Régis de Souza) fica abafada sob a máscara. Aliás, a gritaria das crianças impede que se ouça o texto na maior parte das cenas. E por falar em voz, a atriz Edivane Batista (sic) (a mamãe dona chapelão), precisa melhorar a entonação no final das frases que saem soluçadas. O clássico texto de Charles Perrault, que já mereceu inúmeras montagens, sendo conhecido no mundo todo, foi adaptado por Uziel Lima, que ampliou a participação das personagens femininas. A mãe, principalmente, que antes era limitada a preparar os docinhos a serem levados a (sic) vovó recomendando a filha evitar o caminho da floresta, agora aparece como uma dona de casa super afetada, às voltas com o trabalho e a educação da filha, sem descartar a possibilidade da conquista do amor, na figura do galante caçador. Uma caracterização bem mais próxima na realidade das mulheres de hoje. Junto com a vovó (uma simpática e esperta velhinha) e a menina sapeca, o trio representa uma homenagem especial às mulheres (...) O tom moralista da peça foi evitado (...) outra novidade foi a musicalização da peça, servindo de introdução às cenas mais fortes, com músicas de Farell Oliveira e Jair Barbosa. As coreografias, de Isabelle Rocha e Otacílio Júnior, são um tanto repetitivas, mas isso não compromete o espetáculo. O cenário, de Uziel Lima, foi bastante simplificado, em contraponto com figurino, mais elaborado, mas o efeito é bastante bom. As idéias do pássaro e da cobra, habitando a única árvore que simboliza a floresta, veio mostrar que as crianças, mesmo pequenas, são capazes de captar as intenções cênicas quando bem executadas.

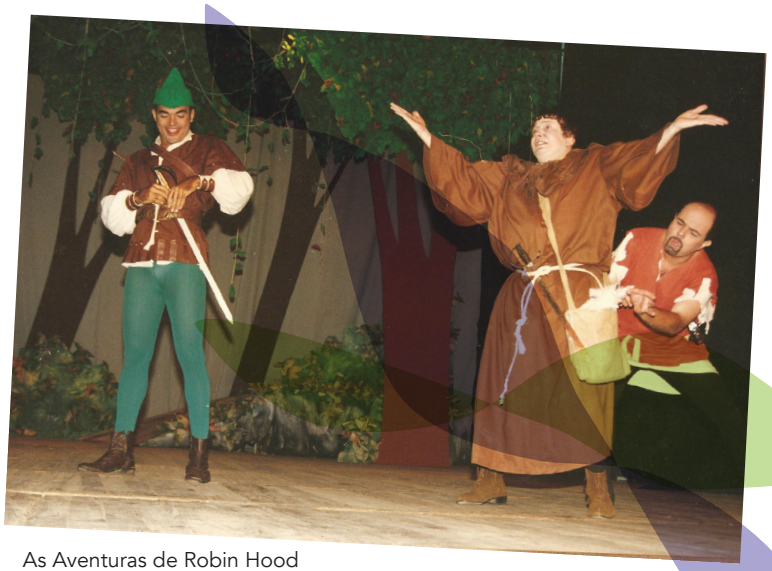
Também como sucesso de bilheteria, *Aladim e a Lâmpada Maravilhosa*, adaptação, direção e produção de Roberto Costa a partir do filme

Aladim e a Lâmpada Maravilhosa

da Disney, com coreografia de Nilson Muniz, continuou a atrair um ótimo público ao Teatro Valdemar de Oliveira, numa encenação repleta de efeitos especiais, grande elenco e luxuosos figurinos que reproduziam fielmente o desenho animado sobre um jovem pobre que sonha em mudar de vida, até que encontra uma lâmpada maravilhosa com um histriônico gênio que realiza seus desejos e o transforma em príncipe. No elenco, vinte e dois atores e bailarinos vivendo cinquenta papéis, entre eles, Bobby Mergulhão, Mônica Vilarim, Jô Ribeiro, Alberto Brigadeiro, Ricardo Mourão, Taidênio Lopes (Tay Lopez), André Trinidad, Thiago Dinis, Pascoal Filizola, Nilson Muniz, Viviane Oliveira, Priscila Vilarim e Paulo de Pontes (com substitutos como Jorge Clésio, Edílson Rygaard, Inaldo Oliveira, Joelma Alves e Pepeu Resende, entre outros). Já *Hipopocaré, o Rei da Galhofa* voltou em temporada no Teatro do Parque, substituído depois *por Os Três Porquinhos*, da Portugal Produções, mas ambas produções assumidas também pela Paulo de Castro Produções.

Como estreia, surgiu *As Aventuras de Um Dinossauro Apaixonado*, texto e direção de Ivaldo Cunha Filho e direção musical de Allan Sales, pela Marketing Eventos Culturais, no Teatro Apolo, com trama que se passava na floresta amazônica onde o ambicioso Piterodáctilus pretende dominar tudo com patas de ferro (os atores usavam máscaras enormes e todas as falas eram dubladas). A peça teve longa carreira, sendo vista nas cidades de Garanhuns, Moreno, Vitória de Santo Antão, Lajedo (PE) e João Pessoa (PB). No elenco, Eliane Luna, Pedro Dias, Vinícius Coutinho, Ivaldo Cunha Filho, Koana Kowysque, Isabel Christina, Bruno de Oliveira, Fernando Matos, Roberto Emmanuel, Henrique Ponzi, Leandro Henrique, Joana D'Arc, Altemar de Andrade, Marcos Antônio de Lima, Odé Félix, Roberto Hildegarhd e Kinho Ventura (voz em *off*). Já a Companhia do Sol encenou *As Aventuras de Robin Hood*, com adaptação e direção de Paulo André Guimarães promovendo sessões especialmente fechadas para escolas no Teatro Valdemar de Oliveira. No elenco, entre outros, Alberto Brigadeiro, Ricardo Mourão, Paulo de Pontes, Joelma Alves, André Trinidad e Mônica Vilarim.

As Aventuras de Um Dinossauro Apaixonado



As Aventuras de Robin Hood

Outro lançamento foi *O Príncipe dos Mares de Olinda Contra a Fúria das Águas*, da Cia. das Artes, com trilha sonora ao vivo e dezenas de figurinos e adereços em cena (bem ao estilo manguebeat), criações do estilista Eduardo Ferreira. Com cenários de rampas que adentravam na plateia do Teatro Barreto Júnior e uso de urubus de sucata que voavam sobre a cabeça dos espectadores numa referência ao jogo de zigue-zague, esta ópera-balé escrita e dirigida por Vital Santos se desenrolava com enredo no ano de 1631, quando o rei tem um sonho e convoca o príncipe João Peri de Nassau para concretizá-

O Príncipe dos Mares de Olinda Contra a Fúria das Águas

-lo. A peça usava esta fantasia para se queixar dos maus tratos à cidade de Olinda. No elenco, Adelson Dornellas, Galiana Brasil, Samuel Santos, Telma Cunha, Normando Roberto Santos, Beto Nery, Fátima Aguiar, Viviane Belanger, Flávio Ozório e Erlene Melo, com figuração de Karem Navamuel e Williams Rocha. Já *Rapunzel à Brasileira*, do Teatro de Marionetes Bonecartes, em cartaz no Teatro Bonecartes, foi uma recriação de Laércio Júnior e Sílvia Mariz da história de um pai baiano, casado com uma americana, que, para satisfazer os desejos da esposa grávida, rouba cenouras na horta de uma bruxa.

Também surgiu U*ma Viagem Encantada*, texto de Beto Xavier e direção de Normando Roberto Santos, pela Companhia do Sonho de Teatro, na qual um palhaço pede a uma menina que lhe conte uma história com personagens variadas, em cartaz no Teatro Valdemar de Oliveira, aos domingos pela manhã, tendo como atores Java Araújo, Leno Pereira, Juraci Vicente, Vera Regina Sena e Luciano Nunes; além de *O Rei Rodelas*, no Teatro Apolo, peça escrita por Adriano Marcena, com elenco formado por alunos do Instituto de Cultura Técnica (ICT), sob direção do estreante Eduardo Santana. No elenco, Esdras Alves, Odeir França, Fábio Sales, Joseana Felipe, Cristiano Mendonça e Simone dos Santos. "A um espectador, cabe ajudar a trupe a se livrar dos males causados pela bruxa, que quer a qualquer custo destruir o reino de Rodelas. Também, a decidir que final terá essa história", lembrou o *Diario de Pernambuco* (8 de dezembro de 1987).

O Rei Rodelas

Uma Viagem Encantada

Em Olinda, no Teatro Mamulengo Só-Riso, o Projeto Talento e Tradição dos Mestres Mamulengueiros do Nordeste, promovido pelo Ministério da Cultura, Funarte e Centro de Produção Cultural Mamulengo Só-Riso, recebeu como uma de suas atrações o Teatro de Mamulengo Mamu-

O Segredo da Arca de Trancoso

sebá, do Mestre Sebá (Sebastião Alves), de Caruaru, além do Mamulengo Alegria do Povo, do Mestre Zé de Vina, de Lagoa de Itaenga. A 1º de junho começou a temporada, todos os domingos pela manhã, no Teatro do Sesc de Santo Amaro, da peça *O Segredo da Arca do Trancoso*, com texto e direção de Luiz Felipe Botelho e elenco formado por atores do Grupo de Teatro Pesquisa Sesc/Núcleo de Formação (Fátima Braga, Quiercles Santana, Ricardo Gonçalves, Silvana Menezes e Greyce Braga), numa "encenação feita para agradar crianças e adultos a partir da reconstrução de fábulas do *arco da velha*", como ressaltou o *Diario de Pernambuco* (24 de maio de 1997). A publicação deu mais pistas sobre o enredo:

> Uma velha matriarca de nome K'Temerê, escolhe um menino para levar a arca misteriosa a um lugar muito distante. Para cumprir a missão, o garoto não pode abrir nem perder o objeto. No caminho, no entanto, ele depara-se com duas ladronas, que roubam a arca. Como conseqüência, o menino fica perdido do seu destino, pois só pode voltar para casa quando devolver a arca ao seu verdadeiro dono. Mas, esse objeto cobiçado tem o dom camaleônico, imprime desejos projetados. A caixa misteriosa passa de mão em mão e proporciona algumas surpresas.

Em novembro, no Espaço Cultural Inácia Rapôso Meira, na Rua da Glória, no bairro da Boa Vista, a Dramart Produções estreou *Sonhos e Brincadeiras*, texto, direção e produção de Marcos Portela. O autor e diretor quis falar para crianças abaixo dos sete anos. Na história, quatro palhaços percebem que o mundo precisa melhorar, por conta da arrogância das pessoas. Surge,

Sonhos e Brincadeiras

Estórias do Bumba-Meu-Boi

então, a ideia da criação de um novo mundo a partir da imaginação de cada um. Temas como a perda dos pais, a relação professor e aluno e até a desonestidade no comércio foram abordados. No elenco, Luciana Raposo, Keila Frazão, André Luiz, Débora Câmara (substituída por Wellington Menezes), Angélica Oliveira, Lêda Oliveira e Dayse Xavier.

No município de Olinda, a Cia. Zapt! Bum! Bah! lançou *Estórias do Bumba-Meu-Boi*, texto de Jáflis Nascimento, com direção de Paulo André Viana, espetáculo bem humorado que circulou por Recife, Cabo de Santo Agostinho, Garanhuns, Camaragibe, Caruaru, Arcoverde, Petrolina e Salvador (BA). Na trama, Mateus e Catirina, personagens do bumba-meu-boi, tentam enrolar o Capitão, dono furioso de um boi que teve sua língua cortada por Mateus para satisfazer o desejo de sua amada. A montagem, inclusive, conquistou os prêmios de Melhor Sonoplastia, Melhor Figurino, Melhor Direção (todos para Paulo André Viana), Melhor Atriz (Rivalcléia Santos – Riva Santos), Melhor Ator (Everaldo D'Ever), Melhor Espetáculo Infantil, Prêmio Especial de Coreografia (Jáflis Nascimento) e Prêmio Especial de Pesquisa Teatral no I Festival de Teatro de Bolso de Camaragibe, naquela cidade, em 1998. Ainda no elenco, Fábio Monteiro, Cristina Siqueira e Anderson Santos.

Em Caruaru, de 6 a 12 de outubro, foi promovida a II Mostra de Teatro Infantil, no Teatro do Sesc, com as peças *Memórias da Emília*, *A Saga de Benedito e Rosinha*, *Era Uma Vez...*, *A Bailarina de Cristal*, *Marcelo, Marmelo, Martelo*, *As Aventuras do Capitão Flúor no Reino do Dente Cariado* e *A Menina Que Perdeu o Gato Enquanto Dançava Um Frevo na Terça-Feira de Carnaval*, evento realizado pela Associação dos Artistas de Caruaru (Assarctic). Uma curiosidade é que aquele ano de 1997 também revelou brigas de bastidores como a de José Pimentel com a Sociedade Teatral de Fazenda Nova, que o fez reunir atores e técnicos dos mais diversos estilos no lançamento do grandioso espetáculo *Paixão de Cristo do Recife*; ou a do presidente do Sindicato dos Artistas, George Meireles, com a própria classe teatral e os seus sonhados contratos trabalhistas. Como nota trágica, houve a morte da grande atriz Diná de Oliveira, do Teatro de Amadores de Pernambuco.

Começou, então, como um alento para os artistas cênicos o ano de 1998, com aumento de público nos dois projetos do período de férias, o Janeiro de Grandes Espetáculos, em sua 4ª

Os Três Porquinhos

versão, com vinte e uma montagens de teatro e dança, sendo seis direcionadas à criançada (*Os Três Porquinhos*, *Chapeuzinho Vermelho – Enquanto Seu Lobo Não Vem*, *O Príncipe dos Mares de Olinda Contra a Fúria das Águas*, *O Menino Maluquinho*, *Arlequim* e *Hipopocaré, o Rei da Galhofa*); e o Todos Verão Teatro, em sua 7ª versão, com doze peças, sendo quatro para a meninada (*Estórias do Bumba-Meu-Boi*, da Cia. Zapt! Bum! Bah!, de Olinda; *Uma Viagem Encantada*, da Companhia do Sonho de Teatro; *Sonhos e Brincadeiras*, da Dramart Produções; e *Super Léo*, esta última do Grupo Teatral Cena Viva, dos Correios, com texto da atriz Suzana Costa e direção de Joselito de Souza, narrando a vida miserável de um menor abandonado, mas apontando para uma esperança num futuro menos cruel).

Super Léo

Em março, surgiu a Campanha Todos Com a Nota, da Secretaria da Fazenda, com espetáculos infantis e adultos programados para o Teatro do Parque, no programa Todos Com o Teatro. O público compareceu em peso, trocando notas fiscais pelo ingresso. *Chapeuzinho Vermelho – Enquanto Seu Lobo Não Vem* foi a 2ª maior bilheteria, atrás apenas do fenômeno adulto *Cinderela, a História Que Sua Mãe Não Contou...* Mas aquele momento não foi de muitas novidades no seguimento teatral para a infância, com quase todas as montagens vindas de anos anteriores. Como estreia, destacou-se a temporada da peça *Flicts*, adaptação da obra de Ziraldo para o teatro de formas animadas, com direção de Uziel Lima, numa montagem alagoana da Companhia Pão e Circo, de Maceió, em cartaz no Teatro Apolo e, posteriormente, no Teatro do Parque.

Flicts

Retomando sessões, voltaram à cena O *Príncipe dos Mares de Olinda Contra a Fúria das Águas*, que foi parar novamente no Teatro Barreto Júnior, retocado e com mudanças no elenco (este que vos escreve fez parte); *Os Três Porquinhos*, com passagem rápida pelo Teatro do Parque; *As Aventuras de Um Dinossauro Apaixonado*, no Teatro Apolo, participando em seguida do projeto Todos Com a Nota, no Parque de Exposições do Cordeiro, vista ainda, no mesmo ano,

O Príncipe dos Mares de Olinda
Contra a Fúria das Águas

no VIII Festival de Inverno de Garanhuns, evento que também recebeu a peça infantil *João Barriga Verde no Reino de Cristal*, texto de Marcos Freitas, com direção de Miriam Carvalho, pela Cia. Teatral Luiz Tenório, formada por alunos da Escola de Aplicação Ivonita Guerra; *Chapeuzinho Vermelho – Enquanto Seu Lobo Não Vem*, que após a ótima resposta de público no ano anterior, ocupou o Teatro do Parque. Também puderam ser vistos *Estórias do Bumba-Meu-Boi*, no Teatro Barreto Júnior, assim como *Maria Minhoca*, do Grupo Teatral Risadinha, no auditório da Prefeitura Municipal de Camaragibe; e *Rapunzel à Brasileira*, do Teatro de Marionetes Bonecartes, no Teatro Bonecartes.

Dos lançamentos, surgiu no Teatro do Parque *Bananas de Pijamas*, adaptação dos famosos personagens pelo diretor José Cordeiro, da Showlândia Produções Artísticas, além de duas novas realizações da Companhia do Sol para escolas, *Romeu e Julieta* e *Narizinho No Reino da Fantasia* (esta última, com André Ferraz, Luciana Lyra, Alberto Brigadeiro, Ricardo Mourão e Helena Hoffmann no elenco, entre outros), ambas com adaptação e direção do produtor Paulo André Guimarães e com sessões no Teatro Valdemar de Oliveira durante a semana. Mas o grande destaque do ano, naquele mesmo palco, foi a peça *A Flor e o Sol*, de Cícero Belmar, com direção de Manoel Constantino e produção da dupla junto à Margarida Rodrigues e Roberto Vasconcelos, um enorme sucesso de público que futuramente possibilitou a publicação do texto e das músicas. Conferindo uma pré-estreia para convidados, a jornalista Flávia de Gusmão, do *Jornal do Commercio* (1 de maio de 1998), festejou a chegada da montagem:

A Flor e o Sol

Narizinho no Reino da Fantasia

> A partir de amanhã, com o início de "A Flor e o Sol", no Valdemar de Oliveira, pais, mães e tias vão se lamentar menos por terem de levar seus infantes ao teatro, pois são cada vez mais raros os espetáculos que respeitam a inteligência da criança e, ao mesmo tempo, demonstram certa sensibilidade para com o senso estético dos adultos. A partir do texto de Cícero Belmar, o diretor Manuel (sic) Constantino devolveu à

A Flor e o Sol

cena local o gosto por uma produção bem cuidada, com atores de verdade, trilha sonora feita sob medida, figurino e cenário bem resolvidos. (...) Belmar forneceu um texto enxuto, mas recheado de signos e Constantino conseguiu insuflar vida a personagens cujo universo resume-se a um fundo de quintal. "A Flor e O Sol", de certa forma, trata de questões muito presentes no cotidiano profissional do autor. Não é à toa que o fio condutor é a própria notícia: a história começa quando a Brisa resolve divulgar a "fofoca verdadeira" de que uma flor, recém-nascida no quintal, está perdidamente apaixonada pelo sol. Uma lagarta listrada vem incrementar a história com sua inveja e, principalmente, com um pragmatismo que diverte mais do que irrita. Nela, as crianças conseguem identificar maniqueistamente o mal (...) Como todo texto dedicado ao público infantil, onde um certo didatismo é cláusula quase obrigatória, "A Flor e o Sol" espalha sua mensagens em bloco: fala de sentimentos rasteiros, de traição, de amizade, do desejo de mudar e de sonhos tornados possíveis. A direção de Manuel (sic) Constantino conseguiu, no entanto, captar o humor sutil que está presente em todo o texto, como se os personagens tivessem um quê de ironia adulta. A caracterização dos personagens é uma boa transposição desse humor fino para o palco. O Sol, que como o herói que é poderia ter sido representado de várias maneiras, tem ares de galã de subúrbio, algo como um ser que sabe de sua superioridade e, por isso mesmo, é levemente ridículo. A Brisa expressa-se exatamente como algo diáfano e leviano. A lagarta comporta-se exatamente como se move: avançando e recuando. O girassol, como protagonista, é talvez a própria criança que está na platéia: crédula, sonhadora e apaixonada. Alguém que merece o melhor.

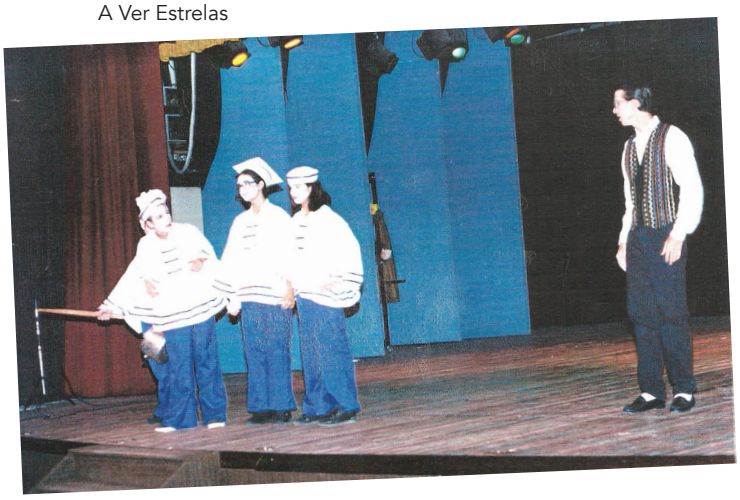
Como raridade, a peça teve como mecenas a empresa Metropolitana de Transportes Urbanos (EMTU), através do Sistema de Incentivo à Cultura, um avanço para a época de captação de recursos. No elenco, que cumpriu longa temporada, Alberto Brigadeiro (Sol), Cira Ramos (Flor), Marilena Breda (Lagarta e Borboleta), Zuleika Ferreira (Brisa), Roberto Vasconcelos (Beija-Flor e Raposa), Gerson Lobo e Pascoal Filizola (Gnomos). O cenário e figurinos foram de Marcondes Lima, com músicas e direção musical de Fernando Lobo. Outro lançamento ainda no Teatro Valdemar de Oliveira, em dezembro, foi *E o Palhaço Quem é? Ou Badulaques e Salamaleques*, da Cia. das Artes, com texto de Antônio Guinho e direção de José Manoel. A peça mostra a história do fajuto mágico Salamaleque (Flávio San-

E o Palhaço Quem é? Ou Badulaques e Salamaleques

tos), que acaba comprando o circo do palhaço Badulaque (Célio Pontes), enquanto ambos lutam pelo amor da bailarina Floco de Neve (Cida Duarte), enorme de gorda. Além dos atrapalhados gêmeos Vara de Tirar Coco e Meia-Tonelada, ajudantes do circo que provocam as maiores confusões, divertidos animais amestrados também estavam na trama (com Leidson Ferraz desdobrando-se nas personagens).

Ainda voltou à cena em 1998, *A Dança dos Bonecos*, do Grupo Gestus (que chamou atenção no Festival de Inverno de Garanhuns do ano anterior), com direção de Augusto César Lustosa, atração do projeto Todos Com a Nota, no Parque de Exposição do Cordeiro. A ideia do espetáculo era "mostrar o desenvolvimento do teatro de animação como uma nova proposta de retratar sentimentos como o amor a solidariedade à paixão (sic)", lembrou o *Jornal do Commercio* (24 de maio de 1998). Também participou da campanha Todos Com a Nota, *O Bosque do Coração do Brasil*, da Paulo de Castro Produções, vista no Parque de Exposição do Cordeiro, tendo mudanças no elenco, agora com Paulo de Castro, Buarque de Aquino, Bárbara Rominna, Luciana Cavalcanti (Luciana Canti), Ana Cláudia Mesquita e Cláudia Santos. Já no Teatro do Colégio Marista São Luís, surgiu *A Ver Estrelas*, de João Falcão, com alunos orientados pela atriz e professora Fátima Aguiar na liderança do Grupo Teatral Dose Humana.

A Ver Estrelas



O Rei Rodelas

Enquanto que o Teatro José Carlos Cavalcanti Borges, pertencente a Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), foi definitivamente transformado em sala de cinema (hoje Cinema da Fundação); no Teatro Apolo, estreou nova versão de *O Rei Rodelas*, de Adriano Marcena, com direção de Max Almeida e ainda selecionando uma pessoa da plateia para participar da peça, que contava com sorteio de livros infantis e de uma bolsa para o concurso de modelo do Instituto de Cultura Técnica (ICT). Divulgavam que nem mesmo os atores sabiam o final da trama. No elenco, Luiz César, Chico Domingos, Feliciano Félix e Francisco Amâncio, o hoje conhecido Maestro Forró, entre outros. A produção era assinada por Adilson Rocha e Faces Produções Artísticas.

Já *Sonhos e Brincadeiras*, da Dramart Produções, voltou a fazer temporada, desta vez no Teatro Valdemar de Oliveira por pouco tempo. Ainda há registros da remontagem da peça *A Revolta dos Brinquedos*, clássico de Pernambuco de Oliveira e Pedro Veiga, sob direção

A Revolta dos Brinquedos

de José Francisco Filho, pela Circus Produções Artísticas, com Carlos Varella, Conceição Camarotti, George Meireles e Pietra Alves, entre outros; e da produção para jovens *A Droga da Obediência*, baseada no best-seller do escritor paulistano Pedro Bandeira, sob direção de Luciana Lyra e Ricardo Mourão, com ele no elenco, além de Elaine Kauffman, André Ricardo (André Riccari), Eduardo Japiassú, Carlo Vasconcellos, Marcelo Valente, Rogério Barros (Roger Bravo), Markinhos Ribeiro, Ivan Júnior e Samuel Vieira, em cartaz no Teatro Valdemar de Oliveira. Em Caruaru, o Teatro Experimental de Arte (TEA) levou à cena *Os Caminhantes* (ou *O Auto das Pastorinhas*), espetáculo para todas as idades, com texto de Argemiro Pascoal e direção da dupla Arary Marrocos e Jô Albuquerque.

Em Olinda, João Ferreira dirigiu mais uma versão para *A Duquesa dos Cajus*, de Benjamim Santos, pelo seu Grupo de Teatro Canto Livre, produção vista em Olinda e Paulista. Naquele elenco, estreava a atriz Hermila Guedes, hoje bastante conhecida por suas participações no cinema, teatro e TV. Atuavam ainda Janaína Ferreira, Márcio Ferreira, Rafaelle Fregapane e Caetano Fregapane. Já no município do Paulista, surgiu *Pluft, o Fantasminha*, pela Cia. de Teatro Paulista e Grupo Cênico Humantoche, apresentada também no Recife, com temporada no Teatro Barreto Júnior e participação, mais à frente, nos projetos Janeiro de Grandes

A Droga da Obediência

A Duquesa dos Cajus

Espetáculos, Todos Verão Teatro e X Festival de Inverno de Garanhuns. A direção era de Carlos Salles. A montagem foi realizada graças ao Prêmio Estímulo à Montagem da Funarte. A mesma Cia. de Teatro Paulista também es-

Os Saltimbancos

treou o clássico *Os Saltimbancos*, com direção de Leandro Mariz, trabalho que chegou a ser visto no Recife, Olinda e Carpina (PE). Em Arcoverde, a Equipe Teatral de Arcoverde (Etearc) – Grupo Novo Horizonte resgatou o texto *O Circo de Seu Bolacha*, de Paulo de Oliveira Lima, sob direção de Geraldo Barros.

Foi ainda no ano de 1998 que a Feteape promoveu, no Teatro Arraial, os encontros com artistas no Projeto Memórias de Cena Pernambucana – O Teatro de Grupo, que resultaram na coleção de livros deste que vos escreve, com o 1º exemplar, dos quatro produzidos, organizado em parceria com o jornalista Rodrigo Dourado e o professor teatral Wellington Júnior. Felizmente, parte da produção teatral para crianças no estado está registrada na coleção. Foi naquele exato momento que Zácaras Garcia assumiu a presidência da Feteape, após Romualdo Freitas praticamente abandonar o posto para sua vice-presidente, Elaney Acioly. Desde então, a entidade foi enfrentando uma série de problemas, mesmo com novos presidentes como Roberto Carlos e Sebastião Costa. A fragilidade foi tanta, que o projeto Todos Verão Teatro acabou extinto e a instituição chegou ao ponto de sua quase inanição, ainda que exista oficialmente. Também naquele ano, em novembro, foi realizado o II Festival Recife do Teatro Nacional, pela Prefeitura do Recife, com programação significativa, mas novamente sem nenhuma atenção ao teatro para crianças.

O último ano do século XX, 1999, que marca os sessenta anos do teatro para crianças no Recife, linguagem desenvolvida nos palcos desde 1939, reflete a transição por qual passam os produtores, agora não mais correndo atrás de apoios ou patrocínios aqui e ali, mas tentando adequar-se aos editais das leis de incentivo. Isso mudou substancialmente a realidade das montagens que entraram em cartaz, pelo menos parte delas, agora com verba programada para pagar todos os custos, desde ensaio de atores aos gastos de divulgação, pauta, elementos de cena, entre tantos itens. Paulatinamente e infelizmente, as peças foram tendo prazo de validade cada vez menor, adequadas apenas aos períodos propostos nos projetos.

Os intérpretes também se envolveram cada vez menos nas realizações. Já se foi o tempo em que atores panfletavam ou saíam vestidos às ruas e escolas para divulgar o trabalho. Tudo agora precisa ser planejado financeiramente. Mas a aprovação de projetos e, mais, a captação da verba, é burocrática e competitiva; muita falcatrua foi promovida nessa relação entre produtor e patrocinador, tanto que a solução para acabar com as percentagens cobradas sob a validação de um projeto foi a criação do Fundo Pernambucano de Incentivo à Cultura (Funcultura), anos mais tarde, com verba direta para cada realizador, sem a presença do captador de recursos ou do empresário estipulando valores escusos.

No entanto, essa disputa para concorrer ao edital continuou ferrenha e a subsistência de cada coletivo, grupo, produtora ou companhia ainda é uma incógnita. Somente os projetos aprovados permitem sua continuidade, mesmo diante de verbas cada vez mais diminutas. Para o bem ou para o mal, é o preço que se paga por uma política neoliberalista em que o Estado ainda tenta cumprir seu papel de fomentador da Cultura, mesmo que não abarque tamanha produção num Pernambuco tão plural de manifestações artísticas. Na imprensa, para piorar, foram se tornando cada vez mais raras as notí-

cias sobre o teatro como um todo. O segmento para a infância praticamente passou a não ter cobertura alguma das suas estreias e as peças que ganharam registros estão reduzidas a ínfimas linhas no roteiro, quando muito.

No VII Todos Verão Teatro, no Teatro Barreto Júnior, constavam produções de anos anteriores: *Estórias do Bumba-Meu-Boi*, da Cia. Zapt! Bum! Bah!, de Olinda; *O Rei Rodelas*, com elenco do Instituto de Cultura Técnica, do Recife; *Maria Minhoca*, do Grupo Teatral Risadinha, de Camaragibe; e *Pluft, o Fantasminha*, esta última da Cia. de Teatro Paulista, estreada em 1998. No V Janeiro de Grandes Espetáculos, com programação no Teatro Apolo e Teatro do Parque, participaram *Arlequim*, da Remo Produções Artísticas; *E o Palhaço Quem é? Ou Badulaques e Salamaleques*, da Cia. das Artes; e *Narizinho no Reino da Fantasia*, da Companhia do Sol, com texto e direção de Paulo André Guimarães, peça inspirada nos personagens de Monteiro Lobato.

O Rei Rodelas

Na Festa da Apacepe (Associação dos Produtores de Artes Cênicas de Pernambuco), promovida no Teatro do Parque, no encerramento do Janeiro de Grandes Espetáculos, foram vencedores como "Melhores Espetáculos de 98": *A Flor e o Sol*, na categoria teatro para a infância e juventude, com os prêmios de Melhor Espetáculo, Melhor Direção (Manoel Constantino), Melhor Autor Pernambucano (Cícero Belmar), Melhor Figurino (Marcondes Lima), Melhor Atriz (Cira Ramos) e Melhor Atriz Coadjuvante (Marilena Breda). *E o Palhaço Quem é? Ou Badulaques e Salamaleques* ficou com os troféus de Melhor Maquiagem (Rosinha e Célio Pontes), Melhor Iluminação (Sérgio Caldas), Melhor Sonoplastia (Toinho Alves), Melhor Ator (Célio Pontes) e Melhor Ator Coadjuvante (Leidson Ferraz). A categoria adulta ficou com prêmios divididos entre os espetáculos *O Avarento*, *Foi Bom, Meu Bem?* e *Revolução na América do Sul*.

E o Palhaço Quem é? Ou Badulaques e Salamaleques

Além dos dois projetos de férias, outras iniciativas estavam em cartaz no Recife. O projeto Teatro e Comunidade, promovido pela Métron Produções, programou levar 2.500 crianças de comunidades carentes ao Teatro Apolo para ver o espetáculo *Chapeuzinho Vermelho – Enquanto Seu Lobo Não Vem*. Já a peça *Estórias do Bumba-Meu-Boi*, da Cia. Zapt! Bum! Bah!, retomou temporada no Teatro Barreto Júnior aos domingos pela manhã, com ingressos a preços populares, por conta do Prêmio Estímulo da Funarte. Outro espetáculo que também ganhou o mesmo prêmio foi *E o Palhaço Quem é? Ou Badulaques e Salamaleques*, da Cia. das Artes, em cartaz no Teatro Valdemar de Oliveira. Mais à frente, a peça integrou o projeto Circuito de Espetáculos do Sesc Pernambuco. Também foram lançadas duas outras produções que, no ano

Os Três Coroados

2000, participaram deste mesmo projeto, circulando pelas cidades do Jaboatão dos Guararapes, Garanhuns, Petrolina, Caruaru e Arcoverde (PE), onde há unidades da instituição.

Os Três Coroados, realização do Sesc de Santo Amaro (posteriormente assumida pela Dramart Produções e Oficina Insight), foi um texto inédito de Luiz Felipe Botelho que contou com direção de Érico José a reunir alunos de um curso seu, Aldonez Valença, Ana Cristina, César Tavares, Cristiane Maya, Cristiane Santos, Danielle Bittercourt, Diana Ramos, Edhnaldo Reys, Emolla Gonçalves, Ewerson Luiz, Fernanda Angelim, Igor de Almeida, Jadeilson Carlos, Jefferson Péricles, Joelma Paula, João Cabral, Moisés Viana, Ricardo Laranjeira, Sandra Barbosa, Tábata Monique, Taciana Velasco e Terezinha Guedes (como intérpretes substitutos: Francisco Cardim, Madalena Silva e Mônica Figueira). O *Jornal do Commercio* (4 de fevereiro de 2000) resumiu a divertida trama:

> "Os Três Coroados" é uma comédia de paródias que mostra a realidade nordestina via fábulas medievais europeias, inseridas no País através dos colonizadores. O enredo narra a saga de três crianças, filhos do rei e da rainha, que são jogadas ao mar pela sua tia – uma personagem já conhecida e sempre malévola – e o seu trajeto de volta ao posto de realeza. Tudo isso é passado aos espectadores em forma de desenho animado e os cenários móveis percorrem o palco pelas mãos dos próprios atores.

Também com estreia em 1999, a partir de setembro, e integrada ao Circuito de Espetáculos do Sesc no ano 2000, a peça *Histórias Cantadas*, texto de Fátima Marinho dirigido por Romildo Moreira, entrou em cartaz no Teatro do Parque, assinada pelo Grupo Pipoquinha. Era uma opereta para crianças muito pequenininhas, envolvendo histórias ligadas ao tema do meio ambiente e que passou pelas cidades de Caruaru, Gara-

Histórias Cantadas

Dom Chicote
Mula Manca

nhuns, Arcoverde e Petrolina (PE). No elenco, Raminho, Maximino, Flávio (todos sem registro do sobrenome), Fátima Marinho e Ana Diniz. Mas uma das novidades mais aplaudidas do ano na capital pernambucana foi mesmo o espetáculo *Dom Chicote Mula Manca*, da Twiggy Produções, com texto do paulista Oscar Von Pfuhl, 1ª direção assumida pela atriz Lívia Falcão, em cartaz no Teatro Barreto Júnior. O *Diario de Pernambuco* (25 de fevereiro de 1999) trouxe mais detalhes da proposta:

> O espetáculo infanto-juvenil, inspirado no clássico de Miguel de Cervantes, "Dom Quixote", questiona o poder, a cobiça e a guerra numa linguagem bem-humorada. (...) "Os ideais de um Rei, que pela força de sua posição lança mão de tudo o que estiver ao seu alcance, contrapõem-se à vida simples, despojada e justa do nosso herói", adianta a diretora. Inspirado no "Dom Quixote" original, Dom Chico não tem medo, não desiste nunca e revela as mazelas de sua sociedade injusta e opressiva. A trama acontece num país pobre. Na sala de audiência do Rei, estão Dom Chicote, o incansável cavaleiro andante que coloca seus serviços à disposição da autoridade real, e Zé Chupança, um modesto garoto, pastor de ovelhas. Chupança reclama que os carneiros do seu pai estão sendo roubados. A solução encontrada pela majestade para se livrar desses dois problemas é mandá-los, juntos, para bem longe, procurarem os ladrões de carneiros. Montados em seus cavalos Ilusão e Ilusinho, eles estabelecem uma verdadeira amizade. Pelo caminhos eles encontram bruxas, fiandeiras, travam batalhas contra touros, espantalhos, gigantes, centauros, soldados e outros seres da imaginação.

No elenco, Jorge Clésio, Rodrigo Campos, André Ricardo (André Riccari), Sônia Bierbard e Adelson Dornellas, distribuídos em mais de trinta personagens. Adriano Cabral chegou a ser intérprete substituto. A peça visitou ainda o IX Festival de Inverno de Garanhuns. No VI Janeiro de Grandes Espetáculos, no ano 2000, a turma foi aclamada com os prêmios de Melhor Figurino (Período Fértil – Márcia Lima e Clesinho Santos, empatados com Emmanuel David d'Lúcard, de *A Bella e a Fera*, da Marketing Eventos Culturais), Melhores Adereços (Joana Lira), Melhor Trilha Sonora (Zé da Flauta) e Melhor Ator Coadjuvante (André Ricardo – André Riccari). Quem também lançou novo espetáculo em 1999 foi a Showlândia Produções Artísticas, com *Ursinho Puff e Seus Amigos*, em cartaz no Teatro do Parque, adaptação e direção de José Cordeiro, que destacou suas intenções no *Diario de Pernambuco* (26 de fevereiro de 1999):

> Eles vão "relatar uma história singela, sem violência gratuita – enfim, com to-

Ursinho Puff e Seus Amigos

dos os temperos dos contos/fábulas de antigamente. A trama começa a se desenrolar num dia de verão, quando um menino chamado Cristóvão conhece o Ursinho Puff e, junto com ele, vive uma aventura no bosque encantado. Nesse passeio, ele se depara com um leitão medroso, um tigre metido a palhaço e muito esperto, um coelho que não sabe ler e uma coruja que também é analfabeta e tenta disfarçar inventando um mapa que leva ao tesouro dos tira-rossauros.

A peça era uma cópia do desenho da Disney, com texto dublado e atores usando máscaras enormes. No elenco, Marcilene Amorim (Leitão), Ary Fernando (Cristóvão e Coruja), Natusalém Bezerra (Coelho), Eduardo Lins (Tigre) e Francicleide Calixto (Ursinho Puff), além da presença do Palhaço Cebolinha. Já o Grupo Teatral Dose Humana, formado por alunos do Colégio Marista São Luís, sob a coordenação da diretora Fátima Aguiar, montou *A Farra dos Bonecos*, do dramaturgo Antônio Carlos do Espírito Santo. No Teatro Barreto Júnior, *Pluft, o Fantasminha*, produção de 1998, parceria entre a Cia. de Teatro Paulista e o Grupo Cênico Humantoche, com direção de Carlos Salles, cumpriu temporada aos domingos pela manhã. No elenco, Leandro Mariz, Glauce Menezes, Érica Barros, Vanildo Vasconcelos, Jarbas Albuquerque, Edhnaldo Reys, Gligione Cabral e Jeferson Wladimir (como substitutos: Cristiano Lima, Emanuel Duarte, Geybson Veloso, Keuri Poliane e Nino Nascimento). No ano 2000, durante o VI Janeiro de Grandes Espetáculos, a peça conquistou o prêmio de Atriz Revelação (Érica Barros, vivendo a Mãe de Pluft).

Pluft, o Fantasminha

Também do ano anterior e contabilizando um público de vinte mil pessoas em oito meses de temporada, *A Flor e o Sol*, texto de Cícero Belmar, com direção de Manoel Constantino, voltou à cena em 1999, desta vez em cartaz

Telettubies

no Teatro do Parque. Sucesso na TV, os *Teletubbies* foram também parar naquele mesmo palco junto à peça *Flintstones*, duas produções calcadas em personagens famosos para a criançada, apresentadas num único espetáculo da Showlândia Produções Artísticas, com o diretor José Cordeiro à frente, mais uma vez se apropriando de personagens conhecidos da TV, com uso de máscaras enormes e texto dublado. As peças ganharam registro no *Diario de Pernambuco* (9 de abril de 1999):

> A primeira história: Fred e Barney são bons amigos até quando o primeiro descobre que Pedrita quer se casar com Bambam, filho do segundo. O patriarca do Flinstones (sic) não admite o casamento de sua "menininha". A partir daí, vão surgir várias confusões. A segunda: os "Teletubbies" mal acordam e já passeiam pelo enorme gramado, pulando, dando cambalhotas. Quando menos se espera, um cataventa começa a girar espalhando estrelas brilhantes. É a "senha" de que algo curioso ou educativo vai acontecer na vida dos ETs.

Mas o bafafá que envolveu esta produção aconteceu quando o editor do caderno de Informática do *Jornal do Commercio*, Gilvando Filho, intitulando-se "jornalista, pai e consumidor lesado", resolveu alertar o público sobre o que ele considerou de "embromação", com matéria que trouxe como subtítulo "Gato por Lebre – Espetáculo estréia lotando o Parque, mas montagem desreipeita (sic) o público e o teatro infantil", no *Jornal do Commercio* (13 de abril de 1999):

> Uma covardia o que fizeram com centenas de crianças que arrastaram seus pais para o Teatro do Parque, na manhã do último domingo. O "espetáculo", anunciado à exaustão pela TV, reunia dois campeões de audiência entre a garotada: "Flinstones" (sic) e "Teletubbies". O teatro encheu, voltou gente da porta e a "resposta", puro caça-níquel, rendeu. A produtora – dá para usar esse termo sem ofender as demais? – prometia uma única apresentação, mas já admite reprisar tudo no próximo domingo. Daí esse artigo, puro alerta aos incautos. Nem lembro o nome dos produtores e, se soubesse, faria questão de esquecer. Marcada para às 10h, a "coisa" começou quase às 11h. Mais de mil pessoas (...) Um calor infernal no auditório. No palco, uma embromação, para utilizar o termo mais suave. Se for para ser mais realista, dá para usar a palavra "roubo" mesmo. (...) a turma esperta simplesmente gravou um episódio da TV e fez disso sonoplastia. E uns patéticos "Flinstones" (sic) com máscaras grosseiras de papel maché, a esbarrar uns nos outros. Trocando em miúdos, nenhum investimento para o lucro que a rapaziada, com certeza, teve. Nos "Teletubbies", a mesma coisa, à exceção de um arremedo de cenário cujas estrelas eram dois coelhos assustados que tentavam fugir e eram trazidos de volta pelo "animador". A criançada, como a minha Luiza, não ouvia nada, entendia menos ainda, mas batia palmas e dava uma risadinha, aqui e ali. Aí, a grande covardia, (...) Maracu-

> taias como esta comprometem o teatro infantil e quem o faz com respeito e um mínimo de dignidade. Deveria haver alguma ação para impedir esse tipo de esperteza muito bem remunerada. Mas, já que não há, fica o conselho aos pais: na manhã do próximo domingo vão à praia, ao zoológico, fiquem em casa. Mas evitem o Teatro do Parque.

O produtor e diretor José Cordeiro (conhecido por muitos como Raquel Simpson) não gostou do que leu e procurou o Caderno C para tratar do caso, negando enganar o público e lembrando outras realizações suas anteriores, como *Alice no País das Maravilhas*, *Viagem ao Mundo dos Sonhos*, *Aventuras de Aladim*, *Brincadeiras de Crianças* e *TV Doglândia*; além de montagens adultas como *Mulheres Com H* e *Miss Banana*. Sua resposta veio prontamente no *Jornal do Commercio* (17 de abril de 1999):

> Esta semana o produtor do espetáculo "Os Flintstones" e os "Teletubbies", José Cordeiro, rebateu a crítica publicada no "Caderno C" da última terça-feira. O artigo intitulado "Teletubbies não passa de embromação" foi assinado pelo editor de Informática deste JC, Gilvandro Filho, que se considerou "um pai lesado" devido à má qualidade da produção do show que lotou o Teatro do Parque no domingo passado. "A pessoa é lesada quando não vê o espetáculo", contesta Cordeiro. O organizador reconhece que a apresentação é simples e modesta, mas "isso acontece", diz. Ele alerta que em momento algum antes do show, quis enganar o público. "No ingresso e nas chamadas da TV ficou claro que se tratava de 'covers' (imitações)", explica. Em relação à proposta ser "puro caça-níquel", José Cordeiro responde que a intenção era fazer um espetáculo "em cima do que está na moda" – no caso, os "Teletubbies". "É uma forma de agradar a criançada que não tem acesso aos personagens originais", justifica. Segundo o (sic) ele, foram gastos R$ 2 mil na divulgação do evento, correspondente a quase um terço do total arrecadado. Questionado quanto ao uso de uma gravação do programa exibido na TV Globo, Cordeiro rebate dizendo que é uma forma das crianças identificarem os personagens. O produtor, (...) diz-se prejudicado com a opinião do jornalista: "nunca na vida recebi uma esculhambação dessas. Quem quiser criticar, que critique, mas de maneira profissional" reclama. *Os Flintstones e os Teletubbies* será reprisado amanhã, no mesmo local e horário (10h da manhã) e, se atrair o mesmo público, continua em cartaz.

Telettubies

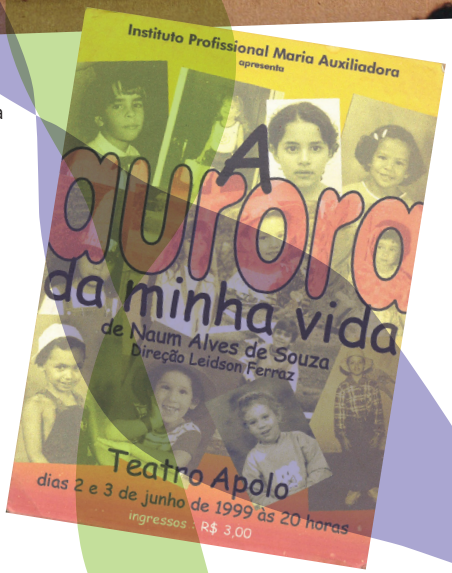
Bem distante desta polêmica e com apenas duas apresentações no Teatro Apolo, nos dias 2 e 3 de junho, a montagem *A Aurora da Minha Vida*, de Naum Alves de Souza, ganhou adaptação especialmente para o público jovem, sob direção de Leidson Ferraz e elenco formado por treze adolescentes, todos atores estreantes e

alunos do Instituto Profissional Maria Auxiliadora. Na equipe técnica, profissionais como Játhyles Miranda na iluminação; Lourenço Miranda na concepção da trilha sonora e Ricardo Laranjeira na direção de arte. O *Diario de Pernambuco* (2 de junho de 1999) também revelou detalhes:

> A trajetória de um grupo de crianças dentro de uma escola tradicional, no período que vai do pré-escolar à formatura do 2º grau, é o tema abordado na peça. Dividida em quadros – cada qual sendo uma aula com conflito próprio, a história mistura nostalgia e comicidade, para retratar a dura aprendizagem desses alunos na luta por sobreviver às pressões do cotidiano, chegando a mexer com temas delicados, a exemplo da opção sexual e até mesmo da morte.

A Lenda da Floresta

No Teatro Valdemar de Oliveira, com sessões exclusivas para escolas, a Companhia do Sol apresentou uma adaptação de *Pinóquio* (com Ricardo Mourão, Taidênio Lopes – Tay Lopez, Nilson Muniz, Helena Hoffmann e Joelma Alves no elenco, entre outros) e, no outro semestre, a obra original *A Lenda da Floresta*, inspirada na fábula *A Cigarra e a Formiga*, com inserção de várias outras personagens insetos. Ambas contavam com direção e texto de Paulo André Guimarães. No elenco desta última, entre outros, Alberto Braynner, Helena Hoffmann, Joelma Alves, Leandro Mariz e Mônica Vilarim. A direção de arte era de Roberto Costa. Tendo como mote a comemoração dos quinhentos anos do "descobrimento do Brasil", a peça *A Floresta Encantada*, texto de Cícero Belmar, com direção de Carlos Carvalho e realização da 2 Rodrigues Produções, cumpriu temporada no mesmo Teatro Valdemar de Oliveira, aos sábados e domingos, às 16 horas, discutindo a ecologia e a necessidade de preservação do meio ambiente. Tanto que os bichos pedem ajuda a São Francisco, protetor dos animais. O *Diario de Pernambuco* (25 de junho de 1999) abordou a trama:



A Aurora da Minha Vida

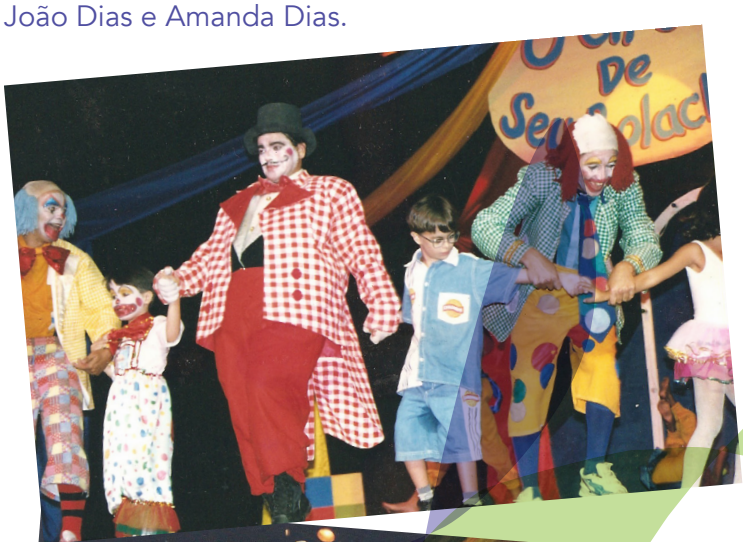
> Ancorado por lendas brasileiras, o autor mostra o que o homem fez com as matas e os bichos nesse tempo de ocupação. Coruja, sapo, macacos, ararinha, Yara e Índio preparam-se para a festa e contam com a ajuda do sobrenatural para salvar a floresta.

No elenco, Marilena Breda, Alberto Brigadeiro, Mário Antônio Miranda, Ana Montarroyos, Mar-

A Floresta Encantada

celo Valente, Elaine Kauffman, Gheuza Sena e Riva Santos. Mais à frente, foram atores substitutos Bárbara Rominna, Adriano Cabral e André Ricardo (André Riccari). Ainda na ficha técnica, cenários, figurinos, adereços e maquiagem de Marcondes Lima e direção musical e trilha sonora original de Fernando Lobo. No ano 2000, durante o VI Janeiro de Grandes Espetáculos, a peça conquistou os troféus de Melhor Espetáculo Para Crianças, Melhor Direção (Carlos Carvalho), Melhor Atriz (Marilena Breda) e Melhor Atriz Coadjuvante (Ana Montarroyos). A montagem cumpriu temporada ainda no Teatro Apolo, sendo vista também em Natal (RN), com produção local do pernambucano Ronaldo Negromonte.

Em busca de mais público, *Chapeuzinho Vermelho – Enquanto Seu Lobo Não Vem*, da Métron Produções, voltou ao cartaz no Teatro do Parque, assim como *Os Três Porquinhos*, primeiramente no Teatro do Parque e, em seguida, no Teatro do Horto. Também cumpriu temporada a peça *O Circo de Seu Bolacha*, texto de Paulo de Oliveira Lima, sob direção de Cleusson Vieira, aos domingos pela manhã, no Teatro do Parque, com Cleusson Vieira, Sóstenes Vidal e Pedro Dias tratando da decadência de um circo e a luta dos palhaços para salvá-lo. A montagem utilizava músicas e coreografias da tradição nordestina, além da participação de crianças circenses e dos dois filhos do ator Pedro Dias, João Dias e Amanda Dias.



O Circo de Seu Bolacha

Enquanto isso, em Arcoverde, pela Equipe Teatral de Arcoverde (Etearc) – Grupo Novo Horizonte, o diretor Geraldo Barros reformulou sua versão para a mesma peça *O Circo de Seu Bolacha*, com acréscimo de novos atores numa espécie de prólogo com números circenses, dando início a um projeto intitulado Teatro Na Rua, com o apoio do Caic Arcoverde, Secretaria de Educação e Cultura do município e Sesc Arcoverde. O espetáculo passou, então, a ser apresentado em espaços abertos como pátios de escolas e praças, chegando, inclusive, a várias outras cidades pernambucanas como Garanhuns (dentro da programação do IX Festival de Inverno de Garanhuns), além do distrito de Cruzeiro do Nordeste. No elenco, Antônio Silva, Alex Fabiano (em revezamento com Audrey Chaves), Allan da Silva (Allan Shymytt), Wanderlucy Bezerra (atriz coringa), Márcio Santiago, Aristóteles Remígio, Ricardo Araújo e Andréa Andrade. Com problemas no pulmão, Geraldo Barros faleceu, infelizmente, em dezembro daquele ano.

No Recife, outra estreia de 1999 foi *A Bella e a Fera*, texto e direção de Ivaldo Cunha Filho, adaptado a partir da versão cinematográfica da Disney, numa realização da Marketing Eventos Culturais, ocupando o Estádio do Geraldão, em março, dentro do Projeto Escola Vai ao Teatro. A peça foi vista por milhares de crianças em quatro sessões naquele enorme espaço, passando, depois, para temporada no Teatro Valdemar de Oliveira com o texto ainda sendo dublado pelos atores. A montagem perdurou por um bom tempo, chegando às cidades de Garanhuns, Vitória de Santo Antão, Gravatá (PE), Natal (RN), João Pessoa e Campina Grande (PB), e conquistando ainda o prêmio de Melhor Figurino (Emmanuel David D'Lúcard empatado com Márcia Lima e Clesinho Santos, de *Dom Chicote Mula Manca*, da Twiggy Produções) no VI Janeiro de Grandes Espetáculos, no ano 2000. No elenco, entre outros, Eliane Luna (substituída por Daniela Travassos), Alberto Brigadeiro, Normando Roberto Santos, Pedro Dias, Roberto Emmanuel, Vinícius Coutinho e Joana D'Arc Ferreira.

A Bella e a Fera

Em julho, enquanto que no IX Festival de Inverno de Garanhuns os bonecos gigantes do Grupo de Teatro Lobatinho foram destaque no Parque Euclides Dourado, as cidades do Recife e Olinda receberam, de 22 a 30 daquele mês, o Encontro Internacional de Teatro de Bonecos promovido pelo Centro de Produção Mamulengo Só-Riso, com programação que incluía o Grupo XPTO (SP), Grupo Roda (BA), Grupo Mundaréu (PR), A Caixa do Elefante (RS) e o Grupo Giramundo (MG), entre outros, além de colóquio com bonequeiros de várias partes do mundo, comemorando os setenta anos da Unima (União Internacional de Marionetistas). Um dos objetivos do evento foi atrair a reunião do comitê executivo da entidade ao Brasil.

Pinóquio

O Rei dos Robôs

Ainda fizeram apresentações em 1999, no Recife, o Palhaço Chocolate, no Teatro do Parque, aos domingos pela manhã, em espetáculo que reunia trinta artistas entre dançarinos, malabaristas, equilibristas, bonecos e músicos; *O Rei dos Robôs*, musical de George Meireles, dirigido por Américo Barreto, numa montagem da G. M. Entertainment, no Teatro Apolo, com pouquíssimas apresentações desta história que se passava em Robônia, onde homens, mulheres e crianças vivem aprisionados e dominados pelos robôs, até que Robby, o rei dos robôs, tenta unir sua raça aos humanos (no elenco, entre outros, Albemar Araújo, Maria Rossiter, Mísia Coutinho, Cláudia Pontes, Ricardo Detemering e Pietra Alves); e a versão de *Os Saltimbancos* pela Cia. de Teatro Paulista, com direção de Leandro Mariz, aos domingos pela manhã, no Teatro Barreto Júnior. Esta produção de 1998 ficou com o prêmio de Melhor Ator (Edhnaldo Reys) no VI Janeiro de Grandes Espetáculos, no ano 2000.

Na imprensa (praticamente sem publicação de críticas teatrais, só existindo um diminuto roteiro), também há registro da visitante produção paulistana *A Cigarra e a Formiga*, com texto e direção de Luiz Roberto Pinheiro, fazendo poucas sessões no Teatro Apolo. Em dezembro de 1999, novos espetáculos cumpriram temporada. Voltou à cena um dos grandes sucessos da Chocolate Produções Artísticas em parceria com a Academia Fátima Freitas, *Branca de Neve e os Sete Anões*, espetáculo de dança e teatro inspirado no clássico da literatura infantil, com adaptação e direção de Ulisses Dornelas e coreografia de Fátima Freitas, visto por longa temporada no

Branca de Neve e os Sete Anões

Teatro do Parque, aos domingos, às 10 horas. Também subiu ao palco do Teatro Barreto Júnior, *Dona Galinha Flora Bela e o Galo Pena Amarela*, texto e direção de Izaltino Caetano, em cartaz aos domingos pela manhã, com a Cia. de Arte Renascer (hoje Renascer Produções Culturais) e elenco formado por alunos oriundos de um curso de iniciação teatral. A peça abordava o drama de uma galinha especial que põe ovos como as outras, mas não choca, até que, sentindo-se sozinha, ela vai brigar na Justiça do Galinheiro para ter o direito de ficar com os seus pintinhos.

O Rei do Lixo

Voltando o olhar para além do Recife, na cidade do Cabo de Santo Agostinho, a Cia. Festa & Folia produziu a elogiada peça de Luiz de Lima Navarro, com texto e direção dele, *O Rei do Lixo*, musical aplaudido também no Recife, Jaboatão dos Guararapes, Garanhuns, Caruaru, Arcoverde, Petrolina, Natal (RN) e Maceió (AL). No município de Camaragibe, através do Projeto Teatro Camará, ligado à Prefeitura Municipal, surgiram duas montagens para a infância. Uma versão de *Flicts*, texto de Adelbal Júnior a partir da obra de Ziraldo, com direção de Geraldo Cosmo, numa realização do Grupo Artístico Camararte – peça que, inclusive, chegou a visitar as cidades de Arcoverde, Recife e Paudalho (PE) –; e *Bandeira de São João*, texto de Ronaldo Correia de Brito e Assis Lima, com direção de Alexsandro Alves, pelo Grupo Cênico Art'Loucura, produção que circulou ainda mais, sendo levada a Jaboatão dos Guararapes, Vicência, Aliança, São Lourenço da Mata, Recife, Caruaru, Garanhuns, Arcoverde e Petrolina (PE), muito graças ao Circuito de Espetáculos do Sesc.

Em Caruaru, o Teatro Experimental de Arte (TEA) fez nova versão para *A Menina Que Perdeu o Gato Enquanto Dançava Um Frevo na Terça-Feira de Carnaval*, texto de Marcos Rocha Apolinário Santana, com adaptação de Argemiro Pascoal e direção de Arary Marrocos. A peça visitou Garanhuns e Limoeiro, com elenco de dezesseis componentes, todos oriundos de curso teatral oferecido pelo grupo caruaruense. Em Petrolina, distante mais de 700 km do Recife, a Cia. Máscaras de Teatro, que mais à frente passou a ser sediada na capital pernambucana, estreou *Fabulário*, sua produção de teatro de bonecos que mais circulou (ainda em atividade, pelo menos até o fechamento desta pesquisa em dezembro de 2013). Com texto dos dois atores manipuladores originais do elenco, filha e pai, Sara Fogo e Sebastião Simão Filho, e direção deste último, a peça foi vista em Mossoró (RN), Juazeiro, Salvador (BA), Souza (PB), Serra Talhada, Limoeiro, Garanhuns, Caruaru, Arcoverde, Lagoa Grande, Araripina, Gravatá, Jaboatão dos Guararapes, Olinda e Recife (PE), entre outras.

Na cidade do Paulista foi apresentada *Reforma no Reino das Crianças*, texto e direção de Voltaire Santos, com produção da Paranambuco Companhia de Artes, que criticava a situação de Olinda apontando a educação para resolver os proble-

Quem Tem Medo de Bruxinha?

mas brasileiros. Ficou em cartaz aos sábados e domingos, no Cineteatro Paulo Freire, naquele município. Ainda por lá, a Cia. de Teatro Paulista estreou *Quem Tem Medo de Bruxinha?*, adaptação de Leandro Mariz, com direção do próprio, a partir da obra *A Bruxinha Que Era Boa*, de Maria Clara Machado, que chegou a ser vista no Recife e em Olinda, respectivamente em temporadas no Teatro Barreto Júnior e Teatro Fernando Santa Cruz. Vale ainda registrar uma produção pernambucana que surgiu em São Paulo, mas, depois, cumpriu temporada no Recife a partir do ano 2000, marcando a 1ª experiência de teatro para crianças da irreverente Cia. Trupe do Barulho, com direito a algumas personagens afetadas bem ao estilo da companhia. Foi a peça *O Mistério das Outras Cores*, lembrada pelo ator Flávio Luiz no livro *Memórias da Cena Pernambucana – 04* (op. cit., p. 27.):

> Ainda em Sampa, no finalzinho da temporada, resolvemos montar um infantil de Paulo André Guimarães, "O mistério das outras cores", direcionado às escolas particulares. Foram apenas três ou quatro apresentações no Teatro Pirandello, que hoje nem existe mais, mas ao chegarmos no Recife, a peça ainda cumpriu temporada no Teatro do Parque. Era um espetáculo extremamente educativo, abordando a disputa de raças, a opressão e a dominação no universo das cores. Mas não era uma fábula, e o público foi pequeno.

O Mistério das Outras Cores

Se o momento não era nada favorável a apreciar produções de maior qualidade, para chiadeira total, a Prefeitura do Recife não realizou a 3ª edição do Festival Recife do Teatro Nacional em 1999, algo que só aconteceu, após muita pressão da classe teatral e da imprensa, em 2000, no entanto, só abriram espaço para a inclusão de peças para todas as idades em 2001, na 4ª edição, com *Jogo do Amor*, do Teatro do Pequeno Gesto (RJ); *A Infecção Sentimental Contra-Ataca*, do Grupo XPTO (SP); *Bebê Bum*, da Cia. Teatro di Stravaganza (RS); *Dona Morte Vira Vida*, com texto e direção de Paulo de Pontes, pela Cia. de Teatro Paulista (PE); e *Cara Queimada*, da Oigalê Cooperativa de Artistas Teatrais (RS), este última mais voltada ao público adolescente. Nas edições seguintes, o teatro para crianças continuou aparecendo minimamente na programação.

Enquanto isso, os palcos da municipalidade sofriam ainda mais: o Teatro de Santa Isabel continuava fechado para reforma desde 1995 (só voltando às atividades em 2002); o Teatro do Parque estava em cacarecos, algo que resultou em reforma paliativa no ano 2000, com poltronas novas e um aguardado sistema de refrigeração; e o Teatro Hermilo Borba Filho, em atividade extra-oficial ao final de 1999, em julho do ano seguinte passou a ser um Centro de Formação e Pesquisa das Artes Cênicas junto ao Teatro Apolo, perfil ainda hoje cobrado pela classe artística.

Terra @dorada

Por fim, em cartaz no Teatro Valdemar de Oliveira, aos sábados e domingos, às 16 horas, renasceu *Terra @dorada* (com o símbolo arroba no título), texto de Valdemar de Oliveira numa adaptação geral de Fernando de Oliveira, com realização do Teatro Infantil do Teatro de Amadores de Pernambuco (Titap), montagem que resgatou uma das grandes obras para a infância nos momentos iniciais de atenção à criançada como público alvo no teatro, ainda nos anos 1940. Com enorme equipe, a peça só foi possível graças ao financiamento do Sistema de Incentivo à Cultura da Prefeitura do Recife e ganhou registro no *Jornal do Commercio* (21 de dezembro de 1999):

> O elenco é formado por 73 atores mirins, com idade entre 7 e 17 anos. O texto de Valdemar de Oliveira, escrito na década de 40, foi adaptado por seu filho, Fernando de Oliveira. A peça mostra dois irmãos [que] querem conhecer o mundo. Depois de ganhar o primeiro computador, eles resolvem fazer uma viagem virtual. "Terra @dorada" marca o início das comemorações do centenário de (sic) nascimento do idealizador do grupo, Valdemar de Oliveira, em maio de 2000. Na peça, os estados brasileiros são defendidos em números de canto e dança. A direção de cena é de Ricardo Mourão e Luciana Lyra.

Ainda na ficha técnica, direção musical dos maestros Cussy de Almeida, Torres e Duda; trilha sonora original de Valdemar de Oliveira, Fernando de Oliveira e Dimas Sedícias; coreografia de Maria de Fátima Guimarães e Sandra Rino; cenários e figurinos de Victor Moreira; maquiagem de Rosa Santos; iluminação de Sérgio Caldas; e adereços de Tony Oliveira. Entre adultos (Eduardo Japiassú, Cláudio Vasconcelos, Manuella Callou) e crianças do elenco, a participação de integrantes do Caboclinhos Oxóssi Pena Branca e do Maracatu Nação Frei Francisco. A peça chegou a fazer sessão extra, às 21 horas, no Teatro Valdemar de Oliveira, nome do responsável por abrir espaço à diversão de tantas crianças no palco desde 1939.

E assim se passaram sessenta anos de histórias teatrais para meninas e meninos de todas as idades.

Terra @dorada

No desenrolar do século XX, desde a 1ª apresentação de Branca de Neve e os 7 Anões no Teatro de Santa Isabel, em 1939, as mais variadas peças para crianças foram realizadas no Recife, com estéticas e temáticas diversas, deixando a marca de Pernambuco como uma referência de qualidade no país. É certo que, como em qualquer outro lugar do mundo, há aqueles que produzem excelente teatro; outros, nem tanto. Os objetivos podem ser os mais diversos neste fazer teatral para crianças, mas a resposta de público e os registros que a imprensa conseguiu realizar através dos anos, em críticas ou matérias de divulgação, dão provas da vitalidade desta linguagem na capital pernambucana, incluindo a criação de festivais específicos ainda na década de 1960.

Ou seja, o teatro para a infância no Recife foi e continua sendo um foco de atenção das nossas plateias, e mesmo que os espaços na mídia não sejam tantos atualmente e da pouca circulação das realizações cênicas (entre as excelentes e as medíocres), esta pesquisa de mapeamento finalmente veio dar atenção para tal segmento, ampliando os dados sobre a historiografia teatral pernambucana e brasileira. E que estes sessenta anos iniciais de história do teatro para crianças no Recife, aqui registrados – claro que com ausências e tendo o olhar oficial da imprensa como suporte, ainda que o pesquisador tenha tentado fugir ao máximo de um reducionismo desta linguagem apenas nas grandes produções –, sirvam como um pontapé para uma futura e imprescindível publicação em livro, além de mais pesquisas na área.

Um viva a todos os meninos e meninas que puderam apreciar tantos espetáculos, assim como a todos os artistas e técnicos do teatro que já encantaram crianças de todas as idades, feito eu!

Leidson Ferraz
Ator, jornalista e pesquisador teatral

Referências

Sites:

ANDRÉ, Simone. Questões Acerca do Teatro Infantil – História e Prática (disponível em: http://www.cbtij.org.br/arquivoaberto/pesquisa/simone_andre_cap2.html#form. Acesso em: 16 de abril de 2010).

BRAGA, Humberto. Um Pouco de História (disponível em: http://aptbon.tripod.com/umpoucodehistoria.htm**.** Acesso em: 15 de março de 2009).

CAMAROTTI, Marco. História do Teatro Para Crianças em Pernambuco (disponível em: http://www.cbtij.org.br/arquivo_aberto/historia/teatro_pe.htm. Acesso em: 16 de abril de 2010).

NAZARETH, Carlos Augusto. O Teatro Infantil na Cena do Mundo (disponível em: http://vertenteculturalteatroinfantil.blogspot.com/2006/12/o-teatro-infantil.html. Acesso em: 12 de março de 2011).

OLIVEIRA, Fernando de. Memória do Teatro Infantil de Pernambuco e sua ligação com o Teatro de Amadores de Pernambuco (disponível em: www.tap.org.br/htm/historia/teatroinfantil.htm. Acesso em: 11 de novembro de 2011).

OLIVEIRA, Fernando de. *Terra Adorada* (disponível em: http://www.tap.org.br/htm/repertorio/080_terra_adorada.htm. Acesso em: 11 de novembro de 2011).

OLIVEIRA, Fernando de. *A Revolta dos Brinquedos* (disponível em: http://www.tap.org.br/htm/repertorio/086_revolta_brinquedos.htm. Acesso em: 11 de novembro de 2011).

PORTO, Joyce Teixeira; NUNES, Marisa. Teatro de Arena. *Coleção Cadernos de Pesquisa* (disponível em: http://www.centrocultural.sp.gov.br/cadernos/lightbox/lightbox/pdfs/Teatro%20de%20Arena.pdf. Acesso em: 19 de junho de 2013).

SOUZA, Alex de. Só, Mas Bem Acompanhado: Atuação Solo e Animação de Bonecos à Vista do Público (disponível em: http://www.ceart.udesc.br/ppgt/dissertacoes/2011/alex_de_souza.html. Acesso em: 20 de agosto de 2013).

Biografia de Graça Mello (1914-1979). *Enciclopédia Itaú Cultural* (disponível em: http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_teatro/index.cfm?fuseaction=personalidades_biografia&cd_verbete=754. Acesso em: 12 de fevereiro de 2013).

Biografia de Augusto Bonequeiro (disponível em: http://augustobonequeiro.wordpress.com. Acesso em: 24 de março de 2013).

Livros e Dissertações:

Anuário do Teatro Brasileiro 1976. Serviço Nacional de Teatro/Ministério da Educação e Cultura/DAC/Funarte. p. 103-116.

Anuário do Teatro Brasileiro 1977. Ministério da Educação e Cultura. p. 143-158.

Anuário do Teatro Brasileiro 1978. Ministério da Educação e Cultura/Secretaria da Cultura/Serviço Nacional de Teatro. p. 131-158.

Anuário do Teatro Brasileiro 1979. Serviço Nacional de Teatro. p. 141-161.

BORGES, Geninha da Rosa. *Teatro de Santa Isabel – Nascedouro & Permanência – 2ª edição*. Recife: CEPE, 2000.

CACCIAGLIA, Mario. *Pequena História do Teatro no Brasil (Quatro Séculos de Teatro no Brasil)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1986.

CADENGUE, Antonio Edson. *TAP: Sua Cena & Sua Sombra – O Teatro de Amadores de Pernambuco (1941-1991)*. Recife: SESC Pernambuco/Companhia Editora de Pernambuco, 2011.

CARVALHEIRA, Luiz Maurício Britto. *Por Um Teatro do Povo e da Terra – Hermilo Borba Filho e o Teatro do Estudante de Pernambuco*. Recife: FUNDARPE/Diretoria de Assuntos Culturais, 1986.

CARVALHO, Martinho de; DUMAR, Norma (Org.). *Paschoal Carlos Magno: Crítica Teatral e Outras Histórias*. Rio de Janeiro: Funarte, 2006.

CIRANO, Marcos; ALMEIDA, Ricardo; MAURÍCIO, Ivan (Org.). Hermilo Vivo – Vida e Obra de Hermilo Borba Filho. Recife: Editora Comunicarte Produções Jornalísticas, 1981.

COSTA, Selda Vale da; AZANCOTH, Ediney. *Cenário de Memórias – Movimento Teatral em Manaus (1944-1968)*. Manaus: Editora Valer/Governo do Estado do Amazonas, 2001.

DIAS, Leda. *Cine-Teatro do Parque: Um Espetáculo à Parte*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2008.

FERRAZ, Leidson; DOURADO, Rodrigo; JÚNIOR, Wellington (Org.). *Memórias da Cena Pernambucana – 01*. Recife: edição dos organizadores/FUNCULTURA, 2004.

FERRAZ, Leidson (Org.). *Memórias da Cena Pernambucana* – 02. Recife: edição do organizador/FUNCULTURA, 2005.

FERRAZ, Leidson (Org.). *Memórias da Cena Pernambucana* – 03. Recife: edição do organizador/FUNCULTURA, 2006.

FERRAZ, Leidson (Org.). *Memórias da Cena Pernambucana* – 04. Recife: edição do organizador/FUNCULTURA, 2008.

FIGUEIRÔA, Alexandre. *Barreto Júnior, o Rei da Chanchada*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2002.

FIGUEIRÔA, Alexandre. *O Teatro em Pernambuco*. Recife: Assembléia Legislativa do Estado de Pernambuco, 2003.

GALVÃO, Claudio. *Theatro Carlos Gomes – Teatro Alberto Maranhão: 100 Anos de Arte e Cultura*. Natal: Editor, 2005.

LIMA, Marcondes. *Antônio de Almeida, Zezinho do Santa Isabel*. Recife: Secretaria de Cultura e Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2009.

MAGALDI, Sábato. *Panorama do Teatro Brasileiro – 6ª edição*. São Paulo: Global, 2004.

MARTINS, Rose Mary de Abreu. *A Voz e a Palavra na Cena do Recife Hoje*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2004.

MIRANDA, Ana Carolina. *O Grupo Gente Nossa e o Movimento Teatral no Recife (1931-1939)*. Recife: dissertação do programa de pós-graduação em História pela Universidade Federal de Pernambuco, 2009.

OLIVEIRA, Reinaldo de. *O Palco da Minha Vida*. Recife: Bagaço, 2013.

OLIVEIRA, Valdemar de. *Mundo Submerso (Memórias)* – 3ª edição. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1985.

PONTES, Joel. *O Teatro Moderno em Pernambuco* – 2ª edição. Recife: FUNDARPE/Companhia Editora de Pernambuco, 1990.

PRADO, Décio de Almeida. *O Teatro Brasileiro Moderno: 1930-1980*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Editora Perspectiva, 1988.

REIS, Carlos; REIS, Luís Augusto. *Luiz Mendonça: Teatro é Festa Para o Povo*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2005.

SANDRONI, Dudu. *Maturando: Aspectos do Desenvolvimento do Teatro Infantil no Brasil*. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 1995.

VAREJÃO, Lucilo. *Coleção Recife 3 – Teatro... Quase Completo*. Recife: Prefeitura Municipal do Recife/Secretaria de Educação e Cultura/Conselho Municipal de Cultura, 1979.

Jornais, Revistas e Outras Documentações:

CAMPELO, Samuel. Theatro em 1824 (Exceptos de Um Trabalho sobre "O Theatro em Pernambuco"). *Revista do Instituto Archeologico Histórico e Geographico Pernambucano*. Recife, 1924. Officinas Graphicas da Repartição de Publicações Officiais. Vol. XXVI. Ns.123 a 126.

Entrevista de Waldemar de Oliveira ao Museu da Imagem e Som da EMPETUR em 21 de janeiro de 1975. Documento pertencente ao Acervo do Teatro de Amadores de Pernambuco. s. d.

Memória do Teatro Infantil de Pernambuco e sua Ligação com o Teatro de Amadores de Pernambuco. Documento pertencente ao Acervo do Teatro de Amadores de Pernambuco. s. d. (material também incluído no site www.tap.org.br/htm/historia/teatroinfantil.htm).

OLIVEIRA, Valdemar de. *A Princesa Rosalinda*. Texto Teatral. Acervo do Teatro de Amadores de Pernambuco. s.d.

Branca de Neve e os Sete Anões levada no Santa Izabel. Acervo do Teatro de Amadores de Pernambuco. s. d.

O Que Disse Valdemar de Oliveira – A Importância do Teatro Infantil. Documento pertencente ao Acervo do Teatro de Amadores de Pernambuco. s. d.

Teatro Infantil. Documento pertencente ao Acervo do Teatro de Amadores de Pernambuco. s. d.

Maria Helena Coelho e o Theatro Infantil em Pernambuco. Documento pertencente ao Acervo do Teatro de Amadores de Pernambuco. s. d.

Victorioso o Theatro Infantil – Declarações do Professor Waldemar de Oliveira. Documento pertencente ao Acervo do Teatro de Amadores de Pernambuco. s. d.

O Espectaculo de Amanhã em Homenagem aos Interventores do Nordeste. Documento pertencente ao Acervo do Teatro de Amadores de Pernambuco. s. d.

A primeira representação da peça "Terra Adorada". Documento pertencente ao Acervo do Teatro de Amadores de Pernambuco. s. d.

A Revista "Terra Adorada" vae ser novamente enscenada. Documento pertencente ao Acervo do Teatro de Amadores de Pernambuco. s. d.

Theatro Infantil. Documento pertencente ao Acervo do Teatro de Amadores de Pernambuco. s. d.

OLIVEIRA, Valdemar de. O Teatro Infantil, no Recife. Documento pertencente ao Acervo do Teatro de Amadores de Pernambuco. s. d.

O Rio conhecerá o teatro infantil de Pernambuco – O que se vem fazendo no Recife, em prol da educação, pelo teatro, da meninada. Documento pertencente ao Acervo do Teatro de Amadores de Pernambuco. s. d.

Em Marcha, Brasil! – Novo grande êxito de Waldemar de Oliveira. Documento pertencente ao Acervo do Teatro de Amadores de Pernambuco. s. d.

Quarenta crianças numa peça teatral domingo, no palco do Santa Isabel. Documento pertencente ao Acervo do Teatro de Amadores de Pernambuco. s. d.

O teatro carioca a vôo de passaro. Recife, 26 de julho de 1936. p. 24. Acervo de Valdemar de Oliveira/ Fundação Joaquim Nabuco.

MACHADO, Juanita. O theatro infantil no estrangeiro. Recife, 2 de agosto de 1936. Acervo de Valdemar de Oliveira/Fundação Joaquim Nabuco. s. p.

O theatro carioca. Recife, 20 de setembro de 1936. Acervo de Valdemar de Oliveira/Fundação Joaquim Nabuco. s. p.

CAMPELO, Samuel. Uma temporada memorável. Centenário do Teatro Santa Isabel – Contraponto – Edição Especial – 2º volume. Recife, dezembro, 1951. Ano VI – Nº. 13. s. p.

OLIVEIRA, Valdemar de. Theatro infantil. *Jornal do Commercio*. Recife, 4 de novembro de 1934. Vida Artistica. p. 8.

OLIVEIRA, Valdemar de. Uma iniciativa interessante. *Jornal do Commercio*. Recife, 18 de novembro de 1934. Vida Artistica. p. 8.

OLIVEIRA, Valdemar de. Fastos Artisticos do Recife. *Jornal do Commercio*. Recife, 20 de janeiro de 1935. Vida Artistica. p. 8.

SETTE, Mario. Theatros. (do "Maxambombas e Maracatús") – Tempos em que ir ao theatro era um grande acontecimento domestico. *Jornal do Commercio*. Recife, 23 de setembro de 1935. Vida Artistica. p. 8.

OLIVEIRA, Valdemar de. Theatro Infantil. *Jornal do Commercio*. Recife, 12 de janeiro de 1936. Vida Artistica. p. 8.

Panorama Artistico do Recife. *Jornal do Commercio*. Recife, 15 de março de 1936. Vida Artistica. p. 24.

NITCHELL, Milly B. (Tradução de Juanita Machado). O Theatro Infantil no estrangeiro. *Jornal do Commercio*. Recife, 2 de agosto de 1936. Vida Artistica. p. 24.

OLIVEIRA, Valdemar de. Panorama do Recife Artistico, em 1936. *Jornal do Commercio*. Recife, 10 de janeiro de 1937. Vida Artistica. p. 23.

OLIVEIRA, Valdemar de. Panorama do Recife Artistico. *Jornal do Commercio*. Recife, 28 de novembro de 1937. Vida Artistica. p. 26.

CAMARGO, Joracy. Plano para a Organização do Theatro da Criança Brasileira. *Jornal do Commercio*. Recife, 12 de dezembro de 1937. Vida Artistica. p. 26.

OLIVEIRA, Valdemar de. Panorama do Recife Artistico. *Jornal do Commercio*. Recife, 6 de fevereiro de 1938. Vida Artistica. p. 24.

"Branca de Neve e os Sete Anões" – Uma pellicula fadada a grande êxito. *Jornal do Commercio*. Recife, 2 de outubro de 1938. Cinematographia. p. 7.

"Branca de Neve e os Sete Anões", amanhã, no Cine-Theatro Moderno. *Jornal do Commercio*. Recife, 9 de outubro de 1938. Cinematographia. p. 7.

Anúncio. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de janeiro de 1939. p. 9.

Anúncio. *Diario de Pernambuco*. Recife, 6 de janeiro de 1939. p. 8.

A Inauguração do Jardim Zoo-Botanico. *Diario de Pernambuco*. Recife, 11 de janeiro de 1939. p. 1.

Anúncio. *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de janeiro de 1939. p. 8.

Temporada de Genesio Arruda no Cine Encruzilhada. *Diario de Pernambuco*. Recife, 25 de janeiro de 1939. p. 8.

Festival em beneficio da Capella de Santa Therezinha – A Representação Theatral de Miss Gatis. *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de janeiro de 1939. p. 3.

Vesperal Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 de fevereiro de 1939. p. 8.

Grupo Gente Nossa. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de março de 1939. Theatro. p. 6.

Grupo Gente Nossa. *Diario de Pernambuco*. Recife, 2 de março de 1939. Theatro. p. 6.

Matinal Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 de março de 1939. p. 6.

Anúncio. *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 de março de 1939. p. 8.

Anúncio. *Diario de Pernambuco*. Recife, 5 de março de 1939. p. 11.

Anúncio. *Diario de Pernambuco*. Recife, 7 de março de 1939. p. 8.

Espectaculos do Grupo Gente Nossa. *Diario de Pernambuco*. Recife, 8 de março de 1939. Theatro. p. 6.

Grupo Gente Nossa. *Diario de Pernambuco*. Recife, 11 de março de 1939. Theatro. p. 2.

A terceira matinal infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 16 de março de 1939. Theatro. p. 3.

Anúncio. *Diario de Pernambuco*. Recife, 16 de março de 1939. p. 8.

Anúncio. *Diario de Pernambuco*. Recife, 24 de março de 1939. p. 8.

Anúncio. *Diario de Pernambuco*. Recife, 25 de março de 1939. p. 8.

Matinal e vesperal hoje no Santa Isabel. Anúncio. *Diario de Pernambuco*. Recife, 26 de março de 1939. Theatro. p. 6.

Anúncio. *Diario de Pernambuco*. Recife, 28 de março de 1939. p. 10.

Matinal Infantil no Moderno. *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 de abril de 1939. p. 6.

Anúncio. *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 de abril de 1939. p. 11.

A ultima representação de "A Princesa Rosalinda". *Diario de Pernambuco*. Recife, 3 de maio de 1939. Theatro. p. 2.

A matinal de domingo proximo. *Diario de Pernambuco*. Recife, 5 de maio de 1939. p. 2.

Matinal, hoje, às 10 horas, com a (Princesa Rosalinda). *Diario de Pernambuco*. Recife, 7 de maio de 1939. Theatro. p. 2.

Anúncio. *Diario de Pernambuco*. Recife, 7 de maio de 1939. p. 2.

Anúncio. *Diario de Pernambuco*. Recife, 7 de maio de 1939. p. 11.

"O Pequeno Polegar", em matinal. *Diario de Pernambuco*. Recife, 9 de maio de 1939. Theatro. p. 5.

"O Pequeno Pollegar" será dado em primeira, amanhã. *Diario de Pernambuco*. Recife, 13 de maio de 1939. Theatro. p. 2.

Anúncio. *Diario de Pernambuco*. Recife, 14 de maio de 1939. p. 11.

Em benefício da Matriz de São José. *Diario de Pernambuco*. Recife, 16 de maio de 1939. p. 2.

Anúncio. *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 de maio de 1939. p. 2.

Theatro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de junho de 1939. p. 6.

O cartaz de domingo proximo. *Diario de Pernambuco*. Recife, 19 de julho de 1939. Theatro. p. 2.

Haverá matinal, hoje, no Santa Isabel. *Diario de Pernambuco*. Recife, 28 de julho de 1939. Theatro. p. 7.

Anúncio. *Diario de Pernambuco*. Recife, 28 de julho de 1939. p. 8.

Anúncio. *Diario de Pernambuco*. Recife, 13 de agosto de 1939. p. 11.

Theatro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 23 de setembro de 1939. p. 5.

Anúncio. *Diario de Pernambuco*. Recife, 23 de setembro de 1939. p. 7.

Anúncio. *Diario de Pernambuco*. Recife, 27 de outubro de 1939. s. p.

Theatro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 10 de novembro de 1939. p. 3.

Anúncio. *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 de novembro de 1939. p. 7.

OLIVEIRA, Valdemar de. "O Sonho de Yara" voltara a scena no dia 8 do corrente. *Jornal do Commercio*. Recife, 3 de dezembro de 1939. Vida Artistica. p. 2.

OLIVEIRA, Valdemar de. Panorama do Recife Artistico. *Jornal do Commercio*. Recife, 10 de dezembro de 1939. Vida Artistica. p. 2.

OLIVEIRA, Valdemar de. Theatro Educativo – Uma palestra com D. Maria Rosa, do Theatro para Menores, do Rio de Janeiro. *Jornal do Commercio*. Recife, 31 de dezembro de 1939. Vida Artistica. p. 2.

"A Princesa Rosalinda" será enscenada, hoje, no Santa Isabel. *Jornal do Commercio*. Recife, 5 de maio de 1940. Vida Artistica. p.4.

OLIVEIRA, Valdemar de. Marcada para hoje a' tarde no Santa Isabel, a repetição do lindo espectaculo das allumnas do Curso Infantil de "Miss" Gatis. *Jornal do Commercio*. Recife, 12 de janeiro de 1941. Vida Artistica. p. 4.

OLIVEIRA, Valdemar de. Uma rápida palestra com Miguel Jasseli – A excursão do Grupo Cenico Espinheirense, a Palmares – Perspectivas de novas visitas ao interior do estado. *Jornal do Commercio*. Recife, 12 de janeiro de 1941. Vida Artistica. p. 4.

OLIVEIRA, Valdemar de. Retrospecto do Recife Artístico de 1940. *Jornal do Commercio*. Recife, 19 de janeiro de 1941. Vida Artistica. p. 5.

OLIVEIRA, Valdemar de. Hoje, no Santa Isabel: Em matinal, a's 10 horas: "Coisas do Meu Brasil" . E vesperal a's 15 horas: "Meu Natal". *Jornal do Commercio*. Recife, 26 de janeiro de 1941. Vida Artistica. s. p.

OLIVEIRA, Valdemar de. "Em Marcha, Brasil", e' o titulo da nova peça do theatro infantil. *Jornal do Commercio*. Recife, 9 de março de 1941. Vida Artistica. s. p.

OLIVEIRA, Valdemar de. Entrou em ensaios no Theatro Santa Isabel, a nova peça com que em breve, voltara ao proscenio o theatro infantil. *Jornal do Commercio*. Recife, 12 de março de 1941. Vida Artistica. s. p.

OLIVEIRA, Valdemar de. "Em Marcha, Brasil!", a reentrada do theatro infantil no Santa Isabel, domingo proximo. *Jornal do Commercio*. Recife, 16 de março de 1941. Vida Artistica. s. p.

ROCHA, Leduar de Assis. "O Dr. Knock ou o Triunpho da Medicina". *Jornal do Commercio*. Recife, 16 de março de 1941. Vida Artistica. s. p.

OLIVEIRA, Valdemar de. Reentra, hoje, no Santa Isabel, o theatro infantil – "Em Marcha, Brasil!" E' a Peça de Estre'ia – Uma carta de Candido Duarte. *Jornal do Commercio*. Recife, 23 de março de 1941. Vida Artistica. p. 5.

OLIVEIRA, Valdemar de. "Em Marcha, Brasil!", hoje, em segunda representação – O Espectaculo Começara' a's 15 horas. *Jornal do Commercio*. Recife, 30 de março de 1941. Vida Artistica. s. p.

OLIVEIRA, Valdemar de. Novo espectaculo do theatro infantil. *Jornal do Commercio*. Recife, 6 de abril de 1941. Vida Artistica. s. p.

OLIVEIRA, Valdemar de. "O Triumpho da Medicina" – O espectaculo de hontem, no Santa Isabel. *Jornal do Commercio*. Recife, 6 de abril de 1941. Vida Artistica. s. p.

OLIVEIRA, Valdemar de. "O Dr. Knock", em segunda e ultima representação, quinta-feira, em beneficio da futura sede da Sociedade de Medicina. *Jornal do Commercio*. Recife, 20 de abril de 1941. Vida Artistica. p. 5.

OLIVEIRA, Valdemar de. Novamente scena "Em Marcha Brasil!", – A mesma montagem e a mesma distribuição das representações anteriores. *Jornal do Commercio*. Recife, 20 de abril de 1941. Vida Artistica. p. 5.

OLIVEIRA, Valdemar de. Mais uma vez no Theatro Santa Isabel, "Em Marcha, Brasil!" – O espectaculo de hoje sera' em matinal, a's 10 horas. A mesma montagem e a mesma distribuição das representações anteriores. *Jornal do Commercio*. Recife, 27 de abril de 1941. Vida Artistica. s. p.

OLIVEIRA, Valdemar de. A Propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 11 de janeiro de 1942. Vida Artistica. p. 5.

OLIVEIRA, Valdemar de. Retrospecto do Recife Artistico, em 1941. *Jornal do Commercio*. Recife, 8 de fevereiro de 1942. Vida Artistica. p. 5.

OLIVEIRA, Valdemar de. A Propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 28 de janeiro de 1943. Notas de Arte. p. 10.

OLIVEIRA, Valdemar de. A Propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 10 de fevereiro de 1943. Notas de Arte. p. 8.

OLIVEIRA, Valdemar de. Grupo Infantil de Comédias. *Jornal do Commercio*. Recife, 13 de fevereiro de 1943. p. 8.

OLIVEIRA, Valdemar de. A Propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 23 de fevereiro de 1943. Notas de Arte. p. 10.

OLIVEIRA, Valdemar de. A Propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 26 de fevereiro de 1943. Notas de Arte. p. 8.

OLIVEIRA, Valdemar de. Retrospecto do Recife Artístico, em 1943. *Jornal do Commercio*. Recife, 30 de janeiro de 1944. Vida Artistica. p. 5.

CAMARGO, Jorací. O teatro da criança na Russia Soviética. *Jornal do Commercio*. Recife, 9 de abril de 1944. Vida Artistica. p. 10.

OLIVEIRA, Valdemar de. Vitorioso, o Teatro Escola do Amazonas. *Jornal do Commercio*. Recife, 8 de outubro de 1944. Vida Artistica. p. 5.

FILHO, Hermilo Borba. *Folha da Manhã*. Recife, 16 de dezembro de 1948. Fora de Cena. s. p.

Teatro de Brinquedo. *Jornal do Commercio*. Recife, 19 de outubro de 1949. Telas e Palcos. p. 2.

Anúncio "Cidade Maravilhosa". *Jornal do Commercio*. Recife, 3 de novembro de 1949. p. 12.

OLIVEIRA, Valdemar de. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 13 de novembro de 1949. Notas de Arte. p. 13.

Teatro de Amadores. *Jornal do Commercio*. Recife, 13 de novembro de 1949. p. 13.

Visita, hoje, a cidade do Cabo, o Teatro de Amadores de Catende. *Jornal do Commercio*. Recife, 23 de novembro de 1949. Noticias do Interior. p. 9.

OLIVEIRA, Valdemar de. A Propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 2 de dezembro de 1949. Notas de Arte. p.7.

Estreará brevemente o "Teatro de Brinquedo" – O novo conjunto desta capital – "Na Côrte do Rei Bolão", de Luiz Maranhão Filho. *Folha da Manhã*. Recife, 11 de agosto de 1950. Teatro, Rádio e Cinema. p. 7.

Grupo Infantil de Comédias. *Folha da Manhã*. Recife, 24 de agosto de 1950. Teatro, Rádio e Cinema. p. 12.

OLIVEIRA, Valdemar de. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 14 de novembro de 1950. Notas de Arte. p. 8.

FILHO, Isaac Gondim. Com o Grupo Infantil de Comédias. *Jornal do Commercio*. Recife, 28 de novembro de 1950. De Teatro. p. 4.

Teatro Almare. *Jornal do Commercio*. Recife, 15 de setembro de 1951, sábado. Telas e Palcos. p. 2.

"Uma Mulher Será Minha". Recife, 25 de setembro de 1951, terça-feira. *Jornal do Commercio*, Telas e Palcos. p. 7.

Recife, 28 de setembro de 1951, terça-feira. *Jornal do Commercio*, Notas de Arte – A Propósito... p. 4.

OLIVEIRA, Valdemar de. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 21 de outubro de 1951. Notas de Arte. p. 13.

OLIVEIRA, Valdemar de. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 26 de março de 1952. Artes e Artistas. p. 4.

B. J. As 3 peças do T.E.P. *Jornal do Commercio*. Recife, 1 de abril de 1952. Artes e Artistas/Teatro. p. 4.

"Teatro de Marionetes Monteiro Lobato". *Jornal do Commercio*. Recife, 10 de abril de 1952. Artes e Artistas. p. 4.

Teatro de Marionetes. *Jornal do Commercio*. Recife, 20 de abril de 1952. Artes e Artistas. p. 15.

B. J. "Nossos avós contaram...". *Jornal do Commercio*. Recife, 17 de junho de 1952. Artes e Artistas/Teatro. p. 4

Teatro Marista, domingo, em matinal/Teatro nos colégios. *Jornal do Commercio*. Recife, 11 de setembro de 1952. Artes e Artistas/Teatro. p. 4.

Última récita de "A Vida Continua Amanhã". *Jornal do Commercio*. Recife, 19 de setembro de 1952. Artes e Artistas/Teatro. p. 4.

Matinal, de "A Vida Continua Amanhã"/Teatro de Marionetes. Recife, domingo, 21 de setembro de 1952, *Jornal do Commercio*, Artes e Artistas/Teatro. s. p.

"O Despertar da Princesa". Recife, 11 de outubro de 1952, *Jornal do Commercio*, Artes e Artistas/Teatro. p. 4.

GONDIM FILHO, Isaac. Grupo Infantil de Comédias. *Diario de Pernambuco*. Recife, 31 de março de 1953. Teatro. p. 6.

Grupo Infantil de Comedias. *Diario de Pernambuco*. Recife, 22 de maio de 1953. Teatro. p. 6.

GONDIM FILHO, Isaac. "O Baile na Flôr". *Diario de Pernambuco*. Recife, 17 de junho de 1953. Teatro. p. 2.

"O Baile da Flôr", domingo, no Santa Isabel. *Diario de Pernambuco*. Recife, 19 de junho de 1953. Artes e Artistas. p. 2.

Grupo Infantil de Comedias. *Diario de Pernambuco*. Recife, 24 de julho de 1953. p. 6.

Teatro Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 9 de agosto de 1953. p. 8.

Teatro de Brinquedo. *Diario de Pernambuco*. Recife, 13 de agosto de 1953. p. 10.

GONDIM FILHO, Isaac. Três espetaculos. *Diario de Pernambuco*. Recife, 18 de agosto de 1953. Teatro. p. 9.

"O Príncipe Medroso" pelo "Teatro de Brinquedo" amanhã, às 10hs. no Sta. Isabel. *Diario de Pernambuco*. Recife, 22 de agosto de 1953. p. 11.

GONDIM FILHO, Isaac. Graça Melo deixa-nos. *Diario de Pernambuco*. Recife, 25 de agosto de 1953. Teatro. p. 8.

Grandioso espetaculo para crianças. *Diario de Pernambuco*. Recife, 27 de agosto de 1953. p. 5.

Espetaculos para crianças. *Diario de Pernambuco*. Recife, 28 de agosto de 1953. p. 7.

Especialmente para crianças. *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 de agosto de 1953. p. 5.

Um elenco de estrelas num espetaculo infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de setembro de 1953. p. 10.

O Teatro de Brinquedo apresentará a sua segunda peça domingo. *Diario de Pernambuco*. Recife, 11 de setembro de 1953. Teatro. p. 6.

Teatro para crianças. *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de setembro de 1953. Teatro. p. 8.

GONDIM FILHO, Isaac. O Soldadinho do Rei. *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de outubro de 1953. Teatro. p. 2.

GONDIM FILHO, Isaac. Teatro para crianças. *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de setembro de 1953. Teatro. p. 8.

GONDIM FILHO, Isaac. Palavras ao Sr. Afonso/Senhorzinho de Engenho. *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 de novembro de 1954. Teatro. p. 8.

GONDIM FILHO, Isaac. A estréia de hoje/"Premiére" de "Senhorzinho de Engenho". *Diario de Pernambuco*. Recife, 6 de novembro de 1954. Teatro. p. 5.

GONDIM FILHO, Isaac. "Senhorzinho de Enpenho". *Diario de Pernambuco*. Recife, 7 de novembro de 1954. Teatro. p. 13.

GONDIM FILHO, Isaac. "Senhorzinho de Engenho". *Diario de Pernambuco*. Recife, 10 de novembro de 1954. Teatro. p. 5.

GONDIM FILHO, Isaac. Grupo Infantil de Comedias. *Diario de Pernambuco*. Recife, 24 de novembro de 1954. Teatro. p. 5.

GONDIM FILHO, Isaac. Grupo Infantil de Comedias. *Diario de Pernambuco*. Recife, 28 de novembro de 1954. Teatro. p. 10.

GONDIM FILHO, Isaac. O Teatro de Brinquedo. *Diario de Pernambuco*. Recife, 7 de dezembro de 1954. Teatro. p. 9.

GONDIM FILHO, Isaac. Teatro Universitario. *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de dezembro de 1954. Teatro. p. 5.

Teatro Universitário. *Jornal do Commercio*. Recife, 29 de dezembro de 1954. Teatro. p. 6.

Anúncio Marionetes/Festa da Mocidade. *Jornal do Commercio*. Recife, 30 de dezembro de 1954. p. 3.

GONDIM FILHO, Isaac. Pontos a ressaltar. *Diario de Pernambuco*. Recife, 31 de dezembro de 1954. Teatro. p. 5.

Grupo Infantil de Comédias. *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de maio de 1955. Teatro. p. 5.

"A Princesa Maluca". *Diario de Pernambuco*. Recife, 22 de maio de 1955. p. 11.

Anúncio. Teatro Marrocos/Italo Cúrcio e sua Cia. de Comedia com Nair Ferreira/Filho de Sapateiro/A Bonequinha do Rei. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 maio de 1955. p. 25.

Anúncio. Teatro Marrocos/Italo Cúrcio e sua Cia. de Comedias com Nair Ferreira/Filho de Sapateiro/A Bonequinha do Rei. *Diario de Pernambuco*. Recife, 9 maio de 1955. p. 27.

Anúncio. Teatro Marrocos/Italo Cúrcio e sua Cia. de comedias com Nair Ferreira/Adão e Eva sem Paraiso/A Princezinha e a Bruxa Maldita. *Diario de Pernambuco*. Recife, 17 maio de 1955. p.15.

FILHO, Isaac Gondim. Grupo infantil de Comedias. *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 maio de 1955. Teatro. p. 5.

FILHO, Isaac Gondim. "A Princesa Maluca". *Diario de Pernambuco*. Recife, 22 maio de 1955. Teatro. p. 11.

FILHO, Isaac Gondim. Primeiro Festival Nortista de Teatro Amador. *Diario de Pernambuco*. Recife, 3 de junho de 1955. Teatro. p. 5.

Anúncio. Teatro Marrocos/Italo Cúrcio e sua Cia. de Comedias/Mulheres Proibidas/A Princesinha e a Bruxa Maldita/Nossa Gente é Assim. *Diario de Pernambuco*. Recife, 12 de junho de 1955. p. 25.

FILHO, Isaac Gondim. Grupo infantil de Comedias. *Diario de Pernambuco*. Recife, 22 de junho de 1955. Teatro. p. 5.

Anúncio. Teatro Marrocos/Italo Cúrcio e sua Cia. de Comedias/A Camisola do Anjo/A Princesinha e a Bruxa Maldita/Meu Filho Minha Vida... *Diario de Pernambuco*. Recife, 26 de junho de 1955. p. 27.

14º Aniversário do Grupo Infantil de Comédias. *Folha da Manhã*. Recife, 4 de maio de 1955. Os Espetáculos - As Artes/Teatro. p. 11.

Grupo Infantil de Comédias. *Folha da Manhã*. Recife, 21 de maio de 1955. Os Espetáculos - As Artes/Teatro. p. 11.

Grupo Infantil de Comédias. *Folha da Manhã*. Recife, 22 de maio de 1955. Os Espetáculos - As Artes/Teatro. p. 11.

Nova peça do autor Isaac Gondim Filho. *Folha da Manhã*. Recife, 1 de junho de 1955. Os Espetáculos - As Artes/Teatro. p. 11.

GONDIM FILHO, Isaac. Primeiro Festival Nortista de Teatro Amador. *Diario de Pernambuco*. Recife, 03 de junho de 1955. Teatro. s. p.

Grupo Infantil de Comédias. *Folha da Manhã*. Recife, 22 de junho de 1955. Os Espetáculos - As Artes/Teatro. p. 11.

Grupo Infantil de Comédias. *Folha da Manhã*. Recife, 23 de junho de 1955. Os Espetáculos - As Artes/Teatro. p. 9.

Teatro Marrocos - Cia. de Comédias Italo Cúrcio/ Grupo Infantil de Comédias. *Folha da Manhã*. Recife, 24 de junho de 1955. Os Espetáculos - As Artes/ Teatro. p. 9.

CAVALCANTI, Otávio. O Grupo Infantil de Comédias. *Folha da Manhã*. Recife, 28 de junho de 1955. Os Espetáculos - As Artes/Teatro. p. 11.

Grupo Infantil de Comédias. *Folha da Manhã*. Recife, 24 de setembro de 1955. Os Espetáculos - As Artes/ Artes. p. 10.

Grupo Infantil de Comédias. *Folha da Manhã*. Recife, 18 de outubro de 1955. Os Espetáculos - As Artes/ Teatro - Arte. p. 9.

Grupo Infantil de Comédias. *Folha da Manhã*. Recife, 20 de outubro de 1955. Os Espetáculos - As Artes. p. 9.

Grupo Infantil de Comédias. *Folha da Manhã*. Recife, 21 de outubro de 1955. Teatro - Arte. p. 6.

Grupo Infantil de Comédias. *Folha da Manhã*. Recife, 22 de outubro de 1955. Teatro - Arte. p. 6.

Teatro Marista/Musica, Divina Musica. *Folha da Manhã*. Recife, 5 de novembro de 1955. Teatro – Arte. p. 6.

Nova peça de Isaac Gondim Filho em cartaz. *Folha da Manhã*. Recife, 6 de novembro de 1955. Teatro – Arte. p. 12.

"Meus Santos Diabinhos" – Uma comédia para crianças. *Folha da Manhã*. Recife, 8 de novembro de 1955. Teatro – Arte. p. 6.

Uma comédia para crianças/"Teatro de Amadores Mirim"/"Música Divina Música" *Folha da Manhã*. Recife, 9 de novembro de 1955. Teatro – Arte. p. 6.

"Música, Divina Música" amanhã, no Santa Isabel/"A Pequena Cigana", no Santa Isabel. *Folha da Manhã*. Recife, 10 de novembro de 1955. Teatro – Arte. p. 6.

"Meus Santos Diabinhos" em quatro récitas apenas/ Hoje, no Santa Isabel "Música, Divina Música"/Festival Artistico no Santa Isabel. *Folha da Manhã*. Recife, 11 de novembro de 1955. Teatro – Arte. p. 6.

Espetáculos musicados na cena do Santa Isabel/ Próximo espetáculo do Teatro Marista. *Folha da Manhã*. Recife, 12 de novembro de 1955. Teatro – Arte. p. 9.

"Meus santos diabinhos" – Uma comédia para crianças de tôdas as idades/Transferido o espetáculo de "Música, Divina Música" *Folha da Manhã*. Recife, 13 de novembro de 1955. Teatro – Arte. p. 12.

Irá ao Santa Isabel o Grupo Infantil/Música, Divina Música/"Meus Santos Diabinhos" estrea hoje, no Sta. Isabel. *Folha da Manhã*. Recife, 15 de novembro de 1955. Teatro – Arte. p.13.

O espetáculo do Conjunto do Teatro Marrocos/Música, Divina Música. *Folha da Manhã*. Recife, 17 de novembro de 1955. Teatro – Arte. p. 9.

"Música Divina Musica"/Teatro dos Maristas. *Folha da Manhã*. Recife, 18 de novembro de 1955. Teatro – Arte. p. 9.

Novas récitas de "Meus Santos Diabinhos"/Festival de Arte no Santa Isabel. *Folha da Manhã*. Recife, 19 de novembro de 1955. Teatro – Arte. p. 5.

MARQUES, José Maria. "Música Divina Música". *Folha da Manhã*. Recife, 23 de novembro de 1955. Os Espetáculos - As Arte. p. 11.

Permanência de menores na Festa da Mocidade/a "Pequena Cigana" no Santa Isabel. *Folha da Manhã*. Recife, 23 de novembro de 1955. Os Espetáculos - As Arte. p. 11.

"Meus Santos Diabinhos"/"A Pequena Cigana". *Folha da Manhã*. Recife, 24 de novembro de 1955. Teatro – Arte. p. 11.

SOUZA, Sotero de. Os Diabinhos de Aderbal. *Folha da Manhã*. Recife, 25 de novembro de 1955. Teatro – Arte. p. 6.

Atrizes infantis. *Folha da Manhã*. Recife, 25 de novembro de 1955. Teatro – Arte. p. 6.

Artistas infantis/Teatro em Afogados – No Motocolombó Esporte Clube: "Angústias dum Coração Materno" . *Folha da Manhã*. Recife, 26 de novembro de 1955. Teatro – Arte. p. 11.

Hoje, no Santa Isabel, o Grupo Infantil de Comédias/"Musica, Divina Musica". *Folha da Manhã*. Recife, 27 de novembro de 1955. Os Espetáculos – As Artes. p. 11.

Voltará ao Santa Isabel o espetáculo musicado da DECA/"Musica, Divina Musica". *Folha da Manhã*. Recife, 29 de novembro de 1955. Teatro – Arte. p. 13.

Festival Infantil/ Maria Auxiliadora. *Folha da Manhã*. Recife, 6 dezembro de 1955. Teatro – Arte. p. 8.

Grupo Infantil de Comédias. *Folha da Manhã*. Recife, 14 de dezembro de 1955. Teatro – Arte. p. 6.

Grupo Infantil de Comédias. *Folha da Manhã*. Recife, 16 de dezembro de 1955. Teatro – Arte. p. 6.

Grupo Infantil de Comédias. *Folha da Manhã*. Recife, 17 de dezembro de 1955. Teatro – Arte. p. 6.

O Grupo Infantil de Comédias vence mais um ano de lutas. *Folha da Manhã*. Recife, 29 de dezembro de 1955. Teatro – Arte. s. p.

FILHO, Isaac Gondim. Uma peça infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 28 de fevereiro de 1956. Teatro. p. 5.

SUASSUNA, Ariano. A Crônica e a A. C. T. P. *Diario de Pernambuco*. Recife, 10 de janeiro de 1957. Teatro. p. 6.

Grupo Infantil de Comédias. *Diario de Pernambuco*. Recife, 10 de janeiro de 1957. Teatro. p. 6.

LEITE, Adeth. Espetáculos/O novo Marrocos. *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de janeiro de 1957. Teatro. p. 9.

CAVALCANTI, Otávio. Mais teatros para o Recife/"O Rei Mentiroso". Folha da Manhã. Recife, 17 de março de 1957. Teatro – Arte. p. 11.

Próxima inauguração do novo "Teatro Marrocos". Folha da Manhã. Recife, 21 de março de 1957. Teatro – Arte. p. 8.

Teatro Marrocos – Estréia hoje, na Praça da República, o novo teatro da Cia. Barreto Júnior. Folha da Manhã. Recife, 28 de março de 1957. Teatro – Arte. p. 2.

Teatro de Brinquedo – Domingo no Santa Isabel, com o "Rei Mentiroso", de volta ao palco/Grupo Infantil de Comédias. Folha da Manhã. Recife, de abril de 1957. Teatro – Arte. p. 8.

Grupo Infantil de Comedias. Folha da Manhã. Recife, 28 de abril de 1957. Teatro – Arte. p. 11.

Anúncio Santa Isabel do Teatro de Brinquedo/"O Rei Mentiroso". Folha da Manhã. Recife, 28 de abril de 1957. p. 8.

Teatro de Brinquedos, no Santa Isabel, com"O Rei Mentiroso" Folha da Manhã. Recife, 30de abril de 1957. Teatro – Arte. p. 8.

Teatro de Brinquedo hoje, em matinal *Folha da Manhã*. Recife, 1 de setembro de 1957. Teatro – Arte. p. 9.

Teatro de Brinquedo domingo, em matinée. *Folha da Manhã*. Recife, 5 de setembro de 1957. Teatro – Arte. p. 8.

Teatro de Brinquedos. *Folha da Manhã*. Recife, 15 de setembro de 1957. Teatro – Arte. p. 11.

Teatro de Brinquedo Hoje, no Santa Isabel, em vesperal, mais um espetáculo. *Folha da Manhã*. Recife, 22 de setembro de 1957. Teatro – Arte. p. 11.

"Teatro de Brinquedo – ùltima representação hoje, da peça O medroso" – Vesperal. *Folha da Manhã*. Recife, 29 de setembro de 1957. Teatro – Arte. p. 11.

Teatro de Brinquedo - hoje, último espetáculo. *Folha da Manhã*. Recife, 6 de outubro de 1957. Teatro – Arte. p. 13.

Grupo Infantil de Comédias. *Folha da Manhã*. Recife, 22 de outubro de 1957. Teatro – Arte. p. 8.

LEITE, Adeth. "O Rapto das Cebolinhas". *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de dezembro de 1957. Espetáculos. ps. 23 e 24.

Festa da Mocidade/êxito na programação diaria do tradicional certame estudantil. Diario de Pernambuco. Recife, 7 de dezembro de 1957. p. 6.

LEITE, Adeth. Barreto Filho/"A Princesa e o Feiticeiro". *Diario de Pernambuco*. Recife, 7 de dezembro de 1957. Espetáculos. p. 6.

LEITE, Adeth. O mês teatral. *Diario de Pernambuco*. Recife, 10 de dezembro de 1957. Espetáculos. p. 6.

LEITE, Adeth. O "Caso" dos Barretos. *Diario de Pernambuco*. Recife, 19 de dezembro de 1957. Espetáculos. p. 6.

LEITE, Adeth. Falta de pauta/Companhia portátil de revistas. *Diario de Pernambuco*. Recife, 19 de dezembro de 1957. Espetáculos. p. 15.

LEITE, Adeth. "A coisa agora vai". *Diario de Pernambuco*. Recife, 22 de dezembro de 1957. Espetáculos. p. 22.

Anúncio Cine – Teatro Capricho/a coisa agora vai. *Diario de Pernambuco*. Recife, 22 de dezembro de 1957. p. 27.

LEITE, Adeth. Os melhores interpretes de 1957. *Diario de Pernambuco*. Recife, 8 de janeiro de 1958. Espetáculos. p. 6.

LEITE, Adeth. Fumaram o cachimbo da paz. *Diario de Pernambuco*. Recife, 10 de janeiro de 1958. Espetáculos. p. 6.

LEITE, Adeth. Grupo Infantil de Comédias. *Diario de Pernambuco*. Recife, 23 de janeiro de 1958. Espetáculos. p. 6.

LEITE, Adeth. A premiação. *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de janeiro de 1958. Espetáculos. p. 6.

"Folha da Manhã" As crianças dos orfanatos – Dois espetaculos, no Sta. Isabel, com o "Grupo Infantil de Comédias". *Folha da Manhã*. Recife, 8 de setembro de 1958. Teatro. p. 3.

Eseptáculos Infantil, no Santa Isabel. *Folha da Manhã*. Recife, 5 de outubro de 1958. Teatro - Artes. p. 13.

Comemorações do "Dia das Crianças". *Folha da Manhã*. Recife, 12 de outubro de 1958. Teatro - Artes. p. 13.

Comédia/Amanhã, em Campo Grande". *Folha da Manhã*. Recife, 26 de outubro de 1958. Teatro - Artes. p. 7.

Surgiu o A P D – "O Violino Encantado". *Folha da Manhã*. Recife, 26 de outubro de 1958. Teatro - Artes. ps. 7 e 13.

Chegou a vez da petizada na Rádio Tamandaré – Cada audição de "O sítio do picapau amarelo" é um "sonho gostoso" até para gente grande. *Diario de Pernambuco*. Recife, 9 de novembro de 1958. Segunda Secção. p. 4.

LEITE, Adeth. "Onde Canta o Sabia'"/I Festival Brasileiro de Teatro de Bonecos/ O Violino Encantado. *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 de novembro de 1958. Espetáculos. p. 22.

LEITE, Adeth. "O Violino Encantado". *Diario de Pernambuco*. Recife, 7 de novembro de 1958. Espetáculos. p. 17.

LEITE, Adeth. Os Atores Profissionais Unidos. *Diario de Pernambuco*. Recife, 12 de novembro de 1958. Espetáculos. p.14.

LEITE, Adeth. "As Astucias do Primo Zeca". *Diario de Pernambuco*. Recife, 15 e 16 de novembro de 1958. Espetáculos. p. 22.

LEITE, Adeth. "O Violino Encantado"/Duas peças infantis. *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de novembro de 1958. Espetáculos. p. 20.

Teatro da Criança. *Diario de Pernambuco*. Recife, 25 de novembro de 1958. Teatro. p. 10.

LEITE, Adeth. Movimento Teatral de outubro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 28 de novembro de 1958. Espetáculos. p. 6.

LEITE, Adeth. Falta de teatros/Companhia de Marionetes. *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de novembro de 1958. Espetáculos. p. 14.

Anúncio A nova festa da Mocidade/Primeira grande matinée infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 de novembro de 1958. p. 14.

LEITE, Adeth. O Teatro de Marionetes encerrará domingo sua temporada no Recife. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de janeiro de 1959. p. 14.

Anúncio Teatro Marrocos/Companhia Internacional de Marionetas. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de janeiro de 1959. p. 27.

LEITE, Adeth. Voto a descoberto/Teatro de Marionetes. *Diario de Pernambuco*. Recife, 3 de janeiro de 1959. Espetáculos. p. 8.

LEITE, Adeth. Dezembro teatral. *Diario de Pernambuco*. Recife, 13 de janeiro de 1959. Espetáculos. p. 8.

GONDIM FILHO, Isaac. A estréia de hoje. Recife, s. d., 1959. s. p.

LEITE, Adeth. O certame de Maceió/Excursiona o Teatro do DECA. *Diario de Pernambuco*. Recife, 17 de janeiro de 1959. Espetáculos. p. 8.

LEITE, Adeth. Artes e artistas – III Festival Nortista de Teatro Amador. *Diario de Pernambuco*. Recife, 24 de janeiro de 1959. Espetáculos. p. 9.

Inaugura-se, hoje, o Teatro de Arena. *Diario de Pernambuco*. Recife, 13 de maio de 1960. Primeiro Caderno. p.3.

LEITE, Adeth. Nos bastidores. *Diario de Pernambuco*. Recife, 13 de dezembro de 1959. p. 3.

LEITE, Adeth. Nos bastidores/Os melhores de 1959. *Diario de Pernambuco*. Recife, 17 de dezembro de 1959. p. 3.

LEITE, Adeth. Nos bastidores/Teatro Caça-Niquel. *Diario de Pernambuco*. Recife, 25 de dezembro de 1959. p. 3.

LEITE, Adeth. Nos bastidores/Estréia. *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de dezembro de 1959. p. 3.

PONTES, Joel. Ficou para 15. *Diario de Pernambuco*. Recife, 06 de dezembro de 1960. Segundo Caderno. Diario Artistico. p. 3.

PONTES, Joel. Depois de amanhã. *Diario de Pernambuco*. Recife, 13 de dezembro de 1960. Segundo Caderno. Diario Artistico. p. 3.

PONTES, Joel. Espetáculos de hoje. *Diario de Pernambuco*. Recife, 18 de dezembro de 1960. Terceiro Caderno. Diario Artistico. p. 4.

PONTES, Joel. "O Pequeno Principe". *Diario de Pernambuco*. Recife, 20 de dezembro de 1960. Segundo Caderno. Diario Artistico. p. 3.

PONTES, Joel. O semestre no teatro (3). *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de julho de 1962. Segundo Caderno. Diário Artístico. p. 3.

LEITE, Adeth. Inicia-se, no próximo dia 7, em caruaru, o Festival de Teatros Estudantis do NE. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de julho de 1962. Segundo Caderno. p. 3.

LEITE, Adeth. Festival de Caruaru. *Diario de Pernambuco*. Recife, 3 de julho de 1962. Segundo Caderno. s. p.

PONTES, Joel. Programa do Festival. *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 de julho de 1962. Segundo Caderno. Diário Artístico. p. 11.

LEITE, Adeth. Considerações em tôrno do Festival de Caruaru, a ter início no dia 7. *Diario de Pernambuco*. Recife, 5 de julho de 1962. Segundo Caderno. p. 11.

PONTES, Joel. Os premiados. *Diario de Pernambuco*. Recife, 18 de julho de 1962. Segundo Caderno. Diário Artístico. p. 3.

PONTES, Joel. Acontecimentos do Festival (8). *Diario de Pernambuco*. Recife, 19 de julho de 1962. Segundo Caderno. Diário Artístico. p. 11.

LEITE, Adeth. Temporada. *Diario de Pernambuco*. Recife, 24 de julho de 1962. Segundo Caderno. p. 3.

PONTES, Joel. Programas. *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de julho de 1962. Segundo Caderno. Diário Artístico. p. 3.

PONTES, Joel. Sôbre um texto. *Diario de Pernambuco*. Recife, 31 de julho de 1962. Segundo Caderno. Diário Artístico. p. 3.

PONTES, Joel. Espetaculo cancelado/Domingo, para crianças. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de novembro de 1962. Segundo Caderno. Diário Artístico. p. 3.

PONTES, Joel. O violino das crianças. *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 de novembro de 1962. Segundo Caderno. Diário Artístico. p. 3.

LEITE, Adeth. Operetas infantis/Cartazes do dia. *Diario de Pernambuco*. Recife, 18 de novembro de 1962. Segundo Caderno. p. 3.

LEITE, Adeth. Hoje, no Santa Isabel, serão montadas duas operetas infantis pelos alunos do Colégio A. Batista. *Diario de Pernambuco*. Recife, 20 de novembro de 1962. Segundo Caderno. p. 3.

PONTES, Joel. Teatro Cocuyo. *Diario de Pernambuco*. Recife, 22 de novembro de 1962. Segundo Caderno. Diário Artístico. p. 3.

PONTES, Joel. Um do Casaco/Dois do Casaco/Três do Casaco/Quatro do Casaco. *Diario de Pernambuco*. Recife, 18 de julho de 1963. Segundo Caderno/ Diário Artístico. p. 1.

LEITE, Adeth. Pluft – O Fantasminha. *Diario de Pernambuco*. Recife, 3 de outubro de 1963. Segundo Caderno. p. 3.

LEITE, Adeth. Teatro Phoenix. *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de dezembro de 1963. Segundo Caderno. p. 3.

LEITE, Adeth. Do Rio a Maceió, a partir de 10 do corrente, o Conselho Nacional realizará a "Caravana de Cultura". *Diario de Pernambuco*. Recife, 5 de janeiro de 1964. Segundo Caderno. p. 2.

LEITE, Adeth. Lembrete para a escolha dos "melhores" do teatro em Pernambuco durante 1963. *Diario de Pernambuco*. Recife, 8 de janeiro de 1964. Segundo Caderno/Teatro Quase Sempre. p. 1.

Melhores do teatro em 1963 serão escolhidos hoje pelos cronistas. *Diario de Pernambuco*. Recife, 15 de janeiro de 1964. Segundo Caderno. p. 1.

Escolhidos ontem à noite, os "melhores do teatro em 1963". *Diario de Pernambuco*. Recife, 16 de janeiro de 1964. Segundo Caderno. p. 3.

LEITE, Adeth. Cachos. *Diario de Pernambuco*. Recife, 17 de janeiro de 1964. Segundo Caderno/Teatro Quase Sempre. p. 1.

LEITE, Adeth. Retrospecto do ano teatral. *Diario de Pernambuco*. Recife, 2 de dezembro de 1964. Segundo Caderno/Teatro Quase Sempre. p. 3.

LEITE, Adeth. Lembrete para a premiação dos melhores da cênica local: os "metteurs-em-scène". *Diario de Pernambuco*. Recife, 3 de dezembro de 1964. Segundo Caderno/Teatro Quase Sempre. p. 3.

LEITE, Adeth. Apontamentos de nomes para escôlhas dos "melhores" de nossas ribaltas. *Diario de Pernambuco*. Recife, 5 de dezembro de 1964. Segundo Caderno/Teatro Quase Sempre. p. 1.

LEITE, Adeth. Cenaristas pernambucanos na temporada teatral de 1964. *Diario de Pernambuco*. Recife, 8 de dezembro de 1964. Segundo Caderno/Teatro Quase Sempre. p. 3.

LEITE, Adeth. Inqualificável, artisticamente o teatro rebolado exibido no Recife. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de janeiro de 1965. Segundo Caderno/Teatro Quase Sempre. p. 3.

LEITE, Adeth. ACTP escolherá "os melhores" do teatro de 1964, no dia 15 do corrente. *Diario de Pernambuco*. Recife, 7 de janeiro de 1965. Segundo Caderno/Teatro Quase Sempre. p. 1.

LEITE, Adeth. ACTP escolherá hoje "os melhores" do teatro pernambucano em 1964. *Diario de Pernambuco*. Recife, 15 de janeiro de 1965. Segundo Caderno/Teatro Quase Sempre. p. 1.

Voltou à estaca zero o movimento teatral. *Diario de Pernambuco*. Recife, 27 de janeiro de 1965. Segundo Caderno/Teatro Quase Sempre. p. 3.

Anúncio Teatro Popular do Nordeste. *Jornal do Commercio*. Recife, 1 de setembro de 1966. p. 7.

"O Inspetor" é recordista em representações teatrais. *Jornal do Commercio*. Recife, 13 de setembro de 1966. p. 7.

SOARES, Ivan. Dois Assuntos. *Jornal do Commercio*. Recife, 18 de setembro de 1966. Caderno IV, Teatro. s. p.

W (OLIVEIRA, Valdemar de). *Jornal do Commercio*. Recife, 7 de outubro de 1966. A Propósito... p. 6.

Anúncio Festa da Criança. *Jornal do Commercio*. Recife, 8 de outubro de 1966. p. 6.

Colégio das Damas encenará Exupéry. *Jornal do Commercio*. Recife, 9 de outubro de 1966. p. 12.

Data universal das crianças é comemorada hoje, com festividades. *Jornal do Commercio*. Recife, 12 de outubro de 1966. p. 20.

SOARES, Ivan. Movimento. *Jornal do Commercio*. Recife, 16 de outubro de 1966. Caderno IV, Teatro. p. 2.

CAVALCANTI, Medeiros. A semente que morreu. *Jornal do Commercio*. Recife, 22 de outubro de 1966. Teatro. p. 7.

CAVALCANTI, Medeiros. Curtinho... pra sair. *Jornal do Commercio*. Recife, 25 de outubro de 1966. Teatro. p. 7.

CAVALCANTI, Medeiros. Várias. *Jornal do Commercio*. Recife, 26 de outubro de 1966. Teatro. p. 7.

CAVALCANTI, Medeiros. Aquêles que dançam (até hoje) – V/Notas. *Jornal do Commercio*. Recife, 20 de novembro de 1966. Teatro. p. 7.

CAVALCANTI, Medeiros. Vem ai "O Cavalinho Azul". *Jornal do Commercio*. Recife, 3 de dezembro de 1966. Teatro. p. 7.

OLIVEIRA, Valdemar de. (W.). A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 10 de dezembro de 1966. p. 7.

Anuncio Teatro Popular do Nordeste/"Um Inimigo do Povo"/"O Cavalinho Azul". *Jornal do Commercio*. Recife, 24 de dezembro de 1966. p. 13.

LEITE, Adeth. Movimento teatral de Recife em 1966. *Diario de Pernambuco*. Recife, 12 de janeiro de 1967. Segundo Caderno/Teatro, Quase Sempre. p. 3.

LEITE, Adeth. Hoje a escolha dos "melhores" no teatro de Pernambuco em 66. *Diario de Pernambuco*. Recife, 14 de janeiro de 1967. Segundo Caderno/Teatro, Quase Sempre. p. 3.

LEITE, Adeth. Desinteresse pelos teatros do Recife. *Diario de Pernambuco*. Recife, 26 de janeiro de 1967. Segundo Caderno/Teatro, Quase Sempre. p. 3.

LEITE, Adeth. Anúncios Teatro de Brinquedo/"O Rei Mentiroso" e Teatro Popular do Nordeste/"Um Inimigo do Povo" e "O Cavalinho Azul". *Diario de Pernambuco*. Recife, 28 de janeiro de 1967. Segundo Caderno. p. 7.

LEITE, Adeth. Boca de cena. *Diario de Pernambuco*. Recife, 10 de dezembro de 1967. Segundo Caderno/Teatro, Quase Sempre. p. 3.

LEITE, Adeth. Espetáculos itinerantes no Recife durante este ano. *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de dezembro de 1967. Segundo Caderno/Teatro, Quase Sempre. p. 11.

LEITE, Adeth. A Árvore que Andava. *Diario de Pernambuco*. Recife, 5 de janeiro de 1968. Segundo Caderno/Teatro, Quase Sempre. p. 9.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Clube de Teatro Infantil/"A Árvore que Andava". *Diario de Pernambuco*. Recife, 6 de janeiro de 1968. p. 9.

LEITE, Adeth. 40 anos de batente profissional do velho ator Barreto Júnior/Suspensa a temporada. *Diario de Pernambuco*. Recife, 7 de janeiro de 1968. Segundo Caderno/Teatro, Quase Sempre. p. 13.

LEITE, Adeth. Íntegra do decreto que tornou inacessível o acesso ao teatro/Bôca de Cena. *Diario de Pernambuco*. Recife, 9 de janeiro de 1968. Segundo Caderno/Teatro, Quase Sempre. p. 11.

LEITE, Adeth. No Recife, Movimento cênico no Recife durante o exercício de 1967/Bôca de Cena. *Diario de Pernambuco*. Recife, 12 de janeiro de 1968. Segundo Caderno/Teatro, Quase Sempre. p. 9.

LEITE, Adeth. Amanhã a escolha dos "melhores" do teatro em Pernambuco em 1967/Bôca de Cena. *Diario de Pernambuco*. Recife, 14 de janeiro de 1968. Segundo Caderno/Teatro, Quase Sempre. p. 15.

LEITE, Adeth. Bôca de Cena. *Diario de Pernambuco*. Recife, 17 de janeiro de 1968. Segundo Caderno/Teatro, Quase Sempre. p. 9.

LEITE, Adeth. O trôco e mais um cruzado/Bôca de Cena. *Diario de Pernambuco*. Recife, 20 de janeiro de 1968. Segundo Caderno/Teatro, Quase Sempre. p. 9.

LEITE, Adeth. V Festival Nacional de Teatros de Estudantes/Escolha dos melhores. *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de janeiro de 1968. Segundo Caderno/Teatro, Quase Sempre. p. 15.

LEITE, Adeth. Pela primeira vez a ACTP não distribuiu o prêmio "Vânia Souto Carvalho"/Bôca de Cena. *Diario de Pernambuco*. Recife, 25 de janeiro de 1968. Segundo Caderno/Teatro, Quase Sempre. p. 11.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Clube de Teatro Infantil/"A Árvore que Andava" *Diario de Pernambuco*. Recife, 27 de janeiro de 1968. p. 9.

LEITE, Adeth. Movimento teatral no Recife em 1968. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de janeiro de 1969. Segundo Caderno/Teatro, Quase Sempre. p. 5.

LEITE, Adeth. Bôca de Cena. *Diario de Pernambuco*. Recife, 5 de janeiro de 1969. Segundo Caderno/Teatro, Quase Sempre. p. 6.

LEITE, Adeth. Teatro do Parque e Cine-Teatro do Parque/Bôca de Cena. *Diario de Pernambuco*. Recife, 8 de janeiro de 1969. Segundo Caderno/Teatro, Quase Sempre. p. 5.

LEITE, Adeth. Bôca de Cena. *Diario de Pernambuco*. Recife, 12 de janeiro de 1969. Segundo Caderno/Teatro, Quase Sempre. p. 17.

LEITE, Adeth. Bôca de Cena. *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de janeiro de 1969. Segundo Caderno/Teatro, Quase Sempre. p. 6.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Clube de Teatro Infantil/"A Àrvore que Andava". *Diario de Pernambuco*. Recife, 22 de janeiro de 1969. Segundo Caderno. p. 9.

LEITE, Adeth. Clube de Teatro Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de maio de 1969. Teatro, Quase Sempre. s. p.

SOARES, Ivan. Teatro para crianças. *Diario da Noite*. Recife, 22 de maio de 1969. Segundo Caderno/Cinema & Teatro. s. p.

LEITE, Adeth. *Diario de Pernambuco*. Recife, 24 de maio de 1969. Teatro, Quase Sempre. s. p.

LEITE, Adeth. O Jacaré Azul. *Diario de Pernambuco*. Recife, 25 de maio de 1969. Teatro, Quase Sempre. s. p.

ISNAR. Aplausos para Otto &. *Jornal do Commercio*. Recife, 31 de maio de 1969. Registo (sic). s. p.

LEITE, Adeth. Clube de Teatro Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de junho de 1969. Teatro, Quase Sempre. s. p.

LEITE, Adeth. Verbas - eis a questão. *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 de dezembro de 1969. Segundo Caderno. p. 5.

LEITE, Adeth. Cartazes do dia. *Diario de Pernambuco*. Recife, 5 de dezembro de 1969. Segundo Caderno. p. 5.

LEITE, Adeth. Retrospectiva de 1969 - Teatro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 24 de dezembro de 1969. Segundo Caderno. p. 5.

Anúncio Teatro Popular do Nordeste/Teatroneco – Cecosne. *Diario de Pernambuco*. Recife, 25 de dezembro 1969. Segundo Caderno. p. 15.

LEITE, Adeth. Teatro Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 26 de dezembro de 1969. Terceiro Caderno. p. 7.

Anúncio I FEBRAC – Feira Brasileira da Criança. *Diario de Pernambuco*. Recife, 20 de dezembro de 1970. Segundo Caderno. p. 4.

Anúncio I FEBRAC – Feira Brasileira da Criança *Diario de Pernambuco*. Recife, 23 de dezembro de 1970. Primeiro Caderno. p. 9.

LEITE, Adeth. "Piccolo Show" fêz sucesso em Fortaleza. *Diario de Pernambuco*. Recife, 31 de dezembro de 1970. Segundo Caderno/Teatro, Quase Sempre. p. 6.

LEITE, Adeth. Teatro de Marionetes Monteiro Lobato. *Diario de Pernambuco*. Recife, 12 de janeiro de 1971. Segundo Caderno. p. 2.

LEITE, Adeth. Grupo Aprendizagem. *Diario de Pernambuco*. Recife, 15 de janeiro de 1971. Segundo Caderno/Teatro, Quase Sempre/Flashes Artísticos. p. 9.

Anúncio Nosso Teatro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de dezembro de 1971. Segundo Caderno. p. 4.

LEITE, Adeth. Teatro no Recife e no Rio, Por Exemplo. *Diario de Pernambuco*. Recife, 17 de dezembro de 1971. Segundo Caderno/Teatro, Quase Sempre. p. 8.

LEITE, Adeth. Temporada Circense. *Diario de Pernambuco*. Recife, 18 de dezembro de 1971. Segundo Caderno/Teatro, Quase Sempre/Flashes Artísticos. p. 8.

LEITE, Adeth. Teatro Amador. *Diario de Pernambuco*. Recife, 12 de janeiro de 1972. Segundo Caderno/Teatro, Quase Sempre. p. 8.

LEITE, Adeth. Plano de Montagens de Oto Prado Para Êste Ano. *Diario de Pernambuco*. Recife, 25 de janeiro de 1972. Segundo Caderno/Teatro, Quase Sempre. p. 8.

Circo da Raposa Malhada. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de dezembro de 1972. Segundo Caderno. p. 11.

Festa Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 3 de dezembro de 1972. Segundo Caderno. p. 13.

Anúncios Nosso Teatro/Teatros Municipais. *Diario de Pernambuco*. Recife, 3 de dezembro de 1972. Terceiro Caderno. p. 2.

Teatros Municipais/Nosso Teatro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 8 de dezembro de 1972. Segundo Caderno. p. 5.

Hoje tem Espetáculo no "Circo da Raposa Malhada". *Diario de Pernambuco*. Recife, 8 de dezembro de 1972. Suplemento Infantil do *Diario de Pernambuco*. p. 25.

Anúncios Teatros Municipais/Nosso Teatro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 12 de dezembro de 1972. Segundo Caderno. p. 5.

Os Libertos. *Diario de Pernambuco*. Recife, 16 de dezembro de 1972. Segundo Caderno. p. 9.

REIS, Loyde Alves Marques dos. Branca de Neve e os Sete Anões. *Diario de Pernambuco*. Recife, 16 de dezembro de 1972. Suplemento Infantil do *Diario de Pernambuco*. p. 10.

O Coelhinho Falador. *Diario de Pernambuco*. Recife, 17 de dezembro de 1972. p. 21.

Teatro Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 24 de dezembro de 1972. Segundo Caderno. p. 15.

LEITE, Adeth. Teatro Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 de dezembro de 1972. Segundo Caderno. p. 14.

Jornal de Commercio. Recife, 18 de março de 1973. s. p.

Você Gosta de Sopa? E de Flores? *Diario de Pernambuco*. Recife, 14 de julho de 1973. Segundo Caderno. s. p.

Diario de Pernambuco. Recife, 21 de julho de 1973. s. p.

Teatros. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de dezembro de 1973. Segundo Caderno/Roteiro. p. 5.

Anúncio Nosso Teatro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 3 dezembro de 1973. Segundo Caderno. p. 2.

Anúncio Parque da Fecin. *Diario de Pernambuco*. Recife, 16 dezembro de 1973. Primeiro Caderno/Esportes. p. 20.

Anúncio Teatros Municipais. *Diario de Pernambuco*. Recife, 16 dezembro de 1973. p. 20.

Jornal do Commercio. Recife, 9 de março de 1974. s. p.

JÚNIOR, Antonio Aguiar. Teatroneco no Teatro Nacional de Comédias. *Jornal do Commercio*. Recife, 18 de agosto de 1974. Caderno IV/Teatro. p. 2.

"Terra Adorada" estréia e faz muito sucesso junto ao público infantil presente. *Jornal do Commercio*. Recife, 31 de agosto de 1974. Caderno II. p. 2.

AGUIAR, Tonico. Um Menino Jesus Dorminhoco – Auto de Natal! *Jornal do Commercio*. Recife, 22 de dezembro de 1974. Caderno IV/Teatro. p. 3.

AGUIAR, Tonico. O acontecimento de base em 1974. *Jornal do Commercio*. Recife, 29 de dezembro de 1974. s. p.

COUTINHO, Valdi. A Verba do SNT/Projeto/A Comissão Julgadora/Festival de Bonecos. *Diario de Pernambuco*. Recife, 6 de janeiro de 1975. Quinto Caderno/Diversões/Cena Aberta. p. B-10.

Jornal do Commercio. Recife, 25 de janeiro de 1975.

Diario de Pernambuco. Recife, 13 de julho de 1975.

AGUIAR, Tonico. O Festival está aí/Apresentando: *Jornal do Commercio*. Recife, 7 de setembro de 1975. Caderno IV/Teatro. p. 3.

Diario de Pernambuco. Recife, 27 de setembro de 1975.

Grupo "Pinóia" traz Espantalhos Encantados. *Diario de Pernambuco*. Recife, 18 de outubro de 1975. Segundo Caderno. p. 6.

TEA em Limoeiro. *Jornal Vanguarda*. Caruaru, 19 de outubro de 1975. s. p.

COUTINHO, Valdi. As Beatas. *Diario de Pernambuco*. Recife, 20 de novembro de 1975. Diversões/Arte. p. 10.

Sepultamento de Adeth Será Hoje à Tarde. *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de novembro de 1975. Primeiro Cadernos/Local Estadual. p. 3.

Teatro Infantil Lança "O Coelhinho Falador". *Diario de Pernambuco*. Recife, 22 de novembro de 1975. Segundo Caderno. s. p.

COUTINHO, Valdi. Teatro Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 23 de novembro de 1975. Quarto Caderno/Arte. p. 4.

COUTINHO, Valdi. Teatro Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 25 de novembro de 1975. Segundo Caderno/Diversões. p. 10.

COUTINHO, Valdi. Uma Elogiável Experiência. *Diario de Pernambuco*. Recife, 26 de novembro de 1975. Segundo Caderno/Diversos/Arte. p. 10.

A Revolta dos Brinquedos – 1975. Acervo TAP. s. d.

Anúncio Nosso Teatro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de dezembro de 1975. Esportes. p. 6.

Teatros. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de dezembro de 1975. Primeiro Caderno. p. 6.

Teatros. *Diario de Pernambuco*. Recife, 2 de dezembro de 1975. Segundo Caderno. p. 6.

Teatros. *Diario de Pernambuco*. Recife, 3 de dezembro de 1975. Segundo Caderno. p. 6.

Teatros. *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 de dezembro de 1975. Diversões. p. 6.

Teatros. *Diario de Pernambuco*. Recife, 5 de dezembro de 1975. Segundo Caderno. p. 6.

Febem Oferece Peça Infantil a Garotos. *Diario de Pernambuco*. Recife, 12 de dezembro de 1975. Primeiro Caderno/Educação e Cultura. p. 6.

COUTINHO, Valdi. O Castelo do Mulumi. *Diario de Pernambuco*. Recife, 13 de dezembro de 1975. Diversões/Arte. p. 10.

Anúncio TAP – Júnior. *Diario de Pernambuco*. Recife, 18 de dezembro de 1975. Segundo Caderno/Local Estadual. p. 11.

COUTINHO, Valdi. Maria Minhoca/Marca do Sucesso. *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de dezembro de 1975. Terceiro Caderno/Cena Aberta. p. 9.

Teatros e Retreta na Programação Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de dezembro de 1975. Quarto Caderno. p. 2.

COUTINHO, Valdi. Legalização de Grupos. *Diario de Pernambuco*. Recife, 23 de dezembro de 1975. Segundo Caderno/Cena Aberta. p. 10.

COUTINHO, Valdi. *Diario de Pernambuco*. Recife, 31 de dezembro de 1975. Segundo Caderno/Diversões/Cena Aberta. p. 10.

Teatro: O Êxito Veio do Sul Para Atingir Recife. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de janeiro de 1976. Retrospectiva Cultura/Teatro. p. 6.

COUTINHO, Valdi. Mensagem Teatral. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de janeiro de 1976. Segundo Caderno/Diversões/Cena Aberta. p. 11.

COUTINHO, Valdi. Troupe Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 3 de janeiro de 1976. Diversões/Cena Aberta. p. 10.

COUTINHO, Valdi. *Diario de Pernambuco*. Recife, 7 de janeiro de 1976. Diversões/Cena Aberta. p. 10.

Festival de Marionetes Reúne Grupos no Recife. *Diario de Pernambuco*. Recife, 7 de janeiro de 1976, Segundo Caderno/Roteiro. p. 6.

COUTINHO, Valdi. Hoje Tem Festival. *Diario de Pernambuco*. Recife, 9 de janeiro de 1976. Segundo Caderno/Diversões/Cena Aberta. p. 10.

COUTINHO, Valdi. Infantil no Parque/Uma Nova Experiência/Pioneiro em Bonecos. *Diario de Pernambuco*. Recife, 15 de janeiro de 1976. Segundo Caderno/Diversões/Cena Aberta. p. 10.

Jornal do Commercio. Recife, 20 de fevereiro de 1976. s. p.

PIMENTEL, José. "Na criança o futuro do teatro". *Jornal da Cidade*. Recife, 12 - 18 de junho de 1976. s. p.

Diario de Pernambuco. Recife, 16 de agosto de 1976. s. p.

COUTINHO, Valdi. Mamulengo Vai para Teresina. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de outubro de 1976. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. B-5.

COUTINHO, Valdi. Vamos ao Teatro Neste Fim de Semana/Várias. *Diario de Pernambuco*. Recife, 2 de outubro de 1976. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. B-5.

Teatro do Parque Tem Hoje Peça Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 3 de outubro de 1976. Caderno Viver/Roteiro. p. B-8.

DANTAS, Anamélia. Leandro: "Teatro Infantil Desperta o Instinto Criativo". *Diario de Pernambuco*. Recife, 3 de outubro de 1976. Gente. p. 2.

COUTINHO, Valdi. Associação do Bandepe Promove Peça Infantil/Vamos ao Teatro Neste Fim-de-Semana. *Diario de Pernambuco*. Recife, 9 de outubro de 1976. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. B-5.

COUTINHO, Valdi. Alguns Lembretes. *Diario de Pernambuco*. Recife, 10 de outubro de 1976. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. B-5.

"A Lesma e o Caracol" na Festa da Criança. *Diario de Pernambuco*. Recife, 10 de outubro de 1976. Caderno Viver/Roteiro. p. B-8.

COUTINHO, Valdi. Várias. *Diario de Pernambuco*. Recife, 12 de outubro de 1976. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. B-5.

COUTINHO, Valdi. Fetape Indica Dois Grupos para Representar o Estado/Bons Espetáculos. *Diario de Pernambuco*. Recife, 15 de outubro de 1976. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. B-5.

Festa da Criança. *Diario de Pernambuco*. Recife, 17 de dezembro de 1976. Caderno Viver/Diversões. p. B-5.

Teatros. *Diario de Pernambuco*. Recife, 17 de dezembro de 1976. Caderno Viver/Roteiro. p. B-7.

COUTINHO, Valdi. Peça Infantil no Sítio do Pica-Pau-Amarelo. *Diario de Pernambuco*. Recife, 19 de dezembro de 1976. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. B-5.

"Pirata Tubarão" no Nosso Teatro Dia 26. *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de dezembro de 1976. Caderno Viver/Roteiro. p. B-7.

COUTINHO, Valdi. Estréia de Piolin. *Diario de Pernambuco*. Recife, 22 de dezembro de 1976. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. B-5.

COUTINHO, Valdi. *Diario de Pernambuco*. Recife, 24 de dezembro de 1976. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. B-5.

COUTINHO, Valdi. "O Pirata Tubarão" Amanhã no Nosso Teatro/Outro Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 25 de dezembro de 1976. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. B-5.

"A Lesma e o Caracol" Anima a Garotada Hoje. *Diario de Pernambuco*. Recife, 25 de dezembro de 1976. Caderno Viver/Roteiro. p. B-7.

COUTINHO, Valdi. Pedacinho de Lua tem Estréia Adiada. *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de dezembro de 1976. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. B-5.

COUTINHO, Valdi. A Festa, O Circo, A Reflexão: Tem Boneco no "Pedacinho de Lua". *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de dezembro de 1976. Caderno Geral/Viver. p. B-8.

GUIMARÃES, Anamaria. Paulo de Castro, o Teatro da Criança e o pirata tubarão. *Diario de Pernambuco*. Recife, 16 de janeiro de 1977. Domingo/Arte. p. 2.

COUTINHO, Valdi. Mamulengo: Brincadeira Teatral do "Só-Riso". *Diario de Pernambuco*. Recife, 10 de março de 1977. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. B-5.

Diario de Pernambuco. Recife, 13 de maio de 1977. s. p.

CABRAL, Sanelvo. Cordel Três Inaugura Teatro Casa da Cultura. *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 de novembro de 1977. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. B-5.

COUTINHO, Valdi. "A Oncinha Vermelha" Se despede e Volta em Janeiro/A Duquesa dos Cajus. *Diario de Pernambuco*. Recife, 18 de dezembro de 1977. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. B-9.

COUTINHO, Valdi. Teatro da Criança do Recife Promove Espetáculo Especial. *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de dezembro de 1977. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. B-5.

Pimpão é Atração de Circo/Sesc Organiza Teatro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 24 de dezembro de 1977. Educação e Cultura. p. E-8.

COUTINHO, Valdi. Arena Guararapes. *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de dezembro de 1977. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. B-5.

COUTINHO, Valdi. Teatro em Pernambuco Foi Bem Quantitativo. *Diario de Pernambuco*. Recife, 31 de dezembro de 1977. Cinema/Teatro. p. B-8.

Grupo Cênico do Núcleo das Bandeirantes de Caruaru. Pluft, o fantasminha, no palco da Rádio Difusora. *Jornal Vanguarda*. Caruaru, 15 de abril de 1978. N° 5.403, Ano XLVI. p. 1.

CABRAL, Sanelvo. Teatro Infantil Tem Festival no Parque. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de junho de 1978. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. B-5.

COUTINHO, Valdi. Grupos Locais e do Sul São as Atrações Deste Domingo. *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 de junho de 1978. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. B-9.

COUTINHO, Valdi. No Parque. *Diario de Pernambuco*. Recife, 5 de junho de 1978. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. B-5.

COUTINHO, Valdi. Teatro Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 8 de junho de 1978. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. B-5.

COUTINHO, Valdi. Festival de Teatro Infantil Termina Hoje no Parque/"Maria Minhoca". *Diario de Pernambuco*. Recife, 11 de junho de 1978. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. B-9.

COUTINHO, Valdi. Inscrições para Congresso de Teatro Continuam Abertas/Em Cartaz. *Diario de Pernambuco*. Recife, 23 de junho de 1978. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. B-5.

COUTINHO, Valdi. *Diario de Pernambuco*. Recife, 20 de julho de 1978. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. s. p.

A volta da alegria de "Os saltimbancos". *Jornal do Commercio*. Recife, 29 de julho de 1978. Caderno C. p. 1.

COUTINHO, Valdi. Teatro infantil tem nova faixa de horário. *Diario de Pernambuco*. Recife, 6 de agosto de 1978. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. B-9.

BELO, Reinaldo. "Pipoquinha": um palhaço que quer educar fazendo graça. *Diario de Pernambuco*. Recife, 11 de agosto de 1978. Caderno Viver/Secção B, Página Um.

Teatros. *Diario de Pernambuco*. Recife, 16 de dezembro de 1978. Caderno Viver/Roteiro. p. C-6.

COUTINHO, Valdi. Duas Encenações Para os Festejos de Época. *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 de dezembro de 1978. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. C-5.

COUTINHO, Valdi. Associação de Servidores da Sudene tem um grupo teatral. *Diario de Pernambuco*. Recife, 12 de janeiro de 1979. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. C-5.

COUTINHO, Valdi. Teatro infantil tem novo horário no Parque. *Diario de Pernambuco*. Recife, 10 de março de 1979. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. C-5.

Palhaço Pipoquinha anima as tardes da TV Tupi. *Diario de Pernambuco*. Recife, 11 de março de 1979. Caderno Viver/Diversões/Telenotícias. p. C-8.

COUTINHO, Valdi. Pipoquinha anima o Domingo Alegre/No Parque. *Diario de Pernambuco*. Recife,

29 de abril de 1979. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. s. p.

Morre Fundador do Teatro de Arena. *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 de junho de 1979. s. p.

COUTINHO, Valdi. Direitos humanos no palco também para a criançada. *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de julho de 1979. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. C-5.

RIVAS, Lêda. "Domingo Alegre nº 2" Arte e folclore para o público infanto-juvenil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 26 de outubro de 1979. Caderno Viver/Secção C, Página Um.

COUTINHO, Valdi. Um Auto de Natal no Teatro do Parque. *Diario de Pernambuco*. Recife, 16 dezembro de 1979. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. C-9.

COUTINHO, Valdi. Campanha das Kombis. *Diario de Pernambuco*. Recife, 19 dezembro de 1979. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. C-5.

Teatros. *Diario de Pernambuco*. Recife, 19 dezembro de 1979. Caderno Viver/Roteiro. p. C-6.

COUTINHO, Valdi. Um Espetáculo com Espírito de Natal. *Diario de Pernambuco*. Recife, 20 dezembro de 1979. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. C-5.

A Mensagem Natalina de Maria Clara Pelo Clube de Teatro Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 23 dezembro de 1979. Caderno Viver Domingo/Secção C, Página Um.

COUTINHO, Valdi. Teatro de Marionetes começa Tudo de Novo. *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 dezembro de 1979. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. C-5.

COUTINHO, Valdi. Final da Temporada do Grupo Pipoquinha. *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 dezembro de 1979. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. C-9.

COUTINHO, Valdi. Um Auto de Natal no Teatro do Parque. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de janeiro de 1980. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. C-5.

Roteiro – Teatros/Teatro Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de janeiro de 1980. Caderno Viver/Diversões. p. C-6.

COUTINHO, Valdi. Auto de Natal, agora, no Valdemar de Oliveira. *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 de janeiro de 1980. Caderno Viver/Cena Aberta. p. C-5.

COUTINHO, Valdi. Qualidade e quantidade marcaram a produção do teatro pernambucano 79. *Diario de Pernambuco*. Recife, 5 de janeiro de 1980. Caderno Viver/Secção C. p. Um.

Roteiro – Teatros/Teatro Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 5 de janeiro de 1980. Caderno Viver/Diversões. p. C-6.

COUTINHO, Valdi. Grupo Capixaba encena "Flicts" no Vivencial. *Diario de Pernambuco*. Recife, 10 de janeiro de 1980. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. C-5.

COUTINHO, Valdi. Marionetes. *Diario de Pernambuco*. Recife, 12 de janeiro de 1980. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. C-5.

COUTINHO, Valdi. Em Cartaz. *Diario de Pernambuco*. Recife, 13 de janeiro de 1980. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. C-9.

COUTINHO, Valdi. Boas perspectivas para a produção teatral 1980. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de março de 1980. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. C-9.

RIVAS, Lêda. Um apelo ecológico, no novo espetáculo de Leandro Filho. *Diario de Pernambuco*. Recife, 5 de março de 1980. Caderno Viver/Secção C. p. Um.

COUTINHO, Valdi. Estréia. *Diario de Pernambuco*. Recife, 7 de março de 1980. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. C-5.

Crianças têm diversão: mamulengo e teatro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 8 de março de 1980. Caderno Viver/Roteiro. p. C-10.

Nova companhia tem peça em cartaz. *Diario de Pernambuco*. Recife, 13 de março de 1980. Caderno Viver/Roteiro. p. C-6.

Um espetáculo infantil sem fadas e bruxas: "Vamos jogar o jogo do jogo". *Diario de Pernambuco*. Recife, 14 de março de 1980. Caderno Viver/Secção C. p. Um.

COUTINHO, Valdi. Um musical infantil: Vamos Jogar o Jogo do Jogo. *Diario de Pernambuco*. Recife, 22 de março de 1980. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. C-9.

Luta contra poluição levada às crianças pelo teatro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 23 de março de 1980. Caderno Viver/Roteiro. p. C-6.

COUTINHO, Valdi. Uma linguagem de jogo para crianças. *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de março de 1980. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. C-9.

COUTINHO, Valdi. "Dr. Macaqueba" no Teatro do Parque. *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 de março de 1980. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. C-5.

ARAÚJO, Sebastião. Vamos jogar um difícil jogo. *Jornal do Commercio*. Recife, 6 de abril de 1980. Caderno C/Teatro. s. p.

Teatros. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de julho de 1980. Caderno Viver/Roteiro. p. C-6.

COUTINHO, Valdi. Grupo Renovação encena "Pluft". *Diario de Pernambuco*. Recife, 3 de julho de 1980. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. B-5.

COUTINHO, Valdi. "O Extrato da Formosura" diverte e faz sorrir. *Diario de Pernambuco*. Recife, 5 de julho de 1980. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. B-9.

Hoje tem mamulengo e teatro de revista. *Diario de Pernambuco*. Recife, 6 de julho de 1980. Caderno Viver/Roteiro. p. C-6.

Hoje tem folguedos no Pátio São Pedro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 7 de julho de 1980. Caderno Viver/Roteiro. p. C-6.

COUTINHO, Valdi. "Sapeca" sai do Cecosne para o Forum da Bahia. *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de julho de 1980. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. C-6.

MELO, Jones. "O Extrato de Formosura" o sucesso de uma comédia infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 24 de julho de 1980. Caderno Viver/Secção B. p. Um.

COUTINHO, Valdi. Marcas. *Diario de Pernambuco*. Recife, 25 de julho de 1980. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. B-6.

ABRAMOVICH, Fanny. A grande festa do teatro de bonecos. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 26 de julho de 1980. Jornal da Tarde/Caderno de Programas e Leituras. p. 4.

COUTINHO, Valdi. A terceira estréia da Circus Produções. *Diario de Pernambuco*. Recife, 26 de julho de 1980. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. B-10.

Cooperativismo no Teatro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de agosto de 1980. Caderno Viver. s. p.

Teatros. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de janeiro de 1981. Caderno Viver/Roteiro. p. B-5.

Grupo Pipoquinha traz domingo alegre. *Diario de Pernambuco*. Recife, 3 de janeiro de 1981. Caderno Viver/Roteiro. p. B-9.

COUTINHO, Valdi. A Aquarius esteve junto com a dança. *Diario de Pernambuco*. Recife, 5 de janeiro de 1981. Caderno Viver/Teatro. p. B-6.

COUTINHO, Valdi. A contribuição do Só-Riso. *Diario de Pernambuco*. Recife, 5 de janeiro de 1981. Caderno Viver/Teatro. p. B-6.

Quinteto Violado faz show para as crianças. *Diario de Pernambuco*. Recife, 8 de janeiro de 1981. Caderno Viver/Roteiro. p. B-5.

COUTINHO, Valdi. Teatroneco em ação: 137 espetáculos em 80. *Diario de Pernambuco*. Recife, 12 de janeiro de 1981. Caderno Viver/Teatro. p. B-6.

COUTINHO, Valdi. Paulo de Castro fala sobre o Teatro em 80. *Diario de Pernambuco*. Recife, 16 de janeiro de 1981. Caderno Viver/Teatro. p. B-8.

COUTINHO, Valdi. Guararapes: Nova peça infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 19 de janeiro de 1981. Caderno Viver/Teatro. p. B-6.

COUTINHO, Valdi. Maria Minhoca volta ao Teatro do Dérbi. *Diario de Pernambuco*. Recife, 20 de janeiro de 1981. Caderno Viver/Teatro. p. B-6.

COUTINHO, Valdi. Uma peça infantil do grupo Carrapicho. *Diario de Pernambuco*. Recife, 24 e janeiro de 1981. Caderno Viver/Teatro. p. B-10.

COUTINHO, Valdi. O Aniversário da Rainha, no Parque. *Diario de Pernambuco*. Recife, 31 de janeiro de 1981. Caderno Viver/Teatro. p. B-10.

COUTINHO, Valdi. Estréia de nova peça infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 6 de março de 1981. Caderno Viver/Teatro. p. B-8.

Peça infantil inicia circuito interiorano. *Diario de Pernambuco*. Recife, 7 de março de 1981. Caderno Viver/Roteiro. p. B-9.

MATOS, Dilma Gomes de. Grupo Roda Viva – O teatro busca o diálogo com o público infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 12 de março de 1981. Caderno Viver/Secção B, Página Um.

História de Gato e Rato é tema de peça. *Diario de Pernambuco*. Recife, 14 de março de1981. Caderno Viver/Roteiro. p. B-9.

COUTINHO, Valdi. Para José Ramos a saída é telefonar. *Diario de Pernambuco*. Recife, 18 de março de 1981. Caderno Viver/Teatro. p. B-6.

COUTINHO, Valdi. "Domingo Alegre" nos subúrbios. *Diario de Pernambuco*. Recife, 20 de março de 1981. Caderno Viver/Teatro. p. B-8.

COUTINHO, Valdi. Roda Viva faz sorrir "Capitão Capitolino". *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de março de 1981. Caderno Viver/Teatro. p. B-10.

Nove peças infantis em cartaz no Recife. *Jornal do Commercio*. Recife, 21 de março de 1981. Caderno C. s. p.

COUTINHO, Valdi. Vamos jogar o jogo de nossa infância. *Diario de Pernambuco*. Recife, 28 de março de 1981. Caderno Viver/Teatro. p. B-9.

COUTINHO, Valdi. Um Infantil onde se joga a vida/"A Bruxinha Dorotéia" pelo Grupo Arborial. *Diario de Pernambuco*. Recife, 28 de março de 1981. Caderno Viver/Teatro. p. B-10.

A Bruxinha Dorotéia só vai fazer o bem. *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de março de 1981. Caderno Viver/Roteiro. p. B-5.

Teatros. *Diario de Pernambuco*. Recife, 31 de março de 1981. Caderno Viver/Roteiro. p. B-5.

Bruxo Jurubeba. *Jornal do Commercio*. Recife, 14 de maio de 1981. Caderno C. s. p.

Estréia hoje. *Jornal do Commercio*. Recife, 30 de maio de 1981. Caderno C. s. p.

Arborial. *Jornal do Commercio*. Recife, 4 de junho de 1981. Caderno C. s. p.

Abertura oficial hoje do Teatro Boa Viagem. *Jornal do Commercio*. Recife, 6 de junho de 1981. Caderno C. s. p.

Arena Guararapes completa vinte anos de teatro. *Jornal do Commercio*. Recife, 16 de junho de 1981. Caderno C. s. p.

Teatros. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de julho de 1981. Caderno Viver/Roteiro. p. B-5.

CHAVES, Paulo Azevedo. Peça. *Diario de Pernambuco*. Recife, 2 de julho de 1981. Caderno Viver/Cinema-Artes Poliedro. p. B-6.

COUTINHO, Valdi. Trupe Experimental/Julieta da Aquarius/Estréia Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 3 de julho de 1981. Caderno Viver/Teatro. p. B-8.

O mundo das fadas em peça infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 de julho de 1981. Caderno Viver/Roteiro. p. B-9.

COUTINHO, Valdi. Mudanças na chuva. *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 de julho de 1981. Caderno Viver/Teatro. p. B-10.

Teatros. *Diario de Pernambuco*. Recife, 5 de julho de 1981. Caderno Viver/Roteiro. p. B-5.

COUTINHO, Valdi. A festa do Pimpão. *Diario de Pernambuco*. Recife, 5 de julho de 1981. Caderno Viver/Telenotícias. p. B-5.

O Despertar para a Vida em duas peças/A Menina e o Vento. *Diario de Pernambuco*. Recife, 9 de julho de 1981. Caderno Viver/Roteiro. p. B-5.

COUTINHO, Valdi. Panacéia no Derby/Contos de Fadas/Vila Rica/Leão Trapalhão. *Diario de Pernambuco*. Recife, 10 de julho de 1981. Caderno Viver/Teatro. p. B-8.

MATOS, Dilma Gomes de. Na Filosofia dos contos de fada a fantástica realidade da vida. *Diario de Pernambuco*. Recife, 11 de julho de 1981. Caderno Viver/ Secção B, Página Um.

COUTINHO, Valdi. Novas peças infantis. *Diario de Pernambuco*. Recife, 11 de julho de 1981. Caderno Viver/Teatro. p. B-10.

D'ARCE, Valdeluza. Começa hoje o IV Festival de Inverno da Unicap. *Diario de Pernambuco*. Recife, 12 de julho de 1981. Caderno Viver/Secção B. Página Um.

Teatro Vila Rica apresenta peça infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 16 de julho de 1981. Caderno Viver/Roteiro. p. B-5.

Marcas. *Diario de Pernambuco*. Recife, 18 de julho de 1981. Caderno Viver/Teatro. p. B-10.

Floresta encantada/Pipoquinha em Cavaleiro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 24 de julho de 1981. Caderno Viver/Teatro. p. B-8.

COUTINHO, Valdi. "Em busca de público novo". *Diario de Pernambuco*, Recife, 25 de julho de 1981. Caderno Viver/Teatro. p. B-10.

Peças infantis e recreação para a garotada/Recreação infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 26 de julho de 1981. Caderno Viver/Roteiro. p. B5.

Marcas. *Diario de Pernambuco*. Recife, 27 de julho de 1981. Caderno Viver/Teatro. p. B-6.

MATOS, Dilma Gomes de. "Romeu e Julieta": uma nova versão, e com final feliz... *Diario de Pernambuco*. Recife, 17 de agosto de 1981. Caderno Viver/ Secção B, Página Um.

Amanhã, o II Encontro Nacional de Teatro. *Jornal do Commercio*. Recife, 3 de setembro de 1981. Caderno C. s. p.

"Pic Nic" abre Festival de Bolso, dia 14. *Jornal do Commercio*. Recife, 5 de setembro de 1981. Caderno C. s. p.

"Vitória das crianças. *Veja – Revista Semanal de Informação*. São Paulo, 9 de setembro de 1981. Editora Abril. Nº 679. Teatro. p. 123-124.

Romeu e Julieta. *Jornal do Commercio*. Recife, 22 de setembro de 1981. Caderno C. s. p.

Teatros. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de outubro de 1981. Caderno Viver/Roteiro. p. B-5.

CABRAL, Sanelvo. Guias-mirins mostram suas festas teatrais. *Diario de Pernambuco*. Recife, 3 de outubro de 1981. Caderno Viver/Teatro. p. B-10.

Novo grupo teatral estréia no Dérbi. *Diario de Pernambuco*. Recife, 8 de outubro de 1981. Caderno Viver/Roteiro. p. B-5.

Panaceia no Ceará. *Jornal do Commercio*. Recife, 8 de outubro de 1981. Caderno C. s. p.

CABRAL, Sanelvo. Mímeses começa com "A Borboleta Azul"/Vem aí o Festival de Teatro de Pernambuco. *Diario de Pernambuco*. Recife, 9 de outubro de 1981. Caderno Viver/Teatro. p. B-8.

CABRAL, Sanelvo. Diretor de fantasia critica J. Cardozo/No Parque o "Mundo dos Brinquedos"/Cecosne realiza festão para animar a garotada. *Diario de Pernambuco*. Recife, 10 de outubro de 1981. Caderno Viver/Teatro. p. B-10.

CUNHA, Inês. Teatro e filme para a garotada/Espetáculo. *Diario de Pernambuco*. Recife, 10 de outubro de 1981. Caderno Viver/Roteiro. p. B-9.

Teatro do Derbi comemora primeiro aniversário. *Jornal do Commercio*. Recife, 10 de outubro de 1981. Caderno C. s. p.

MATOS, Dilma Gomes de. No movimento teatral, a vez é do teatro infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 11 de outubro de 1981. Caderno Viver/Geral. p. B-6.

CABRAL, Sanelvo. "Rei dos Palhaços" em Água Fria, hoje. *Diario de Pernambuco*. Recife, 12 de outubro de 1981. Caderno Viver/Teatro. p. B-6.

CABRAL, Sanelvo. Gruta mostra "Rodas pra que te Quero". *Diario de Pernambuco*. Recife, 16 de outubro de 1981. Caderno Viver/Teatro. p. B-8.

CABRAL, Sanelvo. Hoje tem "Revolta dos Brinquedos"/Peça infantil no Parque/A Borboleta Azul ainda em cartaz. *Diario de Pernambuco*. Recife, 17 de outubro de 1981. Caderno Viver/Teatro. p. B-10.

CABRAL, Sanelvo. Tópicos. *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de outubro de 1981. Caderno Viver/Teatro. p. B-6.

CABRAL, Sanelvo. Teatro do Dérbi completa 1° ano de reativação. *Diario de Pernambuco*. Recife, 23 de outubro de 1981. Caderno Viver/Teatro. p. B-8.

CABRAL, Sanelvo. "O Mundo" no Parque, hoje. *Diario de Pernambuco*. Recife, 24 de outubro de 1981. Caderno Viver/Cinema/Artes/Teatro. p. B-10.

Teatros. *Diario de Pernambuco*. Recife, 24 de outubro de 1981. Caderno Viver/Roteiro. p. B-9.

Teatros. *Diario de Pernambuco*. Recife, 25 de outubro de 1981. Caderno Viver/Roteiro. p. B-5.

CABRAL, Sanelvo. Patinho Preto ainda em cartaz. *Diario de Pernambuco*. Recife, 27 de outubro de 1981. Caderno Viver/Teatro. p. B-6.

CABRAL, Sanelvo. Fonte de Juventude continua em cartaz/Festival de Teatro no mês de novembro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 28 de outubro de 1981. Caderno Viver/Teatro. p. B-6.

CABRAL, Sanelvo. Revolta chega ao fim/O Mundo dos Brinquedos no Parque. *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 de outubro de 1981. Caderno Viver/Teatro. p. B-8.

CABRAL, Sanelvo. Marcação. *Diario de Pernambuco*. Recife, 31 de outubro de 1981. Caderno Viver/Teatro. p. B-10.

Siqueira. *Jornal do Commercio*. Recife, 7 de novembro de 1981. Caderno C. s. p.

Atores do Liceu dão exemplo de solidariedade. *Jornal do Commercio*. Recife, 11 de novembro de 1981. Caderno C. s. p.

COUTINHO, Valdi. Tribobó City. *Diario de Pernambuco*. Recife, 11 de dezembro de 1981. Caderno Viver/Teatro. s. p.

Shows/Teatros. *Diario de Pernambuco*. Recife, 16 de dezembro de 1981. Caderno Viver/Roteiro. p. B-5.

COUTINHO, Valdi. Noite amarga para Fantasias. *Diario de Pernambuco*. Recife, 18 de dezembro de 1981. Caderno Viver/Teatro. p. B-8.

COUTINHO, Valdi. Vamos ao teatro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 19 de dezembro de 1981. Caderno Viver/Teatro. p. B-10.

COUTINHO, Valdi. Espetáculos natalinos. *Diario de Pernambuco*. Recife, 23 de dezembro de 1981. Caderno Viver/Teatro. p. B-6.

COUTINHO, Valdi. Estrelinha Azul/Vamos ao Teatro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 25 de dezembro de 1981. Caderno Viver/Teatro. p. B-8.

MONTENEGRO, Diógenes. No Recife, a tradição do presépio revive o Natal. *Diario de Pernambuco*. Recife, 25 de dezembro de 1981. Caderno Viver/Secção B, Página Um.

Vamos Salvar Papai Noel no Parque. *Diario de Pernambuco*. Recife, 27 de dezembro de 1981. Caderno Viver/Roteiro. p. B-5.

D'OLIVEIRA, Fernanda. Recife ganha um novo grupo teatral. *Diario de Pernambuco*. Recife, 28 de dezembro de 1981. Caderno Viver/Secção B. Página Um.

ALVAREZ, Enéas. II Festival divulga relação de premiados. *Jornal do Commercio*, Recife, s. d., 1982. Caderno C. s. p.

"Briga Bode, Briga Onça" estréia hoje no S. Isabel. *Jornal do Commercio*. Recife, 24 de abril de 1982. Caderno C. s. p.

COUTINHO, Valdi. Teatro da Várzea. *Diario de Pernambuco*. Recife, 28 de abril de 1982. Caderno Viver/Teatro. p. B-6.

Apolo renasce hoje sob bênção de Frei Caneca. *Jornal do Commercio*. Recife, 13 de maio de 1982. Caderno C. s. p.

Na linha. *Jornal do Commercio*. Recife, 13 de julho de 1982. Caderno C. s. p.

Peraltas na praça. *Jornal do Commercio*. Recife, 5 de agosto de 1982. Caderno C. s. p.

Caixa. *Jornal do Commercio*. Recife, 12 de agosto de 1982. Caderno C. s. p.

Teatro do Parque. *Jornal do Commercio*. Recife, 28 de agosto de 1982. Caderno C. s. p.

"O Equilibrista" Estréia hoje no Apolo. *Jornal do Commercio*. Recife, 4 de setembro de 1982. Caderno C. s. p.

Tap Júnior volta com "Viagem à Imaginação". *Jornal do Commercio*. Recife, 11 de setembro de 1982. Caderno C. s. p.

Amanhã, o II Festival de Teatro. *Jornal do Commercio*. Recife, 30 de setembro de 1982. Caderno C. s. p.

Violado. *Jornal do Commercio*. Recife, 14 de outubro de 1982. Caderno C. s. p.

ALVAREZ, Enéas. O Rei e o Jardineiro. *Jornal do Commercio*. Recife, 2 de novembro de 1982. Caderno C. s. p.

II Encontro. *Jornal do Commercio*. Recife, 14 de outubro de 1982. Caderno C. s. p.

III Tebo e Quermesse, as atrações da semana. *Jornal do Commercio*. Recife, 20 de novembro de 1982. Caderno C. s. p.

Encontro. *Jornal do Commercio*. Recife, 21 de dezembro de 1982. Caderno C. s. p.

Leitura. *Jornal do Commercio*. Recife, 25 de dezembro de 1982. Caderno C. s. p.

Estréia de "Pluft". *Jornal do Commercio. Recife*, 12 de março de 1983. Caderno C. s. p.

Grão de Areia. *Jornal do Commercio*. Recife, 14 de abril de 1983. Caderno C. s. p.

Sorvete. *Jornal do Commercio*. Recife, 14 de abril de 1983. Caderno C. s. p.

"Passarás, Passarás", sábado no Teatro do Derbi. *Jornal do Commercio*. Recife, 5 de maio de 1983. Caderno C. s. p.

Trapézio. *Jornal do Commercio*. Recife, 26 de maio de 1983. Caderno C. s. p.

COUTINHO, Valdi. O bom tempo do primeiro semestre. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de agosto de 1983. Caderno Viver/Cinema/Artes/Teatro. p. B-8.

COUTINHO, Valdi. Artis-Hoje. *Diario de Pernambuco*. Recife, 2 de agosto de 1983. Caderno Viver/ Cinema/Artes/Teatro. p. B-8.

Menino. *Jornal do Commercio*. Recife, 6 de agosto de 1983. Caderno C. s. p.

A Revolta. *Jornal do Commercio*. Recife, 18 de agosto de 1983. Caderno C. s. p.

COUTINHO, Valdi. Muitas opções para o público infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 27 de agosto de 1983. Caderno Viver/Cinema/Arte/Teatro. p. B-12.

COUTINHO, Valdi. Muitas opções para o público infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 27 de agosto de 1983. Caderno Viver/Cinema/Artes/Teatro. p. B-6

COUTINHO, Valdi. Ovo da ema. *Diario de Pernambuco*. Recife, 24 de setembro de 1983. Caderno Viver/Diversões/Teatro. p. B-8.

Canteiros. *Jornal do Commercio*. Recife, 1 de outubro de 1983. Caderno C. s. p.

Cavalinho. *Jornal do Commercio*. Recife, 8 de outubro de 1983. Caderno C. s. p.

Hoje tem Tebo no Forte e Borboleta no Cecon. *Jornal do Commercio*. Recife, 15 de outubro de 1983. Caderno C. s. p.

COUTINHO, Valdi. O bom momento do teatro infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 22 de outubro de 1983. Caderno Viver/Teatro. s. p.

COUTINHO, Valdi. *Diario de Pernambuco*. Recife, 24 de outubro de 1983. Caderno Viver/Teatro. p. B-6.

Baile do Menino Deus, hoje no Parque. *Jornal do Commercio*. Recife, 12 de novembro de 1983. Caderno C. s. p.

CABRAL, Sanelvo. Chapeuzinho sai de cartaz. *Diario de Pernambuco*. Recife, 26 de novembro de 1983. Caderno Viver/Teatro. p. B-8.

CABRAL, Sanelvo. "Sinbad" em janeiro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 13 de dezembro de 1983. Caderno Viver/Teatro. s. p.

Chapeuzinho deixa o teatro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 17 de dezembro de 1983. Caderno Viver. s. p.

COUTINHO, Valdi. 3. *Diario de Pernambuco*. Recife, 18 de abril de 1984. Caderno Viver/Diversões/Teatro. p. B-6.

COUTINHO, Valdi. Peças infantis. *Diario de Pernambuco*. Recife, 20 de abril de 1984. Caderno Viver/Diversões/Teatro. p. B-8.

CUNHA, Inês. Um endereço certo para hoje: "A Casa de Brinquedos". *Diario de Pernambuco*. Recife, 22 de abril de 1984. Caderno Viver/Diversões/Roteiro. p. B-2.

Teatros. *Diario de Pernambuco*. Recife, 22 de abril de 1984. Caderno Viver/Diversões/Roteiro. p. B-2.

COUTINHO, Valdi. Marcas. *Diario de Pernambuco*. Recife, 24 de abril de 1984. Caderno Viver/Teatro. p. B-6.

Plin-Plin, Fon-Fonte e a garotada no Teatro Apolo. *Diario de Pernambuco*. Recife, 26 de abril de 1984. Caderno Viver, Secção B, Página Um.

COUTINHO, Valdi. Marcas. *Diario de Pernambuco*. Recife, 27 de abril de 1984. Caderno Viver/ Diversões/Teatro. p. B-8.

COUTINHO, Valdi. Marcas. *Diario de Pernambuco*. Recife, 28 de abril de 1984. Caderno Viver/ Diversões/Teatro. p. B-8.

CUNHA, Inês. "O Espelho Mágico" continua em cartaz no Teatro Apolo/O Inventor. *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de abril de 1984. Caderno Viver/Diversões/Roteiro. p. B-2.

Festival Brasileiro de Teatro Amador – 84 – Recife, julho, 2 a 14. Boletim Informativo do Instituto Nacional de Artes Cênicas/INACEN/Ministério da Educação e Cultura/Secretaria da Cultura. Ano I – N.6 – Rio de Janeiro, 1 de julho de 1984.

ALVAREZ, Enéas. Resultados do V Festival de Bolso. *Jornal do Commercio*. Recife, 13 de novembro de 1984. Caderno C/Teatro. p. 4.

Musical mantido em cartaz. *Diario de Pernambuco*. Recife, 18 de novembro de 1984. Caderno Viver. s. p.

CABRAL, Sanelvo. Sete mil já viram "Sonho"/"O Peru" se despede/Marcas. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de dezembro de 1984. Caderno Viver/Teatro. s. p.

Teatros. *Diario de Pernambuco*. Recife, 9 de dezembro de 1984. Caderno Viver/Roteiro/Diversões. p. B-2.

ALVAREZ, Enéas. Pernambuco é hoje o 3º polo do país. *Jornal do Commercio*. Recife, 12 de fevereiro de 1985. s. p.

"O Circo do Chocolate" no Teatro de Santa Isabel/ Como a Lua/Teatros. *Diario de Pernambuco*. Recife, 7 de abril de 1985. Caderno Viver/Roteiro/Diversões. p. B-2.

COUTINHO, Valdi. Marcas. *Diario de Pernambuco*. Recife, 19 de abril de 1985. Caderno Viver/Teatro. s. p.

COUTINHO, Valdi. O pique da produção dirigida aos jovens. *Diario de Pernambuco*. Recife, 20 de abril de 1985. Caderno Viver/Teatro. s. p.

ALVAREZ, Enéas. "Circo do Seu Bolacha" estréia dia 18/Vamos Brincar?. *Jornal do Commercio*. Recife, 14 de maio de 1985. Caderno C/Teatro. s. p.

"Pluft, o Fantasminha" está no Teatro do Parque/Musical/Teatros. *Diario de Pernambuco*. Recife, 19 de maio de 1985. Caderno Viver. s. p.

FARIAS, Geraldo Barros. Projeto Vamos Comer Teatro. *Jornal de Arcoverde*. Arcoverde, 31 de julho de 1985. p. 30.

COUTINHO, Valdi. A Ver Estrelas/Marcas. *Diario de Pernambuco*. Recife, 3 de agosto de 1985. Caderno Viver/Teatro. p. 6.

Draculim e seu circo no espaço. *Diario de Pernambuco*. Recife, 26 de setembro de 1985. Caderno Viver. s. p.

Roteiro Estreliana de Teatro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 6 de setembro de 1985. Caderno Viver/Diversões. p. B-5.

O Camaleão Alface é encenado na Várzea. *Diario de Pernambuco*. Recife, 10 de outubro de 1985. Caderno Viver/Seccção B, Página Um.

COUTINHO, Valdi. A Onça e o Bode/Painel. *Diario de Pernambuco*. Recife, 19 de outubro de 1985. Caderno Viver/Diversões. p. B-8.

COUTINHO, Valdi. 1985: Teatro supera a política. *Diario de Pernambuco*. Recife, 31 de dezembro de 1985. Caderno Viver/Secção B, Página Um.

Roteiro Estreliana de Teatro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 16 de janeiro de 1986. Caderno Viver/Diversões. p. B-5.

COUTINHO, Valdi. Estrelas. *Diario de Pernambuco*. Recife, 11 de maio de 1986. Caderno Viver/Diversões/Teatro. p. B-8.

COUTINHO, Valdi. Marcas. *Diario de Pernambuco*. Recife, 28 de janeiro de 1986. Caderno Viver/Diversões/Teatro. s. p.

CAVALCANTI, Hylda. A difícil trajetória do Teatro Popular. *Diario de Pernambuco*. Recife, 11 de maio de 1986. Caderno Especial. p. 9.

"Urânia" vai excursionar. *Diario de Pernambuco*. Recife, 5 de julho de 1986. Caderno Viver. s. p.

D'OLIVEIRA, Fernanda. "A Incrível Viagem"- Um espetáculo para mostrar os segredos do arco-íris. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de dezembro de 1986. Caderno Viver/Secção B, Página Um.

Roteiro Estreliana de Teatro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de dezembro de 1986. Caderno Viver/Diversões. p. B-5.

CUNHA, Inês. "Papa de Anjo", para as crianças/Marcas. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de dezembro de 1986. Caderno Viver/Diversões/Artes Cênicas. p. B-6.

COUTINHO, Valdi. Chocolate. *Diario de Pernambuco*. Recife, 5 de dezembro de 1986. Caderno Viver/Diversões/Show da Cidade. p. B-8.

BARBOSA, Zenaide. O Natal do Chocolate. *Diario de Pernambuco*. Recife, 6 de dezembro de 1986. Caderno Viver/ Diario Feminino. p. B-4.

Roteiro Estreliana de Teatro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 6 de dezembro de 1986. Caderno Viver/Diversões. p. B-5.

Teatros. *Diario de Pernambuco*. Recife, 13 de dezembro de 1986. Caderno Viver/Diversões/Roteiro. p. B-6.

COUTINHO, Valdi. Marcas. *Diario de Pernambuco*. Recife, 13 de dezembro de 1986. Caderno Viver/Diversões/Artes Cênicas. p. B-8.

"O Mágico de Oz" faz suas despedidas hoje, no Teatro Valdemar de Oliveira/Teatros. *Diario de Pernambuco*, Recife, 14 de dezembro de 1986. Caderno Viver/Diversões/Roteiro. p. B-2.

COUTINHO, Valdi. Constituinte. *Diario de Pernambuco*. Recife, 15 de dezembro de 1986. Caderno Viver/Diversões/Artes Cênicas. p. B-6.

COUTINHO, Valdi. Constituinte. *Diario de Pernambuco*. Recife, 15 de dezembro de 1986. Caderno Viver/Diversões/ Artes Cênicas. p. B-6.

Roteiro Estreliana de Teatro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 16 de dezembro de 1986. Caderno Viver/Diversões. p. B-5.

COUTINHO, Valdi. Marcas. *Diario de Pernambuco*. Recife, 16 de dezembro de 1986. Caderno Viver/Diversões/Artes Cênicas. p. B-6.

COUTINHO, Valdi. Marcas. *Diario de Pernambuco*. Recife, 17 de dezembro de 1986. Caderno Viver/Divesões/Artes Cênicas. p. B-8.

CUNHA, Inês. "Jesus e o Natal": Estréia de hoje. *Diario de Pernambuco*. Recife, 18 de dezembro de 1986. Caderno Viver/Diversões/Roteiro. p. B-2.

COUTINHO, Valdi. Presépio/Coelhos. *Diario de Pernambuco*. Recife, 22 de dezembro de 1986. Caderno Viver/Diversões/Artes Cênicas. p. B-6.

COUTINHO, Valdi. Marcas. *Diario de Pernambuco*. Recife, 23 de dezembro de 1986. Caderno Viver/Diversões/Artes Cênicas. p. B-6.

COUTINHO, Valdi. Marcas. *Diario de Pernambuco*. Recife, 23 de dezembro de 1986. Caderno Viver/Diversões/Artes Cênicas. p. B-6.

"Banana split" faz sua despedida hoje. *Diario de Pernambuco*. Recife, 28 de dezembro de 1986. Caderno Viver/Diversões. p. B-8.

COUTINHO, Valdi. Recado do verde. *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de dezembro de 1986. Caderno Viver/Diversões/Artes Cênicas. p. B-6.

COUTINHO, Valdi. Signo do profissionalismo marcará 1987 para teatro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de dezembro de 1986. Caderno Viver/Secção B/ Página Um.

COUTINHO, Valdi. Saldo positivo em 86. *Diario de Pernambuco*. Recife, 31 de dezembro de 1986. Caderno Viver/Diversões/Artes Cênicas. p. B-6.

CUNHA, Inês. Um musical infantil escrito em verso: "O Dragão e a Princesa". *Diario de Pernambuco*. Recife, 8 de março de 1987. s. p.

Roteiro Estreliana de Teatro. *Diario de Pernambuco*, Recife, 16 de março de 1987. Caderno Viver/Diversões. p. B-5.

COUTINHO, Valdi. Brincriando no Circo Voador/Projeto Escola/Marcas. *Diario de Pernambuco*. Recife, 17 de março de 1987. Caderno Viver/Diversões/Artes Cênicas. p. B-6.

COUTINHO, Valdi. Brincadeiras e outras atrações. *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de março de 1987. Caderno Viver/Artes Cênicas. s. p.

Teatros/Projeto oferece diversão às crianças de todas as idades. *Diario de Pernambuco*. Recife, 22 de março de 1987. Caderno Viver/Diversões/Roteiro. p. B-2.

Roteiro Estreliana de Teatro. *Diario de Pernambuco*, Recife, 26 de março de 1987. Caderno Viver/Diversões. p. B-5.

COUTINHO, Valdi. A Praça do Pensamento/Ratoplan. *Diario de Pernambuco*. Recife, 28 de março de 1987. Caderno Viver/Diversões/Artes Cênicas. p. B-8.

CUNHA, Inês. Teatro Popular dos Coelhos exercita sua arte nos espaços alternativos/Infantil inédito de Luiz Marinho é cartaz do Valdemar de Oliveira. *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de março de 1987. Caderno Viver/Diversões/Roteiro. p. B-2.

COUTINHO, Valdi. Avoar. *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 de abril de 1987. Caderno Viver/Diversões/Artes Cênicas. s. p.

COUTINHO, Valdi. Despedida da Patinha e Chegada de um Menino. *Diario de Pernambuco*. Recife, 18 de julho de 1987. Caderno Viver/Diversões/Artes Cênicas. p. B-8.

Têm início cursos de teatro infantil. *Jornal do Commercio*. Recife, 4 de agosto de 1987. Caderno C/Roteiro. p. 5.

ALVAREZ, Enéas. Bolha. *Jornal do Commercio*. Recife, 5 de agosto de 1987. Caderno C/Roteiro/Casa de Espetáculos. p. 5.

"A Máquina do Tempo" vai pousar no Recife. *Jornal do Commercio*. Recife, 6 de agosto de 1987. Caderno C/Roteiro. p. 5.

ALVAREZ, Enéas. Estreia/Reinações de um Rei. *Jornal do Commercio*. Recife, 7 de agosto de 1987. Caderno C/Roteiro/Casa de Espetáculos. p. 5.

Direito de igualdade é tema de peça infantil no Apolo/ "A Canção de Assis" agora no Santa Isabel. *Jornal Commercio*. Recife, 8 de agosto de 1987. Caderno C/Roteiro. p. 5.

"A Canção de Assis" agora no Santa Isabel. *Jornal do Commercio*. Recife, 8 de agosto de 1987. Caderno C. p. 5.

ALVAREZ, Enéas. Bolha Mágica. *Jornal do Commercio*. Recife, 12 de agosto de 1987. Caderno C/Roteiro/Casa de Espetáculos. p. 5.

Projeto Criança promove debates. *Diario de Pernambuco*. Recife, 12 de agosto de 1987. Caderno Viver/Diversões. p. B-6.

ALVAREZ, Enéas. Tempo/Dia do Folclore/Feteape promove II Mostra Teatral de Garanhuns. *Jornal do Commercio*. Recife, 18 de agosto de 1987. Caderno C/Roteiro/Casa de Espetáculos. p. 5.

"Avoar": Resgatando as brincadeiras de ontem/musical infantil diferente no Teatro Barreto Júnior. *Jornal do Commercio*. Recife, 22 de agosto de 1987. Caderno C/Roteiro. p. 5.

COUTINHO, Valdi. Projeto Criança promove debates. *Diario de Pernambuco*. Recife, 22 de agosto de 1987. Caderno Viver/Diversões/Arte Cênicas. p. B-6.

ALVAREZ, Enéas. Corau/Pombos. *Jornal do Commercio*. Recife, 28 de agosto de 1987. Caderno C/Roteiro/Casa de Espetáculos. p. 5.

Teatro. *Jornal do Commercio*. Recife, 28 de agosto de 1987. Caderno C/Roteiro. p. 4.

Teatro/Infantil. *Jornal do Commercio*. Recife, 6 de novembro de 1987. Caderno C/Roteiro. p. 4.

Teatro. *Jornal do Commercio*. Recife, 7 de novembro de 1987. Caderno C/Roteiro. p. 5.

Teatro. *Jornal do Commercio*. Recife, 8 de novembro de 1987. Caderno C/Roteiro. p. 3.

ALVAREZ, Enéas. Avoar. *Jornal do Commercio*. Recife, 11 de novembro de 1987. Caderno C/Roteiro/Casa de Espetáculos. p. 5.

Teatro. *Jornal do Commercio*. Recife, 11 de novembro de 1987. Caderno C/Roteiro. p. 4.

Teatro. *Jornal do Commercio*. Recife, 14 de novembro de 1987. Caderno C/Roteiro. p. 4.

ALVAREZ, Enéas. Palhaço o Baú/Se Essa Rua Fosse Minha, hoje e amanhã, no Forte. *Jornal do Commercio*. Recife, 14 de novembro de 1987. Caderno C/Roteiro/Casa de Espetáculos. p. 5.

Teatro. *Jornal do Commercio*. Recife, 15 de novembro de 1987. Caderno C/Roteiro. p. 3.

Teatro. *Jornal do Commercio*. Recife, 17 de novembro de 1987. Caderno C/Variedades/Registro. p. 2.

ALVAREZ, Enéas. Branca de Neve e Cirandas aos domingos, no S. Isabel. *Jornal do Commercio*. Recife, 17 de novembro de 1987. Caderno C/Roteiro/Casa de Espetáculos. p. 5.

Teatro. *Jornal do Commercio*. Recife, 21 de novembro de 1987. Caderno C/Roteiro. p. 4.

ALVAREZ, Enéas. Pano rápido. *Jornal do Commercio*. Recife, 21 de novembro de 1987. Caderno C/ Roteiro/Casa de Espetáculos. p. 5.

Teatro. *Jornal do Commercio*. Recife, 27 de novembro de 1987. Caderno C/Roteiro. p. 4.

ALVAREZ, Enéas. I Mostra de Caruaru revigorou grupos locais. *Jornal do Commercio*. Recife, 27 de novembro de 1987. Caderno C/Roteiro/Casa de Espetáculos. p. 5.

PORTELA, Wilde. Romeu e Julieta no Barreto Júnior/ contagem regressiva para a peça Avoar. *Diario de Pernambuco*. Recife, 2 de dezembro de 1987. Caderno Viver/ Diversões/Artes Cênicas. p. B-4.

PORTELA, Wilde. Peça de Suzana Costa em cartaz no S. Isabel. *Diario de Pernambuco*. Recife, 3 de dezembro de 1987. Caderno Viver/Diversões/Artes Cênicas. p. B-4.

Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 5 de dezembro de 1987. Caderno Viver/Diversões/Roteiro. p. B-6.

COUTINHO, Valdi. Wilde. Bruxinha no Apolo. *Diario de Pernambuco*. Recife, 6 de dezembro de 1987. Caderno Viver/Diversões/Artes Cênicas. p. B-6.

Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 6 de dezembro de 1987. Caderno Viver/Diversões/Roteiro. p. B-6.

COUTINHO, Valdi. Como ficou repartido o auxílo-montagem. *Diario de Pernambuco*. Recife, 7 de dezembro de 1987. Caderno Viver/Diversões/Artes Cênicas. p. B-4.

COUTINHO, Valdi. Falta de espaço gera reclamações. *Diario de Pernambuco*. Recife, 8 de dezembro de 1987. Caderno Viver/Diversões/Artes Cênicas. p. B-4.

COUTINHO, Valdi. Campanha de popularização. *Diario de Pernambuco*. Recife, 9 de dezembro de 1987. Caderno Viver/Diversões/Artes Cênicas. p. B-4.

COUTINHO, Valdi. Espetáculos infantis encerram temporada. *Diario de Pernambuco*. Recife, 12 de dezembro de 1987. Caderno Viver/Diversões/Artes Cênicas. p. B-6.

CUNHA, Inês. Espetáculos infantis encerram temporada. *Diario de Pernambuco*. Recife, 13 de dezembro de 1987. Caderno Viver/Diversões/Roteiro. p. B-6.

Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 13 de dezembro de 1987. Caderno Viver/Diversões/Roteiro. p. B-6.

COUTINHO, Valdi. Ingresso mais barato na campanha de popularização/Encerramento de oficina. *Diario de Pernambuco*. Recife, 14 de dezembro de 1987. Caderno Viver/Diversões/Artes Cênicas. p. B-4.

COUTINHO, Valdi. Auto de Natal. *Diario de Pernambuco*. Recife, 17 de dezembro de 1987. Caderno Viver/Diversões/Artes Cênicas. p. B-4.

COUTINHO, Valdi. Branca de Neve faz despedidas amanhã. *Diario de Pernambuco*. Recife, 19 de dezembro de 1987. Caderno Viver/Diversões/Artes Cênicas. p. B-6.

CUNHA, Inês. Beleza e poesia em três peças infantis. *Diario de Pernambuco*. Recife, 20 de dezembro de 1987. Caderno Viver/Diversões/ Roteiro. p. B-6.

COUTINHO, Valdi. Projeto Coringa está em execução/Auxílio montagem para os amadores. *Diario de Pernambuco*. Recife, 23 de dezembro de 1987. Caderno Viver/Diversões/Artes Cênicas. p. B-4.

COUTINHO, Valdi. Super Léo oferece últimas chances. *Diario de Pernambuco*. Recife, 24 de dezembro de 1987. Caderno Viver/Diversões/Artes Cênicas. p. B-4.

COUTINHO, Valdi. Estréia infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 25 de dezembro de 1987. Caderno Viver/Diversões/Show da Cidade. p. B-4.

COUTINHO, Valdi. Uma história de amor no Joaquim Cardozo. *Diario de Pernambuco*. Recife, 27 de dezembro de 1987. Caderno Viver/Diversões/Artes Cênicas. p. B-6.

CUNHA, Inês. "Super-Léo" e "O Baú" encerram temporada. *Diario de Pernambuco*. Recife, 27 de dezembro de 1987. Caderno Viver/Diversões/Roteiro. p. B-6.

GOUVEIA, Graça. Uma história de amor estréia no Benfica. *Diario de Pernambuco*. Recife, 28 de dezembro de 1987. Caderno Viver/Sociais. p. B-3.

COUTINHO, Valdi. Artes cênicas, 1987 - Um ano de bons espetáculos, mais pouco público nos teatros. *Diario de Pernambuco*. Recife, 31 de dezembro de 1987. Caderno Viver, Secção B, Página Um.

Teatro. *Jornal do Commercio*. Recife, 3 de janeiro de 1988. Caderno C/Roteiro. p. 4.

ALVAREZ, Enéas. Sindicato dos Artistas reunirá associados. *Jornal do Commercio*. Recife, 5 de janeiro de 1988. Caderno C/Roteiro/Casa de Espetáculos. p. 5.

Teatro. *Jornal do Commercio*. Recife, 7 de janeiro de 1988. Caderno C/Roteiro. p. 4.

ALVAREZ, Enéas. Auxílio montagem para grupos de teatro de amador. *Jornal do Commercio*. Recife, 7 de janeiro de 1988. Caderno C/Roteiro/Casa de Espetáculos. p. 5.

GOUVEIA, Graça. Vale a pena fazer teatro? Amadores sobem ao palco para debater a questão. *Jornal*

do Commercio. Recife, 12 de janeiro de 1989. Caderno Viver/Secção B, Página Um.

Feteape promove mostra estadual de Teatro de Amador. *Jornal do Commercio*. Recife, 13 de janeiro de 1988. Caderno C/Roteiro. p. 4.

ALVAREZ, Enéas. Secretaria de Cultura custeia espetáculos. *Jornal do Commercio*. Recife, 14 de janeiro de 1988. Caderno C/Roteiro/Casa de Espetáculos. p. 5.

O teatro amador abre para balanço. *Jornal do Commercio*. Recife, 16 de janeiro de 1988. Caderno C. p. 1.

ALVAREZ, Enéas. Uma história. *Jornal do Commercio*. Recife, 21 de janeiro de 1988. Caderno C/Roteiro/Casa de Espetáculos. p. 5.

ALVAREZ, Enéas. Projeto Coringa/Prefeitura promove Mamulengo nas Praças. *Jornal do Commercio*. Recife, 22 de janeiro de 1988. Caderno C/Roteiro/Casa de Espetáculos. p. 5.

ALVAREZ, Enéas. Romão e Julinha/Oficina "Área Metropolitana" encerra seu último módulo. *Jornal do Commercio*. Recife, 23 de janeiro de 1988. Caderno C/Roteiro/Casa de Espetáculos. p. 3.

Romão e Julinha no Santa Isabel. *Jornal do Commercio*. Recife, 23 de janeiro de 1988. Caderno C/Variedades/Registro. p. 2.

ALVAREZ, Enéas. Folclore. *Jornal do Commercio*. Recife, 26 de janeiro de 1988. Caderno C/Roteiro/Casa de Espetáculos. p. 5.

Teatro. *Jornal do Commercio*. Recife, 26 de janeiro de 1988. Caderno C/Roteiro. p. 4.

COUTINHO, Valdi. Pernambuco nos Festivais/Sonhos infantis. *Diario de Pernambuco*. Recife, 24 de julho de 1988. Caderno Viver/Diversões/Artes Cênicas. p. B-6.

CUNHA, Inês. Uma outra abordagem de "Cinderela". *Diario de Pernambuco*. Recife, 19 de novembro de 1988. Caderno Viver/Diversões/Artes Cênicas. p. B-6.

CUNHA, Inês. Chocolate no Reino de Bagdá/"Cindy", um infantil cheio de magia. *Diario de Pernambuco*. Recife, 20 de novembro de 1988. Caderno Viver/Diversões/Artes Cênicas. p. B-6.

Roteiro/Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 20 de novembro de 1988. Caderno Viver/Diversões/Artes Cênicas. p. B-6.

No Reino de Bagdá. *Diario de Pernambuco*. Recife, 2 de dezembro de 1988. Caderno Viver/Diversões/Show da Cidade. p. B-4.

Teatro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 2 de dezembro de 1988. Caderno Viver/Roteiro. p. B-4.

Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 3 de dezembro de 1988. Caderno Viver/Roteiro. p. B-6.

O Menino Sonhador é novamente premiado/Vamos Comer Teatro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 6 de dezembro de 1988. Caderno Viver/Diversões/Artes Cênicas. p. B-4.

Despedidas de Maria Borralheira. *Diario de Pernambuco*. Recife, 8 de dezembro de 1988. Caderno Viver/Diversões/Artes Cênicas. p. B-4.

COUTINHO, Valdi. Despedida de "Avoar". *Diario de Pernambuco*. Recife, 10 de dezembro de 1988. Caderno Viver/Diversões/Artes Cênicas. p. B-6 .

Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 10 de dezembro de 1988. Caderno Viver/Diversões/Roteiro. p. B-6.

CUNHA, Inês. Avoar e Maria Borralheira encerram temporada hoje *Diario de Pernambuco*. Recife, 11 de dezembro de 1988. Caderno Viver/Diversões/Roteiro. p. B-6.

Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 11 de dezembro de 1988. Caderno Viver/Diversões/Roteiro. p. B-6.

COUTINHO, Valdi. Espetáculos infantis estão saindo de cartaz. *Diario de Pernambuco*. Recife, 17 de dezembro de 1988. Caderno Viver/Diversões/Artes Cênicas. p. B-6.

Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 17 de dezembro de 1988. Caderno Viver/Diversões/Roteiro. p. B-6.

Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 18 de dezembro de 1988. Caderno Viver/Diversões/Roteiro. p. B-6.

D'OLIVEIRA, Fernanda. O teatro redescobre os palcos do Interior. *Diario de Pernambuco*. Recife, 19 de dezembro de 1988. Caderno Viver/Secção B, Página Um.

COUTINHO, Valdi. Chocolate e Papai Noel no Parque 13 de Maio/Marcas. *Diario de Pernambuco*. Recife, 24 de dezembro de 1988. Caderno Viver/Diversões/Artes Cênicas. p. B-6.

COUTINHO, Valdi. Expectativa para o início de 1989. *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de dezembro de 1988. Caderno Viver/Diversões/Artes Cênicas. p. B-4.

COUTINHO, Valdi. Aconteceu em 88 – Apesar das contradições, a cena pernambucana esteve ainda firme e vigorosa. *Diario de Pernambuco*. Recife, 31 de dezembro de 1988. Caderno Viver/Secção B, Página Um.

GOUVEIA, Graça. "Um tema preocupante é levado ao palco em O Menino do Dedo Verde". *Diario de Pernambuco*. Recife, 18 de março de 1989. Caderno Viver/Informe. p. B-4.

JANE, Cleide. O dia em que Walt Disney visitou o Nordeste. *Folha de Pernambuco*. Recife, 9 de abril de 1989. Cultura/Crítica. p. 10.

COUTINHO, Valdi. A expectativa do "Fim de Jogo". *Diario de Pernambuco*. Recife, 10 de abril de 1989. Caderno Viver/Artes Cênicas. p. B-3.

ALVAREZ, Enéas. Amanhã, em Garanhuns, o Teatro de Laporte. *Jornal do Commercio*. Recife, 30 de abril de 1989. Caderno C/Roteiro/Casa de Espetáculos. p. 5.

CUNHA, Inês. Mostra divulga o que vem sendo feito pelo teatro amador local. *Diario de Pernambuco*. Recife, 3 de julho de 1989. Caderno Viver/Roteiro. s. p.

CUNHA, Inês. "Avoar" retorna ao cartaz e "A Revolta" faz sucesso no Apolo. *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 de junho de 1989. Caderno Viver. s. p.

Espetáculos infantis mostram que a maldade não gera benefícios. *Diario de Pernambuco*. Recife, 14 de maio de 1989. Caderno Viver. p. B-6.

Para o divertimento da garotada neste domingo: Bozo e sua turma e Pluft. *Diario de Pernambuco*. Recife, 16 de julho de 1989. Caderno Viver. s. p.

Senhor Rei, Dona Rainha reestréia neste sábado. *Jornal do Commercio*. Recife, 11 de agosto de 1989. Caderno C/Variedades. p. 5.

ALVAREZ, Enéas. "Senhor Rei" de volta. *Jornal do Commercio*. Recife, 15 de agosto de 1989. Casa de Espetáculos. P. 6.

ALVAREZ, Enéas. "O sapeteiro do Rei". *Jornal do Commercio*. Recife, 23 de agosto de 1989. Caderno C/Casa de Espetáculos. p. 6.

"Borralheira" comemora 100 apresentações. *Jornal do Commercio*. Recife, 26 de agosto de 1989. Caderno C/Em Destaque. p. 8.

ALVAREZ, Enéas. Circuito nas praças/Show dos Baixinhos. *Jornal do Commercio*. Recife, 19 de setembro de 1989. Caderno C/Casa de Espetáculos. p. 6.

Teatro para Crianças. *Jornal do Commercio*. Recife, 19 de setembro de 1989. Caderno C/Roteiro. p. 4.

ALVAREZ, Enéas. Circuito nas praças/Xou dos Baixinhos. *Jornal do Commercio*. Recife, 19 de setembro de 1989. Caderno C/Casa de Espetáculos. p. 6.

Sapateiro do Rei tem estréia hoje no Cabo. *Jornal do Commercio*. Recife, 23 de setembro de 1989. Caderno C/Em Destaque. p. 8.

COUTINHO, Valdi. Circulação de espetáculos/Grudage cumpre temporada no Teatro Barreto Júnior. *Diario de Pernambuco*. Recife, 2 de outubro de 1989. Caderno Viver/Diversões/Arte Cênicas. p. B-4.

ALVAREZ, Enéas. Notícias do Grudage. *Jornal do Commercio*. Recife, 24 de outubro de 1989. Caderno C/Casa de Espetáculos. p. 6.

Tebo homenageia Cléa. *Jornal do Commercio*. Recife, 23 de novembro de 1989. Caderno C/Em Destaque. p. 6.

Show da Cidade/Teatro *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de dezembro de 1989. Caderno Viver/Diversões/Roteiro. p. B-4.

Maria Borralheira sai de cena. *Diario de Pernambuco*. Recife, 2 de dezembro de 1989. Caderno Viver/Diversões/Arte Cênicas. p. B-6.

Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 2 de dezembro de 1989. Caderno Viver/Diversões/Roteiro. p. B-6.

Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 3 de dezembro de 1989. Caderno Viver/Diversões/Roteiro. p. B-6.

COUTINHO, Valdi. Palhaço Chocolate vai animar o Natal/Bonecartes no Rio. *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 de dezembro de 1989. Caderno Viver/Diversões/Arte Cênicas. p. B-4.

COUTINHO, Valdi. O sucesso da Culturarte-4. *Diario de Pernambuco*. Recife, 5 de dezembro de 1989. Caderno Viver/Diversões/Arte Cênicas. p. B-4.

Bela Adormecida encerra temporada. *Diario de Pernambuco*. Recife, 7 de dezembro de 1989.Caderno Viver/Diversões/Roteiro. p. B-2.

COUTINHO, Valdi. Arte nas férias/Despedidas da Bela Adormecida. *Diario de Pernambuco*. Recife, 10 de dezembro de 1989. Caderno Viver/Diversões/Arte Cênicas. p. B-6.

Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 10 de dezembro de 1989. Caderno Viver/Diversões/Roteiro. p. B-6.

CUNHA, Inês. No Cecosne, espetáculos para crianças e adultos, com atividade recreativa infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 10 de dezembro de 1989. Caderno Viver/Diversões/Roteiro. p. B-6.

COUTINHO, Valdi. Maria Minhoca. *Diario de Pernambuco*. Recife, 16 de dezembro de 1989. Caderno Viver/Diversões/Arte Cênicas. p. B-6.

COUTINHO, Valdi. Escola das Artes do boneco é criada. *Diario de Pernambuco*. Recife, 17 de dezembro de 1989. Caderno Viver/Diversões/Arte Cênicas. p. B-6.

Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 17 de dezembro de 1989. Caderno Viver/Diversões/Roteiro. p. B-6.

CUNHA, Inês. Teatro para crianças e adultos, em final de temporada hoje. *Diario de Pernambuco*. Recife, 17 de dezembro de 1989. Caderno Viver/Diversões/Roteiro. B-6.

COUTINHO, Valdi. Ecos do X Festival de Bolso. *Diario de Pernambuco*. Recife, 18 de dezembro de 1989. Caderno Viver/Diversões/Arte Cênicas. p. B-4.

CHAVES, Paulo. "O paraíso é azul" estará no Finacer. *Diario de Pernambuco*. Recife, 20 de dezembro de 1989. Caderno Viver/Artes e Artistas. p. B-6.

COUTINHO, Valdi. O Natal dos baixinhos com a Xuxa do Recife/Espetáculos natalinos. *Diario de Pernambuco*. Recife, 23 de dezembro de 1989. Caderno Viver/Diversões. s. p.

Os melhores do Teatro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 24 de dezembro de 1989. Caderno C/Em Destaque. s. p.

COUTINHO, Valdi. Retrospectiva-89 – Teatro: público caiu, mas a criação revitalizou-se. *Diario de Pernambuco*. Recife, 28 de dezembro de 1989. Caderno Viver/Secção B, Página Um.

COUTINHO, Valdi. O Menino Que Veio do Céu. *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 de dezembro de 1989. Caderno Viver/Diversões/Arte Cênicas. p. B-6.

COUTINHO, Valdi. Três anos de "Avoar". *Diario de Pernambuco*. Recife, 11 de janeiro de 1990. Caderno Viver/Artes Cênicas. p. B-4.

"Maria Borralheira" volta aos palcos. *Jornal do Commercio*. Recife, 21 de janeiro de 1990. Caderno C/Em Destaque. p. 8.

CUNHA, Inês. Secular personagem de Carlo Collodi no palco do Apolo: "Pinóquio". *Diario de Pernambuco*. Recife, 25 de março de 1990. Caderno Viver/Roteiro p. B-6.

MOURA, Ivana. Em Cartaz – Um passeio lúdico em busca da infância perdida: "Pinóquio". *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 de maio de 1990. Caderno Viver, Secção B, Página Um.

COUTINHO, Valdi. Marcas. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de abril de 1990. Caderno Viver/Artes Cênicas. s. p.

"Como a Lua" estréia no Apolo. *Folha de Pernambuco*. Recife, 5 de agosto de 1990. Folha 2. p. 9.

Peça sai do teatro e vai para os prédios residenciais. *Folha de Pernambuco*. Recife, 5 de agosto de 1990. Folha 2. p. 10.

CUNHA, Inês. Bagunça, máscaras e carmim alegram a cidade neste domingo. *Diario de Pernambuco*. Recife, 2 de setembro de 1990. Caderno Viver/Roteiro. p. B-6.

Amor e liberdade em peça infanto-juvenil. *Jornal do Commercio*. Recife, 5 de setembro de 1990. Caderno C. s. p.

A pureza do amor é tema de peça infantil. *Jornal do Commercio*. Recife, 8 de outubro de 1990. Caderno C/Variedades. s. p.

CUNHA, Inês. "Olinda Olanda" e outros espetáculos em cartaz nos teatros da cidade. *Diario de Pernambuco*. Recife, 14 de outubro de 1990. Caderno Viver/Diversões/Roteiro. p. B-6.

GÓES, Kéthuly. O Extrato da Formosura – Bruxas e deuses numa nova montagem de texto infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 31 de outubro de 1990. Caderno Viver, Secção B, Página Um.

"Flicts, a Cor" é sucesso no Teatro Carlos Borges. *Folha de Pernambuco*. Recife, 16 de novembro de 1990. Caderno Folha 2. s. p.

Vencedores do XI Tebo. *Diario de Pernambuco*. Recife, 24 de dezembro de 1990. Caderno Viver. s. p.

COUTINHO, Valdi. Retrospectiva 90 – No teatro, o ano já foi cinzento. Agora, é acreditar na resistência. *Diario de Pernambuco*. Recife, 28 de dezembro de 1990. Caderno Viver/Secção B. p. 1.

COUTINHO, Valdi. A Formiga Fofoqueira/Encontro em Garanhuns. *Diario de Pernambuco*. Recife, 23 de março de 1991. Caderno Viver/Informe/Artes Cênicas. p. B-6.

Cabo – A capital do teatro. *Jornal do Commercio*. Recife, 14 de abril de 1991. Caderno C. p. 1.

POLO, Marco, Um bonde chamado tropeço. *Jornal do Commercio*. Recife, 14 de julho de 1991. Caderno C. s. p.

LINS, Cristiano, As entidades também tropeçam... *Jornal do Commercio*. Recife, 24 de julho de 1991. Caderno C/Em Destaque. p. 6.

FONSECA, Heber. O conflito artista x crítica. *Jornal do Commercio*. Recife, 24 de julho de 1991. Opiniões. p. 7.

Um bonde chamado polêmica. *Em Cena*. Recife, agosto/91, nº 02. p. 1.

RAMOS, José. Sated: Crítica e autocrítica (Uma possibilidade de entendimento). *Jornal do Commercio*. Recife, 3 de agosto de 1991. Caderno C/Variedades. p. 4.

FIGUEIRÔA, Alexandre. Muito pelo contrário – Texto não supera marcas do tempo. *Jornal do Commercio*. Recife, 3 de agosto de 1991. Caderno C/Variedades. p. 6.

FIGUEIRÔA, Alexandre. Um banquete muito indigesto. *Jornal do Commercio*. Recife, 10 de agosto de 1991. Caderno C/Em Destaque. p. 8.

FIGUEIRÔA, Alexandre. Autoria insegura prejudica peça. *Jornal do Commercio*. Recife, 15 de agosto de 1991. Caderno C/Em Destaque/Artes Cênicas. p. 6.

Cinderela tem versão adulta. *Jornal do Commercio*. Recife, 19 de setembro de 1991. Caderno C/Roteiro/Flash. p. 4.

MOURA, Ivana. A lenda do rei Artur ganha tons nordestinos. *Diario de Pernambuco*. Recife, 5 de outubro de 1991. Caderno Viver. s. p.

MOURA, George. Uma reflexão sobre o sentido da crítica. *Jornal do Commercio*. Recife, 21 de março de 1992. Caderno C/Especial. p. 6.

Arthur volta ao cartaz. *Jornal do Commercio*. Recife, 11 de abril de 1992. Caderno C/Variedades. p. 7.

Tainahakã/O Rei Artur... *Jornal VivArte*. Ano 1 – N° 01. Maio 92. p. 02.

LINS, Ana Lúcia. Quando o holofote é a lua – O Constante desafio de fazer teatro de bairro. *Jornal do Commercio*. Recife, 13 de junho de 1992. Caderno C. p. 1.

D'OLIVEIRA, Fernanda. O mundo pelos olhos de um Bem-te-vi. *Diario de Pernambuco*. Recife, 16 de outubro de 1992. Caderno Viver. p. D-1.

VIEIRA, João Luiz. 13° Tebo – Recife leva teatro no bolso. *Jornal do Commercio*. Recife, 21 de novembro de 1992. Caderno C. p. 1.

MOURA Ivana. À espera dos talentos. *Diario de Pernambuco*. Recife, 27 de novembro de 1992. Caderno Viver. p. D-1.

VIEIRA, João Luiz. Os vencedores dos 12 Tebos. *Jornal do Commercio*. Recife, 21 de novembro de 1992. Caderno C/Variedades. p. 6.

VIEIRA, João Luiz. Já no final, Tebo muda de cara e mostra qualidade. *Jornal do Commercio*. Recife, 10 de dezembro de 1992. Caderno C. p. 1.

MOURA, Ivana. Teatro com fôlego de gato/Valeu a pena ver. *Diario de Pernambuco*. Recife, 28 de dezembro de 1992. Caderno Viver. p. C-1.

VIEIRA, João Luiz. Teatro 92 – Entre o burlesco e o melodrama. *Jornal do Commercio*. Recife, 31 de dezembro de 1992. Caderno C. p. 1.

VIEIRA, João Luiz. Crise e acertos no teatro. *Jornal do Commercio*. Recife, s. d., 1992. Caderno C. s. p.

A conquista do público pela metade do preço. *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 de janeiro de 1993. Caderno Viver. p. C-1.

Uma viagem inesquecível, um sonho de marujos e piratas. *Diario de Pernambuco*. Recife, 6 de janeiro de 1993. Caderno Viver. p. C-1.

Marionetes fazem a alegria da criançada. *Diario de Pernambuco*. Recife, 9 de janeiro de 1993. Caderno Viver/Roteiro. p. D-6.

Peça teatral prega mensagem ecológica. *Diario de Pernambuco*. Recife, 10 de janeiro de 1993. Caderno Viver/Roteiro. p. D-6.

Peça infantil resgata a fantasia e os sonhos. *Diario de Pernambuco*. Recife, 10 de janeiro de 1993. Caderno Viver/Roteiro. p. D-6.

MOURA, Ivana. O palco está em festa. *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de janeiro de 1993. Caderno Viver/Em Dia. p. D-8.

Um Galo a caminho do estrelato. *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 de março de 1993. Caderno Viver. p. D-1.

MOURA, Ivana. Canto desafinado do Galo Jackson. *Diario de Pernambuco*. Recife, 13 de março de 1993. Caderno Viver/Em Dia. p. D-8.

Tudo mudou quando o sol foi embora. *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 de julho de 1993. Caderno Viver/Divirta-se. p. D-7.

Uma bela e estranha paixão. *Diario de Pernambuco*. Recife, 10 de julho de 1993. Caderno Viver. p. D-1.

Remo leva teatro à sala de aula/O teatro móvel. *Jornal do Commercio*. Recife, 5 de agosto de 1993. Caderno C/Artes Cênicas. p. 6.

As Aventuras de Aladdim/Branca de Neve e os Sete Anões. *Jornal do Commercio*. Recife, 5 de agosto de 1993. Caderno C/Artes Cênicas/Em Cartaz. p. 6.

MOURA, Ivana. Barão russo apaixonado por terras brasileiras. *Diario de Pernambuco*. Recife, 7 de outubro de 1993. Caderno Viver. p. D-1.

Uma gatinha impressora. *Diario de Pernambuco*. Recife, 9 de outubro de 1993. Caderno Viver/Divirta-se. p. D-7.

LUNA, Jacy. Diario e Chocolate animam gurizada. *Diario de Pernambuco*. Recife, 10 de outubro de 1993. Caderno Viver. p. D-1.

Fofocas geram confusão no Sesc. *Diario de Pernambuco*. Recife, 10 de outubro de 1993. Caderno Viver/Divirta-se. p. D-7.

Atrações para a garotada curtir. *Diario de Pernambuco*. Recife, 12 de outubro de 1993. Caderno Viver. Divirta-se. p. D-7.

A Dama e o Vagabundo continua encantando. *Diario de Pernambuco*. Recife, 17 de outubro de 1993. Caderno Viver/Divirta-se. p. D-7.

VIEIRA, João Luiz. Remontagem infeliz de Uma História de Amor. *Jornal do Commercio*. Recife, 25 de novembro de 1993. Caderno C/Artes Cênicas/Crítica. s. p.

Pelo segredo da beleza. *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 de fevereiro de 1994. Caderno Viver/Fim de Semana. p. D-5.

MOURA, Ivana. Pequena Sereia seduz a criançada. *Diario de Pernambuco*. Recife, 7 de fevereiro de 1994. Caderno Viver/Circuito. p. C-6.

A volta dos Saltimbancos. *Diario de Pernambuco*. Recife, 18 de fevereiro de 1994. Caderno Viver/Fim de Semana. p. D-4.

Em defesa da natureza. *Diario de Pernambuco*. Recife, 20 de fevereiro de 1994. Caderno Viver/Divirta-se. p. CD-7.

PEREIRA, Marcelo. O programa das férias. *Jornal do Commercio*. Recife, 22 de julho de 1994. Caderno C. p. 1.

MOURA, Ivana. Mambembes perseguem a liberdade/Músicas de Chico Buarque levantam Os Saltimbancos. *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de fevereiro de 1994. Caderno Viver/Circuito. p. C-6.

Nisinho mamulengueiro Moura – "Tiridá, ele é tão bonito, tão safado, político também". *Suplemento Cultural 4*. Companhia Editora de Pernambuco – Ano VIII, abril/94. P. 11-15.

VIEIRA, João Luiz. Auxílio-montagem promete estimular a produção teatral. *Jornal do Commercio*. Recife, 23 de julho de 1994. Caderno C/Artes Cênicas p. 7.

Novos atores em cena. *Jornal do Commercio*. Recife, 28 de julho de 1994. Caderno C/Roteiro. p. 4.

GUSMÃO, Flávia de. Um desrespeito ao bolso dos pais e à mente infantil. *Jornal do Commercio*. Recife 4 de agosto de 1994. Caderno C/Teatro. p. 6.

Inveja e fofoca em espetáculos infantis. *Diario de Pernambuco*. Recife, 5 de agosto de 1994. Caderno Viver/Fim de Semana. p. D-4.

CONSTANTINO, Manoel. Pai de Peter Pan não gosta do tom. *Jornal do Commercio*. Recife, 20 de agosto de 1994. Caderno C/Espaço Aberto. p. 7.

Aids mata o fundador do Mamulengo Sorriso. *Jornal do Commercio*. Recife, 4 de setembro de 1994. Caderno Geral/JC-Urgente. p. 24.

Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 7 de outubro de 1994. Caderno Viver. p. D-5.

Nos palcos da cidade. *Diario de Pernambuco*. Recife, 8 de outubro de 1994. Caderno Viver/Em Dia. p. D-8.

Para quem gosta de teatro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 9 de outubro de 1994. Caderno Viver/Diarinho. p. D-8.

Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 14 de outubro de 1994. Caderno Viver/Fim de Semana. p. D-5.

Para quem gosta de teatro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 16 de outubro de 1994. Caderno Viver/Diarinho. p. D-8.

Para quem gosta de teatro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 23 de outubro de 1994. Caderno Viver/Diarinho. p. D-8.

Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 28 de outubro de 1994. Caderno Viver/Fim de Semana. p. D-5.

Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 2 de dezembro de 1994. Caderno Viver/Fim de Semana. p. D-4.

Para quem gosta de teatro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 de dezembro de 1994. Caderno Viver/Diarinho. p. D-8.

Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 9 de dezembro de 1994. Caderno Viver/Fim de Semana. p. D-4.

Para quem gosta de teatro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 11 de dezembro de 1994. Caderno Viver/Diarinho. p. D-8.

BARROS, Lydia. Templo dos mamulengos. *Diario de Pernambuco*. Recife, 44 de dezembro de 1994. Caderno Viver/Em Dia. p. D-6.

Para quem gosta de teatro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 18 de dezembro de 1994. Caderno Viver/Diarinho. p. D-8.

Opções de teatro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 23 de dezembro de 1994. Caderno Viver/Fim de Semana. p. D-5.

MOURA, Ivana. Retrospectiva 94 – Teatro/Tempo de plantar. *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 de dezembro de 1994. Caderno Viver. p. D-2.

Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 de março de 1995. Caderno Viver/Divirta-se. p. D-7.

Pirlimpimpim/Se desenho é o seu forte... *Diario de Pernambuco*. Recife, 5 de março de 1995. Caderno Viver/Diarinho. p. D-8.

Peças infantis para alegrar a garotada. *Diario de Pernambuco*. Recife, 10 de março de 1995. Caderno Viver/Fim de Semana. p. D-5.

Alice no País das Maravilhas. *Diario de Pernambuco*. Recife, 12 de março de 1995. Caderno Viver/Diarinho. p. D-8.

Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 31 de março de 1995. Caderno Viver/Divirta-se. p. D-5.

A volta dos campeões de sucesso do teatro local. *Jornal do Commercio*. Recife, 1 de abril de 1995. Caderno C/Artes Cênicas. p. 7.

CAIADO, Maria Nina. Bolero de Raquel prova que o teatro desvia meninas da rua. *Jornal do Commercio*. Recife, 2 de abril de 1995. Caderno C/Mulher. p. 8.

Peter Pan. *Jornal do Commercio*. Recife, 20 de abril de 1995. Caderno C. p. 1.

Encontro discute rumo dos artistas. *Jornal do Commercio*. Recife, 22 de abril de 1995. Caderno C/Teatro. p. 7.

Pirlimpimpim no teatro. *Jornal do Commercio*. Recife, 23 de abril de 1995. Caderno C/Roteiro. p. 4.

Teatro Infantil/Não perca/Em cartaz. *Jornal do Commercio*. Recife, 29 de abril de 1995. Caderno C/Roteiro. p. 4.

VIEIRA, João Luiz. Avoar: o baú da inspiração perdida. *Jornal do Commercio*. Recife, 4 de maio de 1995. Caderno C/Artes Cênicas. p. 6.

Bonecos no Parque. *Jornal do Commercio*. Recife, 4 de maio de 1995. Caderno C. p. 1.

Pautas dos teatros municipais. *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 de maio de 1995. Caderno Viver/Variedades. p. D-2.

Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de maio de 1995. Caderno Viver/Divirta-se. p. D-4.

VIEIRA, João Luiz. Sítio do Pica-Pau: A história que a Globo não mostrou. *Jornal do Commercio*. Recife, 25 de maio de 1995. Caderno C/Artes Cênicas. p. 6.

Pirlimpimpim continua. *Diario de Pernambuco*. Recife, 27 de maio de 1995. Caderno Viver/Divirta-se. p. D-5.

MOURA, Ivana. Gostinho da Infância. *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de junho de 1995. Caderno Viver/Teatro/Crítica. p. 2.

Lagoa Encantada. *Diario de Pernambuco*. Recife, 3 de agosto de 1995. Caderno Viver/Curto-Circuito. p. D-6.

Opções para a criançada. *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 de agosto de 1995. Caderno Viver/Fim de Semana. p. D-5.

Teatro popular. *Diario de Pernambuco*. Recife, 9 de agosto de 1995. Caderno Viver/Em Dia. p. D-6.

Bonecos às sextas. *Diario de Pernambuco*. Recife, 11 de agosto de 1995. Caderno Viver/Em Dia. p. D-8.

Em combate à discriminação. *Diario de Pernambuco*. Recife, 19 de agosto de 1995. Caderno Viver/Variedades/Teatro. p. D-4.

Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 20 de agosto de 1995. Caderno Viver/Divirta-se. p. D-4.

Peças encerram temporadas. *Diario de Pernambuco*. Recife, 25 de agosto de 1995. Caderno Viver/Fim de Semana. p. D-5.

Popeye e Brutus disputam Olívia no palco. *Diario de Pernambuco*. Recife, 11 de outubro de 1995. Caderno Viver. p. D-1.

Chaves muda de endereço. *Diario de Pernambuco*. Recife, 14 de outubro de 1995. Caderno Viver/Em Dia/Teatro. p. D-8.

Para sentir saudades. *Diario de Pernambuco*. Recife, 16 de outubro de 1995. Caderno Viver/Em Dia. p. C-6.

Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 20 de outubro de 1995. Caderno Viver/Fim de Semana. p. D-5.

Teatro retoma programação. *Diario de Pernambuco*. Recife, 23 de fevereiro de 1996. Caderno Viver. p. D-4.

MOURA, Ivana. Em tempo de grandes espetáculos. *Diario de Pernambuco*. Recife, s. d., janeiro de 1996. Caderno Viver. s. p.

MOURA, Ivana. Em campanha de popularização. *Diario de Pernambuco*. Recife, s. d., janeiro de 1996. Caderno Viver/Teatro. s. p.

VIEIRA, João Luiz. O novo palco da ciência e das artes. *Jornal do Commercio*. Recife, 2 de março de 1996. Caderno C. p. 1.

VIEIRA, João Luiz. Por onde escoa a produção do Grande Recife. *Jornal do Commercio*. Recife, 2 de março de 1996. Caderno C. p. 3.

Teatro em Camaragibe. *Jornal do Commercio*. Recife, 6 de março de 1996. Caderno C/Roteiro. p. 4.

Conheça as estréias de julho. *Jornal do Commercio*. Recife, 6 de março de 1996. Caderno C/Artes Cênicas. p. 6.

As estréias da semana/Moreira na associação dos teatros. *Jornal do Commercio*. Recife, 7 de março de 1996. Caderno C/Artes Cênicas. p. 6.

No reino de Alice. *Jornal do Commercio*. Recife, 15 de março de 1996. Caderno C/Roteiro. p. 4.

Hipopocaré de roupa nova. *Jornal do Commercio*. Recife, 24 de março de 1996. Caderno C/Roteiro. p. 4.

O que vem por aí. *Jornal do Commercio*. Recife, 11 de abril de 1996. Caderno C/Artes Cênicas. p. 11.

Em cartaz. *Jornal do Commercio*. Recife, 13 de abril de 1996. Caderno C/Roteiro. p. 4.

VIEIRA, João Luiz. Uma tragédia com um final feliz/O que entra e o que sai dos teatros neste final de semana. *Jornal do Commercio*. Recife, 18 de abril de 1996. Caderno C/Artes Cênicas. p. 6.

Em cartaz. *Jornal do Commercio*. Recife, 21 de abril de 1996. Caderno C/Roteiro. p. 4.

A Lei de Incentivo deixa de ser lenda. *Jornal do Commercio*. Recife, 22 de abril de 1996. Caderno C. p. 1.

Em cartaz. *Jornal do Commercio*. Recife, 22 de abril de 1996. Caderno C/Roteiro. p. 5.

VIEIRA, João Luiz. Um Disney emocionado. *Jornal do Commercio*. Recife, 25 de abril de 1996. Caderno C/Artes Cênicas. p. 3.

MOURA, Ivana. Tempo de criar. *Diario de Pernambuco*. Recife, 11 de junho de 1996. Caderno Viver/Em Dia. s. p.

MOURA, Ivana. Nos domínios do coração. *Diario de Pernambuco*. Recife, 26 de agosto de 1996. Caderno Viver. s. p.

VIEIRA, João Luiz. A delicadeza de O Pequeno Príncipe. *Jornal do Commercio*. Recife, 5 de dezembro de 1996. Caderno C/Artes Cênicas. s. p.

VIEIRA, João Luiz. As melhores cenas do ano de 1996. *Jornal do Commercio*. Recife, 26 de dezembro de 1996. Caderno C. p. 1.

VIEIRA, João Luiz. Um ano bem agitado para as artes cênicas. *Jornal do Commercio*. Recife, 26 de dezembro de 1996. Caderno C/Artes Cênicas. p. 6.

MOURA, Ivana. "Fuga" do público marca ano nas artes cênicas. *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 de dezembro de 1996. Caderno Viver. p. D-1.

MOURA, Ivana. O ano de Botelho. *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 de dezembro de 1996. Caderno Viver/Artes Cênicas. p. C-2.

GUIMARÃES, Ana. Teatro no verão. *Diario de Pernambuco*. Recife, 2 de janeiro de 1997. Caderno Viver. p. D-1.

Arte com bonecos/Mensagem ecológica. *Diario de Pernambuco*. Recife, 3 de janeiro de 1997. Caderno Viver/Fim de Semana. p. D-4.

Guinho no terreno mágico. *Diario de Pernambuco*. Recife, 7 de janeiro de 1997. Caderno Viver. p. D-1.

Teatro popular. *Diario de Pernambuco*. Recife, 10 de janeiro de 1997. Caderno Viver/Fim de semana. p. D-5.

Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 11 de janeiro de 1997. Caderno Viver/Divirta-se. p. D-7.

Teatro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 17 de janeiro de 1997. Caderno Viver/Fim de Semana. p. D-5.

Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 24 de janeiro de 1997. Caderno Viver/Fim de Semana. p. D-5.

GUIMARÃES, Ana. Lúdico Chapeuzinho. *Diario de Pernambuco*. Recife, 5 de março de 1997. Caderno Viver/Em Dia. p. D-6.

A volta de uma lenda. *Diario de Pernambuco*. Recife, 7 de março de 1997. Caderno Viver/Fim de Semana. p. D-5.

PONTES, Mariza. Nem sempre o lobo é mau. *Diario de Pernambuco*. Recife, 10 de março de 1997. Caderno Viver/Em Dia. p. C-6.

Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 15 de março de 1997. Caderno Viver/Divirta-se. p. D-7.

Alegria de mamulengo. *Diario de Pernambuco*. Recife, 16 de março de 1997. Caderno Viver/Fim de Semana. p. D-5.

Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de março de 1997. Caderno Viver/Fim de Semana. p. D-5.

Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 23 de março de 1997. Caderno Viver/Divirta-se. p. D-7.

Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 de maio de 1997. Caderno Viver/Roteiro. p. E-7.

GÓES, Kéthuly. A resistência de um teatro alternativo/Festival incentiva produção. *Diario de Pernambuco*. Recife, 5 de maio de 1997. Caderno Viver/Artes Cênicas. p. C-2.

LUCENA, Emília Maria. Por uma boa causa. Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 11 de maio de 1997. Caderno Viver/Roteiro. p. E-9.

Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 11 de maio de 1997. Caderno Viver/Roteiro. p. E-9.

MOURA, Ivana. Pernambuco vai ao Caribe. *Diario de Pernambuco*. Recife, 15 de maio de 1997. Caderno Viver/Variedades. p. D-4.

Figuras do arco da velha. *Diario de Pernambuco*. Recife, 24 de maio de 1997. Caderno Viver/Em Dia. p. D-10.

Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 25 de maio de 1997. Caderno Viver/Roteiro. p. E-9.

Do arco da velha. *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 de maio de 1997. Caderno Viver/Fim de Semana. p. D-5.

Teatro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 31 de julho de 1997. Caderno Viver/Divirta-se. p. 4 e 5.

Teatro em Caruaru. *Diario de Pernambuco*. Recife, 6 de outubro de 1997. Caderno Viver. p. 7.

Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 18 de outubro de 1997. Caderno Viver. p. 4.

Teatro/Festival. *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de outubro de 1997. Caderno Viver. p. 5.

Cultura: Teatro/Cultura: Teatro II. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de dezembro de 1997. Caderno Viver. p. 2.

MOURA, Ivana. Platéias reduzidas e teatro de primeira/Melhores espetáculos apostaram no talento dos atores. *Diario de Pernambuco*. Recife, 2 de dezembro de 1997. Caderno Viver. p. 8.

Quem quer casar com Dona Baratinha? Ela tem grana na caixinha. *Diario de Pernambuco*. Recife, 6 de dezembro de 1997. Caderno Viver/Divirta-se. p. 4 e 5.

Reino em apuros. *Diario de Pernambuco*. Recife, 8 de dezembro de 1997. Caderno Viver. p. 4.

Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 13 de dezembro de 1997. Caderno Viver/Divirta-se. p. 5.

Infantil sai de cena/Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 14 de dezembro de 1997. Caderno Viver/Divirta-se. p. 5.

97: Cultura. *Diario de Pernambuco*. Recife, 31 de dezembro de 1997. Caderno Viver. p. 1.

MOURA, Ivana. Programa de férias Janeiro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 3 de janeiro de 1998. Caderno Viver. p. 1.

MOURA, Ivana. Infantis. *Diario de Pernambuco*. Recife, 3 de janeiro de 1998. Caderno Viver. p. 2.

Dinossauros no Apolo. *Jornal do Commercio*. Recife, 6 de janeiro de 1998. Caderno C. p. 6.

Barreto Júnior abre para festival. *Diario de Pernambuco*. Recife, 8 de janeiro de 1998. Caderno Viver. p. 6.

VIEIRA, João Luiz. Janeiro é o mês de passar o teatro a limpo/Teatro Barreto Júnior também estará agitado. *Jornal do Commercio*. Recife, 8 de janeiro de 1998. Caderno C. p. 1.

Último dia para poesia de Wilma Lessa e Guimarães Rosa no teatro. *Jornal do Commercio*. Recife, 9 de janeiro de 1998. Caderno C/Artes Cênicas. p. 3.

Mostra/Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 10 de janeiro de 1998. Caderno Viver/Teatro. p. 4.

A volta dos Dinossauros. *Diario de Pernambuco*. Recife, 11 de janeiro de 1998. Caderno Viver/Divirta-se. p. 4.

Teatro infantil. *Jornal do Commercio*. Recife, 15 de janeiro de 1998. Caderno C/Roteiro. p. 5.

O que vê nos festivais teatrais. *Jornal do Commercio*. Recife, 15 de janeiro de 1998. Caderno C. p. 6.

MOURA, Ivana. Um mês dedicado à arte cênica. *Diario de Pernambuco*. Recife, 16 de janeiro de 1998. Caderno Fim de Semana/Teatro. p. 7.

Vital Santos. *Jornal do Commercio*. Recife, 17 de janeiro de 1998. Caderno C/Agenda. p. 2.

VIEIRA, João Luiz. Festivais de teatro são sucesso de público em 98/Eventos continuam até fevereiro. *Jornal do Commercio*. Recife, 22 de janeiro de 1998. Caderno C/Artes Cênicas. p. 6.

Teatro infantil. *Jornal do Commercio*. Recife, 24 de janeiro de 1998. Caderno C/Roteiro. p. 5.

MOURA, Ivana. Projetos cênicos chegam ao final. *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 de janeiro de 1998. Caderno Fim de Semana/Teatro. p. 7.

VIEIRA, João Luiz. Temporada teatral vai recomeçar. *Jornal do Commercio*. Recife, 5 de março de 1998. Caderno C. p. 1.

MOURA, Ivana. Está aberta a temporada 98. *Diario de Pernambuco*. Recife, 6 de março de 1998. Caderno Fim de Semana/Teatro. p. 2.

Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 8 de março de 1998. Caderno Viver/Divirta-se/Teatro. p. 5.

Recomeça a temporada nos teatros municipais. *Jornal do Commercio*. Recife, 12 de março de 1998. Caderno C/Artes Cênicas. p. 7.

Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 14 de março de 1998. Caderno Viver/Divirta-se/Teatro. p. 5.

Projeto resgata e discute o teatro infantil feito em Pernambuco. *Diario de Pernambuco*. Recife, 24 de março de 1998. Caderno Viver/Arte Pernambucana. p. 3.

Infantil. *Jornal do Commercio*. Recife, 26 de março de 1998. Caderno C/Roteiro. p. 5.

GUSMÃO, Flávia de. A Flor e o Sol traz de volta o bom teatro. *Jornal do Commercio*. Recife, 1 de maio de 1998. Caderno C. p. 1.

Rei Rodelas para mães. *Jornal do Commercio*. Recife, 10 de maio de 1998. Caderno C/Artes Cênicas. p. 5.

Infantil. *Jornal do Commercio*. Recife, 14 de maio de 1998. Caderno C/Roteiro. p. 5. Peça Os Três Porquinhos volta em cartaz no Parque. *Jornal do Commercio*. Recife, 17 de maio de 1998. Caderno C/Teatro. p. 5.

Duas boas opções para a garotada. *Jornal do Commercio*. Recife, 24 de maio de 1998. Caderno C/Teatro. p. 5.

Saia de casa para se divertir com dois espetáculos teatrais. *Jornal do Commercio*. Recife, 31 de maio de 1998. Caderno C/Teatro. p. 5.

Infantil. *Jornal do Commercio*. Recife, 9 de julho de 1998. Caderno C/Roteiro. p. 5.

Mangue Beat em Garanhuns/Chapeuzinho Vermelho volta ao Teatro do Parque. *Jornal do Commercio*. Recife, 19 de julho de 1998. Caderno C/Teatro. p. 5.

Estréia. *Jornal do Commercio*. Recife, 30 de julho de 1998. Caderno C/Artes Cênicas. p. 8.

A eterna estória dos Três Porquinhos/As Bananas de Pijama voltaram. *Jornal do Commercio*. Recife, 6 de setembro de 1998. Caderno C/Teatro/Shows. p. 5.

Espetáculo de teatro encerra temporada no Barreto Jr. *Jornal do Commercio*. Recife, 19 de setembro de 1998. Caderno C/Artes Cênicas. p. 3.

Flicts retoma sua carreira no Parque. *Jornal do Commercio*. Recife, 24 de setembro de 1998. Caderno C/Artes Cênicas. p. 6.

Última chance para infantis. *Jornal do Commercio*. Recife, 26 de setembro de 1998. Caderno C/Teatro. p. 5.

Dinossauros saem de cena. *Jornal do Commercio*. Recife, 27 de setembro de 1998. Caderno C/Teatro. p. 5.

Dramart é a novidade do Valdemar. *Jornal do Commercio*. Recife, 3 de outubro de 1998. Caderno C/Artes Cênicas. p. 6.

Teatro popular e de bonecos no Memórias da Cena Pernambucana. *Jornal do Commercio*. Recife, 10 de novembro de 1998. Caderno C/Artes Cênicas. p. 3.

Infantil/I Festival de Teatro de Bolso. *Jornal do Commercio*. Recife, 15 de novembro de 1998. Caderno C/Roteiro. p. 5.

Infantil. *Jornal do Commercio*. Recife, 27 de novembro de 1998. Caderno C/Roteiro. p. 4.

Espetáculos animam o fim de semana. *Diario de Pernambuco*. Recife, 9 de janeiro de 1999. Caderno Viver/Teatro. p. D-6.

Teatro infantil para garotada. *Diario de Pernambuco*. Recife, 22 de janeiro de 1999. Caderno Viver/Divirta-se. p. 6.

Teatros programa 5 espetáculos a preços populares. *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de janeiro de 1999. Caderno Viver/Divirta-se. p. 12.

MOURA, Ivana. O Avarento e A Flor e o Sol recebem prêmios. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de fevereiro de 1999. Caderno Viver. p. C-1.

Peça infantil aborda questões do poder. *Diario de Pernambuco*. Recife, 25 de fevereiro de 1999. Caderno Viver/Teatro. p. D-3.

Espetáculo infantil estréia no Teatro do Parque. *Diario de Pernambuco*. Recife, 26 de fevereiro de 1999. Caderno Viver/ Divirta-se. p. 14.

Teatro de Paulista no Barreto Júnior. *Diario de Pernambuco*. Recife, 26 de fevereiro de 1999. Caderno Viver/Divirta-se/Vem aí. p. 15.

MOURA, Ivana. Teatro infantil tem três opções. *Diario de Pernambuco*. Recife, 6 de março de 1999. Caderno Viver. p. D-6.

Overdose de teatro para crianças. *Diario de Pernambuco*. Recife, 9 de abril de 1999. Caderno Viver/Divirta-se. p. 13.

FILHO, Gilvandro. Teletubbies não passa de embromação. *Jornal do Commercio*. Recife, 13 de abril de 1999. Caderno C/Teatro. p. 3.

Produtor do show Teletubbies nega enganar público. *Jornal do Commercio*. Recife, 17 de abril de 1999. Caderno C/Teatro. p. 3.

Peça revela cotidiano de escola. *Diario de Pernambuco*. Recife, 2 de junho de 1999. Caderno Viver/Divirta-se. p. D-4.

Em defesa de uma floresta sempre viva. *Diario de Pernambuco*. Recife, 11 de junho de 1999. Caderno Viver/Divirta-se. p. 13.

Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 11 de junho de 1999. Caderno Viver/Divirta-se/Roteiro. p. 14.

Apenas quatro peças estão nos palcos. *Diario de Pernambuco*. Recife, 25 de junho de 1999. Caderno Viver/Divirta-se/Teatro. p. 6.

Lobatinho. *Diario de Pernambuco*. Recife, 17 de julho de 1999. Caderno Viver. p. D6.

MOURA, Ivana. Tradição marca festivais de bonecos. *Diario de Pernambuco*. Recife, 27 de julho de 1999. Caderno Viver. p. D-3.

Opereta popular estreia no Parque. *Jornal do Commercio*. Recife, 3 de setembro de 1999. Em Cartaz. p. 10.

Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 5 de dezembro de 1999. Caderno Viver/Divirta-se/Roteiro. p. F5.

Extra de Terra @dorada. *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de dezembro de 1999. Caderno Viver/Divirta-se/Infantil. p. D-4.

Incentivo:

FUNCULTURA

FUNDARPE
FUNDAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE PERNAMBUCO

Secretaria de Cultura

PERNAMBUCO
GOVERNO DO ESTADO